

geheten. De keiler uoz do
uan rome. de romeren ueng
gen siuen paues un setten



oc lere weder
dat lant dat
gere diegen m
ren baden den
enen hof ma
deme siluen h
urunt unde
worden uoz
lere unde de

MAURICIUS BRACARENSIS ARCHIEPISCOPUS, QUAE EST CIVITAS HISPANIAE

LE FONTI NARRATIVE EUROPEE
SULL'ARCIVESCOVO DI BRAGA E
ANTIPAPA GREGORIO VIII MAURIZIO
«BURDINO» (SECOLI XII-XIII)

FRANCESCO RENZI

MAURICIUS BRACARENSIS
ARCHIEPISCOPUS, QUAE
EST CIVITAS HISPANIAE
LE FONTI NARRATIVE EUROPEE
SULL'ARCIVESCOVO DI BRAGA E
ANTIPAPA GREGORIO VIII MAURIZIO
«BURDINO» (SECOLI XII-XIII)

FRANCESCO RENZI

Título: ***Mauricius Bracarensis archiepiscopus, quae est civitas Hispaniae. Le fonti narrative europee sull'arcivescovo di Braga e antipapa Gregorio VIII Maurizio «Burdino» (secoli XII-XIII)***

Autoria: Francesco Renzi

Design gráfico: Helena Lobo Design | www.hldesign.pt

Capa: L'immagine di copertina è tratta da: Sächsische Weltchronik (State and University Library Bremen, msa 0033, fol. 81f.). Riproduzione autorizzata.

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt

Depósito legal: 488546/21

ISBN: 978-989-8970-32-9

DOI: <https://doi.org/10.21747/9789898970329/mau>

Porto, outubro de 2021

Paginação, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. | www.sersilito.pt

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UIDB/04059/2020.

*Dieu est le bras, le hasard est la fronde, l'homme est le caillou.
Résistez donc, une fois lancé.*

Victor Hugo

*Courage is rightly esteemed the first of human qualities,
because, as has been said, «it is the quality which guarantees all others».*

Winston Churchill

*Dedicato a mia madre.
Al giorno in cui mi lasciò iscrivere al Liceo.*

SOMMARIO

RINGRAZIAMENTI	9
PREFÁCIO	13
Luis Carlos Amaral	
INTRODUZIONE	19
1. Una breve nota biografica. Chi era Maurizio «Burdino»?	23
2. Storiografia e Fonti	37
2.1. L'immagine di Maurizio «Burdino» nella storiografia	37
2.2. Le fonti narrative	42
3. Prospettive di Ricerca	48
4. Conclusioni	61
FONTI	63
Italia	65
Italia Comunale	65
Roma e Patrimonio di San Pietro	78
Monastero di Montecassino	112
Regno Normanno di Sicilia	118
Regno di Francia	127
Impero (Regno di Germania, Ducato di Baviera, Marca d'Austria, Sassonia, Contea delle Fiandre, Verdun, Metz, Liegi, Strasburgo, Basilea)	143
Regno d'Inghilterra e Impero Plantageneto (Galles, Normandia, Tours/Touraine)	221
Regno di Scozia	265
Regno di Boemia	267
Regno latino di Gerusalemme/ <i>Outremer</i>	269
Penisola Iberica	271
Contea/Regno di Portogallo	271
Regno di León-Castiglia	279
BIBLIOGRAFIA	321
TABELLA E MAPPE	351
INDICI DEI NOMI PRINCIPALI	361
Delle persone	363
Dei Luoghi	369

RINGRAZIAMENTI

Tutta la mia gratitudine va innanzi tutto alla professoressa Amélia Polónia e al professor Luís Carlos Amaral senza i quali questo libro non avrebbe mai visto la luce;

A Glauco Maria Cantarella e alla sua amicizia;

Al personale delle biblioteche dell'Universidade do Porto, dell'Universidade Católica Portuguesa (Porto e Lisboa), del CITCEM e del CEHR;

Al dottor Miguel Nogueira per la realizzazione delle mappe geografiche di questo libro;

Ai professori Ermelindo Portela Silva, Israel Sanmartín Barros, José Miguel Andrade Cernadas, Carlos de Ayala Martínez e Umberto Longo per avermi ospitato nelle loro università;

Ai dottori Andrea Mariani, Eleonora Lombardo, Enrico Veneziani e Luís Leal per la loro amicizia e il loro aiuto in questi anni;

Al personale degli archivi e delle biblioteche in Portogallo, Spagna, Italia, Francia dove ho condotto parte delle ricerche delle quali questo libro è il risultato;

Ai professori e dottori Mário Jorge Barroca, Ana Maria Jorge, Luís Filipe Oliveira, José Augusto Sotto Mayor Pizarro, Andreia Arezes, Francisco Javier Pérez Rodríguez, Giorgio Milanese, Joana Gomes, Gerardo Rodríguez, Hugo Basualdo, Maria Cristina Cunha, Guido Cariboni, Francisco Moreno, Laura Fernández, Simon Doubleday, Henrique Monteagudo, Santiago Palacios, Zulmira Santos, Miguel Calleja Puerta, Peter Hoppenbrouwers, Maria João Branco, Helena Osswald, Inês Amorim, Francesca Tinti, José Meirinhos, José Pedro Angelico, Arturo Calzona, Nicolangelo D'Acunto, Célia López Alcalde, João Rebalde, Mariana Zapatero, Andrea Vanina Neyra, Martinho Soares, Manuela Martins, Alessandro Vanoli, Jorge Cunha, Abel Canavarro, Benedict Wiedemann, Mário Farelo, Paulo Fontes, Adélio Abreu, Luís Fardilha e Flocel Sabaté per l'interesse che hanno sempre mostrato per il mio lavoro;

Al dottor Ian Stone e alla sua grande generosità;

A Ana e Diana;

A José Marques e al signor Agostinho;

Alla mia famiglia e ai miei amici;

A Federico, Carlo, Billy;

E a te B. per sempre.

PREFÁCIO

LUÍS CARLOS AMARAL

A partir das últimas décadas de Oitocentos e, em particular, no âmbito da historiografia alemã, foi-se definindo, com invulgar erudição, a centralidade e relevância do extraordinário processo de renovação conduzido no interior da Igreja de Roma, encetado ainda na primeira metade do século XI. Renovação e reorganização das estruturas eclesiásticas, mas também reformulação do seu relacionamento com os poderes «externos», nomeadamente com todos aqueles que se articulavam no universo do Sacro Império Germânico. Os historiadores alemães cunharam mesmo e divulgaram a expressão «Reforma gregoriana» para designar o amplo movimento, desenhando um quadro histórico muito claro, onde emergia um Papado esclarecido e interventivo, dotado dos recursos e dos agentes necessários e capazes de transformar em realidades efetivas diferentes propostas programáticas, previamente estabelecidas. Se a expressão resistiu, com maiores ou menores reservas, até aos nossos dias, o mesmo não poderemos dizer do modelo que primeiramente procurou sintetizar. Com efeito, a ideia de uma Igreja católica romana monolítica, herdeira de um longo e linear passado, plenamente amadurecida desde meados do século XI e apoiada em uma sucessão «imaculada» de papas ligados por uma absoluta coerência doutrinária e governativa afigura-se hoje indefensável.

Décadas de investigação sobre este complexo processo histórico produziram muita informação acerca da natureza e do exercício dos distintos poderes e demonstraram as potencialidades de numerosas fontes escritas, desde os comuns diplomas jurídicos de variada índole às crónicas e outros textos narrativos, mais ou menos elaborados. Significativo, porém, é o facto desta copiosa acumulação de dados e de conhecimentos ter permitido compreender que nestas matérias, tal como em muitas outras, as realidades do passado são infinitamente mais plurais e intrincadas do que, numa primeira abordagem, parecem testemunhar os sempre escassos vestígios que sobreviveram.

A História do Papado e das suas relações com as instituições imperiais germânicas, também as eclesiásticas, entre os séculos XI e XIII, enquadra-se perfeitamente no que acabamos de afirmar. A ideia inicial a reter releva da circunstância de estarmos perante estruturas que se encontravam em fases diferentes de construção, distantes ainda de verem completamente determinados os respectivos limites, a saber, autoridade e poderes, jurisdição e competências, privilégios e benefícios. No que respeita em particular à Igreja de Roma, significava isto que, no tempo brevíssimo dos acontecimentos, coexistiram orientações diversas, experiências desiguais e objectivos distintos e, não raro, divergentes. As opções e os caminhos da hierarquia romana eram de facto múltiplos e sempre associados e dependentes do universo originário e da personalidade dos sumos pontífices, «legítimos» e «ilegítimos», e das conjunturas em que exerceram os seus pontificados. Tenhamos, pois, claro, e como reiteradamente sublinha o autor do presente livro, que ao longo dos séculos XI e XII nem

todos os eclesiásticos eram «reformadores», nem todos os eclesiásticos e papas eram «gregorianos». Mais especificamente, os próprios clérigos que gravitavam na Cúria e nas igrejas romanas, mesmo aqueles que desde o primeiro momento se colocaram ao lado do triunfante Calisto II (1119-1124), achavam-se divididos sobre a melhor maneira de lidar com o imperador Henrique V (1106-1125) relativamente à questão das investiduras eclesiásticas.

De feição «reformista» eram também os ventos que sopravam nas monarquias cristãs da Península Ibérica, e não apenas no plano religioso e eclesiástico. Com a definitiva chegada ao poder de Fernando I, em 1037(-1065), e a criação do reino de Leão e Castela, o processo de (re)construção política que remontava ao século VIII e ao inicial núcleo asturiano conheceu uma significativa aceleração. As centúrias anteriores, sobretudo a partir do reinado de Afonso II das Astúrias (792-842), tinham comprovado as virtualidades de uma dinâmica que fora capaz de associar e de entrelaçar componentes diversas, mas que demonstraram ser complementares e convergentes: força militar, ideologia política e religiosa, organização social e eclesiástica dos territórios e das comunidades. Dobrado o primeiro milénio e fragmentado o poder muçulmano na sequência do desaparecimento do califado de Córdova (1031), os elementos referidos estavam suficientemente amadurecidos e experimentados na articulação entre si. Não estranha, portanto, que o reinado de Fernando I fosse marcado, desde o começo, por um verdadeiro ideário reformista, sustentado em algo muito próximo de um não menos verdadeiro «programa» régio legitimador. Ora, no que à Igreja interessa a tradição hispânica interpretara o reformismo eclesiástico cada vez mais como uma demonstração de disciplina no interior das instituições, acompanhada da gradual promoção e reforço da autoridade e da jurisdição episcopais. São precisamente estas as linhas maiores que enformaram o Concílio de Coiança (1055), convocado pelo próprio rei Magno com o apoio de um núcleo de bispos fiéis aos desígnios régios. E são também estes os fios condutores que inspiraram e ordenaram os celebrados 13 cânones que resultaram da reunião conciliar.

Sumariamente enunciados, os grandes movimentos aludidos devem ser observados como factores de enorme significado e dinamismo no processo de desenvolvimento da Europa dos estados e das futuras nações. Mas estes movimentos servem-nos, neste momento, sobretudo para melhor enquadrarmos a história pública de um homem e clérigo invulgar, Maurício, dito «Burdino», de origem franca, que foi provavelmente monge, talvez cluniacense, que veio para a Hispânia graças à iniciativa do poderoso arcebispo de Toledo, Bernardo de Sauvetat (1086-1124), e onde depois foi bispo de Coimbra (1099-1108) e, em seguida, arcebispo de Braga (1109-1118), sucedendo a S. Geraldo (1097/99-1108). O seu itinerário eclesiástico levou-o ainda a ser legado apostólico (1116-1117) e prelado muito próximo do imperador Henrique V, que acabou por promover a sua eleição papal, em Março de 1118. Tomando o nome de

Gregório VIII, manteve-se como papa até 1121, altura em que foi afastado e encarcerado por Calisto II, acabando os seus dias esquecido de todos e de forma obscura.

A uma parte muito significativa — e até hoje ainda pouco conhecida e estudada — da carreira eclesiástica de Maurício Burdino dedicou Francesco Renzi este livro. Mais concretamente procurou indagar do percurso e envolvimento do prelado bracarense nas complexas e atribuladas relações entre o Papado romano e o Império germânico, polarizadas na famosa «Querela das Investiduras». Privilegiou um tipo de fonte que revelou ser, em simultâneo, tão estimulante quanto problemático: o universo da cronística. Tendo procedido a um levantamento sistemático dos textos europeus produzidos entre os séculos XII e XIII, constituiu um grupo de 89 testemunhos contendo passagens mais ou menos extensas e mais ou menos detalhadas sobre as acções e o papel de Maurício de Braga. É este acervo documental que agora se publica através de uma rigorosa edição dos originais latinos, acompanhados de criteriosas traduções em italiano e português, tudo antecedido por uma extensa e elucidativa Introdução. Mas dizer isto é ainda pouco. Com efeito, não se procurou apenas tornar acessível a investigadores e ao público em geral a colecção de fontes narrativas que registaram a história romana de Maurício, o que, por si só, já seria muito. Na realidade, ao fazer acompanhar os textos de abundantíssimas notas explicativas, alimentadas por uma paciente e profunda erudição, o autor demonstrou categoricamente a importância que o «assunto Burdino» ocupou durante muito tempo nas discussões políticas e eclesiásticas europeias ao mais alto nível.

Emerge com grande clareza a ideia de que o caso de Maurício serviu aos papas «legítimos», com inusitada rapidez, para imporem a sua doutrina acerca da legitimidade do Papado e das regras verdadeiras no processo de eleição dos sumos pontífices, transformando Maurício no «antipapa» por antonomásia. Não menos nítida sobressai também a linha que se estabeleceu entre o que era aceitável e o que era inadmissível, bem assim como as consequências que daí decorriam. Ora, a história de Maurício Burdino oferecia em abundância elementos para todas estas questões e, por isso, cronistas muito diferentes, ao longo de muitas décadas e em regiões muito distantes entre si e, por vezes, improváveis, não deixaram de escrever sobre a matéria. Retirando, acrescentando e «aprimorando» elementos de acordo com as suas informações e interesses, sucessivos cronistas, substituindo frequentemente a «verdade» dos factos pela simples verosimilhança da mesma, ou seja, por aquilo em que não repugna acreditar, pela versão que não repugna aceitar, esforçaram-se por manter viva, e fizeram chegar longe, a memória da reprovável conduta do antigo arcebispo de Braga. Neste sentido, o exemplo de Maurício passou a integrar a retórica da autoridade romana e dos seus defensores, constituindo-se, pedagogicamente, numa espécie de testemunho *a contrario sensu*.

Ao reunir pela primeira vez um acervo documental tão significativo, Francesco Renzi rapidamente compreendeu as potencialidades que oferecem não só o cruzamento de múltiplas informações, mas também o estudo comparativo da abordagem de diversos factos e respectiva concatenação nos diferentes autores e/ou compiladores. Sobre os cronistas e acerca da sua obra elaborou ainda detalhadas notícias de natureza prosopográfica e historiográfica, que nos esclarecem a respeito de canais de influência, tanto política quanto literária, e permitem esboçar algo próximo de uma «genealogia» dos textos. Desde a simples e amiúde repetitiva referência de natureza analística a elaboradas narrativas, tudo disperso numa Geografia alargada — que emerge com clareza nas várias regiões em que as fontes se acham distribuídas —, tomamos consciência das crescentes relações que estavam a desenvolver-se no interior do espaço europeu e, em simultâneo, não podemos deixar de reflectir, outrossim, sobre a tão «mitificada» marginalidade hispânica e, muito em particular, do território português. Entre muitas outras coisas, o que a história de Maurício Burdino — nomeadamente as suas viagens e a notícia dos seus actos plasmados na esclarecedora cartografia que acompanha o volume — vem comprovar e reforçar é que a construção europeia dos séculos XI e XII estava a erguer uma estrutura de verdadeiros vasos comunicantes, com diferentes centros aglutinadores e uma gradual vinculação das regiões mais periféricas.

Esclarecendo convincentemente matérias diferentes e respondendo a várias questões, a investigação que Francesco Renzi de forma tão perseverante e rigorosa desenvolveu, servida de um sentido crítico e de uma capacidade expositiva incomuns, acabou por, em última análise, multiplicar consideravelmente o número de novas questões e também de dúvidas. Creio não haver mais nada que se possa exigir de um verdadeiro estudo de História.

INTRODUZIONE

Il presente volume nasce dai risultati del progetto di ricerca di post-dottorato *All the roads lead to Portugal. The life and the European trajectory of Archbishop Maurice «Bourdin» of Braga (11th-12th centuries)*. Il progetto è stato finanziato dalla FCT di Lisbona (Fundação para a Ciência e a Tecnologia, ref. SFRH/BPD/110178/2015), diretto dal Professor Luís Carlos Amaral (CITCEM/FLUP) e svolto presso la Facoltà di Lettere dell'Università di Oporto (FLUP/UP) e il CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória) tra il 2015 e il 2019. La redazione del libro è iniziata durante la mia attività di ricerca nel CITCEM e conclusa presso il CEHR (Centro de Estudos de História Religiosa) dell'Universidade Católica Portuguesa (UCP/CEHR-Centro Regional do Porto)¹. Lo studio della figura di Maurizio «Burdino» ha presentato notevoli sorprese. Come vedremo, con alcune recenti eccezioni come ad esempio la monografia di M. Stroll su Papa Callisto II o il saggio di H. Müller sugli *antipapi* del XII secolo², la storiografia ha spesso relegato l'arcivescovo di Braga (1109-1118) e successivamente *antipapa* Gregorio VIII (1118-1121) in una posizione marginale rispetto ad altri personaggi della storia iberica, papale ed imperiale dei secoli XI e XII, nonostante le numerose e complesse fonti narrative dei secoli centrali del medioevo offrano un'immagine decisamente più sfaccettata di questo singolare ecclesiastico³. Per questa ragione, ho deciso di impostare questa monografia essenzialmente come una raccolta delle fonti narrative che raccontano le vicissitudini, menzionano, omettono o censurano la figura di Maurizio «Burdino» a cavallo tra XII e XIII secolo. Questo *corpus* di testi, infatti, mostra a mio avviso come la vicenda dell'arcivescovo di Braga vada ripensata, ampliando la prospettiva degli studi dei rapporti tra il Papato, la città di Roma e le periferie europee nei secoli pieno-medievali⁴. In questa sede fornirò un elenco aggiornato delle fonti sull'arcivescovo di Braga rispetto alle mie precedenti ricerche⁵, che pur superando abbondantemente gli ottanta testi per il solo periodo compreso tra il XII e XIII secolo, non ha la pretesa di essere definitivo, se non altro per il fatto di aver lavorato essenzialmente su materiale già pubblicato e in molti casi disponibile on-line come ad esempio i *Monumenta Germaniae Historica* o i *Portugaliae Monumenta Historica*. Decisivo è stato il supporto di enciclopedie e repertori digitali come l'*Enciclopedia dei Papi* e il *Dizionario Biografico degli Italiani* della Treccani, la *Encyclopedia of the Medieval Chronicle* della Brill e il

* SFRH/BPD/110178/2015 (Duração 01/11/2015-28/02/2019) Dal dicembre del 2018 sono membro (Colaborador) e dal 1° marzo del 2019 sono Ricercatore (Investigador Integrado) presso l'Universidade Católica Portuguesa-Centro de Estudos de História Religiosa (UCP/CEHR-Centro Regional do Porto).

¹ Propongo in questa Introduzione (p. 21-61) una versione aggiornata, tradotta e corretta dei miei seguenti contributi: RENZI, 2018a: 211-235; RENZI, 2018b: 207-218; RENZI, 2018c: 365-380; RENZI, 2019b: 19-44.

² STROLL, 2004; MÜLLER, 2012: 16 e 25-26.

³ STROLL, 2004: 51; RENZI, 2018a: 221.

⁴ MÜLLER & JOHRENDT, 2008. Si vedano inoltre i lavori di SORANZO, 1949; FRIED, 1990; BECKER, 1995; WIEDEMANN, 2015; CHURCH, 2017.

⁵ RENZI, 2018a: 226-227.

Repertorium Geschichtsquellen des Deutschen Mittelalters della Bayerische Akademie der Wissenschaften. Questi repertori sono stati fondamentali per poter compilare le schede bibliografiche di ogni fonte ed in particolare per avere una panoramica generale della bibliografia e delle edizioni e traduzioni principali di ogni opera citata in questo volume. Una prima fase della ricerca aveva portato ad una stima di ottantaquattro fonti narrative, mentre le opere presentate in questo volume sono complessivamente ottantanove, con aggiunte importanti come Guglielmo di Tiro per il XII secolo o il *Libro* di Arnold-fitz-Thedmar scritto nel XIII secolo a Londra. La novità di questo volume consiste, pertanto, in un primo tentativo di riunire in un unico lavoro la mole significativa di fonti già conosciute agli studiosi (sui quali mi sono basato per la redazione della lista delle fonti su Maurizio «Burdino»), da G. Meyer von Kronau a M. Stroll, da C. Erdmann a P. David, da M. Gady a L. D. Rust, ma disperse tra varie edizioni e lavori storiografici prodotti a partire dal XIX secolo⁶. La speranza è pertanto quella che questo elenco possa essere ancora aggiornato e migliorato in futuro. Questo libro, dunque, non è un volume di studi, bensì si propone di fornire fonti e materiali per future ricerche non solo sulla figura di Maurizio «Burdino», ma anche sul territorio portoghese e le sue relazioni internazionali nel medioevo, con una particolare attenzione alle traiettorie personali, politiche ed ecclesiastiche dei suoi agenti e alle relazioni con il papato e i suoi legati, un tema di grande rilievo come mostrano, tra le altre, le ricerche di M. J. Branco, M. Farelo e I. Fleisch⁷. La mobilità di queste persone appare straordinaria soltanto ai nostri occhi (spesso ingenui, i miei per primi) di lettori contemporanei delle fonti medievali⁸. I viaggi, gli spostamenti, i contatti internazionali, la circolazione di fonti e modelli sono il *leitmotiv*, la base della costruzione progressiva di uno spazio politico e culturale europeo nel quale le incoronazioni imperiali o le elezioni papali diventavano un affare di tutti i regni del continente come ricordava O. Capitani ormai quasi trent'anni fa⁹. Uno dei tratti salienti della vita e della carriera ecclesiastica di Maurizio «Burdino» risiede proprio nella sua capacità di adattarsi ai contesti più diversi ed il fatto di essere stato sconfitto da Papa Callisto II nel 1121, non ne sminuisce la portata, tutt'altro. Nella volontà di Papa Callisto II di rendere nota la sua vittoria sia attraverso la comunicazione scritta, sia attraverso la promozione di un programma iconografico-artistico rappresentante la vittoria dei papi legittimi sugli *antipapi*, tema sul quale ritornerò più avanti, si può intravedere proprio il problema e lo scandalo che l'arcivescovo di Braga Maurizio

⁶ MEYER VON KRONAU, 1909: in particolare 65, 68, 110 e 148; ERDMANN, 1940; DAVID, 1947: 451-501; STROLL, 2004: 52-57 e 329-332; GADY, 1959: 5-74; RUST, 2013: 149-176. Cfr. anche RENZI, 2018a e VONES-LIEBENSTEIN, 2018: 139-161 e bibliografia. Il nostro volume è un aggiornamento della lista di fonti (praticamente definitiva) e dell'opera di Meyer von Kronau.

⁷ BRANCO & FARELO, 2011: 231-259; FLEISCH, 2008: 135-189. Si veda anche AZEVEDO, 2013.

⁸ Su questo aspetto rinvio alla lettura di VANOLI, 2001.

⁹ CAPITANI, 1990b: 452-453. Su questo punto si vedano anche SMITH, 2012: 205-206 e PETTIAU, 2018: 159.

«Burdino» costituì per la Sede Apostolica nel primo quarto del XII secolo¹⁰. Per condurre il lettore attraverso gli snodi fondamentali della vita e della traiettoria ecclesiastica e politica di Maurizio, ogni fonte sarà accompagnata da una sintetica scheda introduttiva con informazioni riguardanti l'autore (nota biografica); l'opera; le edizioni/traduzioni principali e una bibliografia essenziale di riferimento. Per ogni fonte abbiamo sempre cercato di avvalerci dell'edizione più recente. Laddove non siamo riusciti a consultare le nuove edizioni delle fonti, abbiamo comunque segnalato queste opere nelle schede di riferimento per dare al lettore un'informazione il più esaustiva possibile. Ogni testo è corredato da un apparato di note a piè di pagina con l'indicazione dei luoghi e delle persone menzionate nelle fonti e una doppia traduzione in italiano e portoghese dei testi sia in latino che, come nel caso della *Sächsische Weltchronik*, in tedesco medievale, operazione per la quale ci siamo avvalsi anche delle traduzioni citate nelle schede bibliografiche¹¹. La scelta è ricaduta non su un tipo di traduzione professionale, ma abbastanza libera del latino per accompagnare la consultazione delle fonti (che non abbiamo riportato integralmente, ma solo i passi riguardanti la figura di Maurizio) e con un linguaggio fruibile anche per un pubblico più vasto di quello strettamente accademico. Uno degli obiettivi del volume è anche quello di coinvolgere lettori appassionati di storia, non solo e non necessariamente addetti ai lavori, che potranno in questo modo entrare in contatto con le fonti e i testi sui quali gli studiosi lavorano per produrre le proprie ricerche storiche. Un'ultima nota: questo volume non si configura come un libro bilingue in italiano e in portoghese, in quanto in quest'ultima lingua sono presentate soltanto la prefazione di L. C. Amaral, le traduzioni delle fonti e le mappe geografiche, mentre il resto del lavoro è in italiano. Prima di avvicinarci alle fonti, però, credo sia necessario introdurre la figura di Maurizio «Burdino», concentrandoci su tre punti fondamentali: la sua biografia; la storiografia e le fonti; le possibili prospettive di ricerca.

1. UNA BREVE NOTA BIOGRAFICA. CHI ERA MAURIZIO «BURDINO»?

Le fonti toledane del XIII secolo ci offrono il primo dato biografico importante su Maurizio «Burdino». Secondo il *De Rebus Hispanie*, opera dell'arcivescovo di Toledo Rodrigo Jiménez de Rada (†1247), Maurizio arrivò nella penisola iberica da Limoges, nell'attuale regione francese della Nuova Aquitania, al seguito dell'arcivescovo di Toledo Bernardo di Sauvetat (†1124/1125)¹². Questa notizia e la prossimità tra Maurizio e Bernardo di Toledo — che secondo C. Erdmann troverebbe conferma anche in una lettera indirizzata da Papa Pasquale II all'arcivescovo toledano tra il

¹⁰ STROLL, 1991: 17-39, 67-70 e 208-211; SCHILLING, 1998: 589-603.

¹¹ Si veda la sezione Fonti in questo volume.

¹² *Roderici Ximenii de Rada. De rebus Hispanie*: 226 «Duxit etiam de Lemouicis Burdinum». La citazione delle fonti nelle note e in bibliografia finale segue esclusivamente i criteri dell'autore.

1109 e il 1113 — è presente anche in un'altra fonte chiamata *Pars Concilii Laterani*, redatta a sempre Toledo probabilmente nel terzo quarto del XIII secolo, nella quale possiamo leggere una versione molto simile dei fatti¹³. Probabilmente Limoges, o la regione del Limousin, erano anche i luoghi d'origine dell'arcivescovo di Braga Maurizio, come ricordava M. Gady nel 1959, a differenza di quanto sostenuto da P. David. Quest'ultimo, infatti, riteneva che Maurizio fosse con grande probabilità originario della Borgogna — regione dove il culto di San Maurizio era particolarmente diffuso — e che «il appartenait sans doute à une famille des seigneurs terriens, dans laquelle le sobriquet de Bourdin était plus ou moins déjà héritaire, comme cette famille des seigneurs de Lornant, dont le chef était, vers le même temps Hugo *Burdinus*»¹⁴. Questa tesi del David basata sull'onomastica, però, appare forzata in almeno due punti. In primo luogo il culto di San Maurizio non era un'esclusiva borgognona ed era diffuso anche nel Limousin e nella diocesi di Limoges come dimostrano ad esempio le ricerche di M. Aubrun¹⁵. In secondo luogo, sembra eccessivamente assertivo modellare il profilo di Maurizio su quello di un personaggio coevo, un tal Ugo, membro della famiglia borgognona di Lornant alla quale fa riferimento il David, «de cognomento» *Burdinus*, che appare nelle fonti cluniacensi dell'XI secolo¹⁶. L'epiteto «Burdino» non sembra essere stato, infatti, né il soprannome sin dall'inizio della sua carriera ecclesiastica, né il cognome di Maurizio come sostenuto dal David¹⁷. Nelle fonti della diocesi di Coimbra dove Maurizio svolse il suo primo incarico come vescovo tra il 1099 e il 1108, il futuro avversario di Gelasio II (Giovanni di Gaeta, in precedenza cancelliere papale e monaco di Montecassino secondo la *Vita Gelasii II* di Pandolfo d'Alatri) e Callisto II (Guido, arcivescovo di Vienne) appare semplicemente con il suo nome, così come nelle fonti dell'arcidiocesi di Braga dove Maurizio ricoprì la carica

¹³ *Pars Concilii Laterani*: 180 «Cum dominus Bernardus quondam Archiepiscopo Toletanus romanam curiam visitasset et ad propria rediens per lemovicensem civitatem transitum fecisset. Traxit inde clericos et pueros inToletana ecclesia collocandos et nutriendos. inter quos Burdinus de quo sit sermo secum duxit. et eum non solum bonis moribus set etiam et literis imbui fecit». Per l'analisi di questa fonte si veda il lavoro fondamentale di HENRIET, 2004: 291-318; ERDMANN, 1940: 6 e *Papsturkunden in Portugal*: doc. 12 «P. episcopus seruus seruorum Dei. Venerabili fratri B. Toletano archiepiscopo salutem et apostolicam benedictionem. Ad hoc per Dei gratiam metropolitanus, ad hoc etiam apostolice sedis vicarius institutus es, ut debitam omnibus iustitiam facias. Ceterum illud de te ualde miramur, quod fratri nostro Bracarensi archiepiscopo de te querendi occasionem des, cum a te nutritus et te insistente ad episcopalem cathedram per Dei gratiam sit proeuctus». VONES-LIEBENSTEIN, 2018: 140-141.

¹⁴ GADY, 1959: 7; DAVID, 1947: 451. Jiménez de Rada indica come Maurizio fu portato da Limoges a Toledo dall'arcivescovo Bernardo, piuttosto che nato a Limoges. Con originario, però si potrebbe intendere anche un concetto più generale di provenienza/formazione prima dell'arrivo a Toledo. Il dato a mio avviso fondamentale è quello di sottolineare come Maurizio non fosse iberico, ma provenisse dai territori dell'attuale Francia centro-meridionale. Rinvio al mio RENZI, 2018a: 213 e seguenti. Una interpretazione simile del passo di Jiménez de Rada è stata data da RUBIO SADIA, 2004: 87 e nota n.º 84. Sul rapporto tra Maurizio e Limoges come suo possibile luogo di provenienza si veda NOBRE VELOSO, 2006: 129 e nota n.º 27. Secondo la tradizione toledana di Jiménez de Rada, Maurizio arrivò a Toledo con altri ecclesiastici dalla Francia, cfr. GADY, 1959: 21-22 e GONZÁLEZ GARCÍA, 2013: 636-637.

¹⁵ GADY, 1959: 5-74; DAVID, 1947: 449-451; AUBRUN, 1981: 264; BARRIÈRE, 2006: 95, 262.

¹⁶ *Recueil des chartes de l'abbaye de Cluny*: docs. n.º 3027 e 3290. Si veda inoltre DAVID, 1947: 448.

¹⁷ DAVID, 1947: 449.

di arcivescovo tra il 1109 e il 1118¹⁸. Le fonti che abbiamo a disposizione sembrano confermare il fatto che il soprannome «Burdino» sia stato affibbiato successivamente a Maurizio. Secondo quanto affermato da Papa Gelasio II in una lettera indirizzata al cardinale-vescovo Cuno di Preneste, Maurizio fu chiamato «Burdino» dai normanni; per gli *Annales Romani*, furono, invece, i romani a coniare tale soprannome; infine per gli *Annales Palidenses* — fonte tedesca proveniente dall'abbazia sassone di Pöhlde — il termine *Burdinus* stava per asino, animale di cui l'*Hispania* abbondava secondo l'opera del XII secolo¹⁹. Esiste anche un'altra tradizione secondo la quale il futuro *antipapa* Gregorio VIII si chiamasse inizialmente «Burdino», assumendo il nome di Maurizio solo successivamente dopo la sua ordinazione a vescovo. Pur non collimando con i documenti di Coimbra e Braga e le fonti romane e di area imperiale, questa notizia offre in ogni caso un dato particolarmente rilevante per lo studio delle fonti su Maurizio e la trasmissione della sua memoria tra XII e XIII secolo sul quale tornerò più avanti²⁰. È interessante osservare, inoltre, come nelle fonti, Maurizio sia quasi sempre qualificato fuori dalla penisola iberica come *Hispanum* da autori come Falcone Beneventano, Ottone di Frisinga e Gerhoh di Reichersberg o in opere come il *De decursu temporum* o gli *Annales Admutenses*²¹. In alcuni casi, invece, Maurizio è definito come un vescovo che veniva («supervenientem») dall'*Hispania* come nel *Chronicon* di Eccheardo d'Aura²², oppure come arcivescovo *Hispaniensem* di Braga, quest'ultima definita come una città dell'*Hispania* nei *Gesta Regum Anglorum* di Guglielmo di Malmesbury²³. Ora, questo è un punto di grande interesse²⁴. Nelle fonti

¹⁸ *Livro Preto*: docs. n.º 40 («Mauricio»), 47 («Mauricius»), 47-A («Mauricius»), 52 («Mauricio»), 54 («Mauricio»), 69 («Mauritio»), 116 («Mauricio»), 117 («Mauricio»), 151 («Mauricio»), 172 («Mauricius»), 183 («Mauricius»), 217 («Mauricius»), 217-A («Maurizius»), 254 («Mauricio»), 262 («Mauricius»), 264 («Mauricio»), 266 («Mauricius»), 281 («Mauricio»), 285 («Mauricio»), 285-A («Mauricio»), 305 («Mauricius»), 313 («Mauricio»), 318 («Mauricius»), 320 («Mauricius»), 321 («Mauricio»), 325 («Mauricius»), 326 («Mauricius»), 327 («Mauricius»), 329 («Mauricius»), 338 («Mauricii»), 340 («Mauricius»), 376 («Mauricius»), 377 («Mauricius»), 381 («Mauricio»), 393 («Mauricio, Mauricius»), 414 («Mauricius»), 431 («Mauricio, Mauricius»), 433 («Mauricio»), 434 («Mauricius»), 435 («Mauricius»), 435-A («Maurizius»), 533 («Mauricio, Mauritio»), 534 («Mauritio»), 535 («Mauricius»), 536 («Mauritio»), 536-A («Mauricio»), 537 («Mauritio»), 538 («Mauritii, Mauricius»), 539 («Mauricii, Maurius»), 539-A («Maurici, Mauricius»), 540 («Mautitius, Mauritius»), 541 («Mauritio»), 542 («Mauritio»), 546 («Mauritium»), 547 («Mauritio»), 548 («Mautius»), 553 («Mauritio»), 565 («Mauricius»), 566 («Mauritio»), 566-A («Mauricio, Mauritjo»), 578-A, («Mauricius»), 592 («Maurici»), 621 («Mauricio»), 622 («Mauricio»), 627 («Mauricio»). *Liber Fidei*: I, docs. n.º139 («Mauricii»), 322 («Mauricius»), 381 («Mauricio»), 382 («Mauricio»), 383 («Mauricio»), 384 («Mauricio») e 569 («Mauricio»). *Liber Fidei*: II, docs. n.º651 («Mauricius»), 688 («Mauricio»), 689 («Mauricio»), 690 («Mauricio»), 691 («Mauricius»), 693 («Mauricio»), 694 («Mauricio»), 695 («Mauricius»), 697 («Mauricio»), 699 («Mauricio»), 700 («Mauricio»), 701 («Mauricio»), 702 («Mauricio»), 703 («Mauricio»), 708 («Mauricio»), 709 («Mauricio»). *Documentos medievais portugueses*: docs. 22 («Mauricio») e 30 («Mauritjo»). *Vita Gelasii II* (ed. PREROVSKÝ, 1978: II, 727).

¹⁹ ERDMANN, 1940: 51-52; DAVID, 1947: 451-453; GADY, 1959: 4-12; JL 4891 (Capua 1118 aprile 13) = Gelasii II papae ep. IX, PL CLXIII, cols. 492-493; *Annales Romani*: 479; *Annales Palidenses*: 76; VONES-LIEBENSTEIN, 2018: 139.

²⁰ Si veda la sezione 3. dell'Introduzione.

²¹ *Falcone di Benevento. Chronicon Beneventanum*: 36; *Otonis episcopus Frisingensis. Chronica sive Historia de duabus civitatibus*: 330; *Annales Reicherspergenses*, 921-1167: 452; *De decursu temporum*: 469; *Annales Admutenses a. 1-1139*: 578.

²² Ekkehardus Uraugiensis. *Chronicon Universale*: 253.

²³ *Gesta regum anglorum*: 507.

²⁴ Sul problema della definizione del Portogallo si veda la sintesi di RENZI & GOMES, 2020: 77-92.

esterne alla penisola iberica che abbiamo preso in esame, Braga non appare come una città del Portogallo — nonostante esistesse una contea di Portogallo almeno dal 1096 e Afonso I Henriques si intitolasse re almeno dal 1140²⁵ —, termine geografico, quest'ultimo, che invece compare costantemente nelle fonti galiziane e castigliane come l'*Historia Compostellana* o il *De Rebus Hispanie* di Jiménez de Rada²⁶. Seguendo il sentiero tracciato da J. Mattoso, sarebbe interessante pertanto ricostruire e mappare dettagliatamente la rappresentazione del regno di Portogallo come entità politica autonoma nelle fonti europee pieno-medievali, le quali offrono spesso informazioni molto contrastanti tra di loro²⁷. Ad esempio in area imperiale la *Chronica Slavorum* composta da Helmold di Bosau (località sita attualmente nel *Land* dello Schleswig-Holstein, nord della Germania) tra il 1167 e il 1172²⁸, l'autore considera ancora Oporto come una città della Galizia²⁹ utilizzando *de facto* la geografia di epoca romana nella quale la *Gallaecia* arrivava fino al Duero, fiume sul quale si affaccia l'odierna città portoghese³⁰. In un'altra fonte di area tedesca, la *Narratio itineris navalis ad terram Sanctam* (pubblicata e tradotta in portoghese da J. B. de Silva Lopes nel 1844³¹) composta pochi decenni più tardi, tra la fine del XII secolo e l'inizio del XIII, possiamo osservare invece una maggiore conoscenza della realtà e della geografia del regno di Portogallo medievale, simile a quella delle fonti inglesi coeve³². In ogni caso l'uso dei termini *Hispania/Hispaniensem/Hispanum* è ambiguo nelle fonti in quanto potrebbero indicare entrambi sia la sua provenienza come nel caso dell'aggettivo *Hispanum* — l'unico autore e l'unica opera che menzionano Limoges nella collezione di testi presentata sono Jiménez de Rada e la *Pars Concilii Laterani* ed è plausibile che questo dettaglio fosse sconosciuto ai cronisti fuori della penisola iberica —, che la sua provenienza ecclesiastica al momento dell'elezione come Gregorio VIII³³. In una fonte parigina della seconda metà del XII secolo addirittura compare associata per ben due volte a Maurizio e alla parola *Hispania* il termine *patria*³⁴. Questo linguaggio è estremamente difficile da interpretare in quanto bisogna cercare di capire a quali territori si riferisca la fonte utilizzando il termine *Hispania*, dato che anche lo stesso significato di *patria* poteva variare molto in base alla cronologia e all'area geografica

²⁵ Sulla prima contea *portucalense*, la costituzione della contea di Portogallo nel 1096 e la costruzione del regno di Portogallo rinvio alla sintesi di MATTOSO, 1993: I e II.

²⁶ *Historia Compostellana*, 1988: lib. I, cap. LXXXIII, 28; *Roderici Ximenii de Rada. De rebus Hispanie*: 210. Su questo aspetto rinvio a FONSECA BARROS, 2018 e FERREIRA BASTOS, 2018.

²⁷ MATTOSO, 2017: 11-25. Per l'immagine del territorio portoghese medievale nello spazio iberico rinvio inoltre alle innovative ricerche di FERREIRA BASTOS, 2018 e FONSECA BARROS, 2018.

²⁸ Si veda la scheda bibliografica nella sezione Fonti in questo volume.

²⁹ *Hemoldus Presbyter. Chronica Slavorum*: 117.

³⁰ CRUZ, 2014: 58; MARTINS FERREIRA, 2014: 41-42.

³¹ SILVA LOPES, 1844.

³² *Narratio itineris navalis ad terram Sanctam*: in particolare 181, 182 e 191 e MATTOSO, 2017: 25.

³³ *Roderici Ximenii de Rada. De rebus Hispanie*: 226.

³⁴ *Qualiter tabula S. Basilii*, 1915: 563-564. Sul concetto di *Hispania*, si veda MARAVALL, 1997: 80-93.

nelle quali appare. Se nelle fonti di ambito papale del tardo XII secolo la parola *patria* sembra essere associata al luogo d'origine della persona o della famiglia come nel caso di papa Gelasio II («natione campanus, *patria* Gaietanus, ex patre Crescentio»³⁵), nel Portogallo dell'inizio dello stesso secolo, il medesimo termine sembra aver un significato più legato al territorio amministrato come ad esempio nei documenti del conte Enrico (†1112), marito della contessa-regina Teresa (†1130) e padre del re di Portogallo Afonso I Henriques (†1185), che sappiamo con certezza essere originario della Borgogna³⁶.

La storiografia tradizionale ha voluto vedere in Maurizio un monaco cluniacense — come San Geraldo arcivescovo di Braga (†1108), predecessore nella sede bracarense di Maurizio e monaco di Moissac³⁷ —, molto probabilmente nel monastero di Saint-Martial de Limoges donato a Cluny dal visconte Ademaro II nel 1062³⁸. Avanzata già da É. Baluze a cavallo tra XVII e XVIII secolo nella sua *Vita Mauritii Burdini*, quest'ipotesi è stata ripresa da P. David e accolta da molti studiosi anche nei lavori più recenti³⁹, ma come ha osservato il Reglero de la Fuente nel 2008 non ci sono prove concrete per dimostrare con certezza che Maurizio fosse un cluniacense⁴⁰. Tra gli indizi portati a supporto di questa sua appartenenza monastica ci sarebbero, ad esempio, la donazione di Maurizio della chiesa di Santa Justa di Coimbra alla Charité-sur-Loire — quando egli era vescovo conimbricense nel 1102/1103 — e la donazione della reliquia della Santa Croce all'abate di Cluny Ponzio di Melgueil⁴¹. Queste due concessioni, però, non necessariamente convertono Maurizio in un monaco cluniacense. Nel primo caso, già C. J. Bishko e recentemente M. A. Campos hanno sottolineato come la donazione di Santa Justa di Coimbra rientrasse anche nella strategia di consolidamento territoriale del conte di Portogallo Enrico di Borgogna e non fosse necessariamente dovuta ai contatti previ di Maurizio con Cluny⁴². Nel secondo, invece, nella fonte della seconda metà del XII secolo proveniente dal monastero parigino di Saint-Germain-des Prés che narra della donazione a Ponzio di Cluny di Maurizio della Santa Croce nel 1112, il *Qualiter Tabula S. Basilii continens in se magnam Dominci Ligni portionem Cluniacum delata fuerit tempore Pontii abbatis* (d'ora in poi *Qualiter Tabula S. Basilii*), si specifica chiaramente che Maurizio compì questo gesto «per avere come buona ricompensa per

³⁵ *Annales Romani*: 478.

³⁶ *Documentos medievais portugueses*: doc. 10. Su Enrico di Borgogna si veda MATTOSO, 2007: 25 e seguenti.

³⁷ AMARAL, 2011: 171.

³⁸ *Recueil des chartes de l'abbaye de Cluny*: doc. n.° 3383; LASTEYRIE, 1901: 83; ROBLIN, 2009: 365; DAVID, 1947: 450; GADY, 1959: 13-20.

³⁹ BALUZE, 1761: 138; DAVID, 1947: 450-451; HENRIET, 2008: 88.

⁴⁰ REGLERO DE LA FUENTE, 2008: 347.

⁴¹ *Livro Preto*: doc. 22; *Qualiter tabula S. Basilii*, 1915: 563-564; DAVID, 1947: 450-451; VONES-LIEBENSTEIN, 2018: 141-143.

⁴² BISHKO, 1984: 312-314; CAMPOS, 2017: 70-72. Per un quadro generale delle relazioni tra Cluny e la penisola iberica rinvio alla lettura di MATTOSO, 1968; BISHKO, 1968; SEGL, 1977; WILLIAMS, 1988; REGLERO DE LA FUENTE, 2008; PICK, 2013; CANTARELLA, 2014b.

la sua anima l'iscrizione del suo nome nel memoriale di Cluny»⁴³. L'iscrizione nei *libri memoriales* e le conseguenti preghiere per la propria anima anche una volta defunto, le preghiere per i morti erano una specialità cluniacense⁴⁴, non può indicare da sola l'appartenenza cluniacense di Maurizio, perché altrimenti lo avrebbe dovuto essere anche Pier Damiani che nell'XI secolo fece grandi pressioni per poter vedere inserito il proprio nome nei prestigiosi registri di Cluny⁴⁵. Inoltre, non può essere considerata affidabile nemmeno la tradizione secondo la quale Maurizio sarebbe stato rinchiuso nel monastero della Santissima Trinità di Cava de' Tirreni da papa Callisto II (1119-1124) per retrocederlo alla sua condizione originaria di monaco cluniacense⁴⁶. Il monastero in questione, infatti, era benedettino e non cluniacense. Il fatto che l'abate Pietro I (1078-1123, impropriamente chiamato dal David solo *Pappacarbone*, un appellativo coniato soltanto nel XVI secolo⁴⁷) avesse soggiornato a Cluny e cercato di introdurre, non senza resistenze dei monaci, alcuni usi cluniacensi a Cava de' Tirreni, non faceva dell'abbazia un centro appartenente alla congregazione cluniacense⁴⁸. Senza contare che l'abbazia della Santissima Trinità era stata il luogo di prigionia anche di altri *antipapi* di origine non-cluniacense nel corso del XII secolo: Teodorico (1101) e molto probabilmente anche Innocenzo III/Lando di Sezze (1180), un elemento che dovrebbe spingerci ad una certa cautela nell'analisi della figura di Maurizio e la sua eventuale origine cluniacense⁴⁹. L'elemento più concreto che potrebbe far pensare ad un legame tra Cluny e Maurizio è il suo privilegio al monastero di Saint-Pierre de Uzerche, concesso nel 1118 una volta eletto papa⁵⁰. Questo dettaglio è importante perché Maurizio inviò, come Gregorio VIII, anche un privilegio alla sede di Coimbra dove era stato vescovo, il che potrebbe far pensare al fatto che «Burdino» stesse cercando di ottenere l'appoggio e il riconoscimento del suo nuovo *status* di vescovo di Roma da parte delle istituzioni presso le quali aveva svolto parte del suo percorso personale ed ecclesiastico⁵¹. Saint-Pierre d'Uzerche a partire dal 1068 passò sotto il controllo o almeno l'influenza di Saint-Martial de Limoges (anche se ad esempio L. Caillet considerava Uzerche nel XIV secolo come un'abbazia benedettina in alcuni casi addirittura in conflitto con comunità cluniacensi⁵²) e questo elemento unito al

⁴³ *Qualiter tabula S. Basili*, 1915: 563-564 «Complacuit, ut eas Cluniacum transmitteret, ob mercedem bonam animae suae ad comparandum sibi in Cluniaco memoriale perpetuum».

⁴⁴ IOGNA PRAT, 1996: 79-91; CANTARELLA, 1993: 161-162; LONGO, 2000-2001: 193-196; ANDENNA, 2006: 103-104.

⁴⁵ CANTARELLA, 1993: 162.

⁴⁶ DAVID, 1947: 449-451. Anche per GADY, 1959: 69 Cava era un monastero cluniacense. Si veda inoltre REGLERO DE LA FUENTE, 2008: 347-348.

⁴⁷ GRECO, 2015.

⁴⁸ ADINOLFI, 1846: 224-226; PAUL, 1877: 44-45; PENCO, 1995: 184-186; PIAZZA, 2000b; CACIORGNA, 2004.

⁴⁹ Si veda la critica di DAVID, 1947: 451 nota n.° 2; PIAZZA, 2000b; CACIORGNA, 2004; RENZI, 2018b: 208.

⁵⁰ JL 5194 (Laterano 1118 aprile 12) = Baluze, *Miscellanea*, I, Lucca, Apud Vincentium Junctimium, 1761, cols. 144-145; CHAMPEVAL DE VYERS, 1901: 421-422; GADY, 1959: 14-16. Sull'elezione di Maurizio, cfr. RENZI, 2019a e CONDORELLI, 2020: 12-29.

⁵¹ ERDMANN, 1927: doc. 20; DAVID, 1947: 450-451; NOBRE VELOSO, 2006: 129.

⁵² CAILLET, 1975: 451-452.

privilegio concesso a Coimbra hanno fatto sospettare che Maurizio potesse essere stato monaco a Uzerche o che questa località del Limousin potesse essere il suo luogo d'origine⁵³. In ogni caso, nemmeno il privilegio del 1118 ci aiuta a conoscere più da vicino le origini di Maurizio «Burdino», anche perché nel documento si menziona soltanto il rispetto della Regola di San Benedetto per l'elezione dell'abate, senza riferimenti specifici a Cluny e/o agli usi cluniacensi⁵⁴.

Se le origini di Maurizio sono piuttosto oscure, sul prosieguo della sua carriera ecclesiastica abbiamo informazioni decisamente più solide che ci conducono come prima tappa a Toledo in Castiglia, città conquistata dal re Alfonso VI (†1109) nel 1085⁵⁵. Proprio nella sede primaziale dell'*Hispania* dal 1088 (grazie al privilegio di Urbano II), Maurizio avrebbe iniziato la sua carriera come arcidiacono sotto l'arcivescovo Bernardo di Sauvetat⁵⁶. Il 19 marzo del 1099 egli appare per la prima volta come vescovo di Coimbra⁵⁷, città situata nella contea di Portogallo — affidata dal re Alfonso VI di León-Castiglia ad Enrico di Borgogna nel 1096 — e sede diocesana rimasta per ben due volte vacante nello spazio di circa un decennio⁵⁸. Maurizio fu scelto durante il suo pontificato a Coimbra anche come sostituto *pro tempore* dell'arcivescovo San Geraldo, in viaggio per Roma, nella sede portoghese di Braga restaurata nel 1070-1071⁵⁹. In un documento latino del novembre del 1103 contenuto nel *Liber Fidei Ecclesiae Bracharensis*, infatti, è possibile leggere che «dum pergeret [San Geraldo, *scil.*] Romam reliquid domnum Mauricium vice sua in Braccara»⁶⁰. Anche un'altra fonte, la *Vita Sancti Geraldi*, agiografia dell'arcivescovo di Braga (redatta tra 1112 e il 1128 circa), sottolinea il legame tra Geraldo di Moissac e Maurizio «Burdino», tanto che secondo la fonte fu proprio San Geraldo a presagire il futuro incarico ecclesiastico di Maurizio⁶¹. L'episcopato a Coimbra di Maurizio va ricordato assolutamente anche per il suo viaggio tra il 1104 e il 1108 in Terrasanta. In un mio precedente lavoro ho cercato di ricostruire un potenziale itinerario di Maurizio che ripropongo, rivisto e corretto, in questa sede accompagnato da una mappa geografica (si veda la Mappa 1 a p. 28 dell'Introduzione) elaborata insieme a M. Nogueira (Infografia-FLUP-

⁵³ GADY, 1959: 15; NOBRE VELOSO, 2006: 129, nota n.° 27. Si veda inoltre COELHO, 1912: 50-51.

⁵⁴ VONES-LIEBENSTEIN, 2018: 144-147; RENZI, 2018c: 375. Di Maurizio non c'è traccia (nonostante l'esperienza come *antipapa*) neanche nell'*Historia Monasterii Usercensis*, CHAMPEVAL DE VYERS, 1901: 29-36. Sulla *consuetudo* monastica si veda RENZI, 2017: 41-67.

⁵⁵ DE AYALA MARTÍNEZ, 2004: 436. Si veda inoltre MARTÍNEZ DÍEZ, 2003: 79-90.

⁵⁶ *Romoaldi II archiepiscopi Salernitani Annales*: 416.

⁵⁷ *Livro Preto*: doc. 47.

⁵⁸ MATTOSO, 2010: 24-36. *Livro Preto*: CLV-CLVIII.

⁵⁹ AMARAL, 1990: 513-527; AMARAL, 2007. Sul territorio di Braga si veda MARQUES, 2014: 10-25.

⁶⁰ *Liber Fidei*: I, doc. 322; DAVID, 1947: 453.

⁶¹ *Vita Sancti Geraldi*: 56 «Cui pater venerandus, Istum, inquit, Episcopum Colimbriensem honorifice et cum venerabili processione suscipere debetis, quia eum in Dominum et Metropolitanum in Ecclesia Bracarensi post decessem meum proculdubio habebitis». Si vedano ERDMANN, 1940: 11 e AMARAL, 2007: 419-420.

Universidade do Porto)⁶². Maurizio «Burdino» potrebbe aver scelto di percorrere la via terrestre da Coimbra fino a Roma, passando per il Cammino Francese di Santiago, arrivando nella Francia meridionale e da lì fino all'Italia nord-occidentale. A quel punto Maurizio potrebbe aver viaggiato fino a Roma attraverso la via Francigena, seguendo un itinerario simile a quello compiuto dagli uomini di Compostela nei loro viaggi presso la Sede Apostolica⁶³. L'ipotesi del percorso marittimo non va però sottovalutata in quanto già nei primi decenni del XII secolo la tecnologia navale era sufficientemente sviluppata da permettere lunghi viaggi marittimi (in alcuni casi anche senza scali) e abbiamo testimonianze sia di pellegrinaggi verso la Terrasanta via mare, come nel caso dell'inglese Seawulf nel 1102, sia di spedizioni marittime durante la Prima Crociata partite dalla Catalogna o dal nord Europa⁶⁴. Uno degli elementi che mi fa propendere, però, per la scelta della via terrestre in direzione Roma, risiede (oltre alla possibilità per Maurizio di creare una rete di contatti) nel fatto che avvicinarsi alla costa iberica mediterranea (spazio marittimo nel quale la pirateria era ampiamente praticata tanto dai musulmani quanto dai cristiani) poteva essere molto rischioso nel 1104. La città costiera catalana di Tarragona, a sud di Barcellona, era ancora in fase di riorganizzazione dopo essere stata abbandonata nel X secolo, mentre centri strategici come Saragozza o città come Valencia più a sud erano sotto il controllo musulmano, così come le isole Baleari, contingenze che potevano rendere meno pericoloso il viaggio via terra verso Roma. Questo percorso poteva durare all'incirca tre mesi dal Portogallo, una mia stima basata sui calcoli di G. Cherubini che ha indicato per i viaggi tra Compostela e Firenze tra XII e XIV secolo circa cinque mesi di durata tra andata e ritorno⁶⁵. Da Roma, Maurizio poteva successivamente percorrere la via Appia fino alla Puglia — dove sorgevano, in particolare nella zona del Gargano, importantissimi monasteri e centri di culto come Sant'Angelo di Orsara legati alla penisola iberica nel XII secolo⁶⁶ — e da lì imbarcarsi a Trani, Otranto, Brindisi o Bari (in quest'ultima città prese la via del mare ad esempio San Teotonio priore del monastero di Santa Cruz di Coimbra secondo la *Vita Theotonii*⁶⁷) o direttamente verso la Terrasanta o per Durazzo (nell'attuale Albania), altro porto strategico del mare Adriatico conteso tra i normanni dell'Italia meridionale e i bizantini dalla fine dell'XI secolo⁶⁸, seguendo poi la *Via Egnatia* fino a Costantinopoli. Dalla capitale imperiale Maurizio avrebbe potuto continuare il suo pellegrinaggio fino a Gerusalemme attraverso gli itinerari dei partecipanti alla

⁶² RENZI, 2018b. Si vedano con attenzione ERDMANN, 1940: 11; DAVID, 1947: 473-479; NOBRE VELOSO, 2006; IOGNA PRAT, 2002: 331; IOGNA PRAT, 2005 e infine rinvio a RENZI, 2019b per la bibliografia.

⁶³ NOVOA PORTELA, 2007: 269. Sul Cammino *Francese* di Santiago si veda CARRASCO, 2011: 11-24.

⁶⁴ TANGHERONI, 1999: 221-223.

⁶⁵ CHERUBINI, 2000: 544-560; ORVIETANI BUSCH, 2001: 21-22; GUICHARD, 2001: 80-97; FERRER I MALLOL, 1998: 41-43; SPINELLI, 2003: 79; BONET DONATO, 2018: 84-87; RENZI, 2018b.

⁶⁶ MUR I RAURELL *et al.*, 2007: 5-63.

⁶⁷ *Vita Theotonii*: 107-113; O'MALLEY, 1954: 31.

⁶⁸ GALLINA, 2002: 29-31.

Prima Crociata, i quali preferirono in linea di massima i percorsi terrestri⁶⁹. Sulla via di ritorno, invece, almeno nel tratto tra Gerusalemme e Costantinopoli, come già aveva notato A. A. Nascimento, Maurizio potrebbe aver viaggiato via mare da uno dei porti della costa (ad esempio Giaffa o San Giovanni d'Acri) e aver fatto scalo, navigando a medio cabotaggio, a Cipro e in Anatolia, in maniera simile ad altri pellegrini alto e pieno medievali⁷⁰. Questo dettaglio è ricavato da una delle fonti che ci parlano del viaggio in Terrasanta di Maurizio, la *Vita* di Telo fondatore di Santa Cruz di Coimbra e compagno di viaggio di «Burdino» a Gerusalemme, nella quale il linguaggio utilizzato per descrivere l'arrivo del vescovo di Coimbra e del suo compagno di viaggio a Costantinopoli, dove si fermarono per sei mesi, sembra richiamare il linguaggio della navigazione più che quello di un percorso via terra⁷¹. Il viaggio in Terrasanta di Maurizio si presenta come un caso di studio eccellente sia per la complessa relazione, tanto a livello letterario quanto cronologico, tra le tre fonti che parlano del suo pellegrinaggio presso i luoghi sacri (*Historia Compostellana*, *Vita Tello* e *Qualiter tabula S. Basilii*), sia per la complessa questione delle reliquie — nell'*Historia Compostellana*, tra le altre, la testa dell'Apostolo Giacomo (una questione estremamente complessa, come ha ricordato recentemente C. A. González-Paz, in quanto non tutte le fonti concordano sull'arrivo della reliquia in Galizia⁷²), mentre nel *Qualiter tabula S. Basilii* una parte della Santa Croce portata a Cluny da Dalmazzo Geret nel 1112 — e la loro importanza nelle vicende religiose, culturali, ecclesiastiche, economiche e politiche nella penisola iberica nord-occidentale del XII secolo⁷³. Dopo il pontificato a Coimbra, Maurizio «Burdino» fu promosso arcivescovo a Braga dove appare per la prima volta in qualità di presule nell'estate del 1109⁷⁴. Gli anni bracarensi furono molto turbolenti per Maurizio sia dal punto di vista politico che da quello ecclesiastico. Nel 1109 il nuovo arcivescovo ebbe problemi con gli uomini della contessa-regina di Portogallo Teresa Alfonso — moglie del conte Enrico di Borgogna e figlia del re Alfonso VI di León-Castiglia —, i quali attaccarono la sede arcivescovile⁷⁵, mentre a partire dal 1112 Maurizio si trovò sempre più coinvolto, e isolato, nei conflitti con Compostela e soprattutto con Toledo. Nel primo caso Maurizio dovette fronteggiare le ambizioni del vescovo di Compostela Diego Gelmírez in Galizia (episcopato del quale peraltro Maurizio era canonico, come ricordato nell'*Historia Compostellana*⁷⁶), un territorio in cui tutti gli episcopati con la sola eccezione di Santiago erano sotto

⁶⁹ DALENA, 2004: 59-61; TANGHERONI, 1999: 222. Ho ripreso nell'Introduzione il mio RENZI, 2018b.

⁷⁰ *Vita Tello*: 65 (ed. di A. A. Nascimento); TANGHERONI, 1999: 219.

⁷¹ NASCIMENTO, 1980: 382-389.

⁷² GONZÁLEZ-PAZ, 2017: 201-202.

⁷³ ALSINA, 2015: 58 e seguenti; PORTELA SILVA, 1988: 89-105; GONZÁLEZ VÁZQUEZ, 2003: 182 e seguenti; IOGNA PRAT, 2005; GADY, 1959: 32-34, 42-43, 46-47; RENZI, 2019b: 19-44. Su Dalmazzo si veda la nota n.º 173 della sezione Fonti.

⁷⁴ *Liber Fidei*: I, doc. 381.

⁷⁵ AMARAL & BARROCA, 2012: 148, 175, 206 e 208-209.

⁷⁶ *Historia Compostellana*, 1988: lib. I, cap. LXXX, 129-131.

l'autorità di Braga⁷⁷. Nel secondo caso, invece, Maurizio si scontrò con l'arcivescovo Bernardo di Toledo per il controllo dell'episcopato di León che entrambi i presuli ritenevano di propria pertinenza. Sia Maurizio che Bernardo cercarono l'appoggio di Roma per risolvere la questione. Dopo essere stato sospeso dall'ufficio sacerdotale da Pasquale II il 18 aprile del 1114, Maurizio viaggiò presso la Sede Apostolica per sostenere (con alterne fortune) la sua causa⁷⁸.

A partire da questo momento di Maurizio si perdono le tracce per alcuni anni e non abbiamo più attestazioni chiare ed univoche della sua presenza in Portogallo. Secondo C. Erdmann dopo il viaggio presso la Sede Apostolica nella seconda metà del 1114, Maurizio non fece più ritorno a Braga. Lo studioso si basò su un passo della *Vita* di Papa Pasquale II (attribuita a Pandolfo d'Alatri) nel quale si afferma che Maurizio si allontanò per due anni dalla sua sede arcivescovile⁷⁹. P. David aveva criticato questa interpretazione sulla base, tra gli altri, dei documenti papali del 1115-1116, dai quali secondo lo studioso francese si poteva intuire come l'arcivescovo di Braga fosse tornato in Portogallo dopo il viaggio a Roma del 1114⁸⁰. La ricerca sulle fonti vescovili e monastiche iberiche ha fatto emergere ancora altri dati. Ho trovato menzioni o riferimenti a Maurizio per gli anni 1107, 1109 e 1112 in Galizia (monastero cluniacense di Pombeiro), nel diplomatario della regina Urraca di León-Castiglia (†1126), nelle fonti vescovili di Salamanca, nelle carte del monastero di Sahagún e nei documenti della cattedrale di León⁸¹. Nelle fonti ho riscontrato, però, soltanto altre due menzioni di Maurizio nella penisola iberica posteriori al suo soggiorno romano del 1114. Una prima citazione di Maurizio — anche se piuttosto dubbia — è contenuta nella collezione documentale della cattedrale di Astorga (ottobre 1115)⁸², mentre una seconda menzione si trova in un documento dell'aprile del 1115 nel quale Maurizio appare tra i *confirmantes* («Mauricio bracarensis metropolitanus confirmo») di una donazione del vescovo di Compostela Diego Gelmírez al monastero di San Martino di Pinario⁸³. Inoltre nel luglio del 1115 Pasquale II inviò una lettera a Maurizio riguardo al trasferimento della sede della diocesi di Mondoñedo, della quale Maurizio «Burdino» era il metropolitano, («Mauritio Bracarensi archiepiscopo [...] Minduniensis cathedrae transmutatio sicut nostis facta est provincialis deliberatione concilii [...]

⁷⁷ ERDMANN, 1940: 12-15; ALSINA, 2015: 181; CUNHA, 2013: 143-144; ROMERO PORTILLA, 2006: I 247-259. Si vedano MARTÍN MARTÍN, 2013: 169-172; DOMÍNGUEZ SÁNCHEZ, 2017: 487-489; BAQUERO MORENO: 1996, 7-17.

⁷⁸ JL 4733 (Laterano aprile 18 1114) = Paschalis II papae ep. CCCLXXXVII, PL CLXIII, col. 350. ERDMANN, 1940: 19-28; RIVERA RECIO, 1962: 76-81; AMARAL & BARROCA, 2012: 148, 175, 206 e 208-209; CUNHA, 2013: 143-144.

⁷⁹ ERDMANN, 1940: 18; JL 4746 (Laterano dicembre 4 1114) = Paschalis II papae ep., PL CLXIII, col. 361.

⁸⁰ DAVID, 1947: 468.

⁸¹ *Tumbo A*: doc. 5 (1109); FERNÁNDEZ FLOREZ, 1991: doc. 1186; FERNÁNDEZ CATÓN, 1990: docs. 1327 (1109) e 1337 (1112); GUADALUPE BERAZA, 2010: doc. 5; MONTERDE ALBIAC, 1996: doc. 1.

⁸² CAVERO DOMÍNGUEZ & MARTÍN LÓPEZ, 1999: doc. 576.

⁸³ LUCAS ÁLVAREZ, 1999: reg. 27; LUCAS ÁLVAREZ, 2003: doc. 23. Il documento era già noto per altre ragioni a DAVID 1947: 115. Per i dubbi sull'autenticità del documento si veda RENZI, 2018b: 210.

qui ejusdem ecclesiae metropolitanus es. Si quid igitur in hoc corrigendum est legatus noster, cum ad vos venerit, per Dei Gratiam providebit»⁸⁴) presso la località galiziana di Villamayor del valle del Bría, una traslazione avvenuta forse tra il 1113 e il 1114⁸⁵. Il riferimento contenuto in questa missiva papale al possibile arrivo di un legato (forse Pasquale II aveva già in mente il cardinale Boso di Sant'Anastasia: il papa ne annunciò la missione diplomatica a Olegario, abate di San Rufo eletto vescovo di Barcellona, nel maggio del 1116⁸⁶), unito al documento del monastero di Pinario, potrebbe far pensare a un rientro nel nord-ovest della penisola iberica di Maurizio, dando così ragione all'ipotesi del David⁸⁷. In ogni caso è probabile che poco tempo dopo Maurizio «Burdino» lasciò di nuovo Braga per l'Italia, quando alla fine di novembre di quell'anno vide riconosciuta da Papa Pasquale II la propria autorità sul vescovo di Coimbra⁸⁸. Esiste soltanto un'ulteriore attestazione di Maurizio come arcivescovo di Braga nel *Liber Fidei* dopo il 1116 (21 gennaio 1117), ma sembra soltanto un riferimento generico alla sua autorità, in quanto egli non appare come rogatario, *confirmans* o testimone del documento in questione⁸⁹. Grazie ad una lettera del 1118 di Gelasio II sappiamo che Maurizio fu scelto come legato apostolico presso Enrico V, il quale già nel marzo 1116 era in Italia a Treviso⁹⁰. In quell'occasione Maurizio anziché trattare per conto di Pasquale II passò dalla parte dell'imperatore (che lo scelse secondo P. David in quanto unico arcivescovo del suo seguito, ma il tema andrebbe ripreso) incoronandolo e venendo scomunicato dal papa nell'aprile del 1117 a Benevento⁹¹. Quest'ultimo elemento da un lato potrebbe collocare la missione di Maurizio tra la fine del 1116 quando l'imperatore si trovava in Romagna, nella zona di Forlì e nell'area dell'arcivescovato ravennate, (un indizio potrebbe essere la durissima condanna di Maurizio al concilio di Burgos presieduto dal cardinale Boso di Sant'Anastasia già nel febbraio 1117⁹²) e non più tardi dell'inizio del 1117 — più precisamente dopo la scomunica dell'imperatore Enrico V a Milano secondo M. Stroll⁹³ — e dall'altro confermare la scarsa attendibilità del documento bracarense

⁸⁴ JL 4775 (Benevento luglio 3 1115) = Paschalis II papae ep., PL CLXIII, ep. CDXXX, col. 383; VÁZQUEZ MARTÍNEZ, 1941: reg. 6; CAMPELO, 1965: 845-846.

⁸⁵ CAL PARDO, 2003: 95-96; ALSINA, 1976: 38-43; RENZI, 2014: 183-185.

⁸⁶ JL 4814 (Trastevere maggio 23 1116) = Paschalis II papae ep., PL CLXIII, ep. CDLXIX, cols. 405-407; ERDMANN, 1940: 48.

⁸⁷ Si veda la nota n.° 80 nell'Introduzione di questo volume.

⁸⁸ JL 4786 (Anagni novembre 3 1115) = Paschalis II papae ep. CDXLI, PL CLXIII, col. 390. JL 4787 (Anagni novembre 3 1115) = Paschalis II papae ep. CDXLII, PL CLXIII, col. 391.

⁸⁹ DAVID, 1947: 469-470; *Liber Fidei*: II, doc. 688.

⁹⁰ JL 4882 (Gaeta 1118 marzo 10) = Gelasii II papae ep. II, PL CLXIII, cols. 487-488; GAWLIK & THIEL, 2010: doc. 154; DAVID, 1947: 484-487.

⁹¹ COLOTTO, 2000: 246; *Annales Beneventani*: 184 per il concilio di Benevento del 1117; JAFFÉ, 1861: 515. Si veda inoltre FLICHE & MARTIN, 1945: 375 e seguenti. Si veda inoltre DAVID, 1947: 567.

⁹² CANTARELLA, 1997: 79-80; AMARAL, 2007: 435.

⁹³ STROLL, 2004: 50-51.

del 1117 sopraccitato⁹⁴. Perché fu scelto proprio Maurizio per quella missione? Stabilirlo è molto difficile, ma un elemento che potrebbe aver spinto Pasquale II a sceglierlo potrebbe risiedere nel fatto che Maurizio era estraneo alla Curia romana e quindi *sacrificabile* all'imperatore⁹⁵. Nel 1116-1117 doveva ancora essere piuttosto vivo il ricordo negli ambienti papali del *rapimento* di Pasquale II e alcuni cardinali parte dello stesso Enrico V nel 1111 (Falcone di Benevento lo dice chiaramente nel caso di Gelasio II) e la conseguente firma dello *scandaloso* accordo di Sette Fratte⁹⁶. Della durezza dell'imperatore doveva essere bene a conoscenza anche papa Gelasio II (Giovanni di Gaeta, cancelliere della Chiesa romana⁹⁷), che all'arrivo di Enrico V nel 1118 scappò da Roma e riparò a Gaeta⁹⁸. Pasquale II in quel momento probabilmente non poteva o non voleva ritrovarsi nella stessa condizione di sei anni prima e perdere uno dei suoi uomini e Maurizio probabilmente accettò sperando forse o in un ruolo nella Curia romana o di avere un forte appoggio da Roma per risolvere i suoi problemi con Toledo⁹⁹. Nel marzo del 1118, dopo la morte di Pasquale II, Maurizio «Burdino» divenne papa con il nome di Gregorio VIII per volontà di Enrico V in opposizione a Gelasio II, eletto a Roma alla fine di gennaio dello stesso anno¹⁰⁰. Quest'ultimo scrisse il 25 marzo del 1118 ai vescovi iberici per informarli della scomunica di Maurizio e invitarli ad eleggere un nuovo arcivescovo di Braga¹⁰¹. Se consideriamo l'intervallo temporale tra la menzione di Maurizio nel documento del monastero di Pinario, gli interventi di Pasquale II del novembre del 1115 e l'incoronazione imperiale del 1117, si potrebbe collocare il rientro a Roma dell'arcivescovo di Braga o alla fine del 1115 (il che potrebbe collimare con il passo, sempre da prendere con cautela come suggerito dal David, della *Vita Paschalis II*: «[...] il re preso Maurizio arcivescovo di Braga, il quale [...] vagò di qua e di là per due anni fuori dalla sua parrocchia [...] si fece incoronare davanti al corpo del beato Gregorio»), o al massimo nella seconda metà del 1116¹⁰². Maurizio fu poi eletto papa a Roma, secondo Boso di Santa Pudenziana con l'appoggio di alcuni canonici di San Pietro¹⁰³, tornerò su questo tema, scegliendo un nome che lo collegava direttamente al suo illustre predecessore, Ildebrando: Gregorio VII (1073-1085)¹⁰⁴. Secondo P. David, Maurizio non si sarebbe

⁹⁴ Per i documenti di Enrico V alla fine del 1116 e inizio 1117 si veda GAWLIK & THIEL, 2010: doc. 195, 197, 198, 199. Si veda, inoltre, la nota 89 nell'Introduzione di questo volume per il documento bracarense del 1117. Si veda inoltre RUST, 2013: 154-156.

⁹⁵ MEYER VON KRONAU, 1909: 68-110; ERDMANN, 1940: 23-24; RENZI, 2018c: 367.

⁹⁶ *Falcone di Benevento. Chronicon Beneventanum*: 36; CANTARELLA, 1997: 105-108; JOHRENDT, 2011: 275-277; ANDENNA, 2015.

⁹⁷ FREUND, 2000.

⁹⁸ CANTARELLA, 1997: 23; *Vita Gelasii II* (Ed. DUCHESNE, 1892): 316-318; *Falcone di Benevento. Chronicon Beneventanum*: 35.

⁹⁹ CANTARELLA, 2014a; RENZI, 2018c: 367.

¹⁰⁰ FREUND, 2000.

¹⁰¹ JL 4886 (Gaeta 1118 marzo 25) = Gelasii II papae ep. VI, PL CLXIII, coll. 491.

¹⁰² *Vita Paschalis II* (ed. PŘEROVSKÝ, 1978: II, 723-724); DAVID, 1947: 466; ERDMANN, 1940: 18-19; COLOTTO, 2000: 246.

¹⁰³ Boso. *Vita Gelasii II*: 376.

¹⁰⁴ RUST, 2013: 169-172.

richiamato alla tradizione imperiale dei papi, altrimenti avrebbero dovuto assumere il nome di Gregorio IX, in quanto era già esistito un Gregorio VIII, l'*antipapa* Maginulfo¹⁰⁵. Si tratta di una svista dello studioso, in quanto Maginulfo, arciprete di Sant'Angelo in Pescheria, un'importante chiesa di Roma della quale fu cardinal-diacono Gregorio, Papa Innocenzo II, fu sì *antipapa* (1105-1111) durante il pontificato di Pasquale II (1099-1118), ma assunse il nome di Silvestro IV, come confermano pienamente gli *Annales Romani*¹⁰⁶. Il possibile richiamo a Gregorio VII potrebbe essere interpretato in vari modi, ma non dove sorprenderci particolarmente. Maurizio «Burdino» nella sua documentazione superstite si considerava e inseriva il suo pontificato pienamente nel solco della tradizione papale romana come ha osservato M. Stroll¹⁰⁷. In un documento del 1118, infatti, Maurizio/Gregorio VIII definì papa Pasquale II (il papa che lo aveva scomunicato a Benevento nel 1117) come «predecessorem nostrum», il suo predecessore. Maurizio non era incardinato nella Chiesa di Roma e sapeva benissimo di poter essere accusato di illegittimità, dunque doveva ribadire la sua assoluta continuità con l'ultimo papa legittimo, Pasquale II, non potendo esserlo ai suoi occhi, per forza di cose, Gelasio II¹⁰⁸. Nel frattempo a Cluny, dove morì Gelasio II, all'inizio del 1119 fu eletto Papa Callisto II, Guido arcivescovo di Vienne. Nel giugno del 1120, Callisto II arrivò a Roma, dalla quale Maurizio si era già allontanato forse dopo il rientro di Enrico V in Germania o più tardi all'inizio del 1120¹⁰⁹. Maurizio si spostò a Sutri — un documento del 1119 della chiesa di San Giacomo nel territorio di Sutri riporta come indicazione temporale il pontificato di Gregorio VIII anziché quello di Callisto II (1119-1124)¹¹⁰ — forse perché insicuro nell'Urbe o perché isolato (in ogni secondo C. Erdmann sarebbe falsa la lettera inviata da Maurizio all'imperatore per chiedere soccorso) e preoccupato dalla possibilità di riavvicinamento tra Enrico V e il neoletto Callisto II¹¹¹. A Sutri fu catturato da Guido di Vienne e i suoi uomini, in primo luogo il cardinale Giovanni da Crema, nell'aprile del 1121¹¹². Riportato a Roma, Maurizio fu sottoposto ad una pubblica umiliazione in un rituale che parodiava chiaramente quello papale¹¹³. Maurizio fu posto, infatti, su di un asino (o un cammello secondo altre fonti del XII e XIII secolo¹¹⁴), vestito con una sanguinolenta pelle di pecora, seduto al contrario e con la coda dell'animale come

¹⁰⁵ DAVID, 1947: 493.

¹⁰⁶ *Annales Romani*: 477. Su Gregorio si veda CARPEGNA, 2000; ERDMANN, 1940: 60-81.

¹⁰⁷ STROLL, 2004: 54.

¹⁰⁸ *Monumenta Ordinis Servorum Sanctae Mariae*: 199-200; STROLL, 2004: 54.

¹⁰⁹ COSTA, 1990: 393-394; COLOTTO, 2000; STROLL, 2004: 282; WIEDEMANN, 2017: 79-80.

¹¹⁰ ASR, Pergamene, Roma-Benedettini e Clarisse in SS. Cosma e Damiano in Mica Aurea, 16/112 «Anno millesimo.c. X nono; tempore dopni Gregorii octavii papae».

¹¹¹ COLOTTO, 2000; FRUGONI, 2007: 396-397; ERDMANN, 1940: 89-93; GADY, 1959: 69-72.

¹¹² JL 5041 (Sutri 1121 aprile 27) = Calixti II papae ep. CXXXI, PL CLXIII, cols. 1205-1206. Cfr. NISPI-LANDI, 1887: 384-385; VENDITTELLI, 2008: 1-92; SCHIEFFER, 2012: 81-82.

¹¹³ PARAVICINI BAGLIANI, 2013: 103-135. Su questo tema si veda anche TWYMAN, 1996: 233-253.

¹¹⁴ Si veda ad esempio *Boso. Vita Calixti II: 377*, si tratta di una biografia scritta nel terzo quarto del XII secolo.

briglia: un'immagine ben distante dal cavallo bianco del papa e la cerimonia successiva alla sua elezione¹¹⁵ o dall'arrivo trionfale nell'Urbe attribuito a Callisto II ad esempio da Falcone di Benevento¹¹⁶. Inoltre, non mancano anche descrizioni degli insulti con i quali Maurizio fu accolto al suo rientro a Roma, una scena che mi ha sempre ricordato la condanna di Aronne Piperno rappresentata nel film di Mario Monicelli *Il Marchese del Grillo* (1981), o di come fu addirittura lo stesso Callisto II ad intervenire per salvarlo dal linciaggio della folla inferocita¹¹⁷. Questo rituale umiliante non era insolito nella sua gravità se si pensa alla tortura inflitta a Papa Giovanni XVI dall'imperatore Ottone III nel 998 o al terribile omicidio di Odone di Quarrell a Messina nel 1168¹¹⁸. Dopo questo episodio, secondo gli *Annales Romani* Maurizio fu temporaneamente rinchiuso a Roma nel Settizonio¹¹⁹, successivamente nel castello di Passerano (vicino Roma) e infine nel monastero della Santissima Trinità di Cava de' Tirreni, nei pressi di Salerno nell'Italia meridionale¹²⁰. Proprio in quest'ultimo luogo, secondo la maggior parte delle fonti narrative, fu imprigionato l'*antipapa* Gregorio VIII, per quanto curiosamente non se ne faccia menzione negli *Annales Cavenses*, fonte proveniente proprio dall'abbazia della Santissima Trinità¹²¹. Secondo gli *Annales Palidenses* Maurizio era ancora vivo al tempo della spedizione dell'imperatore Lotario III nell'Italia meridionale (1137), al tempo di Papa Innocenzo II (1130-1143)¹²² — il quale permise a Maurizio di incontrare l'imperatore — e quindi durante il regno di Ruggero II di Sicilia (†1154)¹²³. Esistono però anche altre versioni sulla prigionia di Maurizio che lo vogliono rinchiuso nel castello di Fumone¹²⁴. Di particolare interesse è la versione della *Chronica* di Montecassino, nella parte scritta da Pietro Diacono. Secondo il cronista, infatti, Callisto II non avrebbe imprigionato Maurizio in monastero, ma nella Rocca Janula — vicino Montecassino — e sarebbe stato Onorio II (1124-1130) a portarlo via successivamente e riavvicinarlo a Roma nel castello di Fumone¹²⁵. Questa decisione sarebbe stata presa dal papa nel 1125, secondo gli *Annales Casinenses*, dopo l'invasione della Terra di San Benedetto da parte di

¹¹⁵ Su questo tema il lavoro migliore è senza dubbio quello di SCHREINER, 1989: 155-202, dal quale abbiamo anche tratto ispirazione per l'immagine di copertina (cfr. p. 157). Si veda inoltre FRUGONI, 2007: 396-398.

¹¹⁶ *Falcone di Benevento. Chronicon Beneventanum*: 252. Sull'opera di Falcone Beneventano si vedano almeno LOUD, 1993: 177-198; D'ANGELO, 1994: 75-81; DELLE DONNE, 1999: 1127-1141; Sulla cavalcata rituale del Papa dopo la sua elezione e la relativa simbologia si veda l'eccellente PARAVICINI-BAGLIANI, 2013: 129-134.

¹¹⁷ *Annalista Saxo. Chronicon regni*: 568.

¹¹⁸ STROLL, 2004: 332; CANTARELLA, 2004: 45. Si vedano inoltre SCHREINER, 1989: 173-175; BOÛTEUX, 2001: 305.

¹¹⁹ Per il Settizonio rinvio a PAUTRIER, 2013: 170 e alla nota 150 nella sezione Fonti in questo volume.

¹²⁰ *Annales Romani*: 479.

¹²¹ *Annales Cavenses*: 191-192.

¹²² ROBINSON, 2016: 64-68.

¹²³ *Annales Palidenses*: 76. Per la storia dell'abbazia di Cava e la sua documentazione si veda il sito curato da G. Loud e K. Fenton. Disponibile in <<http://swcava.com/>>. [Consultazione realizzata on-line il 31/09/2019].

¹²⁴ *Chronica monasterii Casinensis*: 547. Lo aveva già notato COELHO, 1912: 51.

¹²⁵ *Chronica monasterii Casinensis*: 532. JL 5041 (Sutri 1121 aprile 27) = Calixti II papae ep. CXXXI, PL CLXIII, cols. 1205-1206. *Vita Calixti II* (ed. PŘEROVSKÝ, 1978: II, 748); *Boso Vita Calixti II*: 377; DAVID, 1947: 499.

Riccardo dell'Aquila o di Carinola¹²⁶. Onorio II voleva solo mantenere al sicuro l'illustre prigioniero? Il papa aveva paura che lo liberassero? Maurizio era ancora un pericolo per i papi come già aveva proposto il Liverani? Persino la data il luogo della morte di Maurizio sono, parafrasando P. David, veri e propri *enigmi*¹²⁷.

2. STORIOGRAFIA E FONTI¹²⁸

2.1. L'immagine di Maurizio «Burdino» nella storiografia

Dopo le importanti opere di epoca moderna di Cesare Baronio (1538-1607) e di Étienne Baluze (1630-1718) e i lavori del von Giesebrecht, Gregorovius e la fondamentale opera del Meyer von Kronau — pubblicate tra la fine del XIX e l'inizio del XX secolo e incentrate sullo studio dell'Impero e della città di Roma nei secoli medievali —, la prima monografia moderna interamente dedicata a Maurizio «Burdino» è quella di C. Erdmann¹²⁹. L'opera deve essere contestualizzata nella prospettiva più ampia delle ricerche dello studioso tedesco che aveva pubblicato negli anni '20 e '30 del secolo scorso due lavori, ancora oggi riferimenti essenziali per gli storici, sulle fonti e le relazioni tra il regno di Portogallo e la Sede Apostolica nei secoli centrali del medioevo, un legame che lo Erdmann considerava — come già in precedenza, seppur da una prospettiva diverse A. Herculano nel XIX secolo — un aspetto cruciale della storia portoghese medievale sia nel contesto iberico che in quello internazionale¹³⁰. Nella visione di C. Erdmann del papato come un potere pienamente affermato nel XII secolo — frutto della cosiddetta *Riforma Gregoriana* —, tanto da poter decidere anche gli equilibri politici dello spazio iberico¹³¹, un personaggio come quello dell'*antipapa* «Burdino», anche se interessante, non poteva che essere considerato in maniera fortemente negativa come ha ricordato molto puntualmente L. D. Rust¹³². Nel 1947 P. David dedicò un importante saggio alla figura di Maurizio «Burdino», nel quale, pur sfumando alcune delle conclusioni dello Erdmann, lo studioso ne confermò la visione sfavorevole di fondo, definendo l'arcivescovo di Braga e *antipapa* Gregorio

¹²⁶ *Annales Casinenses*: 308.

¹²⁷ Ci riferiamo al titolo del saggio di P. David. ROBERT, 1891: 120; LIVERANI, 1859: 467; VONES-LIEBENSTEIN, 2018: 145-146.

¹²⁸ Ripropongo nei paragrafi 2, 2.1, 2.2, 3, 4, una sintesi aggiornata di RENZI, 2018a: 213-220.

¹²⁹ ERDMANN, 1940; BARONIO, 1869; BALUZE, 1761; GIESEBRECHT, 1877; GREGOROVIVUS, 1988 (Nuova edizione); MEYER VON KRONAU, 1909. Si vedano inoltre ERDMANN, 1927; ERDMANN, 1935. Si veda inoltre l'opera del XIX secolo di GERVAIS, 1841: 181-189. Sull'erudizione portoghese di età moderna e la sua visione di Maurizio «Burdino» e la Braga pieno e bassomedievale vanno citati assolutamente anche ERDMANN, 1940: 1-3; CUNHA, 1989: 29-43 (riedizione, si veda su questo AZEVEDO, 1990: 281-282); MARQUES, 1983; RIBEIRO, 2009-2010: 179-201. Sul Baluze, si veda CHERUBINI, 2014: 335-365.

¹³⁰ ERDMANN, 1935: 4-5; HERCULANO, 1863: 447 e seguenti. Cfr. inoltre RUST, 2013: 161-166.

¹³¹ ERDMANN, 1935: 43, 60-63 e 71.

¹³² RUST, 2013: 156.

VIII come un uomo troppo ambizioso e con obiettivi del tutto irrealistici¹³³. Nel decennio successivo fu pubblicato un altro interessante lavoro sulla biografia di Maurizio «Burdino» da parte di M. Gady, nel quale, invece, lo studioso metteva bene in risalto la parabola internazionale dell'ecclesiastico¹³⁴.

Nei decenni successivi gli studiosi hanno lavorato su Maurizio «Burdino» nel contesto più ampio dei suoi conflitti con il presule di Compostela Diego Gelmírez — con attenzione anche alla sua esperienza come pellegrino in Terrasanta e alla questione delle reliquie¹³⁵ — e delle sue relazioni con il conte di Portogallo Enrico di Borgogna e la contessa-regina Teresa Alfonso¹³⁶. Altri studiosi si sono invece interessati al ruolo di Maurizio nell'ambito del conflitto per la Primazia dell'*Hispania*, una questione che aveva coinvolto tra la fine dell'XI secolo e il XIII secolo alcune delle principali sedi ecclesiastiche iberiche come Toledo, Braga, Tarragona e Compostela¹³⁷. Da questo punto di vista la memoria storica di Maurizio «Burdino» e della sua esperienza come *antipapa* era ancora viva nel XIII secolo. Come ha sottolineato P. Henriët, infatti, la *sacrilega* scelta di Maurizio di schierarsi con l'imperatore Enrico V contro Gelasio II e Callisto II non solo era ricordata nelle fonti toledane, ma nel XIII secolo era ancora utilizzata come prova dell'infondatezza delle pretese primaziali di Braga contro gli arcivescovi di Toledo¹³⁸. Infine, la storiografia si è occupata spesso di Maurizio «Burdino» come *antipapa* Gregorio VIII sia per quanto riguarda lo studio della sua iconografia e dei programmi artistici promossi da Callisto II contro gli *antipapi* (si pensi ad esempio ai lavori di M. Stroll, B. Schilling e K. Schreiner), che nei suoi rapporti con il re di Germania e imperatore Enrico V e la Chiesa romana. Un tema, quest'ultimo, trattato dalla storiografia latino-americana — e in particolare in Brasile con i lavori di L. D. Rust che ho conosciuto soltanto nella fase finale della mia ricerca, ma che mi hanno aiutato molto nella stesura di questo volume — e caro alla storiografia tedesca degli ultimi tre decenni, la quale però in molti casi ha continuato a vedere in Maurizio «Burdino» soltanto un personaggio secondario (o al massimo curioso) nel panorama del XII secolo¹³⁹.

¹³³ DAVID, 1947: 451-501.

¹³⁴ GADY, 1959: 5-74.

¹³⁵ O'MALLEY, 1954: 43; REAL, 1990: 476; MARQUES, 1992: 99-148; GOMES, 2000: 464-465; IOGNA PRAT, 2002: 171; IOGNA PRAT, 2005; NOBRE VELOSO, 2006: 125-135; AMARAL, 2007: 419; GONZÁLEZ VÁZQUEZ, 2015: 45-46; RENZI, 2019b: 19-44.

¹³⁶ SOARES, 1974: 365-397; BISHKO, 1971: 155-190; REILLY, 1982: 37-55; FLETCHER, 1984: 48-50 e 202-206; ESTEFÂNIO, 2011: 1-60; AMARAL & BARROCA, 2012: 133-154, 175, 187-195, 198-207, 209-214 e 274-286.

¹³⁷ Per una visione generale del tema rinvio a FEIGE, 1991: 61-13; HERBERS, 2009: 29-80. Si veda inoltre l'importante lavoro di HOLNDONNER, 2014: 37-107.

¹³⁸ HENRIËT, 2004: 291-318.

¹³⁹ STROLL, 1991: 17-39, 67-70 e 208-211; SCHILLING, 1998: 589-603; SCHREINER, 1989: 155-202. Sugli affreschi del Laterano promossi da Callisto II le raffigurazioni di Maurizio rinvio anche a WALTER, 1970: 155-176 e RIGUEIRO GARCÍA, 2016: 182-203. Si vedano inoltre STROLL, 2004: 52-57 e 329-332; ROBINSON, 1990: 132-33 e 253-254; CANTARELLA, 2014a: 377-406; RUST, 2013: 149-176; SCHNEIDEMÜLLER, 1994: 195-222; JOHRENDT, 2013: 169-190; HARTMANN, 2013: 191-214.

Questa visione dell'arcivescovo di Braga come un personaggio minore, debole e sfortunato, infatti, è ancora molto presente nella storiografia internazionale — Maurizio sarebbe stato una specie di *marionetta* nelle mani di Enrico V e un uomo in balia dei suoi avversari da Diego Gelmírez a Bernardo di Sauvetat arcivescovo di Toledo fino a Callisto II —, un elemento che ha portato a vedere tutti gli aspetti menzionati poc'anzi in maniera separata tra di loro¹⁴⁰. Recentemente, L. D. Rust — che ha avanzato forti critiche alle interpretazioni tradizionali e in chiave nazionalista della vicenda di Maurizio «Burdino» e ha cercato di studiare le radici culturali e filosofiche dietro lo scarso interesse storiografico per la sua persona¹⁴¹ — e G. M. Cantarella hanno profondamente rivisitato la figura di Maurizio «Burdino»¹⁴². Lo studioso italiano ha proposto di interpretare Maurizio «Burdino» come una delle possibili soluzioni alla Lotta per le Investiture; un'idea che se da un lato può sembrare provocatoria all'interno del quadro storiografico che abbiamo delineato finora, dall'altro può stimolare e riaprire un dibattito sulle dinamiche politico-ecclesiastiche degli anni 1117-1122¹⁴³. A partire da quest'ultima considerazione, a mio avviso sarebbe opportuno rileggere ed aprire l'esperienza di Maurizio «Burdino» alle acquisizioni storiografiche più significative degli ultimi anni. Mi concentrerò su quattro punti essenziali.

In primo luogo bisogna considerare le dinamiche dell'arcidiocesi di Braga come importanti per lo studio dell'intera penisola iberica, abbandonando definitivamente l'idea dell'esistenza di una rigida frontiera politica tra la contea/regno di regno di Portogallo¹⁴⁴ e gli altri regni iberici, un'immagine anacronistica e fortemente influenzata dalla geografia contemporanea¹⁴⁵. Allo stesso tempo, la storia del territorio portoghese medievale dovrebbe essere inclusa e analizzata all'interno della trasformazione del rapporto tra i re iberici e i papi romani in particolare dopo la seconda metà del XII secolo, insieme al ruolo svolto da Cluny — soprattutto negli anni travagliati dell'abbaziato di Ponzio di Melgueil (†1126) —, che di Roma era il *concorrente* nell'*Hispania* e non il canale di diffusione della *Riforma Gregoriana* come per lungo tempo hanno affermato gli studiosi¹⁴⁶. Il secondo punto, consiste nella necessità di contestualizzare il profilo e la traiettoria di Maurizio «Burdino» nel complesso quadro del conflitto tra Papa Pasquale II e l'imperatore Enrico V per mettere fine alla Lotta

¹⁴⁰ STROLL, 2004: 329-332; AMARAL & BARROCA, 2012: 148, 175, 206 e 208-209; ERDMANN, 1940: 12-20; DAVID, 1947: 455-473; RIVERA RECIO, 1962: 76-81; FLETCHER, 1994: 461-495; CAVERO DOMÍNGUEZ, 2004: 199-226; MOSQUERA AGRELO, 2002: 37-38; AMARAL, 2017: 23-46; CUNHA, 2013: 133-145; PETERSOHN, 2009: 19-30; PETERSOHN, 2010: 24-33. Si veda inoltre RENZI, 2018a: 215.

¹⁴¹ RUST, 2013: in particolare 167-176. Si veda inoltre RUST & LOPES FRAZÃO DA SILVA, 2009: 135-152.

¹⁴² CANTARELLA, 2014a: 388.

¹⁴³ CANTARELLA, 2014a: 388.

¹⁴⁴ Nel prossimo paragrafo spiegherò il perché dell'utilizzo dell'espressione contea/regno per il Portogallo del XII secolo.

¹⁴⁵ Su questo tema rinvio a BRUGUIÈRE, 1985: 245-267; PASCUA ECHEGARAY, 2001; CANTARELLA, 2014b: 62; VONES-LIEBENSTEIN, 2013: 162. Si veda inoltre CALDERÓN MEDINA, 2017: 91-117.

¹⁴⁶ CANTARELLA, 2005: 93-209.

per le Investiture, partendo dallo studio della situazione politica dall'accordo di Sette Fratze del 1111 e dai conflitti interni al mondo ecclesiastico, fino al definitivo deterioramento delle relazioni tra papato e impero nel biennio 1116-1117¹⁴⁷. Come abbiamo visto, infatti, è proprio in questo momento che la carriera ecclesiastica di Maurizio «Burdino» mutò radicalmente¹⁴⁸. Il terzo punto consiste nel collegare la figura di Maurizio con i risultati delle ricerche più innovative sul Papato romano e i suoi rapporti internazionali¹⁴⁹. Gli studi di A. Costa e L. C. Amaral hanno già dimostrato come, dal 1090, la sede di Braga avesse legami con la Sede Apostolica¹⁵⁰. Il vescovo di Braga Pedro entrò in contatto con l'*antipapa* Clemente III (1080-1100), l'arcivescovo di Ravenna Wiberto, per ottenere il titolo arcivescovile per Braga, dopo che la sede era stata restaurata soltanto come diocesi nel terzo quarto dell'XI secolo¹⁵¹. Pedro fu deposto l'anno successivo e Braga dovette attendere fino al 1100 per ricevere la dignità arcivescovile¹⁵². Perché un vescovo legittimo avrebbe dovuto chiedere aiuto ad un *antipapa*? Pedro era così ambizioso da cercare addirittura il supporto di un "nemico della Chiesa" come Wiberto per raggiungere i suoi obiettivi? Il caso di Pedro di Braga è molto più importante di quanto non possa apparire per almeno due motivi. *In primis*, infatti, questo episodio mostra la necessità di evitare la divisione troppo rigida e anacronistica tra il papa (il candidato legittimo) e l'*antipapa* (il candidato illegittimo), come nella prospettiva tradizionale di C. Erdmann o P. David¹⁵³. Questo specifico aspetto è molto importante, se vogliamo capire il ruolo di Maurizio di Braga. L'interpretazione storiografica tradizionale ha considerato il papa come il candidato canonicamente eletto sul soglio di Pietro, ma cosa succedeva quando la procedura di elezione non era universalmente accettata, definita o rispettata dentro e fuori Roma? Il *Decretum in Electione Papae* del 1059, oltre a non essere mai stato pienamente applicato come ha ricordato M. Stroll¹⁵⁴, era stato criticato anche all'interno della stessa Chiesa romana, in particolare dal cardinale Deusdedit,

¹⁴⁷ AMARAL, 2007: 356, 384-390, 406, 417-419, 433, 446-459, 465, 522 e 553; CANTARELLA, 1997: 94-101; DESWARTE, 2010: 396 e seguenti; CANTARELLA, 2014b: 60-91.

¹⁴⁸ RUST, 2013: 149-161.

¹⁴⁹ RUST, 2013.

¹⁵⁰ COSTA, 1959: 16-73; AMARAL, 1990: 513-527.

¹⁵¹ AMARAL, 2007: 304-305. Sulle restaurazioni diocesane (XI e XII secolo) si veda MARQUES, 2017: 30-33. Sull'immagine di Wiberto nella penisola rinviamo all'analisi dell'opera satirica toledana della fine dell'XI secolo conosciuta come *Garcineida* — dedicata alla corruzione della Curia pontificia — di GONZÁLEZ GARCÍA, 2013.

¹⁵² AMARAL, 2011. Per una panoramica generale sulla chiesa iberica medievale rinvio a MANSILLA REYO, 1955: 89-143; MANSILLA REYO, 1959: 275-281; RIVERA RECIO, 1962: 11-87; FEIGE, 1978: 278-312; LINEHAN, 1995: 303-330; MARQUES, 1999: 199-222; DE AYALA MARTÍNEZ, 2008.

¹⁵³ RUST, 2013: 169-173. Per questa ragione nell'Introduzione di questo volume la parola *antipapa* è sempre posta in corsivo, proprio a rimarcare la prudenza necessaria nell'utilizzo di questa definizione. Per una panoramica sugli *antipapi* dell'XI secolo rinvio a STROLL, 2011.

¹⁵⁴ STROLL, 1987: 91-92; BLUMENTHAL, 1988: 85-95; ROBINSON, 1990: 62-63; STROLL, 1997: 198-202; PARAVICINI BAGLIANI, 2013: 15-19. Per una panoramica generale rinvio inoltre a ROBINSON, 2004.

il quale non lo inserì nella sua collezione canonica del 1086-1087¹⁵⁵. Inoltre, se si dovesse seguire lo schema interpretativo tradizionale, come dovremmo considerare l'elezione di papa Gregorio VII avvenuta fuori dalle procedure previste dal *Decretum* o da quelle più antiche del secolo VIII promosse da Papa Stefano III (†772)¹⁵⁶? Come hanno dimostrato O. Capitani e G. M. Cantarella, l'elezione di Gregorio VII è un episodio oscuro nella sua dinamica e il protocollo del suo *Registrum*, come scrisse il Capitani, sembra più un *pastiche* prodotto per giustificare *a posteriori* un'elezione poco chiara che non un resoconto affidabile degli eventi. Se seguissimo l'impostazione tradizionale, allora, dovremmo forse considerare Gregorio VII un *antipapa*¹⁵⁷? Il termine *antipapa* era spesso una parola peggiorativa usata dai sostenitori di un candidato contro i loro avversari o una definizione *a posteriori*, ma durante i loro conflitti, tutti i candidati sostenevano di essere il legittimo successore di San Pietro¹⁵⁸. Nel 2012, T. di Carpegna Falconieri ha affermato che: «An antipope is instead a pope whom another pope declares illegitimate and who loses his conflict, either on the battlefield or in the media. What I am getting at is that an antipope can only exist through a mirror: the mirror of his opponent»¹⁵⁹. Questa prospettiva storiografica non-finalistica, come osservato dallo studioso italiano, potrebbe aiutarci a avere un altro sguardo sul passato¹⁶⁰. Inoltre, non bisogna dimenticare che l'*antipapa* era spesso in grado di controllare Roma grazie ai suoi sostenitori, mentre il papa in quel momento non poteva nemmeno attraversare le mura della città¹⁶¹. Eletto nel Concilio di Bressanone nel 1080 contro Gregorio VII, Wiberto/Clemente III pur essendo un *antipapa* fu per vent'anni uno dei principali protagonisti della storia della Chiesa romana¹⁶². Ovviamente, non tutti gli *antipapi* ebbero l'importanza di Clemente III, ma sarebbe un'idea fuorviante considerare la vittoria dei papi legittimi sui loro nemici *antipapi* come ovvia ed inevitabile: niente lo era, ed è questo è il primo motivo per cui dovremmo riconsiderare la carriera di Maurizio «Burdino»¹⁶³. In secondo luogo, è importante sottolineare in questo contesto che l'esperienza di Maurizio «Burdino» rafforzò — e forse neanche tanto paradossalmente — i contatti con Roma. Anche se gli arcivescovi di Braga, dopo gli anni 1115-1120, persero parzialmente la loro posizione nel contesto ecclesiastico dell'*Hispania*, dagli anni '20 del XII secolo essi iniziarono a svolgere un ruolo sempre più importante nella contea e nel regno di Portogallo — si pensi al caso dei successori di Maurizio a Braga, Paio Mendes (1118-1137) e João

¹⁵⁵ CAPITANI, 1990a: 27-30; CANTARELLA, 2005: 83. Si veda inoltre RUST, 2015.

¹⁵⁶ STROLL, 1987: 91-92.

¹⁵⁷ CAPITANI, 1990a: 44-48; CAPITANI, 2000; CANTARELLA, 2005: 81-86; RUST, 2013: 168-169.

¹⁵⁸ CARPEGNA FALCONIERI, 2012: 121-136; RUST, 2011; RUST, 2013: 170-173.

¹⁵⁹ CARPEGNA FALCONIERI, 2012: 127. Si veda inoltre SCHWEDLER, 2012: 205-229.

¹⁶⁰ CARPEGNA FALCONIERI, 2012: 127.

¹⁶¹ CARPEGNA FALCONIERI, 2002: 19-36 e 82-99.

¹⁶² ZIESE, 1982: 44-46, 93-107, 147-150, 162-163, 203-214 e 265-266; LONGO, 2012: 137-151.

¹⁶³ RENZI, 2018a: 219; RUST, 2013: 172-173.

Peculiar (1138-1175) —, aumentando così il loro peso internazionale all'interno di una nuova entità politica e grazie al rapporto con Roma, considerato come un'opportunità di legittimazione da parte delle *élites* politiche ed ecclesiastiche locali¹⁶⁴. Allo stesso tempo, però, i papi erano assolutamente interessati a inserirsi nei conflitti locali in Europa, per riaffermare continuamente e consolidare il primato di Roma nel corso del XII secolo¹⁶⁵. Questo quadro storiografico è molto importante per non vedere lo sviluppo di chiese e periferie europee¹⁶⁶ come conseguenza necessaria della *Riforma Gregoriana*, seguendo gli ormai ampiamente superati modelli elaborati da A. Fliche per l'XI secolo e da F.-J. Schmale per interpretare lo scisma del 1130¹⁶⁷. Da un lato perché, anche se nessuno vuole negare l'impatto fondamentale di Gregorio VII, non si può dimenticare che la *Riforma* (o le *Riforme* come suggerito da U. Longo) della Chiesa romana del secolo XI iniziarono per intervento imperiale¹⁶⁸ e ben prima del pontificato di Gregorio VII¹⁶⁹. Dall'altro perché è necessario contestualizzare ogni singolo *antipapa* nella sua precisa cronologia, nella dialettica Papato-Impero e all'interno delle dinamiche interne all'ambiente papale, del collegio cardinalizio e al ruolo svolto dalle nuove famiglie aristocratiche romane nelle elezioni papali nella prima metà del XII secolo¹⁷⁰. Infine, quarto punto, è importante inserire l'esperienza di Maurizio «Burdino» come *antipapa* nella realtà della città di Roma e nel quadro generale della profonda trasformazione delle strutture ecclesiastiche urbane a cavallo tra XI e XII secolo, caratterizzata dalla progressiva divisione tra il clero romano e la nuova Curia romana sempre più internazionale e composta spesso anche da uomini provenienti fuori dall'*Urbs*¹⁷¹. Quella di Maurizio «Burdino» sembra, allora, una storia tutta da riscrivere; ma cosa ci dicono le fonti contemporanee su di lui?

2.2. Le fonti narrative

Se da un lato la figura di Maurizio «Burdino» non ha avuto grande fortuna storiografica, dall'altro il quadro che ci presentano le fonti è profondamente diverso. Come ho già segnalato in precedenza, il lavoro di ricerca sulle fonti narrative edite

¹⁶⁴ ERDMANN, 1935: 4-5, 43, 60-63 e 71; MATTOSO, 2007: 359-360; BRANCO, 2009b: 80-81; SOTO RÁBANOS, 2007: 798-826. Si veda inoltre BRANCO & FARELO, 2011: 231-259 e VILAR, 2011: 323-348. Si vedano inoltre BRANCO, 2009a: 125-171; SMITH, 2016: 190-193. Sulle relazioni tra i papi e le varie aree d'Europa rinvio agli studi di SORANZO, 1949: 131-158; FRIED, 1980; BECKER, 1995: 411-445; MACCARRONE, 1995; WIEDEMANN, 2015.

¹⁶⁵ CANTARELLA, 2006: 42-50; RENZI & MARIANI, 2017: 91-107.

¹⁶⁶ Su questo tema rinvio alle considerazioni di D'ACUNTO, 2008: 207-233 e HERBERS, 2008: 323-343.

¹⁶⁷ Mi riferisco ai due grandi classici di FLICHE, 1924-1937 e SCHMALE, 1961.

¹⁶⁸ CANTARELLA, 1998: 270 e seguenti.

¹⁶⁹ LONGO, 2016: 123-124. La bibliografia critica sul concetto di *Riforma Gregoriana* e il suo ruolo nello scisma del 1130 vanta ormai una tradizione vastissima e mi limito a segnalare in questa sede soltanto alcune opere di riferimento per poter approfondire la questione: PALUMBO, 1942; CAPITANI, 1990; BLOCH, 1986: 953-955; COWDREY, 1998; CANTARELLA, 2005; RUST, 2010: 281-300; RUST, 2012: 285-314; MILANESI, 2013: 27-56; HERBERS, 2013: 82-88; VENEZIANI, 2016: 9-38.

¹⁷⁰ Si veda su questi aspetti: WICKHAM, 2014; PARAVICINI BAGLIANI, 2013: 3-29; MAIRE VIGUEUR, 2011: 148-199.

¹⁷¹ CARPEGNA FALCONIERI, 2002: 86-101.

coadiuvato dalla consultazione dei principali lavori storiografici ha portato alla compilazione di una lista di ottantanove fonti, novanta se si considerano anche le due versioni della *Pars Concilii Laterani*, con una fortissima proiezione internazionale e che includono anche *l'Historia Pontificalis* di Giovanni di Salisbury e i *Flores Historiarum* di Ruggero di Wendover, opere che pur censurando o non menzionando Maurizio, sono molto importanti per studiare la sua traiettoria personale e ecclesiastica¹⁷². Come si può osservare nella Tabella 1 e nella Mappa 2 (si veda la sezione «Tabelle e Mappe» dopo la bibliografia anche per le altre mappe n. 1, 3 e 4), le fonti narrative provengono o sono legate a città, alcune delle quali sedi universitarie come Bologna, Parigi e Oxford, e luoghi di culto e centri ecclesiastici di primaria importanza dell'Europa medievale come Roma, Montecassino, Londra, Toledo o Salisbury. Inoltre, la vicenda di Maurizio «Burdino» trovò spazio in autori di spicco dei secoli XII e XIII, penso anche solo a Orderico Vitale, Ottone di Frisinga, Ruggero di Hoveden o Matteo Paris, un ulteriore elemento che mostra come agli occhi degli intellettuali medievali¹⁷³, l'arcivescovo di Braga e *antipapa* Gregorio VIII fosse più di un mero ostacolo all'affermazione di Gelasio II e Callisto II¹⁷⁴.

Le fonti riportano la vicenda di Maurizio «Burdino» sin dai primissimi anni successivi alla sua elezione come Gregorio VIII nel 1118, penso ad esempio al caso del *Chronicon Rythmicum* di Liegi¹⁷⁵ e con una sostanziale continuità per tutto il XII secolo in particolare nel periodo tra il 1125 e il 1150, nel quale si concentrano ben trentadue delle ottantanove fonti prese in considerazione (si veda la Tabella 1). Ora, non si tratta di una semplice questione quantitativa. Se si osserva la dimensione internazionale delle fonti si può vedere come già nella prima metà del XII secolo si abbiano riscontri della vicenda di Maurizio «Burdino» nel regno d'Inghilterra e in Normandia; nel regno di Francia; a Roma; nel regno normanno dell'Italia meridionale; nell'Italia settentrionale; in Portogallo; nelle città imperiali (ad esempio Strasburgo) e nel regno di Germania. Queste ultime due sono le aree, inoltre, con il maggior numero complessivo di fonti, ben trentotto su ottantanove. Questa proiezione internazionale della figura di Maurizio nel terzo quarto del XII secolo si estese fino al regno di Gerusalemme come dimostra l'opera di Guglielmo di Tiro. In alcune delle fonti narrative tra quelle prese in esame si parla apertamente di *scisma* nel caso di Maurizio «Burdino»/Gregorio VIII — si vedano ad esempio i casi di Eccheardo d'Aura, dell'*Annalista Saxo* o dei *Gesta episcoporum Halberstadensium* — e non di un

¹⁷² Si veda la prima parte dell'Introduzione di questo volume e RENZI, 2018a: 221 e seguenti per la bibliografia. *Pars Concilii Laterani*. In FITA, 1901. Rinviamo alla specifica voce dedicata a quest'opera (e alla sua bibliografia di riferimento) contenuta nella sezione Fonti.

¹⁷³ RENZI, 2018a: 226.

¹⁷⁴ Si veda RENZI, 2018a per la bibliografia su questo tema.

¹⁷⁵ DE GRIECK, 2010.

episodio isolato o di un aneddoto nella storia della Chiesa di Roma¹⁷⁶. L'utilizzo del termine *scisma*, dovuto probabilmente all'appoggio iniziale dell'imperatore Enrico V, da ancora una volta la percezione della gravità e della precarietà della situazione degli anni 1118-1121 negli autori del XII e del XIII secolo e sembra inserire, come vedremo più avanti, l'arcivescovo di Braga in continuità con alcuni dei suoi illustri predecessori e successori come *antipapi* da Clemente III ad Anacleto II¹⁷⁷. Uno degli elementi più importanti a mio giudizio è il fatto che circa un terzo delle fonti che raccontano la storia di Maurizio «Burdino» sia databile o a cavallo tra XII e XIII o direttamente nel XIII secolo, segno che ancora un secolo, o un secolo e mezzo dopo la cattura dell'*antipapa* Gregorio VIII a Sutri nel 1121, la sua memoria non era stata affatto cancellata, come sottolineato da P. Henriët e L. D. Rust¹⁷⁸. Senza dubbio, nelle fonti spesso le informazioni contenute sono spesso ripetute e riprese da opere precedenti, come ad esempio nel caso della *Sächsische Weltchronik* dipendente dall'opera di Eccheardo d'Aura e dagli *Annales Palidenses*, ma credo sia comunque altamente significativo il fatto che il ricordo dell'esperienza di Maurizio continuasse a circolare nei secoli medievali, un fenomeno che insieme a M. Nogueira abbiamo cercato di rappresentare geograficamente nella Mappa 3¹⁷⁹. Di grande interesse è anche la varietà di tipologie di fonti (si veda la Mappa 4): cronache (la tipologia più rappresentativa con quarantasei fonti su ottantanove), storie cittadine, annali, trattati, agiografie e biografie come quelle dei papi contenute nel *Liber Pontificalis*. Sono perfettamente cosciente del fatto che si tratta di divisioni schematiche e che molte delle fonti narrative che parlano di Maurizio «Burdino» sono eterogenee al proprio interno e non sempre facilmente classificabili in un unico gruppo. Penso ad esempio all'*Historia Compostellana*, storia dell'arcidiocesi di Santiago, ma al tempo stesso anche biografia di Diego Gelmírez, o all'opera di Arnold-fitz-Thedmar intitolata *De Antiquis Legibus Liber* o *Cronica Maiorum et Vicecomitum Londoniarum*, fonte importantissima per la storia politica, sociale ed economica di Londra¹⁸⁰. Le categorie pur nella loro semplicità, sono state però utili per organizzare questa grande quantità di fonti, concentrarne le informazioni e poterne dare una trasposizione cartografica che ritengo possa aiutare ad osservare meglio la diffusione e la trasmissione della memoria di Maurizio «Burdino» su scala europea. Sicuramente uno degli aspetti più difficili è stato quello di trovare dei criteri validi per organizzare la sezione *Fonti* di questo volume. Alla fine la scelta è ricaduta su un doppio parametro, uno geografico e uno cronologico.

¹⁷⁶ Ekkehardus Uraugiensis. *Chronicon*: 253; Annalista Saxo. *Chronicon Regni*: 561; *Gesta episcoporum Halberstadensium*: 104.

¹⁷⁷ STROLL, 1991: 17-39, 67-70 e 208-211; YAWN, 2012: 175-205; GATTO, 2008: 487-504.

¹⁷⁸ HENRIËT, 2008: 305-306; RUST: 2010: 129, nota n.° 20.

¹⁷⁹ Rinvio alle voci riguardanti le rispettive opere nella sezione Fonti per la bibliografia di riferimento.

¹⁸⁰ STONE, 2015.

Le fonti sono state suddivise in aree geografiche e al loro interno sono state ordinate cronologicamente in base al loro periodo di composizione, un'operazione complessa in quanto molte opere furono redatte in più fasi, come gli *Annales Palidenses*, o all'incirca negli stessi anni come ad esempio la *Vita Theogeri abbatis S. Georgii et episcopi Mettensis*, i *Gesta episcoporum viridunensium* e gli *Annales Parchenses*, scritti a cavallo tra gli anni trenta e quaranta del XII secolo¹⁸¹. La scelta non è stata facile da questo punto di vista, ma ritengo che alla fine questa opzione permetta di osservare meglio sia la relazione tra le fonti, che la circolazione dei modelli compositivi tra le opere di una determinata area. Penso ad esempio alla presenza delle lettere papali di Gelasio II del 1118 e Callisto II del 1121 in Edmero di Canterbury, utilizzate in maniera molto simile anche da altri autori provenienti o operanti nel regno d'Inghilterra come Guglielmo di Malmesbury o Ruggero di Hoveden¹⁸². Inoltre, questa soluzione offre l'opportunità di poter mettere a confronto le fonti (mostrandone anche la dipendenza tra di esse, la loro "famiglia") provenienti dalle diverse aree europee con maggiore facilità partendo da blocchi di opere già organizzati. In ogni caso, cosciente dei limiti e delle possibili critiche a questa scelta, la Tabella 1 offre la possibilità di vedere le fonti ordinate anche in sezioni cronologiche divise per quarto di secolo e con l'indicazione geografica di ogni fonte (secondo lo schema di organizzazione geografica del volume indicata alla fine di questo paragrafo¹⁸³), una combinazione che permette di conoscere ad ogni intervallo cronologico in quali luoghi furono prodotte opere con riferimenti a Maurizio «Burdino». Una serie di dati che potrebbero costituire una base per ricerche future come vedremo tra pochissimo.

Per la divisione geografica delle fonti abbiamo cercato di rispettare due criteri fondamentali. Il primo è stato quello di suddividere i territori secondo una geografia politica che rispettasse il più possibile quella del periodo di composizione delle fonti narrative studiate, con la coscienza, chiaramente, che si tratta di un criterio meramente organizzativo e non descrittivo delle fonti che come nel caso dell'*Historia Compostellana* sono fondamentali per lo studio di diverse aree iberiche ed europee (e dell'interazione tra di esse) e non esclusivamente della Galizia medievale¹⁸⁴. Quest'operazione non si è rivelata, infatti, meno difficile delle precedenti e in particolare alcune aree o città specifiche si sono dimostrate dei casi problematici di contestualizzazione storico-geografica. Citerò tre esempi. Il primo è quello della città di Benevento che all'epoca di Falcone Beneventano (†ca. 1154) da un lato si trovava geograficamente dentro i confini del regno normanno dell'Italia meridionale, ma dall'altro era considerata dal papato romano come una sfera di sua piena appartenenza. In un primo momento avevo deciso di includere Benevento tra

¹⁸¹ Rinvio alle schede bibliografiche di ogni opera nella Sezione Fonti.

¹⁸² Rinvio alle voci riguardanti i rispettivi autori nella sezione Fonti per la bibliografia di riferimento.

¹⁸³ Si vedano le p. 47-48 dell'Introduzione.

¹⁸⁴ FALQUE REY, 1994.

le fonti romane, visto anche l'orientamento filo-papale e anti-normanno di Falcone. Alla fine ho optato per inserire Benevento nel gruppo delle fonti del regno normanno di Sicilia, in quanto mi sembrava una collocazione più stabile per una città contesa tra due poteri e caratterizzata da continui rivolgimenti interni in particolare nella prima metà del XII secolo¹⁸⁵. Il secondo esempio è quello delle fonti iberiche. Come si potrà osservare nel caso portoghese è stata utilizzato la doppia dicitura di *contea* e *regno* per meglio contestualizzare le fonti del Portogallo prodotte prima (si veda il caso *Vita Sancti Geraldii*) e dopo (ad esempio la *Vita Tellonis*) il 1139-1140. A partire da questo periodo, infatti, il figlio della contessa-regina Teresa Alfonso e del conte Enrico di Borgogna, Afonso Henriques, cominciò ad assumere stabilmente il titolo di re di Portogallo trasformando progressivamente la contea istituita da suo nonno materno, il re di León-Castiglia Alfonso VI, in un regno¹⁸⁶. Nel caso portoghese ho optato per questa soluzione di continuità territoriale, inserita all'interno della definizione più ampia di *Penisola Iberica*, anche per rendere più agevole la consultazione delle fonti narrative prodotte nel mutevole contesto politico dell'*Hispania* del XII e del XIII secolo, nella quale ad esempio lo stesso regno di León-Castiglia si divise nel 1157 dopo la morte di Alfonso VII, per poi riunificarsi sotto Fernando III nel 1230¹⁸⁷. È importante sottolineare e ricordare che la contea di Portogallo almeno fino all'affermazione definitiva di Afonso Henriques faceva parte del regno di León-Castiglia. Ad esempio la *Vita Sancti Geraldii* avrebbe potuto essere inserita nello stesso gruppo dell'*Historia Compostellana*, di cui uno degli autori peraltro fu Ugo vescovo di Oporto (1112/1114-1136), ma con questa scelta mi sembrava di rendere troppo frammentaria la presentazione dei testi¹⁸⁸. Nell'organizzazione delle fonti, pertanto, ho cercato di rimanere fedele il più possibile alle scansioni cronologiche di ogni area, operazione particolarmente delicata anche per il terzo esempio, quella del regno d'Inghilterra e le sue relazioni con il Galles e i territori d'Oltremarica. In questo caso ho proceduto a organizzare le fonti secondo la definizione di *Impero Plantageneto* (espressione utilizzata da studiosi di rilievo internazionale come M. Aurell¹⁸⁹)

¹⁸⁵ Su Falcone e i rapporti tra Roma, Normanni e Benevento rinvio a LOUD, 1993: 177-198; D'ANGELO, 1998; DELLE DONNE, 1999: 1127-1141. Approfitto di questo spazio per correggere due imprecisioni contenute nella mia tesi di dottorato (RENZI, 2013, dalla quale è tratto il mio RENZI, 2014). Per un errore di distrazione non ho citato la fonte della figura numero 8 a p. 80 (di autoria di alyssalover), che è la seguente: Disponibile in <https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Aranga#/media/File:Situacion_Aranga.PNG>. [Consultazione realizzata on-line il 15/12/2019]. Nella nota n.º 1375, p. 226, per una svista ho attribuito la mappa a M. Righetti Croce, mentre la mappa è contenuta nell'opera di D. Mariño Vieiras. Mi scuso pubblicamente con gli autori/rici.

¹⁸⁶ Rinvio alle voci riguardanti le rispettive opere nella sezione Fonti per la bibliografia di riferimento.

¹⁸⁷ REILLY, 1998: 306 e seguenti e ANSÓN, 1998: 135. Le fonti di questo gruppo sono indicate come Regno di León-Castiglia in quanto nessuna di loro fu composta, come si può vedere nelle schede bibliografiche della sezione Fonti, tra il 1157 e il 1230.

¹⁸⁸ Si vedano MATTOSO, 2007; GUERREIRO, 2010: 77-82; WIEDEMANN, 2015: 432-445; AMARAL, 2017. Su Ugo di Oporto si veda MARQUES, 2017: 343-351; PORTELA SILVA, 2017: 363-385. Per l'attività della cancelleria della sede di Porto e la sua relazione con il vescovo Ugo, si veda SILVA, 2008: 7-17.

¹⁸⁹ AURELL, 2007.

includendo così anche la Normandia, almeno fino all'inizio del XIII secolo¹⁹⁰, e il Galles meridionale, in particolare l'area del Glamorganshire dal quale provengono gli Annali dell'abbazia cistercense di Margam¹⁹¹. Nel gruppo ho incluso anche una fonte di difficile collocazione come la cronaca di Pierre Béchin di Tours città principale della Touraine, oggi in Francia. Da una parte si potrebbe obiettare che quando l'opera fu composta, alla fine degli anni '30 del XII secolo secondo I. Guyot-Bachy¹⁹², la città di Tours e la Touraine non facevano ancora pienamente parte dell'*Impero Plantageneto* (o *Angioino*¹⁹³), condizione chiara invece dopo il 1154 durante il regno di Enrico II il Plantageneto (1154-1189)¹⁹⁴. Dall'altra però, Tours e la contea di Touraine sin dal 1044 erano state inglobate da quella di Angiò, uno dei possedimenti di Enrico II il Plantageneto prima di diventare re d'Inghilterra, un elemento che alla fine mi ha fatto propendere per collocare la fonte nell'ambito franco-normanno del XII secolo anziché in quello del regno di Francia¹⁹⁵. In altri casi invece ho cercato di evidenziare il profilo culturale dell'autore. Ad esempio ho inserito Goffredo di Viterbo nel gruppo delle fonti di area imperiale, nonostante egli fosse nato in Italia, in quanto svolse la sua formazione e praticamente tutta la sua carriera nel regno di Germania¹⁹⁶. Più complesso è stato, invece, il caso di João *de Deus* (*Iohannis de Deo*) che ho inserito tra le fonti portoghesi, ma che avrebbe potuto figurare anche tra le fonti dell'Italia settentrionale (non a caso la sua opera ha punti di contatto con quella di Sicardo di Cremona) avendo ricoperto a lungo il ruolo di professore universitario a Bologna prima del suo rientro a Lisbona verso la metà del XIII secolo¹⁹⁷.

In conclusione, ho individuato i seguenti gruppi per le fonti a partire dall'Italia dove si concluse con la carriera ecclesiastica e quasi sicuramente morì Maurizio «Burdino»: Italia comunale (o settentrionale formalmente parte dell'Impero, ma con una forte specificità); Roma, Patrimonio di San Pietro¹⁹⁸ (definizione territoriale dei domini pontifici nella quale rientrava Ceccano, probabile luogo di redazione degli *Annales Ceccanenses*, nell'estrema frontiera meridionale

¹⁹⁰ POLLOCK, 2015: 2.

¹⁹¹ DAVIES, 2000: 82 e seguenti.

¹⁹² GUYOT-BACHY, 2017: 104.

¹⁹³ L'espressione *Impero Angioino* (*Angevin Empire* in inglese) è stata usata ad esempio da CROUCH, 1990.

¹⁹⁴ MCDONALD, 1995: 917.

¹⁹⁵ BARLOW, 1972; GALINIÉ, 1977: 106; HUSCROFT, 2016: 149; BOUSSARD, 2019: 31-34.

¹⁹⁶ Si veda la voce su Goffredo di Viterbo nella sezione Fonti per la bibliografia sull'autore.

¹⁹⁷ Si veda la voce su João de Deus nella sezione Fonti per la bibliografia sull'autore.

¹⁹⁸ Il Patrimonio di San Pietro, ossia il territorio sul quale i papi esercitarono «i diritti concreti legati alla sovranità», ARNALDI & CADILI, 2013. Questi territori corrispondevano nei secoli VIII-XII praticamente all'antica ducato bizantino di Roma, all'incirca l'odierno Lazio, e quindi non vanno confusi con i domini facenti parte del futuro Stato della Chiesa bassomedievale (dopo le conquiste del cardinale Gil Albornoz e le Costituzioni di Fano del 1359) e moderno. Su questi aspetti rinvio ai classici di WALEY, 1961 e MACCARRONE, 1991: 821-927. Come ha notato S. Carocci si tratta di un'espressione ambigua nelle fonti medievali, tanto che all'inizio del XIII secolo «Il papato non aveva ancora elaborato una terminologia atta a distinguere le terre realmente sotto la sua potestà temporale, e quelle dove vantava solo altissimi diritti di sovranità feudale o di protettorato», CAROCCI, 2010: 85.

del Patrimonio di San Pietro¹⁹⁹); il monastero di Montecassino (che ho scelto di configurare come sezione a sé stante per varie ragioni²⁰⁰); regno normanno di Sicilia (o dell'Italia meridionale); regno di Francia; Impero (regno di Germania, ducato di Baviera, marca d'Austria, Sassonia, contea delle Fiandre, città imperiali di Verdun, Metz, Liegi, Strasburgo e Basilea); regno di Boemia (strettamente legato all'Impero, ma con una maggiore autonomia a partire dalla fine del XII secolo-inizio XIII secolo²⁰¹); regno d'Inghilterra e *Impero Plantageneto* (Galles, Normandia, Tours/Touraine); regno di Scozia; regno latino di Gerusalemme (o *Outremer* usando la definizione della storiografia francese²⁰²); penisola iberica, ossia contea/regno di Portogallo e regno di León-Castiglia. Un materiale così ricco offre enormi potenzialità di ricerca. In questa sede mi limiterò a indicare tre aspetti, a mio giudizio, potenzialmente innovativi.

3. PROSPETTIVE DI RICERCA

Il primo aspetto che vorrei sottolineare è quello della complessità dell'immagine di Maurizio «Burdino» nelle fonti coeve. Il suo profilo è completamente diverso da quello degli altri *antipapi* che apparvero all'inizio del XII secolo durante il pontificato di papa Pasquale II: Teodorico (1100-1101), Alberto (1101) e Maginulfo/Silvestro IV (1105-1111). Questi tre *antipapi* vengono menzionati, infatti, in una gamma molto più limitata di fonti come il *Liber Pontificalis* o gli *Annales Romani* e neppure l'interessante figura dell'*antipapa* Silvestro IV, la cui vicenda ebbe una eco internazionale come dimostrano le sue menzioni nell'opera dell'*Annalista Saxo* o negli annali *Annales Floreffenses* (monastero di Floreffe, diocesi di Liegi, attuale Belgio), può essere comparata a quella di Maurizio «Burdino» in termini di diffusione su scala europea²⁰³. Il fatto che Maurizio fosse percepito come un pericolo concreto da

¹⁹⁹ Per i confini meridionali del Patrimonio di San Pietro si veda CACIORGNA, 1997: 72-73.

²⁰⁰ Il caso delle fonti provenienti da Montecassino è estremamente complesso in quanto il monastero fu un punto fondamentale tanto per Roma quanto per il regno normanno. Ora, la soluzione più semplice sarebbe stata quella di includere le fonti di Montecassino nel gruppo del regno normanno di Sicilia, ma sarebbero rimasti comunque dei problemi. La data dell'integrazione di Montecassino nel regno normanno è stata a lungo dibattuta dagli studiosi e se questa fosse avvenuta verso il 1144 (dopo le Assise di Ariano) o più tardi dopo il Trattato di Benevento del 1156. Essendo quella gli anni quaranta la cronologia più accreditata per la stesura della parte di Cronaca di Pietro Diacono, abbiamo preferito inserire a parte le fonti cassinesi, non avendo dati cronologici del tutto affidabili. Si può obiettare, e con ragioni condivisibili, che gli *Annales Casinenses* avrebbero potuto essere inseriti nella sezione dedicata alle fonti dell'Italia meridionale, in quanto redatta nel XIII secolo, ma, come nel caso della *Vita Sancti Geraldii* presentato nell'Introduzione, ho preferito non frammentare eccessivamente le fonti e soprattutto mostrare come a Montecassino la memoria di Maurizio fosse preservata e trasmessa ancora un secolo dopo. Su questo tema si vedano Houben, 1989: 88-89; Avagliano, 1994: 169; Galdi, 2017.

²⁰¹ Iwaniczak, 2003: 1200-1212.

²⁰² Su questo tema rinvio al classico di Lognon, 1929.

²⁰³ *Vita Paschalis II* (Ed. Duchesne, 1892): 298; *Annales Romani*: 477-478; *Martini Oppaviensis. Chronicon*: 435. Si veda inoltre Cantarella, 1997: 53-57. Per una lista completa delle fonti relative agli *antipapi* Teodorico, Alberto e Maginulfo, rinvio a Jaffé, 1861: 519-521. Sulla biografia e le relative fonti internazionali riguardo a Maginulfo/Silvestro IV rinvio a Piazza, 2018d. Per Teodorico e Alberto si vedano i lavori di Piazza, 2000b e Piazza, 2000c.

e per Gelasio II e Callisto II sembra essere confermato da diverse fonti. Il monaco e biografo di Sant'Anselmo, Edmero di Canterbury, scrisse che alcuni vescovi nel regno d'Inghilterra decisero di sostenere Maurizio/Gregorio VIII al posto di Gelasio II, una situazione di divisione interna che si risolse soltanto quando il re Enrico I Beauclerc e l'arcivescovo di Canterbury appoggiarono Papa Callisto II²⁰⁴. Più tardi nel XIII secolo, il monaco di St. Albans, Ruggero di Wendover, non menzionò Maurizio «Burdino» come *antipapa*, bensì nella sua opera è Gelasio II ad essere definito come tale²⁰⁵. Credo che possa trattarsi di più di un semplice errore dell'autore; questo passaggio potrebbe essere interpretato come un riflesso sia della crisi politica tra Papato e Impero nel biennio 1118-1119, che della cattiva reputazione di Gelasio II fuori Roma al momento della sua elezione, come affermato anche nella vita del vescovo di Metz, Teogero, attribuita a Wolfger di Prüfening²⁰⁶.

Il problema rappresentato da Maurizio «Burdino» è confermato anche da un'altra fonte di area tedesca: il *Chronicon Regni* dell'*Annalista Saxo*. La fonte riporta, infatti, la notizia delle elezioni di alcuni nuovi vescovi nel regno di Germania. Secondo l'*Annalista Saxo*, uno di questi presuli, il vescovo di Magdeburgo, Rudgar di Veltheim, subito dopo la sua elezione si dichiarò dalla parte di Papa Callisto II affermando che avrebbe combattuto contro l'*eresia* dell'imperatore Enrico V e di Maurizio «Burdino»²⁰⁷. Questo passaggio sembra suggerire come Maurizio/Gregorio VIII era considerato dai sostenitori di papa Callisto II tra il 1118 e il 1119 come una delle principali questioni da risolvere e per questa ragione era necessario che non ci fossero ambiguità nell'ambiente episcopale tedesco nel sostegno a Guido di Vienne²⁰⁸. Tale necessità sembra ancora più evidente se un vescovo neoeletto dovesse giurare fedeltà alla causa callistina contro Enrico V e Maurizio, segnale, inoltre, che questa adesione immediata non doveva poi essere così scontata nel regno. Come vedremo tra pochissimo infatti, i sostenitori di Maurizio in Germania erano più numerosi che il solo vescovo di Augusta (Augsburg) Ermanno²⁰⁹. Sarebbe molto stimolante anche rivedere le principali cronotassi episcopali tedesche e inglesi per capire se le elezioni o le deposizioni dei vescovi di quegli anni, fossero dovute almeno in parte alle ripercussioni della crisi papale e imperiale degli anni 1118-1119 (come nel caso di

Annales Floreffienses: 623. Su questa fonte rinvio alla voce contenuta nel *Repertorium Geschichtsquellen des Deutschen Mittelalters* della Bayerische Akademie der Wissenschaften indicata nella bibliografia finale. Per questo paragrafo ho ripreso e ampliato RENZI, 2018a.

²⁰⁴ Edmero di Canterbury. *Historia Novorum in Anglia*: 294.

²⁰⁵ Roger of Wendover. *Chronica sive Flores Historiarum*: 194. «Scisma orta est Romae propter Gelasium antipapam. Anno Domini MCXVIII., defuncto papa Paschali, Gelasius antipapa anno uno successit». In un successivo passaggio (p. 196), Ruggero di Wendover definisce Gelasio come papa: «Quod, defuncto papa Gelasio, Calixtus successit».

²⁰⁶ STROLL, 2004: 51-52; *Vita Theogeri*: 470.

²⁰⁷ *Annalista Saxo. Chronicon Regni*: 564.

²⁰⁸ Su questi aspetti rinvio a SCHNEIDEMÜLLER, 1994: 195-222 e DENDORFER, 2008: 115-170.

²⁰⁹ DAVID, 1947: 497. *Uodascalus. De Eginone et Herimanno*: 435.

Adalberone IV di Metz) e/o se questa crisi fosse stata usata anche come giustificazione per risolvere affari interni di entrambi i regni non necessariamente legati a quanto stava accadendo a Roma²¹⁰. Sullo scandalo rappresentato da Maurizio «Burdino», le fonti del pontificato di Callisto II sono illuminanti. Sconfiggere e catturare Maurizio «Burdino» era così importante per il papa, che egli stesso diede una propria versione dei fatti in una lettera inviata ai vescovi delle Gallie nel 1121²¹¹. Allo stesso tempo, Callisto II decise di promuovere un ciclo di affreschi che rappresentavano la vittoria dei legittimi papi sugli *antipapi* e tra questi ultimi, naturalmente, c'era Maurizio «Burdino»²¹². La punizione esemplare e il programma iconografico promosso da Callisto II — che sopravvive parzialmente in alcuni schizzi del XVI secolo — doveva essere quindi fissato e trasmesso alle generazioni future²¹³. Come notato da M. Stroll, Sugerio, abate di Saint-Denis fece riferimento a questi affreschi rappresentanti il trionfo di Callisto II su Maurizio nella sua *Vita Ludovici Regis VI*²¹⁴. Nella *Pars Concilii Laterani*, come segnalato da F. Fita, M. Stroll e P. Henriët, per confermare la veridicità del racconto sulla vicenda di Maurizio «Burdino», narrata secondo la fonte da Rodrigo Jiménez de Rada durante il IV Concilio Lateranense del 1215, l'autore fa dire all'arcivescovo di Toledo che: «Se qualcuno degli astanti avesse dei dubbi su questa storia, alzi gli occhi e guardi sulle pareti e vedrà in segreto questa storia dipinta e raffigurata», confermando ancora una volta l'esistenza di queste immagini nel Laterano²¹⁵. Altre fonti hanno considerato Maurizio come un vero e proprio *modello* di *antipapa*²¹⁶. Questa particolare immagine dell'arcivescovo di Braga è contenuta ad esempio nel *De Investigatione Antichristi* di Gerhoh di Reichersberg. Nella fonte, l'autore associa l'arcivescovo di Braga a Wiberto/Clemente III, senza contare che Maurizio/Gregorio VIII è uno dei pochi *antipapi* menzionati dall'autore, insieme a Novaziano (251-258) e Pietro Pierleoni/Anacleto II (1130-1138)²¹⁷. Maurizio è considerato da Gerhoh di Reichersberg quasi allo stesso livello di Clemente III e Anacleto II, due degli *antipapi* più importanti del medioevo: di fatto Maurizio da un semplice ostacolo all'affermazione di Gelasio II e Callisto II si trasforma in una delle figure che nel corso della storia

²¹⁰ STROLL, 2004: 357-381.

²¹¹ STROLL, 2004: 330; JL 5041 (Sutri aprile 27 1121) = PL CLXIII, Calixti II papae ep., CXXXI, cols. 1205-1206.

²¹² STROLL, 1991: 20-21; SCHILLING, 1998: 589-603.

²¹³ STROLL, 1991: 17-39, 67-70 e 208-211. Su questo punto rinvio all'interessante saggio di YAWN, 2012: 175-205. Si veda GATTO, 2008: 487-504.

²¹⁴ Sugerio Abbate B. *Dionysii in Francia. Vita Ludovici Regis VI*: col. 1312 «Ad tantae ultionis memoriae conservationem in camera palatii sub pedibus domini pape conculcatum depinxerunt». Si veda STROLL, 1991: 25 e relativa nota a piè di pagina n.º 32.

²¹⁵ STROLL, 1991: 27 e 209. Nella *Pars Concilii Laterani* si può leggere: «Siquis astancium dubitat erigat oculos ad presenta loci parietes et occultum videbit huiusmodi istoriam picturam». Si veda *Pars Concilii Laterani*. In FITA, 1901: 190. Questa è la mia traduzione in italiano.

²¹⁶ RENZI, 2018a: 226 per la bibliografia sul tema.

²¹⁷ Gerhochus Reicherspergensis. *De investigatione Antichristi*: 354-355.

hanno meglio incarnato il ruolo del *nemico* della Chiesa romana²¹⁸. Infine, come ho già accennato, la trasmissione della memoria di Maurizio non si concluse nel XIII secolo, ma continuò fino alla fine del medioevo, come dimostra, ad esempio, il caso del *Trattato* scritto da Thomas Ebendorfer (†1464)²¹⁹. L'attenzione per l'arcivescovo di Braga mostra la necessità di (ri)studiare le fonti in una prospettiva comparata con gli altri *antipapi* dell'XI e del XII secolo, inserendo le nuove possibili ricerche su Maurizio «Burdino», nel filone di studi caratterizzato dal rinnovato interesse per gli *antipapi*, di cui un ottimo esempio sono i lavori di U. Longo e L. Yawn su Wiberto/Clemente III. Un contesto così complesso come quello presentato in questa introduzione, merita una revisione completa sia della carriera di Maurizio sia della costruzione della sua memoria²²⁰. Questi aspetti sono ancora più rilevanti, in quanto come si è detto, tra gli studiosi è possibile osservare la tendenza (criticata da M. Stroll) a considerare Maurizio «Burdino» solo come mero strumento dell'imperatore Enrico V²²¹. Questa relazione è perfettamente enunciata nell'espressione utilizzata da Ottone di Frisinga — «Burdinum Hispanum Romanae sedi violenter imposuit»²²² — o da quella «papam suum» contenuta nell'*Historia Mediolanensis* e nella *Vita Gelasii II* di Pandolfo d'Alatri²²³: «il suo papa», ossia il pontefice di Enrico V²²⁴. Queste descrizioni del ruolo dell'arcivescovo di Braga sono presenti in molte altre fonti tra cui Eccheardo d'Aura, gli *Annales Admutenses* o la *Chronica universalis mettensis*²²⁵. In queste fonti molto ostili a Maurizio, Gregorio VIII è rappresentato come una creatura, un *idolo* o un *simulacro* creato dall'imperatore, il *barbaro* Enrico V²²⁶, che poteva sbarazzarsi di Maurizio in qualsiasi momento, determinando il suo effimero successo come *antipapa* e la sua terribile caduta una volta che l'imperatore decise di cercare un accordo con Callisto II²²⁷. Tuttavia, P. David e P. Henriët hanno osservato come queste non fossero le uniche immagini di Maurizio/Gregorio VIII: esistevano rappresentazioni migliori e persino peggiori di lui²²⁸. La varietà di immagini di questo personaggio storico è di fatto impressionante. Maurizio acclamato dal *populus* romano al momento della sua elezione; l'astuto cacciatore di reliquie in Terra Santa e a Costantinopoli; l'uomo

²¹⁸ Gerhochus Reicherspergensis. *De investigatione Antichristi*: 354. Per una lista completa degli *antipapi* si veda CARPEGNA FALCONIERI, 2012: 121 e relativa nota a piè di pagina n.º 2.

²¹⁹ Thomas Ebendorfer. *Tractatus de Schismatibus*: 40.

²²⁰ LONGO & YAWN, 2012: 115-119. Si veda inoltre STROLL, 2011.

²²¹ STROLL, 1991: XIX.

²²² *Otonis episcopus Frisigensis. Chronica sive Historia de duabus civitatibus*: 330.

²²³ *Landolphus Iunior. Historia Mediolanensis*: 40; *Vita Gelasii II* (Ed. DUCHESNE, 1892): 312-313.

²²⁴ STROLL, 2004: 53-54.

²²⁵ Ekkehardus Uraugiensis. *Chronicon Universale*: 253; *Annales Admutenses*: 578; *Chronica universalis mettensis*: 515.

²²⁶ *Vita Gelasii II* (Ed. DUCHESNE, 1892): 314.

²²⁷ *Vita Gelasii II* (Ed. DUCHESNE, 1892): 315; Ekkehardus Uraugiensis. *Chronicon Universale*: 254; *Vita Theogeri*: 470; *Gesta regum anglorum*: 664; *Annales Hildesheimenses*: 64; *Annalista Saxo. Chronicon Regni*: 561; *Gesta episcoporum Halberstadensium*: 104; *Ex Vitae S. Bernardi. Liber II*: 101; *Historia Compostellana*, 1988: lib. II, cap. XIV, *De scismate et de reconciliatione Calixti Pape et Cluniacensis Abbatis*; RENZI, 2108a: 227.

²²⁸ DAVID, 1947: 487; HENRIËT, 2004: 305-306. Si veda inoltre STROLL, 2004: 53-57; VONES-LIEBENSTEIN, 2018: 146-147.

ambizioso, brillante e colto descritto da Guglielmo di Malmesbury; l'Anticristo (si pensi a quanto scrisse Ugo il Cantore o *Sottovagina*) e il Diavolo; il successore ideale di San Geraldo di Braga²²⁹.

La seconda prospettiva riguarda la possibilità di ristudiare le cronologie e le connessioni transnazionali delle fonti narrative che ci parlano di Maurizio «Burdino». Questa tipologia di studio applicata ai dati biografici dell'arcivescovo di Braga offre risultati molto affascinanti. Uno dei casi più rilevanti è lo stretto rapporto tra il *Chronicon* di Romualdo II Guarna, arcivescovo di Salerno — nel regno normanno dell'Italia meridionale — e il *De Rebus Hispanie* di Rodrigo Jiménez de Rada²³⁰. C. Erdmann e P. David avevano già segnalato i punti di contatto tra queste due opere e in questa sede cercheremo di sviluppare un'ulteriore analisi delle fonti e delle loro cronologie²³¹. L'analisi delle fonti mostra come Romualdo sia l'unico autore a fornire dati biografici molto precisi su Maurizio «Burdino» al di fuori della penisola iberica, dando in alcuni casi informazioni addirittura più dettagliate rispetto ad altre opere provenienti dall'*Hispania*. Nell'*Historia Compostellana*, ad esempio, ci sono molti passaggi dedicati all'arcivescovo di Braga Maurizio e alla sua esperienza a Roma come «Papa Wiberto»²³², ma sulla sua carriera viene menzionato soltanto il fatto che era stato vescovo di Coimbra²³³. Inoltre entrambe le fonti presentano un problema cronologico molto complesso, in quanto esse sono molto simili sia nella struttura che nei contenuti²³⁴. Romualdo morì nel 1181 e scrisse il suo *Chronicon* nell'ultima parte della sua vita²³⁵, mentre Rodrigo Jiménez de Rada completò il suo *De rebus Hispanie* verso il 1243 durante il regno di Fernando III di León-Castiglia (1217-1252)²³⁶. Nel racconto di Romualdo di Salerno, Maurizio «Burdino» assume una dimensione completamente diversa: non è più la creatura dell'imperatore Enrico V, ma un ecclesiastico con i suoi obiettivi e le sue strategie²³⁷.

Innanzitutto Romualdo afferma che il vero nome di Maurizio era «Burdino» e che lo cambiò soltanto quando divenne vescovo di Coimbra²³⁸. Le fonti forniscono, come abbiamo visto, almeno tre versioni dell'origine del soprannome di «Burdino», ma questa versione specifica sembra apparire solo in Romualdo nella seconda metà del XII

²²⁹ Landolphus Iuniore. *Historia Mediolanensis*: 41; *Historia Compostellana*, 1988: lib. I, cap. CXII, *Quando regina dedit caput beati Iacobo episcopo; Qualiter Tabula S. Basilii*, 1915: 296-207; *Gesta regum anglorum*: 664; *Teulfo et alii ejusdem loci monachi. Anno Domini MCXLVII. Mauriniacensis Monasterii Chronicon*: col. 142; *Sugerio Abbate B. Dionysii in Francia. Vita Ludovici Regis VI*: col. 1312; *Gerhochus Reicherspergensis. De investigatione Antichristi*: 335 e 338; *Vita Sancti Geraldi*: 56.

²³⁰ RENZI, 2018a: 227.

²³¹ ERDMANN, 1940: 13 e relativa nota a piè di pagina n.º 1 e DAVID, 1947: 460.

²³² Su questo aspetto si vedano MARTINS, 1957: 184 e FALQUE REY, 1994: 325.

²³³ *Historia Compostellana*, 1988: lib. I, cap. CXII, 196-197.

²³⁴ RENZI, 2018a: 228.

²³⁵ ZABBIA, 2002: 248-249; MATTHEW, 1981: 239-274.

²³⁶ GÓMEZ REDONDO, 1998: 162-164; CATALÁN, 2004: 74.

²³⁷ RENZI, 2018a: 228.

²³⁸ *Romoaldi II archiepiscopi Salernitani*: 416 «de qua postea assumptus fuit episcopus in civitate Conimbro, et imposuit sibi nomen Mauricius».

secolo²³⁹. Da dove aveva ricavato queste informazioni l'arcivescovo di Salerno? Come ha suggerito W. Arndt, Romualdo probabilmente ebbe accesso all'*Historia Mediolanensis* scritta da Landolfo di San Paolo o *Iuniore* intorno al 1136, quasi quarant'anni prima del *Chronicon* dell'arcivescovo di Salerno e un secolo prima dell'opera di Jiménez de Rada²⁴⁰. Anche se Landolfo non menziona a differenza del cronista salernitano l'occasione in cui avvenne il cambio di nome — Landolfo parla dell'ordinazione a vescovo di Maurizio senza specificare la sede episcopale di riferimento —, nell'opera del chierico milanese possiamo leggere che fu al tempo di Urbano II che Maurizio mutò il suo nome: «Meum nomem est Burdinus; set quando papa Urbanus ordinavit me episcopum, nominavit me Mauritium»²⁴¹. Tra le fonti del XII secolo l'opera di Landolfo sembra essere la prima e unica fonte a includere queste informazioni. Ad esempio, Edmero di Canterbury e Orderico Vitale chiamano Maurizio «Mauricium cognomento Burdinum o Burdinus»; Guglielmo di Malmesbury (proprio ad un suo passo si ispira il titolo del presente volume²⁴²) si riferisce all'arcivescovo di Braga come «Mauricium Bracarensem episcopum, cognomento Burdinum». Pietro Diacono nella Cronaca di Montecassino lo chiama «Mauricium», Ugo il Cantore «Burdinus archiepiscopum», mentre le *Gesta* dei vescovi di Verdun Maurizio appare come «Mauritium Burdinum»²⁴³. Il racconto di Rodrigo Jiménez de Rada in questo punto specifico è molto simile a quello di Romualdo Salernitano e quindi al passaggio di Landolfo *Iuniore*: «cum vocaretur Burdinus, factus episcopus fecit se Mauricium appellari»²⁴⁴. Landolfo era una fonte sia per Romualdo che per Rodrigo? Vi sono ulteriori somiglianze tra i due testi. Romualdo scrisse nel suo *Chronicon* che prima Maurizio fu arcidiacono a Toledo, in seguito si trasferì a Coimbra e successivamente divenne arcivescovo a Braga. Alla morte dell'arcivescovo di Toledo Bernardo di Sauvetat, Maurizio tentò di corrompere papa Pasquale II con una ingente somma di denaro per ottenere il titolo di arcivescovo di Toledo e di conseguenza la primazia sull'*Hispania*. Secondo Romualdo, Pasquale II accettò i soldi, ma alla fine non accordò la sede di Toledo a Maurizio. A quel punto, le sue frustrate aspirazioni furono il motivo per cui scelse di sostenere l'imperatore Enrico V: Maurizio «Burdino» voleva vendicarsi per l'umiliazione ricevuta²⁴⁵.

²³⁹ ERDMANN, 1940: 62-68; DAVID, 1947: 445-451.

²⁴⁰ *Romualdi II archiepiscopi Salernitani*: 416 e relativa nota n.° 64 e CHIESA, 2004.

²⁴¹ *Landolphus Iuniore. Historia Mediolanensis*: 40; ERDMANN, 1940: 9; VONES-LIEBENSTEIN, 2018: 139.

²⁴² *Gesta Regum Anglorum*: 667 «Quod ille Mauriti peritiam, tum in litteris tum in civilibus negotiis, magni pensaret. Erat is, ut dixi, Bracarensis archiepiscopus, quae est civitas Hispaniae». Per l'immagine di copertina invece abbiamo preso spunto dalle immagini pubblicate da SCHREINER, 1989: 157.

²⁴³ *Edmero di Canterbury. Historia Novorum in Anglia*: 247 e 294; *Ecclesiastical History*: 184; *Gesta Regum Anglorum*: 664; *Chronica monasterii Casinensis*: 525-527; *Historia ecclesiae Eboracensis (The History of the Church of York)*, ed. 1961): 84-85; *Laurentii gesta episcoporum virdunensium*: 505.

²⁴⁴ *Roderici Ximenii de Rada. De rebus Hispanie*: 226; VONES-LIEBENSTEIN, 2018: 139.

²⁴⁵ *Romualdi II archiepiscopi Salernitani*: 416-417; RENZI, 2018a: 229.

Questa tradizione è presente, con alcune differenze in Rodrigo Jiménez de Rada che è sempre stata considerata la fonte principale della vita di Maurizio insieme all'*Historia Compostellana* e alle biografie di San Geraldo di Moissac (predecessore di Maurizio nella sede di Braga) e Telo di Santa Cruz di Coimbra²⁴⁶. L'arcivescovo di Toledo aggiunse nel suo *De rebus Hispanie* rispetto a Romualdo che Maurizio arrivò nella penisola iberica da Limoges e che l'arcivescovo di Toledo Bernardo di Sauvetat era ancora vivo (questa è informazione assolutamente corretta, in quanto Bernardo morì verso il 1124/1125) quando Maurizio cercò di comprare la sua carica ecclesiastica²⁴⁷. La storia di Romualdo sulla simonia di «Burdino» potrebbe essere collegata al forte interesse dell'autore per la storia dei papi, alla tradizione negativa su Pasquale II e il suo rapporto con il denaro e alla conoscenza da parte dell'arcivescovo di Salerno dell'opera di Falcone Beneventano e del *Liber Pontificalis* come notato da M. Zabbia²⁴⁸. L'immagine costruita da Romualdo di Salerno offre un ritratto di Maurizio molto più complesso di quelli inseriti nella *Vitae* di Pasquale II, Gelasio II o di Callisto II scritti da Pandolfo negli anni dello scisma anacletiano o nelle biografie papali del cardinale di Santa Pudenziana Boso nel terzo quarto del XII secolo²⁴⁹. In queste opere, infatti, Maurizio è definito soltanto come l'arcivescovo di Braga²⁵⁰. Inoltre, nelle lettere papali del periodo 1099-1121, non è possibile rintracciare un singolo riferimento sul passato di Maurizio così come riportato da Romualdo di Salerno²⁵¹. Allo stato attuale della ricerca, è possibile concludere che le fonti di Romualdo su Maurizio non provenissero, o almeno non tutte, da Roma o dall'ambiente papale²⁵². È probabile anche che Romualdo possa aver avuto accesso a un'altra tradizione locale. Il monastero della Santissima Trinità di Cava de' Tirreni, dove Maurizio fu imprigionato, non è lontano da Salerno (meno di venti chilometri) e proprio presso questo cenobio Romualdo potrebbe aver avuto accesso ad ulteriori informazioni sull'*antipapa* Gregorio VIII²⁵³. Inoltre, l'interesse e la buona conoscenza di Romualdo degli affari iberici non è affatto singolare. Romualdo era stato arcivescovo di Salerno e legato del

²⁴⁶ Su questo tema si veda NOBRE VELOSO, 2006.

²⁴⁷ *Roderici Ximenii de Rada. De rebus Hispanie*: 226-227. Lo schema narrativo di Jiménez de Rada è presente anche in BALUZE, 1761: 140-141 e BARONIO, 1869: 195. Una delle prospettive di ricerca più interessanti è capire perché in Rodrigo Jiménez de Rada, e successivamente nella *Pars Concilii Laterani*, Callisto II è chiamato papa Alessandro II e Enrico V, imperatore Ottone. Si vedano *Pars Concilii Laterani*. In FITA, 1901 e HENRIET, 2004: 303-304. Sulla data della morte di Bernardo de Sauvetat, rinvio a RIVERA RECIO, 1962.

²⁴⁸ ZABBIA, 2002: 249-250. Si veda inoltre CANTARELLA, 2014a.

²⁴⁹ Per la bibliografia su queste fonti rinvio al mio RENZI, 2019a: 284-287.

²⁵⁰ *Vita Paschalis II* (Ed. DUCHESNE, 1892): 304; *Vita Gelasii II* (Ed. DUCHESNE, 1892): 314; *Calixti II*: 319; *Boso. Vita Gelasii II*: 376.

²⁵¹ Per la lista delle lettere papali si veda RENZI, 2018a: 230.

²⁵² RENZI, 2018a: 230.

²⁵³ Per le relazioni tra Cava e Salerno si veda DRELL, 2002: 104 e seguenti. Rinvio inoltre al sito web sulle carte dell'abbazia di Cava coordinato G. Loud e K. Fenton. Disponibile in <<http://swcava.com/>>. [Consultazione realizzata on-line il 30/08/2019]. Ci riserviamo la consultazione e lo studio di queste fonti edite per futuri lavori su Maurizio, in quanto non sono riuscito ad avere accesso al database prima della conclusione del volume.

regno normanno dell'Italia meridionale, quando la moglie del re di Sicilia Guglielmo I (†1166) era Margherita di Navarra, figlia del re García IV Ramírez (†1150). Anche il fratello di Margherita, Rodrigo o Enrico Garcés conte di Montescaglioso fu attivo in Sicilia durante la reggenza della regina (1166-1171), senza contare che lo stesso re Guglielmo I era figlio di Ruggero II e di Elvira, figlia di Alfonso VI di León-Castiglia e di Zaida²⁵⁴. Questa rete di relazioni andava oltre le politiche matrimoniali. Nel 2013, infatti, Fernando López Alsina ha ricordato come il medico personale dell'arcivescovo di Compostela Diego Gelmírez fosse Roberto di Salerno²⁵⁵, una scelta di certo non casuale dato che proprio Salerno era la sede della prestigiosa *schola medica*²⁵⁶. Anche se questo episodio non riguarda direttamente Maurizio «Burdino», dimostra che, almeno in Galizia, c'erano collegamenti non solo con le grandi potenze commerciali e navali di Genova e Pisa, ma anche con l'Italia meridionale²⁵⁷. Tutti questi contatti tra la penisola iberica e il Regno di Sicilia potevano costituire un canale informativo utile a Romualdo per conoscere la situazione politica ed ecclesiastica ispanica²⁵⁸, così come Rodrigo Jiménez de Rada poteva conoscere molti dettagli della vita di Maurizio conservati nella memoria della sede toledana dove secondo le fonti, come abbiamo visto, l'arcivescovo di Braga aveva iniziato la sua carriera ecclesiastica²⁵⁹. Qual è dunque la relazione tra questi testi? Romualdo era una fonte per Jiménez de Rada? In che modo l'opera di Romualdo arrivò da Salerno a Toledo nel XIII secolo? O entrambi gli autori fanno riferimento a una terza tradizione, come suggerito da P. David²⁶⁰? In questo caso lo studio della circolazione dei testi su scala europea nel XII secolo è una prospettiva di ricerca molto promettente, soprattutto se si considera il fatto che il *De Rebus Hispanie* mostra somiglianze anche con altre opere come quella di Ottone di Frisinga proveniente dal regno di Germania²⁶¹.

La terza prospettiva di ricerca che mi sembra particolarmente rilevante e che potrebbe essere estesa anche ad altri *antipapi* in uno studio comparato di nuovo per l'XI e il XII secolo, consiste nella discrepanza tra l'immagine fornita dalle lettere di Gelasio II e la presenza di Maurizio «Burdino» a Roma come Gregorio VIII. In

²⁵⁴ Si vedano HOUBEN, 2002: 108 e seguenti; ENZESBERGER, 2002: 139-140; CANTARELLA, 2011: 91-120; BARTON & FLETCHER, 2000: 87; MCDOUGALL, 2017: 262-263; CANTARELLA, 2020.

²⁵⁵ LÓPEZ ALSINA, 2013: 373.

²⁵⁶ D'ANGELO, 2005.

²⁵⁷ LÓPEZ ALSINA, 2012: 194-195.

²⁵⁸ Sul contesto generale di queste relazioni rinvio a WIERUSZOWSKI, 1971 e TRAMONTANA, 2000.

²⁵⁹ RIVERA RECIO, 1962: 177-179; LOMAX, 1977: 587-592; HENRIET, 2004: 291-318.

²⁶⁰ DAVID, 1947: 460.

²⁶¹ È interessante notare come entrambe le fonti riportino l'esistenza di un'iscrizione a Roma «Ecce Calixtus, honor patrie, decus imperiale, nequam Burdinum dampnat pacemque reformat». Si veda su questo punto STROLL, 1991: 27. Ottone di Frisinga da una generica indicazione della sua presenza a Roma, invece secondo Jiménez de Rada l'iscrizione era in Laterano. Si veda il *Roderici Ximenii de Rada. De rebus Hispanie: 226-227* e *Otonis episcopus Frisigensis. Chronica sive Historia de duabus civitatibus: 332*. Sulle relazioni tra la penisola iberica e Impero rinvio a MEYER, 1998: 30-35; PAGANI, 2004: 475-482; ESTEPA DÍEZ, 2002: 87-100; LÓPEZ MAYÁN, 2016: 289-307. In queste prime due parti ho ripreso e ampliato il mio RENZI, 2018a.

due lettere del 1118 indirizzate ai vescovi della Gallia e al cardinale legato Cuno di Preneste, il papa insisteva sul fatto che a Roma nessuno del clero si era prestato all'ignominiosa elezione di Maurizio con sole tre eccezioni: Romano di San Marcello, Cencio di San Crisogono e Teuzo²⁶². Chi erano questi uomini? Il primo indizio è proprio lo stesso Gelasio II a darcelo, chiamando i tre personaggi con l'appellativo di «wibertini»: erano stati sostenitori di Wiberto/Clemente III? Romano di San Marcello appare in un documento del 1118 di Maurizio/Gregorio VIII come *praepositus* della Chiesa di San Marcello in *via Lata* (o al Corso) e cardinale della chiesa di San Marco di Roma²⁶³. Romano era pertanto il cardinale o lo *pseudo-cardinale*, se lo vediamo dalla prospettiva di Gelasio II e Callisto II, concorrente del cardinale Bonifacio schierato a favore di Gelasio II²⁶⁴. Romano era un personaggio di lungo corso della Chiesa romana. Egli appare nelle fonti sin dal 1075, dal pontificato di Gregorio VII, oltre a far parte del gruppo di ecclesiastici — tra i quali c'era anche Alberto vescovo di Silva Candida che pochi anni dopo sarà eletto papa in opposizione a Pasquale II — che aveva appoggiato Wiberto/Clemente III nel 1098²⁶⁵. Romano aveva sostenuto anche un altro *antipapa*, Maginulfo-Silvestro IV, (eletto con il supporto del marchese imperiale di Ancona Guarniero o Werner), arciprete di Sant'Angelo in Pescheria, appoggiato da parte del clero e dell'aristocrazia urbana romana sempre contro Pasquale II²⁶⁶. Il caso di Maginulfo/Silvestro IV è interessantissimo — si pensi allo spazio concessogli e alle informazioni dettagliate fornite dagli *Annales Romani* compresa la lista dei suoi sostenitori a Roma²⁶⁷ — e meriterebbe uno studio a parte. Mi limito soltanto a far notare, sulla scia degli studi di T. di Carpegna Falconieri, come questo ecclesiastico, un arciprete, sia la spia della grande trasformazione interna alla Chiesa e della frattura progressiva, fino alla sua separazione giuridica nel 1143, tra il clero della città di Roma e il gruppo dei cardinali (vescovi, preti e diaconi²⁶⁸) sempre più internazionale a partire dal 1046 con l'intervento dell'imperatore Enrico III e l'azione dei papi della *Reichskirche*, su tutti Leone IX (1049-1054)²⁶⁹. Seppur con posizioni spesso divergenti al proprio interno, il gruppo dei cardinali aveva cercato di consolidare il proprio ruolo di elettori del papa escludendo sempre di

²⁶² JL 4884 (Gaeta 1118 marzo 16) = PL CLXIII, Gelasii II papae ep., IV, col. 489 e JL 4891 (Capua 1118 aprile 13) = PL CLXIII, Gelasii II papae ep., IX, cols. 492-493. Sui documenti a Roma STROLL, 2004: 55, cita la tesi di dottorato di M. Stoller, nella quale l'autore analizza i documenti del pontificato di Maurizio «Burdino». Purtroppo non sono riuscito a procurarmi questo lavoro, ma lo segnalo comunque: STOLLER, 1985: 145-162. Mi riservo di consultare questa tesi per le pubblicazioni future.

²⁶³ *Monumenta Ordinis Servorum Sanctae Mariae*: 199-200. Sulla chiesa di San Marcello si veda VETERE, 2015: 19-22, per San Marco si veda TANI, 1922: 143-150.

²⁶⁴ HÜLS, 1977: 186-187.

²⁶⁵ HÜLS, 1977: 186.

²⁶⁶ Su Maginulfo/Silvestro IV si vedano LAUDAGE, 2012 e PIAZZA, 2018c.

²⁶⁷ *Annales Romani*: 477.

²⁶⁸ PARAVICINI BAGLIANI, 2013: 10-19; ROBINSON, 1990: 63; STROLL, 1997: 91-92.

²⁶⁹ CANTARELLA *et al.*, 2001: 33 e seguenti.

più, *de facto*, il clero della città di Roma²⁷⁰. L'arciprete a cavallo tra XI e XII secolo, si era trasformato nel vero e proprio amministratore delle chiese titolari di Roma, entrando spesso in competizione con lo stesso cardinale (che delle chiese titolari era ancora il responsabile formalmente), la cui figura, come ha osservato sempre T. di Carpegna Falconieri, nell'alto medioevo praticamente coincideva con quella che noi oggi chiameremmo del parroco²⁷¹. Pertanto, non si può capire la parabola di Maurizio «Burdino», così come quella degli altri *antipapi* pieno-medievali, se non cogliamo tutte queste sfumature, reti di relazioni, cambiamenti e contraddizioni interne alla Chiesa e al mondo romano. In altre parole non tutti gli ecclesiastici erano *riformisti*; non tutti gli ecclesiastici e i papi erano *gregoriani*: questi sono stereotipi storiografici che nulla hanno a che vedere con le fonti che ci presentano una realtà infinitamente più variegata (e perché no, divertente intellettualmente) dei modelli univoci e rigidi proposti ancora oggi da molti studiosi²⁷². Il clero romano come hanno ricordato I. S. Robinson e M. Stroll, anche quello che appoggiava Callisto II, era diviso al suo interno sull'atteggiamento da tenere con l'imperatore Enrico V nel contesto della Lotta per le Investiture e forse, proprio questi attriti (si pensi anche solo alla competizione tra la basilica di San Pietro e la cattedrale di Roma il Laterano²⁷³) permisero inizialmente a Enrico V e Maurizio «Burdino» di costruire un proprio consenso a Roma²⁷⁴. Si veda il caso di Cencio di San Crisogono. Di questa persona non sappiamo quasi nulla, ma a Roma nella chiesa di San Crisogono, a Trastevere non lontano dalla basilica di San Pietro, era stato per lungo tempo cardinale Pietro, *notarius, cancellarius* e *bibliothecarius* della Chiesa romana già al tempo di papa Alessandro II (Anselmo da Baggio, 1061-1073)²⁷⁵. Pietro aveva un passato molto particolare, perché era uno dei non pochi ecclesiastici romani che nel 1084 abbandonò papa Gregorio VII per appoggiare la causa di Enrico IV e Clemente III²⁷⁶. Nella chiesa di san Crisogono, c'era quindi una tradizione *wibertina* e filo-imperiale — non è un caso, dunque, che uno dei sostenitori di Maurizio venisse proprio da quel punto specifico —, così come non è una coincidenza la somiglianza tra alcune formule contenute nei documenti di Wiberto/Clemente III e Maurizio/Gregorio VIII che privilegiarono a distanza di quasi trent'anni le stesse istituzioni romane²⁷⁷. È probabile che Cencio potesse aver approfittato dell'arrivo di Enrico V e l'elezione di Maurizio «Burdino» per cercare

²⁷⁰ CARPEGNA FALCONIERI, 2002: 67-98; PARAVICINI BAGLIANI, 2013: 27-29 89-92, 95-97, 108-112 e 117-118. Sulla struttura del clero cardinalizio si veda inoltre MALECZEK, 2009: 331-372.

²⁷¹ CARPEGNA FALCONIERI, 1999: 86.

²⁷² Su questo tema e la critica all'idea di *Riforma Gregoriana* si veda CANTARELLA, 2018; RENZI & VENEZIANI, 2020.

²⁷³ CARPEGNA FALCONIERI, 2002: 58-59; JOHRENDT, 2012: 21-29.

²⁷⁴ ROBINSON, 1990: 35-36 e 63; STROLL, 1997: 154-174 e 198-202.

²⁷⁵ HÜLS, 1977: 170.

²⁷⁶ HÜLS, 1977: 170-172.

²⁷⁷ Rinvio su questo punto a RENZI, 2018a: 233.

di controllare questa importante chiesa di Trastevere, non lontano da San Pietro, e opporsi al cardinale filo-gelasiano e filo-callistino Giovanni da Crema²⁷⁸.

Ancora più complesso è il caso di Teuzo sul quale gli studiosi hanno fornito interpretazioni completamente divergenti. Secondo R. Hüls, Teuzo era un monaco vicino a Gregorio VII fino al 1083-1084, quando passò dalla parte di Wiberto/Clemente III. Teuzo sarebbe stato, inoltre, legato nel regno di Ungheria nel 1091 presso il re Ladislao I per conto dell'*antipapa*²⁷⁹. Recentemente G. Kiss ha proposto una nuova interpretazione della figura di Teuzo. Per lo studioso, infatti, esistevano almeno due ecclesiastici di nome Teuzo. Uno dei due Teuzo era il cardinale dei SS. Giovanni e Paolo, uomo di fiducia di Gregorio VII, Urbano II e Pasquale II e legato in Francia, Inghilterra e Ungheria. Un secondo Teuzo, sarebbe invece il sostenitore di Wiberto che appare soltanto nelle lettere di Gelasio II del 1118²⁸⁰. Tuttavia, Gelasio II nella sua corrispondenza affermò chiaramente che Teuzo «aveva imperversato per molto tempo in Dacia»²⁸¹. Il termine Dacia potrebbe indicare sia la Danimarca medievale, che l'antica provincia romana che comprendeva parte dell'attuale Romania (più precisamente la Transilvania) e dell'Ungheria orientale, aree entrambe nel Regno di Ladislao I alla fine dell'XI secolo²⁸². Se il termine Dacia in questo caso si riferisse ai territori di Romania e Ungheria, Rudolf Hüls avrebbe ragione: Teuzo era il legato *wibertino* in Ungheria alla fine dell'XI secolo. Altre ricerche hanno indicato un cardinale Teuzo attivo in Danimarca per conto di Wiberto/Clemente III, anche se non tutti gli studiosi concordano con la traduzione di *Dacia*/Danimarca per la lettera di Gelasio II²⁸³. Gelasio II come ex-cancelliere papale per quasi trent'anni doveva sapere molto bene chi era Teuzo. Probabilmente erano uomini della stessa età se guardiamo alle loro carriere. L'indicazione della *Dacia* è geograficamente ambigua per noi, ma rende Teuzo molto probabilmente più di uno sconosciuto sostenitore di Wiberto/Clemente III apparso solo nel 1118²⁸⁴. Come si può vedere è stato sufficiente un solo dettaglio contenuto in una delle lettere di Gelasio II per aprire letteralmente un mondo, quella della Roma di fine XI e inizio XII secolo²⁸⁵.

Per ragioni di spazio non posso approfondire la questione ulteriormente, mi riservo di farlo in una prossima pubblicazione, ma le fonti offrono ancora enormi

²⁷⁸ Si veda la cronologia proposta da HÜLS, 1977: 176-178.

²⁷⁹ HÜLS, 1977: 178.

²⁸⁰ Un terzo Teuzo sarebbe il cardinale di San Giorgio in Velabro, ma G. Kiss esclude che possa essere il Teuzo menzionato da Gelasio II. Si veda KISS, 2009: 29-39. Si veda inoltre KOSZTOLNYIK, 1977: 33-47.

²⁸¹ «Teuto qui per multo per Daciam debacchatus est tempore» JL 4884 (Gaeta 1118 marzo 16) = PL CLXIII, Gelasii II papae ep., IV, col. 489.

²⁸² CANOSA, 2009: 43-56; HIATT, 2010: 21; SZENDE & VÉGH, 2015: 256.

²⁸³ Su questo punto si veda la sintesi di PALUDAN, 1966-1967. Rinvio anche a NYBERG, 1985: 362-363 in particolare.

²⁸⁴ PALUDAN, 1966-1967.

²⁸⁵ Si veda il volume di WICKHAM, 2014 e MAIRE VIGUEUR, 2011.

marginari di studio e ricerca. Dai documenti e dalle fonti narrative a disposizione possiamo vedere come la basilica di San Pietro in Vaticano fu per Maurizio il luogo della sua elezione alla presenza di Enrico V e del maestro di diritto Irnerio²⁸⁶ e, così come per altri *antipapi*, un punto di riferimento e supporto importantissimo²⁸⁷. Inoltre, almeno nei primi mesi del suo pontificato probabilmente Maurizio riuscì a controllare o avere appoggi anche in San Giovanni in Laterano, la cattedrale di Roma, così come era accaduto anche per Maginulfo/Silvestro IV²⁸⁸. Di Maurizio conosciamo anche il nome del notaio che redigeva i suoi documenti: *Petrus*, Pietro. Rintracciare questo notaio è un'operazione difficile in quanto *Pietro* era uno dei nomi più diffusi nella Roma medievale²⁸⁹. Notai con questo nome e qualificati come *scrinarius* o *notarius sancte Romane Ecclesie* appaiono negli anni immediatamente precedenti o nei mesi successivi al pontificato di Gregorio VIII²⁹⁰. In uno dei documenti superstiti di Maurizio/Gregorio VIII compare però un cancelliere Pietro definito anche «abate»²⁹¹. A Roma in quegli anni c'era almeno un abate Pietro del monastero di San Silvestro *in Capite* e un Pietro *prior et rector* nel monastero dei SS. Cosma e Damiano *in Mica Aurea*²⁹². Il cancelliere Pietro può essere identificato con uno di questi due monaci? Entrambi all'inizio del 1119 sottoscrissero insieme con altri ecclesiastici romani una dichiarazione in favore di Callisto II²⁹³. Secondo L. Duchesne si trattava di uomini che stavano passando dal lato di papa Callisto II, dopo aver appoggiato Maurizio/Gregorio VIII; vista la precedente esperienza di Gregorio VII e Wiberto/Clemente III non sarebbe impensabile un passaggio da una fazione all'altra, ma solo nuove ricerche sul clero della città di Roma di inizio XII secolo potranno aiutarci a rispondere a queste domande²⁹⁴.

Maurizio poteva contare anche su alleati *laici* dalla famiglia Frangipane — che controllava la zona tra il Colosseo, il Circo Massimo e il Settizonio — e probabilmente anche su Berardo di Farfa e Tolomeo dei Tuscolani che nella *Vita* di Pasquale II sono chiaramente indicati come nemici del papa ed alleati di Enrico V²⁹⁵. Maurizio «Burdino» almeno nella prima fase del suo pontificato, non doveva essere poi così isolato a Roma e nel Lazio e riuscì a rimanere nell'Urbe — se si vede bene Maurizio

²⁸⁶ *Landolphus Iunior. Historia Mediolanensis*: 40. Su Irnerio considerato dalla traduzione il fondatore della scuola di Bologna alla fine dell'XI secolo si veda CORTESE, 2004: 81-82 e la nota relativa nella sezione Fonti. Si veda inoltre JOHRENDT, 2013: 182.

²⁸⁷ JOHRENDT, 2012: 21-29.

²⁸⁸ *Annales Romani*: 477-478. Su Guarniero I si veda LEONHARD, 1992: 24-29 e 295-298.

²⁸⁹ Sull'onomastica romana si veda CARPEGNA FALCONIERI, 1995: 527. Si veda *Monumenta onomastica Romana*, III.

²⁹⁰ SCHIAPARELLI, 1902: doc. 8; FEDELE, 1905: docs. XIII e XIV.

²⁹¹ BALUZE, 1761: 144-145 «Data Romae in porticu Sancti Petri, per manu Petri abbatis atque cancellarii sanctae Romanae ecclesiae».

²⁹² MARTÈNE & DURAND, 1724: 647-649; CARPEGNA FALCONIERI, 2002: 61 e relativa nota n.° 53.

²⁹³ MARTÈNE & DURAND, 1724: 648. Si veda su questo punto ROBERT, 1891: 48-49.

²⁹⁴ DUCHESNE, 1892: 324 e relativa nota n.° 4.

²⁹⁵ Sui Frangipane si veda THUMSER, 1991; WICKHAM, 2014: 230, 293-294 e *Vita Paschalis II* (Ed. DUCHESNE, 1892): 303.

aveva di fatto sostenitori su entrambe le sponde del Tevere — per un periodo non così breve come potrebbe apparire; si pensi anche solo al caso di papa Alessandro III (1159-1181) che dovette vivere per ben dieci anni in esilio da Roma²⁹⁶. Inoltre, non va mai dimenticata una cosa importantissima: Maurizio «Burdino» era un vero e proprio *outsider*. A differenza di altri *antipapi* dell’XI e del XII secolo, l’arcivescovo di Braga non era stato un membro del clero urbano di Roma come Maginulfo/Silvestro IV; non era un membro del *collegium* cardinalizio come Pietro Pierleoni (Anacleto II) cardinal-diacono dei SS. Cosma e Damiano e poi cardinale-prete di S. Callisto (S. Maria in Trastevere), né tantomeno un uomo legato al Regno di Germania e al sistema della *Reichskirche* come Wiberto, arcivescovo di Ravenna (1072-1080) e cancelliere imperiale del *Regnum Italiae* probabilmente già dal 1057²⁹⁷, sede operativa degli imperatori in Italia sin dal tempo degli Ottoni nel X secolo²⁹⁸. Un dettaglio, quest’ultimo, che rende la sua esperienza ancora più straordinaria. Infine, Maurizio aveva alcuni alleati anche fuori dall’Urbe²⁹⁹. Osservando la lista dei vescovi scomunicati da Callisto II a Reims nell’ottobre del 1119, sostenitori di Enrico V e quindi anche del suo *antipapa* come ha osservato G. Mazzanti, si può notare come (seppur in numero minore rispetto ai fautori di Callisto II) essi provenissero da varie aree europee. Dalla penisola iberica (Huesca) all’Italia settentrionale (Ravenna, Treviso/Feltre, Bressanone), fino al regno di Germania (Augusta, Worms, Eichstätt, Osnabrück e forse anche Treviri, almeno nel 1118³⁰⁰) e alle città imperiali di Strasburgo e Metz, senza contare le fonti del regno d’Inghilterra che come abbiamo visto menzionavano la spaccatura interna all’episcopato locale tra Gelasio II e Gregorio VIII³⁰¹. A poco a poco si delinea un quadro più sfumato e complesso di quello offerto dalla tradizione storiografica. Del resto di Maurizio si doveva ricordare soltanto una cosa per Callisto II: la sua sconfitta comunicata per iscritto, attraverso gli affreschi del Laterano e le altre rappresentazioni artistiche sparse per l’Europa (la sua dannazione eterna sarebbe rappresentata ad esempio nel timpano di Sainte-Foy di Conques secondo L. Rigueiro

²⁹⁶ BREZZI & PIAZZA, 2000.

²⁹⁷ RUSCONI, 2009: 484; VASINA & SUSINI, 1933: 179-181.

²⁹⁸ GADY, 1959; CANTARELLA, 2014a: 388-389. Su Ravenna rinvio a CANTARELLA *et al.*, 2001: 26.

²⁹⁹ STROLL, 2004: 313.

³⁰⁰ MAZZANTI, 1999: 121; BOSHOF, 1992: 82. Come riporta puntualmente il Boshof non tutti gli storici concordano sul fatto che la lettera del vescovo Bruno di Treviri in difesa di Maurizio «Burdino» si possa considerare come autentica. Su questo aspetto si veda inoltre MEYER VON KRONAU, 1909: 71.

³⁰¹ MAZZANTI, 1999: 121; STROLL, 2004: 55. Per l’edizione della lista degli scomunicati a Reims si vedano inoltre HOLTZMANN, 1935: 318-319 e DOLCINI, 1987: 17-27. Si veda il caso di Edmero di Canterbury «Dum haec ecclesiastica ita in Burgundia disponuntur, apostalatus Romane ecclesie praefato Gregorio sedi Beati Petri presidente administratur. Super his ergo multis rumoribus Anglia concussa est, aliis hunc, aliis illum, aliis neutrum aecclesiae Dei iure prelatum asserentibus». *Edmero di Canterbury. Historia Novorum in Anglia*: 248. Nel caso di Ravenna si trattava dell’arcivescovo e cancelliere imperiale eletto in opposizione a Gualtiero (BRESSLAU, 1998: 422), mentre nel caso di Metz si trattava del vescovo Adalberone IV deposto in favore di Teogero (MÜLLER, 2006: 119). Si veda MAZZANTI, 1999: 121-122 e la relativa bibliografia per l’identificazione dei personaggi. Si veda inoltre CONDORELLI, 2020.

García), mentre tutto il resto doveva essere cancellato³⁰². La *damnatio memoriae* dell'attività dell'«heresiarcha» Maurizio era ancora così importante per Callisto II che al I Concilio Lateranense (marzo/aprile 1123), due anni dopo la cattura di Maurizio a Sutri (aprile 1121) e circa sei mesi dopo il Concordato di Worms (settembre 1122) tra il papa ed Enrico V, ancora un canone del concilio (il quinto) era espressamente dedicato ad annullare tutte le ordinazioni fatte da «Burdino» dopo la sua condanna³⁰³. Davvero niente male, per un personaggio considerato come secondario da buona parte della storiografia contemporanea...

4. CONCLUSIONI

In conclusione, in questa breve introduzione sulla figura di Maurizio «Burdino» abbiamo cercato di mostrare tutta la ricchezza e la complessità di questo ecclesiastico medievale. Dell'arcivescovo di Braga, come abbiamo visto, esistono tante descrizioni e tante identità diverse che permettono di poter affrontare tutta una serie di problemi storici dei secoli XI-XII che offrono ancora grandi margini di ricerca per conoscere il mondo medievale e anche la progressiva costruzione di uno spazio politico, religioso e culturale internazionale europeo. Penso ad esempio alle difficoltà connesse all'interpretazione del *Decretum in electione papae* del 1059 nell'elezione del papa e agli equilibri romani che potevano influenzare questo processo; al conflitto e la collaborazione tra i Papi e gli imperatori/re di Germania a cavallo tra XI e XII secolo; alla circolazione internazionale degli ecclesiastici nell'Europa medievale; alle relazioni tra Roma e la penisola iberica dalla seconda metà dell'XI secolo; alla ricerca e al *traffico* — ci si perdoni il termine poco ortodosso — di reliquie e pellegrinaggi dalla Spagna e dal Portogallo in Terra Santa. Una ricchezza di problemi storici che merita una nuova attenzione storiografica e questo volume è stato pensato proprio con la speranza e con l'augurio di poter dare un piccolo, ma valido contributo allo studio del Portogallo medievale nella sua dimensione internazionale ed europea³⁰⁴.

³⁰² RIGUEIRO GARCÍA, 2016: 204-205. Si veda inoltre SÉGURET, 1997: 37-38 e 116. Conques si trova a circa centottanta chilometri a sud di Uzerche, in Occitania, altro elemento che potrebbe confermare che proprio quella era la zona di origine di Maurizio. STROLL, 1991: in particolare 36 e seguenti; STROLL, 2004: 417-420.

³⁰³ Per il termine *heresiarcha* si veda *Chronica monasterii Casinensis*: 527; RENZI, 2018a: 213. Si vedano ROBERT, 1891: 165; STROLL, 2004: 52-57 e 329-337; *Constitutiones et acta*: 575 per il testo del Concilio.

³⁰⁴ Nelle conclusioni ho ripreso il mio RENZI, 2018a: 234-235. Per i contatti tra Italia e penisola iberica nel periodo basso medievale, rinvio a BALESTRACCI, 2001: 25-48.

FONTI*

* Ringrazio i Professori G. M. Cantarella, L. C. Amaral e i Dottori E. Veneziani, A. Mariani, E. Lombardo e L. Leal per l'aiuto nella revisione delle traduzioni.

NOTA EDITORIALE: Segnalo in questa nota iniziale che tutte le informazioni contenute nelle schede bibliografiche e in particolare nelle sezioni *Autore e Opera* sono delle sintesi basate interamente sulle opere e i repertori cartacei o on-line indicati puntualmente per ogni fonte nelle sezioni *Edizioni/Traduzioni principali* (utilizzate anche per le traduzioni in italiano e in portoghese qui proposte) e *Bibliografia essenziale*. Per questa ragione, oltreché per questioni di spazio, i riferimenti bibliografici non sono stati ripetuti ogni volta in nota, salvo alcune eccezioni puntualmente segnalate a piè di pagina. Le traduzioni in portoghese seguono l'accordo ortografico del 1990.

ITALIA

Italia Comunale

1) *Landolphus Iunioris. Historia Mediolanensis ab anno MXCV usque ad annum MCXXXVII*. Ed. Ludwig Bethmann, Philipp Jaffé (MGH, Scriptores, XX). Hannover: Imperialis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1868, p. 40-42.

Nota biografica: Landolfo di San Paolo o *Iunioris*, epiteto utilizzato per distinguerlo da un altro cronista milanese vissuto a cavallo tra XI e XII secolo, Landolfo *Senior*¹, fu un chierico milanese della chiesa di San Paolo in Compito. Nato attorno al 1077, Landolfo aveva il grado di *acolutus*, il livello più alto degli ordini minori della Chiesa milanese. Landolfo era nipote di Liprando, un chierico che nella seconda metà dell'XI secolo appoggiò la *Pataria* milanese e sposò posizioni filogregoriane per poi convertirsi in un difensore dell'autonomia ambrosiana rispetto alle ingerenze di Roma. Landolfo viaggiò e studiò in Francia e rimase nella chiesa di San Paolo fino al 1112-1113, quando fu espulso in favore di Nazario Muricola. Landolfo tentò per oltre vent'anni, senza successo, di riprendere il suo posto nella chiesa di San Paolo cercando anche l'appoggio degli imperatori Enrico V e Lotario III. Ebbe un rapporto conflittuale con l'arcivescovo di Milano Giordano ed ebbe contatti con il papato in particolare con Pasquale II, Gelasio II e Callisto II. Nonostante i buoni rapporti con l'arcivescovo di Milano Olrico da Corte, Landolfo rimase comunque isolato all'interno del clero milanese fino all'elezione di Anselmo della Pusterla che fece di Landolfo il suo cappellano e consigliere e al quale affidò incarichi diplomatici. Landolfo morì dopo il 1137.

Opera: L'*Historia Mediolanensis* è un'opera che narra le vicende della città di Milano dalla fine dell'XI secolo fino ai primi anni dell'arcivescovo Robaldo (1135-1137). Si tratta di una fonte molto importante per la storia milanese dei secoli XI e XII, conosciuta anche agli altri grandi cronisti milanesi medievali come Bonvesin della Riva. Nonostante la sua rilevanza, dell'opera è sopravvissuto un solo manoscritto del XV secolo conservato presso la Biblioteca Ambrosiana di Milano.

Edizioni/Traduzioni principali: *Landulphi Junioris sive de Sancto Paulo Historia Mediolanensis ab anno MXCV usque ad annum MCXXXVII*. Ed. Ludovico Antonio Muratori (*Rerum Italicarum Scriptores*, V). Milano: Ex Typographia Societatis Palatinae in Regia Curia, 1723. *Liber Historiarum Mediolanensis urbis*. Ed. Jacques-Paul Migne (*Patrologia Latina*, CLXXIII). Paris: Jacques-Paul Migne

¹ Su questi aspetti si vedano i lavori di WICKHAM, 1985: 53-71 e CHIESA, 2004: 491-495.

éditeur, 1853, cols. 1437-1546. *Landulphi Junioris sive de Sancto Paulo Historia Mediolanensis ab anno MXCV usque ad annum MCXXXVII*. Ed. Carlo Castiglioni (*Rerum Italicarum Scriptores*, II, 5.3). Bologna: Nicola Zanichelli, 1934. *Historia Mediolanensis ab anno MXCV usque ad annum MCXXXVII*. Ed. Ludwig Bethmann; Philipp Jaffé (MGH, *Scriptores*, XX). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1868, p. 17-49.

Bibliografia essenziale: Per le informazioni che abbiamo fornito sulla biografia dell'autore e sulla sua opera, ci siamo basati sulla voce biografica di CHIESA, Paolo (2004) — *Landolfo Iuniore (Landolfo di San Paolo)*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Vol. 63. Roma: Treccani, p. 491-495. Si vedano inoltre i lavori di ZERBI, Pietro (1980) — *La rinascita monastica nella bassa milanese dopo l'anno 1000*. «Ricerche storiche sulla Chiesa ambrosiana», vol. IX, p. 55-81. CAPITANI, Ovidio (1989) — *Da Landolfo Seniore a L. I.: momenti di un processo di crisi*. In *Milano e il suo territorio in Età Comunale (XI-XII secolo)*. Vol. II. Spoleto: CISAM, p. 589-622. ANDENNA, Giancarlo (1998) — *Autobiografia e storiografia nelle fonti lombarde tra XI e XIV sec.* In *L'autobiografia nel Medioevo*. Spoleto: CISAM, p. 237-273. SCARAVELLI, Irene (2001) — *Gli "historici antiqui Mediolanenses" nella ricezione del '600 e del '700*. In CHIESA, Paolo, coord. — *Le cronache medievali di Milano*. Milano: Vita & Pensiero, p. 176-192.

45. Pascalis papa, ad quem religio et remisio peccatorum tunc spectabat, post hoc colloquium et tempus terre motus non ultra decem menses et dimidium vixit². In tempore cuius mortis imperator, audita legatione Romanorum, a Taurinensium partibus Romam adire festinavit. Ex qua urbe simul cum Romanis 4. Nonas Martii misit Gagetas³ legatos, legando Iohanni Gagetano, ellecto in papam, cardinalibus quoque et episcopis, qui cum ipso erant Gayetis, uti Roma redirent, et in ecclesia beati Petri hoc, quod faciendum erat de papa substituendo, una cum ipsis iuste et catholice facerent. Set 7. Idus eiusdem Martii in ecclesia beati Petri, presente imperatore Henrico, et populo Romano cleroque astante in aliquo, illud responsum, quod legati imperatoris Romanorum vel cum eligentibus a preminato ellecto audierunt et susceperunt, quodam relatum est, videlicet: quod in proximo Septembri ipse cum cardinalibus et episcopis provinciarum Mediolani vel Cremonae⁴ esset, et tunc Romani et imperator, quid agendum sit de se in papam ellectum, vel alium substituendum, per doctrinam cardinalium et episcoporum sufficienter cognoscerent. Romani vero non intelligentes, hanc responsionem fore sufficientem et legibus et canonibus atque suis petitionibus convenientem, comoti clamaverunt: «Numquid honorem Rome volunt illi transferre Cremonae? Absit. Set ut ubique valeamus astutias eorum opprimere, quia a nobis exierunt et Caietas fugierunt, secundum auctoritatem legum et canonum eligamus nobis papam prudentem et bonum». Iuxtam istam vel

² Nel testo si fa riferimento a mio avviso a quanto riportato nel capitolo precedente (n.º 44), ossia all'assemblea di Milano alla quale partecipò l'arcivescovo Giordano che attaccò direttamente Landolfo di San Paolo. Si veda *Landolphus Iuniore. Historia Mediolanensis*: 39-40. Il terremoto al quale si riferisce Landolfo è con ogni probabilità quello del gennaio del 1117, un evento di grande interesse storico sul quale rinvio alla lettura dei lavori di GUIDOBONI *et al.*, 2005 e GALADINI *et al.*, 2001: 3-27. Rinvio inoltre al volume curato da CALZONA *et al.*, 2018.

³ Gaeta è una città situata sulla costa del Mar Tirreno a circa centoventi chilometri a sud di Roma e a novanta chilometri a nord di Napoli.

⁴ Cremona è una città dell'Italia settentrionale (attualmente nella regione Lombardia) sede di un importante episcopato nell'alto medioevo. Ad esempio nel X secolo, il vescovo Liutprando di Cremona funse da legato del re di Germania e imperatore Ottone I di Sassonia (†973) presso la corte costantinopolitana dell'imperatore Niceforo Foca (Nikēphoros II Phōkas, †969). Su questo episodio rinvio a CANTARELLA, 2004: 199-200.

consimilem formam verborum Romanorum magister Guarnerius de Bononia⁵ et plures legis periti populum Romanum ad eligendum papam convenit; et quidam expeditus lector in pulpito Sancti Petri per prolixam lectionem decreta pontificum de substituendo papa explicavit. Quibus perlectis et explicatis, tantus populus elegit in papam quendam episcopum Yspanie⁶, qui ibi aderat cum imperatore. Quem electum imperator duxit in pulpitum, ubi ipse electus interrogantibus de nomine suo dixit: «Meum nomen est Burdinus; set quando papa Urbanus ordinavit me episcopum, nominavit me Mauritium». Tunc quidam de indutis habitu ecclesiastico de pulpito ad populum tertio clamavit: «Vultis dominum Mauritium in papam?». Qui tertio respondentes et clamantes dixerunt: «Volumus». Tunc ipse cum ceteris astantibus clericis, aperto libro super hunc electum et manto coopertum, sublimi voce clamavit dicens: «Et nos laudamus et confirmamus dominum Gregorium». Facta igitur electione ista ad hunc modum, imperator hunc papam suum Gregorium promovit, et per castrum Sancti Angeli⁷ in palatium Laterani⁸ perduxit. In quo iste pontifex, si fas est dicere, cathedram sedit et prandium sumpsit et pernoctavit. Altera vero die, nullo mediante, idem papa eundem imperatorem ad ipsum palatium suscepit, et cum ipso ad ecclesiam sancti Petri rediit; ante cuius et super cuius altare de clero coram imperatore et pluribus Romanis in eadem die ad ordines promovit⁹ et missam cantavit. Ibique per quot dies et menses habitavit et fidelitatem suscepit, atque splendide de lege Dei et ecclesiasticis consuetudinibus predicavit absque ullo rancore, pacem regno et sibi et suum papam Gaetano Iohani in papam electo exclamavit, donec imperator iterum ad Germaniam rediens, ipsum Gregorium suum papam in Sutrina¹⁰ civitate quasi securum fecit.

46. In temporibus autem istis, in quibus hic Gregorius de clero quendam ante altare sancti Petri ad ordines promovit, Gayetanus in papam electus, et presbiter et papa apud Gayetam solemniter est

⁵ Il *Guarnerius de Bononia* citato da Landolfo di San Paolo è l'Irnerio considerato dalla tradizione come il fondatore della scuola di diritto di Bologna. Quella dell'*Historia Mediolanensis* è una delle rare attestazioni di Irnerio del quale esistono pochissimi dati biografici tra cui la sua presenza in due placiti tra il 1112 e il 1113; in undici placiti tra il 1116 e il 1118; la scomunica contro di lui proclamata durante il concilio di Reims il 30 ottobre del 1119. Oggi l'ipotesi più accreditata presso gli studiosi è che Irnerio non fosse originario di Bologna, ma fosse invece di ascendenza germanica, più precisamente dalla Lotaringia, il che potrebbe spiegare secondo il Cortese la grande fiducia riposta in lui dall'imperatore Enrico V. Sull'origine di Irnerio si veda innanzi tutto CORTESE, 2004: 81-82 e il più recente PADOVANI, 2007: 71-140.

⁶ In questo caso il termine *Yspanie* deve essere inteso in senso molto più ampio, in quanto il concetto medievale di *Hispania* era ben più vasto della moderna Spagna, dato che comprendeva almeno tutta la penisola iberica, attuale Portogallo incluso. Per questa ragione abbiamo sempre utilizzato *Hispania* e non *Spagna* nella traduzione italiana e *Hispania* in quella portoghese. Per l'utilizzo del termine *Hispania* nei documenti iberici medievali e nei privilegi papali si veda il saggio di FEIGE, 1991: 61-132.

⁷ Castel Sant'Angelo (antico mausoleo dell'imperatore Adriano) situato sulla riva destra del Tevere, a Roma, vicino al Vaticano (attuale quartiere Borgo).

⁸ San Giovanni in Laterano, la cattedrale di Roma. Per «palazzo» è possibile che la fonte faccia riferimento al Patriarchio, ossia l'edificio nel quale risiedevano il papa e i cardinali fino al XIV secolo. Cfr. *Patriarchio*, in *Enciclopedia Treccani*. Si vedano inoltre D'ONOFRIO, 2004: 141-160 e LIVERANI, 2004: 17-49.

⁹ Per *Ordini*, in questo caso la fonte potrebbe far riferimento agli *Ordines Romani* ossia come ha scritto Nicola Turchi la «raccolta di rubriche cerimoniali (non di preghiere, le quali invece sono contenute nei sacramentari, antifonari, salteri) che descrivono e documentano lo sviluppo della liturgia papale in Roma dai sec. VI al XV. Gli *Ordines* sono in numero di quindici, non tutti omogenei né inalterati nel contenuto, ma preziosi ad ogni modo perché sono la più autorevole documentazione della liturgia romana nel Medioevo», cfr. TURCHI, 1935.

¹⁰ Sutri è una città attualmente in provincia di Viterbo situata a circa cinquanta chilometri da Roma. Per la storia di Sutri nel periodo medievale si veda l'eccellente saggio di VENDITTELLI, 2008: 1-92.

consecratus, et Gelasius papa secundus advocatus¹¹. Qui etiam per plures dies et menses cathedram apostolicam in Laterano sedit, ipsumque palatium cum cardinalibus et episcopis habitavit. Deinde ipse cum navigio Pisas, Yanuum pluresque civitates et loca super mare posita quesivit. Eadem navi eius affixa Sancto Egidio¹², regnum Frantie intravit; et cum benigne foret receptus a principibus illius regni, de mondo migravit Cluniaci. Cui Viennensis ille episcopus successit¹³, de regia stirpe genitus, et sinodum quam ipse papa Gelasius convocaverat, iste archiepiscopus Remis celebravit¹⁴. Set prius cum imperatore colloquium habere disposuit. De concilio autem isto sive colloquio plura scribere, digitum mee sexagenarie etatis non costringo.

47. Set ad prenotandam inquietudinem Langobardorum meamque molestiam redeo. Quoniam quidem, ubi imperator a Roma exivit, et a se a predicto papa Gregorio sive Burdino prolongavit, mox manus Guidonis, Cumani episcopi, eiusque militum et civium violenter apprehendit Landulphum Carcanensem, Mediolanensis ecclesie clericum ordinarium et ministrum; atque in ipsa apprehensione interfecit Ottonem, eiusdem Landulphi nepotem et urbis Mediolani egregium capitaneum¹⁵. [...].

48. [...]. Set post hoc pascale festum¹⁶ Romani prope et solempniter susceperunt ipsum papam Calistum. Et ipse cum Romanis Sutrim comprehendit Burdinum, papam dictum, et in loco qui dicitur Cava¹⁷, posuit comprehensum.

Traduzione italiana:

45. Papa Pasquale II, che a quel tempo amministrava il culto e la remissione dei peccati, dopo quell'incontro e il tempo del terremoto, non sopravvisse più di dieci mesi e mezzo. L'imperatore [Enrico V, *scil.*] si trovava dalle parti di Torino al momento della morte del papa, della quale era venuto a conoscenza grazie ad una legazione dei romani. Appresa la notizia si affrettò a recarsi a Roma. Dall'Urbe, insieme ai romani, il giorno 2 marzo 1118 l'imperatore inviò i legati in missione presso Giovanni di Gaeta, eletto papa dai cardinali e dai vescovi che erano con lui a Gaeta, affinché tornassero a Roma. Bisognava sostituire il defunto Papa Pasquale nella Chiesa di San Pietro e si doveva fare in maniera corretta e canonica. Il giorno 10 marzo, invece, nella chiesa di San Pietro, alla presenza dell'imperatore Enrico, del clero e del popolo romano convenuto in quel luogo, la risposta che i legati dell'imperatore dei romani ascoltarono e appresero dal suddetto

¹¹ Giovanni di Gaeta (1060/1064-1119) fu cancelliere della Chiesa Romana e papa con il nome di Gelasio II (1118-1119). Per la sua biografia si veda FREUND, 2000.

¹² La località è Saint-Gilles-du-Gard attualmente nel dipartimento del Gard nella regione dell'Occitania (Francia).

¹³ Guido arcivescovo di Vienne, eletto papa con il nome di Callisto II (1119-1124). Per una biografia di Callisto II, si vedano MICCOLI, 2000 e la monografia di STROLL, 2004.

¹⁴ Il Concilio di Reims si svolse nell'ottobre del 1119. Fu presieduto da Callisto II nel tentativo di risolvere la questione delle Investiture con l'imperatore Enrico V. Si veda STROLL, 2004: 371-382.

¹⁵ Il Landolfo da Carcano menzionato nell'*Historia Mediolanensis* potrebbe essere lo stesso Landolfo che contese a Guido Grimoldi (†1125) l'elezione a vescovo di Como nel 1096, si veda AMBROSIONI, 2003a: 110.

¹⁶ In questo caso (capitoli n.º 48 e 49) il cronista fa riferimento alla promessa di Callisto II di intervenire nelle faccende della Chiesa Milanese. Landolfo racconta di aver avuto un colloquio diretto con il papa a Milano per cercare di risolvere i suoi problemi. Il papa gli promise che avrebbe ordinato al vicedomino milanese di chiedere all'arcivescovo Giordano, non appena passata la Pasqua, di essere più accomodante nei suoi confronti. Dopo la Pasqua del 1121, però, il papa si diresse verso Roma e la legazione del vicedomino Ulrico non sortì alcun effetto e Landolfo non riuscì a migliorare la sua posizione in seno al clero milanese. Il capitolo n.º 51 dell'opera si chiude con il ritorno di Landolfo in quella che lui definisce la piccola casa dove era solito scrivere le sue opere. Si veda *Landolphus Iunior. Historia Mediolanensis*: 42-43. Cfr. CHIESA, 2004: 494-495.

¹⁷ Monastero della Santissima Trinità di Cava de' Tirreni, si trova a pochi chilometri da Salerno.

eletto [Giovanni di Gaeta/Gelasio II, *scil.*] e dai suoi elettori è quella riportata qui di seguito, ossia: nel settembre successivo l'imperatore si sarebbe riunito insieme ai cardinali e ai vescovi delle province di Milano e di Cremona e che egli [Giovanni di Gaeta/Gelasio II, *scil.*] stava agendo, sostituendo un altro papa, come pontefice legittimamente eletto secondo la dottrina dei cardinali e dei vescovi e che sia l'imperatore che i romani erano sufficientemente informati sui fatti. I romani non capendo, però, se questa risposta fosse adeguata alle leggi e ai canoni e confacente alle loro richieste, scossi urlarono: «*Non vorranno forse trasferire l'onore di Roma a Cremona? Non sia mai. Per combattere la loro astuzia, dato che ci scapparono quando fuggirono a Gaeta, dobbiamo eleggere noi un papa prudente e buono secondo l'autorità delle leggi e dei canoni*». Così come volevano le parole dei romani, il maestro Irnerio da Bologna insieme a numerosi giurisperiti invitò il popolo romano ad eleggere il pontefice. Inviato un lettore sul pulpito di San Pietro, quest'ultimo spiegò, con una prolissa lezione sui decreti pontificali, le procedure della nuova elezione del papa. Una volta informato ed istruito, tutto quel popolo elesse come papa il vescovo dell'*Hispania*, il quale era lì con l'imperatore. L'eletto fu condotto dall'imperatore sul pulpito e interrogato sul suo nome rispose: «*Il mio nome è Burdino, ma quando Papa Urbano [Urbano II, *scil.*] mi ordinò vescovo, mi chiamò Maurizio*». Allora, uno degli ecclesiastici presenti gridò al popolo tre volte dal pulpito: «*Volete il signore Maurizio come papa?*». E il popolo tre volte rispose e gridò: «*Vogliamo*». Allora il chierico, insieme agli altri presenti in quel luogo, con il libro aperto sopra di lui [Maurizio, *scil.*] e copertolo con il mantello, parlando con voce sublime esclamò: «*E noi lodiamo e confermiamo il signore Gregorio*». Terminata la procedura di elezione in questo modo, l'imperatore promosse il suo Gregorio e passando per Castel Sant'Angelo lo condusse al Palazzo del Laterano. In quel luogo il pontefice, se è lecito chiamarlo così, sedette sulla cattedra, consumò il pranzo e vi pernottò. Il giorno successivo il papa, senza l'intervento di nessuno, ricevette l'imperatore nello stesso palazzo e con lui tornò nella chiesa di San Pietro, davanti al cui altare e su di esso celebrò gli Ordini e cantò la messa in quello stesso giorno davanti all'imperatore e a numerosi romani. Per alcuni giorni e mesi soggiornò in quel luogo e ricevette la fedeltà; predicava splendidamente e senza nessun rancore la legge di Dio e le consuetudini ecclesiastiche; chiamò a voce alta la pace a sé e al regno e a Giovanni eletto papa come se fosse il suo papa, fino a quando l'imperatore non prese la via del ritorno verso la Germania e mise al sicuro il suo Papa Gregorio a Sutri.

46. In questo periodo, in cui il suddetto Gregorio promosse qualcuno del clero davanti all'altare di San Pietro, Giovanni di Gaeta, eletto papa, fu consacrato presbitero e papa solennemente a Gaeta e chiamato Gelasio II. Più tardi egli sedette per vari giorni e mesi sulla Cattedra Apostolica del Laterano e in quello stesso palazzo abitò con i cardinali ed i vescovi. Successivamente navigò verso Pisa, Genova e molte altre città della costa. Attraccate le navi dalle parti di Saint-Gilles, entrò nel regno di Francia; dopo essere stato benignamente accolto dai principi di quel regno, morì a Cluny. Fu l'arcivescovo di Vienne, nato da stirpe regia, a realizzare nella città di Reims la sinodo che Papa Gelasio aveva convocato, ma prima dispose di avere un colloquio con l'imperatore. Di questo colloquio molti hanno già scritto e io preferisco per via dei miei sessant'anni non trattare questo argomento.

47. Torno, invece, alla già riferita inquietudine dei Lombardi e alla mia questione. Dopo che l'imperatore se ne andò da Roma, allontanandosi da suddetto Papa Gregorio o Burdino, all'improvviso il vescovo di Como Guido insieme con i suoi cavalieri e i suoi cittadini catturò Landolfo di Carcano, chierico ordinario e ministro della Chiesa di Milano; in quella circostanza fu ucciso Ottone, nipote dello stesso Landolfo ed egregio capitano della città di Milano [...].

48. Dopo la Pasqua, Papa Callisto [II, *scil.*] fu accolto con grande onore dai romani. E insieme ai romani a Sutri catturò Burdino e lo rinchiuse nel luogo chiamato Cava.

Tradução portuguesa:

45. O Papa Pascoal II, que naquele tempo administrava o culto e a remissão dos pecados, depois daquele encontro e do tempo do terramoto, não sobreviveu mais de dez meses e meio. O Imperador [Henrique V, *scil.*] estava perto de Turim no momento da morte do papa, e fora avisado da mesma através de uma legação dos romanos. Mal soube da notícia, o imperador dirigiu-se imediatamente para Roma. De Roma, junto aos romanos, no dia 2 de março de 1118 enviou legados em missão perante João de Gaeta, eleito papa pelos cardeais e os bispos que com ele estavam em Gaeta, ordenando-lhes que voltassem a Roma. Era preciso substituir o falecido Papa Pascoal na Igreja de São Pedro e isto devia ser feito de maneira correta e canónica. Pelo contrário, no dia 10 de março, na igreja de São Pedro perante o imperador Henrique e o clero e o povo romano reunidos naquele lugar, a resposta que os legados do imperador dos romanos ouviram e aprenderam do referido eleito [João de Gaeta/Gelásio II, *scil.*] foi a seguinte: no próximo mês de setembro, o imperador devia reunir-se com os cardeais e os bispos das províncias de Milão e Cremona e que ele [João de Gaeta/Gelásio II, *scil.*] estava a agir, substituindo outro papa, como pontífice legitimamente eleito segundo a doutrina dos cardeais e dos bispos e que tanto o imperador como os romanos tinham sido suficientemente informados sobre os acontecimentos. Os romanos, porém, não percebendo se esta resposta era adequada às leis e aos cânones e compatível com os seus pedidos, chocados gritaram: «*Não quererão verdadeiramente transferir a honra de Roma para Cremona? Isto não pode acontecer. Para combater a astúcia deles, que nos escaparam quando fugiram para Gaeta, temos que ser nós a escolher um papa prudente e bom segundo a autoridade das leis e dos cânones*». Assim como pretendiam as palavras dos romanos, mestre Irnério de Bolonha juntamente com numerosos peritos em direito convidou o povo de Roma a eleger o pontífice. Foi então enviado para o púlpito de São Pedro um leitor que, com uma prolixa palestra sobre os decretos pontificais, explicou os procedimentos da nova eleição papal. Uma vez informado e instruído, todo aquele povo escolheu como papa o bispo da Hispânia que estava naquele lugar com o imperador. O eleito foi conduzido pelo imperador até ao púlpito, onde, interrogado sobre o seu nome, respondeu: «*O meu nome é Burdino, mas quando o Papa Urbano [Urbano II, *scil.*] me ordenou bispo, ele chamou-me Maurício*». Naquele momento, um dos eclesiásticos presentes, desde o púlpito gritou ao povo três vezes: «*Quereis o senhor Maurício como papa?*». E o povo respondeu e gritou três vezes: «*Queremos*». Então, um dos clérigos presentes, com o livro aberto em cima dele [Maurício, *scil.*] e cobrindo-o com a capa, falando com voz sublime exclamou: «*E nós louvamos e confirmamos o senhor Gregório*». Terminado, assim, o processo de eleição, o imperador promoveu o seu Gregório. Passaram pelo Castelo de Sant'Angelo e dirigiram-se ao Palácio de Latrão. Aí, o pontífice, se é possível chamar-lhe assim, sentou-se na cátedra, almoçou e passou a noite. No dia seguinte, o papa, sem a intervenção de ninguém, recebeu o imperador no mesmo Palácio e com ele regressou à Igreja de São Pedro, onde, perante o altar e sobre o mesmo, celebrou as Ordens e cantou a missa naquele mesmo dia perante o mesmo imperador e numerosos romanos. Durante alguns dias e meses residiu naquele lugar e recebeu fidelidade; pregou de forma muita bela e sem nenhum rancor a Lei de Deus e as tradições eclesiásticas; clamou em voz alta pela paz para si, para o Reino e para João, eleito papa, como se ele fosse o seu papa, enquanto o imperador não regressou à Alemanha e pôs em segurança o seu Papa Gregório em Sutri.

46. Nestes tempos, em que Gregório promoveu alguns membros do clero perante o altar de São Pedro, João de Gaeta, eleito papa, foi consagrado presbítero e papa de forma solene em Gaeta e foi chamado Papa Gelásio II. Gelásio II sentou-se depois na cátedra apostólica do Latrão e no mesmo palácio morou com os cardeais e os bispos. Mais tarde navegou em direção a Pisa, Génova e muitas outras cidades costeiras. Atracados os barcos na zona de Saint-Gilles, entrou no reino de França; depois de ter sido benignamente acolhido pelos príncipes daquele reino, morreu em Cluny. Foi o arcebispo de Vienne, nascido de linhagem régia, a realizar em Reims o sínodo que o papa Gelásio II tinha convocado, mas antes promoveu um colóquio com o imperador. Sobre este colóquio já muitos escreveram, e eu prefiro, por causa dos meus sessenta anos, não tratar do assunto.

47. Em vez disto, regresso à já assinalada inquietação dos lombardos e à minha questão. Depois do imperador ter deixado Roma, afastando-se do referido Papa Gregório ou Burdino, de repente o bispo de Como, Guido, com os seus cavaleiros e os seus cidadãos capturou Landolfo de Carcano, clérigo ordenado e ministro da Igreja de Milão. Neste acontecimento foi assassinado Otão, neto do mesmo Landolfo e egrégio capitão da cidade de Milão [...].

48. Depois da Páscoa o Papa Calisto [II, *scil.*] foi acolhido com grande honra pelos romanos. Junto com eles capturou Burdino em Sutri e fechou-o num lugar chamado Cava.

2) *Sicardus episcopus Cremonensis. Chronica universalis*. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, *Scriptores*, XXXI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1903, p. 163.

Nota biografica: Sicardo nacque a Cremona attorno al 1150-1155. Studiò diritto canonico a Bologna — e probabilmente anche a Parigi — e alla scuola capitolare di Magonza. Fu ordinato prete a Roma nel 1183 da Papa Lucio III (1181-1185) e nel 1185 divenne vescovo di Cremona. All'inizio del XIII secolo, fino al 1205, Sicardo fu legato pontificio per conto di Papa Innocenzo III (1198-1216) in Armenia e a Costantinopoli. Rientrato a Cremona, si schierò a favore di Federico II Hohenstaufen contro il rivale per la corona imperiale Ottone IV di Brunswick. Morì a Cremona nel 1215.

Opera: La *Chronica universalis* di Sicardo da Cremona è un'opera scritta a partire dal 1180 e che va dall'origine del mondo fino al 1213. Gli studiosi sono concordi nel considerare l'opera di Sicardo come una delle fonti principali del frate e cronista parmense del XIII secolo Salimbene de Adam (1221-1287).

Edizioni/Traduzioni principali: *Sicardus episcopus Cremonensis. Chronica Universalis*. Ed. Ludovico Antonio Muratori (*Rerum Italicarum Scriptores*, VII). Milano: Ex Typographia Societatis Palatinae in Regia Curia, 1725, p. 529-626. *Sicardi Cremonensis episcopi Chronicon*. Ed. Jacques-Paul Migne (*Patrologia Latina*, CCXIII). Paris: Jacques-Paul Migne éditeur, 1855, cols. 437-540. *Sicardus episcopus Cremonensis. Chronica universalis*. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, *Scriptores*, XXXI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1903, p. 78-183.

Bibliografia essenziale: Segnalo in primo luogo le due voci enciclopediche *Sicardus episcopus Cremonensis*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_04255.html>. [Consultazione realizzata on-line il 07/02/2017] e *Sicardo vescovo di Cremona*. In *Enciclopedia Treccani on-line*. Disponibile in <<http://www.treccani.it/enciclopedia/sicardo-vescovo-di-cremona/>>. [Consultazione realizzata on-line il 07/02/2017]. Rinvio

inoltre a HOLDER-EGGER, Oswald (1903) — *Über die verlorene grössere Chronik Sicards*. «Neues Archiv der Gesellschaft für ältere deutsche Geschichtskunde», vol. 29, p. 177-245. ZANELLA, Gabriele (1999) — *Federico II, Cremona, le cronache*. In BERTINELLI-SPOTTI, Carla, coord. — *Cremona città imperiale*. Cremona: Edizioni Linograf, p. 71-119. COLEMAN, Edward (2003) — *Sicard of Cremona as Legate of Innocent III in Lombardy*. In SOMMERLECHNER, Andrea, coord. — *Innocenzo III. Urbs et orbis*. Vol. II. Roma: Società Romana di Storia Patria, p. 929-953. VAUCHEZ, André (2003) — *Innocent III, Sicard de Crémone et la canonisation de saint Homebon († 1197)*. In SOMMERLECHNER, Andrea, coord. — *Innocenzo III. Urbs et orbis*. Vol. I. Roma: Società Romana di Storia Patria, p. 435-455. BOLTON, Brenda (2010) — *Mission or Crusade? Sicard of Cremona in the Holy Land*. In BOLOGNA Corrado; MOCAN, Mira; VACIAGO, Paolo, coord. — *Percepta rependere dona. Studi di filologia per Anna Maria Luiselli Fadda*. Firenze: Leo S. Olschki, p. 53-68.

[MC]XVIII. Gelasius Pascali successit. Qui cum in Urbe concorditer fuisset electus et in sede locatus, fugiens imperatoris Henrici festinum adventum apud Capuam consecrationis benedictionem accepit. Imperator autem Mauricium Bracharum archiepiscopum intrusit; quem populus Romanus Burdinum vocavit. Gelasius vero per Pisas et Ianuam transiens apud Sanctum Egidium applicuit, et Cluniacum usque perveniens ibi viam universe carnis ingressus est et sepultus.

Anno Domini millesimo C°XX° Calixtus papa creatur, apud Cluniacum electus. Qui cum esset ex patre Burgundie comite natus, sicut inter seculares clarissimus, sic inter ecclesiasticos fuit eximius. Qui cum ad urbem et sedem apostolicam festinaret, Pisanam ecclesiam consecravit; Sutriumque accedens Burdinum cepit intrusum. Qui pro palafredo camelo insidens in transverso et pro freno caudam manibus tenens et pro pallio rubeo pilosa pelle vestitus, Urbem rediens in comitatu pontificis precedebat, et sic multipliciter illusus, in Cavensi monasterio intrusus vitam finivit. Videns igitur imperator, quia non est scientia, non est potentia contra Dominum, rediit ad pacem ecclesie remittens omnem investituram et quicquid spiritualium privilegio violenti extorserat, et concedens canonicam fieri electionem et consecrationem [...].

Traduzione italiana:

1118. Gelasio successe a Papa Pasquale II, ma pur essendo stato eletto concordemente a Roma e promosso nella Sede Apostolica, per sfuggire all'imminente arrivo dell'imperatore ricevette la benedizione e la consacrazione a Capua. L'imperatore intruse, allora, sul soglio di Pietro l'arcivescovo di Braga Maurizio, che il popolo romano chiamava Burdino. Gelasio navigò verso Pisa e Genova, per approdare infine a Saint-Gilles e una volta arrivato a Cluny andò incontro al destino di ogni uomo e fu sepolto nello stesso luogo.

[...]. Anno del Signore 1120. Callisto fu scelto come papa ed eletto a Cluny. Nato da parte di padre dal conte di Borgogna, Papa Callisto fu chiarissimo ed illustre tra i laici secolari ed esimio tra gli ecclesiastici. Sulla strada verso l'Urbe e la Sede Apostolica consacrò la cattedrale di Pisa e arrivato a Sutri catturò l'intruso Burdino. Quest'ultimo fu messo su di un cammello, anziché su di un cavallo, seduto al contrario e tenendo la coda dell'animale tra le mani come se fosse una briglia. Invece di vestire un pallio rosso, fu costretto a indossare una pelle villosa e di ritorno nell'Urbe precedeva il seguito del papa. Fu più volte insultato e deriso e finì la sua vita nel monastero di Cava. Vedendo tutto questo, l'imperatore capì che non c'è scienza, non c'è potenza contro Dio e così tornò alla

pace e rimise alla Chiesa tutte le investiture e tutti i privilegi spirituali che aveva estorto con la violenza e concesse che l'elezione e la consacrazione dei vescovi fosse fatta canonicamente [...].

Tradução portuguesa:

1118. Gelásio sucedeu ao Papa Pascoal II, mas apesar de ter sido eleito com o acordo de todos em Roma e promovido na Sé Apostólica, para escapar à eminente chegada do imperador recebeu a bênção e a consagração em Cápua. O imperador, então, impôs no trono de São Pedro o arcebispo de Braga Maurício, o homem que os romanos chamavam Burdino. Gelásio navegou em direção a Pisa e Génova para chegar, por fim, a Saint-Gilles; uma vez chegado a Cluny encontrou o destino de todos os homens e foi sepultado no mesmo lugar.

[...]. Ano do Senhor de 1120. Calisto foi feito papa e eleito em Cluny. O Papa Calisto, nascido pela parte do pai do conde de Borgonha, foi claríssimo e ilustre entre os laicos seculares e distinto entre os eclesiásticos. No caminho em direção a Roma e à Sé Apostólica consagrou a catedral de Pisa e chegado a Sutri capturou o intruso Burdino. Este, em vez de ser colocado sobre um cavalo, foi posto sobre um camelo, sentado ao contrário e com o rabo do animal entre as mãos como uma rédea. Em vez de vestir um pálio vermelho, Maurício foi obrigado a vestir uma pele muito peluda e voltou à *Urbs* com o séquito do papa. Foi insultado muitas vezes e acabou a sua vida no mosteiro de Cava. Ao ver tudo isto, o imperador percebeu que não há ciência, nem potência contra Deus e assim voltou à paz e devolveu à Igreja todas as investidas e todos os privilégios espirituais que havia extorquido e aceitou que a eleição e a consagração dos bispos fossem feitas canonicamente [...].

3) *Thomae Tusci, Gesta imperatorum et pontificum*. Ed. Ernst Ehrenfeuchter (MGH, Scriptores, XXII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1873, p. 496.

Nota biografica: Tommaso di Pavia, (Pavia 1212 ca.-Pavia 1280 ca.), fu un frate francescano del XIII secolo attivo in Italia, in particolare in Emilia ed in Toscana. Presenziò al concilio di Lione del 1245 in compagnia di San Bonaventura (Bonaventura da Bagnoregio †1274) e scrisse varie opere tra cui i *Gesta imperatorum et pontificum*, opera che completò poco prima della sua morte.

Opera: Si tratta di un'opera di storia universale che va dall'imperatore romano Ottaviano Augusto fino al 1279, nella quale l'autore, ostile agli Hohenstaufen e all'imperatore Federico II di Svevia (1194-1250), traccia un ritratto ideale di Carlo I d'Angiò (1226-1285).

Edizioni/Traduzioni principali: *Thomae Tusci, Gesta imperatorum et pontificum*. Ed. Ernst Ehrenfeuchter (MGH, Scriptores, XXII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1873, p. 490-528.

Bibliografia essenziale: MOLINIER, Auguste (1903) — *Thomas Tuscus, Gesta imperatorum et pontificum, publiés par F. Ehrenfeuchter, séction Scriptores des Monumenta Germaniae historica, XXII*. In *Les Sources de l'histoire de France-Des origines aux guerres d'Italie (1494)*. Vol. III. Paris: Alphonse Picard et Fils Éditeur, p. 166-167. *Tommaso di Pavia*. In *Enciclopedia Treccani*. Disponibile in <<http://www.treccani.it/enciclopedia/tommaso-di-pavia/>>. [Consultazione realizzata on-line il 09/02/2017]. CHERUBINI, Giovanni (1985) — *L'immagine di*

Federico II nella cultura toscana del Trecento. In *Potere, società e popolo nell'età sveva: 1210-1266.* Bari: Centro di Studi Normanno-Svevi; Edizioni Dedalo, p. 280-282.

[...] Henricus autem quintus, quia patrem dehonestaverat, iusto Dei iudicio sine herede decessit et prius tamen Romam venit indignans, quod Gelasius secundus electus in papam fuisset nec imperator electioni eius interfuit. A cuius facie Gelasius fugit Gaietam, unde oriundus fuit, et exinde per mare transivit in Galliam ibique defunctus est ipso anno papatus sui primo. Imperator vero cardinales, quos Rome repperiit, cepit et Yspanum quendam nomine Burdinum, vivente adhuc Gelasio, superordinavit. In Cluniaco vero mortuo Gelasio, Guido archiepiscopus Vienne, frater comitis Campanie, in papam eligitur Calixtusque secundus nominatur, et subito per Ytaliam transiens Romam venit. Burdinus vero fugit et qualiter finierit plene habetur in gestis Calixti pape.

Traduzione italiana:

[...]. Enrico V, il quale disonorava il padre, morì senza eredi per il giusto Giudizio di Dio. Tuttavia venne a Roma, indignato per il fatto che Gelasio II fosse stato eletto papa senza che egli, l'imperatore, fosse stato presente. Alla sua vista, Gelasio fuggì a Gaeta, dove era nato, e per via mare viaggiò verso la Gallia dove morì durante il suo primo anno di pontificato. L'imperatore insieme ai cardinali che riuscì a trovare a Roma prese l'ispano, il cui nome era Burdino, e lo ordinò papa mentre Gelasio era ancora vivo. Gelasio II morì a Cluny e Guido arcivescovo di Vienne, fratello del conte di Champagne, fu eletto papa con il nome di Callisto II. Si recò immediatamente in Italia e si diresse verso Roma. Burdino fuggì e di come finì questa storia, è scritto nella gesta di Papa Callisto.

Tradução portuguesa:

[...]. Henrique V, que desonrou o seu pai, morreu sem herdeiros, pelo justo Juízo de Deus. Todavia, chegou a Roma e ficou indignado pelo facto de Gelásio II ter sido eleito papa, sem que ele, o imperador, estivesse presente. Face ao imperador, Gelásio escapou para Gaeta, onde tinha nascido, e por via marítima viajou para a Gália onde morreu durante o seu primeiro ano de pontificado. O imperador, juntamente com os cardeais que conseguiu encontrar em Roma, tomou o hispano, cujo nome era Burdino, e ordenou-o papa quando Gelásio estava ainda vivo. Gelásio II morreu em Cluny e Guido, arcebispo de Vienne, irmão do conde de Champagne, foi eleito papa com o nome de Calisto II. Imediatamente se dirigiu para Itália e viajou até Roma. Burdino escapou e nas gestas do Papa Calisto está escrito como acabou.

4) *Albertus Milioli notarius regini. Liber de temporibus et aetatibus et Cronica imperatorum.* Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, Scriptores, XXXI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1903, p. 430, 445 e 635.

Nota biografica: Alberto Milioli (†1285) fu un importante notaio, copista, miniaturista e autore di Reggio Emilia. Era figlio di Gerardo ed apparteneva a una delle famiglie emergenti della città. Questa posizione importante della famiglia di Alberto Milioli era dovuta al fatto che molti dei suoi membri svolgevano la professione di notaio. Alberto rimase al servizio del comune reggiano per circa tre decenni a partire dal 1242.

Opera: Gli studiosi hanno opinioni divergenti sulla data di composizione del *Liber de temporibus et aetatibus et Cronica imperatorum* (una storia universale incentrata sui rapporti tra papato ed impero) e sul ruolo del notaio reggiano Alberto Milioli. Come puntualmente segnalato da M. Giansante (si veda la sua voce biografica segnalata nella Bibliografia essenziale), secondo alcuni studiosi l'opera fu solo trascritta da Alberto Milioli ed era ancora in fase di lavorazione nel 1285, mentre secondo O. Holder-Egger l'opera fu anche composta dal notaio di Reggio Emilia a partire dal 1273, quando Alberto Milioli fu sollevato da ogni incarico pubblico.

Edizioni/Traduzioni principali: *Albertus Milioli notarius regini. Liber de temporibus et aetatibus et Cronica imperatorum*. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, Scriptorum, XXXI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1903, p. 336-668.

Bibliografia essenziale: Per una bibliografia di riferimento rinvio alla dettagliata voce biografica di GIANSANTE, Massimo (2010) — *Milioli, Alberto*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Disponibile in <[### *Liber de temporibus et aetatibus*](http://www.treccani.it/enciclopedia/alberto-milioli_(Dizionario-Biografico)/>. [Consultazione realizzata on-line il 07/02/2017]. Rinvio inoltre a <i>Albertus Milioli notarius regini. Liber de temporibus et aetatibus et Cronica imperatorum</i>. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, Scriptorum, XXXI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1903, p. 336-352. <i>Consuetudini e Statuti reggiani del secolo XIII</i>. Ed. Aldo Cerlini. Vol. I. Milano: Tipografia Moderna Umberto Costi, 1933, p. XII-LXXIX. ARNALDI, Girolamo (1966) — <i>Il notaio cronista e le cronache cittadine in Italia</i>. In <i>La storia del diritto nel quadro delle scienze storiche</i>. Firenze: Leo S. Olschki, p. 293-309. ARNALDI, Girolamo (1976) — <i>Cronache con documenti, cronache «autentiche» e pubblica storiografia</i>. In <i>Fonti medioevali e problematica storiografica</i>. Roma: ISIME, p. 351-374. <i>Repertorio della cronachistica emiliano-romagnola (secc. IX-XV)</i>. Ed. Bruno Andreolli; Daniela Gatti; Roberto Greci; Gherardo Ortalli; Lorenzo Paolini; Gianfranco Pasquali; Antonio Ivan Pini; Paolo Rossi; Gabriele Zanella. Roma: ISIME, 1991, p. 229-233. Si vedano inoltre <i>Salimbene de Adam. Cronica</i>. Ed. Giuseppe Scalia. Vol. I. Bari: Laterza, 1966, p. 963-979 e ZABBIA, Marino (2007) — <i>Il regno nelle cronache comunali prima e dopo la battaglia di Benevento</i>. In LICINIO, Raffaele, <i>pref.</i>; DELLE DONNE, Fulvio, <i>coord.</i> — <i>Suavis terra, inexpugnabile castrum. L'alta Terra di Lavoro dal dominio svevo alla conquista angioina</i>. Arce, FR: Nuovi Segnali, in particolare p. 126.</p>
</div>
<div data-bbox=)

Gelasius papa secundus. Cepit an[no] Domini MCXVIII, sedit an. 1 et di. VI, imperante Henrico. Gelasius secundus apud Capuam ob metum imperatoris consecratus est, et imperator intrusit Bacarum¹⁸, virum pessimum, et Gelasius papa decessit exulatus.

[...] Calistus papa secundus. Cepit anno Domini MCXVIII, sedit an. V, man. X, di. XXIX, imperante Henrico. Calistus secundus, filius comitis Lingisce, nobilis genere et nobilior bonitate, Romam veniens intrusum, scilicet Brundium¹⁹, cepit pro palafredo posuit eum transversum in camelo, et pro freno caudam tenuit et pro pileo pilosam pellem, et in Cavese retrusit monasterium, ubi vitam finivit; et tunc imperator ad pacem rediit.

¹⁸ Maurizio «Burdino».

¹⁹ Vedi nota precedente.

Cronica imperatorum

CXXVI. *De Gelasio papa secundo, et de pestilentia principis et de milicia et exordio militum Templi.* Anno domini MCXIX. Gelasius papa secundus, qui Pascali pape successit, cum in Urbe concorditer fuisset electus et in sede locatus, fugiens imperatoris Henrici festinum adventum apud Capuam consecrationis benedictionem accepit. Imperator autem Mauricium Bracharum archiepiscopum inmisit, quem populus Romanus Burdinum vocavit. Gelasius vero per Pisam et Ianuam transiens apud Sanctum Egidium applicuit et Cluniacum usque perveniens ibi viam carnis ingressus est et sepultus.

CXXVII. *De Calisto papa secundo et aliis gestis, que suo tempore fuerunt, et maxime in Lombardia et ultra mare et Antiochiam.* Anno Domini MCXX. Calixtus papa secundus creatur, apud Cluniacum electus. Qui cum esset ex patre Burgundie comite natus, sicut inter seculares clarissimus, sic inter ecclesiasticos fuit eximius. Qui cum ad Urbem, sedem apostolicam festinaret, ecclesiam Pisanam consecravit, Sutriumque accedens Burdinum cepit intrusum. Qui cum palafredo camelo insidens in traverso et pro freno caudam manibus tenens et pro pallio rubeo pilosa pelle vestitus, Urbem rediens in comitatu pontificis precedebat, et sic multipliciter illus, in Cavensi monasterio intrusus vitam finivit.

Traduzione italiana:*Libro dei tempi e delle età:*

Gelasio II divenne papa nell'anno del Signore 1118 e sedette sul soglio di San Pietro un anno e sei giorni durante l'impero di Enrico. Gelasio II per paura dell'imperatore fu consacrato a Capua e Enrico V intruse nella Sede Apostolica *Bacarum* [Burdino, *scil.*], uomo pessimo, mentre Papa Gelasio II morì in esilio. [...].

Papa Callisto II divenne pontefice nell'anno del Signore 1119 e sedette sul soglio di Pietro cinque anni, dieci mesi e ventinove giorni durante l'impero di Enrico. Callisto II, figlio del conte di Borgogna, di genere nobile e di ancor più nobile bontà, venne a Roma e catturò l'intruso Burdino, al quale per cavallo da sella fu dato un cammello sul quale stava seduto di traverso tenendo la coda come una briglia, mentre al posto del solideo, gli fu fatta indossare una pelle villosa. Fu rinchiuso nel monastero di Cava dove morì e allora l'imperatore scelse di fare la pace.

Cronaca degli imperatori:

CXXVI. *Di Papa Gelasio II, della violenza dei principi, della milizia e della nascita dei cavalieri del Tempio.* Anno del Signore 1119. Papa Gelasio II, che successe a Papa Pasquale, pur essendo stato concordemente eletto nell'Urbe, fuggì al repentino arrivo dell'imperatore e ricevette la benedizione della consacrazione a Capua. L'imperatore mise sul soglio di Pietro Maurizio, l'arcivescovo di Braga che il popolo romano chiamava Burdino. Gelasio passò per Pisa e Genova, approdò a Saint-Gilles e arrivò fino a Cluny dove morì e fu sepolto.

CXXVII. *Di Callisto II e di altri fatti che accaddero nel suo tempo, principalmente in Lombardia, Oltremare e ad Antiochia.* Anno del Signore 1120. Fu scelto come papa Callisto II, eletto a Cluny. Essendo figlio del conte di Borgogna, così come fu chiarissimo tra i laici, così fu esimio tra gli ecclesiastici. Avvicinandosi all'Urbe, consacrò la cattedrale di Pisa e si diresse a Sutri dove catturò

Burdino, al quale anzichè un cavallo da sella fu dato un cammello, sul quale stava seduto di traverso tenendo la coda come una briglia, e fu fatta indossare una pelle villosa anzichè il pallio rosso. Burdino ritornò nell'Urbe precedendo il seguito del pontefice venendo più volte offeso ed ingiuriato. Fu rinchiuso nel monastero di Cava e in quel luogo terminò i suoi giorni.

Tradução portuguesa:

Livros dos tempos e das idades:

O Papa Gelásio II tornou-se papa no ano do Senhor de 1118 e sentou-se no trono de São Pedro um ano e seis dias durante o governo de Henrique. Gelásio II, por medo do imperador, foi consagrado em Cápua e Henrique V impôs *Bacarum* [Burdino, *scil.*], um péssimo homem, e o Papa Gelásio morreu no exílio. [...].

O Papa Calisto II tornou-se pontífice no ano do Senhor de 1119 e sentou-se no trono de Pedro cinco anos, dez meses e vinte e nove dias durante o governo de Henrique. Calisto II, filho do conde de Borgonha, de linhagem nobre e ainda mais de nobre bondade, fora a Roma e capturou o intruso Burdino, a quem em vez de um cavalo de sela foi dado um camelo sobre o qual foi sentado ao contrário utilizando o rabo como rédea e, em vez do solidéu, fizeram-lhe vestir uma pele muita peluda. Maurício foi fechado no mosteiro de Cava onde morreu, e então o imperador escolheu fazer a paz.

Crónica dos imperadores:

CXXVI. *Do Papa Gelásio II, da violência dos príncipes, da milícia e do nascimento dos cavaleiros do Templo.* Ano do Senhor de 1119. O Papa Gelásio II, que sucedeu ao Papa Pascoal, apesar de ter sido consensualmente eleito na *Urbs*, fugiu perante a repentina chegada do imperador e recebeu a bênção da consagração em Cápua. O imperador impusera no trono de Pedro, Maurício, o arcebispo de Braga, que o povo romano chamava Burdino. Gelásio passou por Pisa e Génova, atracou em Saint-Gilles e chegou até ao lugar onde morreu e foi enterrado.

CXXVII. *De Calisto II e de outros eventos que aconteceram no seu tempo, principalmente na Lombardia, no Ultramar e em Antioquia.* Ano do Senhor de 1120. Foi elevado a papa Calisto, eleito em Cluny. Sendo filho do conde de Borgonha, tanto foi claríssimo entre os leigos, como distinto entre os eclesiásticos. Aproximando-se da *Urbs*, consagrou a catedral de Pisa e dirigiu-se a Sutri onde capturou Burdino; em vez de um cavalo de sela foi-lhe dado um camelo, onde foi sentado ao contrário utilizando o rabo como rédea; em vez de um pálio vermelho foi vestido com uma pele muito peluda. Burdino regressou à *Urbs* à frente do séquito do pontífice e foi insultado e injuriado muitas vezes. Foi fechado no mosteiro de Cava e neste lugar acabou os seus dias.

Roma e Patrimonio di San Pietro

1) *Vita Paschalis II. Liber Pontificalis nella recensione di Pietro Guglielmo OSB e del card. Pandolfo glossato da Pietro Bohier OSB, vescovo di Orvieto. Ed. Ulderico Přerovský. Vol. II. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 1978, p. 705-726*²⁰.

Nota biografica: Spesso chiamato anche da Pisa o Pisano per via di una errata identificazione con Pandolfo da Lucca cardinale dei XII Apostoli a Roma²¹, a sua volta erroneamente considerato come un membro della famiglia pisana dei Masca (si veda la voce biografica di S. Anzoise nella Bibliografia essenziale), Pandolfo d'Alatri era nipote di Ugo cardinale-prete dei XII Apostoli. Probabilmente arrivò a Roma al seguito dello zio alla fine dell'XI secolo. Oggi gli studiosi sono propensi ad attribuire a Pandolfo sia la sua presenza al concilio di Guastalla del 1106 che alla spedizione delle Baleari condotta da Genova e Pisa tra il 1113 e il 1115. Fu presente alle elezioni papali di Gelasio II e Onorio II e nel 1130 si schierò al fianco di Anacleto II contro Innocenzo II. È plausibile che dopo il 1130 Pandolfo fosse stato insignito da Anacleto II del titolo di cardinal-diacono di Ss. Cosma e Damiano. Dopo il 1138 non si hanno più notizie di Pandolfo.

Opera: *Liber Pontificalis* («Libro dei papi») è l'espressione con la quale si indica l'insieme di biografie dei papi caratterizzato da una tradizione manoscritta molto complessa e composto in più epoche e da molteplici autori dall'altomedioevo (secoli VI-VII) fino al XV secolo. Le vite di Pasquale II, Gelasio II e Callisto II, nelle quali viene narrata la vicenda dell'arcivescovo di Braga Maurizio «Burdino», sono state attribuite a Pandolfo d'Alatri e scritte prima del 1140. In ambito storiografico c'è stato un ampio dibattito, a partire dagli studi del Duchesne (si veda la Bibliografia essenziale riportata di seguito), per stabilire se Pandolfo fosse stato effettivamente l'autore delle tre biografie papali di Gelasio II, Callisto II, e Onorio II e anche della *Vita* di Pasquale II, quest'ultima anteriore di alcuni anni rispetto alle altre *Vitae* scritte negli anni dello scisma anacletiano (1130-1138). La conclusione del Přerovský è che si possa attribuire la *Vita Paschalis II* a Pandolfo d'Alatri, a differenza di altri studiosi importanti come ad esempio J. M. March, C. Vogel e più recentemente C. Vircillo Franklin. Per la complessa tradizione manoscritta delle biografie di Pandolfo (e in particolare dei rapporti tra il manoscritto Vat. Lat. 3762 edito dal Duchesne, il testo interpolato dal bibliotecario di Saint-Gilles Pietro Guglielmo nel 1142, e il *codex* di Tortosa con la versione *originale* di Pandolfo edito dal March) rinviamo al saggio di G. Arnaldi citato nella bibliografia essenziale.

Edizioni/Traduzioni principali: In questa voce, così come nella successiva Bibliografia essenziale rinviamo alla bibliografia per le tre biografie di Pasquale II, Gelasio II e Callisto II. Si vedano: WATTERICH, Johann Matthias (1862) — *Pontificum Romanorum vitae*. Vol. II. Leipzig: Sumptibus Guilhelmi Engelmanni, p. 1-17 (Pasquale II, attribuita dal Watterich a Pietro «Pisano»), 91-104 (Gelasio II) e 115-118 (Callisto II). *Le Liber Pontificalis. Texte, introductions et commentaire par l'abbé Louis Duchesne*. Ed. Louis Duchesne. Vol. II. Paris: Ernest Thorin Éditeur, 1892, p. 296-310

²⁰ Pur conoscendo e avendo utilizzato per questo studio l'edizione del Duchesne, in particolare per l'identificazione dei personaggi menzionati nelle biografie papali prese in esame, per le vite di o attribuite a Pandolfo d'Alatri (Pasquale II, Gelasio II, Callisto II) cito in questa sede l'edizione più recente del Přerovský. In ogni caso ho citato puntualmente anche l'edizione del Duchesne con il riferimento al numero di pagina per ognuna delle tre biografie papali citate in questa nota.

²¹ La chiesa, con dignità di basilica minore, tuttora esiste e si trova nell'omonima piazza a Roma nel rione Trevi nei pressi di Piazza Venezia, Via Nazionale e Via del Corso, si veda HÜLSEN, 1927: 202.

(Pasquale II), 311-321 (Gelasio II) e 322-326 (Callisto II). MARCH, José María (1925) — *Liber pontificalis Prout Exstat in Codice Manuscripto Dertusensi*. Barcelona: Typis La Educación. Si veda infine la più recente edizione del *Liber Pontificalis nella recensione di Pietro Guglielmo OSB e del card. Pandolfo glossato da Pietro Bohier OSB, vescovo di Orvieto*. Ed. Ulderico Přerovský. Vol. II. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 1978, p. 705-726 (Pasquale II), 727-744 (Gelasio II) e 745-750 (Callisto II).

Bibliografia essenziale: Per un inquadramento generale del *Liber Pontificalis* si veda MORGHEN, Raffaello (1934) — *Liber Pontificalis*. In *Enciclopedia Italiana Treccani*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/liber-pontificalis_%28Enciclopedia-Italiana%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 20/11/2017] e la estesa e aggiornata bibliografia allegata alla voce *Liber Pontificalis*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_03286.html>. [Consultazione realizzata on-line il 20/11/2017]. Su Pandolfo d'Alatri e le vite di Pasquale II, Gelasio II, Callisto II (e Onorio II) rinvio alla lettura di DUCHESNE, Louis (1920) — *Le "Liber Pontificalis" aux mains de Guibertistes et de Pierléonistes*. «École française de Rome. Mélanges d'archéologie et d'histoire», vol. 38, p. 181-193. BILLANOVICH, Giuseppe (1958) — *Gli umanisti e le cronache medioevali: Il "Liber Pontificalis", le "Decadi" di Tito Livio e il primo umanesimo a Roma*. «Italia medioevale e umanistica», vol. I, p. 103-138. VOGEL, Cyrille (1975) — *Le «Liber Pontificalis» dans l'édition de L. Duchesne*. In MARROU, Henri Irénée, coord. — *Monseigneur Duchesne et son temps*. Roma: École française de Rome, p. 121-127. ARNALDI, Girolamo (1975) — *Intorno al Liber Pontificalis*. In ARNALDI, Girolamo; BERTOLINI, Onorino; CAMPANA, Augusto; VOGEL, Cyrille, coord. — *Mgr Duchesne et son temps*. Rome: École Française de Rome, p. 129-140. HÜLS, Rudolf (1977) — *Kardinäle, Klerus und Kirchen Roms 1049-1130*. Tübingen: Niemeyer Max Verlag, p. 151-154; *Liber Pontificalis nella recensione di Pietro Guglielmo OSB e del card. Pandolfo glossato da Pietro Bohier OSB, vescovo di Orvieto*. Ed. Ulderico Přerovský. Vol. I. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 1978, p. 113-129. VIRCILLO FRANKLIN, Carmela (2013) — *History and Rhetoric in the Liber Pontificalis of the Twelfth Century*. «The Journal of Medieval Latin», vol. 23, p. 1-33 in particolare 10-11. VERARDI, Andrea Antonio (2013) — *La genesi del Liber Pontificalis alla luce delle vicende della città di Roma tra la fine del V e gli inizi del VI secolo. Una proposta*. «Rivista di Storia del Cristianesimo», vol. 1, p. 7-28. CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso di (2014) — *Pasquale II, "vir nullo virtutis generis carens". Una nota biografica*. In CAUCCI VON SAUCKEN, Paolo, coord. — *Cavalieri di San Giovanni di Gerusalemme, la Pie Postulatio Voluntatis e la Terrasanta*. Perugia: Volumnia, p. 35-40. Per Pandolfo d'Alatri come autore della *Vita* di papa Pasquale II si vedano inoltre i lavori di CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso di (2002) — *Il clero di Roma nel medioevo. Istituzioni e politica cittadina (secoli VIII-XIII)*. Roma: Viella, p. 60 e nota n.º 50 e la voce biografica (che abbiamo utilizzato come riferimento principale) di ANZOISE, Stefania (2015) — *Pandolfo da Alatri*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Disponibile in <[http://www.treccani.it/enciclopedia/pandolfo-da-alatri_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/pandolfo-da-alatri_(Dizionario-Biografico)/)>. [Consultazione realizzata on-line il 20/11/2017].

ALTERO manque sequenti anno rex Henricus in Italiam rediit, manifestus hostis ecclesiae. Tantoque infestior bonis ac religiosis quanto benignior malis seditiosisque; huius consiliari familiaresque: abbas Farfensis²², qui ob sacrilegium factionemque ab Ecclesia bis terque in capite dampnatus,

²² Labate di Farfa menzionato nella *Vita* di Pasquale II è Berardo III, il quale ricoprì la carica abbatiale tra il 1099 e il 1119. Berardo III fu un grande oppositore di Pasquale II per tutto il suo abbatiate e rimase dal lato dell'imperatore

Iohannes maledictus²³, Ptolomeus²⁴, horumque fautores. Tunc simul atque Latium intravit, beati Petri fidelibus bellum iniecit. Magna conatus est, famosa fecit, sed parva. Ob huius victoriae gloriam quam fecerat, videlicet quia apprehenderat quaedam castra, plebs populusve Romanus triumphum sibi instituit; coronata Urbe rex et regina²⁵ transivit per medium. Magnus apparatus, parva gloria; huic nullus patrum, nullus episcoporum, nullus catholicus sacerdos occurrit. Fit ei processio, empta potius quam indicta; iturus ad basilicam beati Petri, navi transvit, non ponte. Traiectus coronari expetiit. Respondetur: «In ea basilica a papa vel patribus coronandus coronari debere, aliter nequis; quod si velis, ab eis fore petendum». Fit consultum, delegat in hunc modum: «SI DIVINITUS datum foret, patres conscripti, rerum publicarum statum digno moderamine gubernari dignaque reverentia earum rectores alter ab altero praeveniretur, pax foret; nec imperialibus comitiis Urbis abesset pontifex nec pontificalibus Orbis abesset imperator; alter alterius gloris fulciretur; gloria alterius gloria utriusque foret et robur; robur utrorumque timor omnium amorque [...]. Nos patres, nos consules, nos primores, nos omnes boni Urbi et Orbis intuerentur; Gothi, Galli, Yspani et Afri, Greci et Latini, Parthus et Indus et Arabs aut timerent nos aut diligenter. Nunc autem, dum secus agitur, fit aliter; dimissis caeteris invicem agimus; invicem agitur ab omnibus merito hec patimur, maledicimur, impugnamur, exterminamur. Convertimini igitur, et mei licet peccantis votum correctionemque suscipite, ne, dum per vos in me rigescit iusticia [...]. Ecce a patre Romanae ecclesiae domno papa e Galliis in Urbem coronandus adveni, eum abesse infortunii meis deputo, nunc autem id a vobis exposco; tantoque id recipienti mihi fiet gratius quanto, ut id mihi fieret, gravius elaboravi. Solent accuratius excolere homines quod diu quesitum periculis adinvenitur. Sit pax! Et quidem erit, si velitis. Sine crimine loquor; profecto sedatis ventis quiescente maria». Haec rex. Ad haec ecclesia quae erant in Urbe: «INHONESTUM satis ac indignum nostri arbitramur, rex, ut aliquando nos dulcibus dictis convenias quos fellitis actibus in dies circumvenire contendis. Credisne credamus, rex, te paenitendum satisfactorum advenisse, per quem acerba ira continuaque, irruptiones barbaricas, rapinas sacrilegas, ordinationes sacrilegas et execrabiles, exordinationes impias seditionesque assidue conflari flerique cernamus?

Enrico V anche dopo la sua incoronazione da parte di Maurizio «Burdino». Si vedano con attenzione BOESCH GAJANO, 1966 e STROLL, 1987: 72-78.

²³ L'identificazione di Giovanni detto «Maledetto» comporta diversi problemi. Secondo il Duchesne Giovanni era Giovanni della famiglia Frangipane, famiglia romana alla quale era particolarmente ostile l'autore della *Vita* di Pasquale II e che sarà dipinta come la maggior oppositrice nella città di Roma di Gelasio II da parte dello stesso Pandolfo (si veda il testo della *Vita Gelasii II* riportato e tradotto alla voce seguente in questa sezione). Si veda anche la *Vita Paschalis II* (Ed. DUCHESNE, 1892: 309 e nota n.º 44). Secondo altri studi, invece, Giovanni potrebbe essere un nipote di Tolomeo I dei conti Tuscolani (si veda la nota seguente) da non confondere con l'omonimo *Praefectus Urbis* (Prefetto di Roma) vissuto ai tempi dell'imperatore Federico I Hohenstaufen (†1190) e fratello dell'*antipapa* Vittore IV (Ottaviano di Monticelli, 1159-1164) oppositore di Alessandro III (Rolando Bandinelli, 1159-1181). Si vedano su questi personaggi gli studi di BIANCHI-GIOVINI, 1868: 381 e BEOLCHINI, 2006: 94-95.

²⁴ Il Tolomeo citato nella *Vita Paschalis II* potrebbe essere Tolomeo I dei Conti Tuscolani il quale aveva dato in sposo suo figlio Tolomeo II a Berta la figlia dell'imperatore Enrico V, diventandone così uno dei principali sostenitori a Roma. In un passo della Cronaca di Montecassino (Libro IV), si può leggere «Imperator interea urbem Romam ingrediens et pontificem exinde discessisse prenoscens, consules, senatores ac proceres partim donis, partim promissis ad se attrahens Ptolomeo illustrissimo Octavia stirpe progenito, Ptolomei magnificentissimi Romanorum consulis filio, Bertam filiam suam in coniugio tradidit eique dona plurima conferens, quicquid avus eius Gregorius aliique parentes habuerunt vel retinuerant, predicto Ptolomeo et heredibus eius imperiali auctoritate in perpetuum confirmavit». *Chronica monasterii Casinensis*: 524. Si vedano inoltre BEOLCHINI, 2006: 88 e WICKHAM, 2014: 166 e 196.

²⁵ Enrico V re di Germania e imperatore e Matilde d'Inghilterra (†1167), figlia di Enrico I Beauclerc re d'Inghilterra (†1135) e di Edith/Matilde di Scozia (†1118). Per la cronologia del matrimonio tra Enrico e Matilde si veda HUSCROFT, 2016: 65 e XVIII. Su Matilde si veda il classico di CHIBNALL, 1993. Nel 1117 all'arrivo di Enrico V, Pasquale II si rifugiò a Benevento. Per questo era assente nell'episodio narrato. Cfr. CANTARELLA, 2000.

Simul ac Latium intrasti, rex, beati Petri fidelibus bellum iniecisti. [...] Age, qui sunt pro quibus agitur? Abbas Farfensis²⁶ et Ptolomeus, uterque anathematizatus — Qui sunt contra quos agitur? Beatus Petrus et Paulus, uterque apostolus. [...] Heu, heu expulsis catholici reverendam cunctis orbis populis beati Petri ecclesiam per te heretici occupant! Haecine est via illa, rex, qua penitens veniam merearis, satisfactio qua ecclesiae conformeris, pax qua bella quiescant, seditiones cessent, venti sedentur, mare detumescat? [...] Comitari cum excommunicatis, rex, nosti nos nec debere nec posse; eo maxime, cum contremiscat comitiis tuis interesse secundis quicumque nostrum interfuit primis». DIFFISUS hinc rex, accito Mauritio Braccarensi archiepiscopo, qui ob superbiam levitatemque curialis effectus per biennium extra parrochiam propriam opulentissime cultu regio hac et illac molliter dissoluteque vagaverat, ante corpus beati Gregorii coronare se fecit; sicque ab Urbe comitatus abscessit. In itinere erat, aequae distabat ab Urbe et Sutrio, audivit principem Apuliam cum expeditis celeribus Campaniam intrasse Pillumque ob defectionem ab eisdem depopulari. [...] Domnus papa celebrato concilio quod in partibus Apuliae congregaverat²⁷, rediens in Campaniam Pillum²⁸ Pullanumque²⁹, in Maritimis oppidum sancti Silvestri³⁰ in sui ditionem convertit [...] in Anagninam se contraxit [...] postmodum ante altare per se erectus missarum sollempnia celebreret. HAC VALITUDINE venit in Praeneste et beati Agapiti ecclesiam ibidem dedicavit³¹. Nativitatis Domini vigiliis, Romani ordinis missas et matutinum post missam et iterum missam et post missam processionem et missam cum omni voto et sollempnitate illi diei debita, Octavas etiam et Epiphantias devotissime celebravit. Et data licentia legatis Constantinopolitani imperatoris quos ibidem receperat, deliberaturus beati Petri basilicam, incautis hostibus, Romam in porticum venit. Ob cuius inopinatum adventum subitumque tantus terror Ptolomeum et praefectum invaserat ut ante alter quam vellet domnus papa peteret [...] ³². IAMQUE bonus pontifex ad perficiendum quod inceperat machinas et tormenta et quaeque necessaria bello incredibili agilitate per biduum per suos parari fecerat; [...]. Sed dum voluit, quod voluit fecit Dominus; vitam eius quam ob gratiam distulit ob debitum terminavit. [...]. Vir sanctus moriebatur et operabatur; convocatis patribus, ut in constantia fidei et sinceritate veri eum sequentur iniunxit; in cautela dolii ab his qui intus forent et extra, in execratione Gibertinorum³³ et enormitatis Teutonice; ut invicem idem, ut et ipsum verum quem diligenter Deum, in omnibus tenerent.

²⁶ Berardo III abate di Farfa (1099-1119). Si veda BOESCH GAJANO, 1966.

²⁷ La *Vita Paschalis II* si riferisce al Concilio di Benevento del 1117 nel quale Maurizio «Burdino» fu scomunicato dopo essere passato dalla parte di Enrico V. Si veda CANTARELLA, 2000. Il principe di Puglia, potrebbe essere un riferimento al duca Guglielmo, cfr. nota n.° 104 in questa sezione.

²⁸ Piglio comune italiano del Lazio, nell'attuale provincia di Frosinone. Si veda *Vita Paschalis II* (Ed. DUCHESNE, 1892): 309 e nota n.° 56.

²⁹ Pagliano comune italiano del Lazio, nell'attuale provincia di Frosinone. Si veda *Vita Paschalis II* (Ed. DUCHESNE, 1892): 309 e nota n.° 56.

³⁰ *L'oppidum Sancti Silvestri* secondo il Duchesne potrebbe essere identificato con il castello posto sulla sommità del Maschio di Lariano (o Monte Artemisio) situato a nord della città di Velletri, a circa quaranta chilometri a sud-est di Roma. Si veda *Vita Paschalis II* (Ed. DUCHESNE, 1892): 309, nota n.° 57. Su queste tre località e l'azione di Pasquale II si veda inoltre VENDITTELLI, 2013a: 1834-1841. Le aree geografiche indicate nella fonte come Campagna e Marittima, sono due sub-regioni che corrispondono a parte dell'odierno Lazio meridionale (e quindi da non confondere con l'attuale regione della Campania di cui è capoluogo Napoli), nell'area tra Velletri e Terracina, cfr. CACIORGNA, 1999: 49-51.

³¹ Preneste, oggi Palestrina, è un comune della città metropolitana di Roma.

³² Tolomeo dovrebbe essere sempre Tolomeo I dei Conti Tuscolani (vedi in questa sezione la nota numero n.° 24). Il prefetto dovrebbe essere Pietro II (il fratello di Pietro *Latrone* sul quale tornerò nelle prossime note), successore e figlio di Pietro I nel ruolo di prefetto, avvicendamento al quale si era opposto Pasquale II, si veda WICKHAM, 2014: 227-229.

³³ Con *Wibertini* — termine che indicava i sostenitori dell'*antipapa* Wiberto di Ravenna-Clemente III (1080-1100) — la fonte potrebbe indicare in generale, gli eretici, intesi come nemici della Chiesa, anche se come abbiamo visto,

Traduzione italiana:

L'anno successivo, il re Enrico tornò in Italia, indubbio nemico della Chiesa, tanto più ostile con i buoni e i religiosi, quanto più benevolo con i malvagi e i faziosi. Di costui i consiglieri e *familiari* erano l'abate di Farfa, condannato a morte dalla Chiesa più volte per le sue azioni sacrileghe, Giovanni «Maledetto», Tolomeo e i loro fautori. In quel tempo, [Enrico V, *scil.*] entrò nel Lazio e portò la guerra ai fedeli di San Pietro. Intraprese numerose iniziative, compì azioni famose, ma meschine. A causa di questa vittoria che aveva ottenuto, dato che [Enrico V, *scil.*] si era impadronito di alcuni castelli, la plebe e il popolo romano istituirono a lui il trionfo. Circondata la città, il re e la regina [Matilde d'Inghilterra, *scil.*] la attraversarono; grande sontuosità, ma poca gloria. Nessuno dei nobili, nessuno dei vescovi, nessun sacerdote cattolico accorse. La processione fatta dall'imperatore era comprata piuttosto che ordinata. Per andare verso la basilica di San Pietro, si spostò in nave, anziché attraversare il ponte. Una volta arrivato chiese di essere incoronato. Gli fu risposto: «*In questa Basilica, bisogna essere incoronati dal papa e dai padri e da nessun altro; se vuoi esserlo, devi chiederlo a loro*». Ci fu un consulto e così decise: «*O Padri qui riuniti, se per volere del cielo fosse concesso che lo stato delle cose fosse governato da un degno governo e da una degna reverenza, i rettori di quelle sarebbero superati l'un l'altro; ci sarebbe la pace se il papa non mancasse ai comizi imperiali dell'Urbe, né l'imperatore a quelli pontificali del mondo; l'uno sosterrrebbe la gloria dell'altro, sarebbe la gloria e la forza di entrambi; la forza di entrambi il timore e l'amore di tutti [...] noi padri, consoli, aristocratici, noi tutti saremmo ammirati non solo nell'Urbe ma su tutta la terra; Goti, Galli, Ispani e Africani, Greci e Latini, Parti e Indiani e Arabi ci temerebbero o ci amerebbero. Adesso però, mentre si agisce diversamente, accade altrimenti. Allontanate tutte le altre cose ci accusiamo vicendevolmente e a propria volta si è accusati da tutti. Per questo motivo soffriamo, siamo maledetti, combattuti, esiliati. Convertitevi allora e nonostante il mio peccato accettate dunque la preghiera e la correzione, affinché non si irrigidisca in me la giustizia verso di voi. [...]. Ecco venni dal Papa signore della Chiesa di Roma, dalle Gallie nell'Urbe per essere incoronato. Imputo che lui sia assente alle mie sfortune; ma ora chiedo con insistenza a voi questa cosa e mi sono sforzato affinché tanto ciò è più grato per colui che mi riceve quanto, come ciò che accade a me, più gravoso. Gli uomini sono soliti coltivare con più attenzione ciò che è stato ottenuto a lungo e con pericoli. Sia la pace e così sarà, se volete. Parlo senza crimine. Certamente, placati i venti, riposano i mari*». Così il re. Così la Chiesa che era in Roma: «*Consideriamo assai disonesto e indegno, o re, che tu venga da noi con dolci parole, noi che da tempo tenti di sopraffare con atti pieni di veleno. Credi forse o re che noi reputiamo che tu sia giunto per fare ammenda con la penitenza, noi che vediamo che a causa tua con crudele e continua ira sono provocate ed accadono assiduamente irruzioni barbare, rapine sacrileghe, ordinazioni sacrileghe ed esecrabili, disordini empi e sediziosi? Non appena sei entrato nel Lazio, o re, hai mosso guerra ai fedeli di San Pietro [...]. Orsù, chi sono coloro per i quali si agisce? L'abate di Farfa e Tolomeo, entrambi scomunicati. Chi sono coloro contro i quali si agisce? I Santi Pietro e Paolo, entrambi Apostoli. [...]. Gli eretici occupano la venerabile Chiesa di San Pietro, riverita da tutti i popoli della terra, per colpa tua una volta espulsi i cattolici. È questa quella via, o re, con cui, penitente, vuoi ricevere il perdono? La soddisfazione con cui ti conformi alla Chiesa? La pace con cui taceranno le guerre, finiranno le sedizioni, saranno sedati i venti, il mare cesserà di gonfiarsi? [...]. O re, sai che non dobbiamo, né possiamo parlare con gli scomunicati, soprattutto quando chiunque dei nostri abbia partecipato ai tuoi primi raduni, tremi al*

nelle lettere di Gelasio II, Maurizio «Burdino» era appoggiato a Roma anche da alcuni vecchi sostenitori dell'*antipapa* Clemente III. Si veda l'Introduzione di questo volume per la bibliografia.

pensiero di partecipare ai secondi». Diffidato da questo momento, il re preso Maurizio arcivescovo di Braga, fatto uomo di curia, il quale per superbia e frivolezza aveva vagato di qua e di là per due anni fuori dalla sua parrocchia in maniera voluttuosa e dissoluta a causa dell'opulentissimo stile di vita regio, si fece incoronare davanti al corpo del beato Gregorio [Gregorio I Magno, *scil.*]; e così la corte partì da Roma. Mentre era in viaggio e distava in egual misura da Roma e da Sutri, apprese che il principe di Puglia con la sua rapida fanteria leggera era entrato nella Campagna e a causa di una defezione, Piglio era stata saccheggiata da quelli [...]. Celebrato un concilio che aveva congregato dalle parti della Puglia, il papa [Pasquale II, *scil.*] ritornando nella Campagna pose sotto la sua autorità le località di Piglio e Pagliano e nella Marittima il borgo di San Silvestro [...]. Si ritirò ad Anagni [...] e in seguito davanti all'altare eretto per lui celebrò le funzioni religiose [...]. Con questo vigore, arrivò a Preneste e qui consacrò la chiesa di Sant'Agapito. La Vigilia di Natale officiò in maniera devotissima le messe del rito Romano, il mattutino dopo la messa e una seconda messa e la processione dopo la messa ed una messa, con ogni preghiera e solennità per quella ricorrenza debita, e la liturgia dell'Ottava e dell'Epifania. Concesso il permesso ai legati dell'imperatore costantinopolitano che aveva ricevuto in quel luogo, pensò di liberare la basilica del Beato Pietro dagli incauti nemici e arrivò a Roma nel portico. Per quell'inaspettato e improvviso ritorno del papa a Roma, Tolomeo ed il prefetto furono presi da tanto terrore che chiesero la pace prima ancora che il signor [il papa, *scil.*] volesse concederla [...]. Ormai, però, il valente papa per concludere ciò che aveva iniziato, per due giorni aveva fatto allestire ai suoi macchine, catapulte e tutto quello che era necessario per la guerra con incredibile rapidità, ma mentre organizzava [tutto questo], Dio fece ciò che voleva. La sua vita [di Pasquale II, *scil.*] che si distinse per la grazia, terminò [...]. Un uomo santo moriva e si sacrificava. Ai padri convocati, che autentici lo seguivano nella costanza della fede e nella sincerità della verità, aggiunse di stare in guardia contro gli inganni di quelli che sono dentro e fuori, nella condanna dei Wibertini e della malvagità teutonica, affinché si amassero reciprocamente ed allo stesso modo reciprocamente si sostenessero in tutte le cose, come colui che in verità ama Dio.

Tradução portuguesa:

No ano seguinte, o rei Henrique, sem dúvida inimigo da Igreja, regressou a Itália, tanto mais hostil com os bons e com os religiosos, como mais benevolente com os malvados e os facciosos. Eram seus conselheiros e familiares o abade de Farfa, condenado à morte várias vezes pela Igreja pelas suas acções sacrílegas, João «o Amaldiçoado», Tolomeu e os seus partidários. Naquele tempo [Henrique V, *scil.*] entrou no Lácio e levantou guerra contra os fiéis de São Pedro. Fez muitas coisas, algumas acções famosas, mas mesquinhas. Graças à vitória que tinha obtido, e pela qual se apoderou de alguns castelos, a plebe e o povo romano instituíram-lhe o triunfo. Cercada a cidade, o rei e a rainha [Matilde de Inglaterra, *scil.*] atravessaram-na; uma grande sumptuosidade, mas pouca glória. Nenhum dos nobres, nenhum dos bispos, nenhum sacerdote católico acorreu. A procissão feita pelo imperador era comprada em vez de ordenada. Para ir até à Basilica de São Pedro, o imperador deslocou-se de barco em vez de atravessar a ponte. Uma vez chegado, pediu para ser coroado. Foi-lhe respondido: «*Nesta Basilica é preciso ser coroado pelo papa e pelos Padres e por mais ninguém; se quiser ser coroado tem que pedir-lhes*». Houve uma consulta e o imperador decidiu assim: «*Oh Padres aqui reunidos, se por vontade do Céu fosse decidido que o estado das coisas fosse governado por um digno governo e uma digna reverência, os responsáveis delas seriam superados uns pelos outros; haveria paz se o papa não faltasse às assembleias imperiais na Urbs, nem o imperador estivesse ausente daquelas pontificais seculares; um apoiaria a glória do outro; seria a glória e a força de ambos; a força de ambos, o medo e o amor de todos [...]* nós Padres, cônsules,

*aristocratas, nós todos não seremos admirados só na Urbs, mas também em toda a terra; Godos, Francos, Hispanos e Africanos, Gregos e Latinos, Partas, Índios e Árabes teriam medo de nós ou nos amariam. No entanto, se agimos diversamente, acontece de outra maneira. Afastadas todas as outras coisas, nós acusamo-nos mutuamente, e por sua vez somos acusados por todos. Por esta razão sofreremos, somos amaldiçoados, combatidos, exilados. Então, convertei-vos e aceitai, apesar do meu pecado, a oração e a correção, para que não se endureça em mim a justiça para vocês [...]. Estou aqui, vindo das Gálias para Roma, e cheguei perante o papa, Senhor da Igreja Romana, para ser coroado. Acuso-o de estar ausente nas minhas desgraças, mas agora peço-vos com insistência esta coisa; esforcei-me por muito tempo para que isto fosse tanto mais grato para quem recebe, como o que acontece a mim, mais gravoso. Os homens costumam cultivar mais atentamente o que longamente obtiveram e com muitos perigos. E seja a paz, e assim será se quiserdes. Falo sem malícia. Uma vez que os ventos diminuirão, os mares acalmarão sem dúvida». Assim falou o rei. A isto, a Igreja que estava em Roma respondeu: «Achamos muito desonesto e indigno, ó rei, que te dirijas a nós com palavras doces, a nós que tu, desde há muito tempo, tentas subjugar com gestos cheios de veneno. Achas se calhar, ó rei, que nós acreditamos que tu vens para fazer emenda com penitência, nós que vemos, por tua culpa e com cruel e contínua raiva, ateaem-se levantamentos bárbaros, roubos sacrílegos, ordenações sacrílegas e desordens ímpias e sediosas? Apenas entrastes no Lácio, ó rei, logo fizeste a guerra aos fiéis de São Pedro [...]. Diz lá por conta de quem se age? O abade de Farfa e Tolomeu, ambos excomungados. Contra quem se age? Os santos Pedro e Paulo, ambos Apóstolos. Uma vez expulsos os católicos, os hereges, por tua culpa, estão a ocupar a venerável Igreja de São Pedro, reverenciada por todos os povos da terra. É esta, ó rei, aquela via através da qual, como penitente, queres receber o perdão? A satisfação com que te conformarás à Igreja? A paz com que se calarão as guerras, acabarão as sedições, se apaziguarão os ventos, se pacificarão os mares? [...]. Ó rei, sabes que não devemos, nem podemos falar com excomungados, sobretudo quando qualquer dos nossos que participou nas tuas primeiras reuniões treme de participar nas segundas». Afastado a partir daquele momento, o rei, tomando Maurício, arcebispo de Braga, homem feito curial que por soberba e superficialidade viajava há já dois anos fora da sua paróquia de maneira voluptuosa e desregrada por causa do extremamente luxuoso estilo de vida da corte real, fez-se coroar em frente do corpo do Beato Gregório [Gregório I Magno, *scil.*]; e assim a corte partiu de Roma [...]. Enquanto estava de viagem, encontrando-se à mesma distância de Roma e de Sutri, soube que o príncipe da Apúlia tinha entrado na Campagna com a infantaria ligeira, e por causa de uma deserção, Piglio tinha sido saqueada por aqueles [...]. O Papa [Pascoal II, *scil.*], depois de ter celebrado um concílio que tinha convocado para a Apúlia, voltou à Campagna e pôs sob a sua autoridade as localidades de Piglio e Pagliano, e em Marítima o burgo de São Silvestre [...]. Retirou-se em Anagni [...] onde, mais tarde, perante o altar montado para ele, celebrou o serviço religioso. Com este vigor chegou a Preneste onde consagrou a igreja local dedicada a Santo Agapito. Na véspera de Natal celebrou as missas segundo o rito Romano, e na manhã seguinte a missa e a segunda missa e a procissão depois da missa, e uma missa com cada oração e solenidade apropriadas ao momento, e ainda a liturgia da Oitava e da Epifania. E concedida a autorização aos legados do imperador de Constantinopla, que recebeu naquele lugar, entendeu libertar a Basílica de São Pedro dos imprudentes inimigos; voltou a Roma ao pórtico [de São Pedro, *scil.*]. Perante o inesperado regresso do papa a Roma, o prefeito e Tolomeu ficaram tão assustados que pediram ao papa a paz, antes que o senhor [papa, *scil.*] quisesse dá-la. [...]. O papa legítimo, para acabar o que tinha começado, ordenou aos seus homens para prepararem durante dois dias as máquinas, as catapultas e tudo o que era preciso para a guerra com uma extraordinária rapidez. Mas enquanto o papa estava a organizar [tudo*

isto, *scil*], Deus fez cumprir a Sua vontade. A sua vida [de Pascoal II, *scil.*] que se distinguiu pela graça acabava. Um homem santo morria e sacrificava-se. Aos Padres convocados que, autênticos, seguiram-no na constância e na sinceridade da verdade, sugeriu terem atenção aos enganados dos que estão dentro e fora, à condenação dos wibertinos e da maldade teutónica, e que se amassem mutuamente e da mesma forma se apoiassem em todas as coisas, como aquele que, em verdade, ama a Deus.

2) *Vita Gelasii II. Liber Pontificalis nella recensione di Pietro Guglielmo OSB e del card. Pandolfo glossato da Pietro Bohier OSB, vescovo di Orvieto. Ed. Ulderico Přerovský. Vol. II. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 1978, p. 727-744.*

Nota biografica: Si veda la *Vita Paschalis II*.

Opera: Si veda la *Vita Paschalis II*.

Edizioni/Traduzioni principali: Si veda la *Vita Paschalis II*. Esiste anche una traduzione del XIX secolo in italiano della vita di Gelasio II che abbiamo utilizzato per le nostre versioni in italiano e in portoghese. Si veda GAETANI, Costantino (1802) — *Vita del pontefice Gelasio II.: Recata dalla latina favella nella volgare*. Roma: Stamperia Gaetani, p. 1-13.

Bibliografia essenziale: Si veda la *Vita Paschalis II*.

Gelasius, qui et Iohannes, natione Gaietanus, sedit anno I. [...] HOC TEMPORE Romana mater aecclesia non modicum consuetis tergiversationibus fatigata fluctu plurimo laborabat. Siquidem Gibertus quidam, olim Ravennantium dictus archiepiscopus³⁴, homo litteratus et nobilis [...] ab imperatore teutonico Henrico maiore³⁵ contra papam Gregorium³⁶ in ipsam Petri cathedram et violenta est intrusione locatus et non parvis temporibus tyrannice incubavit [...]. Tunc papa³⁷ litteratissimus et facundus fratrem Iohannem virum utique sapientem ac providum sentiens ordinavit, admovit, suumque cancellarium ex intima deliberatione constituit [...] DECEDENTE itaque papa de vita hac, successit illi Paschalis³⁸, cui cancellarius ipse individua semper in infinitis adversitatibus caritate cohaesit eiusque senectutis baculus ac per omnia perduravit. [...] Interim autem Paschale papa defuncto, venerabilis pater domnus Petrus, Portuensis episcopus³⁹, qui primatum post papam per longa iam diutius tempore detinuerant, cumque eo omnes presbiteri ac diaconi cardinales de eligendo

³⁴ Su Wiberto arcivescovo di Ravenna (1073-1080) e *antipapa* con il nome di Clemente III (1080-1100) si vedano DOLCINI, 1982 e ZIESE, 1982.

³⁵ Papa Gregorio VII (1073-1085). Si veda per le fonti e la storiografia la raccolta di saggi curata da B. Pio di CAPITANI 2015 oltre a CANTARELLA 2005 e CANTARELLA, 2018.

³⁶ L'imperatore Enrico IV (†1106), padre di Enrico V. Per una biografia di Enrico V rinvio alla lettura del volume di ALTHOFF, 2009: 162 e seguenti.

³⁷ Papa Urbano II (1088-1099). Si veda CERRINI, 2000a. Come si può notare facilmente dalle date dei pontificati, Wiberto fu *antipapa* di Urbano II per tutto il suo pontificato e gli sopravvisse un anno, rimanendo *antipapa* anche contro Pasquale II.

³⁸ Pasquale II (1099-1118). Si veda la Bibliografia Essenziale della fonte *Vita Paschalis II* in questa sezione.

³⁹ Pietro vescovo di Porto (1102-1134). Si veda ANDENNA, 2015. Per l'identificazione degli ecclesiastici citati nella *Vita Gelasii II* di Pandolfo (e la relativa bibliografia) ci siamo basati anche sulle informazioni contenute nei seguenti siti. Disponibile in <<https://www.csun.edu/~hcfl004/SV1118.html>>. [Consultazione realizzata on-line il 11/09/2019] e Disponibile in <<https://webdept.fiu.edu/~mirandas/conclave-xii.html>>. [Consultazione realizzata on-line il 11/09/2019].

pontifice, et in commune communiter et singulariter singuli, pertractare coeperunt. Tum domnus cancellarius in monasterio Casinensi commanens, de his gestis modis omnibus inscius; nuntius de repente comparuit, qui cancellarium ipsum, iuxta quod acceperat in mandatis, ad cardinales Romam cum omni faceret celeritate redire. Quid mora? Tristis frater Iohannes mortemque tanti patris voce porrectiori rememorans, prout erat obedientie filius, paruit, mulam ascendit, maturatoque itinere Urbem intravit, fratres ac filios communuit, adunavit. In CRASTINUM vero, secundum quod condixerant, honorabilis pater praenominatus domnus Portuensis episcopus⁴⁰, Cencius Sabinensis⁴¹,

⁴⁰ Si veda la nota precedente in questa sezione. La fonte dice (cfr. PRĚROVSKÝ, 1978: II, 727) che Giovanni di Gaeta da Giovane era stato monaco di Montecassino; questo dettaglio potrebbe spiegare il perché secondo Pandolfo, Giovanni in quel momento si trovasse presso il monastero.

⁴¹ Il personaggio di Cencio di Sabina («Cencius Sabinensis», sia nell'edizione del WATTERICH, 1862: 75 che in quella del DUCHESNE, 1892: 312) merita in questa sede un approfondimento in quanto come già notato da B. Navarra esistono varie interpretazioni sull'identità di questo vescovo (NAVARRA, 1980: 182). Secondo lo Jaffé tra il 1102 e il 1126 il vescovo di Sabina è Crescenzo (JAFFÉ, 1861: 477), ed è sempre la stessa persona nelle sottoscrizioni papali da Pasquale II a Onorio II. Quest'ipotesi è stata ripresa da quasi tutta la letteratura storiografica successiva, come ad esempio TILLMANN, 1972: 314-315; HÜLS, 1977: 127; WISPELWEY, 2008: 284. Una parte importante dell'erudizione italiana e tedesca almeno dal XVII secolo con l'opera dell'Ughelli ha distinto, invece, tra tre vescovi-cardinali di Sabina: Crescenzo (I) che appare nelle fonti nel 1102; Cencio o Cinzio che compare nelle fonti tra il 1106 e almeno il 1112 e Crescenzo (II) che appare nelle fonti a partire dal 1116 fino al pontificato di Onorio II. Riporto di seguito i riferimenti per esteso che non compaiono nella prosopografia dello HÜLS, 1977: 1102 («Crescentius Salunensis episcopus»; KEHR, 1908: III, 16, reg. 4 e JL 4410 (Laterano marzo 11 1102) = PL, Paschalis papae ep., CLXIII, ep. LXVII, coll. 86). Cencio o Cinzio: 1106, si tratta di un documento considerato dubbio dal Migne («Ego Cinthius Sabinensis episcopus interfui et subscripsi», PL, Paschalis papae ep., CLXIII, ep. DXXXVII, coll. 446); 1109 («Cintius sabinensis episcopus», *Liber Pontificalis*: I, 407, doc. CXXXI, ed. L. Duchesne) e sicuramente nel 1112 al sinodo Laterano («Centius sabinensis», MGH, *Constitutiones et acta*: I 572). Crescenzo II a partire dal 1116: «Crescentius, Sabinensis episcopus, subscripsi», JL 4811 (Laterano marzo 24 1116) = PL, Paschalis papae ep., CLXIII, ep. CDLXVI, coll. 404. Inoltre, G. Andenna nella sua voce enciclopedica sul vescovo Pietro di Porto, parla di un vescovo Cencio di Sabina e non Crescenzo, riferendosi al gruppo di cardinali «catturati» da Enrico V nel 1111 (ANDENNA, 2015). Se si segue come ho fatto in un mio precedente lavoro questa seconda interpretazione dei dati (RENZI, 2019a: 294), Cencio non poteva essere presente alle elezioni di Gelasio II nei primi mesi del 1118. Questa discrepanza nella cronotassi della sede di Sabina potrebbe essere o una svista di Pandolfo o un elemento che avvalorerebbe l'ipotesi del Duchesne e del Robinson, secondo i quali la lista dei presenti alle elezioni del papa fosse volutamente «gonfiata» da parte di Pandolfo, in maniera tale da far apparire incontestabile la scelta del nuovo papa e/o per mettere in risalto il ruolo dei cardinali presbiteri e diaconi contro i cardinali vescovi. Questi ultimi nel 1130 avevano votato in maggioranza contro Anacleto II, il candidato appoggiato da Pandolfo. (DUCHESNE, 1892: 319, nota n.º 16; ROBINSON, 1990: 62-63. Questa ipotesi è stata criticata da STROLL, 1987: 91-92). L'esattezza della cronologia proposta dall'Ughelli, dal Cardella, dal Gams, dal Tomassetti e dal Biagiotti, sarebbe confermata, pertanto, dalla bolla papale di Pasquale II del 24 marzo citata in questa nota, nella quale appare un vescovo di Sabina *Crescenzo* e non più *Cencio* (UGHELLI, 1644: I, coll. 183; CARDELLA, 1792: 212; GAMS, 1873: XIII; TOMASSETTI & BIAGIOTTI, 1909: 59). Lo stesso U. Přerovský nella sua edizione del *Liber Pontificalis* afferma chiaramente che il nome Cencio indicato da Pandolfo nella *Vita* di Gelasio II va corretto in Crescenzo; ma allora se va corretto come può essere la stessa persona? I nomi non sono intercambiabili? (PRĚROVSKÝ, 1978: I, 91) In vari studi si afferma decisamente che Cencio sarebbe un diminutivo di Crescenzo (BALDACCHINI, 1979; *Monumenta onomastica Romana*: II, 5-6; MARTIN, 2009: 137; STROLL, 2011: 237; WICKHAM, 2014: 132) e quindi si tratterebbe della stessa persona indicata di volta in volta con una variante dello stesso nome. Le fonti però non sembrano indicare, almeno non sempre, questa dinamica. Non solo perché spesso i nomi sono chiaramente distinti nelle fonti del XII secolo, come nel caso di Falcone Beneventano (*Chronicon Beneventanum*: 110, 216 e 256), ma anche osservando i documenti manoscritti ci si accorge che le abbreviazioni usate sono completamente differenti. Ad esempio nella sinodo Laterano del 1112 compare come sottoscrittore il vescovo Cencio di Sabina come si può facilmente leggere nell'edizione degli MGH. Nel Cod. Lat. Vat. 1984 conservato presso la Biblioteca Apostolica Vaticana (BAV), il nome è abbreviato in «Cenciu» con un segno di abbreviazione finale solo per la lettera *s* e non c'è traccia della lettera *r*, il che rende impossibile, almeno in questo caso, l'intercambiabilità tra i nomi Cencio e Crescenzo che compaiono nelle fonti con sequenze temporali ben precise ed omogenee al loro interno. Si veda il manoscritto, Disponibile in <https://digi.vatlib.it/view/MSS_Vat.lat.1984>. [Consultazione realizzata on-line il 04/06/2019]. Anche gli studi epigrafici confermano che nel 1114 il vescovo di Sabina si chiamava Cencio e non Crescenzo

Vitalis Albanensis⁴², Lambertus Hostiensis episcopi⁴³, Divizo sancti Martini⁴⁴, Bonifatius sancti Marci⁴⁵, Desiderius sanctae Praxedis⁴⁶, Petrus Pisanus sanctae Susannae⁴⁷, Iohannes de Crema sancti Crisogoni⁴⁸, Saxo de Anagnia sancti Stephani in Celio monte⁴⁹, Amicus sancte Crucis⁵⁰, Sigizo sancti Xisti⁵¹, Amicus sanctorum Nerei et Achillei⁵², I. sanctae Ceciliae⁵³, Deusdedit sancti Laurentii in Damaso⁵⁴, Anastasius sancti Clementis⁵⁵, Ranerius sancti Marcellini et Petri⁵⁶, Benedictus sancti Petri ad Vincula⁵⁷, Chunradus sanctae Pudentiane⁵⁸, N. sanctorum Iohannis et Pauli⁵⁹, Tevaldus sanctae Anastasiae⁶⁰, Guirardus sanctae Prisce⁶¹,

come dimostra l'iscrizione dell'altare maggiore della chiesa di San Tommaso ai Cenci di Roma («per manus Cencii sabinensis epi»). Rinvio allo studio di VISTOLI, 2006: 411. In ultima battuta, anche T. di Carpegna Falconieri nel suo studio sull'antropomima del clero romano medievale distingue nettamente tra Crescenzo e Cencio/Cinzio che appaiono come nomi differenti anche nelle carte di Santa Maria in Trastevere dove il nome Crescenzo è indicato come *Crescentius* e Cencio come *Cencius* (RADICIOTTI, 2010). Si vedano CARPEGNA FALCONIERI, 1995: 519-520 e BEVILACQUA, 1988: 11. Inoltre in due documenti del XII secolo provenienti dai monasteri di San Silvestro *in Capite* e SS. Cosma e Damiano in Mica Aurea (quest'ultimo documento si riferisce alla chiesa di San Giacomo di Sutri, ASR, Archivio di Stato di Roma) il nome Crescenzo o è scritto per esteso «Crescenzo» o abbreviato in *cr* con un segno di abbreviazione sulla *r* che non appare nel nome Cencio. I documenti sono Disponibili in <http://www.cflr.beniculturali.it/Pergamene/pergamene.php?lar=1600&alt=900>. [Consultazione realizzata on-line il 25/11/2019]. Pur non potendo affermare con assoluta certezza che si tratti di due cardinali distinti, credo sia importante segnalare questi elementi che a mio avviso suggeriscono una maggiore cautela nell'identificazione dei personaggi che compaiono nelle fonti. Sulla politica delle sottoscrizioni di Crescenzo/Cencio si veda TILLMANN, 1972: 314-317. Ringrazio S. Anzoise per questa segnalazione.

⁴² Lamberto vescovo di Ostia (1117-1124) e successivamente papa con il nome di Onorio II (1124-1130). Si veda CERRINI, 2000b.

⁴³ Vitale vescovo di Albano (1116-1126/1127). HÜLS, 1977: 95-96.

⁴⁴ *Divizo Sancti Martini* dovrebbe essere identificato con *Domnizzone o Amizzone* cardinale-prete dei Santi Silvestro e Martino ai Monti (†1122). Si veda CARDELLA, 1792: 220-221.

⁴⁵ Bonifacio cardinale-prete di San Marco (†1130). Si veda ZENKER, 1964: 82 (nota n.° 48).

⁴⁶ Desiderio cardinale-prete di Santa Prassede (1112-1138). HÜLS, 1977: 197.

⁴⁷ Pietro Pisano o della Gherardesca cardinale-prete di Santa Susanna (1117-1144). Si veda HÜLS, 1977: 197.

⁴⁸ Giovanni da Crema fu nominato cardinale-prete di San Crisogono da Pasquale II nel 1116 (†1136/1137). Si veda FREUND, 2001.

⁴⁹ *Saxo* o *Sasso* cardinale-prete di S. Stefano al Monte Celio appare per la prima volta come cardinale nel tardo 1116. Si veda HÜLS, 1977: 206-207.

⁵⁰ Amico fu cardinale-prete di Santa Croce in Gerusalemme a partire dal 1088. Morì tra il 1121 e il 1122. Si veda HÜLS, 1977: 163 (nota n.° 1).

⁵¹ *Sigizo* o *Sigizzone iuniore* fu cardinale-prete di San Sisto tra il 1118 e almeno il 1130. Si veda HÜLS, 1977: 206.

⁵² Amico fu cardinale-prete dei Santi Nereo e Achille (†post 1130). Si veda KLEWITZ, 1957: 126 e 217.

⁵³ Giovanni fu cardinale-prete di Santa Cecilia a partire dal 1106. Si veda HÜLS, 1977: 157.

⁵⁴ Deusdedit fu cardinale-prete di San Lorenzo in Damaso almeno dal 1116. Si veda HÜLS, 1977: 179-180.

⁵⁵ Anastasio fu cardinale-prete di San Clemente tra il 1102 e il 1125. HÜLS, 1977: 161-162.

⁵⁶ Raniero fu nominato cardinale-prete della chiesa dei Santi Marcellino e Pietro nel 1099. Si vedano HÜLS, 1977: 183 (nota n.° 1) e KLEWITZ, 1957: 128 (nota n.° 32).

⁵⁷ Benedetto fu dapprima cardinale-prete di Santa Pudenziana tra il 1077 e il 1100 e solo successivamente cardinale di San Pietro in Vincoli, carica che mantenne fino alla morte (†ca. 1125). Si vedano HÜLS, 1977: 200 (nota n.° 1) e KLEWITZ, 1957: 127 (nota n.° 29).

⁵⁸ Corrado fu cardinale-prete di Santa Pudenziana a partire dal 1114. HÜLS, 1977: 201.

⁵⁹ In questo caso potrebbe trattarsi di un altro errore nella lista fornita da Pandolfo Pisano. N. cardinal-prete del titolo dei Santi Giovanni e Paolo, potrebbe essere Niccolò che però ricoprì la carica tra il 1112 e il 1117, mentre nel 1118 la carica era già occupata da Teobaldo. Si veda CRISTOFORI, 1888: 110 e HÜLS, 1977: 167.

⁶⁰ *Antipapa* nel 1124 (Celestino II), Teobaldo *Buccapepus* non era cardinale di Santa Anastasia al momento dell'elezione di Gelasio II in quanto ricoprì quella carica solo dopo il 1121-1122, cfr. HÜLS, 1977: 149. Per S. Cerrini rimane ancora aperta la questione dell'identificazione del cardinale di Santa Maria Nuova, per capire se fosse lo stesso Teobaldo *Buccapepus* o un altro ecclesiastico omonimo. Si veda CERRINI, 2000c.

⁶¹ Gerardo fu cardinale-prete di Santa Prisca soltanto tra il 1123 e il 1129, si tratta per Hüls di un altro errore di Pandolfo in quanto nel 1118 il cardinale era Gregorio. HÜLS, 1977: 199.

Guido sanctae Balbine⁶², Gregorius sancti Laurentii in Lucina et sex alii presbiterii cardinales⁶³, nam Hugo de Alatro, presbiter cardinalis XXVIII, arcem Circeam per papam Paschalem tenuerat, qui paulo post rediit⁶⁴. ITEM GREGORIUS sancti Eustachii, qui et abbas Andreae⁶⁵, Oderisius sanctae Agathae, qui postea abbas Casinensis effectus est⁶⁶, Roscemannus Sancti Georgii⁶⁷, Henricus Sancti Theodori, qui et Mazariensis decanus⁶⁸, Aldo sanctorum Sergii et Bachi⁶⁹, Petrus Leonis sanctorum Cosmae et Damiani⁷⁰, Comes sanctae Marie in Aquiro⁷¹, Crisogonus sancti Nicholai in carcere Tulliano⁷², Stephanus sanctae Luciae in Silice⁷³, Gregorius sancti Angeli⁷⁴ et octo alii diaconi cardinales; Nicolaus primicerius⁷⁵ cum scola cantorum, subdiacones palatii omnes⁷⁶, archiepiscopi quam plures, sed et alii minoris ordinis clerici multi romani; de senatoribus ac consulibus aliqui praeter familiam nostram. HII OMNES, vitantes scandalum quod in huiusmodi solet electionibus pro peccatis nostris accidere, [...] credentes locus tutissimus [...] in monasterio quodam quod Palladium⁷⁷ dicitur infra domos Leonis et Cencii Fraiapano⁷⁸, pariter convenerunt ut iuxta scita canonum de electione tractarent. In quo loco, videlicet post disceptationem diutinam [...] pari voto et ac desiderio in hoc unum unanimiter concordarunt ut domnum Iohannem cancellarium in papam eligerent et haberent. Nec mora; captus ab omnibus, laudatur ab omnibus; nec non etiam

⁶² Monaco benedettino, Guido fu cardinale di Santa Balbina tra il 1099 e il 1120. KLEWITZ, 1957: 125 e 239.

⁶³ Gregorio da Ceccano o Gregorio Albergati fu cardinale di San Lorenzo in Lucina tra il 1116 e il 1125. HÜLS, 1977: 181-182.

⁶⁴ Ugo (d'Alatri) era lo zio di Pandolfo d'Alatri l'autore della *Vita* di Gelasio II. Fu cardinale dei XII Apostoli. Pasquale II gli confidò la difesa della rocca di San Felice del Circeo (situata a circa cento chilometri a sud di Roma) assediata da Enrico V. Si veda STROLL, 2004: 351.

⁶⁵ Gregorio (†1134) fu cardinale di Sant'Eustachio dal 1110 e fu abate del monastero dei Santi Andrea e Gregorio in *clivo Scauri* di Roma. Si veda HÜLS, 1977: 226-227.

⁶⁶ Si tratta di Oderisio II abate di Montecassino tra il 1123 e il 1126 e cardinale di Sant'Agata *alla Suburra* (oggi Sant'Agata de' Goti) dal 1112. Si vedano HÜLS, 1977: 221-222 e KLEWITZ, 1957: 133 (nota n.° 19).

⁶⁷ Roscimanno fu cardinale di San Giorgio in Velabro tra il 1112 e il 1128. Cfr. HÜLS, 1977: 227-228.

⁶⁸ Enrico cardinal-diacono di San Teodoro secondo il Pferovský non fu cardinale prima del 1121. PŘEROVSKÝ, 1978: I, 91.

⁶⁹ Aldo (†ca. 1123) fu cardinal-diacono dei Santi Sergio e Bacco dal 1099. HÜLS, 1977: 241 (nota n.° 1) e KLEWITZ, 1957: 132 (nota n.° 8).

⁷⁰ Si tratta di Pietro Pierleoni futuro *antipapa* Anacleto II (1130-1138). Pietro fu cardinal-diacono del titolo dei Santi Cosma e Damiano tra il 1106 e il 1130. Si veda MANSELLI, 2000.

⁷¹ Comes (†post-1139) fu cardinal-diacono di Santa Maria in Aquiro dal 1088. HÜLS, 1977: 231 (nota n.° 1) e KLEWITZ, 1957: 133 (nota n.° 17).

⁷² Crisogono fu cardinal-diacono di San Nicola in Carcere tra il 1112 e il 1123. Si veda HÜLS, 1977: 240.

⁷³ Stefano divenne cardinal-diacono di Santa Lucia in Silice nel 1099. CRISTOFORI, 1988: 246.

⁷⁴ Si tratta di Gregorio cardinal-diacono di Sant'Angelo in Pescheria dal 1116 e futuro papa Innocenzo II (1130-1143). Si vedano KLEWITZ, 1957: 133 (nota n.° 15) e CARPEGNA FALCONIERI, 2000.

⁷⁵ Nicola era il *primicerius* della *schola cantorum* della Chiesa Romana; come ha dimostrato C. Wickham, queste figure partecipavano alle processioni pasquali insieme agli altri membri dell'episcopato di Roma anche nel XII secolo. Il *primicerius* della *schola cantorum* non deve essere confuso con un'altra magistratura, ossia il *primicerius defensorum*, uno dei giudici palatini. Tra il 1107 e il 1136 quest'ultima carica era stata ricoperta da Ferruccio. Si veda WICKHAM, 2014: 212 e 248.

⁷⁶ Il Patriarchio, si veda nota n.° 8 in questa sezione.

⁷⁷ La chiesa monastica del *Palladium* — o Santa Maria in Pallara o San Sebastiano al Palatino — è situata a Roma presso l'arco di Tito, vicino al Colosseo, un'area controllata nel XII secolo dai Frangipane. Cfr. VALENTINI & ZUCCHETTI, 1942: 337 e 358, CONTE, 1984: 85 e seguenti e MARCHIORI, 2009: 225.

⁷⁸ Si tratta di due esponenti della famiglia romana dei Frangipane, gruppo già documentato dall'XI secolo e che ebbe una posizione sempre più importante nella politica cittadina nel XII secolo. I due personaggi indicati nella *Vita* di Gelasio II, Leone e Cencio, erano fratelli. Rinvio alla lettura dello studio di THUMSER, 1991: 106-163 e in particolare p. 162. Sempre dello stesso studioso si vedano, THUMSER, 1998a e THUMSER 1998b.

ab episcopis, quorum nulla prorsus est in alia electione praesulis Romani potestas nisi approbandi vel contra et ad communem omnium, cardinalium primum et aliorum, petitionem electo manus solummodo imponendi. SICQUE invitus ac renitens dominus Iohannes Gaitanus hodie est et in papa Gelasium sancti Spiritus gratia mediante electus et ab omnibus communiter in summa sede locatus, cunctis Dei magnalia conlaudantibus. Hoc audiens inimicus pacis atque turbator iamfatus Centius Fraiapane more drachonis immanissimi sibilans et ab imis pectoribus trahens longa suspiria, accinctus tetro gladio, sine mora cucurrit, valvas ac fores confregit, ecclesiam furibundus introiit, inde custode remoto⁷⁹ papam per gulam accepit, distraxit, pugnis calcibusque percussit [...] ad domum usque deduxit, inibi catenavit et clausit. TUM PRAEPHATI episcopi, cardinales omnes ac clerici et multi de populo qui convenerunt, ab apparitoribus Cencii modi simili vinciuntur [...] Malo suo venit qui fugere cito non potuit. [...] FACTA AUTEM hac voce, convenit multitudo Romana: [...] arma arripiunt, cum ingenti strepitu Capitolium⁸⁰ scandunt, nuntios ad Fraiapanes iterato remandant, papam captum repetunt et exoptant. Nil morae; territi Fraiapane; [...] papam illico reddidit [...]. TUNC sanctus papa levatur, niveum ascendit caballum, coronatur, et tota civitate coronatur cum eo; per Viam Sacram gradiens Lateranum ascendit⁸¹, bannis et insignibus aliis eum praecedentibus pariter atque iuxta Romanum ritu, moremque sequentibus. Sedit itaque papa, sicut videbatur, in pace. [...] Sed antiquus hostis [...], pacem tantam in longum nulla durare penitus ratione permisit. Nam dum haec agerentur, quidam intempestae noctis silentio as iam fatum egregium Hugonem cardinalem⁸² directus est, ab uno videlicet cui exinde non parva copia inerat amicorum, qui Henricum dictum imperatorem Romanum armatum contra papam in Sancti Petri porticum diceret adventasse. [...] papa per cardinalem praescivit [...] in nocte ipsa confugiens latuit. Fugimus et omnes cum eo. [...] fuit nempe consilium ut fugam caperemus per mare, quod et factum est. SIQUIDEM flumen Tyberim⁸³ maturato intravimus et per galeas duas ad Portum usque descendimus⁸⁴; ibique caelum et terra, mare et paene omnia que in eis sunt adversus nos pariter coniurarunt [...]. Saeva insuper iam per ripam Alemannorum barbaries tela contra nos mixta toxico iaciebant [...] et credo capti essemus nisi nox et ira fluminis illos non impedisset. Quid ad haec, quid miserrimi facerent? Ceperunt, immo cepit dominus Hugo cardinalis et presbiter⁸⁵ papam nostrum in collo et ad castrum sancti Pauli Ardeam⁸⁶ sic de nocte portavit. DIE VERO altero in aurora rediere Teutonici, praedam de nobis facere gestientes. [...] Tum non sine periculo marinos fluctus attigimus et die tercio ripe Terracinensi⁸⁷ vivi vix applicuimus, et in quarto portum Gaietanum

⁷⁹ Come ha ricordato S. Anzoise, alcuni studiosi hanno ipotizzato che la parola custode, fosse riferita proprio allo stesso Pandolfo, che sotto Pasquale II era diventato «*guarzifer* (*garcifer*) e *ostiarius* nella milizia pontificia», il quale sarebbe stato colto di sorpresa dall'arrivo dei Frangipane. Si veda ANZOISE, 2015.

⁸⁰ Il Campidoglio (*Mons Capitolinum*), uno dei sette colli di Roma.

⁸¹ La *Via Sacra* o *Sacra Via* era «uno dei più importanti assi di scorrimento della città antica e medievale; ad ovest la strada che attraversa la vallata tra Palatino e Celio (attuale via di S. Gregorio); ad est il *vicus Tuscus*; a sud l'asse ricalcato dall'odierna via dei Cerchi», citazione da AUGENTI, 1996: 14.

⁸² Ugo d'Alatri, si veda la nota n.° 64 in questa sezione. In questo caso ho modificato la traduzione rispetto al mio RENZI, 2019a: 307.

⁸³ Il fiume Tevere.

⁸⁴ *Portus* era il porto dell'antica Roma situato sulla riva destra del Tevere a nord di Ostia. Oggi l'antico territorio di *Portus* è compreso nel comune di Fiumicino. Per la storia della diocesi di Porto, della sua unione con la diocesi di Silva Candida e la sua attuale configurazione come Porto-Santa Rufina, rinvio a MEZZADRI *et al.*, 2008: 993 e seguenti. In questo caso Pandolfo usa il plurale perché fu uno degli ecclesiastici che seguì Gelasio II, si veda ANZOISE, 2015.

⁸⁵ Ugo d'Alatri, si veda la nota n.° 64 in questa sezione.

⁸⁶ Ardea è un comune della città metropolitana di Roma situato a trentasette chilometri dalla Capitale d'Italia.

⁸⁷ Terracina oggi è un comune in provincia di Latina, situato a circa cento chilometri a sud da Roma sulla costa del Mar Tirreno, nella regione Lazio.

intravimus, ubi ab illis hominibus nimis honorifice et suscepti fuimus et benigne tractati. DISCURRIT fama per terram et per vicinias illas. Convenerunt archiepiscopi, Sennes Capuanus⁸⁸, Landulfus Beneventanus⁸⁹, Alfanus Salernitanus⁹⁰, Marinus Neapoletanus⁹¹, Riso Barisanus⁹², Hubaldus Tranensis⁹³, I. Sypontinus⁹⁴, Baialardus Brundusinus⁹⁵, I. Sanctae Severinae⁹⁶, et quamplures alii de Apulia et Calabria, cum Guilelmo Troiano⁹⁷ et diversarum regionum episcopis, Giraldus abbas Casinensis⁹⁸ et Sygenulfus de Caveis⁹⁹ cum abbatibus aliis¹⁰⁰. In praesentia quorum idem domnus papa per manus Lamberti Hostiensis¹⁰¹, Petri Portuensis¹⁰², Vitalis Albanensis episcoporum¹⁰³, cooperantibus archiepiscopis et episcopis multis, assistentibus aliis viris religiosis, et cum Guillelmo duce Apuliae¹⁰⁴, Roberto principe Capuano¹⁰⁵, Richardo de Aquila¹⁰⁶ aliisque baronibus plurimis qui tunc ei omnes fidelitatem fecerunt, existente clero ac populo infinito, sancto dictante Spiritu et effectus est presbiter et in papam Gelasium infra Kalendas Martii consecratus. [...]. Nobis vero sic ium quomodolibet respirantibus, supervenere qui dicerent, quod Gaetae etiam per susurrum primitus senseramus, Henricum, illum barbarum quendam Mauritium nomine, Bracharensem episcopum, quasi novum simulacrum in loco papae truisse et illum sic intrusum papam suum Gregorium nominasse. Ecce de recidivo vulnere recidimus in typum antiquum. ADDIDIT inde nuntius quod castrum papae Turriculam, a fratribus abbatibus sancti Andreae, detentum idem

⁸⁸ Vescovo di Capua tra il 1098 e il 1118. GAMS, 1873: 868. Si vedano inoltre le ricerche condotte da LOUD, 2007 e LOUD, 2016.

⁸⁹ Landolfo II, vescovo di Benevento tra il 1112 e il 1120. GAMS, 1873: 672.

⁹⁰ Alfano II vescovo tra il 1086 e il 1121. GAMS, 1873: 919.

⁹¹ Marino fu arcivescovo di Napoli tra il 1118 e il 1144. GAMS, 1873: 904.

⁹² Riso fu arcivescovo di Bari dal 1105 fino al 1118, quando fu ucciso a causa delle lotte interne alla città tra le fazioni favorevoli ai normanni e le altre che appoggiavano l'autonomia di Bari. GAMS, 1873: 856; MILANO, 1982: 141.

⁹³ Ubaldo fu vescovo di Trani tra il 1118 e il 1129. GAMS, 1873: 933.

⁹⁴ Nella *Vita Gelasii II* si fa riferimento a un vescovo di Siponto (oggi Arcidiocesi di Manfredonia-Vieste-San Giovanni Rotondo, in Puglia, provincia di Foggia) con l'iniziale I., anche se il vescovo di Siponto nel 1118 doveva essere uno tra Leone III e Guglielmo I. Un vescovo Giovanni (Iohannes) appare nel 1132. GAMS, 1873: 924; KEHR, 1962: IX, 237.

⁹⁵ Baialardo fu vescovo tra il 1118 e il 1143. GAMS, 1873: 862.

⁹⁶ Il vescovo di Santa Severina (Calabria) nell'anno 1118 a cui si riferisce la *Vita Gelasii II* potrebbe essere Giovanni (Iohannes). GAMS, 1873: 922. Si veda inoltre UGHELLI, 1662: IX, 680.

⁹⁷ Guglielmo fu vescovo di Troia di Puglia tra il 1106 e il 1118. GAMS, 1873: 937.

⁹⁸ Gerardo abate di Montecassino tra il 1111 e il 1123, si veda STROLL, 2004: 433.

⁹⁹ Anche in questo caso è possibile rilevare un possibile errore nell'elenco dei personaggi fornito da Pandolfo nella *Vita Gelasii II*. Nel 1118 l'abate di Cava non era Siginulfo, bensì Pietro I (1079-1122). LORÉ 2008: 201.

¹⁰⁰ Per una panoramica generale sulle diocesi nell'Italia meridionale tra XI e XII secolo e i rapporti con il papato, rinvio alla lettura di LOUD, 2007 e LOUD, 2016: 172-180.

¹⁰¹ Lamberto vescovo di Ostia futuro Papa Onorio II. Rinvio alla nota n.° 42 in questa sezione.

¹⁰² Pietro vescovo di Porto. Rinvio alla nota n.° 39 in questa sezione.

¹⁰³ Vitale vescovo di Albano. Rinvio alla nota n.° 43 in questa sezione.

¹⁰⁴ Guglielmo II era figlio di Ruggero Borsa e nipote di Roberto il Guiscardo, cugino pertanto di Ruggero II d'Altavilla primo re di Sicilia. Guglielmo fu duca di Puglia tra il 1111 e il 1127. Morì senza lasciare eredi. Si veda su Guglielmo TAKAYAMA, 1993: 6-7 e 47-64.

¹⁰⁵ Si tratta del principe di Capua Roberto I (†1120), figlio cadetto del principe normanno di Capua Giordano I e della longobarda Gaitelgrima di Salerno. Si veda CANOSA, 2016.

¹⁰⁶ Secondo V. von Falkenhausen la presenza di Riccardo Dell'Aquila (†1152), probabilmente figlio di Riccardo duca di Gaeta (1105-1111), all'incontro con Gelasio II è un errore di Pandolfo che intendeva non il Dell'Aquila, bensì il nuovo duca di Gaeta Riccardo III di Carinola. Su Riccardo Dell'Aquila si veda con attenzione la dettagliata voce biografica di FALKENHAUSEN, 1989.

barbarus obsideret¹⁰⁷. Resumpsit papa vires; duci Guillelmo¹⁰⁸ ac principi Capuano Roberto¹⁰⁹ aliisque baronibus dedit firmiter in mandatis ut omnes contra barbarum arma cito pararent. Dixit et factum est. Paratur papa ad reditum, redeunt barones cum eo. Inde ad Sanctum Germanum, videlicet Cassinense cenobium, devenimus, ubi Guillelmum ducem per dies aliquot expectavimus. Interim, Landus, dominus de Turricula, Oddo Coctus ac Gisolphus fratres eius cum eo acriter cum rege pugnabant¹¹⁰. [...] VENIT dux ad papam interea; tum coeperunt reditum insimul maturare. Quod Henricus persentiens, infecto negotio, ab castello remotus est et via ipsa que venerat, irato sibi Domino, Alemanniam rediit, ydolo quod plasmaverat intra Urbem relicto. Tunc papam vellet multum quam reddi nimis inconsulte praeceperat Circeam arcem¹¹¹ habere. IGITUR dux et princeps cum baronibus rediere. Papa, in propria, scilicet in Campaniam veniente, sui eum non sine precio receperunt: et ita pedetentim, magis ut peregrini, quam Domini, Romam sicut Deus novit intravimus. Latuit domus papa, melius quam hospitatus sit, in ecclesiola quadam quae Sanctae Mariae in Secundocereo dicitur¹¹², intra domos illustrium virorum Stephani Normanni, Pandulfi fratris eius¹¹³ et Petri Latronis Corsorum¹¹⁴; ibique de imminentibus periculi, praesertim de intrusione Burdini [...] ad cantandum in ipsamet aeclesia missam simpliciter eum quodam vespere invitavit [...]. Necdum adhuc celebratis officiis, ecce cum non parva manu militum ac peditum et aliorum procacium impii Fraiapanes apparent, irruunt, lapides et spicula mittunt, nostros affligunt, multi pauculos atterunt. [...] SANE dia altero [...] papa post omnium sententias dixit: [...] Sequamur patres nostros quoniam valde bonum est antiquos sequi parentes, sequamur nichilominus Evangelium; quando quidem vivere in civitate istam non possumus, fugiamus in aliam. Fugiamus Sodomam, fugiamus Egiptum, fugiam novam iuxta verbum propheticum Babiloniam; civitatem sanguinum fugiamus! Veniet, credite Mihi, veniet aliquando tempus, cum vel omnes vel quos Deus permiserit, flante austro redibimus et tempora meliora redibunt. [...]. Corpus honorabiliter intra limen Cluniacensis cenobii requiescit in pace¹¹⁵.

¹⁰⁷ *Turricula* o Torrice oggi è un comune della provincia di Frosinone situato a circa novanta chilometri a sud-est da Roma. Si veda PIETROBONO, 2003: 45.

¹⁰⁸ Si veda la nota n.° 104 in questa sezione.

¹⁰⁹ Si veda la nota n.° 105 in questa sezione.

¹¹⁰ Per la figura del signore di Torrice, si veda *Monumenta onomastica Romana*: III, 618 e 1210.

¹¹¹ Sulla Rocca Circea si veda MOSCATI, 1980: 156-160.

¹¹² Si tratta della chiesa di S. Maria in *Secundicerio* già esistente dall'inizio del XII secolo. Si veda HÜLSEN, 1927: 336-338. Rinvio inoltre a BIANCHI, 1996: 32.

¹¹³ Stefano e Pandolfo erano due esponenti della famiglia romana dei Normanni una delle nuove famiglie romane che conquistarono la scena politica dell'*Urbs* tra la fine dell'XI e l'inizio del XII secolo. Si vedano WICKHAM, 2014: 222-246 e THUMSER, 1995: 91, 120, 135-138 e 169.

¹¹⁴ Pietro *Latrone* era un membro dell'importante famiglia romana dei Corsi e fratello del prefetto romano, carica occupata dal 1116, Pietro II succeduto al padre Pietro I. Si veda WICKHAM, 2014: 128, 227 e 431-433.

¹¹⁵ Matteo 10: 23 «Quando vi perseguiteranno in una città, fuggite in un'altra». Precisiamo che in questa sede ci siamo limitati a riportare tutte le citazioni bibliche segnalate dagli editori delle fonti che per motivi di spazio non potevamo indicare singolarmente. Ribadiamo, pertanto, che nel caso delle citazioni bibliche, così come quelle di autori latini o di fonti medievali (si vedano ad esempio la nota n.° 225 in questa sezione), non si tratta di un nostro lavoro originale. Le traduzioni italiane sono tratte, invece, dalla Bibbia Edizione CEI 2008. Disponibile in <<http://www.bibbia.net/>>. [Consultazione realizzata on-line il 09/07/2019]. Seguendo il Gaetani, abbiamo tradotto «austro» (*austër*) con «vento propizio», in quanto la parola letteralmente indica l'ostro, ossia un vento caldo che soffia da sud (e per estensione il sud) e che a livello figurativo può essere associato al tempo mite e alla buona stagione. Si veda *Östro*. In *Vocabolario Treccani*. Disponibile in <<http://www.treccani.it/vocabolario/ostro2/>>. [Consultazione realizzata on-line il 05/11/2019].

Traduzione italiana:

Gelasio, Giovanni di Gaeta, sedette sul soglio di Pietro per un anno [...]. In quel tempo la Madre Chiesa Romana era affaticata dalle consuete tribolazioni e alla mercè di una grandissima tempesta, dal momento che il tal Wiberto, un tempo arcivescovo di Ravenna, uomo letterato e nobile [...] era stato imposto con grande violenza sulla stessa Cattedra di Pietro contro Papa Gregorio [VII, *scil.*] dall'imperatore teutonico Enrico il Maggiore [IV, il padre di Enrico V, *scil.*] e non per poco tempo la occupò tirannicamente [1080-1100, *scil.*] [...]. Allora il papa coltissimo e abile nell'eloquio [Urbano II, *scil.*] di sua propria iniziativa associò al governo e nominò suo cancelliere il fratello Giovanni [di Gaeta, *scil.*], giudicandolo un uomo sapiente e provvido [...]. Morto Papa Urbano, gli successe Pasquale, al quale il cancelliere fu unito da una carità sempre manifestata nelle infinite avversità, continuando ad essere il bastone della sua vecchiaia in tutte le circostanze. [...]. Poco dopo la morte di Papa Pasquale, il venerabile padre signor Pietro vescovo di Porto [Porto-Santa Rufina, Roma, *scil.*], che deteneva il primato del papa già da un po' di tempo [ossia fungeva da suo vicario, *scil.*], e con lui tutti i cardinali preti e diaconi, iniziarono a trattare dell'elezione del pontefice sia insieme che singolarmente. In quel momento, il signor cancelliere si trovava nel monastero di Montecassino [dove secondo la fonte Giovanni di Gaeta era stato monaco, *scil.*] ed era all'oscuro di tutti questi gesti e iniziative. Allora, apparve inaspettatamente un messaggero e seguendo le istruzioni che aveva ricevuto fece tornare in tutta fretta lo stesso cancelliere dai cardinali a Roma. Perché tanto ritardo? Il fratello Giovanni triste, ricordando la morte di cotanto Padre [Pasquale II, *scil.*], uomo dalla voce soave, dato che era un figlio obbediente, decise di tornare. Sali su di una mula e dopo una marcia forzata entrò nella città di Roma. Avvertì e adunò i fratelli e i figli. Il giorno successivo, secondo quanto avevano concordato, l'onorabile padre, il suddetto signor Pietro vescovo di Porto, Cencio vescovo di Sabina, Vitale vescovo di Albano, Lamberto vescovo di Ostia, Amizzone di San Martino, Bonifacio di San Marco, Desiderio di Santa Prassede, Pietro Pisano di Santa Susanna, Giovanni da Crema di San Crisogono, Saxo di Anagni di Santo Stefano al Monte Celio, Amico di Santa Croce, Sigizo di San Sisto, Amico dei Santi Nereo ed Achille, Giovanni di Santa Cecilia, Deusdedit di San Lorenzo in Damaso, Anastasio di San Clemente, Raniero dei Santi Marcellino e Pietro, Benedetto di San Pietro in Vincoli, Corrado di Santa Pudenziana, N. Dei Santi Giovanni e Paolo, Teobaldo di Sant'Anastasia, Gerardo di Santa Prisca, Guido di Santa Balbina, Gregorio di San Lorenzo in Lucina e sei altri presbiteri cardinali, certamente Ugo d'Alatri, ventottesimo presbitero cardinale, che aveva controllato la rocca del Circeo per conto di Papa Pasquale e che restituì poco tempo dopo. E ancora: Gregorio di Sant'Eustachio e abate di Sant'Andrea, Oderisio sagrestano di Sant'Agata, che successivamente divenne abate di Montecassino, Roscimanno di San Giorgio, Enrico di San Teodoro e decano di Mazara, Aldo dei Santi Sergio e Bacco, Pietro Leone [Pietro Pierleoni, futuro Papa Anacleto II *scil.*] dei Santi Cosma e Damiano, Comes di Santa Maria di Aquiro, Crisogono di San Nicola in Carcere Tulliano, Stefano di Santa Lucia in Silice, Gregorio di Sant'Angelo, ed altri otto diaconi cardinali; Nicola primicerio con la scuola dei cantori, tutti i suddiaconi del palazzo, numerosi arcivescovi, ma anche altri chierici degli ordini minori e molti romani; qualcuno dei consoli e dei senatori, oltre alla nostra famiglia. Tutti questi, volendo evitare gli scandali che spesso accadono nelle elezioni per colpa dei nostri peccati [...] ritenendolo un luogo sicurissimo [...] si ritrovarono per trattare dell'elezione in accordo con quanto stabilito dai canoni, in un certo monastero chiamato Palladio [oggi chiesa di Santa Maria di Pallara o San Sebastiano al Palatino, *scil.*], situato tra le case di Leone e Cencio Frangipane. E in quel luogo, certamente dopo una lunga discettazione [...] con ugual preghiera e desiderio, concordarono

all'unanimità su questa questione, ossia eleggere ed avere come papa il signor cancelliere Giovanni. Senza indugi: scelto da tutti, lodato da tutti, approvato da tutti, anche dai vescovi, i quali non avevano assolutamente nessun potere nell'elezione del presule romano, se non quello di approvare o essere contro, e per la richiesta comune di tutti, prima dei cardinali e poi degli altri, si trattava solamente di imporre le mani sull'eletto. E così malvolentieri e renitente, il signor Giovanni di Gaeta per mezzo della Grazia dello Spirito Santo fu subito eletto da tutti Papa Gelasio ed elevato sulla Somma Sede, tutti insieme lodando le meraviglie di Dio. Ascoltando tutto ciò, il nemico e turbatore della pace, il già menzionato Cencio Frangipane, come un ferocissimo drago che sibila facendo uscire dal profondo del suo petto lunghi sospiri, armato di una tremenda spada, accorse immediatamente, sfondò i battenti e le porte, entrò nella chiesa furibondo e allontanata la guardia, prese il papa per la gola, lo isolò e lo colpì con pugni e calci [...]; lo portò nella sua casa e lì lo richiuse e lo incatenò. Allora, i suddetti vescovi, tutti i cardinali e i chierici e i molti del popolo che si erano radunati allo stesso modo furono imprigionati dai servitori di Cencio [...]. La sua cattiveria arrivò ad un punto dal quale non si poteva più tornare indietro. Sparsa questa voce, si radunò una moltitudine romana; presero le armi e con grande strepito salirono al Campidoglio e per due volte inviarono dei messaggeri ai Frangipane: desideravano e volevano il papa catturato [...]. E immediatamente i Frangipane si spaventarono [...] e [Leone Frangipane, *scil.*] consegnò subito il papa [...]. Allora, il santo papa si alzò e salì su di un cavallo bianco. Fu incoronato e tutta la città fu incoronata con lui; camminando per la Via Sacra salì al Laterano, preceduto e parimenti seguito dalle insegne e dai simboli secondo il rito e il costume romano. Il papa, come si vedeva, sedeva sul soglio di Pietro in pace [...]. L'antico nemico però [...] non permise minimamente che tanta pace durasse a lungo e per nessuna ragione. Infatti, mentre si discuteva di queste cose, nel silenzio del cuore della notte, un messaggero diretto all'egregio signor cardinale Ugo, inviato da una persona in seguito tra i suoi non pochi amici, disse che Enrico detto imperatore dei Romani era arrivato armato contro il papa nel portico di San Pietro. Il papa, avvisato prima dal cardinale [...] fuggì quella stessa notte e si nascose. Fuggimmo tutti con lui [...]. Fu deciso con certezza di scappare per mare e così fu fatto. Scendemmo per il fiume Tevere e su due galee navigammo fino a Porto [nel territorio dell'attuale Fiumicino, Roma, *scil.*]; e in quel luogo il cielo, la terra, il mare e quasi tutto ciò che c'è in essi congiurò contro di noi [...]. Oltre agli avvenimenti sfavorevoli, dalla riva le barbarie degli Alemanni lanciavano dardi avvelenati contro di noi [...]. E credo che se la notte e l'ira del fiume non lo avessero impedito, quelli ci avrebbero catturato. Di fronte a tutto questo, che cosa potevamo fare noi miserrimi? Presero, anzi il signor cardinal presbitero Ugo d'Alatri prese sulle sue spalle il nostro papa e lo portò di notte al castello di San Paolo d'Ardea. Il giorno seguente, però, all'alba i teutonici ritornarono con il desiderio di catturarci. [...]. Allora, non senza pericolo, affrontammo il mare e il terzo giorno approdammo vivi a stento sulle coste di Terracina e il quarto giorno entrammo nel porto di Gaeta, dove fummo accolti con tutti gli onori e ben trattati da tutti. La voce si sparse rapidamente nelle vicinanze. Arrivarono gli arcivescovi Sennes di Capua, Landolfo di Benevento, Alfano di Salerno, Marino di Napoli, Riso di Bari, Ubaldo di Trani, I. di Siponto, Baiardino di Brindisi, I. di Santa Severina, e molti altri dalla Puglia e dalla Calabria, con Guglielmo di Troia [Troia di Puglia, *scil.*] e con vescovi di diverse regioni, Gerardo abate di Montecassino e Sigenulfo di Cava con altri abati. Alla loro presenza e con l'intervento di Lamberto di Ostia, Pietro di Porto, Vitale di Albano, con la cooperazione di molti arcivescovi e vescovi, alla presenza di altri uomini religiosi e con loro Guglielmo duca di Puglia, Roberto principe di Capua, Riccardo d'Aquila e altri numerosi baroni, che gli prestarono fedeltà, davanti ad un numeroso clero e al popolo, con l'Imposizione dello Spirito Santo, Giovanni fu ordinato presbitero e fu consacrato

Papa Gelasio alle calende di marzo. [...]. Ora, mentre stavamo riprendendo fiato in un qualche modo, arrivarono da noi alcune persone, le quali dissero quello che anche a Gaeta avevamo sentito per la prima volta tramite una voce: quel barbaro di Enrico aveva preso un tale di nome Burdino, vescovo di Braga, e quasi come un nuovo simulacro lo aveva elevato al papato. Una volta intruso il suo papa gli aveva dato il nome di Gregorio: ecco a causa della ferita che si apre di nuovo, cadiamo ancora nell'antico corso! Nel frattempo arrivò un messaggero dal luogo che il barbaro stava assediando, il castello del papa a Turracula, controllato dai fratelli dell'abate di Sant'Andrea. Il papa recuperò le forze e ordinò al duca Guglielmo e al principe di Capua Roberto e ad altri baroni di preparare rapidamente le armi contro il barbaro. Così disse e fu fatto. Il papa si preparò al rientro e i baroni tornarono con lui. Da quel luogo giungemmo a San Germano, ossia al monastero di Montecassino, dove aspettammo per diversi giorni il duca Guglielmo. Intanto Lando, signore di Turracula, insieme a Odone *Coctus* e Gisolfo, suoi fratelli, combattevano alacramente contro il re. [...]. In quel momento arrivò il duca dal papa; allora combatterono insieme. Enrico accorgendosi di ciò, non portando a termine la missione, si allontanò dal castello e per lo stesso cammino dal quale era venuto, arrabbiato con Dio, tornò in Germania, abbandonando nell'Urbe l'idolo che aveva plasmato. Allora il papa volle avere la fortezza Circea, che aveva ordinato che fosse consegnata assai imprudentemente, e il duca ed il principe con i baroni fecero ritorno. Il papa giunse nei suoi possedimenti, cioè in Campagna, e i suoi lo ricevettero non senza ricompensa. Così, cautamente, più come pellegrini che come signori, Dio lo sa, entrammo nella città di Roma. Il signor papa si nascose, più che essere ospitato, nella piccola chiesa chiamata Santa Maria in Secondicereo, tra le case degli illustri uomini Stefano Normanno, Pandolfo, suo fratello, e Petro Latrone dei Corsi. E in quel luogo tra i tanti pericoli imminenti, soprattutto l'intrusione di Burdino [...] [Desiderio di Santa Prassede, *scil.*] invitò una sera il papa a cantare la messa in quella chiesa. [...]. Non era nemmeno terminata la funzione, che ecco apparire gli empî Frangipane con non pochi cavalieri e fanti ed altri impudenti al seguito. Essi irruperono, lanciarono pietre e dardi, afflissero i nostri e schiacciarono molti di loro [...]. Tuttavia il giorno successivo [...] il papa dopo la sentenza di ciascuno disse: «[...] *seguiamo i nostri padri poiché è assai cosa buona seguire gli antichi parenti; seguiamo comunque il Vangelo. Quando non possiamo più vivere in questa città, fuggiamo in un'altra. Fuggiamo da Sodoma, fuggiamo dall'Egitto, fuggiamo dalla nuova Babilonia, seguendo il Verbo profetico; fuggiamo dalla città dei nostri parenti: verrà, credetemi, verrà pure una volta il tempo nel quale, o tutti insieme o chi Dio vorrà, con il vento propizio, ritorneremo e ritorneranno i tempi migliori [...]*». Il suo corpo riposa onorabilmente in pace nel monastero di Cluny.

Tradução portuguesa:

Gelásio, João de Gaeta, sentou-se no trono de Pedro durante um ano [...]. Naquele tempo a Madre Igreja Romana estava desgastada pelas muitas e usuais atribuições e à mercê da tempestade, no momento em que o tal Guiberto, em tempos arcebispo de Ravena, homem letrado e nobre [...] foi imposto com uma grande violência na cátedra de Pedro contra Gregório [VII, *scil.*], pelo imperador teutónico Henrique [IV, *scil.*, o pai de Henrique V] e durante não pouco tempo ocupou-a tiranicamente [1080-1100, *scil.*] [...]. Então, o papa, cultíssimo e hábil na eloquência [Urbano II, *scil.*], por sua própria iniciativa associou ao governo e ordenou chanceler o irmão João [de Gaeta, *scil.*], considerando-o um homem sábio e providente [...]. Falecido o Papa Urbano, sucedeu-lhe Pascoal, a quem o chanceler foi unido por uma caridade sempre manifestada nas infinitas adversidades, e ele, João de Gaeta, permaneceu como verdadeira bengala da sua velhice em todas as circunstâncias [...]. Pouco depois da morte do Papa Pascoal, o venerável senhor Pedro, bispo de Porto [actual

diocese suburbicária de Porto-Santa Rufina, Roma, *scil.*], que já detinha o primado do papa [ou seja, vigário do papa, *scil.*] há algum tempo, e com ele todos os cardeais presbíteros e diáconos, começaram a tratar da eleição do novo pontífice, tanto em conjunto como individualmente. Naquele momento, o senhor chanceler estava no mosteiro de Montecassino [onde, segundo a fonte, João de Gaeta tinha sido monge, *scil.*], onde ignorava completamente todos aqueles gestos e iniciativas. Então, apareceu inesperadamente um mensageiro, e seguindo as instruções que tinha recebido fez regressar rapidamente o chanceler perante os cardeais, em Roma. Porquê tanta demora? O irmão João, triste com a lembrança da morte do Padre [Pascoal II, *scil.*], homem com uma voz tão maviosa, dado que era um filho obediente, entendeu regressar. Montou uma mula e depois de uma marcha forçada entrou em Roma, e reuniu e advertiu os irmãos e os filhos. No dia seguinte, segundo o que tinham concordado, o honorável padre já referido, o senhor Pedro, bispo de Porto, Cêncio, bispo de Sabina, Vidal, bispo de Albano, Lamberto, bispo de Óstia, Amizzone de São Martinho, Bonifácio de São Marcos, Desidério de Santa Prassede, Pedro Pisano de Santa Susana, João de Crema de São Crisógono, Saxo de Anagni de Santo Estêvão do Monte Célio, Amigo de Santa Cruz, Sigizo de São Sisto, Amigo dos Santos Nereu e Aquiles, João de Santa Cecília, Deusdedit de São Lourenço em Dâmaso, Anastásio de São Clemente, Rainério dos Santos Marcelino e Pedro, Bento de São Pedro *in Vincoli*, Conrado de Santa Pudenziana, N. dos Santos João e Paulo, Teobaldo de Santa Anastásia, Geraldo de Santa Prisca, Guido de Santa Balbina, Gregório de São Lourenço em Lucina e mais seis presbíteros cardeais, certamente Hugo de Alatri, vigésimo oitavo presbítero cardeal, que controlou o castelo de Circeu por conta do Papa Pascoal e que o restituiu pouco tempo depois. Para além destes, estavam Gregório de Santo Eustáquio e abade de Santo André, Odrísio, sacristão de Santa Ágata e que depois foi abade de Montecassino, Roscimano de São Jorge, Henrique de São Teodoro e deão de Mazara, Aldo dos Santos Sérgio e Baco, Pedro Leão dos Santos Cosme e Damião [Pedro Pierleoni, futuro Anacleto II *scil.*], Comes de Santa Maria de Aquiro, Crisógono de São Nicolau no Cárcere, Estêvão de Santa Luzia em Silice, Gregório do Santo Anjo e mais oito cardeais diáconos, Nicolau primicério com a escola dos cantores, todos os subdiáconos do palácio, numerosos arcebispos, mas também outros clérigos de ordens menores e muitos romanos; alguns dos cônsules e dos senadores, além da nossa família. Todos aqueles, querendo evitar os escândalos que em muitos casos acontecem nas eleições por culpa dos nossos pecados [...] achando que aquele era um lugar seguríssimo [...] reuniram-se num certo mosteiro de Paládio [hoje igreja de Santa Maria de Pallara ou São Sebastião no Palatino, *scil.*], situado entre as casas de Leão e Cêncio Frangipane, para tratar da eleição de acordo com as normas estabelecidas pelos cânones. E certamente naquele lugar, depois de uma larga discussão [...], com igual oração e desejo concordaram unanimemente sobre esta matéria, ou seja, escolher e ter como papa o senhor João, o chanceler. Sem delongas: eleito por todos, elogiado por todos, aprovado por todos — também pelos bispos, cujo poder nas eleições do pontífice romano era apenas o de aprovar ou recusar — e pelo pedido comum de todos, em primeiro lugar pelos cardeais e depois pelos outros, tratava-se apenas de impor as mãos no eleito. E assim, contra a sua vontade e renitente, o senhor João de Gaeta, por meio da Graça do Espírito Santo, foi imediatamente eleito Papa Gelásio e elevado, por todos em conjunto, à Sede máxima, elogiando as maravilhas de Deus. Ouvido isto, o inimigo e perturbador da paz, o referido Cêncio Frangipane, como um ferocíssimo dragão que sibila fazendo sair do profundo do seu peito longos suspiros, armado de uma tremenda espada, chegou imediatamente, derrubou os batentes e as portas e entrou furioso na igreja, e, afastado o guarda, tomou o papa pela garganta, isolou-o e deu-lhe murros e pontapés [...]; levou-o para sua casa, onde o encerrou e agrilhou. Então, os referidos bispos e todos os cardeais e os clérigos e os muitos do povo que

se tinham reunido foram igualmente cercados e aprisionados pelos servidores de Cêncio [...]. Chegou a um tal ponto a sua maldade, que dificilmente poderia voltar atrás. Difundida a notícia, congregou-se uma grande multidão romana; tomaram as armas e com grande rumor subiram ao Campidoglio, e por duas vezes enviaram mensageiros aos Frangipane: desejavam e queriam o papa capturado [...]. E, sem demora, os Frangipane ficaram assustados [...] e [Leão Frangipane, *scil.*] entregou imediatamente o papa [...]. Então, o santo papa levantou-se e subiu a um cavalo branco. Foi coroado e toda a cidade foi coroada com ele; caminhando pela Via Sacra subiu até Latrão, acompanhado, tanto atrás como à frente, pelas insígnias e pelos símbolos, segundo o rito e o costume romano. O papa, como se pode ver, sentava-se no trono de Pedro em paz [...]. O antigo inimigo, porém, [...] não permitiu minimamente e por nenhuma razão que tanta paz durasse muito tempo. Na verdade, enquanto se discutiam estas coisas no silêncio mais profundo da noite, um emissário enviado ao referido egrégio cardeal D. Hugo por uma pessoa que mais tarde integrou os seus muitos amigos, disse que Henrique, chamado imperador dos romanos, tinha chegado a Roma, ao pórtico de São Pedro, armado contra o papa. O papa, avisado primeiro pelo cardeal [...], escapou aquela mesma noite e escondeu-se. Escapámos todos com ele [...]. Com certeza foi decidido fugir por mar e assim foi feito. Descemos o rio Tibre e com dois barcos navegamos até Porto [actual Fiumicino, Roma, *scil.*]; e naquele lugar o céu, a terra e o mar e quase tudo o que neles há conjurou contra nós [...]. Para além dos acontecimentos desfavoráveis, a barbárie dos alemães lançava contra nós, desde a margem, dardos envenenados [...]. E acho que se a noite e a ira do rio não o tivessem impedido, eles ter-nos-iam capturado. Face a isto, que poderíamos nós, miseráveis, fazer? Colocaram, na verdade colocou o senhor cardeal presbítero Hugo de Alatri nas suas costas o nosso papa e levou-o de noite para o castelo de São Paulo de Árdea. No dia seguinte, de madrugada, porém, os teutónicos voltaram com o desejo de nos capturar [...]. Então, não sem perigos, lançamo-nos ao mar e ao terceiro dia mal chegamos vivos às costas de Terracina, e no quarto dia entrámos no porto de Gaeta, onde fomos acolhidos e bem tratados por todos e com todas as honras. A notícia difundiu-se rapidamente nas áreas próximas. Chegaram os arcebispos Sennes de Cápua, Landolfo de Benevento, Alfano de Salerno, Marino de Nápoles, Riso de Bari, Ubaldo de Trani, I. de Siponto, Baiarlardo de Brindisi, I. de Santa Severina e muitos mais da Apúlia e da Calábria, e ainda Guilherme de Troia [Troia da Apúlia, *scil.*] e os bispos de diferentes regiões, Geraldo, abade de Montecassino e Sigenulfo de Cava com outros abades. Na presença destes e pela intervenção de Lamberto de Óstia, Pedro de Porto, Vidal de Albano, com a cooperação de muitos arcebispos e bispos e na presença de outros homens religiosos e com eles Guilherme, duque de Apúlia, Roberto, príncipe de Cápua, Ricardo de Áquila e muitos mais varões que lhe prestaram juramento de fidelidade, perante um numeroso clero e povo, com a imposição do Espírito Santo, João foi feito presbítero e consagrado Papa Gelásio, nas calendas de Março. [...]. E no momento em que tivemos algum tempo para respirar, chegaram certas pessoas que nos repetiram o que já tínhamos ouvido dizer em Gaeta, ou seja, que aquele bárbaro do Henrique tomou o tal de nome Burdino, bispo de Braga, e como um novo simulacro tinha-o elevado ao papado. Assim, introduzido o seu papa, tinha-lhe dado o nome de Gregório. Deste modo, pela ferida que de novo se reabre, caímos uma vez mais no antigo hábito! Chegou então um emissário daquele lugar que o bárbaro cercava, o castelo do papa em Turrícula, controlado pelos irmãos do abade de Santo André. O papa recuperou as forças e ordenou ao duque de Apúlia e ao príncipe de Cápua, Roberto, e a outros varões de prepararem rapidamente as armas contra o bárbaro. Assim disse e assim foi feito. O papa preparou-se para o regresso e os varões voltaram com ele. Daquele lugar rumámos até São Germano, ou seja, até ao cenóbio de Montecassino, onde esperamos durante alguns dias

pelo duque Guilherme. Entretanto, Lando, senhor de Turrícula, Odão *Coctus* e Gisulfo, os seus irmãos, lutavam arduamente com ele contra o rei. [...]. Naquele momento chegou junto do papa o duque Guilherme e logo com ele combateu. Henrique deu-se conta de tudo isto e, sem acabar a missão, afastou-se do castelo e, pelo mesmo caminho que tinha vindo, zangado com Deus, regressou à Alemanha e abandonou em Roma o ídolo que aí tinha colocado. Então o papa quis controlar a fortaleza de Circeu, que anteriormente e de forma imprudente tinha ordenado entregar, e o duque e o varão regressaram. O papa chegou às suas propriedades, ou seja, à Campagna, e os seus receberam-no não sem compensações; assim, com prudência, mais como peregrinos do que como senhores, Deus sabe como, entrámos na cidade de Roma. O senhor papa refugiou-se, mais do que se hospedou, na pequena igreja chamada de Santa Maria em Secundicereo, entre as casas dos homens ilustres Estêvão Normanni e seu irmão Pandolfo e Pedro Latrone, dos Corsi. E naquele lugar, entre tantos e iminentes perigos, sobretudo a intrusão de Burdino, [...] [Desidério de Santa Prassede, *scil.*] convidou o papa, simplesmente, a celebrar a missa nessa noite naquela igreja [...]. Não tinha ainda acabado a celebração, quando reapareceram os ímpios Frangipane com não poucos cavaleiros e peões e outros soberbos; irrompendo, lançaram pedras e dardos, afligiram os nossos e muitos esmagaram [...]. No dia seguinte, todavia, [...] o papa, ouvidas as opiniões de cada um, disse: «[...] *seguimos os nossos antepassados porque é uma coisa muito boa seguir os nossos antigos parentes; seguimos, de qualquer forma, o Evangelho. Quando não pudemos mais morar nesta cidade, fugimos para outra. Fugimos de Sodoma, fugimos do Egito, fugimos da nova Babilónia segundo o Verbo profético; fugimos da cidade dos nossos parentes: chegará, acreditai em mim, chegará mesmo o tempo em que todos, juntamente ou com quem Deus quiser, voltaremos com o vento favorável e voltarão os tempos melhores* [...]». O seu corpo repousa em paz, no mosteiro de Cluny.

3) Vita Calixti II. Liber Pontificalis nella recensione di Pietro Guglielmo OSB e del card. Pandolfo glossato da Pietro Bohier OSB, vescovo di Orvieto. Ed. Ulderico Přerovský. Vol. II. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 1978, p. 745-748.

Nota biografica: Si veda la *Vita Paschalis II*.

Opera: Si veda la *Vita Paschalis II*.

Edizioni/Traduzioni principali: Si veda la *Vita Paschalis II*.

Bibliografia essenziale: Si veda la *Vita Paschalis II*.

CALIXTUS [...] praefuit Romane ecclesiae anno V [...]. Hic a cardinalibus qui cum papa Gelasio iam Cluniaco sepulto ab Urbe in Franciam venerant, dum esset archiepiscopus Viennensis in papam Calixtum electus est [...]. FACTO IGITUR hoc omnium subscriptionibus optime roborato, tunc papa sollemniter a Lamberto tunc Ostiensi episcopo¹¹⁶ et aliis quam plurimis in Dei nomine consecratus, simul cum suis omnibus Romanum iter incepit. Ventum est ad Provinciam, in qua sancti Iuliani ecclesiam, cellam Psalmodiensis cenobii, idem papa nimium celebriter dedicavit. Inde per sanctum Egidium Romam non multo post sanus et incolumis rediit, ubi a iam dicto Petro Portuensi vicario¹¹⁷, cardinalibus, clero toto ac populo papa simul cum omnibus tanta gloria est

¹¹⁶ Si veda la nota n.º 42 in questa sezione.

¹¹⁷ Si veda la nota n.º 39 in questa sezione.

et honore susceptus quanta diebus nostris nullus fuerit praesul de Roma tractatus [...]. Tunc a Spiritu sancto commonitus, Lambertum Ostiensem episcopum¹¹⁸, domnum Saxonem cardinalem presbiterum sancti Stephani in Celio monte¹¹⁹ et Gregorium diaconum sancti Angeli¹²⁰, ut pacem, pacis filius, in regno et ecclesia reformaret, ad Henricum imperatorem Alamanniam delegavit. [...]. Legati missi in scriptis pacem offerunt; et quemadmodum in Lateranensi palatio tabula privilegii repraesentat, pax ad velle papae ab imperatore simul et recepta est et perpetuo, annuente Domino stabilita. INDE in Apuliam¹²¹, — legatis iam ad Urbem regressis, iterato descendit. [...]. Rediit ad Urbem [...] mundo pacem resituit. FECIT ordinationes in Urbe cardinalium et episcoporum quamplures [...] innumeros minoris officii clericos ordinavit. [...] Hic pro pace servanda turres Cencii, domnae Bonae et Iniquitatis dirui¹²² et reparari non ibidem praecepit; Saxa optime forticie supra Romam a Monaldo comite emit et honori sancti Petri adiunxit¹²³, cortinas multas et pallia, candelabra de argento, campanas et pavimenta, fundos atque casalia beato Petro donavit et multa per ecclesias alias beneficia contulit; aquam ad Urbem reduxit, molendina cum vineis iuxta lacum aptavit, aecclesiam sancti Nicolai in palatio fecit, cameram ampliavit et pingi sicut apparet hodie miro modo praecepit¹²⁴. INTEREA Burdinus in Sutrio prope Romam ecclesiam persequi, peregrinos praedari, in papam et in alios maledicta congerere, queque alia huiuscemodi poterat tam per se quam per alios facere non cessabat. Tunc papa fretus abunde iamque ab omni parte Domino volente securus, parat magnum exercitum; Johannem Cremensem cardinalem sancti Grisogoni¹²⁵ Sutrium contra Burdinum praemisit, ipse eum e vestigio sequitur. Demum Sutrii convenerunt; pugnatur attentius, vincitur, capitur Burdinus, adducitur; sic tamen: camelo subvectus. [...]. Burdinus in Cavensi cenobio trudi praecepit. ROMAM rediit et in alta pace resedit.

Traduzione italiana:

Callisto [...] resse la Chiesa Romana per cinque anni [...]. Egli fu eletto papa con il nome di Callisto quando era arcivescovo di Vienne dai cardinali che da Roma vennero in Francia insieme a Papa Gelasio, già sepolto a Cluny. [...]. Una volta eletto e confermato con la sottoscrizione di

¹¹⁸ Si veda la nota n.° 42 in questa sezione.

¹¹⁹ Si veda la nota n.° 49 in questa sezione.

¹²⁰ Si veda la nota n.° 74 in questa sezione.

¹²¹ Come nel caso di Lombardia, Liguria o Tuscia (si veda la nota n.° 308 in questa sezione), anche alla presenza delle espressioni *Apulia* o *Calabria*, spesso nominate insieme come nella biografia di Gelasio II di Pandolfo, dobbiamo stare attenti a non sovrapporre alle attuali regioni di Puglia e Calabria. Ad esempio, come ha ricordato R. Romanelli, il territorio definito *Apulia* nelle fonti medioevali comprendeva anche una parte dell'attuale Basilicata e si spingeva più a nord fino a Termoli che oggi si trova nella regione Molise. Si veda ROMANELLI, 2017: 44. Anche per la Calabria bisogna fare estrema attenzione, in quanto era un'area altamente differenziata al suo interno e il cui nome poteva indicare più territori nell'alto medioevo. Su questo punto rinvio agli studi di PLACANICA, 1999; MARTORANO, 2002 e DALENA, 2015.

¹²² Cencio è Cencio Frangipane; donna Bona sua moglie, mentre il nome *Iniquitatis* potrebbe essere alterato dato che non se ne hanno altri riscontri, cfr. *Vita Calixti II* (ed. DUCHESNE, 1892): 324-325. Questo passaggio potrebbe essere la prova dell'esistenza di una terza struttura difensiva dei Frangipane situata «a cavallo della Sacra Via verso il Foro Romano all'altezza del Tempio di Antonino e Faustina» come ha scritto AUGENTI, 1996: 98. Si veda inoltre la *Vita Calixti II* (ed. DUCHESNE, 1892): 324 (nota n.° 18).

¹²³ Come aveva già sottolineato il Duchesne non ci sono abbastanza elementi per determinare dove fosse questa fortezza, né per stabilire chi fosse il conte Monaldo. Secondo il curatore dell'edizione del *Liber Pontificalis* doveva comunque trovarsi non lontano dal Vaticano. Si veda *Vita Calixti II* (ed. DUCHESNE, 1892): 325 (nota n.° 20).

¹²⁴ Sul programma iconografico di Callisto II si vedano i due lavori fondamentali di STROLL, 1991: 20-21 e SCHILLING, 1998: 589-603.

¹²⁵ Si veda la nota n.° 48 in questa sezione.

tutti, allora fu solennemente consacrato papa nel nome di Dio dal vescovo di Ostia Lamberto e da molti altri. A quel punto il papa con i suoi sostenitori decise di prendere il cammino per Roma. Giunto in Provenza, nella chiesa di San Giuliano, la cella del monastero di Psalmodi, il papa celebrò numerose funzioni. Poi passò per Saint-Gilles e non molto dopo sano ed incolume tornò a Roma, dove fu accolto dal già menzionato Pietro vescovo di Porto, vicario dei cardinali, da tutto il clero e da tutto il popolo con tanto onore e gloria che ai giorni nostri nessun vescovo di Roma fu così ben trattato. [...]. Allora, assistito dallo Spirito Santo, il figlio della pace inviò presso Enrico, imperatore di Germania, Lamberto vescovo di Ostia, Saxo cardinale presbitero di Santo Stefano al Monte Celio e Gregorio diacono di Sant'Angelo, affinché si stabilisse la pace tra la Chiesa e il Regno. [...]. I legati offrirono la pace e come rappresenta la tavola dei privilegi del Laterano, questa fu raggiunta tra il papa e l'imperatore e stabilita perennemente con il consenso di Dio [...]. Successivamente, il papa si recò in Puglia una volta che i legati erano rientrati a Roma. Tornò nell'Urbe [...] e restituì la pace al mondo. Fece molteplici elezioni di cardinali e di vescovi [...] nominò moltissimi chierici degli uffici minori. [...]. Per far rispettare la pace abbattè le torri di Cencio, donna Bona e *Iniquitatis* e ordinò che non fossero ricostruite; comprò dal conte Monaldo una fortezza di pietra sopra Roma e l'aggiunse all'*honor* di San Pietro. Donò a San Pietro tende in grande quantità e pallii, candelabri d'argento, campane e pavimenti, terre e casali e concesse alle chiese molti benefici. Riportò l'acqua in città, dispose mulini e vigne vicino al lago, fece costruire la chiesa di San Nicola nel Palazzo del Laterano, ampliò la camera e la fece affrescare così come appare oggi mentre la osservo. Nel frattempo, Burdino continuava a perseguire la Chiesa di Roma, depredava i pellegrini, lanciava maledizioni contro il papa ed altri e non smetteva di fare cose di questo tipo tanto in prima persona, quanto attraverso altri. A quel punto, abbastanza sicuro grazie al Volere di Dio, il papa preparò un grande esercito. Il cardinale di San Crisogono Giovanni da Crema lo precedeva verso Sutri contro Burdino ed il pontefice lo seguiva. Arrivarono alla città di Sutri, lo combatterono con il massimo impegno, vinsero e catturarono Burdino, lo condannarono e lo trasportarono su di un cammello [...]. [Papa Callisto II, *scil.*] lo rinchiuse [Burdino, *scil.*] nel monastero di Cava e tornò a Roma vivendo in pace.

Tradução portuguesa:

Calisto [...] dirigiu a Igreja Romana durante cinco anos [...]. Foi eleito papa com o nome de Calisto quando era arcebispo de Vienne, pelos cardeais que com o Papa Gelásio, já enterrado em Cluny, viajaram de Roma até França. [...]. Uma vez eleito e confirmado com a subscrição de todos, foi solenemente consagrado papa em nome de Deus pelo bispo de Óstia, Lamberto, e muitos mais. Naquele momento o papa com os seus apoiantes decidiu tomar o caminho de Roma. Chegado à Provença, na igreja de São Julião, cela do mosteiro de Psalmodi, o papa desempenhou numerosas funções. Depois passou por Saint-Gilles e, não muito tempo após, regressou a Roma são e ileso, onde, pelo já citado Pedro bispo de Porto [actual diocese suburbicária de Porto-Santa Rufina, Roma, *scil.*], vigário dos cardeais, e por todo o clero e todo o povo foi acolhido com tanta honra e glória que até aos nossos dias nenhum pontífice de Roma foi assim tão bem tratado. [...]. Então, assistido pelo Espírito Santo, «o filho da paz» [Calisto II, *scil.*] enviou perante Henrique, imperador da Alemanha, Lamberto, bispo de Óstia, Dom Saxo cardeal-presbítero de Santo Estêvão do Monte Célio e Gregório, diácono do Santo Anjo, para estabelecer a paz entre a Igreja e o Reino. [...]. Os legados ofereceram a paz, e como testemunha a Tábua dos Privilégios de Latrão, a paz foi estabelecida para sempre e com o consenso de Deus entre o papa e o imperador. [...]. Mais tarde o papa dirigiu-se para a Apúlia uma vez que os legados tinham voltado a Roma. Regressou à *Urbs*

[...] e restituiu a paz ao mundo. Fez múltiplas eleições de cardeais e bispos, [...] nomeou muitos clérigos dos ofícios menores. [...]. Para fazer respeitar a paz destruiu as torres de Cêncio, Dona Bona e *Iniquitatis* e ordenou que não se voltassem a reconstruir; comprou ao conde Monaldo uma fortaleza de pedra que dominava Roma e associou-a ao *honor* de São Pedro. Doou a São Pedro tendas em grande quantidade e pálios, candelabros, sinos e pavimentos e casais e outorgou muitos privilégios às igrejas. Voltou a levar a água até à cidade, dispôs os moinhos e as vinhas perto do lago, fez construir a igreja de São Nicolau no Palácio de Latrão, ampliou a câmara e mandou pintá-la tal como aparece hoje enquanto a observo. Entretanto, Burdino continuava a assombrar a Igreja de Roma, roubava os peregrinos, lançava maldições contra o papa e outros, e não parava de fazer coisas deste tipo tanto por si mesmo como através de outros. Então o papa, bastante seguro graças à Vontade de Deus, preparou um grande exército. O cardeal de São Crisógono precedia o papa em direção a Sutri contra Burdino, seguido pelo pontífice. Chegaram à cidade de Sutri e lutaram contra Burdino com o máximo empenho: ganharam e capturaram Burdino; condenaram-no e transportaram-no sobre um camelo [...]. [O Papa Calisto II, *scil.*] o encerrou [Burdino, *scil.*] no mosteiro de Cava e voltou a Roma vivendo em paz.

4) Boso. *Vita Gelasii II Le Liber Pontificalis. Texte, introductions et commentaire par l'abbé Louis Duchesne. Ed. Louis Duchesne. Vol. II. Paris: Ernest Thorin Éditeur, 1892, p. 376.*

Nota biográfica: Secondo una consolidata tradizione erudita, Boso era di origine inglese, parente di Nicholas Breakspear — Papa Adriano IV — e prima di arrivare a Roma fu monaco presso l'abbazia di St. Albans, anche se la storiografia moderna tende a sfumare o quantomeno a prendere con più cautela questa notizia. La carriera di Boso cominciò probabilmente negli anni trenta del XII con delle legazioni in Spagna e Portogallo a seguito del cardinale Guido da Pisa e conobbe un grande avanzamento proprio durante il pontificato di Adriano IV nel quale fu promosso a *camerarius* del pontefice. Boso ebbe anche un ruolo di primo piano nello scisma tra Vittore IV e Alessandro III (1159-1164). Boso prese le parti di quest'ultimo e tra il 1165 e il 1166 divenne cardinale-prete di Santa Pudenziana. Nel 1177 Boso accompagnò il papa a Venezia dove era stata stipulata la tregua tra Federico I «Barbarossa» e i comuni dell'Italia settentrionale dopo la battaglia di Legnano (1176). Boso morì l'anno successivo (1178).

Opera: L'opera di Boso di Santa Pudenziana comprende una serie di vite dei papi (da Leone IX fino ad Alessandro III) composta tra il 1154 e il 1178. Le vite di papi di Boso si sarebbero dovute riagganciare alle precedenti escludendo quelle del filo-anacletiano Pandolfo d'Alatri, ma come ha evidenziato Z. Zafarana, la continuazione di Boso rimase separata dal resto del *corpus* del *Liber Pontificalis* e trovò il suo veicolo di trasmissione nel *Liber censuum* di Cencio *camerarius* (futuro papa Onorio III) del 1192, redatto durante il pontificato di Celestino III (1191-1197).

Edizioni/Traduzioni principali: In questa voce, così come nella successiva Bibliografia essenziale, indico le edizioni, gli studi su Boso e le sue biografie citate in questo volume, ossia quelle di Gelasio II e Callisto II. *Vitae nonnullorum Pontificum Romanorum a Nicolao Aragoniae S.R.E. cardinali conscriptae*. Ed. Ludovico Antonio Muratori (*Rerum Italicarum Scriptores*, III). Milano: Ex Typographia Societatis Palatinae in Regia Curia, 1723, cols. 277-475. WATTERICH Johann Matthias (1862) — *Pontificum Romanorum vitae*. Vol. II. Leipzig: Sumptibus Guilhelmi Engelmanni, p. 118-121 (Callisto

II). *Le Liber Pontificalis. Texte, introductions et commentaire par l'abbé Louis Duchesne*. Ed. Louis Duchesne. Vol. II. Paris: Ernest Thorin Éditeur, 1892, p. 376 (Gelasio II) e 376-379 (Callisto II).

Bibliografia essenziale: GEISTHARDT, Fritz (1936) — *Der Kämmerer Boso*. Berlin: Historische Studien. FRUGONI, Arsenio (1954) — *Arnaldo da Brescia nelle fonti del secolo XII*. Roma: ISIME. VOGEL, Cyrille (1955-1957) — *Le Liber pontificalis*. Vol. III. Paris: E. de Boccard, p. XXXII-LXIII. ENGELS, Odilo (1975) — *Kardinal Boso als Geschichtsschreiber*. In SCHWAIGER, Georg, coord. — *Konzil und Papst. Historische Beiträge zur Frage der höchsten Gewalt in der Kirche. Festgabe für Hermann Tüchle*. München; Paderborn; Köln: Schöningh, p. 147-168. MUNZ, Peter (1990) — *Papst Alexander III. Geschichte und Mythos bei Boso*. «Saeculum. Jahrbuch für Universalgeschichte», vol. 41, p. 115-129. BLUMENTHAL, Uta-Renate (2011) — *Päpstliche Urkunden, Briefe und die europäische Öffentlichkeit*. In HERBERS, Klaus; FLEISCH, Ingo, coord. — *Erinnerung-Niederschrift-Nutzung. Das Papsttum und die Schriftlichkeit im mittelalterlichen Westeuropa*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, p. 11-29. Per la biografia e la bibliografia su Boso si veda ZAFARA, Zelina (1971) — *Boso*. In *Dizionario Biografico degli italiani*. Disponibile in <[>](http://www.treccani.it/enciclopedia/bosone_(Dizionario-Biografico)/>. [Consultazione realizzata on-line il 23/11/2017]. Si veda inoltre la voce <i>Gesta pontificum Romanorum (von Boso)</i>. In <i>Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters</i>. Disponibile in <<a href=). [Consultazione realizzata on-line il 23/11/2017].

CXII. Gelasius II, natione campanus, patria Gaietanus, ex patre Crescentio, qui sancte Romane ecclesie diaconus et cancellarius sedit anno uno diebus quinque. Hic anno ab Incarnationis dominice MCXIII concorditer est electus et in sede apostolicas positus. Post octo autem dies propter festinum ad urbem et metuendum imperatoris Henrici adventum vix potuit cum paucis fratribus suis utcumque Romam exire et ad civitatem Gaietam per mare confugium facere, ubi tam a clero et populo ipsius loci quam a circumpositis episcopis et aliis ecclesiatum prelati digno cum honore susceptus atque debita veneratione auctore Domino tractatus est. Deliberato itaque cum ipsis episcopis et baronum illarum partium consilio aput ecclesiam Capuanam sacramentum consecrationis preeunte Spiritus sancti gratia et regnum papale secundum Ecclesie morem cum gloria induit. Tunc autem idem imperator levavit Mauritium Bracarensem archiepiscopum, et adiunctis sibi paucis sancti Petri scismaticis clericis, in sede apostolica eum violenter intrusit; qui a romano populo Burdinus est appellatus.

Traduzione italiana:

CXII. Nato in Campania dal padre Crescenzo, Gelasio II fu diacono e cancelliere della Santa Chiesa Romana [...]. Nell'anno dall'Incarnazione del Signore MCXIII fu eletto concordemente e promosso nella Sede Apostolica. Dopo otto giorni spaventato dal fulmineo arrivo dell'imperatore Enrico a Roma, a stento e con pochi dei suoi fratelli scappò da Roma per mare e si rifugiò presso Gaeta, dove fu accolto con dignità e onore tanto dal clero quanto dal popolo di quel luogo, così come dai vescovi della zona e da altri prelati, e trattato con la dovuta riverenza per un rappresentante di Dio. E così, in questa maniera, deliberata la decisione dagli stessi vescovi e dai baroni di quelle parti presso la Chiesa di Capua, Gelasio II fu rivestito con gloria del sacramento della consacrazione e del regno papale per la gloria dello Spirito Santo, secondo il costume della Chiesa. A quel punto, l'imperatore promosse l'arcivescovo di Braga Maurizio e con l'appoggio di pochi chierici scismatici di San Pietro, lo impose violentemente sul soglio di Pietro. Egli [Maurizio, *scil.*] è chiamato Burdino dal popolo romano.

Tradução portuguesa:

CXII. Gelásio II, nascido na Campânia, de seu pai Crescenzio, foi diácono e chanceler da Santa Igreja Romana [...]. No ano da Encarnação do Senhor de MCXIII foi eleito consensualmente e colocado na Sé Apostolica. Passados oito dias, assustado pela chegada repentina a Roma do imperador Henrique, com muita dificuldade e com poucos dos seus irmãos fugiu da cidade por mar e refugiou-se em Gaeta, onde tanto pelo clero como pelo povo daquele lugar, pelos bispos vizinhos e por outros prelados, foi acolhido com dignidade e honra e foi tratado com a devida veneração reservada a um representante de Deus. E assim, desta maneira, uma vez que foi deliberado pelos mesmos bispos e pelos varões daqueles lugares na Igreja de Cápua, Gelásio II foi revestido com pompa do sacramento da consagração e do reino papal, pela Glória do Espírito Santo, segundo o costume da Igreja. Então, o imperador elevou o arcebispo de Braga, Maurício, e com o apoio de poucos clérigos cismáticos de São Pedro, impô-lo violentamente na cátedra de Pedro. Ele [Maurício, *scil.*] é chamado Burdino pelo povo romano.

5) Boso. *Vita Calixti II. Le Liber Pontificalis. Texte, introductions et commentaire par l'abbé Louis Duchesne.* Ed. Louis Duchesne. Vol. II. Paris: Ernest Thorin Éditeur, 1892, p. 376-377.

Nota biografica: Si veda la fonte precedente.

Opera: Si veda la fonte precedente.

Edizioni/Traduzioni principali: Si veda la fonte precedente.

Bibliografia essenziale: Si veda la fonte precedente.

Calixtus II [...] Hic post obitum pape Gelasii a cardinalibus qui cum eo venerunt, consentientibus quoque ceteris episcopis et cardinalibus qui Rome remanserat [...] apud Cluniacum est electus et in Romanum pontificem secundum morem Ecclesie sublimatus. [...] Descendens autem ad populosas Lombardie civitates [...] per montem Burdonis transivit in Tusciam¹²⁶ [...] Interea de iocundo et nimium desiderato ipsius pape adventu communis fama et frequens rumor aures Romanorum pulsavit. Et cum ad eius receptionem tota civitas anelaret et vehementi desiderio ferret, scismatici qui tunc eidem urbi per imperatorem violentiam incubabant valde sunt territi et in se ipsis omnino confusi. Quocirca languidus eorum caput, Burdinus heresiarca, in desperationis lubrico positus, sperans ab ipso imperatore tueri, apud Sutrium confugium fecit. Quo audito domnus papa Calixtus versus Urbem iter festinanter arripuit, et veniens usque Sutrium, convocatis ad se romanis et aliis nobilibus circumpositis, tandiu civitatem ipsam districte obsedit donec ipsi Sutrini eundem Burdinum in manibus eius dederunt. Unde factum est ut omnis multitudo que ibi convenerat, ad predictum hereticum sicut ad insolitum spectaculum et quasi ad monstrum cornutum concurreret. Movebantur omnes ad risum, agitantes capita at altis vocibus intonantes «Maledicte, maledicte, per te tam grande scandalum venit» Alii autem dicebant «Va, qui tunicam Christi attentasti dividere et dilaniare unitatem catholice fidei nichilominus presumpsisti!» Tunc

¹²⁶ Si tratta del Passo della Cisa, situato nell'appennino tosco-emiliano a sud della città di Parma, si veda PATITUCCI UGGERI, 2004: 11. In questo caso, sia in italiano che in portoghese abbiamo tradotto *Tuscia* con Toscana in quanto si riferisce al territorio della marca di Tuscia e non all'area di Viterbo, cfr. nota n° 308 in questa sezione.

preparato sibi camelo et pilosa pelle vervecum pro clamide rubea, positus est in transverso super ipsum camelum, et in manibus eius pro freno posita est cauda ipsius cameli. Talibus ergo indumentis ornatos, in comitatu pontificis precedebat, revertens ad Urbem cum tanto dedecore, quatenus et ipse in sua confundatur erubescencia et aliis exemplum preberet ne similia ulterius attemptare presument. Gaudente itaque in Domino et exultante universo populo romano, idem beatissimus papa secundum antiquam sanctorum pontificum Romanorum consuetudinem cebriter est receptus et in beati Petri cathedra sollempnipter positus, atque ad Lateranense palatium per mediam civitatem, preparatis arcubus de more ipsa in via Sacra¹²⁷, cum gaudio magno deductus. Postmodum vero Burdinum fecit in arce Fumonis¹²⁸ retrudi et inde ad monasterium Cavense, ubi perseverans in sua rebellione vitam finivit, transferri.

Traduzione italiana:

Callisto II [...] dopo la morte di Papa Gelasio, dai cardinali che con lui vennero in Francia e con il consenso degli altri vescovi e cardinali che erano rimasti a Roma [...] fu eletto pontefice romano a Cluny e promosso secondo la tradizione romana. Scendendo per le popolose città della Lombardia [...] attraversò la Toscana passando per il monte Bordone [...]. Nel frattempo, la notizia pubblica e le frequenti voci del felice e molto desiderato avvento del papa scuotevano le orecchie dei romani. E dato che per la sua ricezione tutta la città anelava e ferveva dal veemente desiderio, gli scismatici, i quali grazie alla violenza dell'imperatore fino ad allora avevano occupato l'Urbe, si spaventarono molto e rimasero del tutto confusi. Di conseguenza il loro debole capo, l'eresiarca Burdino, ormai disperato e in una situazione molto pericolosa, sperando di ricevere la protezione dell'imperatore fece di Sutri il suo rifugio. Appresa la notizia, Papa Callisto II viaggiò verso Roma velocemente e si diresse fino a Sutri. Convocati presso di sé i romani e i nobili delle zone circostanti, assediò sia la città che il suo territorio fino a quando gli stessi abitanti di Sutri non consegnarono Burdino nelle sue mani. E questo fu fatto affinché tutta la comunità potesse vedere il suddetto eretico; accorsero tutti come ad un insolito spettacolo, come se si trattasse di un mostro cornuto. Tutti ridevano, agitavano la testa e gridavano a voce alta: «*Maledetto, maledetto, per colpa tua c'è stato questo scandalo!*». Altri dicevano anche: «*Oh! Ah! Tu che tentasti di squarciare la tunica di Cristo e sei stato responsabile di lacerare l'unità delle fede cattolica!*». Allora preparato per lui un cammello e vestito di una pelle di castrato come se fosse un mantello rosso, [Burdino, *scil.*] fu posto di traverso su di un cammello e con la coda dell'animale tra le mani come se fosse una briglia. Vestito di tali indumenti, precedeva il pontefice nella processione. Tornò nell'Urbe con tanto disonore, affinché egli stesso si vergognasse e fosse da esempio per tutti gli altri che volessero agire nella stessa maniera. Felice il Signore ed esultante il popolo romano, lo stesso beatissimo papa secondo un'antica consuetudine dei santi pontefici romani fu ricevuto nella chiesa di San Pietro ed innalzato solennemente sulla Cattedra di Pietro. Fu portato poi con grande gaudio al Palazzo Lateranense attraverso la città e gli archi preparati secondo la tradizione lungo la via Sacra. Successivamente, Burdino fu rinchiuso nella rocca di Fumone e poi nel monastero di Cava nel quale, perseverando nella sua ribellione, terminò i suoi giorni.

¹²⁷ Si veda la nota n.° 81 in questa sezione.

¹²⁸ Conosciuto per essere stata la prigionia e il luogo di morte del Papa Celestino V (1295-1296), il castello di Fumone situato nei pressi di Frosinone nel basso Lazio fu una delle principali strutture difensive per la città di Roma in età pieno medioevale. Si veda TOUBERT, 1973: 1131 e seguenti. Rinviamo inoltre al sito. Disponibile in <<http://www.provincia.fr.it/showcontent.aspx?l1=14&l2=335&l3=652>>. [Consultazione realizzata on-line il 17/06/2020].

Tradução portuguesa:

Calisto II [...], depois da morte do Papa Gelásio II, pelos cardeais que com ele viajaram até França e com o consenso dos outros bispos e cardeais que tinham ficado em Roma [...] foi eleito pontífice romano em Cluny e elevado segundo a tradição romana. Desceu pelas muito povoadas cidades da Lombardia [...], atravessou a Toscana passando pelo monte Bordone [...]. Entretanto, a notícia pública e os frequentes rumores do feliz e muito desejado advento do papa faziam abanar as orelhas dos romanos. E considerando que por causa da sua receção toda a cidade ansiava e fervia de veemente desejo, os cismáticos, que pela violência do imperador tinham ocupado a *Urbs* até àquele momento, ficaram muito assustados e confusos. Consequentemente, o fraco chefe deles, o heresiarca Burdino, em completo desespero e numa situação muito perigosa, com a esperança de receber a proteção do imperador, transformou Sutri no seu refúgio. Conhecida esta notícia, o Papa Calisto II viajou rapidamente para Roma e dirigiu-se a Sutri. Convocados perante si os romanos e os nobres vizinhos, cercou a cidade e o seu território até os mesmos habitantes de Sutri entregarem Burdino nas suas mãos. E isto foi feito para que toda a comunidade pudesse ver o referido herege. Presenciaram todos um espetáculo invulgar, como se observassem um monstro cornudo. Todos riram alto, agitando a cabeça e gritando: «*Maldito, maldito, por tua causa houve este escândalo!*». Outros diziam também: «*Oh! Ah! Tu que tentaste rasgar a túnica de Cristo e foste responsável pela destruição da unidade da fé católica!*». Então, preparado para ele um camelo e vestido de uma pele de cordeiro castrado, como se fosse uma capa vermelha, foi posto sobre o camelo, sentado ao contrário, e nas suas mãos foi colocada a cauda do animal como se fosse uma rédea. Vestido com tal roupa, precedia o pontífice na procissão; voltou à *Urbs* com tanta desonra, de tal modo que ele tivesse vergonha de si e fosse exemplo para todos aqueles que pensassem agir da mesma maneira. Feliz o Senhor e entusiasmado o povo romano, o mesmo beatíssimo papa, segundo um antigo costume dos santos pontífices romanos, foi recebido na Igreja de São Pedro e elevado solenemente na cátedra do Beato Pedro. Foi levado com grande gáudio até ao Palácio de Latrão através da cidade e dos arcos preparados segundo a tradição, ao longo da Via Sacra. Logo a seguir Burdino foi encerrado na Rocca de Fumone e depois no mosteiro de Cava, onde, enquanto continuava a sua rebelião, acabou os seus dias.

6) *Annales Romani*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, *Scriptores*, V). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1844, p. 478-479.

Nota biográfica: L'opera è anonima, anche se secondo il Pertz fu composta da più autori romani in epoche differenti. Secondo lo studioso tedesco, considerati i numerosi dettagli sulla città di Roma e i fatti narrati non è impensabile che questi annali fossero stati scritti da un testimone oculare o comunque da qualcuno legato ai personaggi menzionati negli annali e agli eventi narrati.

Opera: L'opera narra delle vicende romane tra XI e XII secolo in tre blocchi cronologici distinti: il primo dal 1044 al 1073; il secondo dal 1111 al 1119; infine una terza parte per gli anni 1186-1187.

Edizioni/Traduzioni principali: WATTERICH, Johann Matthias (1862) — *Pontificum Romanorum vitae*. Vol. I. Leipzig: Sumptibus Guilhelmi Engelmanni, p. 71-74, 94, 187-188, 201-202, 216-219 e 255-256. WATTERICH, Johann Matthias (1862) — *Pontificum Romanorum vitae*. Vol. II. Leipzig: Sumptibus Guilhelmi Engelmanni, p. 17, 39-40, 50-75, 85-86, 88-91, 112-114, 650-651, 682 e

691-693. *Annales Romani*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, Scriptores, V). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1844. *Annales Romani. Le Liber Pontificalis. Texte, introductions et commentaire par l'abbé Louis Duchesne*. Ed. Louis Duchesne. Vol. II. Paris: Ernest Thorin Éditeur, 1892, p. 331-350.

Bibliografia essenziale: BETHMANN, Ludwig (1853) — *Die ältesten Streitschriften über die Papstwahl*. «Archiv der Gesellschaft für ältere deutsche Geschichtskunde», vol. 11, p. 841-849. BALZANI, Ugo (1900) — *Le cronache italiane nel Medio Evo*, Milano: Hoepli, 1884, p. 169 e seguenti. WHITTON, Daniel (1972-1973) — *The Annales Romani and Codex Vaticanus latinus 1984*. «Bullettino dell'Istituto storico italiano per il Medio Evo», vol. 84, p. 125-134.

Paschalis natione Ravenne, de oppido quod vocatur Gallia, ex patre Crescentio, sedit annos 18, m. 5, diebus 6. Obiit in vigilia beatorum Vincentii et Anastasii noctis tempore¹²⁹. Et cessavit episcopatu duobus diebus. Tertio vero die electus est Gelasius, in vigilia conversionis beati Pauli apostoli¹³⁰. [...] Et administravit pontificatum sicut pontifex, et mansit in patriarchio Lateranensi usque in die Veneris ante quadragesima. Consules vero miserunt nuntios ad imperatorem, qui tunc in obsidione morabat Verone, et notificaverunt ei omnia que acciderant per litteras. Ille vero nichil moratus est; cum festinatione Romam petiit cum paucis, die Veneris ante quadragesima misit nuntios ad consules ut exirent oviam ei, sabbatum vero ante quadragesima ingressus est porticum sancti Petri. Mox ut electus pontifex de suo adventu audivit, egressus est de patriarchio Lateranensi, et venit in regione sancti Angeli, in ecclesia beate Marie que sita est super fluvium Tiberis¹³¹, ubi fideles eius erant, et mansit ibi tota die sabbati. Rex vero misit nuntios ad eum, ut finem litis imponeret. Ille vero hoc audito nocte navem ascendit, secessitque patria sua Gaieta cum episcopis et cardinalibus atque diaconibus. Imperator vero cum talia audisset, consilio abito cum suis fidelibus perrexit ad basilicam beati Petri, ut inveniret concilium quit ageret. Illi vero consiliaverunt eum, ut pontificem ordinaret. Tunc elegerunt Mauricum, archiepiscopum Hispaniensem de civitate Bragana, et consecraverunt eum Romanum antistitem in die Veneris de quattuor tempora que sunt de mense Martio¹³². Cui posuerunt nomen Gregorius. Predictus Gelasius altero die, hoc est die sabbati, ordinatus est presbyter; die dominico consecraverunt eum pontificem. Non multo post egressus inde perrexit Benevento, ibique ei dux et omnes principes Agarenorum ei fidelitatem fecerunt, moratusque est ibi usque ad festivitatem apostolorum, et tunc reversus est Rome. Set non fuit ausus manere in patriarchio Lateranensi, quia fideles regi et pontifici eius retinebant eum. Mansit autem in ripa apud heredes Stephani Ocdonis¹³³, in ecclesia beate Marie Secundicherio¹³⁴.

¹²⁹ 21 gennaio.

¹³⁰ 24 gennaio.

¹³¹ In questo passaggio si fa riferimento alla diaconia di Sant'Angelo in Pescheria (*Regio XI*) nell'attuale rione Sant'Angelo, sulla riva destra del Tevere. Si veda CARPEGNA-FALCONIERI, 2014: 73-84.

¹³² 8 marzo 1118.

¹³³ Stefano *Ocdonis* è il primo membro di spicco della famiglia romana dei Normanni. Si veda VENDITTELLI, 2013b. La parentela è confermata dagli stessi *Annales Romani*. I Normanni erano stati, infatti, oppositori di Pasquale II ed avevano appoggiato l'*antipapa* Maginulfo-Silvestro IV «heredes Stephani Ocdonis, scilicet Stephanus qui dicitur Normannus cum suis germanis», cfr. *Annales Romani*: 477.

¹³⁴ Si veda la nota n.° 112 in questa sezione.

Altero die fuit octava festivitatis apostolorum Petri et Pauli¹³⁵, perrexitque ad basilicam beati Pauli¹³⁶, et ibi missa celebravit. Alter vero Pontifex, videlicet Gregorius qui Romani nominant Burdinum, celebravit missa in basilica Beati Petri. Non multo post dictus Gregorius secessit ad civitatem Sutrinam, et basilicam sancti Petri suis reliquit fidelibus custodiendam. Illi vero non fideles, set infideles eius et imperatoris, non diu perseveraverunt in sacramenta fidelitatis et securitatis dicte basilice beati Petri, quod eis fecerunt, sed accepta pecunia tradiderunt eam Petro Leonis¹³⁷, qui fidelis erat Calixti pape, cum omnibus eius munitionibus. Postea vero Calixtus pontifex data pecunia in hac civitate, plures equites hac pedites ei fidelitatem fecerunt; non multo post perrexit cum magno exercitu ad civitatem Sutrinam, ubi dictus Gregorius qui dicebatur Burdinus manebat. Octavo vero die illius obsidionis dicti Sutrini dederunt eum in potestate Calixti pape et Romanorum. Postquam vero in eorum venit potestate, expoliaverunt eum vestimentis suis, et induerunt eum duas versas ovinas ulcas, et posuerunt eum super camilum qui ferebat caldarie pontificis Calixty, et ceperunt sic reverti Romae. Ita ludibriatus et verberatus. Postea vero miserunt eum super unum vilissimus equum, et miserunt eum per Transtiberim cum multa iniuria et populi clamore ad Sedem Solis¹³⁸, ibique in vinculis eum clausurunt. Non multo post exinde illum extraentes, miserunt illum ad castrum Passarani¹³⁹. Indeque eum extraxerunt, mandaverunt eum in Apulea apud monasterium Sancti Trinitatis¹⁴⁰. Mansit autem a tempore ordinationis suae usque ad diem quo captus fuit in pontificatu annos tres et menses duos minus die octo.

Traduzione italiana:

Papa Pasquale II, ravennate di nascita, della città chiamata Gallia, da parte del padre Crescenzo, sedette sul soglio di Pietro diciotto anni, cinque mesi e sei giorni. Morì di notte, la vigilia del giorno dei Santi Vincenzo e Anastasio. Il pontificato era terminato da due giorni. Il terzo giorno fu eletto Gelasio, la vigilia del giorno della Conversione di San Paolo. [...] Egli amministrò il pontificato così come deve il pontefice e rimase nel Palazzo del Laterano fino al venerdì precedente alla prima domenica di Quaresima. I consoli inviarono dei messaggeri all'imperatore, il quale in quel momento si trovava presso la città di Verona e lo aggiornarono su tutto quello che era accaduto con delle lettere. L'imperatore non si trattene ulteriormente e si diresse rapidamente a Roma con pochi cavalieri. Il venerdì prima della Quaresima, egli inviò un'ambasciata presso i consoli affinché venissero e si incontrassero con lui. Il sabato antecedente alla prima domenica della Quaresima, Enrico V entrò nel portico di San Pietro. Subito dopo aver appreso dell'arrivo dell'imperatore, il pontefice eletto uscì dal Palazzo del Laterano e si spostò nella regione di Sant'Angelo, nella chiesa di Santa Maria situata vicino al Tevere, dove c'erano i suoi fedeli e rimase lì tutto il sabato. Il re inviò dei messaggeri presso Papa Gelasio II e i suoi uomini affinché ponessero fine alla lite. Quando il papa ne venne a conoscenza, s'imbarcò di notte per Gaeta con i vescovi, i cardinali e i diaconi. L'imperatore venendo a sapere tutto ciò, su consiglio dei suoi fedeli proseguì verso la basilica di San

¹³⁵ Santi Pietro e Paolo, 29 giugno.

¹³⁶ San Paolo fuori le Mura. Rinvio alla lettura di DOCCI, 2006: 14, 32, 57 e 67.

¹³⁷ Pietro Pierleoni, Anaclero II (1130-1138), o suo padre Pietro di Leone, cfr. MANSELLI, 2000. Si veda la nota n.º 70 in questa sezione; STROLL, 1991: 37.

¹³⁸ Passerano è oggi una frazione del comune di Galliciano nel Lazio, situato a circa trentacinque chilometri a est di Roma. Si veda DE ROSSI, 1969: 142-146.

¹³⁹ Il Settizonio era una grande costruzione eretta dall'imperatore romano Settimio Severo (193-211) alla base del Palatino, non lontano dal Circo Massimo. L'edificio nel corso dei secoli medievali fu utilizzato come fortezza. Si vedano PAUTRIER, 2013: 170 e WICKHAM, 2014: 161.

¹⁴⁰ Monastero di Cava de' Tirreni.

Pietro per cercare di indire un concilio. I suoi uomini gli consigliarono di eleggere un papa. Allora elessero Maurizio, arcivescovo ispanico della città di Braga e lo consacrarono pontefice romano il venerdì delle Quattro Tempora nel mese di marzo. Gli fu dato il nome di Gregorio. Il suddetto Gelasio il giorno seguente, ossia il sabato, fu ordinato presbitero e la domenica consacrato pontefice. Non molto tempo dopo uscì dalla città e si recò a Benevento e qui il duca e tutti i principi dei Saraceni gli prestarono giuramento di fedeltà. Si trattenne in città fino alla festa degli Apostoli e poi fece ritorno a Roma. Gelasio non riuscì a rimanere nel Patriarcato Lateranense, perché i fedeli del re e del suo pontefice [Gregorio VIII, *scil.*] lo controllavano. Rimase quindi sulle rive del Tevere nella chiesa di Santa Maria di Secundicerio presso gli eredi di Stefano Oddoni.

Il giorno seguente, l'ottavo della festività degli Apostoli Pietro e Paolo, si diresse alla basilica di San Paolo e vi celebrò messa. L'altro pontefice, ossia Gregorio che i romani chiamano Burdino, non molto tempo dopo si diresse verso Sutri e lasciò in custodia la basilica di San Pietro ai suoi fedeli. Questi ultimi però non furono fedeli, ma infedeli a lui e all'imperatore; non rispettarono il sacro vincolo di fedeltà e di sicurezza presidiando la basilica di San Pietro, ma in cambio di denaro la vendettero a Pietro Leone, che era un fedele di Papa Callisto II, con tutte le loro fortezze. Successivamente dopo aver dato molti soldi in tutta la città, Papa Callisto ricevette la fedeltà di molti cavalieri e fanti. Poco tempo dopo si diresse con un grande esercito verso la città di Sutri nella quale si trovava Gregorio, il quale veniva chiamato Burdino. All'ottavo giorno furono gli abitanti di Sutri a consegnarlo nelle mani di Papa Callisto II e dei romani. Una volta che lo presero in consegna lo spogliarono delle sue vesti, lo vestirono con due pelli ovine e lo posero seduto al contrario su di un cammello, che portava le pentole del Papa Callisto, e lo portarono per Roma esposto al pubblico ludibrio e picchiato. Dopodiché lo posero su di un vile cavallo e lo portarono in giro per Trastevere fino al Septisolio, dove fu rinchiuso, tra le ingiurie e gli insulti della gente. Poco tempo dopo lo tirarono fuori di nuovo e lo portarono nel castello di Passerano. Da lì poi fu trasferito in Puglia presso il monastero della Santissima Trinità. Dal momento della sua ordinazione alla sua cattura il suo pontificato durò tre anni, due mesi e otto giorni.

Tradução portuguesa:

Pascoal II, nascido em Ravena, numa cidade chamada Galliata, de seu pai Crescenzo, ocupou o trono de Pedro durante dezoito anos, cinco meses e seis dias. Morreu de noite, na véspera do dia dos Santos Vicente e Anastácio. Tinha acabado há dois dias o pontificado, e ao terceiro foi eleito Gelásio, na véspera da festa da conversão de São Paulo. Regeu o pontificado tal como deve um pontefice romano e permaneceu no Palácio de Latrão até à sexta-feira anterior ao primeiro domingo da Quaresma. Os cônsules enviaram dois mensageiros ao imperador que naquele momento estava ocupado na cidade de Verona, e puseram-no ao corrente de tudo o que tinha acontecido através de algumas cartas. O imperador logo abandonou a cidade e dirigiu-se rapidamente a Roma com poucos cavaleiros. Na sexta-feira antes da Quaresma, enviou um embaixador aos cônsules para que se encontrassem com ele e no sábado antes do primeiro domingo da Quaresma Henrique V entrou no pórtico de São Pedro. Imediatamente depois, o pontífice eleito tomou conhecimento da chegada do imperador, saiu do Palácio de Latrão e mudou-se para a região de Sant'Angelo, para a Igreja de Santa Maria perto do rio Tibre, onde se encontravam os seus fiéis e lá permaneceu todo o sábado. O rei enviou alguns mensageiros ao Papa Gelásio II e aos seus homens para que acabassem com a disputa. Quando o papa tomou conhecimento disto, na mesma noite embarcou para Gaeta com os bispos, os cardeais e os diáconos. Ouvindo estas notícias desde Itália, o imperador, com

o conselho dos seus homens, dirigiu-se à basílica de São Pedro para tentar convocar um concílio. Os seus homens aconselharam-no a eleger um novo papa. Então, escolheram Maurício, arcebispo hispânico da cidade de Braga e consagraram-no pontífice romano na sexta-feira das Têmporas, no mês de março. Foi-lhe dado o nome de Gregório. No dia seguinte, sábado, o referido Gelásio II foi ordenado presbítero e no domingo foi consagrado pontífice. Não muito tempo depois, deixou a cidade e dirigiu-se a Benevento e neste lugar o duque e todos os príncipes dos sarracenos prestaram-lhe juramento de fidelidade. Depois de ter ficado na cidade até à festa dos Apóstolos, regressou a Roma. Gelásio não conseguiu ficar no *Patriarchium* de Latrão, porque os fiéis do rei e do seu pontífice [Gregório VIII, *scil.*] o controlavam. Ficou nas margens do Tibre, na Igreja de Santa Maria de Secundicerio, hospedado pelos herdeiros de Estêvão Oddoni.

No dia seguinte, o oitavo dia da festa dos Apóstolos Pedro e Paulo, Gelásio II dirigiu-se à basílica de São Paulo e aí celebrou missa. O outro pontífice, ou seja, Gregório, que os romanos chamam Burdino, dirigiu-se, não muito tempo depois, para Sutri e deixou em custódia aos seus fiéis a basílica de São Pedro. Porém, estes últimos não permaneceram fiéis, mas infiéis a ele e ao imperador; não respeitaram o sagrado vínculo da fidelidade e segurança na vigilância da basílica de São Pedro, mas, em troca de dinheiro, venderam-na a Pedro Leão, um fiel do Papa Calisto II, com todos os castelos. Mais tarde, Calisto II, depois de ter distribuído muito dinheiro por toda a cidade, recebeu a fidelidade de muitos cavaleiros e peões. Pouco tempo depois, Calisto II dirigiu-se com um grande exército até à cidade de Sutri, onde se encontrava Gregório, chamado Burdino. Ao oitavo dia os habitantes de Sutri entregaram-no ao Papa Calisto II e aos romanos. Uma vez capturado e detido, Burdino foi despojado da sua roupa, vestido com duas peles de ovelha, posto em cima de um camelo, que levava as panelas do Papa Calisto, sentado ao contrário e levado até Roma onde foi vergastado e exposto a uma pública humilhação. Logo depois puseram Burdino sobre um cavalo vulgar e fizeram-no circular por Trastevere até o Septisolio, onde foi encarcerado entre as injúrias e os insultos do povo. Pouco tempo depois foi retirado de lá e levado para o castelo de Passarano. Desta localidade foi transferido para a Apúlia, para o mosteiro da Santíssima Trindade. Do momento da sua ordenação até à sua captura o pontificado de Maurício «Burdino» durou três anos, dois meses e oito dias.

7) *Annales Ceccanenses (sive Chronicon Fossae Nove)*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, *Scriptores*, XIX). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1866, p. 282.

Nota biográfica: L'autore dell'opera non è conosciuto. L'Ughelli nel XVII secolo aveva accettato l'attribuzione dell'opera (contenuta nei due codici L42 Bibl. Vallicelliana, Roma e IV. F. 8 Bibl. Naz., Napoli) ad un certo Giovanni dei Conti di Anagni. A. Muratori, G. Del Re e A. Molinier hanno avanzato l'ipotesi che si potesse trattare di un monaco anonimo di Ceccano, nel sud del Lazio attuale provincia di Frosinone, mentre altri hanno ipotizzato che l'autore degli *Annales Ceccanenses* possa essere stato Benedetto da Ceccano notaio vissuto a cavallo tra XII e XIII secolo.

Opera: Si tratta di una storia universale dalle origini fino al 1218 scritta nella prima metà del XIII secolo, parzialmente basata sugli *Annales Cavenses* e gli *Annali di Montecassino*.

Edizioni/Traduzioni principali: *Chronicon Fossae Nove*. Ed. Ferdinando Ughelli (*Italia sacra*, I). Roma: Apud Bernardinum Tanum, 1648, cols. 440-492. *Chronicon Fossae Novae*. Ed. Ludovico Antonio Muratori (*Rerum Italicarum Scriptores*, VII). Milano: Ex Typographia Societatis Palatinae in Regia Curia, 1725, cols. 855-898. DEL RE, Giuseppe (1845) — *Cronisti e scrittori sincroni della dominazione normanna nel Regno di Puglia e Sicilia*. Vol. I. Napoli: Stamperia dell'Iride, p. 493-543. *Annales Ceccanenses (sive Chronicon Fossae Nove)*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, *Scriptores*, XIX). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1866, p. 275-302.

Bibliografia essenziale: Sugli *Annales Ceccanenses* si vedano almeno i seguenti lavori: MOLINIER, Auguste (1903) — *Annales Ceccanenses*. In *Les Sources de l'histoire de France — Des origines aux guerres d'Italie (1494)*. Vol. III. Paris: Picard et fils, p. 21. Su Benedetto da Ceccano e l'attribuzione degli *Annales Ceccanenses* rinvio alla lettura della voce enciclopedica di RAGNI, Eugenio (1966) — *Benedetto da Ceccano*. In *Dizionario Biografico degli italiani*. Disponibile in <[1118. ind. 11. Gelasius II. Sedit anno 1. Hoc anno 11. Kal. Februarii obiit papa Paschalis. Ioannes cancellarius in papam Gelasium ordinatur. Eodem die Henricus res ordinavit alium in Roma invitus clericorum, Mauricius nomine, in papam Gregorium VI. Idibus Martii.](http://www.treccani.it/enciclopedia/benedetto-da-ceccano_(Dizionario-Biografico)/>. [Consultazione realizzata on-line il 27/11/2017]. Per una bibliografia generale sugli <i>Annales Ceccanenses</i> si veda DELLE DONNE, Fulvio (2006) — <i>La presa di Arce e della Rocca d'Arce secondo le cronache coeve</i>. In DELLE DONNE, Fulvio, coord. — <i>Ianua regni. Il ruolo di Arce e del Castello di Rocca d'Arce nella conquista di Enrico VI di Svevia</i>, Arce: Nuovi Segnali, p. 22 e nota n.º 16.</p>
</div>
<div data-bbox=)

Traduzione italiana:

1118. Indizione undicesima. Gelasio II. Il suo pontificato durò un anno. Quell'anno il 22 gennaio morì Papa Pasquale. Il cancelliere Giovanni fu eletto papa con il nome di Gelasio. Lo stesso giorno il re Enrico ordinò un altro papa a Roma contro il volere dei chierici; il suo nome era Maurizio e fu chiamato Gregorio l'otto marzo.

Tradução portuguesa:

1118. Indicção décima primeira. Gelásio II. O seu pontificado durou um ano. Neste ano, a 22 de fevereiro morreu o Papa Pascoal. O chanceler João foi eleito papa com o nome de Gelásio. No mesmo dia o rei Henrique ordenou outro papa em Roma, contra a vontade dos clérigos; o seu nome era Maurício e foi chamado Gregório no dia 8 de março.

8) *Catalogus pontificum et imperatorum romanorum tiburtinus*. Ed. Georg Waitz (MGH, *Scriptores*, XXII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1873, p. 357.

Nota biografica: Redatta nel XIII secolo durante il regno di Federico II di Svevia (†1250), si tratta di un'opera anonima inserita dal Waitz nella sezione *Continuationes et Addenda* dell'opera di Goffredo da Viterbo.

Opera: *Catalogus pontificum et imperatorum romanorum tiburtinus* è un'opera in forma annalistica basata su fonti come gli Annali di Ceccano, gli *Annales Casinenses*, il *Liber Pontificalis* e i perduti *Annales Tiburtini*, una serie di fonti che potrebbe indicare come luogo di redazione Roma o il Lazio. L'opera va dall'anno 42 d. C. fino al 1242.

Edizioni/Traduzioni principali: *Catalogus pontificum et imperatorum romanorum tiburtinus*. Ed. Georg Waitz (MGH, *Scriptores*, XXII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1873, p. 353-358.

Bibliografia essenziale: Su questa fonte rinvio alla lettura di dell'introduzione del Waitz, *Catalogus pontificum et imperatorum romanorum tiburtinus*. Ed. Georg Waitz (MGH, *Scriptores*, XXII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1873, p. 353 e ZERBI, Pietro (1993) — *Ebbe parte Celestino III nella consegna di "Tusculanum" ai Romani? Esame di fonti discordi intorno alla tragica vicenda della Pasqua 1191*. In ALBERZONI, Maria Pia; AMBROSIONI, Annamaria; LUCIONI, Alfredo; PICASSO, Giorgio; TOMEA, Paolo, coord. — *Ecclesia in hoc mundo posita: studi di storia e di storiografia medioevale raccolti in occasione del 70° genetliaco dell'autore*. Milano: Vita & Pensiero, p. 145-146 e nota n.° 34.

1120. 13. Calixtus II. sedit ann. 5, m. 10, d. 13. Hic primum Viennensis archiepiscopus et ecclesie Romae legatus, postmodum apostolice sedis pontifex divina providentia subveniente factus, concordiam inter ecclesiam et imperium reformavit, pacem in Urbe constituit; ecclesiam beati Petri patrimonia¹⁴¹ longis retro distracta temporibus recuperavit, Burdinum heresiarcham cepit, aquam ad Urbem adduxit.

Traduzione italiana:

1120. 13. Callisto II sedette sul soglio pontificio cinque anni, dieci mesi e tredici giorni. Con il soccorso della Grazia Divina, l'arcivescovo di Vienne e legato della Chiesa Romana divenne pontefice della Sede Apostolica. Ristabilì la concordia tra la Chiesa e l'Impero; pacificò l'Urbe; recuperò il patrimonio della Chiesa di San Pietro trascurato per lungo tempo; catturò l'eresiarca Burdino; portò l'acqua a Roma.

Tradução portuguesa:

1120. 13. Calisto II sentou-se no trono pontifício cinco anos, dez meses e treze dias. Com o apoio da Graça Divina, o arcebispo de Vienne e legado da Igreja Romana tornou-se pontífice da Sé Apostólica; estabeleceu novamente a concórdia entre a Igreja e o Império; pacificou a cidade de Roma; recuperou o património da Igreja de São Pedro negligenciado durante muito tempo; capturou o heresiarca Burdino; levou a água para Roma.

9) Cronica Pontificum et imperatorum Tiburtina. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, *Scriptores*, XXXI). Hannover: Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1903, p. 261.

Nota biografica: L'opera è anonima.

¹⁴¹ Per l'espressione Patrimonio di San Pietro o *Patrimonium Beati* o *Sancti Petri* si veda nota n.° 200 dell'Introduzione di questo volume.

Opera: La *Cronica Pontificum et imperatorum Tiburtina* è un'opera con una tradizione manoscritta complessa e molteplici autori. Il testo va dalla nascita di Cristo all'anno 1227 e potrebbe essere stata composta in ambienti romani durante il pontificato di Gregorio IX attorno al 1241-1242 o comunque alla metà del XIII secolo.

Edizioni/Traduzioni principali: *Cronica Pontificum et imperatorum Tiburtina*. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, *Scriptores*, XXXI). Hannover: Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1903, p. 226-265.

Bibliografia essenziale: *Cronica Pontificum et imperatorum Tiburtina*. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, *Scriptores*, XXXI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1903, p. 226-229 e *Raccolta degli storici italiani dal cinquecento al millecinquecento*. In CARDUCCI, Giosuè; FIORINI, Vittorio; FEDELE, Pietro, coord. — *Rerum Italicarum Scriptores*. Vol. XXVIII. Bologna: Zanichelli, 1936, p. 346.

MCXX. [ind.] XIII. Calixtus II. Sedit ann. V, men. X, di. XIII. Hic primum Viennensis archiepiscopus et ecclesie Romane legatus, postmodum apostolice sedis pontifex divina providentia subveniente factus, concordiam inter ecclesiam et imperium reformavit, pacem in Urbe constituit, ecclesiam beati Petri de manu laicali eripuit, quam thesauro et decoris ornamentorum varietatibus honestavit. Civitates, castela, portus, lacus, et alia multa beati Petri patrimonia longis retro distracta temporibus recuperavit; Burdinum heresiarcham cepit; aquam ad Urbem adduxit. Vixit autem pauperum nutritor, pius, viduarum et pupillarum defensor [...].

Traduzione italiana:

MCXX. Indizione tredicesima. Callisto II sedette sul soglio di Pietro cinque anni, dieci mesi e tredici giorni. Egli fu il primo arcivescovo di Vienne e legato della Chiesa Romana. Successivamente diventò pontefice della Sede Apostolica grazie all'intervento della Divina Provvidenza e restituì e riformò la concordia tra la Chiesa e l'Impero. Stabilì la pace nell'Urbe, salvò dalle mani dei laici la Chiesa, che onorò con un tesoro e una grande varietà di ornamenti. Recuperò città, castelli, porti, laghi, molte terre del Patrimonio di San Pietro a lungo trascurato; catturò l'eresiarca Burdino; portò l'acqua nell'Urbe. Visse nutrendo i poveri e fu difensore delle vedove e dei bambini [...].

Tradução portuguesa:

MCXX. Indicção décima terceira. Calisto II sentou-se no trono de Pedro cinco anos, dez meses e treze dias. Ele foi o primeiro arcebispo de Vienne e legado da Igreja Romana. Mais tarde tornou-se pontífice da Sé Apostólica graças à intervenção da Divina Providência e restituiu e reformou a concórdia entre a Igreja e o Império. Estabeleceu a paz na *Urbs*, salvou a Igreja das mãos dos leigos e honrou-a com um tesouro e com uma grande variedade de ornamentos. Recuperou cidades, castelos, portos, lagos, muitas terras do património de São Pedro negligenciado durante muito tempo; capturou o heresiarca Burdino; levou a água para a *Urbs*. Viveu alimentando os pobres e foi defensor das viúvas e das crianças [...].

Monastero di Montecassino

1) *Chronica monasterii Casinensis*. Ed. Harmut Hoffmann (MGH, *Scriptores*, XXXIV). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1980, p. 525-527, 532 e 547.

Nota biografica: L'autore dei passaggi della *Chronica* di Montecassino riportati di seguito è Pietro Diacono, che probabilmente rielaborò il materiale di Guido di Montecassino. Probabilmente proveniente dalla famiglia dei conti di *Tusculum* per via paterna, Pietro nacque attorno al 1107-1110 ed entrò come oblatto nel monastero di Montecassino durante l'abbaziato di Gerardo (1111-1123). Nel 1126 Pietro fu costretto all'esilio dal monastero — si rifugiò ad Atina non lontano da Cassino — in quanto sostenitore dell'abate Oderisio dei conti dei Marsi (1123-1126) deposto da Papa Onorio II. Ritornato a Montecassino nel 1131, Pietro occupò il ruolo di bibliotecario e archivista del monastero dando vita ad una intensa attività letteraria. Morì dopo il 1159.

Opera: Pietro Diacono continuò l'opera di Leone Marsicano (o Ostiense) e Guido di Montecassino che avevano composto la cronaca del monastero di Montecassino tra il 1075 e il 1127. Pietro Diacono riprese la cronaca dal 1127 continuandola per gli anni successivi fino al 1138. Pietro Diacono completò la sua opera attorno o subito dopo il 1144. La *Chronica* narra le vicende dell'abbazia di Montecassino dal 529 al 1138.

Edizioni/Traduzioni principali: *Chronica sacri monasterii Casinensis*. Ed. Angelo De Nuce (*Rerum Italicarum Scriptores*, IV). Milano: Ex Typographia Societatis Palatinae in Regia Curia, 1723, p. 151-1602. *Leonis Marsicani et Petri Diaconi chronica monasterii Casinensis*. Ed. Wilhelm Wattenbach (MGH, *Scriptores*, VII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1846, p. 574-844. *Chronica monasterii Casinensis*. Ed. Harmut Hoffmann (MGH, *Scriptores*, XXXIV). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1980, p. 16-607. Dell'opera esistono anche due recenti traduzioni in italiano, *Leone Marsicano. Cronaca di Montecassino (III 26-33)*. Ed. Francesco Acento; Vinni Lucherini. Milano: Jaca Book, 2001 e *Cronaca monastero cassinese (529-1138)*. Ed. Francesco Gigante. Cassino: Francesco Ciolfi Tipografo-Editore-Libraio, 2016.

Bibliografia essenziale: HOFFMANN, Harmut (1971) — *Petrus Diaconus, die Herren von Tusculum und der Sturz Oderisius' II. von Montecassino*. «Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters», vol. XXVII, p. 1-109. HOFFMANN, Harmut (1972) — *Chronik und Urkunde in Montecassino*. «Quellen und Forschungen aus italienischen Archiven und Bibliotheken», vol. LI, p. 93-205. FAGNONI, Anna Maria (1984) — *Storia di un testo: La Cronaca di Montecassino*. «Studi medievali», III^a Serie, vol. XXV, p. 813-832. BLOCH, Herbert (1986) — *Monte Cassino in the Middle Ages*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura. 3 vols. NEWTON, Francis (1999) — *The Scriptorium and Library at Monte Cassino, 1058-1105*. Cambridge: Cambridge University Press. Cfr. <https://www.geschichtsquellen.de/werk/3294>. [Consultazione realizzata on-line il 15/02/2018].

64. [...] Similitercet iam dictus papa Paschalis a Benevento Romam regressus¹⁴² duodecimo kal. Febr. vita decedit, et Iohannes cancellarius huius Casinensis cenobii a pueritia monachus a clero,

¹⁴² Nel capitolo 61 della Cronaca di Montecassino si parla della fuga di Pasquale II a Benevento per via della presenza a Roma dell'imperatore nella Pasqua del 1117. «61. Anno autem dominice incarnationis millesimo centesimo septimo decimo idem imperatore congregato exercitu Romam advenit. Quod dum papa Paschalis comperisset, urbem

senatu populuque Romano in Gelasium papam eligitur. Talia dum Heinrici imperatoris venissent ad aures, festinus Romam advenit nuntiosque ad eundem ellectum transmittersse studuit, per quos ei direxit, quod, si finem, quam papa Paschalis cum imperatore fecerat, observaret et conventiones, que inter Romanum imperium et sedem apostolicam statute fuerant, firmaret, imperator confestim fidelitatem eidem electo et Romane ecclesie faceret, sin alias, alium pontificem in Romana ecclesia inthronizaret. Videns igitur idem ellectus rationes suas cum rationibus imperii convenire non posse, per fluvium Tiberim mare ingressus unacum episcopis et cardinalibus aliisque clericis Romane ecclesie nec non et prefecto Romane urbis multisque aliis nobilibus Romanis advenit Cagetam. Hoc ubi imperator nuntiatum est, evestigio Mauricium Bracariensem archiepiscopum a papa Paschali depositum invasorem Romane ecclesie constituit¹⁴³. Supradictus autem electus Cagete remorans in quadragesima presbiter ordinatus et ab eisdem episcopis et cardinalibus in papam Gelasium consecratus est. Tunc temporis Capuanus princeps Robbertus et Guilielmus dux ad eundem pontificem in eadem civitate venientes fidelitatem fecerunt. Deinde Capuam veniens unacum episcopis et cardinalibus excommunicavit eundem imperatorem unacum predicto invasore eorumque complicibus. In festivitate autem Paschali imposito sibi Romani orbis diademate cum magna laude et gloria ad patris Benedicti monasterium Capue¹⁴⁴ situm venit celebrataque missa solempniter ad episcopium civitatis rediit ornatis plateis et arcubus Romano more [...] Robbertus interea princeps exercitum congregans ad hoc monasterium venit Romam, sicut promiserat pontifici, cum eo iturus. Audiens autem quod Imperator oppidum, quod Turricla¹⁴⁵ dicitur, obsiderat, Casini substituit; ubi etiam nuntios imperatoris suscipiens Capuam repedavit. Imperator interea cum oppidanis feudos iniens Romam rediit. Ibique die sancti Pentecoste ab eodem heresiarca coronatus Liguriam rediit¹⁴⁶. Hoc ubi pontifex supradictus agnovit, Romam reversus est indeque egressus civitatem Pisanam adiit ecclesiamque inibi sancte Marie, que ad Domum nuncupatur, dedicans primus in eadem urbe archiepiscopatum instituit [...] Exinde vero supradictus pontifex discedens cum episcopis et cardinalibus Cluniacense cenobium petiit atque a supradicti loci abbate honorifice nimis receptus et ibi aliquandiu remoratus post paucos dies vita decessit atque in eodem monasterio decenti est sepultura reconditus. Cardinales igitur videntes se tanto destitutos esse pastore consilio habito, ne diutius Romana ecclesia morsibus scismaticorum pateret Guydonem Byennensem archiepiscopum regali stirpe progenitum, in rebus secularibus et ecclesiasticis aprime eruditum ibidem sibi in papam Calixtum preficiunt [...].

egrediens venit ad hoc monasterium atque ab universa huius loci congregatione rogatus Landulfum archiepiscopum Beneventum, quem supra depositum retulimus, in gradu suo restituit sicque per Capuam Beneventum ingressus est». Si veda *Chronica monasterii Casinensis*: 523-524.

¹⁴³ L'opera fa riferimento alla scomunica di Pasquale II nei confronti di Maurizio «Burdino», si veda JL 4882 (Gaeta 1118 marzo 10) = Gelasii II papae ep. II, PL CLXIII, cols. 487-488.

¹⁴⁴ Sulla possibile identificazione del *monasterium* di Capua si veda BUSINO, 2017: 514-525.

¹⁴⁵ Si veda la nota n.º 107 in questa sezione.

¹⁴⁶ Grazie all'opera di A. Gawlik e M. Thiel è possibile ricostruire una parte dell'itinerario di Enrico V dopo la promozione di Maurizio sul soglio di Pietro. Il 31 maggio del 1118 Enrico V era ancora a Roma. In quella data compì una donazione all'abate Berardo di Farfa, a conferma di quanto affermato nella *Vita Paschalis II* sull'alleanza tra il monastero ed Enrico V. Il 21 giugno del 1118 Enrico V si trovava a Bombiana sull'appennino bolognese, mentre il primo agosto era a Treviso e il 17 dello stesso mese a Montecchio Maggiore (attualmente in provincia di Vicenza). Infine nell'aprile del 1119 l'imperatore era ad Aachen in Germania. In questo caso, quindi, il riferimento alla Liguria da parte di Falcone può indicare generalmente il nord Italia verso il quale si era diretto l'imperatore. Si veda GAWLIK & THIEL, 2010: docs. 213, 214, 215 e 217.

68. Tunc temporis¹⁴⁷ prephatus papa Calixtus urbem egressus venire ad hoc monasterium, a predicto nostro abbate cum ingenti honore susceptus die illo missam sollempniter celebravit atque in hac terra per duos fere menses est remoratus. Quem videlicet pontificem noster abbas honorifice nimis sustentavit et in omnibus necessitatibus eius strenue satis deservire curavit. Inde vero Beneventum veniens in Apuliam usque descendit ac more antecessorum suorum a duce Guilielmo¹⁴⁸ fidelitate recepta Romam reversus est. Dehinc vero exercitum congregans, Mauricium heresiarcham in civitatem Sutrinum obsidens cepit et in arce huius monasteri, quam idem abbas a fundamentis construnxerat. Exilio relagavit.

86. Demum vero Mauricium heresiarcham de Ianua¹⁴⁹, in qua papa Calixtus exiliaverat, abstrahens apud Fumonem exilio relegavit¹⁵⁰.

Traduzione italiana:

64. [...] E in maniera simile, il già menzionato Papa Pasquale II morì il 21 febbraio, dopo essere tornato a Roma da Benevento. Il cancelliere Giovanni, che in gioventù era stato monaco nel monastero di Montecassino, fu eletto papa dal clero, dal senato e dal popolo di Roma. Quando la notizia giunse all'orecchio dell'imperatore, quest'ultimo si recò rapidamente a Roma e pensò di inviare dei nunzi presso il nuovo eletto. Lo scopo dei messaggeri inviati dall'imperatore era quello di far rispettare e osservare al nuovo eletto, affinché si comportasse come Papa Pasquale II, gli accordi che erano stati stabiliti tra l'Impero Romano e la Sede Apostolica. In tal caso, l'imperatore avrebbe subito dato la fedeltà al papa eletto; in caso contrario avrebbe intronizzato un altro pontefice. Vedendo che le sue ragioni non potevano minimamente convenire con quelle dell'imperatore, Papa Gelasio s'imbarcò dal fiume Tevere e prese la via del mare e con i vescovi, i cardinali e altri chierici della Chiesa Romana, il prefetto dell'Urbe e molti altri nobili romani arrivò a Gaeta. Quando l'imperatore fu avvisato dell'accaduto, promosse al pontificato l'invasore Maurizio, arcivescovo di Braga, già deposto da Papa Pasquale II. La prima domenica di Quaresima, il suddetto eletto [il cancelliere Giovanni, *scil.*] fu ordinato presbitero e consacrato Papa Gelasio II nella città di Gaeta. In quel momento il principe di Capua Roberto e il duca Guglielmo si recarono a Gaeta e prestarono giuramento di fedeltà al pontefice. In seguito Gelasio II dirigendosi a Capua insieme ai vescovi e ai cardinali scomunicò il suddetto invasore [Burdino, *scil.*] e tutti i suoi complici. Nella festività di Pasqua, indossato sul capo il diadema dell'impero romano con grande lode e gloria al Padre, si recò al monastero di San Benedetto di Capua e celebrata solennemente la messa tornò al palazzo vescovile attraverso piazze ornate con archi trionfali secondo il costume romano. [...]. Nel frattempo Roberto principe di Capua congregò un esercito presso quel monastero e si diresse verso Roma così come aveva promesso al pontefice che stava andando con lui. Dopo aver sentito la notizia che l'imperatore stava assediando la città chiamata Turricola, però, si fermò a Cassino, dove ricevuti i nunzi dell'imperatore ritornò sui suoi passi e rientrò a Capua. Intanto l'imperatore dopo aver stretto dei patti con i cittadini tornò a Roma. A quel punto, quando il suddetto papa [Gelasio II, *scil.*] apprese tutto ciò, ritornò a Roma e poi viaggiò verso Pisa, dove consacrò il

¹⁴⁷ Luglio 1120, si veda *Chronica monasterii Casinensis*: 532.

¹⁴⁸ Guglielmo duca di Puglia, si veda la nota n.° 104 in questa sezione.

¹⁴⁹ La Rocca Janula (attualmente nel comune italiano di Cassino, Lazio) è una fortificazione altomedievale all'interno della «Terra di San Benedetto» ricostruita all'inizio del XII secolo dall'abate Gerardo di Montecassino (1111-1123). Su questo tema rinvio allo studio di PISTILLI, 2006: 76.

¹⁵⁰ Per il castello di Fumone si veda la nota n.° 128 in questa sezione.

duomo, la chiesa di Santa Maria, e istituì per primo il titolo di arcivescovo per la sede pisana. Da quella città il papa si recò con i vescovi e i cardinali a Cluny, dove fu accolto con tutti gli onori dall'abate [Ponzio di Melgueil, *scil.*] e rimasto lì per qualche tempo, dopo pochi giorni morì in monastero, dove ricevette una dignitosa sepoltura. I cardinali, allora, vedendosi privati del consiglio del loro pastore e affinché la Chiesa Romana non patisse ancora a lungo i morsi degli scismatici, scelsero come papa l'arcivescovo di Vienne, generato da stirpe regale ed erudito delle cose laiche ed ecclesiastiche, con il nome di Callisto [...].

68. In quel tempo il suddetto Papa Callisto II lasciata l'Urbe venne al monastero di Montecassino e il nostro abate lo accolse con grandi onorificenze. Quel giorno Callisto II celebrò solennemente la messa e si fermò in quella terra pressappoco due mesi. L'abate dava tutti gli onori al papa e si assicurava con zelo di provvedere a tutte le sue necessità. Da Benevento il papa si diresse in Puglia per ottenere il giuramento di fedeltà da parte del duca Guglielmo, seguendo il costume e la tradizione dei suoi predecessori, e dopodiché fece ritorno a Roma. Da lì congregato un esercito assediò l'eresiarca Maurizio nella città di Sutri. [...].

86. Infine, Papa Onorio II tirò fuori l'eresiarca Maurizio dalla Rocca Ianula, dove lo aveva imprigionato Papa Callisto II, e lo rinchiuse nel castello di Fumone¹⁵¹.

Tradução portuguesa:

64. [...]. E da mesma forma o já mencionado Papa Pascoal II depois de voltar a Roma desde Benevento, morreu no dia 21 de fevereiro. João o chanceler, que em jovem tinha sido monge no mosteiro de Montecassino, foi eleito papa pelo clero, pelo senado e pelo povo de Roma. Quando esta notícia chegou aos ouvidos do imperador, ele viajou rapidamente para Roma e pensou enviar mensageiros ao novo eleito. O objetivo do envio dos legados era de fazer respeitar e observar pelo novo eleito, para que tivesse o mesmo comportamento de Pascoal II, os acordos que tinham sido estabelecidos entre o Império romano e a Sé Apostólica. Desta maneira, o imperador teria manifestado imediatamente a sua fidelidade ao novo papa; caso contrário teria entronizado outro pontífice. Ao observar que as suas razões não podiam minimamente concordar com as do imperador, o Papa Gelásio embarcou e desde o rio Tibre tomou a via do mar e com os bispos, os cardeais e os outros clérigos da Igreja Romana, o prefeito da *Urbs* e muitos outros nobres chegou a Gaeta. Quando o imperador foi avisado, imediatamente elegeu papa o invasor Maurício, arcebispo de Braga, já antes deposto pelo Papa Pascoal II. No primeiro domingo da Quaresma o citado eleito [o chanceler João, *scil.*] foi ordenado presbítero e consagrado Papa Gelásio II na cidade de Gaeta. Naquele momento o príncipe de Cápua, Roberto, e o duque Guilherme chegaram a Gaeta e prestaram juramento de fidelidade ao pontífice. Em seguida, Gelásio II, a caminho de Cápua, juntamente com os bispos e os cardeais, excomungou o referido invasor [Burdino, *scil.*] e todos os seus cúmplices. Na festividade da Páscoa, colocada na cabeça a tiara do Império romano com grande louvor e glória ao Pai, Gelásio dirigiu-se ao mosteiro de São Bento de Cápua e celebrada

¹⁵¹ Per le traduzioni italiano e portoghese di Pietro Diacono ci siamo basati sull'opera di GIGANTE, 2016: 641-647, che riproponiamo in questa sede con alcune modifiche. Il passaggio si riferisce a Papa Onorio II (1124-1130), il quale avrebbe spostato il luogo di prigionia dalla Rocca Janula presso il monastero di Montecassino, nei pressi di una località più vicina alla città di Roma (si veda l'Introduzione). Secondo la fonte, questa decisione sarebbe stata presa dopo l'invasione delle terre del monastero da parte di Riccardo di Caleno (o Carinola, si veda nota n.º 106 in questa sezione). *Chronica monasterii Casinensis*: 547; VONES-LIEBENSTEIN, 2018: 145-146.

com solenidade a missa voltou ao paço episcopal através de praças decoradas com arcos triunfais segundo o costume romano. [...]. Entretanto, o príncipe de Cápua, Roberto, congregou um grande exército perto daquele mosteiro e dirigiu-se a Roma tal como tinha prometido ao pontífice que o acompanhava. Depois de ter ouvido a notícia de que o imperador estava empenhado no cerco da cidade chamada Turricola, Gelásio II parou em Cassino e após ter recebido os mensageiros do imperador regressou a Cápua. Entretanto, o imperador, depois de ter assinado um acordo com os cidadãos voltou a Roma. Naquele momento, quando soube de todos estes acontecimentos, o papa voltou a Roma e depois viajou para Pisa, onde consagrou a catedral, a igreja de Santa Maria, e atribuiu pela primeira vez a dignidade arquiiepiscopal à Sé pisana. Desde aquela cidade o papa com os bispos e com os cardeais chegou a Cluny onde foi recebido com todas as honras pelo abade [Pôncio de Melgueil, *scil.*], tendo ficado por lá certo tempo. Morreu depois de alguns dias no mosteiro, onde recebeu uma digna sepultura. Os cardeais, então, privados do conselho do próprio pastor e para que a Igreja Romana não continuasse a sofrer as mordeduras dos cismáticos, escolheram para papa o arcebispo de Vienne, herdeiro de uma estirpe real e culto das coisas laicas e eclesiásticas, com o nome de Calisto II [...].

68. Naquele momento o referido Papa Calisto II, deixada a *Urbs*, chegou ao mosteiro de Montecassino onde o citado abade o recebeu solenemente. Naquele dia o papa celebrou a missa e demorou-se naquela terra aproximadamente dois meses. O abade concedia todas as honras ao papa e preocupava-se em assegurar-lhe tudo o que ele precisava. Desde Benevento o papa dirigiu-se à Apúlia para obter o juramento de fidelidade por parte do duque Guilherme, segundo o costume e a tradição dos seus predecessores, e depois regressou a Roma. Daqui, tendo reunido um exército, cercou a cidade de Sutri onde se encontrava o heresiarca Maurício. [...].

86. Finalmente, o Papa Hónorio II tirou o heresiarca Maurício da Rocca Janula, onde tinha sido colocado sob prisão pelo Papa Calisto II, e fechou-o no castelo de Fumone.

2) *Annales Casinenses*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, *Scriptores*, XIX). Hannover: *Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani*, 1866, p. 308.

Nota biografica: Opera anonima.

Opera: L'opera proveniente da Montecassino risale al XIII secolo e narra con particolare attenzione le vicende dell'Italia meridionale dal 999-1000¹⁵² fino al 1212.

Edizioni/Traduzioni principali: CARACCILOLO, Antonio (1626) — *Antiqui chronologi quatuor Herempertus Langobardus Lupus Protospata Anonymus Cassinensis Falco Beneventanus cum appendicibus historicis*. Napoli: Typis Scorigianis, p. 128-176. *Castigationes in Chronicon Anonymim monachi Cassinensis*. Ed. Camillo Pellegrini (*Historia principum Langobardorum*). Napoli: Ex typographia Francisci Savij impressoris Curie Archiepiscopalis, 1643, p. 98-144; CARUSIO, Giovanni Battista (1723) — *Bibliotheca historica regni Siciliae*. Vol. I. Palermo: Typis Francisci Cichè

¹⁵² La discrepanza dell'anno è dovuta alle due edizioni degli MGH. Nella prima (PERTZ, 1866), *Annales Casinenses*: 305 («Otto imperator puer Beneventum venit»), la visita dell'imperatore Ottone III a Benevento è datata nell'anno 1000, mentre nella seconda edizione (SMIDT, 1934), *Annales Casinenses ex annalibus antiquis excerpti*: 1421 («Otto imperator puer Beneventum venit»), l'editore colloca l'evento nell'anno 999. Ho scelto l'edizione del Pertz per la vicenda di «Burdino» in quanto l'edizione MGH del 1934 (si veda p. 1429) si ferma all'anno 1098.

Impress. SS. Cruciatæ, p. 505-522. *Annales Casinenses*. Ed. Ludovico Antonio Muratori (*Rerum Italicarum Scriptores*, V). Milano: Ex Typographia Societatis Palatinae in Regia Curia, 1723, cols. 55-78. GATTOLA, Erasmo (1734) — *Accessiones ad Historiam Abbatiae Casinensis*. Vol. I. Venezia: Apud Sebastianum Coleti, p. 827-838. DEL RE, Giuseppe (1845) — *Cronisti e scrittori sincroni della dominazione normanna nel Regno di Puglia e Sicilia*. Vol. I. Napoli: Stamperia dell'Iride, p. 461-480. *Annales Casinenses*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, *Scriptores*, XIX). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1866, p. 305-320. *Annales Casinenses ex annalibus Montis Casini et continuatis antiquis excerpti* Ed. Wilhelm Smidt (MGH, *Scriptores*, XXX/2). Leipzig: Hiersmann, 1934, p. 1407-1429.

Bibliografia essenziale: Per una presentazione e la bibliografia sull'opera si veda DELLE DONNE, Fulvio (2006) — *La presa di Arce e della Rocca d'Arce secondo le cronache coeve*. In DELLE DONNE, Fulvio, coord. — *Ianua regni. Il ruolo di Arce e del Castello di Rocca d'Arce nella conquista di Enrico VI di Svevia*, Arce: Nuovi Segnali, p. 16-17 e la nota n.° 9. Si vedano inoltre VIRCILLO FRANKLIN, Carmela (1987) — *Eine unbekannte Fassung der Annales Casinenses*, «Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters», vol. 43, p. 81-109 e CAPO, Lidia (2002) — *La cronachistica italiana dell'età di Federico II*. «Rivista storica italiana», vol. 114/2, p. 380-430.

1118. Obiit Paschalis papa, Iohannes cancellarius eligitur in papam Gelasium. Tunc et rex¹⁵³ Romam occurens, Burdinum invasorem summittit.

1121. Calixtus papa Burdinum apud Sutrum captum, apud Cavas custodiae mancipavit.

1122. Idem papa eumdem Burdinum de Cava extractum in Ianula¹⁵⁴ custodiendum tradidit.

1125. Ricchardus de Caleno¹⁵⁵ terram sancti Benedicti¹⁵⁶ hostiliter ingressus, castella eius incendit, predictum papam¹⁵⁷ Burdinum de Ianula tractum in Fumonem religavit¹⁵⁸.

Traduzione italiana:

1118. Papa Pasquale II morì e il cancelliere Giovanni fu eletto papa con il nome di Gelasio. In quel tempo il re, dirigendosi verso Roma, lo sostituì con l'invasore Burdino.

1121. Papa Callisto II catturò Burdino a Sutri e lo pose in custodia nel monastero di Cava.

1122. Lo stesso Papa Callisto tirò fuori Burdino dal monastero di Cava e lo trasferì, affinché vi fosse custodito, nella Rocca Janula.

¹⁵³ L'imperatore Enrico V.

¹⁵⁴ Si veda la nota n.° 149 in questa sezione.

¹⁵⁵ Si tratta di Riccardo III di Carinola duca di Gaeta fino al 1135. Riccardo era figlio di Bartolomeo di Carinola ed era un membro della famiglia dei principi normanni di Capua nell'Italia meridionale. Si veda PESIRI, 2016: 181 (nota n.° 17).

¹⁵⁶ Con l'espressione *Terra Sancti Benedicti* (Terra di San Benedetto) si fa riferimento al patrimonio fondiario del monastero di Montecassino costruito a partire dall'VIII secolo. Si veda PISTILLI, 2006: 13-70.

¹⁵⁷ Il testo fa riferimento a papa Onorio II (1124-1130) «1124. [...] Obiit Calixtus papa, et Lambertus Hostiensis episcopus eligitur in papam Honorium», *Annales Casinenses*: 308.

¹⁵⁸ Si veda la nota n.° 128 in questa sezione.

1125. Riccardo di Carinola entrato con ostilità nella terra di San Benedetto, ne incendiò il castello; allora il suddetto papa [Onorio II, *scil.*] tirò fuori dalla Rocca Janula il papa Burdino e lo rinchiusse nella località di Fumone.

Tradução portuguesa:

1118. O Papa Pascoal II morreu e o chanceler João foi eleito papa com o nome de Gelásio. Naquele tempo o rei, dirigindo-se para Roma, substituiu-o pelo invasor Burdino.

1121. O Papa Calisto II capturou Burdino em Sutri e colocou-o sob custódia no mosteiro de Cava.

1122. O mesmo Papa Calisto retirou Burdino do mosteiro de Cava e transferiu-o para Rocca Janula, para que aí ficasse encerrado.

1125 Ricardo de Carinola entrou violentamente na Terra de São Bento e queimou o seu castelo; então, o referido papa [Hónorio II, *scil.*] retirou o Papa Burdino de Rocca Janula e encarcerou-o na localidade de Fumone.

Regno Normanno di Sicilia

1) *Annales Beneventani*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, Scriptores, III). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1839, p. 184.

Nota biografica: Lopera è anonima.

Opera: Scritti nel primo trentennio del XII secolo, gli *Annales Beneventani* (conosciuti anche come *Breve chronicon monasterii Sanctae Sophiae Beneventi* o *Chronicon Beneventanum*) sono una serie di annali latini provenienti da Benevento e dal monastero cittadino di Santa Sofia fondato nella seconda metà dell'VIII secolo come dimostrerebbe il fatto che le tre redazioni in cui l'opera ci è pervenuta erano annotazioni a margine di tavole pasquali, una pratica risalente all'alto medioevo.

Edizioni/Traduzioni principali: *Annales Beneventani*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, Scriptores, III). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1839, p. 173-185. BERTOLINI, Ottorino (1923) — *Annales Beneventani*. «Buletino dell'Istituto storico italiano per il Medio Evo e Archivio Muratoriano», vol. 42, p. 1-163. *Chronicon Sanctae Sophiae (cod. Vat. Lat. 4939)*. Ed. Jean-Marie Martin, studio sull'apparato decorativo di Giulia Orofino, Roma: ISIME, 2000. 2 vols.

Bibliografia essenziale: CAPO, Lidia (2003) — *Le tradizioni narrative a Spoleto e a Benevento*. In *I Longobardi dei ducati di Spoleto e Benevento*. Spoleto: CISAM, p. 252-262. MARTIN, Jean-Marie (2006) — *Les institutions politico-administratives liées à la conquête. Le duche*. In LICINIO, Raffaele; VIOLANTE, Francesco, coord. — *I caratteri originari della conquista normanna: diversità e identità nel Mezzogiorno (1030-1130)*. Bari: Dedalo, p. 303-331. MASSA, Paola (2014) — *Vivere «secundum Langobardorum legem» ad Ariano Irpino tra X e XII secolo*. «Scrineum Rivista», vol. 11, p. 1-124. KUJAWINSKI, Jakub (2010) — *Annales Beneventani*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopædia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_00117>. [Consultazione realizzata on-line il 15/02/2018].

1117. Anno 19. Domni secundi Pascalis papae, mense Februario Pascalis papa moritur die 3. Domnus Iohannes cardinalis diaconus et cancellarius in papam Gelasium eligitur, et sequenti mense Martio Caiete consecratur. Interim 5. Die ante consecrationem rex Henricus subito cum paucis Romam venit, legatos suos statim Caiete ad papam mittit, pacem ecclesie promittens; et quia ad suum velle non est responsum, statim consilio fautorum eius Burdinum superimposuit, neminem cardinalium vel Romanorum clericorum secum habens.

Traduzione italiana:

1117. Anno diciannovesimo del pontificato di Papa Pasquale II. Il terzo giorno del mese di febbraio il papa morì. Il cardinale Giovanni, diacono e cancelliere, fu eletto come Papa Gelasio e il successivo mese di marzo fu consacrato a Gaeta. Nel frattempo cinque giorni prima della consacrazione, il re Enrico venne con pochi uomini a Roma e inviò i suoi legati a Gaeta presso il papa con la promessa di fare pace con la Chiesa, ma dato che al suo volere non fu risposto, subito dopo e con il consiglio dei suoi fautori impose come papa Burdino, senza che avesse il consenso né dei cardinali né dei chierici romani.

Tradução portuguesa:

1117. Ano décimo nono do pontificado de Pascoal II. No terceiro dia do mês de fevereiro o papa morreu. O senhor cardeal João, diácono e chanceler, foi eleito como Papa Gelásio II e no mês seguinte de março foi consagrado em Gaeta. Entretanto, cinco dias antes da consagração, o rei Henrique chegou a Roma com poucos homens e enviou os seus legados ao papa em Gaeta com a promessa de fazer a paz com a Igreja; mas visto que a sua vontade não teve resposta, imediatamente depois e com o conselho dos seus partidários impôs como papa Burdino, sem que tivesse o consenso dos cardeais e dos clérigos romanos.

2) *Falcone di Benevento. Chronicon Beneventanum. Città e feudi nell'Italia dei Normanni.* Ed. Edoardo D'Angelo. Firenze: SISMEL, 1998, p. 35-37.

Nota biografica: Nato probabilmente alla fine dell'XI secolo, Falcone di Benevento può essere considerato insieme al genovese Antonio Caffaro il più antico cronista cittadino laico dell'Italia medievale. Falcone operò come notaio e scriba del Sacro Palazzo in una città molto particolare, Benevento, una *enclave* papale dall'ultimo quarto dell'XI secolo all'interno dei principati normanni dell'Italia meridionale e successivamente del regno normanno di Sicilia. Come hanno segnalato E. Cuozzo e E. D'Angelo, Falcone fu testimone contemporaneo di molti eventi decisivi per la storia della città nella prima metà del XII secolo dai conflitti con il papato per la nomina dei rettori cittadini, a quelli tra il vescovo Landolfo II e il connestabile Landolfo della Greca; dal terremoto del 1125, fino alla scoperta e alla promozione di importanti reliquie presso la cattedrale cittadina. Nonostante Benevento fosse una città favorevole ad Anacleto II, nell'ambito dello scisma del 1130, Falcone, fortemente ostile ai normanni, che considerava una minaccia per l'autonomia di Benevento, si schierò con i sostenitori di Innocenzo II e nel 1133 fu nominato giudice della città. I fautori innocenziani furono sconfitti dal re di Sicilia Ruggero II sostenitore di Anacleto II e Falcone dovette scappare in esilio a Napoli dove rimase fino al 1137. Dopo la morte di Anacleto II, Falcone fece ritorno a Benevento e si pensa che sia vissuto fino almeno al 1154 anno della morte di Ruggero II di Sicilia.

Opera: Il *Chronicon Beneventanum* è una cronaca cittadina sotto forma di annali che narra gli accadimenti che interessarono la città di Benevento nella prima metà del XII secolo. Della cronaca abbiamo perduto la parte iniziale e il racconto di Falcone inizia soltanto nel 1102 per poi interrompersi nel 1140. Secondo lo storico inglese G. A. Loud, la cronaca va letta e osservata in un contesto molto più ampio rispetto a quello della sola Benevento, in quanto nell'opera assumono un ruolo decisivo sia la storia del papato che l'ascesa di Ruggero II re di Sicilia, due elementi che allargano notevolmente gli orizzonti storici, politici e culturali dell'opera di Falcone.

Edizioni/Traduzioni principali: CARACCILO, Antonio (1626) — *Antiqui chronologi quatuor Herempertus Langobardus Lupus Protospata Anonymus Cassinensis Falco Beneventanus cum appendicibus historicis*. Napoli: Typis Scorigianis, p. 179-343. DEL RE, Giuseppe (1845) — *Cronisti e scrittori sincroni della dominazione normanna nel Regno di Puglia e Sicilia*. Vol. I. Napoli: Stamperia dell'Iride, p. 157-276. *Falcone di Benevento Chronicon Beneventanum. Città e feudi nell'Italia dei Normanni*. Ed. Edoardo D'Angelo. Firenze: SISMEL, 1998. *Falcone Beneventano. Chronicon*. Ed. Raffaele Matarazzo. Napoli: Arte Tipografica, 2000.

Bibliografia essenziale: LOUD, Graham A. (1993) — *The Genesis and the Context of the Chronicle of Falco of Benevento*. «Anglo-Norman Studies», vol. XV, p. 177-198. D'ANGELO, Edoardo (1994) — *Giuseppe del Re's "Critical" Edition of Falco of Benevento's Chronicle*. «Anglo-Norman Studies», vol. XVI, p. 75-81. DELLE DONNE, Fulvio (1999) — *Coscienza urbana e storiografia cittadina. A proposito di una nuova edizione del "Chronicon" di Falcone di Benevento*. «Studi Storici», vol. 40/4, p. 1127-1141. Per la nota biografica su Falcone di Benevento mi sono basato sulla dettagliata voce enciclopedica a cura di CUOZZO, Enrico; D'ANGELO, Edoardo (1994) — *Falcone da Benevento*. In *Dizionario biografico degli italiani*. Disponibile in <[http://www.treccani.it/enciclopedia/falcone-da-benevento_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/falcone-da-benevento_(Dizionario-Biografico)/)>. [Consultazione realizzata on-line il 23/11/2017].

[1118.1.1] Anno millesimo centesimo octavo decimo ab Incarnatione Domini nostri Iesu Christi, et primo anno pontificatus domini Gelasii secundi summi pontificis et universalis papae, mense Martio, undecimae indictionis. [1118.1.2] Factum est autem, cum prefatus pontifex Gelasius ad pontificale solium fere totius populi Romani unanimi voto et concordia eligeretur, archiepiscopis, episcopis et abbatibus circa Romanam Sedem morantibus, Apuliae quoque partibus delegavit, ut ad eius consecrationis diem convenirent. [1118.1.3] Erat quippe, ut retulimus, cum electus fuit, diaconus et cancellarius; qui vero non nisi in canonico ieiunii tempore constituto consecrari poterat [...]. [1118.1.5]. Sed priusquam memoratus electus Gelasius consecrationis acciperet dignitatem, rex prefatus Henricus, instructis insidiis, noctis silentio Romam ingreditur mensis Martii secunda die ingrediente [1118.1.6] Apostolicus itaque regis ipsius ingressum sic latenter deprehendens, reminiscens qualiter rex ipse dominum papam Paschalem, eius predecessorem, et cardinales fraude et dolo cepisset, nec mora, cardinalibus convocatis, fluvium Tiberis ingressus est; deinde prosperis ventis mare sulcantes pervenerunt Gaietam. [1118.1.7] Rex autem Apostolici egressum cognoscens ei apud Gaietam delegavit, quatenus Urbem reverteretur, et locum, quoniam ad eius consecrationem libentissime interesse et corroborare desideraret. [1118.1.8] Pontifex autem Gelasius nequitiam eius et perfidiae telum longe lateque cognoscens, [1118.1.9] «Miramur», inquit, «super talis tantique viri legationibus: cum ad nos venturum se die Resurrectionis nuper transmiserit, nunc vero nocturno tempore et ante conductum tempus comperimus eum adventasse! [1118.1.10] Ego vero, Deo annuente, consecrationis accipiam firmitatem; dehinc me, ubicumque voluerit, paratum ad oppositum negotium inveniet». [1118.1.11] Quo audito, qui missi fuerant, ad regem

reversi sunt festinanter; qui vero omnia, quae a predicto pontifice audierant, regi renuntiaverunt. [1118.1.12] Deinde electus ille Gelasius die constituto a cardinalibus, qui cum eo exierant, canonicè et ordinate consecratus est apud Gaietam, mense Martio superius memorato. [1118.1.13] Rex autem pontificis ipsius responsum audiens, pestifero invento consilio, archiepiscopum quendam Hispanum¹⁵⁹ in pontificem et, ut ita dicam, invasorem Ecclesiae constituit et consecravit. [1118.1.14] O nefas, et terribile periculum: rex ille, qui Romanae Sedis et totius catholicae Ecclesiae defensor et adiutor fieri deberet, novam heresem et mortis genera per universum orbem induxit! [1118.1.15] Romanorum igitur complures, quorum mens erga Ecclesiae Romanae fidelitatem fixa manebat, visa huiusmodi herese et cognita, aiebant: [1118.1.16] «Heu miseri, cum nos ex longo nostrorum patrum vetusto ritu sine alicuius regis adventu et licentia pastorem eligebamus, consecrabamus, quem volebamus, nunc autem sine regis permissu iam amplius alium neque eligere neque consecrare ausi erimus». [1118.1.17] Deinde prefectus et alii Romanorum nobiles, Gelasio canonicè ordinato, apud Gaietam legaverunt, dicentes: [1118.1.18] «Vestrae notescat paternitati, pater et domine, nos et nostros amicos consecrationi illius excommunicati viri, in pontificem scelestum constituti, nullatenus consilii et auxilii manus dedisse. [1118.1.19] Et sciatis quoniam, Deo opitulante, regis illius, viri iniquissimi, machinationes et consilia in proximo debentur et Vos, Deo propitio, erroris et malignitatis destructor, ad sedem propriam et locum cum letitia et honore revertimini». [1121.3.1] Eodem anno, supradictus pontifex Calixtus, exercitu congregato, super civitatem nomine Sutrim tetendit: Gregorius autem ille, quem predictus rex in pontificem statuerat, civitatem ipsam obtinebat. [1121.3.2] Quid longius morer? Viribus sumptis, civitatem illam comprehenderunt et Gregorium illum turpissime, ultra quam credi potest, iniuriis afflictum ligaverunt; deinde illum super camelo imponentes Romam taliter captivum et vestibis propriis exitum perduxere, nono kalendas Maias. [1121.3.3] Pontifex igitur Calixtus Deo et Petro apostolo gratias agens, gaudio magno repletus Urbem triumphans ingressus est; deinde, consilio invento, ad monasterium Sanctae Trinitatis, quod Cava dicitur, illum delegavit.

Traduzione italiana¹⁶⁰:

[1118.1.1] Nell'anno millesimo centesimo ottavo dall'Incarnazione di Gesù Cristo e nel primo anno del pontificato di Gelasio II sommo pontefice e papa universale, il mese di marzo, anno undicesimo dell'Indizione. [1118.1.2] Accadde che essendo stato eletto al soglio pontificale con il voto e la concordia di quasi tutto il popolo romano, Papa Gelasio II ordinò agli arcivescovi, ai vescovi, agli abati dei dintorni di Roma e anche a quelli di Puglia di venire a Roma nel giorno della sua consacrazione. [1118.1.3] Al momento della sua elezione, come abbiamo ricordato, era diacono e cancelliere e non si poteva consacrare se non nel tempo canonico del digiuno [...]. [1118.1.5] Tuttavia, prima che Gelasio potesse essere consacrato, il già menzionato re Enrico, preparata una trappola, entrò di notte in silenzio a Roma il secondo giorno del mese di marzo. [1118.1.6] E così l'Apostolico, venuto a sapere dell'ingresso del re in città e memore del fatto che aveva catturato con l'inganno Papa Pasquale, il suo predecessore, e i cardinali, senza indugi convocò i cardinali, s'imbarcarono sul Tevere e con il favore dei venti navigarono fino a Gaeta. [1118.1.7] Quando il re seppe della fuga del pontefice, inviò una delegazione a Gaeta affinché l'Apostolico tornasse a

¹⁵⁹ Maurizio «Burdino».

¹⁶⁰ Per la versione in italiano e in portoghese, riproponiamo in questa sede (soltanto con alcune minime modifiche) la traduzione dell'opera di Falcone Beneventano di E. D'Angelo. Sfortunatamente non sono riuscito a consultare l'opera di R. Matarazzo, che ho comunque citato nella bibliografia essenziale di riferimento in quanto si tratta della traduzione più recente. Mi scuso con lo studioso e i lettori per questa mancanza.

Roma perché lui, Enrico, voleva partecipare e rafforzare la consacrazione di Gelasio [1118.1.8]. Il papa, però, conoscendo bene le sue perfide armi [1118.1.9] gli disse: «*Siamo sorpresi di tale e tanta legazione da parte di un uomo che sarebbe dovuto arrivare il giorno prima di Pasqua e invece si è presentato di notte e prima del tempo convenuto!*» [1118.1.10] *Io, con l'aiuto di Dio, riceverò la consacrazione: da quel momento e dove vorrà mi troverà per risolvere i problemi che mi metterà di fronte*». [1118.1.11] Ascoltato ciò i legati ritornarono in tutta fretta dall'imperatore Enrico V al quale riportarono tutto quello che aveva annunciato loro il pontefice. [1118.1.12] Successivamente l'eleto Gelasio fu consacrato e canonicamente ordinato a Gaeta nel mese di marzo dai cardinali che con lui fuggirono da Roma. [1118.1.13] Il re ascoltato il responso del pontefice fece una scelta terribile: prese un arcivescovo dell'*Hispania* e come si dice istituì e consacrò l'invasore della Chiesa: [1118.1.14] «*O che cosa nefasta e terribile pericolo: il re, colui che dovrebbe farsi difensore e sostenitore della Sede Romana e della Chiesa Cattolica diffuse una nuova eresia di morte per tutto il mondo*». [1118.1.15] Allora molti dei Romani, la mente dei quali rimaneva saldamente fedele alla Chiesa romana, vista e presa coscienza della nuova eresia dicevano: [1118.1.16] «*Oh miseri noi che nel passato sceglievamo il pastore secondo l'antico rito dei nostri padri senza alcun intervento regio, consacravamo chi volevamo e ora senza il permesso del re non ci azzarderemo né a eleggerne un altro né a consacrarlo*». [1118.1.17] Successivamente il prefetto e altri nobili romani, fecero sapere al canonicamente ordinato Gelasio che si trovava a Gaeta: [1118.1.18] «*Sappia la vostra Paternità, padre e signore, noi e i nostri amici non demmo alcun sostegno, alcun aiuto per la consacrazione di quell'uomo scomunicato eletto a scellerato pontefice*» [1118.1.19] *E sappiate che, con il soccorso di Dio, annienteremo le macchinazioni e i piani del re, uomo ingiustissimo, e Voi, con l'aiuto di Dio, distruttore della malvagità e dell'errore, ritornerete con letizia al vostro posto nella vostra sede*. [...] [1121.3.1] Quell'anno il suddetto pontefice [Callisto II, *scil.*], radunato l'esercito, si diresse verso la città di Sutri, controllata da Gregorio, l'uomo che il già menzionato re Enrico aveva elevato al pontificato. [1121.3.2] Perché dilungarsi ancora? Con grande sforzo presero quella città e inflissero a Gregorio delle ingiurie terribili, più di quanto sia possibile credere, dopodiché lo misero su di un cammello e privato dei vestiti lo portarono a Roma il 22 aprile. [1121.3.3] Allora il papa agendo nella Grazia di Dio e dell'Apostolo Pietro, entrò pieno di gioia trionfante a Roma; successivamente risolta la questione, relegò Maurizio nel monastero della Santissima Trinità, conosciuto anche come Cava.

Tradução portuguesa:

[1118.1.1] No ano milésimo, centésimo oitavo da Incarnação de Jesus Cristo, e no primeiro ano de pontificado do senhor Gelásio II, sumo pontífice e papa universal, no mês de março, ano décimo primeiro da Indicção. [1118.1.2] Aconteceu que tendo sido eleito para o trono pontifical com o voto e a concórdia de quase todo o povo romano, o papa Gelásio II ordenou aos arcebispos, aos bispos, aos abades das terras próximas de Roma e também aos da Apúlia de virem a Roma no dia da sua consagração. [1118.1.3] No momento da sua eleição, como referimos antes, ele era diácono e chanceler e não se podia consagrar se não no tempo canónico do jejum [...]. [1118.1.5] Contudo, antes que Gelásio pudesse ser consagrado, o já mencionado rei Henrique preparara uma armadilha; entrou de noite em Roma, em silêncio, no segundo dia do mês de março. [1118.1.6] Assim o Apostólico [Gelásio II, *scil.*], que ouviu a notícia da chegada do imperador e ciente do facto de que o mesmo Henrique tinha capturado fraudulentamente o senhor Papa Pascoal, seu predecessor, e os cardeais, sem delongas convocou os cardeais que embarcaram no rio Tibre e com o favor dos ventos navegaram até Gaeta. [1118.1.7] Quando o rei soube da fuga do pontífice enviou uma legação a Gaeta para que o Apostólico voltasse a Roma, porque ele, Henrique, queria

participar e legitimar a consagração de Gelásio. [1118.1.8]. O papa, porém, conhecia as suas mesquinhas armas [1118.1.9] e disse: «*Estamos surpreendidos com esta grande delegação vinda de um homem que devia ter chegado no dia anterior à Páscoa e, em vez disso, se apresentou de noite e antes do tempo concordado!*» [1118.1.10] *Eu, com a ajuda de Deus, vou receber a consagração. A partir deste momento ele poderá encontrar-me para resolver os problemas que me quiser colocar.* [1118.1.11] Ouvido isto tudo, os legados voltaram rapidamente para junto do imperador Henrique V, a quem relataram tudo o que o pontífice lhes tinha anunciado [1118.1.12] Mais tarde, o eleito Gelásio foi consagrado e canonicamente ordenado em Gaeta. no mês de março, pelos cardeais que com ele tinham fugido de Roma. [1118.1.13] O rei, ouvindo a resposta do pontífice fez uma escolha terrível: tomou um arcebispo da Hispânia e, como se diz, instituiu e consagrou o invasor da Igreja: [1118.1.14] «*Que coisa mais nefasta e perigo terrível; o rei, que deveria fazer-se defensor e apoiar a Sede Romana e a Igreja Católica, difundiu uma nova heresia de morte em todo o mundo.*» [1118.1.15] Então, muitos dos romanos, cuja mente permanecia grandemente fiel à Igreja Romana, vista e tomada consciência da nova heresia, diziam: [1118.1.16] «*Oh! Coitados de nós que no passado escolhíamos o nosso pastor segundo o antigo rito dos nossos Padres, sem qualquer intervenção do rei, e consagrávamos quem queríamos, mas que agora, sem a autorização do rei, não nos atrevemos a escolher nem a consagrar nenhum.*» [1118.1.17] Depois, o prefeito e outros nobres romanos fizeram saber a Gelásio, canonicamente ordenado, que se encontrava em Gaeta: [1118.1.18] «*Saiba vossa Paternidade, pai e senhor, que nós e os nossos amigos não demos nenhum apoio nem nenhuma ajuda para a consagração daquele homem excomungado e eleito como infame pontífice*» [1118.1.19]. *E saiba ainda que, com o socorro de Deus, aniquilaremos todas as maquinações e os planos do rei, homem muito injusto, e Vós, com a ajuda de Deus, destruidor da maldade e do erro, voltareis com júbilo ao vosso lugar na vossa Sede.* [...] [1121.3.1] Naquele ano, o referido pontífice [Calisto II, *scil.*], tendo reunido um grande exército, dirigiu-se à cidade de Sutri, controlada por Gregório [Maurício «Burdino», *scil.*], o já mencionado homem que Henrique tinha elevado ao pontificado. [1121.3.2] Para quê contar mais? Com grande esforço tomaram aquela cidade e infligiram a Gregório terríveis injúrias, mais do que é possível acreditar; depois colocaram-no sobre um camelo e, privado da roupa, foi levado para Roma no dia 22 de abril. [1121.3.3] Então o papa, agindo com a Graça de Deus e do Apóstolo Pedro, entrou cheio de alegria e triunfante em Roma. Após isto, resolvida a questão, encerrou Maurício no mosteiro da Santíssima Trindade, conhecido como Cava.

3) Romoaldi II archiepiscopi Salernitani Annales. Ed. Wilhelm Arndt (MGH, Scriptores, XIX). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1866, p. 416-417.

Nota biográfica: Romualdo Guarna (primo quarto del XII secolo-1181) fu arcivescovo di Salerno dal 1153 fino alla sua morte. Studiò presso la famosa scuola medica salernitana e fu uomo di fiducia e legato dei re di Sicilia Guglielmo I (†1166) e Guglielmo II d'Altavilla (†1189). Romualdo svolse un ruolo politico di primo piano nel regno di Sicilia sia nei rapporti con l'impero che con il papato romano. Basti pensare alla presenza dell'arcivescovo di Salerno al trattato di pace di Benevento del 1156 siglato tra Guglielmo I d'Altavilla e papa Adriano IV o all'incarico di legato per conto di Guglielmo II alla tregua di Venezia nel 1177 tra Federico I «Barbarossa», i Comuni della Lega Lombarda e Papa Alessandro III dopo la battaglia di Legnano del 1176.

Opera: L'opera di Romualdo Salernitano si costituisce come una storia universale dalla nascita di Cristo fino all'anno 1178 con particolare attenzione alla storia del regno normanno di Sicilia e i suoi rapporti sia con il Papato che con l'Impero.

Edizioni/Traduzioni principali: *Chronicon Romualdi II Archiepiscopi Salernitani*, Ed. Ludovico Antonio Muratori (*Rerum Italicarum Scriptores*, VII). Milano: Ex Typographia Societatis Palatinae in Regia Curia, 1725, cols. 7-244. DEL RE, Giuseppe (1845) — *Cronisti e scrittori sincroni della dominazione normanna nel Regno di Puglia e Sicilia*. Vol. I. Napoli: Stamperia dell'Iride, p. 5-71. *Romualdi II archiepiscopi Salernitani Annales*. Ed. Wilhelm Arndt (MGH, *Scriptores*, XIX). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1866, p. 398-461. *Romualdi Salernitani Chronicon: a. m. 130-a. c. 1178*. Ed. Carlo Alberto Garufi (*Rerum Italicarum scriptores*, II Serie, VII/1). Città di Castello: Coi tipi della casa editrice S. Lapi, 1914-1935. BONETTI, Cinzia (2001) — *Romualdo II Guarna, Chronicon*. Cava dei Tirreni: Avagliano.

Bibliografia essenziale: MATTHEW, Donald J. A. (1981) — *The Chronicle of Romualdus of Salerno*. In DAVIS, Ralph Henry Carless; WALLACE-HADRILL, John Michael, coord. — *The Writing of History in the Middle Ages. Essays presented to Richard William Southern*. Oxford: Clarendon Press, p. 239-274. ZIMPEL, Detlev (1999) — *Die Weltchronik Bischof Romualds von Salerno. Überlegungen zur Verfasserschaft und zum Anlass der Abfassung*. In BUCK, Thomas Martin, coord. — *Quellen, Kritik, Interpretation. Festgabe zum 60. Geburtstag von Hubert Mordek*. Frankfurt: Peter Lang, p. 183-193. ZABBIA, Marino (2001) — *Un cronista medievale e le sue fonti. La storia del papato nel "Chronicon" di Romualdo Salernitano*. «Filologia mediolatina», vol. 9, p. 229-250. ZABBIA, Marino (2004) — *Romualdo Guarna, arcivescovo di Salerno, e la sua "Cronaca"*. In DELOGU, Paolo; PEDUTO, Paolo, coord. — *Salerno nel XII secolo. Istituzioni, Società, Cultura*. Salerno: Centro Studi salernitani "Raffaele Guariglia", p. 380-398. Oltre ai lavori sopraccitati si vedano anche le voci biografiche *Romualdus Salernitanus. Chronicon*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_04114.html>. [Consultazione realizzata on-line il 28/11/2017]. OLDONI, Massimo (2003) — *Guarna, Romualdo*. In *Dizionario Biografico Italiano*. Disponibile in <[http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_02216](http://www.treccani.it/enciclopedia/romualdo-guarna_(Dizionario-Biografico)/>. [Consultazione realizzata on-line il 15/05/2019]. SINISI, Lucia (2010) — <i>Romuald of Salerno</i>. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — <i>Encyclopedia of the Medieval Chronicle</i>. Disponibile in <. [Consultazione realizzata on-line 28/11/2017].

Anno ab incarnatione Domini 1118. Indictione 11. Tercio Idus Decembris, feria quarta, luna in signo geminorum passa et eclipsin a quinta hora noctis usque in nonam horam noctis eiusdem. Eodem mense Decembris post solis occasum usque in terciam horam noctis celum rubeum quasi ignis apparuit a septentrionali parte usque as arcton, sequenti vero mense Ianuarii Pascalis papa Rome defunctus est. Et Iohannes natione Gaietanus qui Romane ecclesie diaconus et cancellarius fuerat, statim a clero et populo Romano in Romani pontificatus honorem electus et Gelasius est papa nuncupatus. Qui prius quam ordinaretur, propter Henrici Alamannorum imperatoris adventum, qui tunc Romam festinus advenerat, ipse Gelasius in civitate Gaieta secessit, ibique a cardinalibus qui eum secuti sunt ordinatus est et consecratus; spreverat enim predicti imperatoris assensum eiusque communionem. Imperator autem hoc videns, convocato populo Romano cum quibusdam clericis, iussit eligi in ordine summi pontificis quendam Burdinum nomine cui nomen impositum est Gregorius papa seditque in ecclesia beati Petri. Hic autem Burdinus prius in Toletana ecclesia

Ispanie archidiaconus fuit, de qua postea assumptus fuit episcopus in civitate Conimbro, et imposuit sibi nomen Mauricius; dehinc mortuo Bracarensi archiepiscopo, effectus est ipse civitatis ejusdem archiepiscopus, Pascali papa in hoc assensum prebente, non parvi muneris gratia ab eo sibi collati. Hinc etiam nonnullis decursis temporibus defuncto Toletano archiepiscopo, Burdinus ipse largita prephato Romano pontifici thesauri copia peciit ab eo sibi eundem Tolettanum archiepiscopatum. Pascalis autem accepta pecunia in honore petito assensum non prebuit. Unde Burdinus ipse Bracarensem archiepiscopatum omnino dimittens, imperatori Alemannorum adhesit. Pascalis itaque, postquam ei mandavit ut in archiepiscopatum sibi commissum rediret et ipse eius iussioni acquiescere nollet, eum ab omni sacerdotali ordine deposuit. Postea vero idem papa Paschalis excommunicavit eum pro eo quod contra suam iussionem in ecclesia beati Petro missam celebravit.

Anno Domini 1119. Indictione 12. Pridie Kal. Decembris luna passa est eclipsin a media nocte usque in matutinum. Eodem anno mense Ianuarii Gelasius papa postquam per annum unum Romanam gubernavit ecclesiam, cum esset in Gallie partibus defunctus est. Tunc cardinales qui cum eo ibi fuerant, elegerunt in ordine Romani pontificis archiepiscopum Viennensem nomine Guidonem, virum utique nobilem, quem Calixtum papam nuncupaverunt. Qui romano pontificio sublimatus, post annum unum Romam venit et papalem in Lateranensi palatio cathedram sedit.

Anni incarnati verbo 1121. Indictione 14. Calixtus papa cum multitudine armatorum obsedit Gregorium papam, cognomento Burdinum, qui secesserat in civitatem Sutri; nec ab obsidione Callixtus papa desisit, donec Burdinum cepit, captumque direxit in monasterium Sancte Trinitatis de Cava. Hic autem Calixtus papatum Romanum in pace et tranquillitate possedit et urbem Romam pro sua voluntate disposuit. Sedit autem in episcopatu Romano anni 7. Rome mortuus est et honorifice sepultus.

Traduzione italiana:

Anno dall'Incarnazione del Signore 1118. Indizione undicesima. 11 dicembre, quarto giorno, luna piena nel segno dei Gemelli e eclissi dalla quinta ora della notte fino alla nona ora della stessa. Nello stesso mese di dicembre dopo il tramonto fino alla terza ora della notte, il cielo apparve rosso quasi come il fuoco dalla parte settentrionale fino al mezzogiorno. Il successivo mese di gennaio Papa Pasquale II morì. Giovanni di Gaeta che era stato diacono e cancelliere della Chiesa romana fu immediatamente eletto dal clero e dal popolo romano; gli fu concesso l'onore del pontificato romano e fu chiamato Papa Gelasio. Prima che fosse consacrato, visto l'avvento di Enrico, imperatore dei tedeschi, il quale in quel tempo stava raggiungendo velocemente Roma, lo stesso Gelasio si ritirò a Gaeta e in quel luogo fu ordinato e consacrato dai cardinali che lo avevano seguito, senza aspettare l'assenso del suddetto imperatore. Quest'ultimo prendendo atto della situazione convocò il popolo romano con i suoi chierici e ordinò di eleggere come sommo pontefice Burdino al quale fu imposto il nome di Gregorio e sedette nella chiesa di San Pietro. Burdino fu in precedenza arcidiacono della Chiesa di Toledo nell'*Hispania*. Successivamente fu promosso a vescovo della città di Coimbra e in quel caso gli fu imposto il nome di Maurizio. Più tardi, defunto l'arcivescovo di Braga, riuscì a diventare arcivescovo di quella città con l'assenso di Papa Pasquale II, al quale offrì non pochi doni per entrare nelle sue grazie. Inoltre trascorso poco tempo, morto l'arcivescovo di Toledo, Burdino accordò al pontefice romano un tesoro e chiese al papa l'arciepiscopato toledano per sé. Papa Pasquale accettò il denaro per il titolo richiesto, non diede però il suo consenso. A quel punto Burdino abbandonò la sede arcivescovile di Braga

e aderì alla causa dell'imperatore. Pasquale II ordinò a Maurizio di fare ritorno alla sede che gli era stata affidata, ma egli non volle rispettare l'ordine del pontefice che lo depose da ogni ordine sacerdotale. Successivamente Papa Pasquale II lo scomunicò per aver celebrato messa nella chiesa di San Pietro contro le sue disposizioni.

Anno del Signore 1119. Indizione dodicesima. 30 dicembre, luna piena ed eclissi da mezzanotte fino all'alba. In quello stesso mese di gennaio, Papa Gelasio II dopo aver governato la Chiesa di Roma per un anno, morì mentre si trovava in Gallia. Allora i cardinali che erano con lui elessero come pontefice romano l'arcivescovo Guido di Vienne, uomo nobile, che chiamarono Callisto. Elevato sul soglio pontificio, dopo un anno raggiunse Roma e sedette sulla Cattedra del Palazzo del Laterano.

Anno dall'Incarnazione del Verbo 1121. Indizione quattordicesima. Papa Callisto II alla testa di un folto gruppo di uomini armati assediò Papa Gregorio, di cognome Burdino, che si era rifugiato nella città di Sutri; Papa Callisto II non desistette dall'assedio fino a quando non catturò Burdino e una volta imprigionato lo inviò al monastero della Santissima Trinità di Cava de' Tirreni. Papa Callisto controllava così il Papato e poteva disporre liberamente di Roma. Fu vescovo di Roma per sette anni, morì nella stessa Urbe e fu sepolto con tutti gli onori.

Tradução portuguesa:

Ano da Incarnação do Senhor de 1118. Indicção décima primeira. 11 de dezembro, quarto dia, lua cheia no signo dos Gémeos e eclipse da quinta hora da noite até à nona hora da mesma. No mesmo mês de dezembro, depois do pôr do sol e até à terceira hora da noite o céu apareceu vermelho, quase como fogo, desde a parte setentrional até ao meio-dia. No mês seguinte de janeiro, o Papa Pascoal II morreu. João de Gaeta que tinha sido diácono e chanceler da Igreja Romana foi imediatamente eleito pelo clero e pelo povo romano. Foi-lhe concedida a honra do pontificado romano e foi chamado Papa Gelásio. Antes de ser consagrado, visto o advento de Henrique imperador dos alemães, que naquele tempo estava viajando rapidamente para Roma, o mesmo Gelásio retirou-se para Gaeta e naquele lugar foi ordenado e consagrado pelos cardeais que o tinham seguido, sem esperar pelo consenso do referido imperador. Este último, tomando conhecimento da situação, convocou o povo romano com os seus clérigos e ordenou a eleição, como sumo pontífice, de Burdino a quem foi imposto o nome de Gregório e que se sentou na Igreja de São Pedro. Burdino foi, anteriormente, arcebispo da igreja de Toledo na Hispânia; mais tarde foi elevado a bispo da cidade de Coimbra e naquela ocasião foi-lhe imposto o nome de Maurício; depois, falecido o arcebispo de Braga, conseguiu tornar-se arcebispo daquela cidade com o consenso do Papa Pascoal II. Maurício ofereceu muitas prendas ao papa para obter os seus favores. Para além disso, pouco tempo depois, falecido o arcebispo de Toledo, Burdino outorgou ao pontífice romano um tesouro e pediu para si a Sé arquiépiscopal de Toledo. O Papa Pascoal aceitou o dinheiro para o título pedido, mas não lhe deu o seu aval. Chegado a este momento, Burdino abandonou a Sé arquiépiscopal de Braga e aderiu à causa do imperador. Pascoal II ordenou a Maurício que voltasse à sua sede episcopal, mas ele não quis respeitar a ordem do pontífice que entendeu retirar-lhe as ordens sacras. Mais tarde, o Papa Pascoal II excomungou-o por ter celebrado missa na Igreja de São Pedro contra as suas disposições.

Ano do Senhor de 1119. Indicção décima segunda. Trinta de dezembro, lua cheia e eclipse entre a meia noite e o amanhecer. No mesmo mês de janeiro, o Papa Gelásio II depois de ter governado

a Igreja de Roma por um ano, morreu, quando se encontrava na Gália. Então, os cardeais que estavam com ele elegeram como pontífice romano o arcebispo Guido de Vienne, homem nobre, que chamaram Calisto. Elevado ao trono pontifício, após um ano alcançou Roma e sentou-se na cátedra do Palácio de Latrão.

Ano da Incarnação do Verbo de 1121. Indicção décima quarta. O Papa Calisto II à frente de um numeroso grupo de homens armados cercou o Papa Gregório, de apelido Burdino, que se tinha refugiado na cidade de Sutri. O Papa Calisto II não desistiu do cerco até à captura de Burdino; uma vez detido enviou-o para o mosteiro da Santíssima Trindade de Cava de' Tirreni. O Papa Calisto controlava assim o papado romano e podia dispor livremente da cidade de Roma. Foi bispo de Roma durante sete anos, morreu em Roma e foi enterrado com todas as honras.

Regno di Francia

1) *La Chronique de Morigny (1095-1152)*. Ed. Léon Mirot. Paris: Librairie Alphonse Picard et fils, 1909, p. 25-27.

Nota biografica: Gli autori dell'opera solo almeno tre. L'autore della prima parte è Teulfo (Thiou), monaco dell'abbazia di Morigny, situata vicino Étampes nella diocesi di Sens. Fu precentore e bibliotecario dell'abbazia e ne divenne abate nel 1109. Per problemi e contrasti interni, Teulfo fu costretto ad abdicare dalla sua carica e si trasferì nel monastero di San Crispino di Soissons del quale fu abate dal 1118 fino alla sua morte avvenuta nel 1136-1138. Della seconda parte dell'opera, molto più estesa della prima, non conosciamo l'autore. La storiografia ha avanzato varie ipotesi sulla sua identità, tra le quali l'abate di Morigny Tommaso (†1140) o un monaco di sua fiducia che avrebbe continuato l'opera di Teulfo su mandato dello stesso abate. Infine, anche della terza parte non conosciamo l'autore, ma potrebbe trattarsi molto probabilmente di un altro monaco di Morigny.

Opera: L'opera è una storia dell'abbazia di Morigny divisa in tre parti. La prima copre gli anni che vanno dalla fine dell'XI secolo fino agli anni 1107-1108 e fu scritta da Teulfo tra il 1106 e il 1108. La seconda parte invece fa riferimento agli anni tra il 1108 e il 1132 — quella nella quale si parla delle vicende dell'arcivescovo di Braga Maurizio «Burdino» — e fu scritta probabilmente tra il 1125 e il 1132. La terza parte del *Chronicon* di Morigny tratta invece degli avvenimenti degli anni tra il 1137 e il 1149.

Edizioni/Traduzioni principali: *Teulfo et aliis ejusdem loci monachi. Anno Domini MCXLVII. Mauriniacensis Monasterii Chronicon. Ab anno Christi 1108 usque ad annum 1147*. Ed. Jacques-Paul Migne (*Patrologia Latina*, CLXXX). Paris: Jacques-Paul Migne éditeur, 1855, cols. 131-176. Un'edizione parziale dell'opera è quella del Waitz, si veda *Ex Historia mauriniacensis Monasterii*. Ed. Georg Waitz (MGH, *Scriptores*, XXVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1882, p. 37-45 (p. 38-39 per la vicenda di Maurizio «Burdino»). *La Chronique de Morigny (1095-1152)*. Ed. Léon Mirot. Paris: Librairie Alphonse Picard et fils, 1909. Dell'opera esiste una recente traduzione in inglese, si veda *Translation of the Chronicle of the Abbey of Morigny, France, C. 1100-1150*. Ed. Richard Cusumano. Lewiston, NY: Edwin Mellen Press 2003. Per una lista completa delle edizioni, anche parziali, dell'opera rinvio alla bibliografia disponibile in <<http://www.corpusetampo.com/cls-12-1107thiou-livre1.html>>. [Consultazione realizzata on-line il 15/05/2019].

Bibliografia essenziale: HAMPE, Karl (1898) — *Abt Thomas von Morigny als Verfasser des zweiten Buches des Chronicon Mauriniacense*. «Neues Archiv», vol. XXIII, p. 389-398. *La Chronique de Morigny (1095-1152)*. Ed. Léon Mirot. Paris: Librairie Alphonse Picard et fils, 1909, p. I-XII (Introduzione). *Translation of the Chronicle of the Abbey of Morigny, France, C. 1100-1150*. Ed. Richard Cusumano. Lewiston, NY: Edwin Mellen Press, 2003, p. 4-13 e 175 per i dati biografici su Teulfo.

Anno Incarnationis Dominicae 1119 papa Romanus Gelasius II, qui et Joannem Gaitanus, primo ordinationis suae anno ab Urbe causis emergentibus egressus est, et per maritima loca cymba portatus, Massiliae, quae una civitas Galliarum est, allabitur. Hic ab adolescentia sua nutritus in palatio, industria et litterarum scientia excellentissime roboratus, apud Remim metropolim regni concilium disponebat, in quo se magna dispositurum credebat. Sed divino, iudicio, quod occultum, numquam tamen injustum est, aliter disponente, praeventus agritudine gravissima, Cluniaco, quod super omnia monasteria tunc temporis et religione et divitiis effulgebat, se fecit portari. Ibiq̄ue deficiens, et carnis vinculis absolutus, sicut decebat summum sacerdotem, honorifice sepultus est. Erat autem inter summum sacerdotem et regem Teutonicorum, qui per Karoli Magni regis Francorum successionem patricius Romanorum erat¹⁶¹, gravissima et inveterata de investituris pontificum et abbatum dissensio, quae per quadraginta et eo amplius annos Romam sedem turbaverat, et omnes ferme totius Latinitatis Ecclesias fatigaverat. Rex etiam Burdinum quemdam Bracarensem archiepiscopum, litteratum et curialem et eloquentem virum, Romae pseudopapam subrogaverat, et militaribus armis intrusus ad proprii revertens in sede reliquerat. Qui postea a domino papa Calixto II apud Sutriam vi captus, et per Romam ductus, apud Caveam, quod districtissimum monasterium super Salernum situm est, monachus effectus et incaveatus est. Ii igitur qui cum Gelasio venerant, quasi praesago spiritu ducti, antequam ab Urbe discessissent, cum his qui Romae remanebant consilium, et ab his assensum acceperant; ut si, quod evenit, papa rebus humanis excessisset, ipsi in partibus nostri eligendi pontificem potestatem habuissent. Eo vero mortuo sepultoq̄ue, cardinales caeterique Romani cum maxima pontificum atque procerum multitudine quae inibi confluxerat, statim in eodem loco Widonem Viennensem archiepiscopum, strenuum et incomparabiliter genere nobilem virum, eligunt, et pontificalibus induunt insignibus: quibusdam tamen ob rei novitatem, aliis, ut ferchatur, ob invidiam murmurantibus, et aliter sentientibus. Illic Viennae reversus, rebusque dispositis par Gallias transitum faciens, Tolosae primo, Remis secundo celebrato concilio, Romam cum maximo tripudio sicut decebat intravit, Burdinoque capto, contra tyranni¹⁶² voluntatem cathedram summi pontificatus obtinuit.

Traduzione italiana:

Anno dall'Incarnazione del Signore 1119. Il Papa romano Gelasio II, Giovanni di Gaeta, nel primo anno del suo pontificato lasciò Roma in una situazione di emergenza. Per via marittima, su di una piccola imbarcazione, approdò a Marsiglia, una città della Gallia. Gelasio sin dall'adolescenza fu educato nel Palazzo, forte della sua intelligenza e del suo eccellentissimo sapere. Convocò un concilio presso Reims, metropoli del regno, nel quale voleva promuovere grandi provvedimenti. Il giudizio divino, che è occulto, ma mai ingiusto, si espresse altrimenti e per un'improvvisa e gravissima malattia Gelasio morì a Cluny, che allora risplendeva su tutti i monasteri per fede e ricchezza. In

¹⁶¹ Il titolo di «Patrizio dei romani» stava a significare padre e protettore della città di Roma. Si veda CANTARELLA, 2004: 189 e 205.

¹⁶² L'imperatore Enrico V.

quel luogo, sciolto dal vincolo della carne, così come si conviene ad un sommo sacerdote, egli fu sepolto con grande onore. A quel tempo c'era un gravissimo e antico contrasto per le investiture dei pontefici e degli abati tra il sommo sacerdote e il re dei teutonici, che per la successione a Carlo Magno re dei Franchi deteneva il titolo di «Patrizio dei romani», una controversia che turbava la Sede romana ormai da più di quarant'anni e aveva estenuato quasi tutta la Chiesa della Latinità. Il re fece eleggere, allora, come pseudopapa di Roma Burdino arcivescovo di Braga, uomo di corte letterato ed eloquente, imposto nell'Urbe con le armi dai soldati, ma ritornò sui propri passi e lo abbandonò nella Sede Apostolica. Successivamente Burdino fu catturato da Papa Callisto II e portato prima a Roma e in un secondo momento a Cava, un inaccessibile monastero situato sopra la città di Salerno, dove fu fatto monaco e incarcerato. Allora coloro i quali vennero con Papa Gelasio, quasi condotti dal presagio dello Spirito Santo, prima di allontanarsi da Roma furono consigliati da quelli rimasti nell'Urbe e accettarono il loro parere: se fosse successo qualcosa e il papa fosse scomparso, essi avrebbero avuto la potestà di eleggere il pontefice. Morto e sepolto Gelasio II, i cardinali e il resto dei romani con la maggior parte dei vescovi e una grande moltitudine di aristocratici che li arrivarono, subito in quel luogo [Cluny, *scil.*] scelsero l'arcivescovo Guido di Vienne, uomo valoroso, incomparabile e di genere nobile e lo investirono delle insegne pontificali. Per la novità della cosa alcuni erano d'accordo, mentre altri mormoravano dall'invidia. Callisto II tornato a Vienne e sistemata la situazione, attraversò la Gallia, passando prima a Tolosa e poi a Reims dove celebrò un concilio. A Roma entrò con grande tripudio, così come gli si conveniva, e catturato Burdino, ottenne la Cattedra del sommo pontificato contro la volontà del tiranno [Enrico V, *scil.*].

Tradução portuguesa:

Ano da Incarnação do Senhor de 1119. O papa romano Gelásio II, João de Gaeta, no primeiro ano de pontificado deixou Roma numa situação de emergência. Por via marítima chegou a Marselha, uma cidade das Gálias. Gelásio foi educado no Palácio de Latrão desde a adolescência; seguro da sua inteligência e do seu excepcional conhecimento, convocou um concílio perto de Reims, metrópole do Reino, no qual queria promover grandes medidas. O Juízo divino — que é oculto, mas nunca injusto — expressou-se de outra forma e mercê de uma súbita e gravíssima doença, Gelásio morreu em Cluny, que naquele tempo brilhava sobre todos os mosteiros em virtude da sua fé e riquezas. Naquele lugar, desligado do vínculo da carne, foi enterrado com grande honra assim como deve ser para um grande sacerdote. Naquele tempo existia um gravíssimo e antigo conflito sobre as investiduras dos pontífices e dos abades entre o sumo sacerdote e o rei dos teutónicos que, pela sucessão de Carlos Magno, detinha o título de «Patricio dos Romanos». Uma controvérsia que perturbava a Sé Romana desde há mais de quarenta anos e que tinha enfraquecido quase toda a Igreja latina. O rei fez então eleger antipapa de Roma Burdino, arcebispo de Braga, homem de corte, letrado e eloquente, imposto na *Urbs* pelas armas dos soldados, mas acabou por voltar atrás e abandonou Burdino na Sé Apostólica. Este último foi capturado mais tarde pelo Papa Calisto II e levado para Roma e depois para Cava, um inacessível mosteiro situado sobre a cidade de Salerno. Neste lugar foi feito monge e encarcerado. Então, os que tinham chegado com o Papa Gelásio, quase guiados pelo Espírito Santo, antes de se afastarem de Roma, aconselhados por aqueles que ficaram na *Urbs*, aceitaram o seu parecer: se tivesse acontecido alguma coisa ao papa eles tinham autoridade para eleger um novo pontífice. Morto e enterrado Gelásio II, os cardeais e o resto dos romanos com a maior parte dos bispos e com um grande número de aristocratas que lá se tinham deslocado [a Cluny, *scil.*], imediatamente escolheram o arcebispo de Vienne, Guido, homem de valor incomparável e de género nobre, e investiram-no com as insígnias pontificais.

Com a novidade do procedimento, alguns estavam de acordo, mas outros, porém, murmuravam com inveja. Calisto II regressado a Vienne e tratados todos os assuntos, passou pela Gália, primeiro em Toulouse e depois em Reims onde celebrou um concílio. Em Roma entrou com grande pompa assim como lhe era devido e, capturado Burdino, contra a vontade do tirano [Henrique V, *scil.*] obteve a cátedra do sumo pontificado.

2) Sugerio Abbate B. Dionysii in Francia. Vita Ludovici Regis VI, qui Grossus dictus. Ed. Jacques-Paul Migne (Patrologia Latina, CLXXXVI). Paris: Jacques-Paul Migne éditeur, 1854, cols. 1309-1312.

Nota biografica: Nato intorno al 1081, Sugerio fu abate di Saint-Denis dal 1122 fino alla sua morte avvenuta nel 1151. Divenne un uomo di fiducia del re di Francia Luigi VI detto «Il Grosso» (†1137), del quale fu legato e consigliere, due ruoli politici molto importanti che Sugerio mantenne anche durante il regno Luigi VII (†1180). Sugerio si impegnò costantemente per la promozione dell'abbazia di Saint-Denis. Aumentò notevolmente il suo prestigio all'interno del regno ottenendo due risultati fondamentali: il diritto di sepoltura dei re presso l'abbazia e l'elevazione di San Dionigi a protettore del regno di Francia.

Opera: L'opera di Sugerio è un panegirico scritto in onore del re di Francia Luigi VI poco dopo la sua morte. Si tratta di una fonte fondamentale per lo studio del regno di Francia nel XII secolo.

Edizioni/Traduzioni principali: *Sugerio Abbate B. Dionysii in Francia. Vita Ludovici Regis VI, qui Grossus dictus.* Ed. Jacques-Paul Migne (Patrologia Latina, CLXXXVI). Paris: Jacques-Paul Migne éditeur, 1854, cols. 1253-1340. *Vie de Louis le Gros par Suger suivie par l'Histoire du Roi Louis VII.* Ed. Auguste Molinier. Paris: Alphonse Picard Éditeur, 1887, p. 5-131. Dell'opera di Sugerio esistono varie traduzioni in francese e in inglese. Si vedano ad esempio: *Suger. Vie de Louis VI le Gros.* Ed. Henri Waquet, Paris: les Belles Lettres, 1929. *Suger. La geste de Louis VI et autres œuvres.* Ed. Michel Bur. Paris: Imprimerie Nationale, 1994 e *Suger (Abbot of Saint-Denis). The Deeds of Louis the Fat.* Ed. Richard Cusimano; John Moorhead. Washington: Catholic University of America Press, 1992. Abbiamo utilizzato come base per le nostre traduzioni in italiano e in portoghese, l'opera di GUIZOT, François (1824) — *Collection des mémoires relatifs à l'histoire de France.* Paris: Brière Libraire. Disponibile in <<http://remacle.org/bloodwolf/historiens/suger/vie3.htm>>. [Consultazione realizzata on-line il 02/10/2019].

Bibliografia essenziale: PANOFSKY-SOERGEL, Gerda (1979) — *Abbot Suger on the Abbey Church of St.-Denis and Its Art Treasures.* Princeton: Princeton University Press. *Suger (Abbot of Saint-Denis). The Deeds of Louis the Fat.* Ed. Richard Cusimano; John Moorhead. Washington: Catholic University of America Press, 1992, p. 1-20 dell'introduzione. GRANT, Lindy; BATES, David (1998) — *Abbot Suger of St-Denis: Church and State in Early Twelfth-Century France,* London; New York: Routledge. Per la nota biografica si veda la voce di CECCHINI, Francesca (2000) — *Suger.* In *Enciclopedia Treccani dell'Arte Medievale.* Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/suger_%28Enciclopedia-dell%27-Arte-Medievale%29/>. [Consultazione realizzata on-line consultato il 28/11/2018].

Ea tempestate (an. 1118) venerandae memoriae summum pontificem Romanum Paschalem ab hac ad lucem perpetuam contigit demigrare. Cui cum de Joanne Gaitano cancelario electione canonica constitutus papa Gelasius successisset, et cujusdam Burdini depositi Bracarensis archiepiscopi,

imperatoris Henrici violentia in sedem apostolicam intrusi, et populi Romani conductitia infestatione intolerabiliter fatigaretur, et a sancta sede eorum tyrannide arceretur, ad tutelam et protectionem serenissimi regis Ludovici¹⁶³, et Gallicanae Ecclesiae compassionem, sicut antiquitus consueverunt, confugit [...] Cui cum dominus rex occurrere maturaret, nuntiatum est eundem summum pontificem podagrico morbo diu laborantem, tam Romanis quam Francis vitae depositione pepercisse (an. 1119). Cujus Apostolicis exsequiis cum multi religiosorum virorum, et Ecclesie praelatorum interesse festinassent, astitit virorum venerabilis Guido Viennensis archiepiscopus, imperialis et regiae celsitudinis derivativa consanguinitate generosus, multo generosior moribus [...] Romana Ecclesia in summum pontificem electus [...]. Sublimatus itaque tantae celsitudinis dignitate gloriose, humiliter, sed strenue Ecclesiae jura disponens, amore et servitio domni Ludovici regis, et nobilis Adelaidis reginae neptis¹⁶⁴, aptius ecclesiasticis providebat negotiis. Remis itaque celeberrimum celebrans concilium, cum legatis imperatoris Henrici pro pace Ecclesiae sedere differens, in marchiam versus Mosomum¹⁶⁵ occurrisset, nec, profecisset, quemadmodum et antecessores fecerant, anathematis vinculo pleno Francorum et Lotharingorum concilio innodavit. Cum autem Ecclesiarum votivis ditatus beneficiis gloriose Roman pervenisset, gloriosa tam cleri, quam populi Romani susceptus receptione, multis antecessorum superiorum Ecclesiae curam feliciter administrabat. Nec multum adhuc in sede sancta fecerat moram, cum Romani ejus tam nobilitati quam liberalitati faventes, intrusum ab imperatore schismaticum Burdinum, apud Sutram sedentem, et ad limina apostolorum transeuntes clericos genu flectere compellentem, expugnatum tenuerunt, animali camelo, tortuosum antipapam, imo Antichristum, crudis et sanguinolentis pellibus capricis amictum, transversam superposuerunt, et ignominiam Ecclesiae Dei ulciscentes, per medium civitatis via regia, ut magis publicaretur, educentes, imperante domino papa Calixto perpetuo carcere in montanis Campaniae prope S. Benedictum captivatum damnaverunt, et ad tantae ultionis memoriae conservationem in camera palatii sub pedibus domini pape conculcatum depinxerunt.

Traduzione italiana:

In quel periodo [Anno 1118, *scil.*] morì Pasquale, sommo pontefice romano di veneranda memoria. Gli successe il canonicamente eletto Giovanni di Gaeta, affaticato, però, dalle vessazioni di Burdino, il deposto arcivescovo di Braga imposto in maniera violenta dall'imperatore Enrico nella Sede Apostolica, e dalla bramosia dei romani. Gelasio fu espulso dalla Santa Sede per via della loro tirannia e si rifugiò, come d'antica abitudine, sotto la protezione del serenissimo re di Francia Luigi e la compassione della Chiesa gallicana. [...]. Il re si affrettava ad incontrare il sommo pontefice, quando gli fu annunciato che il papa era morto dopo aver sofferto a lungo tempo della gotta e che con la sua morte aveva salvato la vita sia dei romani che dei franchi (an. 1119). Molti uomini religiosi e prelati della Chiesa accorsero con grande partecipazione alle esequie dell'Apostolico. Tra i presenti si distingueva il venerabile Guido arcivescovo di Vienne, di stirpe nobile, di sangue imperiale e reale e ancora più nobile nei suoi costumi [...] egli fu eletto pontefice romano [...]. Sublimato ad una così alta e gloriosa dignità, sosteneva i diritti della Chiesa umilmente, ma con

¹⁶³ Luigi VI detto «Il Grosso», re di Francia (†1137). Per un inquadramento generale su Luigi VI si veda il saggio di DUFOUR, 1990: 456-482. Per una traduzione parziale della fonte abbiamo consultato RUST, 2011: 278.

¹⁶⁴ Adelaide di Savoia (†1154), figlia del conte di Savoia Umberto II e di Gisella, figlia del conte di Borgogna Guglielmo e quindi sorella di Guido di Vienne, Papa Callisto II. Il papa era, pertanto, lo zio materno della regina di Francia. Si veda COGNASSO, 1960.

¹⁶⁵ Mouzon è un comune francese situato nell'attuale dipartimento delle Ardenne, nella regione Grand-Est. Sull'incontro di Mouzon si veda STROLL, 2004: 371-379 e relative note a piè di pagina per la bibliografia di riferimento.

grande forza e per amore e spirito di servizio per il re Luigi e la sua nobile nipote Adelaide, si occupò abilmente degli affari della Chiesa. E così il papa celebrò un solenne concilio a Reims e subito dopo si recò verso il confine in direzione di Mousson per incontrare i legati dell'imperatore Enrico e risolvere i problemi della Chiesa. Rendendosi conto che non c'era possibilità di dialogare con loro, così come fecero i suoi predecessori, il papa lanciò il vincolo dell'anatema sull'imperatore in un concilio al quale parteciparono il clero dei Franchi e della Lotaringia. Più tardi, forte dei numerosi doni votivi delle chiese, il papa si recò a Roma dove fu accolto gloriosamente dal popolo e dal clero e amministrò felicemente la Chiesa ancora meglio di molti dei suoi predecessori. Poco tempo dopo che il Papa Callisto II dimorava nella Santa Sede, i romani affascinati tanto dalla nobiltà quanto dalla liberalità del pontefice, decisero di catturare lo scismatico Burdino, posto sul soglio di Pietro dall'imperatore, che si trovava a Sutri. I romani volevano costringerlo a genuflettersi davanti al papa e a tutti i chierici che si recavano nella città degli Apostoli. I romani misero quell'infimo Anticristo su di un cammello, animale gobbo, e lo ricoprirono con una sanguinolenta pelle di capra per vendicare l'ignominia subita dalla Chiesa di Dio. Lo fecero sfilare per Roma lungo la via reale, affinché tutti lo vedessero pubblicamente. Su ordine di Papa Callisto lo rinchiusero in una prigione nei pressi di San Benedetto [Montecassino, *scil.*] nelle montagne della Campania e lo condannarono a terminare i suoi giorni in quel posto. Per conservare la memoria di cotanto castigo, gli artisti dipinsero Burdino calpestato da Papa Callisto II nella camera del Palazzo del Laterano.

Tradução portuguesa:

Naquele tempo [Ano 1118, *scil.*] o sumo pontífice romano de venerável memória, Pascoal, morreu. Sucedeu-lhe o canonicamente eleito João de Gaeta, mas extenuado pelas perseguições de Burdino, o deposto arcebispo de Braga, imposto de maneira violenta pelo imperador Henrique e pela cobiça dos romanos na Sé Apostólica e expulso da Santa Sé pela tirania deles, refugiou-se, segundo o antigo costume, sob a protecção do sereníssimo rei de França Luís e a compaixão da Igreja Galicana. [...]. Quando o senhor rei se apressava a encontrar o sumo pontífice, foi-lhe anunciado que o papa tinha morrido depois de ter sofrido durante largo tempo de gota; e com a sua deposição tinha resgatado as vidas dos romanos e dos francos (ano de 1119). Muitos homens religiosos e prelados da Igreja vieram com grande empenho ao funeral do Apostólico, e entre os presentes distinguiu-se o venerável Guido, arcebispo de Vienne, de estirpe nobre, de sangue imperial e real e ainda mais nobre nos seus costumes [...]. Ele foi eleito pontífice romano [...]. Assim, elevado a uma tão alta e gloriosa dignidade, defendia humildemente os direitos da Igreja, mas com grande força e por amor e espírito de serviço ao rei, o senhor Luís e a sua nobre neta Adelaide, ocupou-se habilmente dos negócios da Igreja. E assim o papa celebrou um solene concílio em Reims e imediatamente depois viajou para a fronteira, em direção a Mousson, para encontrar os legados do imperador Henrique, a fim de resolver os problemas da Igreja. Tomada consciência da impossibilidade de um diálogo com eles, e tal como fizeram os seus predecessores, Calisto impôs um anátema sobre o imperador num concílio em que estava presente o clero dos francos e da Lotaringia. Mais tarde, fortalecido com as numerosas ofertas votivas das igrejas, viajou até Roma onde foi acolhido gloriosamente pelo povo e pelo clero da cidade e, felizmente, administrou a Igreja ainda de melhor forma que os seus predecessores. Pouco depois de o papa estar na Santa Sé, os romanos, fascinados tanto pela nobreza como pela liberalidade do pontífice, decidiram capturar o cismático Burdino, posto no trono de Pedro pelo imperador e que naquele momento se encontrava em Sutri. Queriam obrigá-lo a ajoelhar-se perante o papa [Calisto II, *scil.*] e todos os clérigos que passavam pela cidade dos Apóstolos. Os romanos puseram aquele miserável Anticristo sobre um camelo, animal

corcunda, cobriram-no com uma pele de cabra ensanguentada, para vingar a ignomínia sofrida pela Igreja de Deus. Fizeram-no desfilar pela cidade de Roma pela via real, para que todos o vissem pubblicamente. Depois, sob a ordem do Papa Calisto, encerraram-no numa prisão perto de São Bento [Montecassino, *scil.*], nas montanhas da Campânia, e condenaram-no a acabar os seus dias naquele lugar. Para conservar a memória de um tal castigo, os artistas pintaram Burdino na câmara do Palácio de Latrão, pisado pelos pés do Papa Calisto II.

3) *Ernaldus abbas Bonae Vallis. Ex Vitae S. Bernardi, Liber II. Ed. Oswald Holder-Egger* (MGH, *Scriptores*, XXVI), Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1882, p. 101.

Nota biografica: Arnaldo fu monaco dapprima a Marmoutier (abbazia nei presi di Tours) e in seguito nell'abbazia di San Ferentino di Bonneval (Chartres) della quale divenne abate nel 1144. Fu amico di San Bernardo di Chiaravalle e fu autore di numerose opere tra le quali il secondo libro della *Vita prima* di Bernardo. Morì nel 1156.

Opera: La fonte è il libro II della *Vita* di San Bernardo di Chiaravalle scritta da vari autori (tra cui Guglielmo di Saint-Thierry) tra il 1139 e il 1161. Nel passaggio in questione si parla del concilio di Étampes convocato nel 1130 nel Regno di Francia ai tempi dello scisma tra Anacleto II (†1138) ed Innocenzo II (†1143). Il dato interessante è che Arnaldo rivendica l'ortodossia dei vescovi francesi che non cedettero agli scismatici o agli eretici — gli «idoli» o i «mostri» che occuparono la Cattedra di Pietro — né ai tempi di Wiberto/Clemente III né quelli di «Burdino»/Gregorio VIII, un'ulteriore segno dell'equiparazione nella letteratura pienomedievale tra Maurizio/Gregorio VIII e Clemente III e Anacleto II, due tra i più famosi antipapi dei secoli XI e XII.

Edizioni/Traduzioni principali: *Sancti Bernardi abbatis Claraevallensis vita et res gestae libris septem comprehensae. Liber II Auctore Ernaldo abbate Bonae-Vallis.* Ed. Jacques-Paul Migne (*Patrologia Latina*, CLXXXV). Paris: Jacques-Paul Migne éditeur, 1855, cols. 267-301. *Ernaldus abbas Bonae Vallis. Ex Vitae S. Bernardi, Liber II.* Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, *Scriptores*, XXVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1882, p. 99-109. *Vita prima Sancti Bernardi Claraevallis Abbatis.* Ed. Paul Verdeyen; Christine Vande Veire. Turnhout: Brepols, 2011. Si veda inoltre la raccolta di testi del XII secolo *The Cistercian World: Monastic Writings of the Twelfth Century.* Ed. Pauline Materasso. London: Penguin Books Limited, 1993. Per una recente traduzione in inglese della *Vita prima* di San Bernardo di Chiaravalle si veda *The First Life of Bernard of Clairvaux.* Athens, Ohio, USA: Cistercian Publications, 2015.

Bibliografia essenziale: Per delle notizie biografiche su Arnaldo di Bonneval si vedano ERMINI, Filippo (1929) — *Arnaldo di Bonneval.* In *Enciclopedia Italiana Treccani.* Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/arnaldo-di-bonneval_%28EnciclopediaItaliana%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 30/11/2018] e il classico BREDERO, Adriaan Hendrik (1960) — *Études sur la «Vita prima» de saint Bernard.* Rome, Éditions Cisterciennes.

Premissi, antequam de Urbe egrederetur, a domino papa in Gallias fuerant nuncii, qui dissensionis et scimastis [...] ordinem Gallicanae intimarent aecclesiae et hortarentur episcopos, ut in ultionem presumptionis huius accingerentur et, dampnata parte scismatica, subscriberent unitati. [...] Donec collecto Stampis generali conventu, in commune decernerent, quid reciperent, quid dampnaret.

Neque enim Francia, caeteris regionibus proclivibus ad scismata, aliquando Guiberti¹⁶⁶ vel Burdini susceptione fedata est, nec malignorum acquievit erroribus, nec fabricata est ydolum in aecclesia nec venerata in Petri kathedra monstrum.

Traduzione italiana:

Prima di lasciare l'Urbe, il papa inviò i suoi messaggeri nelle Gallie per informare i membri della Chiesa gallicana del conflitto e dello scisma [...] e affinché si impegnassero a castigare la presunzione di costui [Maurizio «Burdino», *scil.*] e sottoscrivessero, una volta condannata la parte scismatica, questo giuramento all'unanimità [...]. Nel concilio generale di Étampes stabilirono in comune chi accogliere e chi condannare e nessuno in Francia e nelle restanti regioni fu incline allo scisma. Mai la Chiesa di Francia fu deturpata dalla ricezione dell'eresia *wibertiana* o *burdiniana*, né fu fabbricato un idolo nella Chiesa, né tantomeno fu venerato il mostro posto sulla Cattedra di Pietro.

Tradução portuguesa:

Antes de deixar Roma, o papa enviou os seus mensageiros às Gálias, para recordar aos membros da Igreja Galicana o conflito e o cisma [...], para que se empenhassem no castigo da arrogância deste [Maurício «Burdino», *scil.*] e, condenada a parte cismática, subescrevessem este juramento unanimemente [...]. No concílio geral de Étampes estabeleceram em comum quem acolher e quem condenar e ninguém em França e nas outras regiões foi favorável ao cisma. Nunca a Igreja de França foi desfigurada pela receção da heresia *guibertiniana* ou *burdiniana*, nem por ela foi fabricado um ídolo da Igreja, nem foi venerado um monstro posto na cátedra de Pedro.

4) *Qualiter Tabula S. Basilii continens in se magnam Dominci Ligni portionem Cluniacum delata fuerit tempore Pontii abbatis.* In MARRIER, Martin; DU CHESNE, André, coord. — *Bibliotheca Cluniacensis*. Maçon: Sumptibus typisque fratrum protat, 1915, p. 561-564. Ristampa.

Nota biografica: Opera anonima.

Opera: Il testo è contenuto all'interno di un manoscritto conservato presso la Bibliothèque Nationale de France di Parigi (Ms. Lat. 12603), proveniente dal monastero cittadino benedettino di Saint-Germain-des-Prés e scritto, secondo D. Iogna Prat, verso il 1140-1150. Come ha ricordato sempre D. Iogna Prat, il manoscritto contiene oltre al *Qualiter tabula S. Basilii*, altri testi riguardo a reliquie arrivate a Cluny e la vita di Sant'Andrea. Il *Qualiter tabula S. Basilii* è contenuto anche in un altro manoscritto conservato presso la Bibliothèque Nationale de France (Lat. 17716) proveniente dal monastero cluniacense parigino di Saint-Martin-des-Champs e databile intorno alla fine del XII secolo.

Edizioni/Traduzioni principali: *Bibliotheca Hagiographica Latina Antiquae et Mediae Aetatis* (A-I). Ed. Socii Bollandiani. Bruxelles: Bruxellis, 1898-1899, p. 622 (n.º 4193, solo regesto). *Qualiter Tabula S. Basilii continens in se magnam Dominci Ligni portionem Cluniacum delata fuerit tempore*

¹⁶⁶ Wiberto arcivescovo di Ravenna (1073-1080) e *antipapa* Clemente III (1080-1100). Si veda la nota n.º 34 in questa sezione.

Pontii abbatis. In Varii, coord. — *Recueil des historiens des croisades*. Vol. V, Paris: Imprimerie Nationale, 1895: p. 295-298. *Qualiter Tabula S. Basilii continens in se magnam Dominci Ligni portionem Cluniacum delata fuerit tempore Pontii abbatis*. In MARRIER, Martin; DU CHESNE, André, coord. — *Bibliotheca Cluniacensis*. Maçon: Sumptibus typisque fratrum protat, 1915, p. 561-564. Ristampa. La fonte è stata ripubblicata recentemente da REGLERO DE LA FUENTE, Carlos Manuel (2008) — *Cluny en España: los prioratos de la Provincia y sus redes sociales (1073 — ca. 1270)*. León: Centro de Estudios e Investigación “San Isidoro”, p. 705-707.

Bibliografia essenziale: ERDMANN, Carl (1940) — *Maurício Burdino (Gregório VIII)*. Coimbra: Publicações do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, p. 16-18. DAVID, Pierre (1947) — *Lénigme de Maurice Bourdin*. In DAVID, Pierre, coord. — *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VIe au XIIe siècle*. Paris: Les Belles Lettres, p. 475-479. IOGNA PRAT, Dominique (2002) — *Order and Exclusion: Cluny and Christendom Face Heresy, Judaism, and Islam (1000-1150)*. Trans. Graham Edwards; Foreword Barbara H. Rosenwein. Ithaca, NY: Cornell University Press, p. 171-172. IOGNA PRAT, Dominique (2005) — *Un recueil liturgique et historique du tournant des années 1200 (Paris, BnF, ms. latin 17716)*. «Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre». Disponibile in <<http://cem.revues.org/792>>. [Consultazione realizzata on-line il 04/10/2017]. REGLERO DE LA FUENTE, Carlos Manuel (2008) — *Cluny en España: Los prioratos de la Provincia y sus redes sociales (1073 — ca. 1270)*. León: Centro de Estudios e Investigación “San Isidoro”, p. 339-347.

Creator omnipotens et benignus moderator Deus, inter mirifica et vere magna ipsaque multa beneficia, quibus hanc Cluniacensem ecclesiam ab ipso fundamine mirabiliter et fovit, et dilatavit, et extulit, uno tamen quodam modo, magnis praeconiis attollendo, nostris eam temporibus, hoc est sub domino Pontio abbat, honorificare ac dilatare dignatus est. Quod cujus modi sit, vel quo modo acciderit, jam hunc (*sic*) pandere incipimus.

I. Ante hos annos, temporibus scilicet Michaelis, Constantinopolitani imperatoris¹⁶⁷, cui scilicet successit Alexius¹⁶⁸, quo tempore homo Dei, domnus et venerabilis Hugo abbas, agmen istud gregis Dei pascebat, Turci, gens execrabilis ac profana longeque adeo, permissione Dei, de Persida et de illis circa regionibus ebullientes, sicut jam paene universo orbi notissimum est, impetu facto, occupaverunt Syriam, Palaestinam, Cappadociam, ipsamque optimatissimam civitatem Antiochiam, ac Romaniam paene totam, christianum populum absque remedio affligentes, absque numero perimentes, evertentes ecclesias, Dei sacraria conculcantes, quidquid de sacris vasis vel ornamentis ecclesiae in eorum manus venire poterat, absque cunctatione penitus disperdentes.

II. Sed paucis ante diebus, quam gens haec ferocissima Caesaream Cappadociae illo suo impetu occupasset¹⁶⁹, archiepiscopus, qui tunc illi ecclesiae vel provinciae praeerat, ex voluntate Dei, quievit in pace. II. Archidiaconus autem ille, penes quem ecclesiae desolate cura remansit, vir providus et honestus, Mesopotamius nomine, nepos episcopi defuncti fuerat. Is, barbarorum terrore percussus, cum nullam contra eos defensionem sperare posset, queque cariora ac sanctiora in thesauris

¹⁶⁷ La fonte parla di un imperatore Michele al quale successe Alessio I Comneno. Il predecessore di Alessio non fu un imperatore di nome Michele, bensì Niceforo III Botaniata (1001-1081). Il Michele della fonte potrebbe essere Michele VII Ducas morto nel 1090 e imperatore bizantino fino all'anno 1078. PATLAGEAN, 2009: 403.

¹⁶⁸ Alessio I Comneno imperatore bizantino tra il 1081 e il 1118 anno della sua morte. PATLAGEAN, 2009: 403.

¹⁶⁹ La città di Cesarea (oggi Kayseri in Turchia) fu saccheggiata e conquistata dai turchi selgiuchidi guidati da Kiliç Aslan nel 1067. MILLER, 1995: 370.

reperit ecclesiae secum Constantinopolim detulit; inter quae ornamentum quoddam, gemmis ac lapidibus, videlicet eis quos smaldos vocant, praetiosissimum, magna Ligni dominici portione sacratissimum, quasi ad formam libri textus evangelii factum; quod opus ut fertur, magnus ille et sanctus Basilius Cesareae Cappadociae olim archiepiscopus¹⁷⁰, multa diligentia summoque studio composuit, et, quoad vixit, in magna habuit reverentia et observatione habuerunt, usque ad illum quem supra diximus, paulo ante barbaricam irruptionem defunctum, a quo iste Mesopotamius nepos ejus, illud ipsum habuit.

III. Cum quo, ut jam dictum est, regiam urbem ingressus, a praedicto imperatore tam honorifice susceptus est, ut palatium ei et dignitatem inter primos tribueret, neptem quoque suam juxta Graecorum morem in conjugium sociaret. Cum vero idem Michael, ab Alexio pulsus imperio et mutilatus esset, et Alexius Michaelis consanguineos ac familiares infestatione acerbissima damnaret et perderet hunc [tamen] Mesopotamium semper in honore habuit, nec ex haeredavit. Verum Mesopotamius ipse, post annos aliquantos defunctus, hoc tale tantumque ornamentum, has sacratissimas reliquias, sancti et magni Basilius opus, inter caetera bona suae reliquit uxori. Sed haec, post mortem viri, paulatim opibus attenuari coepit, et paupertate gravari.

IV. Dum haec aguntur, domnus Mauritius, Bracarensis archiepiscopus, post votum Hierosolymam rediens, Constantinopolim cum suis devenit, ubi aliquandiu commoratus, majoribus urbis et palatii, ipsi quoque imperatori Alexio notus factus est et carus. Porro, e multis qui ibi eum nosse coeperant et amplecti, vocavit unum, perquirens ab eo virum in tanta urbe posset aliquid reperiri, quod, sed praetio, seu gratia obtentum, admiratione dignum foret ac veneratione, quodque ipse secum reportans in patria sua, pro magno et praedicare et commendare deberet. At ille indicavit ei de sacrosanctis reliquiis, quas et nos, praesenti scripto, et indicandas suscepimus et praedicandas.

V. Quid plura? Venutum est ad matronam; interrogavit eam archiepiscopus senior et mordacius coarguit, ne forte, pro retentis apud se Ligni dominici reliquiis, quas potius in loco celebri et sancto a servis Dei dignis excubiis, et psalmodiis, concentibusque honorari oporteret. Deus sibi offensus esset, et idcirco ipsa pauperie tam gravi premeretur. Nam pauperies ipsa coegerat eam de ipso sacro ac mirifico opere lapides praetiosiores abstraxisse, multoque distraxisse praetio. Verumtamen, sic conventa a sacerdote, suam expavit offensam, et, agens cum eo, multo leviori praetio pignus illius sanctitatis ei contradidit, quam Greco cuiquam aut familiari suo, si super hoc secum egissent. Formidabat nimirum, utpote mulier, imperatoris vim, qui saepenumero attentaverat indesmenterque moliebatur, sub qualibet specie recti, sacrosanctum illud pignus suis apponere reliquiis. Sed imperator et omnium dominus, cujus voluntas potentia est, sponsam suam, Cluniacensem utique ecclesiam, tali tantoque monili redimire praedestinaverit.

VI. Quo, sicut optaverat, impetrato, senior gavisus est valde, et maturius petens ab imperatore commeatum, unum de palatinis, nomine Bonifacium, ab eo impetravit ductorem sibi suisque usque ad fines Constantinopolitani imperii. Ubi, cum jam ab invicem discessuri essent, archiepiscopus, securior factus, ostendit ei in capella sua quiddid vel dono, vel praetio, de Graecia reportabat. At Bonifaciu, visis saepedictis Ligni dominici reliquiis, conversus ad eum: Quomodo, inquit, vel quibus suffragiis rem istam sacrosantam et adorandam obtinere potuisti? Nam haec est tabula magni et sancti Basilius, magnam Dominici Ligni portionem in se continens, quam Mesopotamius

¹⁷⁰ Basilio Magno o San Basilio di Cesarea (†379). Per la sua biografia si veda BEDOUELLE, 1994: 48-49.

archidiaconus a Cesarea Cappadociae Constantinopolim advexit». His testificationibus certior factus et laetior, Deo se protegente, archiepiscopus ad Hispaniam, patria utique suam, prospera remeavit.

VII. Quae videlicet Hispania, necnon et Bracarensis ecclesia, tunc temporis gravi admodum inquietudine laborabat, tum quia Ildefonsus rex nuper obierat¹⁷¹, tum quia Eynricus comes¹⁷² ad regnum aspirabat. Praedictus itaque archiepiscopus ubi turbatum comperit patriam, de illo incomparabili thesauro plus quam de se ipso sollicitus, sapienti, usus consilio, in monasterio Carrionensi, quod Cluniacensis juris est, illum occultare disposuit, saepiusque interim recogitans, tam sanctas atque adorandas reliquias ubi melius ac honoreficientius collocare potuisset, tandem sedit animo et voluntati complacuit, ut eas Cluniacum transmitteret, ob mercedem bonam animae suae ad comparandum sibi in Cluniaco memoriale perpetuum; ubi per fidelem bajulum, fratrem Dalmatium¹⁷³, reverenter praesentate sunt, et a domno Pontio abbate¹⁷⁴ conventuque Cluniacensi solemniter ac honorificentissime susceptae, anno ab Incarnacione Domini MCXII, VII kal. Augusti, ad honorem et gloriam Christi Domini Dei nostri. Amen.

Traduzione italiana:

Il Creatore onnipotente e benevolo moderatore Dio, tra i magnifici, veramente grandi e numerosi benefici con cui mirabilmente nutrì, ampliò ed esaltò la Chiesa di Cluny dal momento della sua fondazione, in un modo come nell'altro, riverendola con grandi lodi, si degnò di onorarla ed esaltarla nei nostri tempi, ossia sotto il signor abate Ponzio. E quale sia stato il modo, o in che modo accadde, ora lo racconteremo.

I. Qualche anno prima, al tempo dell'imperatore costantinopolitano Michele, al quale successe Alessio, nel periodo in cui l'uomo di Dio, il venerabile abate Ugo [Ugo di Semur, abate di Cluny, *scil.*] si occupava del gregge di Dio, i Turchi, gente esecrabile e profana lontana dal volere di Dio, scalpitanti ai confini della Persia e delle regioni vicine, come è noto ormai a quasi tutti, occuparono impetuosamente la Siria, la Palestina, la Cappadocia, compresa l'illustre e antica città di Antiochia, e quasi tutta l'area dell'impero romano. I Turchi inflissero pene terribili al popolo cristiano e un numero altissimo di persone fu ucciso; distrussero le chiese, calpestarono i santuari di Dio e qualsiasi oggetto sacro o ornamento delle chiese che cadde nelle loro mani, essi distrussero e dispersero completamente.

II. Pochi giorni prima che questo popolo ferocissimo con la sua irruenza occupasse Cesarea in Cappadocia, l'arcivescovo, che allora reggeva quella diocesi e quella provincia, morì in pace secondo la Volontà di Dio. L'arcidiacono Mesopotamio nipote del vescovo defunto, un uomo saggio e onesto, era rimasto solo nel curare quella Chiesa desolata. Egli scosso e spaventato dai barbari, senza speranza di poter opporre una difesa efficace contro di loro, tutto ciò che di più caro, importante e santo era riuscito a reperire nella Chiesa di Cappadocia, lo portò con sé a Costantinopoli. Tra

¹⁷¹ Alfonso VI di León-Castiglia non era ancora deceduto quando Maurizio rientrò dalla Terrasanta all'inizio del 1108; il re morì l'anno successivo nel 1109, REGLERO DE LA FUENTE, 2008: 339 e REILLY, 2003: 58-59.

¹⁷² Enrico di Borgogna conte del Portogallo (†1112). Sul conte Enrico di Borgogna rinvio a MATTOSO, 1993: II, 24-36 e LAY, 2008: 37-54. Per una svista nel mio RENZI, 2019c, alle note n. 66 e 70 ho dimenticato di inserire rispettivamente la citazione di LAY, 2008: 133-142 e 187-188. Mi scuso per l'errore.

¹⁷³ Il Dalmazzo in questione con ogni probabilità è Dalmazzo Geret camerario e uomo di fiducia dell'abate di Cluny Ponzio di Melgueil in particolare per quanto riguarda le missioni in territorio iberico. Si vedano in particolare DAVID, 1948: 275-290; BISHKO, 1984: 305-356 e REGLERO DE LA FUENTE, 2008: 201, 208, 607, 609 e 647.

¹⁷⁴ Ponzio di Melgueil abate di Cluny (†1126). Su Ponzio di Melgueil si veda l'innovativo studio di CANTARELLA, 2014b: 61-91.

gli oggetti sacri, gli ornamenti, le gemme e le pietre preziose, chiamate smalti, c'era anche la gran parte della Santa Croce del Nostro Signore Gesù Cristo e un oggetto fatto quasi a forma di libro del Vangelo. Così come si racconta, quest'opera fu composta con grande studio e diligenza dall'allora arcivescovo di Cappadocia San Basilio di Cesarea e per tutto il tempo in cui visse fu tenuta e custodita con grande riverenza, come abbiamo detto sopra, almeno fino alla morte dell'arcivescovo, poco prima dell'invasione dei barbari, che lasciò questi oggetti a suo nipote Mesopotamio.

III. Con questi preziosi oggetti, come abbiamo già detto, Mesopotamio arrivò nella città reale e fu così ben accolto e preso sotto la sua protezione dall'imperatore che nel suo Palazzo gli si tributò la dignità dei primi. L'imperatore, inoltre, gli diede in sposa sua nipote secondo il costume dei Greci. Anche quando Michele fu espulso e sconfitto da Alessio, il quale perseguitò con forza i consanguinei e i *familiari* di Michele, Mesopotamio fu sempre tenuto in grande considerazione e non fu mai privato dei suoi beni. Mesopotamio morì alcuni anni dopo e lasciò in eredità a sua moglie tutti gli ornamenti, le sacre reliquie e la grande opera di San Basilio. La consorte, però, dopo la morte di Mesopotamio aveva a poco a poco cominciato a vedere ridotti i suoi mezzi di sostentamento e a correre il rischio di diventare povera.

IV. Mentre accadeva tutto ciò, Maurizio arcivescovo di Braga, di ritorno dal suo pellegrinaggio a Gerusalemme, insieme ai suoi compagni di viaggio arrivò a Costantinopoli, dove dimorò per qualche tempo e dove divenne famoso e benvenuto presso i grandi della città e del Palazzo, compreso lo stesso imperatore Alessio. Dopo qualche tempo, Maurizio chiamò uno tra i molti che là cominciarono a circondarlo e gli chiese dove in quella città così grande potesse reperire un oggetto, sia acquistandolo che ottenendolo in dono, che fosse degno di ammirazione e venerazione da poter riportare con sé nella sua patria per poterlo custodire e celebrare. L'uomo gli fece menzione allora delle sacrosante reliquie delle quali noi abbiamo parlato in questo scritto.

V. E in seguito cosa accadde? Maurizio si recò dalla signora. Il più anziano arcivescovo gli fece delle domande e dimostrò astutamente che era meglio che fosse lui a custodire la reliquia della Croce del Signore, la quale doveva essere onorata in un luogo celebre e santo dai servi di Dio e degnamente vigilata e ossequiata con salmi e concerti. Dio era offeso e per questo avrebbe vinto una così grave povertà. Fu tutta quella miseria, infatti, a costringerla a privarsi di quelle sacre e meravigliose pietre preziose e voleva venderle ad un prezzo alto. Tuttavia trovandosi riunita con il sacerdote e per paura di offenderlo e d'accordo con lui, per la garanzia della sua santità, si privò delle reliquie per un prezzo molto più basso di quello che avrebbe fatto a un greco o a un suo familiare se li avessero portati via con sé. La suddetta donna aveva paura della reazione violenta dell'imperatore, il quale cercava di mettere, con qualsiasi pretesto, il suo sacrosanto sigillo sulle reliquie. L'Imperatore e il Signore di tutti [Dio, *scil.*], la cui volontà è potenza, scelse però di cingere di tanti e tali gioielli la sua sposa, ossia la Chiesa cluniacense.

VI. Dato che aveva ottenuto ciò che aveva desiderato, il signore [Maurizio, *scil.*] era molto contento e chiese per tempo congedo all'imperatore e da lui ottenne una guida per sé e per i suoi compagni di viaggio, un uomo di Palazzo di nome Bonifacio, che li accompagnò fino ai confini dell'impero di Costantinopoli. Una volta arrivati dall'altra parte del confine e fattosi più sicuro nel frattempo, l'arcivescovo mostrò a Bonifacio in una cappella tutto quello che aveva portato dalla Grecia, sia quello che gli era stato donato che quello che aveva comprato. E quando Bonifacio vide la suddetta Santa Croce del Signore si rivolse così a Maurizio: «*In che modo, chiese, attraverso quali*

favori sei riuscito ad ottenere una così sacra e venerabile reliquia? Questa è la tabula del grande e santo Basilio che contiene la gran parte della Croce del Signore che l'arcidiacono Mesopotamio aveva portato a Costantinopoli da Cesarea in Cappadocia». La sua testimonianza rese ancora più certo e felice l'arcivescovo che con la protezione di Dio ritornò senza problemi nell'Hispania, la sua patria.

VII. Tuttavia l'Hispania, così come la Chiesa di Braga, in quel tempo era attraversata da una grande inquietudine sia per la recente morte del re Alfonso [VI, *scil.*] che per le aspirazioni al regno del conte Enrico. Il suddetto arcivescovo resosi conto e molto preoccupato per la difficile situazione in patria, decise sapientemente di nascondere il suo inestimabile tesoro nel monastero cluniacense di Carrión, pensando nel frattempo al luogo con più onore nel quale collocare le sante reliquie oggetto di adorazione. Alla fine decise di inviarle a Cluny, per avere come buona ricompensa per la sua anima l'iscrizione del suo nome nel memoriale del monastero, dove furono portate solennemente e con riverenza dal fedele balivo, il monaco Dalmazzo, al cospetto dell'abate Ponzio e di tutti i monaci di Cluny il giorno 26 luglio nell'anno dall'Incarnazione del Signore 1112, ad onore e gloria del Signore Nostro Dio Gesù Cristo. Amen.

Tradução portuguesa:

O Criador onnipotente e benigno moderador, Deus, entre os magníficos e verdadeiramente grandes e numerosos benefícios com que admiravelmente alimentou e exaltou, de uma maneira ou de outra, esta Igreja de Cluny desde a sua fundação, fazendo-lhe homenagem com grandes laudes, dignou-se honrá-la e exaltá-la nos nossos tempos, ou seja, sob o senhor abade Pôncio. E qual foi a maneira, ou como aconteceu, vamos agora explicar.

I. Alguns anos antes, no tempo do imperador de Constantinopla Miguel, a quem sucedeu Aleixo, no tempo em que o homem de Deus, o venerável abade Hugo [Hugo de Semur, abade de Cluny, *scil.*] se ocupava do rebanho de Deus, os Turcos, povo detestável e profano, longe da vontade de Deus, irrequietos junto às fronteiras da Pérsia e das regiões vizinhas, como é já conhecido por quase todos, ocuparam impetuosamente a Síria, a Palestina, a Capadócia, incluída a célebre cidade de Antioquia e quase todo o território do império romano. Os Turcos infligiram penas terríveis ao povo cristão e um número elevadíssimo de pessoas foi assassinado; destruíram as igrejas, profanaram os santuários de Deus e qualquer objeto sagrado e ornamentos das igrejas que caíram nas suas mãos, destruíram-nos e dispersaram-nos completamente.

II. Mas poucos dias antes deste povo muito feroz ocupar com grande ímpeto Cesareia na Capadócia, o arcebispo que então administrava aquela diocese e aquela província morreu em paz segundo a Vontade de Deus. O arcebispo Mesopotâmio, sobrinho do bispo defunto, um homem sábio e honesto, ficou sozinho a tomar conta daquela Igreja desolada. Ele, abalado e assustado pelos bárbaros, sem esperança de poder levantar uma defesa eficaz contra eles, levou consigo para Constantinopla tudo o que tinha de mais valioso, importante e santo que ele tinha conseguido reunir na Igreja de Capadócia. Entre os objetos sagrados, os ornamentos, as gemas e as pedras preciosas, chamadas esmaltes, estava também um grande pedaço da santíssima Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo e um objeto semelhante a um livro do Evangelho. Diz-se que esta obra foi composta com grande estudo e diligência pelo então arcebispo de Capadócia São Basílio de Cesareia e durante todo o tempo em que ele viveu prestaram grande reverência e tiveram-no sob custódia, pelo menos, como referimos antes, até à morte do arcebispo, ocorrida pouco antes da invasão dos bárbaros, que deixou todos os objetos ao seu sobrinho Mesopotâmio.

III. Com estes objetos preciosos, como já foi dito, Mesopotâmio chegou à cidade real e foi tão bem acolhido e tomado sob a proteção do imperador que no seu Palácio lhe deu a dignidade dos primeiros; além de mais, o imperador deu-lhe por esposa a sua sobrinha segundo o costume dos gregos. Também quando Miguel foi expulso e derrotado por Aleixo — que perseguiu com violência os consanguíneos e os familiares de Miguel —, Mesopotâmio foi sempre tido em grande consideração e nunca foi privado dos seus bens. Mesopotâmio morreu alguns anos depois e deixou em herança a sua mulher todos os ornamentos, as sagradas relíquias e a grande obra de Basílio. A consorte, contudo, depois da morte de Mesopotâmio viu, pouco a pouco, reduzirem-se os seus meios de subsistência, correndo o risco de ficar pobre.

IV. Porém, enquanto tudo isto acontecia, Maurício, arcebispo de Braga, regressando da sua peregrinação a Jerusalém, juntamente com os seus companheiros de viagem alcançou Constantinopla, onde viveu durante algum tempo e onde se tornou famoso e bem-vindo entre os grandes da cidade e do Palácio, incluindo o imperador Aleixo. Mais tarde, entre os muitos que aí começaram a rodeá-lo, chamou e perguntou a um deles onde naquela cidade tão grande poderia encontrar um objeto, comprando ou recebendo em dádiva, que fosse digno de admiração e veneração para o poder levar consigo para a sua pátria, para aí o poder guardar e celebrar. O homem falou-lhe, então, das sacrossantas relíquias a que nos temos referido neste texto.

V. E que aconteceu depois? Maurício dirigiu-se à viúva de Mesopotâmio. O velho arcebispo fez-lhe várias perguntas e demonstrou-lhe, astutamente, que seria melhor ser ele a custodiar a relíquia da Cruz do Senhor e que era preferível que fosse honrada num lugar célebre e santo pelos servos de Deus, dignamente vigiada e louvada com salmos e cânticos. Deus fora ofendido e por isso queria vencer tão gravosa pobreza. De facto, foi toda aquela pobreza que obrigou a mulher a privar-se daquelas sagradas e maravilhosas pedras preciosas. Ela queria vendê-las por um alto preço. No entanto, encontrando-se reunida com o sacerdote, com medo de ofendê-lo e com o seu acordo e pela garantia da sua santidade, privou-se daquelas relíquias por um preço muito mais baixo do que teria exigido a um grego ou a um seu familiar se as tivessem levado com eles. A referida mulher tinha medo da reação violenta do imperador, que muitas vezes procurara, através de qualquer direito, impor o seu sacrossanto sigilo sobre as relíquias. Mas o Imperador e Senhor de todos [Deus, *scil.*], cuja vontade é poder, escolheu, porém, de cumular com tantas e tais jóias sua esposa, ou seja, a Igreja cluniacense.

VI. Uma vez obtido o que desejava, o senhor [Maurício, *scil.*] que estava muito contente, pediu com tempo ao imperador licença para partir, obtendo um guia para si e para os seus companheiros de viagem, um homem do Palácio chamado Bonifácio, que os conduziu até às fronteiras do Império de Constantinopla. Uma vez chegados ao outro lado da fronteira, o arcebispo, que, entretanto, se sentia mais seguro, mostrou a Bonifácio numa capela tudo o que tinha trazido da Grécia, tanto aquelas coisas que lhe tinham sido doadas, como as que ele tinha comprado. E quando Bonifácio viu a referida Cruz do Senhor, disse assim a Maurício: «*De que maneira, perguntou, e através de que favores conseguiste obter uma tão sagrada e venerável relíquia? Esta é a tábula do grande e Santo Basílio que tem a maior parte da Cruz do Senhor, que o arcebispo Mesopotâmio trouxe para Constantinopla desde Cesareia da Capadócia*». O testemunho tornou ainda mais seguro e contente o arcebispo que, com a proteção de Deus, regressou sem problemas à Hispânia, a sua pátria.

VII. No entanto, na Hispânia, assim como na Igreja de Braga, havia naquela altura muita preocupação, tanto com a recente morte do rei Afonso [VI, *scil.*], como com as aspirações ao trono do conde Henrique. O arcebispo acima mencionado preocupou-se muito com a difícil situação da sua pátria e decidiu esconder o seu inestimável tesouro no mosteiro cluniacense de Carrión, pensando, entretanto, no local onde, com mais e melhor honra, poderia colocar as sagradas relíquias dignas de adoração. Finalmente, ele decidiu enviá-las para Cluny, a fim de ter como recompensa para a sua alma a inscrição do seu nome no memorial do mosteiro, para o qual as relíquias foram solenemente e com reverência levadas pelo fiel servidor, o monge Dalmácio, até à presença do abade Pôncio e de todos os monges de Cluny, no dia 26 de julho do ano da Encarnação do Senhor de 1112, para honra e glória de Nosso Deus Jesus Cristo. Amém.

5) *Chronica Albrici monachi Trium Fontium a monacho novi monasterii Hoiensis interpolata*. Ed. Paul Scheffer-Boichorst (MGH, *Scriptores*, XXIII). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1874, p. 822.

Nota biografica: L'autore è Alberico monaco dell'abbazia cistercense di Trois-Fontaines (nell'attuale dipartimento francese della Marne) morto dopo il 1252.

Opera: Si tratta di una storia universale fino all'anno 1241.

Edizioni/Traduzioni principali: *Chronica Albrici monachi Trium Fontium monachi*. Ed. par des Religieux bénédictins de la congrégation de de Saint-Maur (*Recueil des historiens des Gaules et de la France*, IX). Paris: Aux Dépens des Libraires Associés, 1757, p. 57-67. *Chronica Albrici monachi Trium Fontium monachi*. Ed. par des Religieux bénédictins de la congrégation de de Saint-Maur (*Recueil des historiens des Gaules et de la France*, X). Paris: Aux Dépens des Libraires Associés, 1760, p. 285-289. *Chronica Albrici monachi Trium Fontium monachi*. Ed. par des Religieux bénédictins de la congrégation de de Saint-Maur (*Recueil des historiens des Gaules et de la France*, XI). Paris: Delatour et Compagnie, 1767, p. 349-363. *Chronica Albrici monachi Trium Fontium monachi*. Ed. par des Religieux bénédictins de la congrégation de de Saint-Maur (*Recueil des historiens des Gaules et de la France*, XIII). Paris: Desaint, 1786, p. 683-715; *Chronica Albrici monachi Trium Fontium monachi*. Ed. Michel Jean-Joseph Brial (*Recueil des historiens des Gaules et de la France*, XVIII). Paris: Imprimerie Royale, 1822, p. 745-796. *Chronica Albrici monachi Trium Fontium monachi*. Ed. M. Guigniat et de Wally (*Recueil des historiens des Gaules et de la France*, XXI). Paris: Imprimerie Royale, 1855, p. 594-630. *Chronica Albrici monachi Trium Fontium a monacho novi monasterii Hoiensis interpolata*. Ed. Paul Scheffer-Boichorst (MGH, *Scriptores*, XXIII). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1874, p. 631-950.

Bibliografia essenziale: MOISAN, André (1987) — *Clercs et légendes épiques: Hélinand de Froidmont, Aubri de Trois-Fontaines, Vincent de Beauvais et la Chronique du pseudo-Turpin*. In *Au carrefour des routes d'Europe: la chanson de geste*. Aix-en-Provence: Publications du Cier Ma, 1987, p. 913-925. SCHMIDT-CHAZAN, Mireille (1984) — *Aubri de Trois-Fontaines, un historien entre la France et l'Empire*. «Annales de l'Est», vol. 36, p. 163-192. TYL-LABORY, Gillette (1992) — «Aubri de Trois-Fontaines». In HASENOHR, Geneviève; ZINK, Michel, *coord.* — *Dictionnaire des lettres françaises: le Moyen Âge*. Paris: Fayard, p. 110-111. Si veda inoltre il sito ARLIMA (Archives de Literature du Moyen Âge). Disponibile in <https://www.arlima.net/ad/alberic_de_trois-fontaines.html>. [Consultazione realizzata on-line il 07/12/2017].

Anno 1118. [...] Ioannes Gaietanus qui et Gelasius papa Cluniaci moritur et sepelitur. Consensu omnium episcoporum tam Germanie quam et Gallie cum Romanis habito, domnus Guido Viennensis archiepiscopus in papam eligitur et Calixtus vocatur, et designatus Cluniaci benedictur. Quia in illa dissensione, in qua Henricus imperator Paschalem papam Rome ceperat, iste fortiter et probe pro ecclesia stetit, quod iam innotuerat omnibus; idcirco in eius electione citius transit communis omnium consensus.

Anno 1120. [...] Burdinus pseudopapa — attondetur¹⁷⁵.

Traduzione italiana:

Anno 1118. Giovanni di Gaeta, Papa Gelasio, morì e fu sepolto a Cluny. Con il consenso di tutti i vescovi, tanto della Germania quanto della Gallia, e secondo il costume romano fu eletto papa e consacrato a Cluny Guido arcivescovo di Vienne, chiamato Callisto. A causa di quel conflitto, nel quale l'imperatore Enrico catturò il Papa Pasquale a Roma, Callisto II combatté per la Chiesa probabilmente con ancora più forza, una cosa ormai riconosciuta da tutti, e per questo motivo la sua elezione fu molto rapida e decisa all'unanimità.

Anno 1120. Burdino pseudopapa fu tonsurato.

Tradução portuguesa:

Ano de 1118. João de Gaeta, o Papa Gelásio, morreu e foi enterrado em Cluny. Com o consenso de todos os bispos tanto da Alemanha como da Gália, e segundo o costume romano, foi eleito Papa Guido, arcebispo de Vienne, chamado Calisto e consagrado em Cluny. Em virtude daquele conflito, durante o qual o imperador Henrique capturou o Papa Pascoal II em Roma, Calisto II, provavelmente ainda com mais força, lutou pela Igreja, algo já reconhecido por todos; por esta razão a sua eleição foi muito rápida e com o consenso de todos.

Ano de 1120. Burdino, antipapa, foi tonsurado.

6) Ex *Gaufridi de Collone. Chronicon*. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, *Scriptores*, XXVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1882, p. 616.

Nota biografica: Dell'autore Geoffreoy de Coulorn si hanno pochissime notizie. Sappiamo soltanto che fu monaco presso il monastero di Saint-Pierre-le-Vif (Sens, Francia) e morì verso il 1295.

Opera: La cronaca del monastero di Saint-Pierre-Le-Vif fu redatta alla fine del XIII secolo. L'opera non è un lavoro originale di Geoffroy de Courlon, ma una compilazione storica basata su numerosi autori tra cui Goffredo di Viterbo e Martino di Opava.

¹⁷⁵ Il verbo latino *attondēo* (radere, tosare) utilizzato nella fonte rimanda alla tonsura monastica, in quanto secondo molte fonti una volta catturato da Callisto II, Maurizio non solo fu rinchiuso nel monastero di Cava, ma fu anche ridotto alla condizione di monaco, si veda anche il caso di Sugerio di Saint-Denis, ma anche in questo caso non c'è nessuna menzione del fatto che egli fosse stato in passato monaco cluniacense. Cfr. il dizionario latino Olivetti. Disponibile in <<https://www.dizionario-latino.com/dizionario-latino-italiano.php?parola=attondeo>>. [Consultazione realizzata on-line il 17/06/2020].

Edizioni/Traduzioni principali: *Chronique de l'abbaye de Saint-Pierre-Le-Vif de Sens par Geoffroy de Courlon*. Ed. Gustave Julliot. Paris: Duchemin, 1876, p. I-XIV (l'edizione contiene la traduzione dell'opera in francese). Ex *Gaufridi de Collone. Chronicon*. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, Scriptores, XXVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1882, p. 613-622.

Bibliografia essenziale: *Histoire Littéraire de la France*. Ed. Membres de l'Institut Académie des Inscriptions et Belles Lettres. Vol. XXI. Nendeln; Liechtenstein: Kraus Reprint, 1971, p. 1-20. Ristampa. *Chronique de l'abbaye de Saint-Pierre-Le-Vif de Sens par Geoffroy de Courlon*. Ed. Gustave Julliot. Paris: Duchemin, 1876, p. I-XIV. Ex *Gaufridi de Collone. Chronicon*. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, Scriptores, XXVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1882, p. 613-614.

Anno [Domini] 1114. Calixtus II.....Defuncto Gelasio, apud Clugniacum a cardinalibus est electus. Post hec venit Rome, ubi papam invenit [nomine] Burdinum per imperatorem male impositum. Quem extra civitatem deductum, camelum desuper sedere fecerunt et in civitatem adduxerunt, retroversa fatie, cameli caudam tenentem, et tunc in carcerem ponitur. Et sic istud proverbium, immo trufa, Rome deducitur: «Asine Burdine asino Burdino!».

Traduzione italiana:

Anno del Signore 1114. Callisto II [...], morto Gelasio, fu eletto a Cluny dai cardinali. Successivamente venne a Roma, dove trovò l'uomo [di nome] Burdino imposto con cattiveria dall'imperatore. Una volta portato fuori dalla città, lo fecero salire su di un cammello, seduto al contrario, con la coda dell'animale tra le mani e una volta riportato indietro a Roma lo chiusero in carcere. E così a Roma ebbe origine il detto, piuttosto ingiurioso, «*Oh asino Burdino!!! All'asino Burdino!!!*».

Tradução portuguesa:

Ano do Senhor de 1114. Calisto II [...], falecido Gelásio, foi eleito em Cluny pelos cardeais. Mais tarde chegou a Roma, onde encontrou um homem [de nome] Burdino imposto com maldade pelo imperador. Uma vez levado para fora da cidade, Burdino foi colocado sobre um camelo, sentado ao contrário, com a cauda do animal entre as suas mãos e trazido de volta para Roma onde ficou encarcerado. E assim em Roma teve origem o lema, bastante injurioso «*Oh burro Burdino!!! Ao burro Burdino!!!*».

Impero

(Regno di Germania, Ducato di Baviera, Marca d'Austria, Sassonia, Contea delle Fiandre, Verdun, Metz, Liegi, Strasburgo, Basilea)

1) *Chronicon Rythmicum*. Ed. Wilhelm Wattenbach (MGH, Scriptores, XII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1856, p. 418-419.

Nota biografica: L'opera è anonima anche se gli studiosi hanno offerto varie possibilità di identificazione dell'autore del *Chronicon Rythmicum*. C. de Clerq aveva individuato, ad esempio, l'autore in Reimbaldo di Liegi, un canonico della cattedrale cittadina di San Lamberto vissuto nella prima metà del XII secolo. Altri studiosi ritengono invece che sia molto difficile stabilire chi

sia esattamente l'autore del *Chronicon*, identificandolo comunque con un canonico di Liegi delle chiese collegiate di San Michele o San Bartolomeo.

Opera: Il *Chronicon Rythmicum* è un componimento in latino di cinquecento versi redatto intorno al 1119. L'opera descrive alcuni importanti eventi, comprese delle catastrofi naturali, che interessarono la città di Liegi negli anni che vanno dal 1117 al 1119.

Edizioni/Traduzioni principali: *Chronicon Rythmicum*. Ed. Wilhelm Wattenbach (MGH, Scriptores, XII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1856, p. 415-421. *Chronicon rhythmicum Leodiense*. In DECLERQ, Charles, coord. — *Reimbaldi Leodiensis opera omnia*. Vol. IV. Turnhout: Brepols, Corpus Christianorum Medievalis, 1966, p. 124-140.

Bibliografia essenziale: DE MOREAU, Edouard (1936) — *Les derniers temps de la Querelle des Investitures à Liège. De la mort d'Henri IV au Concordat de Worms (1106-1122)*. «Bulletin de la Commission royale d'histoire. Académie royale de Belgique», vol. 100, n.° 1, p. 301-348. RENARDY, Christine (1979) — *Les écoles liégeoises du IXe au XIIe siècle: grandes lignes de leur évolution*. «Revue belge de Philologie et d'Histoire», vol. 57, n.° 2, p. 309-328. ÉVRARD, Étienne (1980-1981) — *Études sur le Chronicon rhythmicum Leodiense*. «Annuaire d'histoire liégeoise», vol. 21, p. 115-195. SILVESTRE, Hubert (1986) — *Pour une nouvelle édition du "Chronicon rhythmicum Leodiense"*, «Mittelateinisches Jahrbuch», vol. 20, p. 116-123. ÉVRARD, Étienne (2001) — *Un texte manipulé: le Chronicon rhythmicum Leodiense*. In GOULLET, Monique; PARISSE, Michel, coord. — *Les historiens et le latin médiéval*. Paris: Éditions de la Sorbonne, p. 195-200. Per una bibliografia sul tema BAYER, Clemens M. M. (2006) — *Les fonts baptismaux de Liège: qui les bœufs soutenant la cuve figurent-ils? Étude historique et épigraphique*. In XHAYET, Geneviève; HALLEUX, Robert, coord. — *Études sur les fonts baptismaux de Saint-Barthélemy à Liège*. Liège: Éditions du CEFAL, p. 103-110. DE GRIECK, Pieter-Jan (2010) — *Chronicon Rhythmicum Leodiense*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_00636>. [Consultazione realizzata on-line il 17/02/2018].

Obit Romae Romanus pontifex,
Cuius morte fit error multiplex,
Succedente ei Gelasio
Et Hispano quodam Gregorio.
Hinc facta est motio Galliae,
Unitatem scindens ecclesiae,
Episcopis primo faventibus,
Et secundo regis fautoribus;

Sed in tanto turbine omnium,
Inconvulsum manet Leodium.

Traduzione italiana:

Morto a Roma il pontefice romano,
La cui morte causò un errore molteplice,
Gli successe Gelasio,
E l'ispano Gregorio,

Per questo Gelasio si recò nelle Gallie,
 E si ruppe l'unità della Chiesa,
 I vescovi appoggiando il primo,
 I fautori del re il secondo;

Ma nella confusione in cui tutti versavano,
 La città di Liegi rimase salda nelle fede.

Tradução portuguesa:

Morto em Roma o pontífice romano,
 Cuja morte causou um erro múltiplice,
 Sucedeu-lhe Gelásio,
 E o Hispano Gregório,
 Devido a isto Gelásio viajou até as Gálias,
 E rompeu-se a unidade da Igreja,
 Os bispos apoiaram o primeiro,
 Os partidários do rei o segundo;

Mas na confusão em que todos estavam,
 A cidade de Liège permaneceu forte na fé.

2) *Hessionis Scholastici. Relatio de concilio remensi.* Ed. Wilhelm Wattenbach (MGH, *Scriptores*, XII). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1856, p. 428.

Nota biografica: Dell'autore dell'opera abbiamo pochissime informazioni; sappiamo soltanto che Essone fu un canonico della cattedrale di Strasburgo intorno agli anni 1116-1119.

Opera: La fonte riporta gli atti del Concilio di Reims dell'ottobre del 1119 indetto da papa Callisto II, nel quale fallì il tentativo di una riconciliazione tra il papa e l'imperatore Enrico V. Al termine del concilio, infatti, sia l'imperatore che Maurizio «Burdino» furono scomunicati da Callisto II.

Edizioni/Traduzioni principali: *Hessionis Scholastici. Relatio de concilio remensi.* Ed. Wilhelm Wattenbach (MGH, *Scriptores*, XII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1856, p. 422-428. *Hessionis Scholastici. Relatio de concilio remensi.* Ed. Wilhelm Wattenbach (MGH, *Libelli de lite imperatorum et pontificum*, III). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1897, p. 21-28.

Bibliografia essenziale: MEYER VON KNONAU, Gerold (1909) — *Jahrbücher des Deutschen Reiches unter Heinrich IV. und Heinrich V.* Vol. VII. Leipzig: Duncker & Humblot, 1909, p. 118-136. CHODOROW, Stanley (1971) — *Ecclesiastical Politics and the Ending of the Investiture Contest: The Papal Election of 1119 and the Negotiations of Mouzon.* «*Speculum*», vol. 46, p. 629-637. STROLL, Mary (1980) — *Calixtus II: A Reinterpretation of His Election and the End of Investiture Contest.* «*Studies in Medieval and Renaissance History*», vol. 3, p. 1-53. STROLL, Mary (2004) — *Calixtus II (1119-1124). A Pope born to rule.* Leiden; Boston: Brill, p. 366-368. SCHILLING, Beate (1998) — *Guido von Vienne-Papst Calixt II.* Hannover: MGH, p. 413-426. Si veda inoltre la voce *Hesso scholasticus Argentinensis.* In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters.* Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repPers_104356235.html>. [Consultazione realizzata on-line il 28/11/2019].

[...] Recitata sunt multorum nomina quos praecipue excommunicare proposuerat domnus papa, inter quos primi nominati sunt rex Heinricus et Romanae ecclesiae invasor Burdinus, et prae ceteris, et cum ceteris multis sollemniter excommunicati. Absolvit etiam domnus papa auctoritate apostolica a fidelitate regis omnes quotquot ei iuraverant, nisi forte respiceret et ecclesiae Dei satisfaceret. [...] Quod vidi et audivi, fideliter, quanto brevius potui, pedestri sermone descripsi.

Traduzione italiana:

[...]. Furono pronunciati [nel concilio di Reims, *scil.*] molti nomi, che furono proposti al papa per la scomunica; tra i primi c'erano quelli del re Enrico e di Burdino, l'invasore della Chiesa romana, i quali furono sollemnemente scomunicati insieme ad altri. Per mezzo dell'Autorità Apostolica, il papa sciolse inoltre dal vincolo di fedeltà tutti quelli che avevano prestato giuramento ad Enrico, a meno che egli [l'imperatore, *scil.*] non tornasse indietro e chiedesse perdono alla Chiesa di Dio [...]. Quello che vidi e ascoltai, fedelmente e nella maniera più breve possibile, descrissi in questo testo in prosa.

Tradução portuguesa:

[...]. Foram pronunciados [no concílio de Reims, *scil.*] muitos nomes que foram apresentados ao papa para excomunhão, entre os quais, os primeiros nomeados eram o do rei Henrique e o de Burdino, o invasor da Igreja Romana; com muitos outros foram solenemente excomungados. O papa, pela Autoridade Apostólica, libertou também do vínculo de fidelidade todos aqueles que tinham jurado a Henrique, a menos que ele [o imperador, *scil.*] voltasse atrás e pedisse perdão à Igreja de Deus [...]. O que eu vi e ouvi, fielmente e na maneira mais breve possível descrevi neste texto em prosa.

3) Uodascalculus. De Eginone et Herimanno. Ed. Philipp Jaffé (MGH, Scriptorum, XII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1856, p. 441 e 445-446.

Nota biografica: Odescalco di Augusta (Udalschalk von Augsburg in tedesco) fu monaco e successivamente abate dal 1127 del monastero di Sant'Uldarico e Afra di Augusta. Fu anche cappellano del vescovo di Costanza Ulderico I (1111-1127) e partecipò al primo concilio Lateranense del 1123. Morì intorno al 1152.

Opera: Composta subito dopo il 1120, la fonte non parla direttamente di Maurizio «Burdino», ma di uno dei suoi sostenitori in Germania, il vescovo di Augusta Ermanno. Nella fonte Odescalco racconta del conflitto tra il suo predecessore l'abate Eginone e il vescovo scismatico Ermanno. Quest'ultimo era accusato di simonia per aver comprato la carica e l'investitura da Enrico IV nel 1096 a Verona. Ermanno aveva inoltre appoggiato sia Wiberto/Clemente III, che Maurizio «Burdino»/Gregorio VIII. In due casi nell'opera si fa riferimento a Maurizio e al sostegno che il vescovo di Augusta gli avrebbe dato. In ogni caso Ermanno fu capace di raggiungere un accordo con Papa Callisto II e conservare la sua carica fino al 1133.

Edizioni/Traduzioni principali: *Uodascalculus. De Eginone et Herimanno*. Ed. Philipp Jaffé (MGH, Scriptorum, XII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1856, p. 429-447.

Bibliografia essenziale: VOLKERT, Wilhelm (1977) — *Schriftquellen zur Baugeschichte von St. Ulrich und Afra vom 8. Jahrhundert bis zum Jahr 1467*. In WERNER, Joachim, coord. — *Die Ausgrabungen in St. Ulrich und Afra in Augsburg 1961-1968*. München: Beck, 1977, p. 91-139. HÖRBERG, Norbert (1983) — *Libri Sanctae Aefrae. St. Ulrich und Afra zu Augsburg im 11. und 12. Jahrhundert nach Zeugnissen der Klosterbibliothek*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, p. 157-162 e 236-242. KREUZER, Georg (1997) — *Udalschalk*. In *Lexikon des Mittelalters*. Vol. VIII. München: LexMA-Verlag, p. 1175. PAULUS, Christof (2013) — *Heiligenleben im Investiturstreit. Zu Uodalscalcs De Eginone et Herimanno*. «Concilium medii aevii», vol. 16, p. 1-14. Si vedano inoltre ZOEPFL, Friedrich (1969) — *Hermann*. In *Neue Deutsche Biographie*. Vol. VIII. Disponibile in <<https://www.deutsche-biographie.de/pnd133825256.html#ndbcontent>>. [Consultazione realizzata on-line il 21/05/2019]. *Uodalscalcus Augustensis*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <https://www.geschichtsquellen.de/repPers_119537869.html>. [Consultazione realizzata on-line il 21/05/2019].

22. Tum iterum dictus episcopus¹⁷⁶ in regiae contubernio expeditionis Italiam profiscitur, armata manu iam tertio domum Beati Petri ingreditur; cum excommunicatis communicare non veretur cum anathemizato imperatore. [...]

31. [...] Verum quia, iuxta egregium praedicatorum, oportet haereses esse¹⁷⁷, ut qui *probatum sunt, manifesti fiant, expetente Satana ut cribraret nos sicut triticum*¹⁷⁸, quem defensorem ac propugnatorem sperabamus, ut puta gregis dominici pastorem, Augustensem episcopum, crudelem sensimus persecutorem. Augustensem episcopum¹⁷⁹, crudelem sensimus persecutorem. Qui cum a beatae memoriae Pascali secundo pro diuturna inobedientia in omni pontificali officio fuisset interdictus, atque a successore eius, Gelasio secundo, nec non a sancto adhuc superstite papa Calixto secundo, absque spe cuiusdam recuperandi officii sit dampnatus ab ipsa Apostolica sede [...]. [...] Denique ipso contra ius fasque omnimodis grassante, adeo ut catholicum papam respuere, Burdinum reciperet, nomenque eius in cerei Paschalis recitari praeciperet [...].

Traduzione italiana:

22. In quel tempo, il suddetto vescovo [Ermanno di Augusta, *scil.*] viaggiò in Italia al seguito dell'imperatore [Enrico V, *scil.*], il quale per la terza volta entrò con le armi nella basilica di San Pietro; il vescovo Ermanno non aveva timore di comunicare con l'imperatore contro il quale era stato lanciato l'anatema.

31. [...]. Dal momento che conviene, come dice l'illustre predicatore, «*che ci siano divisioni affinché sia evidente chi è di provata fede, Satana vi ha cercato per setacciarvi come il grano*», colui il quale ritenevamo il nostro pastore e il nostro protettore, il vescovo di Augusta, ora lo vediamo come un crudele persecutore. Essendo stato interdetto dal papa di beata memoria Pasquale II per via della sua lunga disobbedienza in ogni ufficio episcopale, così come dal suo successore, Gelasio II, e così come dal santo e ancora vivente Papa Callisto II, Ermanno fu condannato senza speranza di

¹⁷⁶ Ermanno di Augusta.

¹⁷⁷ Il passo si riferisce a San Paolo, Cor. I, 11:19 «È necessario infatti che sorgano fazioni tra voi, perché in mezzo a voi si manifestino quelli che hanno superato la prova». Disponibile in <<http://www.bibbia.net/>>. [Consultazione realizzata on-line il 29/01/2020].

¹⁷⁸ Luca, 22:31-32 «Simone, Simone, ecco: Satana vi ha cercati per vagliarvi come il grano». Disponibile in <<http://www.bibbia.net/>>. [Consultazione realizzata on-line il 20/01/2020].

¹⁷⁹ Ermanno di Augusta.

recuperare il suo ufficio [...]. [...]. E infine egli [Ermanno di Augusta, *scil.*] ebbe comportamenti di ogni sorta contro la legge e la volontà divina, al punto di ripudiare il papa cattolico e appoggiare Burdino e ordinare di cantare il suo nome durante la celebrazione della Pasqua [...].

Tradução portuguesa:

22. Naquele tempo o referido bispo [Herman de Augsburg, *scil.*] viajou para Itália com o imperador [Henrique V, *scil.*], que pela terceira vez entrou armado na basílica de São Pedro; o bispo Herman não tinha receio de comunicar com o imperador contra o qual tinha sido lançado o anátema.

31 [...]. Desde que, como diz o ilustre pregador, «*E até importa que haja entre vós heresias, para que os que são sinceros se manifestem entre vós*», nós víamos o nosso pastor, o bispo de Augsburg, como nosso protetor, mas agora vêmo-lo como um cruel perseguidor. Tendo sido banido pelo Papa Pascoal II, de santa memória, pela sua longa desobediência no seu ofício episcopal, assim como pelo seu sucessor, Gelásio II, e assim também pelo santo e ainda vivo Papa Calisto II, Herman foi condenado sem esperança de recuperar o seu ofício episcopal [...]. [...]. Por fim, ele [Herman de Augsburg, *scil.*] teve diversificadas atitudes contra a Lei e a Vontade Divinas, chegando ao ponto de repudiar o papa católico e apoiar Burdino, ordenando que cantassem o nome dele durante a celebração da Páscoa [...].

4) *Ekkehardus Uraugiensis. Chronicon Universale*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, VI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1844, p. 253-255.

Nota biografica: Eccheardo fu abate del monastero benedettino di Aura (presso Aura an der Saale, Bad Kissingen, vicino Würzburg in Germania) dal 1108 fino almeno al 1125. Eccheardo proveniva probabilmente dalla nobiltà bavarese e prima di arrivare ad Aura potrebbe essere stato monaco a Mönch in Tegernsee tra il 1102 e il 1103 (nella diocesi di Frisinga, Baviera) e successivamente nell'abbazia di Michelsberg (nella diocesi di Bamberga, Baviera). Eccheardo fu inoltre pellegrino in Terrasanta all'inizio del XII secolo e fu testimone oculare della cosiddetta *Crociata del 1101*, una spedizione minore costituita da una serie di operazioni volte a rafforzare le conquiste e il successo della prima Crociata (1096-1099).

Opera: Ad Eccheardo d'Aura è stata attribuita l'autoria del *Chronicon Universale*, una delle più importanti cronache della Germania medievale, anche se la prima redazione della fonte potrebbe essere stata opera del priore Frutolfo di Michelsberg. Si tratta di una storia universale dalle origini del mondo fino all'anno 1125.

Edizioni/Traduzioni principali: *Ekkehardus Uraugiensis. Chronicon Universale*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, VI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1844, p. 17-265. Dell'opera esiste anche la traduzione in tedesco. Si veda ad esempio PFLÜGER, Wilhelm (1893) — *Die Chronik des Ekkehard von Aura*. Leipzig: Dyksche Buchhandlung.

Bibliografia essenziale: BRESSLAU, Harry (1896) — *Bamberger Studien*. «Neues Archiv der Gesellschaft für Ältere Deutsche Geschichtskunde», vol. XXI, p. 141-234. SCHMALE, Franz-Josef (1971) — *Überlieferungskritik und Editionsprinzipien der Chronik Ekkehards von Aura*. «Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters», vol. 27, p. 110-134. NASS, Klaus

(1996) — *Die Reichschronik des Annalista Saxo und die sächsische Geschichtsschreibung im 12. Jahrhunderte*. Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1996. Sulla biografia di Eccheardo d'Aura si veda LERNER, Robert (1989) — *Ekkerhard of Aura*. In STRAYER, Joseph Reese, coord. — *Dictionary of the Middle Ages*. Vol. IV. New York: Charles Scribner's Sons, p. 417-418. SILVA-TAROUCIA, Carlo — *Eccheardo d'Aura*. In *Enciclopedia Italiana*. Disponibile in <https://www.treccani.it/enciclopedia/eccheardo-d-aura_%28Enciclopedia-Italiana%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 18/05/2020]. SCHMALE-OTT, Irene (1961) — *Frutolf*. In *Neue Deutsche Biographie*, vol 5. Disponibile in <<https://www.deutsche-biographie.de/sfz17851.html>> e *Ekkehardus Uraugiensis*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <https://www.geschichtsquellen.de/repPers_118688529.html>. [Consultazione realizzata on-line il 16/05/2019].

A. D. 1118. Domnus apostolicus Paschalis secundus, diutina purificatus aegritudine, presentem in Domino vita finivit. Pro quo Iohannes Caietanus, vir prudens et venerandus in Romana semper aecclesia inreprehensibiliter eidem apostolico collaborans, eligitur et cunctorum catholicorum unanimi consensu rite consecratur. [...] Heinricus imperator, dum Paduanis regionibus immoraretur audito transitu apostolici, Romam properavit, et primo quidem in electione domni, qui et Gelasius II. dictus est, assensum prebens, postea vero eodem a sua se communionem subrahente, non sine quorundam Romanorum favore alterum quendam Burdinum, ex Hispania supervenientem, apostolicae sedi imposuit; sicque scisma, quod iam sperabatur emortuum, crudeliter revixit. Nam eodem Romanae kathedrae libere potito, Gelasius cum his qui secum abierant cardinalibus caeterisque catholicis quos congregare poterat, apud Capuam, iuxta quod litterae ab ipso circumquaque transmissae testantur, caesarem una cum ydolo suo dampnavit¹⁸⁰. Hinc per Campaniam cum suis ad Burgundiam Iohannis transmigravit, ac Viennae synodum congregari constituit.

A. D. 1119. Domnus apostolicus Gelasius II. apud Viennam synodum congregavit, eaque transacta, post paucos dies in monasterio Cluniacensi vitam presentem in Domino finivit. Quo ut decuit, honorifica ibidem sepultura deposita, qualiter domnus Milo, Viennensis archiepiscopus in locus eius successerit [...] His etiam temporibus Cuono Prenestinus¹⁸¹, adhuc legatione Gelasii functus, synodum Coloniae cum Teutonicis habuit, ubi imperatoris omnimodis excommunicationem propalavit. Alteram quoque synodum in Friteslar¹⁸² eadem pro causa indixit; qua et habita, eandem quam prius excommunicationem confirmavit, imperatori, his auditis, insuper etiam quod principum consensus generale vel curiale colloquium non multo post apud Wirciburg¹⁸³ instituere proposuisset, ubi ipse aut presens ad audientiam exhiberi aut ausens regno deponi debuerit, efferatus animo,

¹⁸⁰ Il passaggio dell'opera di Eccheardo potrebbe far riferimento alla lettera che Gelasio II inviò da Capua a Cuno di Preneste (si veda la nota successiva) nella quale il papa lo informò della scomunica di Enrico V e Maurizio «Burdino», si veda JL 4891 (Capua aprile 18 1118) = PL, CLXIII, Gelasii papae ep. IX, cols. 492-493. Lo stesso papa Gelasio aveva inviato una lettera simile anche ai romani per incitarli a resistere con Enrico V e Maurizio «Burdino» e ai vescovi della Gallie per informarli di quanto era accaduto a Roma dopo la sua elezione. Si vedano le lettere JL 4882 (Gaeta marzo 10 1118) = PL, CLXIII, Gelasii papae ep. II, coll. 487 e JL 4884 (Capua marzo 16 1118) = PL, CLXIII, Gelasii papae ep. IV, coll. 489.

¹⁸¹ Cuno, Cunone o Kuno fu vescovo-cardinale di Preneste e uno degli uomini più fidati di Pasquale II, Gelasio II e Callisto II. Divenne cardinale nel 1107-1108 e fu impiegato in numerose missioni diplomatiche per conto del Papato. Dopo l'elezione di Gelasio II e l'arrivo dell'imperatore a Roma con la conseguente elezione di Maurizio «Burdino» come Gregorio VIII, Cuno di Preneste fu impegnato in un'importante legazione nel regno di Germania per cercare di sostenere la causa di Gelasio II presso i principi e i vescovi tedeschi. Per una biografia di Cuno di Preneste rinvio a HÜLS, 1977: 113-116.

¹⁸² Fritzlär è una città tedesca ubicata a circa centoquaranta chilometri a nord-ovest di Francoforte sul Meno.

¹⁸³ Sulla legazione di Cuno di Preneste in Germania nel biennio 1118-1119 si veda STROLL, 2004: 220-221.

Italiae suis copiis cum regina¹⁸⁴ relictis, Germanicis se regionibus nimis insperatus exhibuit¹⁸⁵. [...] Ipse quoque non multus post¹⁸⁶ ad Italiam conversus, incredibile memoratu est, quanto tripudio quamque immensa pompa non solum totius Romae, verum etiam universarum provinciarum quas pertransierat, Christi vice sit susceptus. Ab illo tempore tam ipse iam vere apostolicus quam universus illum sequens Christi grex de die in diem proficere coepit, donec cuncta pars Burdini, quem aliqui Ydolum cognominare solent, in dies infirmata, conari contra aecclesiam desiit; regni tamen coepta commotio — ahc scelus! — nullatenus quievit.

Traduzione italiana:

Purificato dalla lunga malattia, l'Apostolico Pasquale II terminò i suoi giorni davanti a Dio. Per questo motivo Giovanni di Gaeta, uomo saggio e venerando, che sempre e in maniera irreprensibile collaborò con il medesimo Apostolico e la Chiesa Romana, fu eletto da tutti i cattolici e con unanime consenso fu consacrato ritualmente [...].

L'imperatore Enrico che in quel momento si trovava nelle regioni padane, appreso dell'avvicendamento apostolico tra Pasquale e Gelasio, si affrettò a recarsi a Roma, in primo luogo per dare il suo assenso all'elezione di Giovanni, chiamato Gelasio II. Successivamente invece, l'imperatore si sottrasse alla sua comunione e non senza il favore di alcuni dei romani impose nella Sede Apostolica un altro, un certo Burdino, che veniva dall'*Hispania*. Così lo scisma, che ormai si sperava fosse alle spalle, rivisse crudelmente. Infatti, ottenuta liberamente la Cattedra romana, con i cardinali che se ne erano andati con lui e con il resto dei cattolici che aveva potuto congregare, come testimonia esattamente la lettera trasmessa al suo circolo, Gelasio a Capua condannò il cesare insieme al suo idolo. Dalla Campania Gelasio si trasferì con i suoi uomini in Borgogna e indisse una sinodo a Vienne.

Anno del Signore 1119. L'Apostolico convocò una sinodo a Vienne e passato per quel luogo, dopo pochi giorni morì al cospetto di Dio nel monastero di Cluny. Così come gli si conveniva, a Gelasio fu data una sepoltura onorevole e in questo modo il signore Guido arcivescovo di Vienne gli successe in quel luogo [...]. A quei tempi Cuno di Preneste, che fungeva da legato per conto di Gelasio, organizzò una sinodo nella città di Colonia con i teutonici, sinodo nella quale diffuse la notizia della scomunica dell'imperatore. Fu indetta anche un'altra sinodo per la stessa ragione a Fritzlar, nella quale fu confermata la scomunica della precedente sinodo. Quando l'imperatore seppe tutto ciò e che inoltre era stato proposto di organizzare, con il consenso generale dei principi e della corte, un incontro a Würzburg nel quale l'imperatore Enrico o presente o assente sarebbe stato depresso dal regno, con l'animo inferocito lasciò l'Italia con la regina e le sue truppe e si presentò molto rapidamente nelle regioni germaniche [...]. Non molto tempo dopo Callisto II tornò in Italia e fu ricevuto trionfalmente ed in pompa magna non solo a Roma, ma in tutte

¹⁸⁴ Matilde d'Inghilterra, consorte di Enrico V. Si veda la nota n.° 25 in questa sezione.

¹⁸⁵ Enrico ritornò in Germania per cercare di riportare i principi e i vescovi del regno sotto il suo controllo: «Quapropter Heinricus totius regni sacerdotum atque procerum nunciis compulsus, generalem fieri apud Triburium conventum assensit, ubi de omnibus quae sibimet imponentur iuxta senatus consultum se satisfacturum, spondit», cfr. *Ekkehardus Uraugiensis. Chronicon Universale*: 254.

¹⁸⁶ L'autore prima di questo passaggio fa riferimento al Concilio di Reims dell'ottobre del 1119 ed è lo stesso Eccheardo a citare Essone Scolastico come la fonte principale per questo evento: «Eiusdem tamen concilii si quis plenarie cognoscere querit, in litteris cuiusdam scolastici nomine Hessonis eleganter enucleatum reperire poterit, id est qualiter rex inter regnum et sacerdotium de concordia facienda consenserit», cfr. *Ekkehardus Uraugiensis. Chronicon Universale*: 253 e 255 e la relativa nota a piè di pagina n.° 57.

le province per le quali passò, accolto come il Vicario di Cristo. A quel tempo ormai egli era l'Apostolico che tutti seguivano e il gregge di Dio cominciò ad avanzare giorno per giorno, fino a quando tutta la fazione che aveva appoggiato Burdino, come alcuni sono soliti chiamare l'ídolo, sempre più indebolita, smise di andare contro la Chiesa. Tuttavia le macchinazioni del regno (ah che sciagura!) non si fermavano in nessun modo.

Tradução portuguesa:

O Apostólico Pascoal II, purificado por longa doença, acabou os seus dias perante Deus. Por esta razão, João de Gaeta, homem sábio e venerável, que sempre e de maneira impecável colaborou com o referido Apostólico e com a Igreja Romana, foi eleito por todos os católicos e com consenso unânime foi consagrado de acordo com o costume [...].

O imperador Henrique, que naquele momento se encontrava nas regiões paduanas, tomando conhecimento da sucessão apostólica entre Pascoal e Gelásio, aprestou-se a chegar a Roma em primeiro lugar para dar o seu beneplácito à eleição de João, chamado Gelásio II. Mais tarde, Henrique subtraíu-se à comunhão de Gelásio e, não sem o favor de alguns romanos, impôs na Sé Apostólica outro papa, um tal Burdino que vinha da Hispânia. Desta forma, o cisma que se esperava já ter passado, reacendeu-se cruelmente. De facto, obtida legalmente a cátedra romana, Gelásio condenou o César juntamente com o seu ídolo, com o apoio dos cardeais que com ele tinham saído e com os restos dos católicos que conseguiu congregar em Cápua, tal como testemunha a carta difundida pelos seus apoiantes. Desde a Campânia e com os seus homens, Gelásio mudou-se para a Borgonha e convocou um concílio para Vienne.

Ano do Senhor de 1119. O Apostólico convocou um sínodo para Vienne e passando por aquele lugar, morreu perante Deus no mosteiro de Cluny poucos dias depois. Assim como lhe era devido, a Gelásio foi dada uma honrosa sepultura e desta maneira o senhor Guido, arcebispo de Vienne, sucedeu-lhe naquele lugar [...]. Naqueles tempos, Cuno de Preneste, que atuava como legado por conta de Gelásio, organizou um sínodo na cidade de Colónia com os teutónicos, sínodo este em que se difundiu a notícia da excomunhão do imperador. Também um outro sínodo foi convocado pela mesma razão em Fritzlar no qual foi confirmada a excomunhão do sínodo anterior. Quando o imperador soube de tudo isto e mais ainda que fora proposto, com o consenso geral dos príncipes e da corte, organizar um encontro em Würzburg no qual Henrique presente ou ausente seria deposto do reino, com ânimo feroz deixou Itália e com a rainha [Matilde de Inglaterra, *scil.*] e as suas tropas muito rapidamente regressou às terras germânicas [...]. Não muito tempo depois, Calisto II voltou a Itália e foi recebido triunfalmente e com grande pompa não só em Roma, mas em todas as províncias que atravessou, acolhido como o Vigário de Cristo. Naquele tempo já ele era o Apostólico que todos seguiam e o rebanho de Deus começou a avançar dia após dia, até que todos os que tinham apoiado Burdino, como alguns costumavam chamar ao ídolo, enfraquecidos, deixaram de afrontar a Igreja. Contudo, a maquinação do Reino — ah que desastre! — não parava de forma alguma.

5) *Anselmi Gemblacensis continuatio*. Ed. Ludwig Bethmann (MGH, *Scriptores*, VI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1848, p. 377.

Nota biografica: L'autore è il monaco Anselmo (†1137) *magister scholarum* presso le abbazie di Hautvilliers e Lagny e successivamente abate di Gembloux (Namur, Belgio).

Opera: Anselmo continuò l'opera di Sigeberto di Gembloux (†1112) intitolata *Chronica sive chronographia universalis*. L'opera di Sigeberto si fermava al 1112 (la composizione cominciò intorno al 1100) e Anselmo la estese fino all'anno 1135. La *Chronographia* fu proseguita fino al 1148 da altri due monaci anonimi ed esistono ulteriori aggiunte redatte nella seconda metà del XII secolo.

Edizioni/Traduzioni principali: *Anselmi Gemblacensis continuatio*. Ed. Johannes Pistorius; Burkhard Gotthelf Struve (*Scriptores rerum Germanicarum*, I). Regensburg: Sumptibus Joannis Confradi Peezii, 1726, p. 943-957. *Anselmi Gemblacensis continuatio*. Ed. par des Religieux bénédictins de la congrégation de de Saint-Maur (*Recueil des historiens des Gaules et de la France*, XIII). Paris: Desaint, 1786, p. 266-270. *Anselmi Gemblacensis continuatio*. Ed. Ludwig Bethmann (MGH, *Scriptores*, VI), Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1848, p. 375-385. *Anselmi Gemblacensis continuatio*. Ed. Jacques-Paul Migne (*Patrologia Latina*, CLX). Paris: Jacques-Paul Migne éditeur, 1854, cols. 239-258.

Bibliografia essenziale: BERLIÈRE, Ursmer (1897) — *Anselme*. In *Monasticon Belge. Provinces de Namur et de Hainaut*. Vol. I. Province de Liège: Abbaye de Maredsous, p. 18. Per il contesto dell'episcopato di Liegi negli anni di Anselmo, rinvio a KUPPER, Jean Louis (2003) — *La double mort de l'évêque de Liège Frédéric de Namur (†1121)*. In FRYDE, Natalie; REITZ, Dirk, coord. — *Bischofsmord im Mittelalter*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, p. 159 e seguenti e al volume KUPPER, Jean-Louis (2013) — *Liège et l'Église impériale aux XIe-XIIe siècles*. Liège: Presses Universitaires de Liège. Si veda inoltre HEEBOL-HOLM, Thomas (2015) — *When the lamb attacked the lion: a Danish attack on England in 1138?* «Journal of medieval military history», vol. 13, p. 29-30. Si veda, infine, per una bibliografia completa sull'opera la dettagliata voce bibliografica *Chronica sive chronographia universalis*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_04264.html>. [Consultazione realizzata on-line il 07/12/2017].

1118. [...] Paschalis papa moritur; succedit Iohannes Gaitanus, et qui Gelasium se nominat. Cum vero Henricus imperator tunc temporis gens in Italia, Romam tenderet ad eligendum papam, Iohannes praesentiam eius veritus, iam electus et ordinatus secessit Capuam. At imperator quia electioni non interfuerat, nec ordinationi consensit, sed aliquibus Romanorum annitentibus, Hyspanum quendam Burdinum nomine, satis clericum ei superordinari fecit. Iohannes interim transiens ad Gallias, per Burgundiam et Gothiam, quae provintia sancti Egidii dicitur¹⁸⁷, agit synodales causas. Henricus imperator ab Italia in Lotharingiam repatriat, et secundum illus *Qui a multis timetur, necesse est ut multos timeat*¹⁸⁸, coniuratos in se regni principes modo minis, modo blanditiis, modo vi, modo satisfactione ad pacem invitat. 1119. [...] Iohannes Gaitanus, qui et Gelasius papa, Cluniaci moritur et sepelitur. Consensu omnium episcoporum tam Germaniae quam Galliae cum Romanis habito, domnus Guido Viennensis archiepiscopus in papam eligitur, et Calistus vocari designatus, Cluniaci benedicatur. Postea mediante Octobrio mense Remis synodum congregans, multos in utroque regno

¹⁸⁷ La *Gothia* a cui fa riferimento la fonte è quasi sicuramente l'antica *Settimania*, ossia la fascia di territorio dell'attuale Francia meridionale dal fiume Rodano fino ai Pirenei. Quest'area corrisponde agli attuali territori del Languedoc-Roussillon, oggi nella regione francese dell'Occitania esattamente dove si trova la località di Saint-Gilles-du-Gard. Si veda FANNING, 1995: 764.

¹⁸⁸ Si tratta di una celebre massima latina attribuita a Decimo Laberio (106 a. C.-43 a. C.) drammaturgo romano di origine equestre avversario di Cicerone e Giulio Cesare. Secondo l'autore romano Ambrogio Teodosio Macrobio (390-430), la frase di Laberio era proprio indirizzata contro Giulio Cesare e la sua politica di accentramento del potere, si veda *Anselmi Gemblacensis continuatio*: 377. Sull'origine, il significato e la diffusione di questa espressione nella letteratura latina si veda TOSI, 1991: n.° 1282.

episcopus consecrat; inter quos etiam dominus Fredericus in episcopum Leodiensium ungitur¹⁸⁹. Interim Henricus imperator Ivosium venit¹⁹⁰; et dum pro reconciliatione regni et sacerdotii legatio nunc a rege ad papam vadit, nunc a papa ad regem vicissim redit, dissensu quorundam invidorum lux pacis turbatur, et imperator cum sibi faventibus excommunicatur. Dominus papa Calistus Romam proficens, ab omni senatu et populari turba gloriose excipitur, et in sede apostolica confirmatur. Burdinus pseudopapa Sutrii positus, dum preregros Romam euntes vel redeuntes turbat et depraedatur, tandem ut vilissimum apostata capitur et in monachum attundetur.

Traduzione italiana:

1118. [...]. Papa Pasquale morì e gli successe Giovanni di Gaeta che fu chiamato Gelasio. Dato che in quel momento si trovava in Italia, l'imperatore si recò a Roma per eleggere il papa. Giovanni era stato già eletto ed ordinato, ma scappò a Capua spaventato dalla presenza dell'imperatore. Quest'ultimo non era stato presente all'elezione del papa, né tantomeno aveva dato l'assenso alla sua ordinazione e allora con l'appoggio di alcuni dei romani fece eleggere ed ordinare l'ispanico Burdino. Nel frattempo Giovanni attraversò le Gallie, passò per la Borgogna e la *Gothia*, chiamata provincia di Saint-Gilles, dove organizzò una sinodo. Dall'Italia Enrico rientrò in Lotaringia e secondo quel famoso detto «*chi da molti è temuto deve per forza temere molti*», cercò di fare la pace con i principi congiurati nel suo Regno in tutti modi, con la forza, con le lusinghe, cercando di soddisfare le loro richieste. [...] Giovanni di Gaeta, ossia Papa Gelasio, morì e fu sepolto a Cluny. Con il consenso di tutti i vescovi della Germania e della Gallia, secondo il costume dei romani, fu eletto Guido arcivescovo di Vienne. Egli fu chiamato Callisto e benedetto a Cluny. Successivamente, alla metà di ottobre, il nuovo papa convocò il concilio di Reims e consacrò molti vescovi di entrambi i regni, tra i quali fu unto il vescovo di Liegi Federico. Intanto l'imperatore Enrico V arrivò a Carignan e per raggiungere un accordo di pace tra il Regno e il Sacerdozio inviò dei legati presso il papa. Questi ultimi a loro volta tornarono dal re; per via della discordia di quegli invidiosi la luce della pace fu turbata e l'imperatore e i suoi fautori furono scomunicati. Papa Callisto avanzò verso Roma dove fu accolto con gloria da tutto il senato e dalla moltitudine del popolo e fu confermato nella Sede Apostolica. Infine, fu catturato e rinchiuso in monastero lo pseudopapa e vilissimo apostata Burdino, che si trovava nella città di Sutri, dalla quale depredava e molestava i pellegrini che andavano o tornavano da Roma.

Tradução portuguesa:

1118. [...]. O Papa Pascoal II morreu; sucedeu-lhe João de Gaeta chamado Gelásio. Uma vez que o imperador se encontrava em Itália naquele momento, dirigiu-se a Roma para eleger o papa. João, que já tinha sido eleito e ordenado, tendo medo da sua presença escapou para Cápua. Tendo o imperador considerado que não estivera presente na eleição, nem dera o seu consenso à ordenação, fez eleger o hispânico Burdino com o apoio de alguns romanos. Entretanto, João atravessou as Gálias, passando pela Borgonha e pela *Gothia*, chamada província de Saint-Gilles, onde organizou um sínodo. Desde Itália, Henrique voltou a entrar na Lotaríngia, e segundo aquele famoso lema de que «*quem é temido por muitos, deve necessariamente temer a muitos*», tentou chegar a um acordo de paz com os príncipes conjurados do seu reino de todas as maneiras possíveis, com força e com lisonjas, tentando satisfazê-los. [...]. João de Gaeta, ou seja, o Papa Gelásio, morreu e foi enterrado

¹⁸⁹ Si tratta del vescovo Federico di Namur morto nel 1121. Si veda KUPPERS, 2003.

¹⁹⁰ Comune francese nel dipartimento delle Ardenne, nella regione Grand-Est.

em Cluny. Com o consenso de todos os bispos da Alemanha e da Gália, segundo o costume dos romanos, escolheram Guido, arcebispo de Vienne. Ele foi chamado Calisto e consagrado em Cluny. Mais tarde, em meados de outubro, o novo papa convocou um concílio para Reims e consagrou muitos bispos de ambos os reinos [França e Alemanha, *scil.*], entre os quais foi ungido o bispo de Liège, Frederico. Entretanto, o imperador Henrique V chegou a Carignan e, para conseguir um acordo de paz entre o Reino e o Sacerdócio, enviou legados ao papa. Estes regressaram ao rei; por causa da discórdia daqueles invejosos a luz da paz foi perturbada e o imperador e os seus partidários foram excomungados. O Papa Calisto avançou sobre Roma e por todo o senado e pela multidão do povo foi acolhido com glória e confirmado na Sé Apostólica. Por fim, Burdino, o antipapa e infame apóstata, que se encontrava na cidade de Sutri, desde onde roubava e molestava os peregrinos que iam ou regressavam de Roma, foi capturado e encerrado num mosteiro.

6) *Honorius Augustodunensis. Ex Honorii Augustodunensis summa totius et imagine mundi.* Ed. Roger Wilmans (MGH, Scriptores, X). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1852, p. 131.

Nota biografica: Autore della prima metà del XII secolo (†1137), la sua origine è incerta. Il termine *augustodunensis*, in particolare, ha costituito un grande problema per gli studiosi. Questa parola sembra indicare come luogo di nascita di Onorio la città di Autun in Borgogna, anche se la storiografia ha avanzato l'ipotesi di un'origine «tedesca» di Onorio, legata alla città di Regensburg (Ratisbona) o Augusta, vista anche l'ampia e dettagliata conoscenza dell'autore del mondo geografico germanico. Secondo altri studiosi Onorio poteva addirittura essere un monaco inglese di nascita. Anche in questo caso non ci sono elementi che possano aiutare a fare definitiva chiarezza sull'origine dell'autore, per quanto, probabilmente intorno al 1100, Onorio potrebbe aver speso almeno un periodo in Inghilterra entrando a far parte del circolo di Sant'Anselmo di Canterbury. Sappiamo che Onorio fu attivo in particolare nel periodo di Enrico V (1106-1125) e che spese la gran parte della sua carriera nella Germania meridionale, ragione per la quale abbiamo deciso di inserire la sua opera tra le fonti di area imperiale.

Opera: La *Summa totius historiae* di Onorio è un compendio di storia universale — scritto in almeno tre fasi tra il primo e il secondo quarto del XII secolo — dall'origine del mondo fino all'epoca dell'autore.

Edizioni/Traduzioni principali: *Honorius Augustodunensis. Summa Totius De Omnimoda Historia Ab Anno 726.* Ed. Jacques-Paul Migne (Patrologia Latina, CLXXII). Paris: Jacques-Paul Migne éditeur, 1854, cols. 187-196. *Honorius Augustodunensis. Ex Honorii Augustodunensis summa totius et imagine mundi.* Ed. Roger Wilmans (MGH, Scriptores, X). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1852, p. 128-131.

Bibliografia essenziale: *Honorius Augustodunensis. Ex Honorii Augustodunensis summa totius et imagine mundi.* Ed. Roger Wilmans (MGH, Scriptores, X). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1852, p. 127. MENHARDT, Hermann (1958-1959) — *Der Nachlass des Honorius Augustodunensis.* «Zeitschrift für deutsches Altertum», vol. 89, p. 23-69. GARRIGUES, Marie-Odile (1975) — *Quelques recherches sur l'oeuvre d'Honorius Augustodunensis.* «Revue d'histoire ecclésiastique», vol. 70, n.º 2, p. 388-425 e GARRIGUES, Marie-Odile (1977) — *Honorius était-il bénédictin?.* «Studia monastica», vol. 19, p. 27-46.

FLINT, Valerie I. J. (1977) — *The Place and Purpose of the Works of Honorius Augustodunensis*. «Revue bénédictine», vol. 87, p. 97-127 e FLINT, Valerie I. J. (1982) — *Heinricus of Augsburg and Honorius Augustodunensis: Are they the Same Person?*. «Revue bénédictine», vol. 92, p. 148-158. MATTER, Ann E. (1990) — *The Voice of My Beloved: The Song of Songs in Western Medieval Christianity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p. 80. FLINT, Valerie I. J. (1995) — *Honorius Augustodunensis*. In GEARY, Patrick J., coord. — *Authors of the Middle Ages. Historical and Religious Writers of the Latin West*. Vol. II. Abingdon: Ashgate Publishing, p. 89-183. Per una bibliografia completa rinvio a *Honorius Augustodunensis*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repPers_119066548.html>. [Consultazione on-line realizzata il 13/12/2017].

[...] Paschalis papa moritur, et Gelasius eius loco constituitur. Quem Henricus a Roma expulit, et Gregorium qui et Burdinus papam constituit. Defuncto Gelasio Kalistus subrogatur, a quo Henricus cum suo papa excommunicatur. Burdinus a Calisto capitur, monasterio cui nomen est Cavea intruditur. Post haec Henricus ecclesia concessit, ut iure ecclesiastico episcopos et abbates electione cleri et populi constituat, electus a rege regalia accipiat, et ipse rex a Kalisto papa a banno absolvitur, et ecclesia pax redditur.

Traduzione italiana:

[...] Papa Pasquale [II, *scil.*] morì e Gelasio fu scelto come papa. Il neoletto fu espulso da Roma dall'imperatore Enrico [V, *scil.*] che promosse come papa Gregorio, ossia Burdino. Morto anche Gelasio, quest'ultimo fu sostituito da Callisto II che scomunicò Enrico con il suo papa. Burdino fu catturato da Callisto e imprigionato nel monastero di Cava. Dopo questo fatto Enrico concesse alla Chiesa di costituire i vescovi e gli abati secondo il diritto ecclesiastico, attraverso l'elezione del clero e del popolo, dato che l'eleto avrebbe ricevuto i *regalia* dal re; a quel punto Papa Callisto sciolse dal banno il re Enrico e così tornò la pace.

Tradução portuguesa:

[...] O Papa Pascoal [II, *scil.*] morreu e Gelásio foi eleito papa. O recém-eleito foi expulso de Roma por Henrique [V, *scil.*] e o imperador promoveu o Papa Gregório, o mesmo é dizer Burdino. Falecido Gelásio, foi substituído por Calisto II que excomungou Henrique juntamente com o seu papa. Burdino foi capturado por Calisto e encerrado no mosteiro de Cava. Depois deste acontecimento, Henrique concedeu à Igreja o direito de se constituírem os bispos e os abades segundo o direito eclesiástico, através da eleição do clero e do povo, sendo que o eleito passaria a receber os *regalia* através do rei; assim o Papa Calisto levantou o banimento do rei Henrique e a paz regressou.

7) *De decursu temporum*. Ed. Hans Martin Weikmann (MGH, *Quellen zur Geistesgeschichte des Mittelalters*, XIX). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 2004, p. 469-470.

Nota biografica: L'autore dell'opera è Heimo di Bamberga (†1139) presbitero della chiesa di San Giacomo di Bamberga e allievo del monaco e priore di Michaelsberg (Bamberga, Baviera), Frutolfo (†1103)¹⁹¹.

¹⁹¹ Per Frutolfo si veda la voce dedicata alla *Chronica* di Eccheardo d'Aura in questa sezione.

Opera: La *Consideratio annorum seculi et Christi Iesu* conosciuta anche come *De decursu temporum*, è un'opera latina della prima metà del XII secolo. Si tratta di una storia universale dalla nascita di Cristo fino all'anno 1135, considerata dagli studiosi particolarmente rilevante sia per i problemi di calcolo della data di nascita di Gesù Cristo, sia perché permette di ricostruire l'ambiente culturale di Bamberg nel XII secolo, in quanto Heimo nella sua opera riporta le critiche ai suoi calcoli mosse da un altro intellettuale coevo, Burcardo di Michaelsberg (†1149).

Edizioni/Traduzioni principali: Dell'opera esistono tre edizioni parziali: *Ex chronographia Heimonis presbyteri S. Michaelis Babenbergensis a. 1006-1135*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, Scriptores, X). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1852, p. 2-4. *Ex Chronographia Heimonis*. Ed. Jacques-Paul Migne (*Patrologia Latina*, CLXXIII). Paris: Jacques-Paul Migne éditeur, 1853, cols. 1363-1368. *Ex Heimonis de decursu temporum libro*. In JAFFÉ, Philipp, coord. — *Bibliotheca rerum germanicarum. Monumenta bambergensia*. Vol. V. Berlin: Weidmann, 1869, p. 537-552. Un'altra edizione parziale (oltretutto una critica dettagliata ai computi temporali dell'opera di Heimo di Bamberg) è contenuta in VON DEN BRINCKEN, Anna Dorothee (1960) — *Die Welt- und Inkarnationsära bei Heimo von St. Jakob. Kritik an der christlichen Zeitrechnung durch Bamberger Komputisten in der ersten Hälfte des 12. Jahrhunderts*. «Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters», vol. 16, p. 172-194. Per l'edizione completa si veda: *De decursu temporum*. Ed. Hans Martin Weikmann (MGH, Quellen zur Geistesgeschichte des Mittelalters, XIX). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 2004, p. 127-496.

Bibliografia essenziale: VON DEN BRINCKEN, Anna Dorothee (1960) — *Die Welt- und Inkarnationsära bei Heimo von St. Jakob. Kritik an der christlichen Zeitrechnung durch Bamberger Komputisten in der ersten Hälfte des 12. Jahrhunderts*. «Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters», vol. 16, p. 155-194. *De decursu temporum*. Ed. Hans Martin Weikmann (MGH, Quellen zur Geistesgeschichte des Mittelalters, XIX). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 2004, p. 1-13 e 96-102. VERBIST, Peter (2010) — *Duelling with the past: medieval authors and the problem of the Christian Era, c. 990-1135*. Turnhout: Brepols, 2010, in particolare da p. 252 (l'ottavo capitolo dedicato è interamente a Heimo di Bamberg). VERBIST, Peter (2010) — *Heimo von Bamberg*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_01248>. [Consultazione on-line il 16/02/2018]. *Heimo, De decursu temporum liber*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_02609.html>. [Consultazione realizzata on-line il 21/02/2018].

Quo defuncto anno Domini MCXVIII^o ilico imperator Heinricus quintus, qui tunc Rome fuerat, consensu quorundam romanorum Mauricum, episcopum Bracarensem Hispanum, virum industrium et sapientem, apostolice sedi prefecit et alterato nomine Gregorium VIII^{um} vocavit. Recedente vero imperatore ad Teutonicas partes quidam Romanorum elegerunt Iohannem Caietanum et appellantes eum Gelasium Mauricio opposuerunt. Qui cum in Italia imperatori resistere non posset, in Gallias tendens apud Cluniacum abbatiam vix integrum annum post electionem suam vivens defunctus et sepultus est. Quo defuncto cardinales et Romani, qui cum eo illuc venerunt, Guidonem episcopum Viennensem eligentes et novo nomine Calixtum appellantes papam esse centesimum LXIII statuerunt. Quod cum Rome auditum fuit, plures ei assensum scripserunt, pauci vero cum Mauricio permanserunt. Hac fiducia certificatus Calixtus Romam venit, Mauritium Sutrii obsedit, et indignissime ac inhumane affectum in exilium relegavit.

Traduzione italiana:

Defunto nell'anno 1119 [Pasquale II, *scil.*], l'imperatore Enrico V, che in quel momento si trovava a Roma, con il consenso dei romani promosse nella Sede Apostolica il vescovo ispano di Braga, Maurizio, un uomo saggio e intelligente, il quale cambiò il suo nome e assunse quello di Gregorio VIII. Una volta che l'imperatore fece ritorno in Germania, alcuni dei romani opposero a Maurizio Giovanni di Gaeta che assunse il nome di Gelasio. Non potendo resistere all'imperatore in Italia, Gelasio si recò in Gallia e visse un intero anno dopo la sua elezione a Cluny dove morì e fu sepolto. Dopo la sua morte i cardinali e i romani che lo accompagnarono nelle Gallie elessero come centosessantatreesimo papa Guido, vescovo di Vienne, il quale assunse il nome di Callisto. Quando la notizia arrivò a Roma molti diedero il loro assenso a Callisto e pochi rimasero con Maurizio. Forte di questo appoggio, Callisto venne a Roma assediò Maurizio a Sutri e con una indegna e inumana disposizione lo rilegò in esilio.

Tradução portuguesa:

Falecido no ano de 1119 [Pascoal II, *scil.*], o imperador Henrique V, que naquele momento se encontrava em Roma, com o consenso dos romanos promoveu na Sé Apostólica o bispo hispânico de Braga, Maurício, um homem sábio e inteligente, que alterou o seu nome e assumiu o de Gregório VIII. Tendo o imperador regressado à Alemanha, alguns dos romanos opuseram a Maurício João de Gaeta, que tomou o nome de Gelásio. Sem possibilidade de resistir em Itália ao imperador, Gelásio dirigiu-se para as Gálias depois da sua eleição, tendo vivido durante um ano inteiro em Cluny, lugar onde morreu e foi enterrado. Depois da sua morte, os cardeais e os romanos que viajaram até às Gálias elegeram como centésimo sexagésimo terceiro papa, Guido de Vienne, que assumiu o nome de Calisto. Quando a notícia chegou a Roma muitos manifestaram o seu apoio a Calisto e poucos foram os que permaneceram com Maurício. Graças a este apoio, Calisto chegou a Roma, cercou Maurício em Sutri e com uma indigna e desumana ação enviou-o para o exílio.

8) *Annalista Saxo. Chronicon Regni*. Ed. Klaus Nass (MGH, Scriptores, XXXVII). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 2006, p. 561-568.

Nota biografica: *Annalista Saxo* è il nome dato all'anonimo autore di una delle principali cronache imperiali del XII secolo. Il nome fu scelto dal filosofo e matematico Gottfried Leibniz (1646-1716) durante le sue ricerche sul casato di Hannover. La proposta di identificazione dell'*Annalista Saxo* con l'abate dell'abbazia tedesca di Nienburg, fondata nel 970 e situata nell'attuale Sassonia-Anhalt, Arnoldo di Berge (†1166) oggi non è più accettata dagli studiosi.

Opera: Si tratta di una cronaca scritta intorno al 1140 che copre gli anni che vanno dal 741 al 1139.

Edizioni/Traduzioni principali: *Annalista Saxo a. 741-1139*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, VI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1844, p. 542-777. *Annalista Saxo. Chronicon Regni*. Ed. Klaus Nass (MGH, Scriptores, XXXVII). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 2006, p. 1-614.

Bibliografia essenziale: Rinvio alle seguenti tre opere per un inquadramento generale della fonte e del suo contesto storico-culturale: BRESSLAU, Harry (1902) — *Zum Annalista Saxo 1062*, «Neues Archiv

der Gesellschaft für ältere deutsche Geschichtskunde», vol. 27, p. 755-757. LOHMANN, Hans Eberhard (1933) — *Über die Entstehungszeit des Geschichtswerkes des Annalista Saxo*. In *Kritische Beiträge zur Geschichte des Mittelalters. Festschrift für Robert Holtzmann*. Berlin: Matthiesen Verlag, p. 160-166. ALTHOFF, Gerd (1985) — *Heinrich der Löwe und das Stader Erbe. Zum Problem der Beurteilung des Annalista Saxo*. «Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters», vol. 41, 1985, p. 66-100. NASS, Klaus (1996) — *Die Reichschronik des Annalista Saxo und die sächsische Geschichtsschreibung im 12. Jahrhundert*. Hannover: Hahnsche Buchhandlung. Sull' *Annalista Saxo*, la sua opera e la relativa bibliografia si veda inoltre la voce enciclopedica di DUNPHY, Graeme (2010) — *Annalista Saxo*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://referenceworks.brillonline.com/entries/encyclopedia-of-the-medieval-chronicle/annalista-saxo-SIM_000467>. [Consultazione realizzata on-line il 10/12/2017]. Si veda, infine, la voce *Annalista Saxo. Chronik*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_00470.html?pers_PND=PND119457733>. [Consultazione realizzata on-line on-line il 10/12/2017].

Anno dominice incarnationis millesimo CXVIII. Domnus Paschalis secundus diutina egritudine purificatus vitam finivit. Pro quo Iohannes Caietanus, vir prudens et venerandus et in Romana semper ecclesia irreprehensibiliter eidem apostolico collaborans, eligitur et cunctorum catholicorum unanimii consensu rite consecratur. Imperator Heinricus dum Paduanis regionibus immoraretur, audito transitu domni apostolici Pascalis Romam properavit et primo quidem in electione Iohannis, qui et Gelasius secundus dictus est, assensum prebens, postea vero eodem a sua communione subtrahente non sine quorundam Romanorum favore alterum quendam Mauricium cognomento Burdinum ex Hispania supervenientem apostolice sedi imposuit, sicque scisma, quod sperabatur emortuum crudeliter revixit. Nam eodem Romam a cathedra libere potito Gelasius cum his, qui secum abierant, cardinalibus ceterisque, quos congregare poterat, catholicis apud Capuam, iuxta quod littere ab ipso circumque transmissae testantur, imperatorem cum idolo suo dampnavit.

Anno Dominice Incarnationis millesimo XVIII. Domnus Apostolicus Gelasius II apud Viennam sinodum congregavit eoque transacto post paucos dies in monasterio cluniacensi vitam presentem in Domino finivit. Quo ibidem honorifice recondito qualiter Milo Viennensis archiepiscopus successerit [...] in romanum pontificem Calixtum nominantes unanimiter assumpserunt. [...] His temporibus Cono Prenestinus adhuc legatione Gelasii functus sinodum Colonie cum Teutonicis habuit, ubi imperatoris excommunicationem omnimodis propalavit. Alteram quoque sinodum in Frideslar indixit, qua et habita eandem quam prius excommunicationem propalavit. Imperator his auditis insuper etiam, quod principum consensus generale vel curiale colloquium non multo post apud Uircebuch¹⁹² propuissent, ubi ipse aut presens ad audientiam exhiberi aut absens regno deponi deberet, efferatus animo Italie suis copiis cum regina¹⁹³ relictis Germanicis se regionibus nimis insperatus exhibuit.

[...] Calixtus papa sinodum Remis circa festum sancti Luce celebrat¹⁹⁴, ubi quid actum sit, scire volentibus difficile non est invenire ex scriptis cuiusdam scolastici Hessonis¹⁹⁵, prout se interfuisse

¹⁹² Würzburg.

¹⁹³ Matilde d'Inghilterra.

¹⁹⁴ Festa di San Luca Evangelista, 18 ottobre.

¹⁹⁵ Essone Scolastico è annoverato tra le fonti principali per il concilio di Reims nell' *Annalista Saxo* esattamente come in Eccheardo d'Aura. Si veda nota n.º 186 in questa sezione.

testatur, enucleatim omnia describentis. Eidem concilio Adalbertus Mogintinus¹⁹⁶ pluresque Germanie episcopi interfuerunt. Imperator non longe cum suis abfuit auditurus super sinodalibus decretis, sicut in superiori principum conventu laudatum fuerat. Sed peccatis exigentibus nil ibi ad reconciliationem inperatoris et principum agitur, immo inperator anathematizatur. Unde maior in regno controversia recrescit. Adelgotus Magdeburgensis archiepiscopus¹⁹⁷ et Hugo abbas item Magdeburgensis obierunt¹⁹⁸, quibus Rockerus in episcopatu¹⁹⁹ Arnoldus in abbatia successerunt²⁰⁰. Bruningus Hildiniseheimensis episcopus deponitur²⁰¹, cui Bertoldus substituitur²⁰². Ego Rokkerus Magedaburgensis ecclesie electus anathematizo omnem heresim et precipue Burdiniam et Henricianam cum suis complicibus promittens obedientiam sancte Romane ecclesie et universali pape domno Calixto eiusque successoribus catholicis sub obtentu officii mei affirmans, quod affirmat, dampnans, quod dampnat. Promitto etiam, quod ab hac die in antea fidelis ero in eiusdem sedis legatis honeste recipiendis ac remittendis adiuvans sanctam Dei ecclesiam in omnibus, prout possum viribus et scientia, sine dolo et simulatione, ita me Deus adiuvet hoc sanctum evangelium.

[...] Anno dominice incarnationis millesimo CXX. Imperator natale Domini Uuormatie [...] celebravit. [...] Imperator illius regionis episcopis ab ipsius communionione abstinentibus in Franciam convertitur, ubi nonnullis acceptus, conpluribus etiam invisus habebatur.

[...] Interim a Roma venientibus nunciis declarabatur, pseudopapam Mauricium sive Burdinum castello Sutrie, quo miserrimo suo inserviens officio residebat, per Romani exercitus zelum destructo captum et post plures vulgo sibi contumelias illatas vix a manibus eorum ab apostolico ereptum et ob agendam penitentiam monasterio, cui nomen est Cauea, intrusum.

Traduzione italiana:

Anno dall'Incarnazione del Signore 1118. Il signor Papa Pasquale II terminò i suoi i giorni purificato dalla divina dipartita. Per questo motivo Giovanni Gaetano [di Gaeta, *scil.*], uomo prudente, saggio e venerando e che era stato sempre un irreprensibile collaboratore della Chiesa romana e di Papa Pasquale, fu eletto con il consenso unanime di tutti cattolici e consacrato ritualmente. In quel momento l'imperatore Enrico si trovava nella regione padana e subito dopo della morte del signor Apostolico Pasquale si recò a Roma. Prima offrì il suo assenso all'elezione di Giovanni, chiamato Gelasio II, poi si sottrasse alla sua comunione e con il favore dei romani, impose un altro papa nella Sede Apostolica: Maurizio, di cognome Burdino, proveniente dall'*Hispania*. Così lo scisma che si sperava ormai finito, rivisse crudelmente. Allora, in quel momento, Gelasio se ne andò dalla Cattedra romana con i cardinali e gli altri cattolici che aveva potuto riunire, si rifugiò a Capua, come testimoniato dalla lettera trasmessa dal suo stesso circolo, e condannò l'imperatore con il suo idolo.

¹⁹⁶ Si tratta di Adalberto I di Saarbrücken, arcivescovo di Magonza tra il 1111 e il 1137. Si veda ACHT, 1953: I, 4-45.

¹⁹⁷ Adelgato von Veltheim fu vescovo di Magdeburgo tra il 1107-1119. Si veda GAMS, 1873: 288.

¹⁹⁸ Si tratta dell'abate di Berge Ugo (1113-1119). Si veda l'opera dell'*Annalista Saxo*. *Chronicon Regni*: 564.

¹⁹⁹ Rudgar von Veltheim vescovo di Magdeburgo (1119-1125). Si veda GAMS, 1873: 288.

²⁰⁰ Arnaldo successe ad Ugo come abate di Berge nel 1119 e ricoprì la carica fino al 1164. Tra il 1134 e il 1134 fu abate anche del monastero di Nienburg. LEUSCHNER, 1953. Rinvio all'opera *Annalista Saxo*, *Chronicon Regni*: 564.

²⁰¹ Bruningo fu vescovo di Hildesheim tra il 1115 e il 1118. Si veda GAMS, 1873: 281.

²⁰² Bertoldo fu vescovo di Hildesheim tra il 1119 e il 1130. Si veda GAMS: 1873: 281.

Anno dall'Incarnazione del Signore 1119. L'Apostolico Gelasio II convocò un concilio a Vienne e morì pochi giorni dopo a Cluny. In quel luogo fu sepolto con onore e gli successe Milo [Guido, *scil.*] arcivescovo di Vienne [...] eletto all'unanimità come pontefice romano con il nome di Callisto [...]. In quel momento Cuno di Preneste, che fungeva da legato di Gelasio, convocò una sinodo a Colonia con gli ecclesiastici teutonici e rese pubblica la scomunica dell'imperatore. Indisse successivamente un'altra sinodo a Fritzlar, nella quale confermò la scomunica precedente. Quando all'imperatore giunse inoltre la notizia che con il consenso generale dei principi o della corte era stato organizzato un incontro a Würzburg, nel quale sia che fosse stato presente sia che fosse stato assente all'udienza egli sarebbe stato deposto dal regno, con l'animo feroce lasciò l'Italia con la regina e le sue truppe e si presentò molto rapidamente e all'improvviso nelle regioni germaniche.

[...]. Papa Callisto II verso la festa di San Luca convocò il concilio di Reims [...]. A quel concilio furono presenti Adalberto di Magonza e molti altri vescovi tedeschi. L'imperatore non fu presente ad ascoltare i decreti sinodali, ma si trovava non lontano con i suoi in una grande dieta dei principi nella quale era stato lodato. A causa dei peccati, però, nulla fu fatto per la riconciliazione dell'imperatore e dei principi; al contrario fu lanciato l'anatema contro l'imperatore. Da quel momento una controversia ancora più grande ricrebbe nel regno. Adelgato arcivescovo di Magdeburgo e Ugo abate di Magdeburgo morirono e furono sostituiti da Rudgar nella sede vescovile e Arnolfo nell'abbazia. Bruningo vescovo di Hildesheim fu deposto e sostituito con Bertoldo. *«Io Rudgar vescovo eletto di Magdeburgo lancio l'anatema su tutte le eresie e principalmente su quella burdiniana ed enriciana e sui loro complici. Prometto obbedienza alla Santa Romana e Universale Chiesa, al Papa Callisto e ai suoi successori cattolici con l'autorità del mio ufficio, affermando ciò che afferma, dannando ciò che dannava. Prometto, inoltre, che da questo giorno in poi sarò fedele in questa sede ricevendo onestamente i legati e dando il mio aiuto in ogni cosa alla Chiesa di Dio, come posso, con forza e scienza, senza dolo o dissimulazione, così Dio mi aiuti e il Santo Vangelo»* [...].

Anno dall'Incarnazione 1120. L'imperatore [...] celebrò il Natale del Signore a Worms [...]. L'imperatore espulse i vescovi delle sue regioni in Francia, dove alcuni trovarono rifugio, e inoltre era invisibile a molti.

[...]. Nel frattempo i nunzi che venivano da Roma comunicarono che lo pseudopapa Maurizio, conosciuto anche come Burdino, risiedeva nel castello di Sutri nel quale si dedicava al suo misero e vergognoso ufficio. Distrutto il castello dall'impegno dell'esercito, Burdino fu catturato. Fu coperto dalle ingiurie di molte persone del popolo che lo picchiarono con le loro stesse mani. Il papa riuscì a salvarlo a fatica e per punirlo lo rinchiuse nel monastero di Cava.

Tradução portuguesa:

Ano da Incarnação do Senhor de 1118. O senhor Papa Pascoal II acabou a sua vida, purificado pela Divina partida. Por esta razão, João Gaetano [de Gaeta, *scil.*], homem prudente, sábio e venerável e que tinha sido sempre o colaborador impecável da Igreja Romana e do Papa Pascoal, foi eleito com o consenso unânime de todos os católicos e consagrado ritualmente. Naquele momento, o imperador Henrique encontrava-se na região paduana [Itália do norte, *scil.*] e imediatamente após a morte do Senhor Apostólico Pascoal, viajou até Roma; primeiramente deu o seu beneplácito à eleição de João, chamado Gelásio II, mas depois, subtraíu-se à sua comunhão e, com o favor dos romanos, impôs outro papa na Sé Apostólica, Maurício de apelido Burdino, proveniente da

Hispânia. E assim o cisma, que se pensava extinto, renasceu cruelmente. Então, naquele momento, Gelásio deixou a cátedra romana com os cardeais e os outros católicos que tinha conseguido reunir e refugiou-se em Cápua, de acordo com o testemunho da carta difundida pelos seus apoiantes, e condenou o imperador juntamente com o seu ídolo.

Ano da Encarnação do Senhor de 1119. O Senhor Apostólico Gelásio II convocou um concílio para Vienne e morreu poucos dias depois em Cluny. Neste lugar foi enterrado com honra tendo-lhe sucedido Milo [Guido, *scil.*] arcebispo de Vienne [...], que foi eleito unanimemente como pontífice romano com o nome de Calisto [...]. Naquele momento, Cuno de Preneste, que actuava como legado de Gelásio, convocou um sínodo em Colónia com os eclesiásticos teutónicos e tornou pública a excomunhão do imperador. Convocou de seguida um outro sínodo em Fritzlar, no qual confirmou a anterior excomunhão. Quando ao imperador chegou a notícia de que tinha sido organizado um encontro em Würzburg com o consenso geral dos príncipes e da corte, onde ele, imperador, quer tivesse estado presente, quer ausente, teria sido deposto do reino, com ânimo feroz abandonou Itália com a rainha e com as suas tropas, e, muito rapidamente, dirigiu-se para território germânico.

[...]. O Papa Calisto, próximo da festa de São Lucas, convocou o concílio de Reims [...]. Neste concílio estiveram presentes Adalberto de Mogúncia e muitos outros bispos alemães. O imperador não compareceu para ouvir os decretos sinodais; encontrava-se com os seus homens, não longe, numa grande Dieta dos príncipes onde foi elogiado. Mas, por causa dos pecados, nada foi feito para a reconciliação do imperador e dos príncipes; pelo contrário, um anátema foi lançado sobre o imperador. Acresce também que, naquele momento, um conflito ainda maior sobreveio no reino. Adelgoto, bispo de Magdeburgo, e Hugo, abade de Magdeburgo, morreram e foram substituídos por Rudgar na Sé episcopal, e Arnoldo, na abadia. Bruningo, bispo de Hildesheim, foi deposto e substituído por Bertoldo. *«Eu Rudgar, bispo eleito de Magdeburgo, lanço o anátema sobre todas as heresias, especialmente sobre aquela burdiniana e henriquina com todos os seus cúmplices. Prometo obediência à Santa Romana e Universal Igreja, ao Papa Calisto e aos seus sucessores católicos com a autoridade do meu ofício, afirmando o que afirma e condenando o que condena. Prometo, para além disto, que antes deste dia serei fiel na mesma Sé, recebendo honestamente os legados e dando a minha ajuda em cada coisa à Igreja de Deus, como posso, com força e ciência, sem dolo ou dissimulação, assim Deus e o Santo Evangelho me ajudem»* [...].

Ano da Encarnação de 1120. O imperador [...] celebrou o Natal do Senhor em Worms [...]. O imperador expulsou os bispos dos seus territórios para França, onde alguns encontraram refúgio; para além disso era detestado por muitos.

[...]. Entretanto, os mensageiros que chegaram de Roma comunicaram que o antipapa Maurício, conhecido também como Burdino, habitava no castelo de Sutri onde se dedicava ao seu miserável e vergonhoso ofício. Destruído o castelo graças ao empenho do exército, Burdino foi capturado e depois foi coberto pelos insultos de muitas pessoas do povo que lhe bateram com as suas próprias mãos. O Papa Calisto conseguiu salvar Maurício com muita dificuldade e, para o castigar, encerrou-o no mosteiro de Cava.

9) Vita Theogeri abbatis S. Georgii et episcopi Mettensis. Ed. Philipp Jaffé (MGH, *Scriptores*, XII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1856, p. 470.

Nota biografica: Per lungo tempo l'opera è stata attribuita a Wolfger (†1173) monaco nel monastero benedettino di Prüfening (Regensburg, Baviera). Oggi si tende a rifiutare questa identificazione dell'autore e a considerare l'opera anonima.

Opera: L'opera è una biografia del vescovo Teogero di Metz, canonico del monastero di san Ciriaco di Worms, poi monaco nel monastero di Hirsau (nella diocesi di Costanza nel sud della Germania) e infine dal 1088 abate del monastero di San Giorgio nella diocesi di Costanza. Nel 1117 fu eletto vescovo di Metz — contro l'imperiale Adalberone IV — e fu consacrato l'anno successivo, ma a causa dei conflitti tra Enrico V e Callisto II nella fase finale della lotta per le investiture, non riuscì mai a esercitare la sua funzione e morì poco dopo la sua elezione nel 1120. La sua biografia fu scritta tra il 1138 e il 1146 su commissione dell'abate Erbo di Prüfening.

Edizioni/Traduzioni principali: *Fragmentum ex Liber II vitae beati theogeri.* Ed. Michel-Jean-Joseph Brial (Recueil des historiens des Gaules et de la France, XIV). Paris: Imprimerie royale, 1806, p. 207-221. *Vita Theogeri abbatis S. Georgii et episcopi Mettensis.* Ed. Philipp Jaffé (MGH, *Scriptores*, XII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1856, p. 449-479.

Bibliografia essenziale: *Vita Theogeri abbatis S. Georgii et episcopi Mettensis.* Ed. Philipp Jaffé (MGH, *Scriptores*, XII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1856, p. 449-450. SCHMITZ, Hans-Georg (1975) — *Kloster Prüfening im 12. Jahrhundert.* «Miscellanea Bavarica Monacensia», vol. 49, p. 234-239. SCHWARZ, Andrea (1991) — *Die Traditionen des Klosters Prüfening.* «Quellen und Erörterungen zur bayerischen Geschichte», vol. 39/1, p. 28-57. *Wolfgerus monachus Prufeningensis, Vita Theogeri ep. Mettensis.* In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters.* Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_04669.html>. [Consultazione realizzata on-line il 13/12/2017].

Lib. II 9. Sub eodem tempore de Italiae partibus legatus cum litteris supervenit, in quibus venerabilis pater Gelaius, qui beatae memoriae Paschali defuncto cathedram apostolus acceperat, eundem Praenestinum episcopum²⁰³ tam quam fratrem carissimus officiosissime salutavit, eique legationis, praedecessoris sui tempore fungebatur, denuo commisit officium; atque ut fluctuanti ecclesiae pro viribus subveniret hortatus, persecutione, quam rege iniquo patiebatur, innotuit. [...] Ille ab urbe propellens [...], Burdinum quemdam scilicet in idolum fabricavit et quasi statuum in campo ad orando instituit. Cumque venerabilis Praenestinus episcopus a latore praesentium super Gelasii romani pontificis introitu requisivisset, et utrumnam clerus et populus seu universi catholici cardinales in eius fuerint electione concordēs, illum cum unamini consensus, totis viribus renitentem, in romanum pontificem electum respondit. Tum episcopus: «Papae! Inquit, Renuitne tantus vir in persecutionis tempore, in tanto turbine totius rei publicae pontificali officio colla submittere!» In quo nimirum quibusque securioribus etiam ultro se licuit semperque licebit offerre illius exemplo, qui dixit: «Ecce ego, mitto me» ego vero licet, Deo teste, numquam in apostulatum animum intenderim siquidem tum temporis affuissem, profecto hac pondus regiminis valentibus humeris suscepissem, quo facilius quo liberius inimicum fidei christianae, qui ecclesiam Christi

²⁰³ Cuno di Preneste. Si veda la nota n.° 181 in questa sezione.

impugnare non desinit, expugnarem. Quid enim aliud est, in hoc dumtaxat persecutionis tempore pondus portare regiminis, quam pro salute proximi semet ipsum obiectare periculis, opponere murum defensionis pro domo Israel, accedere ex adverso et stare in praelio in die domini?» [...] Porro quidam in partibus nostris magnae auctoritatis antistes qui Iuvaviensem²⁰⁴ hactenus strenue gubernavit ecclesiam, audit, quod sanctae Romanae Aecclesiae cardinalis, Iohannes vocabulo — sic enim dictus fuerat antequam papa fuisset electus — romano more Gelasius appellatus sit: *Hem! Inquit, nullus illorum nequior Iohanne; forte in Gelasio poterit aliquid boni esse?* Talis eo tempore de Iohanne fama fuerat, quo in ministerio domni papae Paschalis Romae degebat. At postquam invitus, ut diximus, pontificalibus est infulis decoratus, ita repente cum nomine et animum mutavit, ut tempore perpetuo, quo supervixit postea, piis operibus studens, ecclesiam mirifice illustraret; adeo ut etiam paratus fuerit contempta regis tyrannide pro libertate ecclesiae cum Petro et animam ponere.

Traduzione italiana:

Lib. II 9. In quel tempo dall'Italia giunse il legato con una lettera del venerabile padre Gelasio, che sedette sulla cattedra dell'Apostolo una volta defunto il papa di beata memoria Pasquale, nella quale il papa salutò in maniera cortese, come fratello carissimo, il vescovo di Preneste, che faceva le veci del suo superiore in quella circostanza. Di nuovo gli affidò il compito, esortandolo, affinché corresse in soccorso della Chiesa scossa dalle violenze e rendesse nota la sofferenza causata della persecuzione inflitta dal re iniquo. [...]. Egli [Enrico V, *scil.*] [...] fece di Burdino un idolo, come se avesse eretto una statua per adorarlo e pregarlo in pubblico. Dato che il venerabile vescovo prenestino aveva chiesto il parere dei presenti sull'elezione del pontefice romano e il clero, il popolo e i cardinali cattolici furono concordi nella sua elezione, egli [Gelasio II, *scil.*] avendo saldamente l'unanime consenso di tutti rispose alla chiamata e alla nomina a romano pontefice. E allora in quel momento il vescovo disse: «*Oh Papa! Ecco l'uomo che non si nega nel tempo della persecuzione, che in un momento così tanto turbolento della cosa pubblica si accolla l'ufficio pontificale!*». Nei momenti difficili, e nei più sicuri, inoltre fu e sempre sarà permesso offrire il suo esempio [di Gelasio II, *scil.*] che disse: «*Eccomi, accetto. Sebbene io, e ne è testimone Dio, mai ho pensato all'Apostolato, se mai fossi stato presente in quel momento avrei accettato il peso di questa responsabilità sulle mie valenti spalle. Tanto più facile è combattere quanto più è dissoluto il nemico della Fede che non smette di aggredire la Chiesa di Cristo. E chi altro se non il papa, in questo massimo tempo di persecuzione deve portare il peso del governo, chi per la salvezza deve mettersi davanti al prossimo pericolo e fare da scudo, chi deve costruire un muro per difendere la Casa d'Israele, chi deve opporsi al nemico ed essere sul campo di battaglia nel giorno del Signore?*» [...]. Quando il sommo sacerdote delle grandi autorità della nostra terra, il quale fino a quel momento governò con forza la Chiesa di Salisburgo, udì che il cardinale della Santa Romana Chiesa di nome Giovanni, il suo nome prima che diventasse papa, fu eletto secondo il costume romano disse: «*Cosa?! Nessuno è peggio di Giovanni; forse qualcosa di buono ci può essere in Gelasio?*» Tale era stata la fama di Giovanni in quel tempo per essere stato al servizio di Papa Pasquale a Roma. Sebbene ascese al soglio di Pietro contro la sua volontà, come abbiamo detto, fu decorato con le insegne sacre e così all'improvviso con il nome mutò l'animo per sempre e per sempre perseverò; studiò opere pie e illuminò mirabilmente la Chiesa. E così, disprezzata la tirannide del re, mise la sua anima con San Pietro per la libertà della Chiesa.

²⁰⁴ Salisburgo.

Tradução portuguesa:

Lib. II 9. Naquele tempo chegou, vindo de Itália, o legado com uma carta em que o venerável padre Gelásio, que se sentou na cátedra do Apóstolo uma vez falecido o Papa Pascoal, de santa memória, cumprimentava cortesmente o bispo de Preneste como irmão caríssimo, que representava o seu superior naquela circunstância. Confiou-lhe, de novo, a tarefa e exortou-o para que fosse em socorro da Igreja abalada pelas violências, revelando o sofrimento resultante da perseguição infligida pelo rei iníquo. [...] Ele [Henrique V, *scil.*] [...] fez de Burdino um ídolo, como se tivesse construído uma estátua na praça para adorar e louvar. E dado que o venerável bispo de Preneste tinha pedido o parecer dos presentes sobre a eleição do pontífice romano, e o clero, o povo e os cardeais católicos tinham acordado na sua eleição, ele [Gelásio II, *scil.*], tendo firmemente o consenso unânime de todos os homens, respondeu à chamada e à nomeação como romano pontífice. E então, naquele momento, disse o bispo: «*Oh Papa! Eis o homem que não se acobarda no tempo da perseguição e que num momento de tão grande turbulência da coisa pública decide revestir-se do ofício pontifical!*». Nos tempos difíceis, e nos mais seguros, também, foi e sempre será permitido oferecer o seu exemplo [de Gelásio II, *scil.*] que disse: «*Aqui estou. Em verdade, apesar de eu, e Deus é testemunha, nunca ter pensado no Apostolado, se alguma vez tivesse estado presente naquele momento, teria aceite o peso desta responsabilidade sobre as minhas valentes costas, pois é mais fácil lutar quanto mais perverso é o inimigo da fé, que não pára de agredir a Igreja de Cristo. E quem se não o papa, neste tempo de grande perseguição, tem que suportar o peso do governo? E quem pela salvação tem de expor-se perante perigos iminentes e comportar-se como um escudo? E quem deve levantar um muro para defender a casa de Israel, opôr-se ao inimigo e estar no campo de batalha no dia do Senhor?*» [...]. Quando o sumo sacerdote das grandes autoridades das nossas terras, que até àquele momento governou com força a Igreja de Salzburgo, ouviu que o cardeal da Santa Romana Igreja, chamado João, o seu nome anterior à eleição papal, tinha sido eleito, disse: «*Como?! Ninguém é pior que João; poderá Gelásio, por acaso, ter alguma coisa boa?*» Tal era a fama de João naquele tempo, por ter estado ao serviço do Papa Pascoal em Roma. Apesar de ter sido elevado ao trono de Pedro contra sua vontade, como temos referido, foi revestido com as insígnias sagradas, e assim, de repente, com a mudança do nome mudou o ânimo para sempre e para sempre perseverou; estudou obras devotas; iluminou admiravelmente a Igreja; assim, desprezada a tirania do rei, orientou a sua alma com São Pedro para a liberdade da Igreja.

10) *Laurentii gesta episcoporum verdunensium*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, *Scriptores*, X). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1852, p. 505.

Nota biografica: L'opera è attribuita al monaco Lorenzo del monastero di San Lorenzo di Liegi, prima di trasferirsi presso il monastero di San Vitone nella città di Verdun.

Opera: L'opera ascritta al monaco Lorenzo risale alla metà del XII secolo ed è una storia dei vescovi di Verdun dal 1048 — durante il pontificato di Dietrich (1046-1089) — fino al 1144, quando la carica di vescovo cittadino era ricoperta da Adalberone di Chiny (1131-1156). Dell'opera esistono tre continuazioni: una fino al 1147; una dal 1156 al 1187; infine una terza dal 1197 al 1250.

Edizioni/Traduzioni principali: *De gestis Verdunensium episcoporum*. In D'ACHERY, Luc, coord. — *Spicilegium sive Collectio veterum aliquot Scriptorum qui in Galliae Bibliothecis delituerant*.

Vol. II. Paris: Montalant, 1723, cols. 242-262. *Historia Episcoporum Verdunensium*. In CALMET Augustin, coord. — *Histoire de Lorraine*, Nancy: Jean-Baptiste Cusson, 1728, tome II, cols. XVIII-LXIV. Ex *Historia episcoporum Verdunensium*, Auctore Laurentio de Leodio. Ed. par des Religieux bénédictins de la congrégation de de Saint-Maur (*Recueil des historiens des Gaules et de la France*, XI). Paris: Aux Dépens des Libraires Associés, 1767, p. 249-251. Ex *Historia episcoporum Verdunensium*, Auctore Laurentio de Leodio. Ed. par des Religieux bénédictins de la congrégation de de Saint-Maur (*Recueil des historiens des Gaules et de la France*, XIII). Paris: Aux Dépens des Libraires Associés, 1786, p. 628-640. Ex *Historia episcoporum Verdunensium*, Auctore Laurentio de Leodio. Ed. par des Religieux bénédictins de la congrégation de de Saint-Maur (*Recueil des historiens des Gaules et de la France*, XVIII). Paris: Aux Dépens des Libraires Associés, 1822, p. 679-682. *Laurentii gesta episcoporum verdunensium*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, Scriptores, X). Hannover: Impensis Biblioplii Avlici Hahniani, 1852, p. 486-525. Laurenti de Leodio, *Gesta Verdunensium episcoporum et abbatum*. Ed. Jacques-Paul Migne (Patrologia Latina, CCIV). Paris: Jacques-Paul Migne éditeur, 1854, cols. 919-987.

Bibliografia essenziale: *Laurentii gesta episcoporum verdunensium*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, Scriptores, X). Hannover: Impensis Biblioplii Avlici Hahniani, 1852, p. 486-487. GENICOT, Léopold; TOMBEUR, Paul, coord. — *Index Scriptorum Operumque Latino-Belgicorum Medii Aevi*. Vol. III/2. Bruxelles: Académie Royale de Belgique, 1979, p. 149-150. HIRSCHMANN, Frank G. (1996) — *Verdun im hohen Mittelalter. Eine lothringische Kathedralstadt und ihr Umland im Spiegel der geistlichen Institutionen*. Trier: Verlag Trierer historische Forschungen. Cfr. *Laurentius monachus monasterii S. Laurentii Leodiensis. Gesta episcoporum Verdunensium*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_03200.html>. [Consultazione realizzata on-line il 05/02/2018].

25. Interea defuncto papa Paschali, Romanorum ecclesia Iohannem Gaitanum apocrisarium in papam statuit et Gelasium cognominavit; cum rex Romam accelerans, omnibus eis iam esset timori; a cuius etiam facie fuga sunt dilapsi. At rex veniens electum eorum improbavit, et Mauritium Burdinum, Bracerensem Hispanie quondam episcopum, tunc, depositum, Romanae caedrae intrusit.

Traduzione italiana:

25. Nel frattempo, defunto Papa Pasquale, l'apocrisario Giovanni di Gaeta fu scelto come papa dalla Chiesa dei Romani e fu chiamato Gelasio. Il re si affrettò a recarsi a Roma; già era il terrore di tutti e alla sua vista tutti si diedero alla fuga disordinatamente. Quando il re arrivò, prima condannò il loro eletto [Gelasio II, *scil.*] e poi intruse sulla Cattedra romana Maurizio Burdino, il deposto vescovo di Braga, una città dell'*Hispania*.

Tradução portuguesa:

25. Entretanto, falecido o Papa Pascoal, o apocrisário João de Gaeta foi eleito papa pela Igreja dos Romanos e foi chamado Gelásio. O rei apressou-se a viajar até Roma; ele era já o terror para todos e à sua vista todos fugiram desordenadamente. Quando o rei chegou, condenou, em primeiro lugar, o eleito deles [Gelásio II, *scil.*] e depois introduziu na cátedra romana Maurício Burdino, bispo de Braga, uma cidade da Hispânia, entretanto deposto.

11) *Annales Parchenses*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, Scriptores, XVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1859, p. 605.

Nota biografica: L'opera è anonima.

Opera: Si tratta degli annali dell'abbazia premostratense di Park vicino Leuven nel ducato di Brabante (attuale Belgio). Gli annali scritti verso il 1140-1148 vanno dalla nascita di Cristo fino agli anni quaranta del XII secolo. L'opera fu poi aggiornata costantemente fino al 1210 e più sporadicamente nel XIV e nel XV secolo fino al 1458. Gli *Annales Parchenses* furono la fonte di alcune opere dei secoli centrali e finali del medioevo tra cui quella di Baldovino di Ninove. Gli *Annales Parchenses* nel loro nucleo originario riportano più che altro eventi di storia universale, mentre nelle continuazioni posteriori l'opera contiene interessanti informazioni per la storia dell'abbazia di Park, dei premostratensi, del ducato di Brabante e delle contee di Fiandre e Lussemburgo.

Edizioni/Traduzioni principali: EVEN, Edward van (1860) — *Jaerbaeken der abtdy van Park van 1077 tot 1316*. «Brabandsch Museum voor Oudheden en Geschiedenis», vol. 1, p. 390-408. *Annales Parchenses*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, Scriptores, XVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1859, p. 598-608.

Bibliografia essenziale: BALAU, Sylvain (1903) — *Les sources de l'histoire de Liège au Moyen Age: Étude critique*. Bruxelles: H. Lamertin, p. 262-263 e 731. BACKMUND, Norbert (1972) — *Die mittelalterlichen Geschichtsschreiber des Prämonstratenserordens*. Averbode: Praemonstratensia, p. 217-219. VANDERPUTTEN, Steven (2010) — *Annales Parchenses*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_00144>. [Consultazione realizzata on-line 19/02/2018]. *Annales Parchenses*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_00347.html>. [Consultazione realizzata on-line il 18/02/2018].

1119. Pascalis papa obiit. Iohannes Gaitonus, qui et Gelasius, succedit papa 151²⁰⁵. Cuius electioni imperator non consentiens, Bordinum superordinari fecit. Qui a Calixto captus nudus asello impositus, per plateas ignominiose ducitur, et in cavea tandem detruditur.

Traduzione italiana:

1119. Morì Papa Pasquale. Chiamato più tardi Gelasio, Giovanni di Gaeta gli successe come centocinquantunesimo papa. L'imperatore non acconsentì a quell'elezione e fece ordinare papa Burdino, il quale fu catturato da Callisto. Burdino fu posto nudo su di un asino, portato tra la folla per essere umiliato e infine rinchiuso nel monastero di Cava.

Tradução portuguesa:

1119. Morreu Pascoal. João de Gaeta, depois chamado Gelásio, sucedeu-lhe como centésimo quinquagésimo primeiro papa. O imperador não deu o seu beneplácito àquela eleição e fez ordenar papa Burdino, que foi capturado pelo Papa Calisto. Burdino foi posto nu sobre um burro, conduzido entre a multidão para ser humilhado e, por fim, fechado no mosteiro de Cava.

²⁰⁵ Gelasio II fu il 161° papa.

12) *Otonis episcopus Frisingensis. Chronica sive Historia de duabus civitatibus.* Ed. Adolf Hofmeister (MGH, *Scriptores Rerum Germanicarum in usus scholarum ex Monumentis Germaniae Historicis separatim editi*, XLV). Hannover; Leipzig: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1912, p. 330-332.

Nota biografica: Nato nel 1114, Ottone era figlio di Leopoldo III d'Austria e di Agnese (figlia dell'imperatore Enrico IV) e zio dell'imperatore Federico I «Barbarossa». Entrato nell'Ordine Cistercense, Ottone divenne abate di Morimond (Borgogna) e più tardi presule di Frisinga. Nel 1147 partecipò alla Seconda Crociata dell'imperatore Corrado III (1147-1149), dalla quale fece ritorno nel regno di Germania nel 1148/1149. Morì nel 1158.

Opera: Chiamata anche *Chronica* o *De Mutatione rerum*, l'opera di Ottone di Frisinga è una storia universale dall'origine del mondo fino al 1146. Una prima versione scritta tra il 1143 e il 1146 andò perduta e nel 1157 l'imperatore Federico I Hohenstaufen ne chiese una nuova redazione. Il modello dell'opera di Ottone di Frisinga è il *De Civitate Dei* di Sant'Agostino e si configura come una riflessione teologica sul rapporto tra la *Civitas Dei* e la *Civitas mundi*, intese come comunità metafisiche, nel corso della storia.

Edizioni/Traduzioni principali: *Otonis episcopi Frisingensi. Chronicon.* Ed. Roger Wilmans (MGH, *Scriptores*, XX). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1868, p. 116-301. *Otonis episcopus Frisingensis. Chronica sive Historia de duabus civitatibus.* Ed. Adolf Hofmeister (MGH, *Scriptores Rerum Germanicarum in usus scholarum ex Monumentis Germaniae Historicis separatim editi*, XLV). Hannover; Leipzig: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1912. Dell'opera esistono due traduzioni una in tedesco e una in inglese: *Otto von Freising. Chronik oder die Geschichte der zwei Staaten.* Trad. Adolf Schmidt; Ed. Walther Lammers. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1961. *Otto bishop of Freising. The two cities: a chronicle of universal history to the year 1146 A.D.* Ed. Charles Christopher. New York: Columbia University Press, 2002. Riedizione.

Bibliografia essenziale: LEHTONEN, Tuomas M. S. (2000) — *History, Tragedy and Fortune in Twelfth-Century Historiography, with Special Reference to Otto of Freising's Chronica.* In LEHTONEN, Tuomas M. S.; METHONEN, Päivi, coord. — *Historia. The Concept and Genres in the Middle Ages.* Helsinki: Societas Scientiarum Fennica, p. 29-49. ROVERSI MONACO, Francesca (2000) — “*Gesta hominum e gesta Dei*”: *Ottone di Frisinga e Gerhoh di Reichersberg.* In *Sentimento del tempo e periodizzazione della storia nel medioevo.* Spoleto: CISAM, p. 257-281. KRÖNERT, Klaus (2002) — *Rezeption klassischer Dichtung in der Weltchronik Ottos von Freising.* «Mittellateinisches Jahrbuch», vol. 37, n.° 1, p. 33-73. TEN HAAF, Julia (2011) — *Otto von Freising als Geschichtsschreiber.* In FOERSTER, Sascha; TEN HAAF, Julia; SCHUMACHER, Stefan Malte; SEDDIQZAI, Mansur; TENHAEF, Tobias; TIETJEN, Ruth Rebecca, coord. — *Blumen für Clio. Einführung in Methoden und Theorien der Geschichtswissenschaft aus studentischer Perspektive.* Marburg: Tectum Verlag, p. 67-87. EHLERS, Joachim (2013) — *Otto von Freising. Ein Intellektueller im Mittelalter. Eine Biographie,* München: Verlag C.H. Beck. *Otto episcopus Frisingensis. Historia de duabus civitatibus.* In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters.* Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_03778.html>. [Consultazione realizzata on-line il 23/11/2017]. Si vedano inoltre MATTHEWS, Alastair (2010) — *Otto of Freising.* In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle.* Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_01985>. [Consultazione realizzata on-line il 08/12/2017]

e Ottone di Frisinga. In *Dizionario di Storia*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/ottone-di-frisinga_%28Dizionario-di-Storia%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 02/10/2019].

XV. [...] Sententia quoque anathematis a Calixto, qui Paschali et Gelasio successit, suadente Alberto Moguntino²⁰⁶, Friderico Coloniensi²⁰⁷, Conrado Iuvaviensi²⁰⁸, in eum datur, iterumque scismate renovato, totum imperium pertubatur. Ipse autem procintum contra Urbem movens, Burdinum Hispanum Romanae sedi violenter imposuit, qui non multo post apud Sutrium, recedente imperatore a Romanis captus, apud Cavam custodiae mancipatur.

XVI. Igitur Romano imperio multis modis in se atrito, imperator propter anathema deficere a se regnum videns patrisque metuens exemplum congregato iuxta Wormatiam maximo principum conventu, investituram episcoporum legato apostolicae sedis Lamberto, qui postmodum summus pontifex factus Honorius est dictus resignavit, per eumque ab anathematis vinculo absolutus est. Privilegium ergo de hoc ecclesia scribitur, ac ipsi rursus, ut electi tam cisalpini quam Transalpini non prius ordinentur episcopi, quam regalia de manu eius per sceptrum suscipiant, scripto confirmatur. [...] Ex hinc ecclesia libertati ad plenum restituita paceque ad integrum reformata [...].

Unde ipso Romae scriptum est: *Ecce Calixtus honor patriae, decus imperiale, Burdinum nequam dampnat, pacemque reformat.*

Traduzione italiana:

15. Fu lanciata la sentenza dell'anatema da Callisto [contro l'imperatore Enrico V, *scil.*], il quale successe a Pasquale II e a Gelasio II, su consiglio degli arcivescovi Adalberto di Magonza, Federico di Colonia e Corrado di Salisburgo. Lo scisma si rinnovò per la seconda volta e tutto l'impero ne fu turbato. Inoltre, in procinto di muovere verso Roma, [Enrico V, *scil.*] impose violentemente nella Sede Apostolica l'ispanico Burdino, che non molto tempo dopo, una volta che l'imperatore si allontanò, fu catturato dai romani a Sutri e posto sotto custodia nel monastero di Cava.

16. Allora, con l'impero romano logorato al suo interno, l'imperatore vedendo disgregarsi il suo regno e temendo di patire la stessa sorte del padre [l'imperatore Enrico IV, *scil.*], convocata nei pressi di Worms una dieta dei principi più importanti, rimise l'investitura dei vescovi al legato della Sede Apostolica Lamberto, che più tardi diventò sommo pontefice con il nome di Onorio [II, *scil.*], e fu sciolto dal vincolo dell'anatema. Fu redatto, allora, il privilegio della Chiesa che confermò nuovamente l'accordo secondo il quale gli eletti tanto cisalpini quanto transalpini non fossero ordinati vescovi senza prima aver ricevuto i *regalia* dalle mani dell'imperatore attraverso lo scettro [...]. Così fu pienamente ripristinata la *libertas ecclesiastica* e la pace ristabilita completamente [...]. Per questo a Roma fu scritto: «*Ecco Callisto onore della patria, gloria imperiale. Condanna Burdino, uomo di nessun valore, e restituisce la pace.*».

Tradução portuguesa:

15. A sentença do anátema foi lançada [sobre o imperador Henrique V, *scil.*] por Calisto II, que sucedeu a Pascoal II e a Gelásio II, sob o conselho do arcebispo Adalberto de Mogúncia, de

²⁰⁶ Cfr. nota n.º 196 in questa sezione.

²⁰⁷ Federico I di Schwarzenburg fu arcivescovo di Colonia (1100-1131), si veda WISPLINGHOFF, 1961: 511.

²⁰⁸ Corrado di Abensberg arcivescovo di Salisburgo (1106-1147). GAMS, 1873: 307.

Frederico de Colónia e Conrado de Salzburgo. O cisma reanimou-se uma segunda vez e todo o império foi afetado. Prestes a chegar a Roma, o imperador impôs com violência na Sé Apostólica o hispânico Burdino, que, não muito tempo depois, uma vez afastado o imperador, foi capturado pelos romanos em Sutri e posto sob custódia no mosteiro de Cava.

16. Consequentemente, com o império romano enfraquecido no seu interior, o imperador via o seu reino a desagregar-se, e tendo medo do que acontecera a seu pai [o imperador Henrique IV, *scil.*], convocou uma Dieta dos príncipes mais importantes para Worms. Restituiu a investidura dos bispos ao legado da Sé Apostólica, Lamberto, que mais tarde se tornou sumo pontífice com o nome de Honório [II, *scil.*], e foi liberto do vínculo do anátema. Foi, então, redigido o privilégio da Igreja que confirmou novamente o acordo, para que os eleitos, tanto cisalpinos como transalpinos, não fossem ordenados bispos antes de terem recebido os *regalia* das mãos do imperador através do ceptro. [...]. Assim, foi plenamente restituída a liberdade eclesiástica e a paz completamente restabelecida [...]. Por esta razão foi escrito em Roma: «*Aqui está Calisto, honra da pátria, glória imperial. Condena Burdino, homem sem nenhum valor, e restitui a paz*».

13) Gerhochus Reicherspergensis. De investigatione Antichristi (Liber I). Ed. Ernst Sackur (MGH, Scriptores, Libelli de Lite, III). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1897, p. 335, 338 e 354-355.

Nota biografica: Gerhoh di Reichersberg (1093-1169) fu uno dei maggiori teologi del XII secolo. Fu maestro della scuola della cattedrale di Augusta (1119) e in seguito canonico regolare a Rottenbuch. A causa dei suoi conflitti con il vescovo di Augusta Ermanno (alleato di Enrico V e sostenitore di Maurizio «Burdino»/Gregorio VIII), Gerhoh lasciò la diocesi e vi fece ritorno soltanto quando il vescovo Ermanno di Augusta si riconciliò con Papa Callisto II. Gerhoh partecipò al primo Concilio Lateranense del 1123 e nel 1132 su nomina dell'arcivescovo di Salisburgo Corrado I divenne prevosto della collegiata di Reichersberg. Nel 1143, Gerhoh prese parte insieme ad Arnaldo da Brescia (†1155, canonico regolare protagonista dell'esperimento comunale a Roma) alle legazioni papali in Moravia e Boemia. Nel 1159 Gerhoh sostenne Alessandro III contro Vittore IV (1159-1164), il candidato papale dell'imperatore Federico I Hohenstaufen, attirandosi così l'ostilità imperiale.

Opera: Scritta intorno al 1160-1162 (la prima versione è andata perduta), l'opera è dedicata all'arcivescovo Everardo I di Salisburgo (1147-1164). Il lavoro di Gerhoh di Reichersberg si configura come una storia dell'Anticristo dalle origini del mondo fino alla metà del XII secolo, con particolare attenzione allo scisma tra Alessandro III e Vittore IV che Gerhoh visse da protagonista.

Edizioni/Traduzioni principali: *Gerhohi Reichersbergensis praepositi opera hactenus inédita*. Vol. I. Ed. Friederich Scheibelberger. Linz: Sumptibus M. Quirein, 1875, p. 5-377. *Gerhochus Reicherspergensis. De investigatione Antichristi (Liber I)*. Ed. Ernst Sackur (MGH, Scriptores, Libelli de Lite, III). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1897, p. 304-395.

Bibliografia essenziale: FICHTENAU, Heinrich (1938) — *Studien zu Gerhoh von Reichersberg*. «Mitteilungen des Instituts für Österreichische Geschichtsforschung», vol. 52, p. 1-56. MEUTHEN, Erich (1959) — *Kirche und Heilsgeschichte bei Geroh von Reichersberg*, Leiden; Köln: Brill. VAN DEN EYNDE, Damien (1957) — *L'oeuvre littéraire de Geroh de Reichersberg*, Rom: Apud Pontificium Athenaeum Antonianum. CLASSEN, Peter (1960) — *Gerhoch von Reichersberg*.

Eine Biographie. Mit einem Anhang über die Quellen, ihre handschriftliche Überlieferung und ihre Chronologie. Wiesbaden: Verlag Steiner, 1960. LAZZARINO DEL GROSSO, Anna M. (1974) — *Società e potere nella Germania del XII secolo. Gerhoch di Reichersberg*, Firenze: Olschki. GOETZ, Hans-Werner (1988) — *Endzeiterwartung und Endzeitvorstellung in Rahmen des quellensbildes des früheren 12. Jahrhunderts.* In VERBEKE, Werner; VERHELST, Daniel; WELKENHUYSEN, Andries, coord. — *The Use and the abuse of Eschatology in the Middle Ages.* Leuven: Leuven University Press, p. 306-332. MEWS, Constant J. (2005) — *Accusations of Heresy and Error in the Twelfth-Century Schools: The Witness of Gerhoch of Reichersberg and Otto of Freising.* In HUNTER, Ian; LAURSEN, John Christian; NEDERMAN, Cary J., coord. — *Heresy in Transition. Transforming Ideas of Heresy in Medieval and Early Modern Europe.* Aldershot: Routledge, p. 43-58. RIEGER, Reinhold (2009) — *Kirchenreform und Theologiekritik bei Gerhoch von Reichersberg.* In KÖPF, Ulrich, coord. — *Frömmigkeit und Theologie an Chorherrenstiften.* Ostfildern: Thorbecke, p. 141-156. Si vedano inoltre le voci enciclopediche *Gerhoch di Reichersberg.* In *Enciclopedia Italiana Treccani.* Disponibile in <<http://www.treccani.it/enciclopedia/gerhoch-di-reichersberg/>>. [Consultazione realizzata on-line il 10/12/2017]. *Gerhochus Reicherspergensis. De investigatione Antichristi.* In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters.* Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_02414.html>. [Consultazione realizzata on-line il 10/12/2017]. Si veda inoltre il sito Disponibile in <<https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803095849376>>. [Consultazione realizzata on-line il 19/12/2019].

26. Pascali Gelasius succedit, cui Burdinus a rege superponitur. Non multo post tempore Pascali papa viam universe carnis ingresso Gelasius in pontificatu succedit, optimus et ipse legis Dei ac libertatis ecclesiasticae emulator, cuius post ordinationem die XL. Heinricus imperator Urbem ingressus bestiam quandam nomine Purdinum superintrusit, Gelasio papa ab Urbe deturbato. Iterum videre erat abominationem desolationi stantem in loco sancto *filiumque perditionis in templo Dei*²⁰⁹, quod est ecclesia, *sedentem seque super omne, quod dicitur Deus aut quod colitur, extollentem*²¹⁰ Gelasio papa exsulante et Burdino sedem beati Petri, immo vero et Christi sedem, occupante. De quo eiusque similibus iure dixerim, quod super omne quod dicitur Deus aut quod colitur se extulerit, siquidem non solum veris Christi sacerdotibus, de quibus a Domino dicitur: *Ego dixi, dii estis et filii excelsi omnes*²¹¹, sed et Christo, preter quem alius non est Deus, se qui eiusmodi sunt, preferre nituntur, dum ipso spreto et abiecto, qui verus ecclesiae sponsus est, eius locum adulterino ausu pervadunt.

27. Contentio inter regnum et sacerdocium. Et Burdinus quidem sedem beati Petri occupans satisagebat pro iniquitatis complendo misterio, Gelasius vero exulans quasi pater filium regem Heinricum ad correctionem invitat, quatenus videlicet ecclesie in electionibus episcoporum suam libertatem dimitteret, et statuam, quam in sancto loco contra Deum erexerat, deponere festinaret. [...].

²⁰⁹ San Paolo II Lettera ai Tessalonicesi II, 2:3-4 «Ne quis vos seducat ullo modo; quoniam, nisi venerit discussio primum, et revelatus fuerit homo iniquitatis, filius perditionis, qui adversatur et extollitur supra omne, quod dicitur Deus aut quod colitur, ita ut in templo Dei sedeat, ostendens se quia sit Deus», «Nessuno vi inganni in alcun modo! Prima infatti verrà l'apostasia e si rivelerà l'uomo dell'iniquità, il figlio della perdizione, l'avversario, colui che s'innalza sopra ogni essere chiamato e adorato come Dio, fino a insediarsi nel tempio di Dio, pretendendo di essere Dio». Per il testo latino e la sua traduzione in italiano abbiamo consultato i siti Disponibili in http://www.vatican.va/archive/bible/nova_vulgata/documents/nova-vulgata_nt_epist-ii-thessalonicensis_it.html e <http://www.bibbia.net/>. [Consultazione realizzata on-line il 10/07/2019].

²¹⁰ Si veda la nota precedente.

²¹¹ Salmo 82:6 «Io ho detto: *Voi siete dèi, siete tutti figli dell'Altissimo*». Disponibile in <<http://www.bibbia.net/>>. [Consultazione realizzata on-line il 29/01/2020].

28. De excommunicatione Heinrici V. Interim Heinricus iam dictus imperator ecclesiae Dei electiones et investituras nolens dimittere magisque cor suum adversum salutaria monita indurans et bestiam, Burdinum dico, sedi beati Petri superintrusam defendens ac munutenens tamquam scismaticus et adversus Dominum rebellis ab ecclesia Dei per Gelasium Romanum pontificem multorum in Remensi civitate commanentium episcoporum astipulatione separatus est sicque ab utrisque discessum. At Heinricus tamquam bestia vulnerata seior effectus, dum recedentem ac civitates quasdam regni sui ingressum, clerus non solito favore ac laudibus exciperet, nonnullis videlicet ab eius receptione se subtrahentibus, quasi in rebelles imperio vindictam exercet, domus eorum subverti precipiens. Non multo post Gelasio obeunte Calixto succedit, cuius in tempore tandem ecclesia ad eligendos sibi episcopos libertate donata est, cui et investiturae per anulum et baculum, virgam videlicet pastorem, in episcoporum consecrationem faciendae recognite sunt. Videns namque imperator aecclesiae graves manus super se ac metuens, ne forte in iniquitate sua per celos racionales, videlicet episcopos et sanctos Dei, revelata etiam terra, terreni scilicet principes, aedversus eum consurgerent sicque etiam ipse, quemadmodum patri contingit, regno privaretur, collecta curia in loco, qui Lobwise²¹² dicitur, ubi et legati Romane sedis aderant, electiones, ut prediximus, atque investituras liberas ecclesiae remisit, ita ut electus vel consecratus de manu imperatoris vel regis regalia per sceptrum acciperet, facto sibi hominio et fidelitate iurata et ita ablato Burdino de medio et in monasterium, quod Cavea dicitur, misso, imperatore quoque a vinculo anathematis absoluto pax ecclesie Dei reddita est.

47. Culpatur dualitas sacerdotii non solum in christianismo, sed etiam in antiquo populo. Sed nec illas ab impietatis misterio divisiones vacasse crediderim, que post Herodis alieniene in regno Iudaico sublimationem sacerdotii pariter et illius regni facte sunt. Nempe sacerdotii pontificalis apex, qui a temporibus Aaron unicuilibet filiorum eius usque ad ea tempora successim indivisus ex auctoritate Dei precipientis provenerat, ut unus apud eos summus sacerdos vel princeps sacerdotum diceretur et esset, abhinc pro humano alieniene regis arbitrio in duos summus dictos sacerdotes distributus est. Unde et illud Luce evangeliste testimonium, quoniam *sub principibus sacerdotum Anna et Caipha factum est verbum Domini super Iohannem Zacharie filium in deserto*²¹³. Ad quos etiam utrosque primo videlicet ad Annam, deinde ad Caipham dominus Iesus in passione sua adductus coram eis irrisus, sputis illitus et exapalatus est atque ab eis ad Pilatum vinctus adductus. Cuius divisionis in ecclesia et contra ecclesiam Christi complere misterium ex longo iam tempore sathanas molitus est. In qua molitione sua a temporibus Nicolai pape secundi²¹⁴ magis prosperatus est pape secundi magis prosperatus est. Ex tunc enim, supra dictum est, Gregorio VII. Wibertus²¹⁵, Gelasio Burdinus a regibus Herodiane malicia consortibus superintrusi sunt. Contra Innocentium quoque secundum Petrus Leonis Urbem tenuit²¹⁶, quoad vixit in urbe, papa nominatus, sed orbis et universitas ecclesie propter electionis et eligentium potioem partem in Innocentium consensit. Similiter et Wibertus atque Burdinus facile a catholicis et ab universitate reprobati sunt, existentibus

²¹² È questa la località che Gerhoh indica come il punto esatto dove fu concluso il concordato tra Enrico V e Callisto II meglio conosciuto come il Concordato di Worms (1122). Secondo il Böhmer Lobwise si trovava comunque nei pressi di Worms. Si veda BÖHMER, 1877: 267 e ZÖPPFEL, 1871: 289.

²¹³ Luca, 3:2 «Sotto i sommi sacerdoti Anna e Caifa, la parola di Dio venne su Giovanni, figlio di Zaccaria, nel deserto». Disponibile in <<http://www.bibbia.net/>>. [Consultazione realizzata on-line il 20/01/2020].

²¹⁴ Papa Niccolò II (1059-1061). Si veda AMBROSIONI, 2000.

²¹⁵ Wiberto arcivescovo di Ravenna (1073-1080) e *antipapa* con il nome di Clemente III (1080-1100). Si veda la nota n.º 34 in questa sezione.

²¹⁶ Pietro Pierleoni *antipapa* con il nome di Anacleto II (1130-1138). Si veda la nota n.º 70 in questa sezione.

nimirum causis manifestis intrusionis, pro quibus reprobabiles extiterant. Sic et in ceteris usque ad Cornelium papam²¹⁷, cui preferre se nitebatur Novatus, quotienscumque divisio et quasi dualitas vel etiam pluralitas Romanorum pontificum per quascunque causas vel occasiones emerit, facile fuit ecclesie reprobare malum et eligere bonum, habenti nimirum causas in promptu quibus id facere posset. Et ita non remanente lapide super lapidem, qui non destrueretur, unitas in ecclesia sua et maxime in sede illa principali Deo valde complacita inviolata ac tunica illa inconsutilis inconscissa permansit²¹⁸.

Traduzione italiana:

26. A Pasquale successe Gelasio, al quale si sovrappose Burdino promosso dal re. Non molto tempo dopo, Pasquale prese la via universale di tutti i mortali e gli successe al pontificato Gelasio, ottimo emulatore della legge di Dio e della libertà ecclesiastica. Quaranta giorni dopo la sua ordinazione, l'imperatore Enrico entrò nell'Urbe e impose come papa la bestia di nome Purdino [*sic.*], mentre Papa Gelasio fu espulso da Roma. Ancora una volta ci si trovava di fronte all'abominio della distruzione del luogo santo e «*al figlio della perdizione nel tempio di Dio*», che è la Chiesa, e «*che si siede e si eleva al di sopra di ogni cosa che è ciò che noi adoriamo come Dio*», nella misura in cui Papa Gelasio era costretto all'esilio, mentre Burdino occupava la sede di Cristo. Ho già parlato legittimamente di colui e di quelli che, come lui, si elevano al di sopra di tutto ciò che chiamiamo o che viene adorato come Dio. Essi mirano ad anteporre sé stessi, non solo ai veri sacerdoti di Cristo, dei quali dice il Signore: «*siete divini e figli tutti dell'Eccelso*», ma anche a Cristo, oltre il quale non vi è altro Dio e che è il vero sposo della Chiesa ora disprezzato e rinnegato, e prendono il suo posto di sposo con adultero disprezzo.

27. Conflitto tra il Regno e il Sacerdozio. E mentre Burdino occupava la Sede del Beato Pietro ed era impegnato nel compiere il mistero [*sic.*] dell'iniquità, Gelasio in esilio quasi come un padre con il figlio, invitò il re Enrico a ritornare sulla retta via e cioè a rinunciare al suo privilegio nelle elezioni dei vescovi della Chiesa ed affrettarsi ad abbattere la statua che aveva eretto nel luogo santo contro Dio [Burdino, *scil.*] [...].

28. Della scomunica di Enrico V. Nel frattempo, il già menzionato imperatore Enrico non voleva rinunciare alle elezioni e alle investiture e il suo cuore si induriva sempre di più verso i consigli buoni e saggi. Intrusa la bestia Burdino, come dicevo, la difendeva e la sosteneva così come fa lo scismatico dalla Chiesa e il ribelle contro il Signore. L'imperatore fu dichiarato scismatico dalla Chiesa di Dio e dal pontefice romano Gelasio con l'accordo dei molti vescovi convenuti nella città di Reims e così fu scomunicato da tutti. Tuttavia, così come una bestia ferita, Enrico reagì in maniera ancora più feroce; quando si ritirò, al suo ingresso nelle città del regno il clero non lo accolse con il solito favore e con i consueti elogi. Alcuni si sottrassero alla sua presenza e si rifiutarono di riceverlo, quasi come ribelli all'autorità dell'impero. Enrico si vendicò e ordinò di distruggere le loro case. Non molto tempo dopo al morente Gelasio successe Callisto, durante il cui pontificato la Chiesa ricevette la grazia della libertà di eleggere i vescovi e di esaminare le investiture nella

²¹⁷ Novaziano o *Novatus* (†258) fu un presbitero romano del III secolo, *antipapa* in contrapposizione a papa Cornelio (†253). Rinvio a NICCOLI, 1934.

²¹⁸ Giovanni, 19:23 «I soldati poi, quando ebbero crocifisso Gesù, presero le sue vesti, ne fecero quattro parti — una per ciascun soldato — e la tunica. Ma quella tunica era senza cuciture, tessuta tutta d'un pezzo da cima a fondo». Disponibile in <<http://www.bibbia.net/>>. [Consultazione realizzata on-line il 29/01/2020].

loro consacrazione per l'anello, lo scettro e la verga, ossia il pastorale. Allora, vedendo le pesanti mani della Chiesa cadere su di sè e temendo che fosse rivelata la sua grande iniquità per i cieli razionali, ossia per i vescovi e i santi di Dio, e per la terra, dato che i principi si erano ribellati contro di lui, ed essere così privato del regno, esattamente come suo padre, riunita la Curia romana nel luogo chiamato Loubwisen, dove si trovavano i legati della Sede romana, l'imperatore decise di rimettere alla Chiesa le elezioni e le libere investiture, dato che l'eletto o il consacrato avrebbe ricevuto i *regalia* dalla mano dell'imperatore o del re. Prestato omaggio al papa, giurata la fedeltà e tolto Burdino di mezzo una volta rinchiuso nel monastero di Cava, l'imperatore fu sciolto dal vincolo dell'anatema e così tornò la pace nella Chiesa di Dio.

47. La dualità del Sacerdozio fu condannata non solo dal cristianesimo, ma anche dagli ebrei, l'antico popolo. Non ho creduto, però, che mancassero quelle divisioni causate dal mistero dell'empietà, accadute quando nel regno giudaico il nemico Erode elevò nello stesso modo il Sacerdozio e il suo regno. L'apice del Sacerdozio pontificale — che sin dai tempi di Aronne e dei suoi figli fino al suo tempo [di Erode, *scil.*] fu sempre indiviso e proveniente dall'autorità di Dio che lo protegge, affinché uno tra di loro fosse nominato sommo sacerdote oppure principe dei sacerdoti — fu diviso, infatti, tra due sommi sacerdoti a causa dell'umano e ostile arbitrio del re. Come testimonia l'Evangelista Luca: «*sotto i principi dei sacerdoti Anna e Caifa la parola di Dio fu rivolta a Giovanni figlio di Zaccaria nel deserto*». Prima da Anna poi da Caifa, il Signore Gesù fu portato sotto gli occhi di entrambi durante la sua passione: gli sputarono, lo derisero, lo bastonarono e lo fecero prigioniero di fronte a Pilato. Questa divisione nella Chiesa e contro la Chiesa di Cristo portò a compimento il mistero messo in atto già lungo tempo fa da Satana. In quest'opera si andò ancora oltre dal tempo di Papa Niccolò II. Da allora infatti, come abbiamo detto prima, durante i pontificati di Gregorio VII e Gelasio furono imposti Wiberto e Burdino dai re adepti della malizia erodiana. Contro Innocenzo II, Pietro Pierleoni [l'*antipapa* Anacleto II, *scil.*] manteneva il controllo di Roma, come papa nominato, ma il mondo, la totalità della Chiesa e la maggior parte degli elettori diedero il proprio consenso all'elezione di Innocenzo. In maniera simile Wiberto e Burdino furono respinti dai cattolici e da tutti, per via dell'evidente motivo della loro intrusione per la quale erano rigettati e rimproverati. In questo e negli altri casi, fino a Papa Cornelio, che preferì bruciare Novaziano, spesso emerse la divisione, per qualunque causa o ragione, con la dualità oppure la pluralità dei pontefici dei romani. Fu facile, però, nella Chiesa condannare il male e scegliere il bene e non ci fu nessun dubbio sulla facilità con la quale si procedette. E così, pur non rimanendo nessuna pietra sulla pietra, l'unità della Sua [di Cristo, *scil.*] Chiesa non fu distrutta, soprattutto nella sua sede principale tanto cara a Dio [Roma, *scil.*] e la sua tunica priva di cuciture rimase integra e inviolata.

Tradução portuguesa:

26. A Pascoal sucedeu Gelásio, a quem se sobrepôs Burdino promovido pelo rei. Não muito tempo depois, Pascoal tomou a via universal de todos os mortais e sucedeu-lhe no pontificado Gelásio, óptimo emulador da Lei de Deus e da liberdade eclesiástica. Quarenta dias depois da sua ordenação, o imperador Henrique, tendo entrado em Roma, impôs como papa a besta de nome Purdino [*sic.*] e o Papa Gelásio foi expulso da *Urbs*. Uma vez mais estava-se perante a abominação da destruição do lugar santo e «*a presença do filho da perdição no Templo de Deus*», que é a Igreja, «*que se senta e se eleva sobre qualquer coisa que é o que nós adoramos como Deus*», atendendo a que o Papa Gelásio era obrigado ao exílio, e o próprio Burdino ocupava a Sé de Cristo. Já falei

legitimamente de quem e daqueles que, como ele, se elevam acima de tudo o que nós chamamos ou adoramos como Deus. O objetivo destes é anteporem-se a si mesmos, não só aos verdadeiros sacerdotes de Cristo de quem o Senhor diz «*Sois divinos e todos filhos do Louvado*», mas também, ao próprio Cristo — sendo inegável que não há outro Deus —, que é o verdadeiro Esposo da Igreja, agora desprezado e renegado, e tomarem o seu lugar de esposo com adúltero desprezo.

27. Conflito entre o Reino e o Sacerdócio. E enquanto Burdino, que ocupava a Sé do Beato Pedro, estava muito ocupado em cumprir o mistério [*sic.*] da iniquidade, Gelásio, no exílio, quase como um pai para um filho, convidou o rei Henrique a enveredar pela reta via, ou seja, que renunciasse ao seu privilégio nas eleições dos bispos da Igreja e que se apressasse a destruir a estátua que tinha erigido no lugar santo contra Deus [isto é, Burdino, *scil.*]. [...].

28. Sobre a excomunhão de Henrique V. Entretanto, o já mencionado imperador Henrique não queria renunciar às eleições e às investiduras e o seu coração era cada vez mais insensível aos melhores conselhos. Introduzida a besta Burdino, como dizia, o imperador defendia-a e apoiava-a, assim como faz o cismático da Igreja e o rebelde contra o Senhor. O imperador foi declarado cismático pela Igreja de Deus e pelo pontífice romano com o acordo de muitos bispos reunidos na cidade de Reims e assim foi excomungado por todos. Todavia, Henrique, tal como uma besta ferida, reagiu de maneira ainda mais feroz; quando se retirou, nas cidades do reino onde se acolheu o clero não o tratou com o habitual favor e com os costumeiros elogios. Alguns afastaram-se da sua presença e recusaram-se a recebê-lo, quase como rebeldes à autoridade imperial; ele vingou-se e ordenou a destruição das suas casas. Não muito tempo depois, ao moribundo Gelásio sucedeu Calisto, no pontificado do qual a Igreja recebeu, por fim, a graça da liberdade de eleger os bispos e de legitimar as investiduras na consagração destes, pelo anel e pelo báculo, ou seja, a *virga* pastoral. Então, o imperador, com receio que recaísse sobre si a pesada mão da Igreja e com o temor de ser revelada a sua grande iniquidade pelos céus racionais, ou seja, pelos bispos e santos de Deus, e pela terra, dado que os príncipes do mundo se tinham revoltado contra si, e assim poder perder o reino, exactamente como seu pai, reunida a Cúria romana no lugar chamado Loubwisen, onde se encontravam os legados da Sé romana, decidiu restituir à Igreja as eleições e as investiduras livres, sendo que o eleito ou consagrado receberia os *regalia* da mão do imperador ou do rei. Prestada a homenagem ao papa, jurada fidelidade e eliminado Burdino, encerrado no mosteiro de Cava, o imperador foi liberto do vínculo do anátema e a paz regressou à Igreja de Deus.

47. A dualidade do Sacerdócio foi condenada não só pelo cristianismo, mas também pelos judeus, o antigo povo. Contudo, não acreditei que faltassem aquelas divisões causadas pelo mistério da impiedade, que foram provocadas depois do inimigo Herodes, no reino judaico, ter elevado da mesma forma o Sacerdócio e o seu reino. Com certeza o ápice do Sacerdócio pontifical, que desde os tempos de Aarão e dos seus filhos até ao tempo [de Herodes, *scil.*] foi sempre indiviso e provinha da Autoridade de Deus que o protege, para que um entre eles fosse nomeado sumo sacerdote ou príncipe dos sacerdotes, foi distribuído entre dois sumos sacerdotes pelo humano e hostil arbítrio do rei. Serve aqui o testemunho do Evangelista Lucas: «*sob os príncipes dos sacerdotes Anás e Caifás a palavra de Deus chegou a João, filho de Zacarias, no deserto*». Perante ambos, antes Anás e logo Caifás, o Senhor Jesus foi levado sob os olhos dos dois durante a sua paixão: cuspiram-lhe, gozaram com ele, bateram-lhe e fizeram-no prisioneiro perante Pilatos. Esta divisão na Igreja e contra a Igreja de Cristo cumpriu o mistério já realizado há muito tempo atrás por Satanás. Nesta obra foi-se ainda mais longe a partir dos tempos do Papa Nicolau II. Desde

então, de facto, como dissemos antes, durante os pontificados de Gregório VII e Gelásio foram impostos Guiberto e Burdino pelos reis adeptos da malícia herodiana. Contra Inocêncio II, Pedro Leão [Pierleoni, *scil.*] [o *antipapa* Anacleto II, *scil.*] mantinha o controlo de Roma, enquanto papa nomeado, mas o mundo e a totalidade da Igreja e a maior parte dos eleitores deu o seu consenso à eleição de Inocêncio. De maneira semelhante, Guiberto e Burdino foram rejeitados pelos católicos e por todos, em virtude dos evidentes motivos da intrusão, pela qual tinham sido desprezados e repreendidos. Neste e nos outros casos, até ao Papa Cornélio, que preferiu queimar Novaciano, em muitas ocasiões surgiu a divisão, por uma qualquer causa ou razão, com a dualidade ou também a pluralidade dos pontífices romanos. Mas foi fácil na Igreja condenar o mal e escolher o bem, e não houve dúvida nenhuma sobre a facilidade com que se procedeu. E assim, mesmo não ficando pedra sobre pedra, a unidade da Sua [de Cristo, *scil.*] Igreja não foi destruída e, sobretudo, na sua Sede principal tão querida por Deus [Roma, *scil.*], a sua túnica sem remendos ficou íntegra e inviolada.

14) *Tractatus de scismaticis*. Ed. Julius Reinhard Dieterich; Heinrich Böhmer (MGH, *Scriptores, Libelli de Lite*, III). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1897, p. 124 e 128-129.

Nota biografica: L'autore del trattato è anonimo, anche se secondo I. R. Dieterich e H. Böhmer potrebbe trattarsi di un chierico o un monaco della Baviera o dell'area di influenza della diocesi di Salisburgo, visti anche i punti di contatto dell'opera con altri autori come ad esempio Gerhoh di Reichersberg.

Opera: L'opera in questione è un trattato in favore di Papa Alessandro III (Rolando Bandinelli, 1159-1181) contro l'*antipapa* Pasquale III (Guido da Crema, 1164-1168). Il manoscritto più antico del *Tractatus de Scismaticis* risale al XIII secolo, ma l'opera dovrebbe essere stata scritta attorno al 1165-1166, nel pieno dello scisma papale tra Alessandro III e Pasquale III.

Edizioni/Traduzioni principali: *Tractatus de scismaticis*. Ed. Julius Reinhard Dieterich; Heinrich Böhmer (MGH, *Scriptores, Libelli de Lite*, III). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1897, p. 109-130.

Bibliografia essenziale: *Tractatus de scismaticis*. Ed. Julius Reinhard Dieterich; Heinrich Böhmer (MGH, *Scriptores, Libelli de Lite*, III). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1897, p. 109-110. MANITIUS, Max (1931) — *Geschichte der lateinischen Literatur des Mittelalters*. München: Verlag C. H. Beck, p. 60-61. Ristampa, 2005. MACCARRONE, Michele (1991) — *Romana ecclesia, cathedra Petri*. Roma: Herder, p. 410 e seguenti. *Reading the Bible in the Middle Ages*. Ed. Jinty Nelson; Damien Kemp. London; New York: Bloomsbury, 2015, p. 266. Si veda inoltre *Tractatus de scismaticis*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <https://www.geschichtsquellen.de/repOpus_04444.html>. [Consultazione realizzata on-line il 02/10/2019].

Quorsum autem istas ridiculas inepcias persequemur? Dicamus pocius, quod dicendum est. Unum itaque e duobus omnino verum est: aut Alexander propter Pascalem legitimus episcopus non est, aut Pascalis propter Alexandrum legitimus non est. Si legitimus Pascalis est, Alexander non est. Si Alexander legitimus est, Pascalis non est, quia nulla omnino alia causa est, quare legitimus non est alter, nisi ea, quod alter per canonicam electionem et catholice ecclesie unanimitatem legitimus est. Si Pascalis hanc electionem et unanimitatem haberet, Alexander [non] esset. Set quia

hanc Alexander habet, et Pascalis non habet, Alexander legitimus est, quod idcirco Pascalis esse non posset. Ambo illi illegittimi esse non possunt, quod tamen fratres nostri etiam Alexandrum esse, nescio unde, volunt, nisi forte quipiam in tantum deliret, qui propter obiectum contencionis eum [non] legitimum esse iudicet. Si nemo ei de contencione calumpniam struat, contencio ex parte illius est, qui eum impugnat. Ipse non contendit. Violenciam patitur, non facit. Tantummodo manet, quod per canonicam eleccionem et ecclesie unanimatem factus est. Si hoc contencio est, hec solummodo eius contencio est. Nam quod in Victorem et Paschalem et eorum fautores officium suum exercuit, in eius arbitrio [non] fuit, nec hoc dicendum est contencio, quod est pastoralis officii et legitime potestatis executio. Nova non sunt, que in eum contra Deum et iusticiam fiunt²¹⁹. Sic sanctus Cornelius papa et martyr apostolice sedis invasorem Novacianum, Romanum presbyterum²²⁰, non sustinuit; sic Symachus papa Laurentium²²¹, sic Innocencius papa Petrum Leonem²²², sic Gregorius VII Wibertum a seniore rege Henrico intrusum²²³ [...]. Soli infelices invasorum et contentiosorum fautores cum ipsis perversitatibus captibus se a sancta ecclesie unitate sciderunt.

[...] Ad extremum silendum non est, quod omnes scismatici iam olim in similibus suis excommunicati sunt ideoque duplo foris sunt. Nam sicut in chronicis legimus, sancte memorie Gregori VII, vir apostolicus, sui temporis scismaticos, videlicet Henricum imperatorem seniore et Wibertum, Romane ecclesie invasorem, et eorum fautores excommunicavit. Set et Urbanus II, successor eius, id ipsum fecit. Pascalis quoque II, successor Urbani, super ioniore Henricum et quendam Burdinum, quem idem Henricus, sicut pater eius Wibertum, apostolice sedi intruserat, eandem excommunicationem confirmavit et hoc modo determinavit [...].

[...] Item Gelasius II, successor Pascalis, idem scisma in eodem Henrico et eius conplicibus excommunicando dampnavit. Ita isti IIII apostolici viri una atque eadem sententia illos scismaticos dampnaverunt; que dampnatio, tametsi illis, qui tunc scisma fecerunt, specialiter ac personaliter ingesta sit, omnes tamen todo et in futurum eodem malo depravatos communiter astringit. Unde Gelasius II. scribens Orientalibus episcopis: *Omnes, inquit, complices, sectatores, communicatores dampnate semel pravitatis pari sorte censentur*²²⁴.

Traduzione italiana:

A che scopo insistiamo su queste ridicole inezie? Diciamo, piuttosto, quello che è necessario dire. Solo uno dei due è senza dubbio il legittimo: o Alessandro per Pasquale [III, *antipapa, scil.*] non è il vescovo legittimo, oppure Pasquale per Alessandro non è legittimo. Se è legittimo Pasquale, non lo è Alessandro. Se è Alessandro il legittimo, Pasquale non può esserlo, perché non c'è nessun'altra ragione per la quale non sia legittimo se non chi è legittimato dall'elezione canonica e dall'unanimità della Chiesa Cattolica. Se questa elezione e l'unanimità sono state ricevute da Pasquale, non può

²¹⁹ Il riferimento è ai due principali *antipapi* dell'epoca di Alessandro III: Vittore IV (1159-1164) e Pasquale III (1164-1169). Si vedano PIAZZA, 2000 e la voce biografica di JORDAN, 1973.

²²⁰ Su Novaziano, si veda la nota n.° 217 in questa sezione.

²²¹ Lorenzo (498-506) *antipapa* in opposizione a Simmaco (†514). Si veda SARDELLA, 2000.

²²² Su Pietro Pierleoni/Anacleto II, si veda la nota n.° 70 in questa sezione.

²²³ Su Wiberto/Clemente III, si veda la nota n.° 34 in questa sezione.

²²⁴ Il riferimento è alla lettera non è di Papa Gelasio II, ma di Papa Gelasio I (492-496) indirizzata ai vescovi d'Oriente nell'anno 495. La lettera è edita in THIEL, 1868: ep. 27. Il passo citato nel *Tractatus de Scismaticis* si trova alla p. 424.

essere legittimo Alessandro. Se è Alessandro, però, ad averle ricevute, e non Pasquale, allora Alessandro è il papa legittimo e per questa ragione non può esserlo Pasquale. Entrambi illegittimi non possono essere; tuttavia non capisco perché i nostri fratelli non vogliono che sia Alessandro, se non qualcuno che accidentalmente delira, il quale, per il tenore del conflitto, non considerano legittimo. Se nessuno tra quelli che lo combattono ordirà dei tranelli contro di lui, la contesa sarà vinta da Alessandro. Egli non lotta; ha sofferto la violenza, non l'ha commessa. Sia ben chiaro che egli fu eletto canonicamente e con l'unanimità della Chiesa. Se questo è il conflitto, è soltanto il suo conflitto. Il fatto che il suo ufficio fu esercitato da Vittore [IV, *antipapa, scil.*], da Pasquale e dai loro fautori, non è responsabilità di Alessandro; il conflitto, non ci sarebbe neanche bisogno di dirlo, è sull'esercizio legittimo della potestà dell'ufficio pastorale. Non è una novità che abbiamo fatto giustizia di chi cospirò contro Dio. Così il santo Papa e martire della Sede Apostolica, Cornelio, non sostenne l'invasore Novaziano, presbitero romano. Così Papa Simmaco contro Lorenzo. Così Papa Innocenzo con Pietro Pierleoni. Così Gregorio VII contro Wiberto intruso dal signore Enrico [...]. Soli, quegli infelici degli invasori e dei belligeranti, prigionieri delle loro perversioni, si separarono dalla Chiesa.

[...] Infine bisogna dire che tutti gli scismatici e i loro simili furono già tutti scomunicati e per questa ragione sono doppiamente fuori dalla Chiesa. Infatti, così come leggiamo nelle cronache, l'uomo apostolico di santa memoria [Gregorio VII, *scil.*] scomunicò gli scismatici del suo tempo, cioè il signore imperatore Enrico e Wiberto, invasore della Chiesa Romana, e i loro fautori. Urbano II, il suo successore, fece lo stesso. Pasquale II, successore di Urbano, confermò la scomunica e così decise sul signore imperatore Enrico e Burdino che aveva imposto nella sede Apostolica, così come il padre aveva fatto con Wiberto [...] e per questo motivo sono doppiamente fuori dalla Chiesa.

[...] Parimenti, Gelasio II, successore di Pasquale, condannò lo stesso scisma scomunicando Enrico e i suoi complici. In questa maniera questi quattro uomini apostolici condannarono gli scismatici con la stessa sentenza; sebbene a coloro i quali allora promossero lo scisma, la condanna fu lanciata personalmente e specificamente, tuttavia tutti i depravati sono legati, in questo modo e anche in futuro, dallo stesso male, perché come disse Papa Gelasio [I, *scil.*] scrivendo ai vescovi d'Oriente: «*Tutti, disse, i complici, i seguaci, i cattivi comunicatori della depravazione una volta condannati sono da considerare alla stessa stregua*».

Tradução portuguesa:

Com que objetivo insistimos com estas ridículas ninharias? Dizemos, antes, o que é preciso dizer. Só um dos dois é que é, sem dúvida, o legítimo: ou Alexandre para Pascoal [III, *antipapa, scil.*] não é o bispo legítimo, ou Pascoal para Alexandre não é o legítimo. Se é legítimo Pascoal, não é legítimo Alexandre. Se Alexandre é o legítimo, Pascoal não o pode ser, porque não há nenhuma outra razão para que não seja legítimo senão quem é legitimado pela eleição canónica e pela unanimidade da Igreja Católica. Se esta eleição e a unanimidade foram recebidas por Pascoal, não pode ser legítimo Alexandre. Mas se foi Alexandre a recebê-las, e não Pascoal, então Alexandre é o papa legítimo e por esta razão não o pode ser Pascoal. Ambos ilegítimos não podem ser; todavia, não percebo porque é que os nossos irmãos não querem que seja Alexandre — só alguém que accidentalmente delira, assim pensa —, que, pelo teor do conflito, não consideram legítimo. Se ninguém, entre aqueles que lutam contra ele planear maquinações, o conflito vai ser ganho por Alexandre. Ele não luta, ele foi vítima da violência, não a cometeu. Só tem que ficar claro que ele

foi eleito canonicamente e com a unanimidade da Igreja. Se este é o conflito, é só o seu conflito. O facto de Vítor [IV, *antipapa scil.*], Pascoal e os seus partidários exercerem o seu ofício, não foi responsabilidade de Alexandre; o conflito, nem deveria referi-lo, é sobre o exercício legítimo do poder do ofício pastoral. Não é novidade que fizemos justiça contra quem conspirou contra Deus. Assim, o santo Papa Cornélio e mártir da Sé Apostolica não apoiou o invasor Novaciano, presbítero romano. Assim o Papa Símaco contra Lourenço; assim o Papa Inocêncio contra Pedro Leão [Pierleoni, *scil.*]; assim Gregório VII contra Guiberto, imposto pelo senhor Henrique [...]. Sós, aqueles infelizes invasores e beligerantes, prisioneiros das suas perversões, separaram-se da Igreja.

[...]. Por fim, não posso deixar de referir que todos os cismáticos e os seus similares já foram todos excomungados e, por esta razão, estão duplamente fora da Igreja. De facto, como podemos ler nas crónicas, o homem apostólico de santa memória [Gregório VII, *scil.*], excomungou os cismáticos do seu tempo, ou seja, o senhor imperador Henrique e Guiberto, invasor da Igreja Romana, e os seus partidários. Urbano II, o seu sucessor, fez o mesmo. Pascoal II sucessor de Urbano, confirmou a excomunhão e da mesma forma decidiu sobre o senhor imperador Henrique e Burdino, que tinha sido imposto na Sé Apostolica, tal como tinha feito o seu pai com Guiberto [...] e por esta razão estão duplamente fora da Igreja.

[...] Igualmente, Gelásio II sucessor de Pascoal condenou o mesmo cisma e excomungou Henrique e os seus cúmplices. Desta forma, estes quatros homens apostólicos condenaram aqueles cismáticos com uma mesma sentença; mesmo se sobre eles, os que então fizeram o cisma, a condenação foi lançada pessoalmente e especificamente, ainda assim todos os depravados estão ligados, desta forma e também no futuro, pelo mesmo mal. Porque, como disse Gelásio [I, *scil.*] escrevendo aos bispos do Oriente: «*Todos, como disse, os cúmplices, os seguidores, os maléficos propagadores da depravação, uma vez condenados devem ser todos considerados da mesma maneira*».

15) *Ex commentario in psalmos*. Ed. Ernst Sackur (MGH, *Scriptores, Libelli de Lite*, III). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1897, p. 502.

Nota biografica: Si veda la voce biografica su Gerhoh di Reichersberg in questa sezione.

Opera: I commenti ai salmi sono considerati dagli studiosi come l'opera più estesa e importante di Gerhoh di Reichersberg. Composto tra il 1144 e il 1167-1168, il lavoro di Gerhoh è caratterizzato dall'esegesi e lo studio teologico dei salmi, unito al commento degli eventi che interessarono la Chiesa romana contemporanei alla stesura dell'opera. Nel nostro caso di studio, l'arcivescovo di Braga Maurizio «Burdino» viene citato nel commento al salmo 133: «[1] Canto delle salite. Di Davide. Ecco, com'è bello e com'è dolce che i fratelli vivano insieme! [2] È come olio prezioso versato sul capo, che scende sulla barba, la barba di Aronne, che scende sull'orlo della sua veste [3] È come la rugiada dell'Ermon, che scende sui monti di Sion. Perché là il Signore manda la benedizione, la vita per sempre»²²⁵. In questa fonte, l'autore fa riferimento alla sua esperienza personale (si veda la nota biografica su Gerhoh, fonte n. 13 nella sezione Impero) dai conflitti con i vescovi di Augusta (Augsburg) allo scisma tra Alessandro III e Vittore IV.

²²⁵ Anche in questo caso, abbiamo citato l'edizione della Bibbia della CEI (2008). Disponibile in <http://www.lachiesa.it/bibbia.php?ricerca=citazione&Citazione=Sal%20133&Versione_CEI74=&Versione_CEI2008=3&Versione_TILC=&VersettoOn=1&mobile=>>. [Consultazione realizzata on-line il 02/09/2019].

Edizioni/Traduzioni principali: *Magni Gerhohi praepositi reicherspergensis ord. Can. Reg. S. Aug. Commentarius in Psalmos et cantica ferialia*. In PEZ, Bernhard, coord. — *Thesaurus Anecdotorum novissimus, seu veterum monumentorum praecipue ecclesiasticorum, Ex Germanicis potissimum Bibliothecis adornata Collectio recentissima*. Vol. V. Augsburg: Sumptibus Philippi, Martini, & Joannis Veith fratrum, 1728, cols. 1037-1046. *Gerhohi praepositi reicherspergensis. Expositionis in Psalmos continuatio*. Ed. Jacques-Paul Migne (*Patrologia Latina*, CXCIV). Paris: Jacques-Paul Migne éditeur, 1855, cols. 9-998. *Ex commentario in psalmos*. Ed Ernst Sackur (MGH, *Scriptores, Libelli de Lite*, III). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1897, p. 497-502.

Bibliografia essenziale: Per una bibliografia sull'opera in questione e più in generale sull'attività di Gerhoh di Reichersberg si veda la nota precedente e la voce enciclopedia *Gerhochus Reicherspergensis. Tractatus in psalmos*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_02425.html>. [Consultazione realizzata on-line il 10/12/2017].

[...] Ab hac sententia Romani Pontificis et egregii martyris Calixti non discordabit, quisquis est vel erit successor eius legitimus, quali erat sanctae memoriae papa Eugenius²²⁶ mihi, ut notum est, clementissimus, quod adhuc patet ex litteris ipsius ad meam parvitatem clementissime directis. Item literae aliorum pontificum Romanorum Innocentii²²⁷, Celestini²²⁸, Lucii²²⁹ ad me directae satis indicant, quanta dignationis apostolicae clementia fui habitus illorum tempore, qui me noverunt, quosque ego novi. Sed Adriano papa²³⁰, qui me non cognovit, presidente traditus sum in manus hostium. Nam literae nostrae verum testimonium continentes contra dominum Augustensem devenerunt in manus eiusdem Augustensis me meosque fratres odio habentis²³¹. Quis earundem literarum traditor fuerit in curia, non est mihi notum, sed hoc scio, quod antehac nunquam mihi sic accidit, cum plurima scripserim pontificibus Romanis me diligentibus et tuentibus contra meos adversarios, quale multos habui certans pro lege Dei, maxime in temporibus scismatum Burdini et Petri Leonis²³², a quorum fautoribus multa contraria sustinui, sed iuvante gratia Dei atque tuente me apostolicae sedis auctoritate cum sancta et in sancta aecclesia triumphavi et adhuc de imminente scismate triumphum spero, licet multiplicati sint qui nunc tribulant me dicentes animae meae: *Non est salus in Deo eius*²³³.

Traduzione italiana:

[...]. Chiunque in questo momento sia papa o sarà il suo legittimo successore, non sarà in disaccordo con quella sentenza del romano pontefice ed egregio martire Callisto, così come era per me il papa di santa memoria Eugenio, come è noto clementissimo, e come era evidente nelle

²²⁶ Papa Eugenio III (Pietro Bernardo dei Paganelli, 1145-1153). Si veda ZIMMERMANN, 2000.

²²⁷ Papa Innocenzo II (Gregorio, 1130-1143). Si veda CARPEGNA FALCONIERI, 2004.

²²⁸ Papa Celestino II (Guido de Castello, 1144). Si veda GIRGENSOHN, 2000.

²²⁹ Papa Lucio II (Gerardo, 1144-1145). Si veda MILANI, 2000.

²³⁰ Papa Adriano IV (Nicholas Breakspear, 1154-1159). Si veda LAMMA, 2000.

²³¹ Gerhoh dovette subire gli attacchi degli imperiali dopo aver appoggiato l'elezione di Alessandro III (Rolando Bandinelli, 1159-1181, successore di Adriano IV) contro il candidato dell'imperatore Federico I Hohenstaufen Vittore IV (1159-1164). Cfr. CROSS & LIVINGSTONE, 2005: 670. Il vescovo di Augusta in questione dovrebbe essere Corrado di Hirscheck (†1167). Rinvio inoltre a GAMS, 1873: 258.

²³² Si veda la nota n.° 70 in questa sezione.

²³³ Salmo, 3:3 «Molti dicono della mia vita: *Per lui non c'è salvezza in Dio!*». L'autore fa riferimento ai problemi interni della diocesi di Augusta, dove Geroh era stato uomo di fiducia del vescovo Ermanno. Disponibile in <<http://www.bibbia.net/>>. [Consultazione realizzata on-line il 29/01/2020].

sue lettere dirette, in maniera generosissima, alla mia piccolezza. Parimenti, le lettere degli altri pontefici romani Innocenzo, Celestino, Lucio a me dirette indicano chiaramente a quanta clemenza dell'Apostolica Dignità fui abituato in quel tempo. Mi conoscevano ed io conoscevo tutti. Durante il pontificato di Papa Adriano [IV, *scil.*], che non mi conobbe, fui consegnato, però, nelle mani dei nemici. Infatti, le nostre lettere contenenti una fedele testimonianza contro il signore [vescovo, *scil.*] di Augusta arrivarono tra le sue stesse mani; egli aveva in odio sia me che i miei fratelli. Ignoro chi sia stato a portare quelle lettere presso la curia, prima di quel tempo non mi era mai giunta notizia, dato che avevo scritto parecchie volte ai pontefici romani, molti dei quali combattendo per la Legge di Dio, che mi prediligevano e mi difendevano contro i miei avversari, soprattutto ai tempi degli scismatici Burdino e Pietro Pierleoni. Subì una grande opposizione da parte dei loro fautori, ma giovando della Grazia di Dio e con la protezione della Sede Apostolica trionfai con i santi e la Santa Chiesa. Tuttavia, spero di trionfare sull'imminente scisma, sebbene si siano moltiplicati quelli che soffrono e dicono alla mia anima: «*non vi è salvezza nel Dio di lui*».

Tradução portuguesa:

Qualquer um que seja papa neste momento ou que venha a ser legítimo sucessor, não estará em discordância com aquela sentença do romano pontífice e egrégio mártir Calisto, como era para mim o Papa de santa memória Eugénio, como é sabido, clementíssimo, e como era evidente nas suas cartas dirigidas, de maneira generosíssima, à minha pequenez. De igual maneira as cartas dos outros pontífices romanos, Inocêncio, Celestino, Lúcio dirigidas a mim indicam, claramente, a quanta clemência da Apostólica Dignidade fui habituado naquele tempo. Conheçam-me e eu a todos conhecia. Durante o pontificado do Papa Adriano [IV, *scil.*], que não me conheceu, fui entregue, porém, nas mãos dos meus inimigos. De facto, as nossas cartas que continham um testemunho fidedigno contra o senhor [bispo, *scil.*] de Augsburg chegaram às mãos dele, que me odiava a mim e aos meus irmãos. Ignoro quem trouxe aquelas cartas para a cúria, pois, antes daquele tempo, nunca me tinha chegado notícia alguma, dado que tinha escrito muitas vezes aos pontífices romanos, muitos dos quais lutando em favor da Lei de Deus, que me preferiam e me defendiam contra os meus adversários, sobretudo no tempo dos cismáticos Burdino e Pedro Leão [Pierleoni, *scil.*]. Sofri pelas mãos dos seus partidários uma grande oposição, mas beneficiando da Graça de Deus e com a proteção da Sé Apostólica triunfei com os santos e a Santa Igreja. Todavia, espero triunfar sobre o cisma iminente apesar de se multiplicarem os que sofrem e dizem à minha alma: «*não há Salvação no Deus dele*».

16) *Annales Reicherspergenses 921-1167*. Ed. Wilhelm Wattenbach (MGH, *Scriptores*, XVII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1861, p. 452-453.

Nota biografica: Si vedano le voci biografiche su Gerhoh di Reichersberg e Magno di Reichersberg in questa sezione.

Opera: Gli *Annales Reicherspergenses* sono una storia universale che va dal 921 fino all'anno 1167. La questione dell'autoria dell'opera è estremamente complessa. Tradizionalmente questa prima parte fino al 1167 è stata attribuita a Gerhoh di Reichersberg, mentre la continuazione successiva (fino al 1195) sarebbe stata opera del presbitero Magno di Reichersberg (si veda la voce su Magno, fonte n. 23 del gruppo «Impero»). Quest'ipotesi è stata segnalata da N. Kössinger e da J. Freed e F. Dölger

che nelle loro opere distinguono tra i due autori e anche F.-J. Schmale ha definito Magno come il *Nachfolger* (successore, sostituto) di Gerhoh come cronista di Reichersberg, di fatto confermando il legame tra le due opere e i due autori. Negli MGH, invece, il Wattenbach mette sotto l'autoria di Magno tutti gli Annali di Reichersberg tranne la continuazione dopo il 1195.

Edizioni/Traduzioni principali: *Annales Reicherspergenses 921-1167*. Ed. Wilhelm Wattenbach (MGH, Scriptores, XVII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1861, p. 439-476.

Bibliografia essenziale: SCHMALE, Franz-Josef (1975) — *Die österreichische Annalistik im 12. Jahrhundert*. «Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters», vol. 31, p. 199. PIXTON, Paul B. (1994) — *The German Episcopacy and the Implementation of the Decrees of the Fourth Lateran Council — 1216-1245: Watchmen on the Tower*. Leiden; Boston: Brill, p. 270 e seguenti. DÖLGER, Franz (1995) — *Regesten der Kaiserurkunden des Oströmischen Reiches von 565-1453*. München: Verlag Beck, p. XII. PILLHOFER, Klemens J. (1995) — *Das Erzbistum Salzburg und seine Beziehung zum Augustiner Chorherrenstift Reichersberg am Inn*. «Mitt(h)eilungen der Gesellschaft für Salzburger Landeskunde», vol. 135, p. 11. KÖSSINGER, Norbert (2010) — *Magnus of Reichersberg*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_01743>. [Consultazione realizzata on-line 13/12/2017]. FREED, John B. (2016) — *Frederick Barbarossa: The Prince and the Myth*. New Haven: Yale University Press. Disponibile in <<https://books.google.pt/books?id=uXk8DAAAQBAJ&pg=PT863&lpg=PT863&dq=annali+di+reichersberg+921&source=bl&ots=kYtqPIaokc&sig=ACFu3U3RpXQL3iNckfM4UMLGvk7tPSX9hQ&hl=it&sa=X&ved=2ahUKEwjX-7POiP7kAhWOSBQKHV5xBrsQ6AEwCnoECAGQAQ#v=onepage&q=annali%20di%20reichersberg%20921&f=false>>. [Consultazione realizzata on-line il 02/10/2019]. *Annales Reicherspergenses 921-1167*. Ed. Wilhelm Wattenbach (MGH, Scriptores, XVII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1861, p. 439. Rinvio anche a *Annales Reicherspergenses*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <https://www.geschichtsquellen.de/repOpus_03337.html>. [Consultazione realizzata on-line il 02/10/2019].

1115. Gelasius papa II. Romanam rexit ecclesiam. Hic Gelasius, sicut et predecessor suus Paschalis viam universae carnis iam ingressus, optimus et ipse legis Dei ac libertatis ecclesiasticae aemulator, cuius post ordinationem die 40. Henricus inperator urbem Romam intravit, et bestiam quandam nomine Burdinum Hispanum episcopum superintrusit, Gelasio ex urbe proturbato. Qui exulans quasi pater filium, inperatorem ad correctionem invitabat, quatenus ecclesiae in electionibus episcoporum suam libertatem dimitteret, et statuam quam in loco sancto contra Deum erexerat, deponere festinaret; contra inperatore dicente, aut vele se omnia regalia ad inperium retrahere, aut in episcopis constituendis antiquam consuetudinem retinere. Haec dicens et ecclesiae electiones et investituras nolens dimittere, magisque cor suum adeversum salutaria monita indurans, et Burdinum superintrusum defendens ac manu tenens [...] tandem et ipse tamquam scismaticus et adversus Dominum rebellis ab ecclesia Dei per Gelasium papam in generali concilio Remis celebrato, adstipulatione commanentium episcoporum et aliorum fidelium ecclesiae terribiliter separatus est.

1119. Calistus II. Papa constituitur. Huius Calisti in tempore tandem ecclesia ad eligendos sibi episcopos libertati donata est, cui et investiturae per anulum et baculum, virgam videlicet pastorem, in episcoporum consecratione faciendae recognitae sunt. Videns nanque inperator ecclesiae graves manus super se, et metuens ne forte iniquitate sua per caelos rationales videlicet episcopos et

sanctos Dei revelata, etiam terra, terreni scilicet principes adversus cum consurgerent, sicque ipse quemadmodum patri suo contigit regno privaretur, collecta curia in loco qui Loubwise dicitur, ubi et legati Romane sedis aderant, videlicet Lambertus Ostiensis tunc episcopus qui postea factus est papa dictus Honorius, et Gregorius diaconus cardinalis Sancti Angeli qui etiam postea factus est papa dictus Innocentius, et Saxo presbyter²³⁴, electiones ut prediximus atque investituras liberas ecclesiae remisit, ita ut electus vel consecratus de manu imperatoris vel regis regalia per sceptrum acciperet; et ita ablato Burdino de medio et in monasterium quod Cavea dicitur misso, imperatore quoque a vinculo anathematis absoluto, pax ecclesiae Dei post multas tribulationes quas et tunc perpessa fuit, reddita integre est.

Traduzione italiana:

1115. Papa Gelasio II resse la Chiesa romana. Gelasio, così come il suo predecessore, che già aveva fatto la fine di ogni mortale, era un ottimo emulatore della legge di Dio e della libertà ecclesiastica. Quaranta giorni dopo la sua ordinazione, l'imperatore Enrico entrò nella città di Roma e intruse la bestia, quel vescovo ispanico chiamato Burdino. Gelasio fu così espulso dall'Urbe. Una volta esiliato, quasi come un padre con il figlio, Gelasio invitò l'imperatore a redimersi, ad abbandonare il suo privilegio nelle elezioni dei vescovi e ad abbattere la statua [Burdino, *scil.*] che aveva eretto nel luogo santo contro Dio. Il papa faceva appello all'imperatore affinché o restituisse tutti i *regalia* dell'impero o rispettasse l'antico costume nella costituzione dei vescovi. L'imperatore non voleva però rinunciare alle elezioni e alle investiture. Inoltre, con il suo cuore sempre più duro e sordo ai salutari avvertimenti, l'imperatore difendeva con le armi l'intruso Burdino [...] e per questa ragione fu considerato scismatico e ribelle contro Dio nel concilio di Reims celebrato da Papa Gelasio. Con l'accordo degli altri vescovi e degli altri fedeli della Chiesa, egli [Enrico V, *scil.*] fu terribilmente isolato.

1119. Callisto II fu eletto papa. Finalmente, nel tempo di Papa Callisto fu donata alla Chiesa la libertà di eleggere autonomamente i vescovi. La Chiesa doveva esaminare le investiture nel corso della consacrazione dei vescovi effettuate attraverso l'anello, lo scettro e la mitra pastorale. Vedendo su di sé le forti mani della Chiesa, l'imperatore temeva che fosse rivelata la sua grande iniquità per i cieli razionali, ossia per i vescovi e i santi di Dio, e anche per la terra, dato che i principi gli si rivoltarono contro, e di essere privato del regno esattamente come suo padre [Enrico IV, *scil.*]. Riunita la corte nel luogo chiamato Loubwisen, dove si trovavano i legati della Sede romana, ossia Lamberto allora vescovo di Ostia, che più tardi sarebbe diventato Papa Onorio [Onorio II, *scil.*], Gregorio cardinal-diacono di Sant'Angelo, eletto successivamente come Papa Innocenzo [II, *scil.*], e il presbitero Saxo, l'imperatore rimise le elezioni e le libere investiture alla Chiesa, salvaguardando il fatto che l'eletto oppure il consacrato ricevesse i *regalia* dalla mano dell'imperatore o del re. E così allontanato Burdino, rinchiuso nel monastero di Cava, l'imperatore fu sciolto dal vincolo dell'anatema. Dopo molte tribolazioni e aver resistito con coraggio, la pace tornò pienamente nella Chiesa di Dio.

Tradução portuguesa:

1115. O Papa Gelásio II liderou a Igreja Romana. Gelásio, tal como o seu predecessor, tendo já alcançado o fim de todos os mortais, era um óptimo emulador da Lei de Deus e da liberdade

²³⁴ Saxo o Sasso cardinale-prete della chiesa di Santo Stefano al Monte Celio. Si veda STROLL, 2004: 363.

eclesiástica. Quarenta dias depois da sua ordenação, o imperador Henrique entrou na cidade de Roma e introduziu a besta, aquele bispo hispânico chamado Burdino. Gelásio foi assim expulso da *Urbs*. Uma vez exilado, quase como um pai para com um filho, Gelásio convidou o imperador a redimir-se e a abandonar o privilégio das eleições episcopais, e a depor a estátua [Burdino, *scil.*] que tinha erguido naquele lugar santo contra Deus. O Papa apelava ao imperador para que restituísse todos os *regalia* do império ou respeitasse o antigo hábito da constituição dos bispos. O imperador, porém, não queria renunciar às eleições e às investiduras. Para além disso, com o seu coração sempre mais duro e surdo aos saudáveis avisos, o imperador defendia com as armas o intruso Burdino [...], e por isso foi declarado cismático e rebelde contra Deus no concílio de Reims celebrado pelo Papa Gelásio. Com o acordo dos outros bispos e dos outros fiéis da Igreja, ele [Henrique V, *scil.*] foi terrivelmente isolado.

1119. Calisto foi eleito papa. Por fim, no tempo do Papa Calisto foi doada à Igreja a liberdade de eleger por si própria os bispos. A Igreja tinha que avaliar as investiduras no decurso da consagração dos bispos, consumadas através do anel, do ceptro e da mitra pastoral. O imperador, vendo sobre si as fortes mãos da Igreja, ficou com medo de que fosse revelada a sua grande iniquidade pelos Céus racionais, ou seja, pelos bispos e santos de Deus, e também pela terra, já que os príncipes se tinham revoltado, e ficar assim privado do reino exactamente como seu pai [Henrique IV, *scil.*]. Reunida a corte no lugar chamado Loubwisen, onde se encontravam os legados da Sé Romana, ou seja, Lamberto, então bispo de Óstia que mais tarde se tornou no Papa Honório [Honório II, *scil.*], Gregório, cardeal-diácono do Santo Anjo, que se tornou no Papa Inocêncio, e o presbítero Saxo, o imperador devolveu as eleições e as livres investiduras à Igreja, salvaguardando que o eleito ou o consagrado obtivesse os *regalia* das mãos do imperador ou do rei. Assim, afastado Burdino e encerrado no mosteiro de Cava, o imperador foi liberto do vínculo do anátema. A paz da Igreja de Deus, depois de muitas tribulações e de ter resistido com coragem, voltou plenamente.

17) *Hemoldus Presbyter. Chronica Slavorum a. 800-1172*. Ed. Johann Martin Lappenberg (MGH, Scriptores, XXI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1869, p. 44.

Nota biografica: Nato attorno al 1120 nella Bassa Sassonia, Helmold dapprima visse nella zona di Segeberg tra il 1134 e il 1138, per poi svolgere la sua formazione a Brunswick tra il 1139 e il 1142, sotto la guida del vescovo Geroldo di Oldenburg. Successivamente entrò come monaco agostiniano a Neumünster verso il 1143 e nel 1150 fu ordinato diacono. Nel 1156 divenne prete di Bosau (attuale Schleswig-Holstein) dove morì dopo il 1177.

Opera: Helmold scrisse probabilmente tra il 1167 e il 1172, la *Chronica Slavorum* (*Cronaca degli Slavi*), un'opera in due libri commissionata dal vescovo Geroldo di Oldenburg e incentrata sul racconto della cristianizzazione degli slavi che vivevano nei territori a est del fiume Elba tra IX e XII secolo.

Edizioni/Traduzioni principali: *Chronica Slavorum*. Ed. Sigismud Schorckel Frankfurt am Main: Peter Brubach, 1556. *Hemoldus Presbyter. Chronica Slavorum a. 800-1172*. Ed. Johann Martin Lappenberg (MGH, Scriptores, XXI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1869, p. 1-99. Come segnalato nel repertorio on-line *Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters* della

Bayerische Akademie der Wissenschaften, dell'opera esistono molte traduzioni in danese, tedesco, inglese, polacco, russo²³⁵ e ceco: *Praesten Helmolds Slavakronike*. Ed. Poul Kierkegaard. Kjøbenhavn: Karl Schönbergs Forlag, 1881. *Helmolds Chronik der Slaven*. Ed. Johann Christian Moritz Laurent. Leipzig: Besser, 1852. *Helmold von Bosau, Slawenchronik*. Ed. Heinz Stoob. Darmstadt: Wiss. Buchges, 1963. *The Chronicle of the Slavs by Helmold, Priest of Bosau*. Ed. Francis Joseph Tschan. New York: Columbia University Press, 1935 (in particolare p. 137 per il passaggio su Maurizio «Burdino»). *Helmolda Kronika sławiańska z XII wieku*. Ed. Jan Papłowski. Warszawa: W Drukarni K. Kowalewskiego, 1862. *Helmolda Kronika Słowian*. Ed. Józef Matuszewski. Warszawa: PWN, 1974. *Helmold z Bosau. Kronika Slovanů*. Ed. Magdalena Moravová. Praha: Argo, 2012.

Bibliografia essenziale: EHBRECHT, Welfried (1986) — *Helmold v. Bosau*. In *Lexikon des Mittelalters*. Vol. IV. München: Deutscher Taschenbuch, p. 2124-2125. SCIOR, Volker (2002) — *Das Eigene und das Fremde. Identität und Fremdheit in den Chroniken Adams von Bremen, Helmolds von Bosau und Arnolds von Lübeck*. Berlin: Walter de Gruyter, p. 138-222. FRAESDORFF, David (2005) — *Der barbarische Norden. Vorstellungen und Fremdkategorien bei Rimbart, Thietmar von Merseburg, Adam von Bremen und Helmold von Bosau*, Berlin: Akademie Verlag, p. 31-32, 157-168 e 318-354. LUBER, Susanne (2007) — *Die Slawen in Holstein. Sichtweisen von Helmold von Bosau bis in die Gegenwart*. Eutin: Eutiner Landesbibliothek. *Helmoldus presbyter Bozoviensis. Chronica Slavorum*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_02618.html>. [Consultazione realizzata on-line il 13/12/2017]. *Helmold Of Bosau*. In *Encyclopaedia Britannica*. Disponibile in <<https://www.britannica.com/biography/Helmold-of-Bosau>>. [Consultazione realizzata on-line il 03/10/2019]. JORDAN, Karl (1969) — *Helmold von Bosau*. In *Neue Deutsche Biographie*. Disponibile in <<https://www.deutsche-biographie.de/pnd100945546.html>>. [Consultazione realizzata on-line il 03/10/2019].

Lib. I. Obiit interea Paschalis, cui substituit cesar Burdinum quendam, reprobato Gelasio, quem canonica electio statuerat. Factumque est denuo scisma in ecclesia Dei. Gelasius enim fuga elapsus, in regno Francorum mansit usque ad diem mortis sue. Longum est igitur per singula replicare turbulencias temporis illius, nec est temporis huius talium explanatio. [...] Qui vero actus eorum et terminum scismatis huius plenius nosse desiderat, legat historiarum magistri Eggehardi librum quintum, quem ad Henricum iuniorem²³⁶ describens, bona eius amplissima laude extulit, at malefacta aut omnino tacuit aut in melius interpretatus est.

Traduzione italiana:

Lib. I. Nel frattempo morì Papa Pasquale, il quale fu sostituito dal cesare con Burdino, una volta ripudiato Gelasio, il papa eletto canonicamente. E così ci fu di nuovo lo scisma nella Chiesa di Dio. Papa Gelasio riuscì a scappare e rimase nel regno dei Franchi fino al giorno della sua morte. Lungo e difficile è entrare nel merito dei singoli fatti di quei tempi così turbolenti, né tantomeno è il momento per una tale spiegazione. [...] Chi davvero desidera conoscere i loro atti e come si arrivò alla fine dello scisma, legga il quinto libro delle storie del maestro Eccheardo [d'Aura, *scil.*],

²³⁵ Non sono riuscito a rintracciare la traduzione in russo RAZUMOVSKAJA, 1963 segnalata nel seguente link. Disponibile in <https://www.geschichtsquellen.de/repOpus_02618.html?pers_PND=PND118819704>. [Consultazione realizzata on-line il 27/05/2019].

²³⁶ Enrico V, l'attributo «Il più giovane» (*iuniorem* nel testo) è per distinguerlo chiaramente dal padre Enrico IV.

il quale descrive Enrico il giovane [Enrico V, *scil.*], celebrandone un buono ed ampio elogio, anche se le sue malefatte sono o taciute o interpretate in modo tale da farle sembrare buone azioni.

Tradução portuguesa:

Lib. I. Entretanto, morreu o Papa Pascoal, que foi substituído por Burdino, pelo César, uma vez repudiado Gelásio o papa eleito canonicamente. E assim aconteceu outra vez o cisma na Igreja de Deus. O Papa Gelásio conseguiu escapar e ficou no reino dos francos até ao dia da sua morte. Longo e difícil é compreender o mérito das ações individuais daqueles tempos tão turbulentos, nem este é o momento para uma explicação deste tipo [...]. Quem verdadeiramente deseja conhecer as ações deles e como se chegou ao fim do cisma, leia o quinto livro das histórias do mestre Ecardo [de Aura, *scil.*], que descreve o mais jovem dos Henriques [Henrique V, *scil.*] e sobre ele tece um excelente e amplo elogio, apesar de as suas más ações serem ocultadas ou serem interpretadas de tal maneira que parecem boas.

18) *Henrici Archidiaconi. Vita Chuonradi archiepiscopi Salisburgensis*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, Scriptores, XI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1854, p. 64.

Nota biografica: I *Gesta archiepiscoporum Salisburgensium* furono scritti dall'arcidiacono dell'episcopato di Salisburgo Enrico di Gars.

Opera: Scritta tra il 1168 e il 1177, l'opera di Enrico di Gars è incentrata sulla vita dell'arcivescovo di Salisburgo Corrado I, il quale fu espulso dalla sua arcidiocesi per non aver accettato Maurizio «Burdino» come Papa Gregorio VIII. Corrado riuscì poi a rientrare nella sua sede dopo il 1121.

Edizioni/Traduzioni principali: *Henrici Archidiaconi. Gesta archiepiscoporum Salisburgensium*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, Scriptores, XI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1854, p. 63-77.

Bibliografia essenziale: HOFMANN, Johannes (2001) — *Propst Heinrich I. von Gars († ca. 1173): Verfasser der "Vita Chunradi" und der "Historia calamitatum ecclesiae Salzbουργensis"?* In KOCH, Walter; SCHMID, Alois; VOLKERT, Wilhelm, coord. — *Auxilia Historica. Festschrift für Peter Acht zum 90. Geburtstag*. München: Verlag C. H. Beck, p. 163-180. ZELLER, Bernhard (2006) — *Die Historia calamitatum ecclesiae Salisburgensis*. In WOLFRAM, Herwig, coord. — *Quellen zur Salzburger Frühgeschichte*. Berlin: De Gruyter, p. 265-297. *H(enricus) archidiaconus. Vita Chuonradi archiepiscopi Salisburgensis*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalter*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_02623.html>. [Consultazione on-line il 15/01/2018]. ZEILLINGER, Kurt, (1979) — *Konrad I.* In *Neue Deutsche Biographie*. Disponibile in <<https://www.deutsche-biographie.de/gnd118713906.html#ndbcontent>>. [Consultazione on-line il 03/10/2019].

4. Circa haec tempora Thimo Salzpurgensis episcopus²³⁷, vir utique sanctissimus, in terra paganorum in civitate quae vocatur Corozaim²³⁸, iussu regis Babylonici glorioso martyrio feliciter

²³⁷ Timo arcivescovo di Salisburgo (1090-1101). Si veda GAMS, 1873: 307.

²³⁸ L'arcivescovo Timo partecipò alla Crociata del 1101 al seguito del Duca Guglielmo IX di Aquitania, ma non fece ritorno nella sua sede. Tra le varie tradizioni sulla sua morte c'è quella secondo la quale Timo sarebbe stato martirizzato nel Chorasán, Asia centrale, una tradizione che ritroviamo nella fonte in questione. Si veda RIANI, 1886: 218-236.

consummatus migravit ad Dominum. Qui venerabili Genhardo aequae sanctissimo successerat. Qui ambo sicut et Chuonradus²³⁹, imperatoris furore afflicti, pro eo quod communicare illi in scismate quod suscitaverat contra ecclesiam Dei nolebant, collocato, quodam Burdino in sede beati Petri, exilii erumnas patiebantur [...].

Traduzione italiana:

In quel tempo [1101, *scil.*], il vescovo di Salisburgo Timo, uomo santissimo, morì nella terra dei pagani, nella città di Chorasán, per ordine del re di Babilonia, accettando beatamente il gloriosissimo martirio. Gli successe il venerabile Gebeardo, uomo santissimo. Entrambi, così come Corrado, furono perseguitati dal furore dell'imperatore in quanto non accettarono lo scisma che egli aveva provocato contro la Chiesa di Dio. Una volta collocato sul soglio di San Pietro Burdino, essi patirono l'esilio [...].

Tradução portuguesa:

Naquela época [1101, *scil.*], o bispo de Salzburgo, Timo, um homem muito santo, morreu na terra dos pagãos, na cidade de Chorasán, por ordem do rei da Babilónia, aceitando beatamente o gloriosíssimo martírio. O venerável Gebeardo, um homem muito santo, sucedeu-lhe. Ambos, assim como Conrado, foram vítimas da fúria do imperador porque não aceitaram o cisma que ele havia imposto contra a Igreja de Deus. Uma vez colocado Burdino no trono de São Pedro, sofreram o exílio [...].

19) *Casus Monasterii Petrihusensis*. Ed. Otto Abel; Ludwig Weiland (MGH, *Scriptores*, XX). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1868, p. 661.

Nota biografica: L'opera è anonima.

Opera: Il *Casus Monasterii Petrihusensis* narra le vicende in sei libri dell'abbazia di Peterhausen situata vicino Costanza nel sud della Germania (attuale Badern-Württemberg). La fonte copre gli anni che vanno dal 976 al 1164 e secondo C. Grieb fu redatta nella seconda metà del XII secolo, concentrandosi essenzialmente sulle vicende interne del monastero e occupandosi solo occasionalmente delle vicende dell'Impero. La cronaca è particolarmente conosciuta per le dettagliate descrizioni degli edifici e delle opere d'arte del monastero.

Edizioni/Traduzioni principali: *Chronicon Petershusanum*. Ed. Aemilian Usserman (Germaniae sacrae prodromus, seu collectio monumentorum res Alemannicas illustrantium). Vol. I. St. Blasien: typis San Blasiani, 1790, p. 297-393. *Casus Monasterii Petrihusensis seu Chronicon Peterhusanum*. Ed. Jacques-Paul Migne (Patrologia Latina, CXLIII). Paris: Jacques-Paul Migne éditeur, 1855, cols. 301-380. MONE, Franz-Josef (1848) — *Chronik von Peterhausen*, «Quellensammlung zur badischen Landesgeschichte», vol. 1, p. 112-174. *Casus Monasterii Petrihusensis*. Ed. Otto Abel; Ludwig Weiland (MGH, *Scriptores*, XX). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1868, p. 621-683. Dell'opera esiste anche una traduzione in tedesco, *Die Chronik des Klosters Petershausen*. Ed. Otto Feger. Lindau-Kostanz: J. Thorbecke, 1956.

²³⁹ Corrado arcivescovo di Salisburgo (1106-1147). Si veda GAMS, 1873: 307.

Bibliografia essenziale: KREBS, Manfred (1935) — *Quellenstudien zur Geschichte des Klosters Petershausen*. «Zeitschrift für die Geschichte des Oberrheins», vol. 87, p. 463-543. WALTHER, Walther Helmut (1978) — *Gründungsgeschichte und Tradition im Kloster Petershausen vor Konstanz*. «Schriften des Vereins für Geschichte des Bodensees und seiner Umgebung», vol. 96, p. 31-67. ARNULF, Arwed (2004) — *Architektur und Kunstbeschreibungen von der Antike bis zum 16. Jahrhundert*. «Kunstwissenschaftliche Studien», vol. 110, p. 353-361. GRIEB, Christine (2010) — *Casus monasterii Petrihusensis*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_001314>. [Consultazione realizzata on-line il 13/12/2017]. *Casus monasterii Petrihusensis*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalter*. Disponibile in <https://www.geschichtsquellen.de/repOpus_00806.html>. [Consultazione realizzata on-line il 03/10/2019].

Deinde anno 1119. Paschalis papa obiit et Gelasius successit. Tunc ordinatus est Oudalricus episcopus a Mediolanensi archiepiscopo²⁴⁰ ac deinceps familiaris Romanorum fuit. Imperator autem comperto obitu Paschalis festinanter Romam advenit, sperans quod electio pape per manus eius transitura foret. Set Gelasius iam ordinatus audito imperatoris inopinato adventu per noctem afugit, nec ullo modo eum videre vel exspectare voluit. Quem cum imperator ad se revocare non posset, constituit sibi alium nomine Burdinum et appellavit eum Gregorium, set Gelasius utrumque excommunicavit. Burdinus imperatoris pontentia Romam obtinuit, Gelasius autem universitatem ecclesia.

Traduzione italiana:

Segue l'anno 1119. Papa Pasquale II morì e gli succedette Gelasio. In quel tempo fu ordinato arcivescovo di Milano il vescovo Olrico, il quale successivamente fu *familiare* dei romani. Appresa la notizia della morte di Papa Pasquale II, l'imperatore si precipitò a Roma con la speranza che fosse lui a decidere la nuova elezione. Gelasio, però, era già stato ordinato e venuto a conoscenza dell'improvviso arrivo dell'imperatore, fuggì di notte per evitare ad ogni costo di aspettarlo o incontrarlo. L'imperatore non potendo riportarlo a Roma, elesse allora il suo proprio papa, un uomo chiamato Burdino, con il nome di Gregorio, ma Gelasio scomunicò entrambi. Burdino grazie all'imperatore ottenne il potere a Roma, ma Gelasio aveva il controllo di tutta la Chiesa.

Tradução portuguesa:

Segue o ano de 1119. O Papa Pascoal II morreu e sucedeu-lhe Gelásio. Naquela época, o bispo Olrico foi ordenado arcebispo de Milão e, posteriormente, foi familiar dos romanos. O imperador, então, tendo recebido a notícia da morte do Papa Pascoal II, precipitou-se sobre Roma, com a esperança de que fosse ele a decidir a nova eleição. Gelásio, porém, já tinha sido ordenado e tomara conhecimento da repentina chegada do imperador, pelo que fugiu de noite para evitar, a qualquer custo, ter de o esperar e encontrar. O imperador, então, não podendo trazer Gelásio de volta para Roma, elegeu o seu próprio papa, um homem chamado Burdino, com o nome de Gregório, mas Gelásio excomungou ambos. Burdino, graças ao imperador, obteve o poder em Roma, mas Gelásio tinha o controlo de toda a Igreja.

²⁴⁰ Olrico fu arcivescovo di Milano tra il 1120 e il 1126. Si veda AMBROSIONI, 2003b: 317.

20) *Gotifredi Viterbiensis. Pantheon.* Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, XXII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1873, p. 256.

Nota biografica: Goffredo da Viterbo nato attorno al 1125 fu personaggio di spicco, notaio e cappellano delle corti imperiali di Corrado III (†1152), Federico I «Barbarossa» (†1190) e poi di Enrico VI Hohenstaufen (†1197). Fu educato in Germania a Bamberga e ricoprì anche il ruolo di cappellano a Spira in Germania. Goffredo fu autore dello *Speculum regum*, uno *speculus principis* dedicato all'imperatore Enrico VI Hohenstaufen. Goffredo da Viterbo morì alla fine del XII secolo intorno al 1195-1200.

Opera: Considerata come l'opera più fortunata di Goffredo di Viterbo, il *Pantheon* fu composto nell'ultimo quarto del XII secolo tra il 1180 e il 1190. Si tratta di una storia universale scritta in prosa ed in versi dedicata all'imperatore Enrico VI Hohenstaufen.

Edizioni/Traduzioni principali: *Pantheon.* Ed. Ludovico Antonio Muratori (*Rerum Italicarum Scriptores*, VII). Milano: Ex Typographia Societatis Palatinae in Regia Curia, 1725, cols. 347-520. *Gotifredi Viterbiensis. Pantheon.* Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, XXII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1873, p. 107-307.

Bibliografia essenziale: SCHREIBMÜLLER, Hermann (1944) — *Der staufische Geschichtsschreiber Gottfried von Viterbo und seine Beziehungen zu Bamberg.* «Würzburg und besonders Speyer, Zeitschrift für bayerische Landesgeschichte», vol. 14, p. 248-281. ENGELS, Odilo (1992) — *Gottfried von Viterbo und seine Sicht des staufischen Kaiserhauses.* In MORDEK, Hubert, coord. — *Aus Archiven und Bibliotheken. Festschrift für Raymund Kottje zum 65. Geburtstag.* Frankfurt am Main: Lang, p. 327-345. WEBER, Loren J. (1994) — *The historical importance of Godfrey of Viterbo,* «Viator. Medieval and Renaissance Studies», vol. XXV, p. 153-195. DORNINGER, Maria E. (1997) — *Gottfried von Viterbo. Ein Autor in der Umgebung der frühen Staufer.* Stuttgart: Hans-Dieter Heinz. Per una biografia aggiornata su Goffredo di Viterbo rinvio alla lettura della voce enciclopedica di VARANINI, Gian Maria (2001) — *Goffredo da Viterbo.* In *Dizionario Biografico degli Italiani.* Disponibile in <[http://www.treccani.it/enciclopedia/goffredo-da-viterbo_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/goffredo-da-viterbo_(Dizionario-Biografico)/)>. [Consultazione realizzata on-line il 27/11/2017]. Si veda inoltre *Pantheon.* In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalter.* Disponibile in <https://www.geschichtsquellen.de/repOpus_02486.html>. [Consultazione realizzata on-line il 30/10/2019].

Ex consilio autem et suggestione archiepiscoporum, Friderici, scilicet Coloniensis²⁴¹ et Alberti Maguntiniensis²⁴², et aliorum quorundam, Calistus papa, qui post Pascalem et Gelasium Rome pontificatum acceperat, imperatorem excommunicationis vinculo innodavit. Scismate itaque renovatio, imperator Romam pergens, Burdinum, natione Ispanum, in cathedram per suam violentiam collocavit. Quem Romani apud Sutrium postea captum et camelum ut dicitur, superpositum cum ignominia deportaverunt, et in Cavea prope Salernum perpetue custodie tradiderunt.

Traduzione italiana:

Su consiglio e suggerimento degli arcivescovi Federico di Colonia, Adalberto di Magonza e di altri, Callisto, il papa che ascese al pontificato a Roma dopo Pasquale II e Gelasio II, strinse l'imperatore

²⁴¹ Si veda la nota n.° 207 in questa sezione.

²⁴² Si veda la nota n.° 196 in questa sezione.

con il vincolo della scomunica. Lo scisma allora fu rinnovato; l'imperatore Enrico raggiunse Roma ed impose con tutta la sua violenza l'ispanico Burdino sulla Cattedra di San Pietro. I romani catturarono successivamente Burdino a Sutri; lo misero, come si diceva, su di un cammello, lo deportarono con ignominia e poi lo rinchiusero per il resto della sua vita a Cava, vicino Salerno.

Tradução portuguesa:

Sob o conselho e a sugestão dos arcebispos Frederico de Colónia e Adalberto de Mogúncia, e de outros, Calisto — o papa que ascendeu ao pontificado romano depois de Pascoal II e Gelásio II — lançou sobre o imperador o vínculo da excomunhão. Reacendeu-se, então, o cisma; o imperador Henrique alcançou Roma e colocou com toda a sua violência o hispano Burdino na cátedra de São Pedro. Os romanos capturaram mais tarde, em Sutri, Burdino, o qual foi posto, como se dizia, sobre um camelo, deportado com ignomínia e depois fechado para o resto da sua vida em Cava, perto de Salerno.

21) *Catalogus Pontificum Romanorum Viterbiensis*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, XXII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1873, p. 350.

Nota biografica: L'opera secondo il Waitz sarebbe da attribuire a Goffredo di Viterbo (si veda la voce su questo autore in questa sezione) e fu poi continuata fino all'epoca di Papa Onorio III (1216-1227) nella città di Viterbo.

Opera: Si tratta di una lista dei papi dall'XI secolo (il primo papa menzionato è Benedetto VIII, †1012) fino a papa Onorio III. Come ha sottolineato C. Egger, mentre per i papi dell'XI e del XII secolo il *Catalogus* si basa principalmente su altre fonti, per Innocenzo III (1198-1216) e Onorio III l'opera è estremamente precisa e fornisce informazioni molto preziose che difficilmente si possono incontrare in altre fonti coeve.

Edizioni/Traduzioni principali: *Catalogus Pontificum Romanorum Viterbiensis*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, XXII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1873, p. 49-352. *Catalogus pontificum Romanorum Viterbiensis*.

Bibliografia essenziale: EGGER, Christoph (2004) — *The growling of the Lion and the Humming of the Fly: Gregory the Great and Innocent III*. In ANDREWS, Frances; EGGER, Christoph; ROUSSEAU, Constance, coord. — *Pope, church, and city: essays in honour of Brenda M. Bolton*. Leiden; Boston: Brill, p. 13-45. *Catalogus pontificum Romanorum Viterbiensis*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalter*. Disponibile in <https://www.geschichtsquellen.de/repOpus_00899.html> [Consultazione realizzata on-line il 30/10/2019].

Calixtus sedit ann. 5, m. 10, d. 14. Qui cum de consilio archiepiscopi Colonien.²⁴³ et archiepiscopum Maguntinum²⁴⁴ Henrium imperatorem excommunicationis vinculo innodaret, facto scismate, imperator Romam petiit et Burdinum Ispanum violenter cathedra.....Recedente vero imperatore, Burdinum cum eo usque ad castrum Viterbium²⁴⁵ properavit. Quem in reversione apud Sutrium commorante, Romani eum ceperunt ipsumque dispoliaverunt et cum magna iniuria camelum imposuerunt et ad caveam iuxta Salernum eterna custodie tradiderunt; papa vero Calixtus restitutus est in locum suum.

²⁴³ Si veda la nota n.° 207 in questa sezione.

²⁴⁴ Si veda la nota n.° 196 in questa sezione.

²⁴⁵ Viterbo è una città dell'odierno Lazio situata a circa novanta chilometri a nord di Roma.

Traduzione italiana:

Callisto II fu papa per cinque anni, dieci mesi e quattordici giorni. Insieme agli arcivescovi di Colonia e Magonza, il papa strinse l'imperatore Enrico con il vincolo della scomunica. Una volta iniziato lo scisma, l'imperatore si recò a Roma e [collocò, *scil.*] violentemente sulla Cattedra l'ispanico Burdino.... Quando l'imperatore si allontanò dall'Urbe, Burdino si affrettò a recarsi con lui a Viterbo. Burdino al ritorno si trattenne a Sutri e i romani lo catturarono, lo spogliarono, con grande ingiuria lo posero su di un cammello e lo misero in prigione per il resto della sua vita. Papa Callisto II occupò così il posto che gli spettava.

Tradução portuguesa:

Calisto II foi papa durante cinco anos, dez meses e catorze dias. Juntamente com os arcebispos de Colónia e Mogúncia, o papa lançou sobre o imperador Henrique o vínculo da excomunhão. Estabelecido o cisma, o imperador chegou a Roma e violentamente [colocou, *scil.*] na cátedra o hispano Burdino.... Quando o imperador se afastou da *Urbs*, Burdino apressou-se a sair com ele para Viterbo. Na viagem de regresso, Burdino parou em Sutri, onde os romanos o capturaram e despojaram e com grande injúria colocaram em cima de um camelo e puseram sob custódia perpétua. O Papa Calisto ocupou assim o lugar que lhe pertencia.

22) *Annales Palidenses*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, *Scriptores*, XVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1859, p. 76.

Nota biografica: L'opera fu composta in più fasi e da vari autori tra XII e XIV secolo. Per la storiografia tradizionale, la parte più antica degli *Annales Palidenses*, dalle origini fino al 1182, fu scritta prima del 1197 (secondo alcuni studiosi a partire dal 1164) da un monaco di Pöhlde di nome Teodoro o Teodorico.

Opera: Annali dell'abbazia premostratense di Pöhlde (Bassa Sassonia, Germania) che vanno dall'origine del mondo fino al 1182, con inserti del XIII e del XIV secolo. L'opera è basata su molte fonti importanti dell'alto e del pieno medioevo, tra le quali Paolo Diacono, la *Vita Mathildis* (la *Vita* di Matilde di Canossa scritta da Donizone) e il *Pantheon* di Goffredo da Viterbo.

Edizioni/Traduzioni principali: *Annales Palidenses*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, *Scriptores*, XVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1859, p. 48-96. Dell'opera esiste anche una traduzione in tedesco *Die Jahrbücher von Pöhlde*. Ed. Eduard Winkelmann. Berlin: Duncker, 1863.

Bibliografia essenziale: *Annales Patherbrunnenses*. Ed. Paul Scheffer-Boichorst. Innsbruck: Verlag der Wagnerischen Universitaets-Buchhandlung, 1870, p. 22-28. GOETZ, Hans-Werner (2003) — “Konstruktion der Vergangenheit”. *Geschichtsbewußtsein und “Fiktionalität”, in Der hochmittelalterlichen Chronistik, dargestellt am Beispiel der Annales Palidenses*. In LAUDAGE, Johannes, coord. — *Von Fakten und Fiktionen. Mittelalterliche Geschichtsdarstellungen und ihre kritische Aufarbeitung*. Köln: Böhlau, p. 225-257. SCHAUERTE, Thomas (2010) — *Annales Palidenses*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_000407>. [Consultazione realizzata on-line il 13/12/2017]. *Annales palidenses*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalter*.

Disponibile in <https://www.geschichtsquellen.de/repOpus_00346.html>. [Consultazione realizzata on-line il 03/10/2019].

1118. [...] Tempore Paschalis pape quidam Hispanie Archiepiscopus Mauricius, cognomento Burdinus, apud ipsum apostolicum de nigromancia accusatus fuit et convictus. Secundu iusticiam ergo depositus, impetrata venia dispensatorie toleratus est. Domnus autem Paschalis divina egritudine — consecratur, et Gelasius dictus sedit anno uno. Imperator Henricus, dum in regione circa Padum moraretur²⁴⁶ — Burdinum, sic cognominatum propter ingentes asinos in Hispania habundantes, quem appellavit Gregorium; sique scisma — excommunicavit. 1118. Sinodo quoque habita Colonie a Cardinone²⁴⁷, legato Gelasii, cesaris excommunicatio propalatur, et invasor Burdo damnatur; quod Frideslar quoque similiter ab ipso factum est. Mogontini episcopi milites — absumti sunt. [...] Milo presul Viennensis et appellatus Calictus papa, sedit anno 6, vir vite venerabilis, Romani, penitentia ducti, Calixtum devote revocaverunt, captivitates Burdinum qui confugerat Suderen²⁴⁸. Hunc itaque nudum imposuerunt ex adverso super camelum, quod animal est despectivum. Sed et pueri veluti dementia vexatum cum luto insequentes clamabant: *Ecce papa! Ecce papa!* Est autem quedam abbacia que dicitur Cavea in montanis, ubi sol aditum non habet, carcer domini pape, artus videlicet locus, unde nullus egredi possit nisi permissos. In hanc igitur Caveam missus est Burdinus, et ibi mansit usque ad tempore Lotharii, quem in expeditione in Siciliam videre Innocentius permisit²⁴⁹.

Traduzione italiana:

1118. [...] Al tempo di Papa Pasquale, quel tale Maurizio, arcivescovo dell'*Hispania*, di cognome Burdino, fu accusato e condannato per necromanzia dall'Apostolico. D'accordo con la giustizia, quindi, fu deposto; chiese scusa e fu perdonato parsimoniosamente. Dopo la divina dipartita del signor Papa Pasquale, fu consacrato Gelasio, il cui pontificato durò un anno. L'imperatore Enrico, che in quel momento si trovava nella regione padana, impose, con il nome di Gregorio, Burdino, così chiamato per l'ingente numero di asini che abbondano nell'*Hispania*. Così nacque lo scisma e Gelasio scomunicò Burdino. 1118. Nella sinodo convocata a Colonia da Cardinone [Cuno di Preneste, *scil.*], inviato come legato da Gelasio, egli [Cuno di Preneste, *scil.*] promulgò la scomunica contro il cesare e condannò l'invasore Burdino. La stessa decisione fu presa nel concilio di Fritzlär [...]. Milo [Guido, *scil.*] presule di Vienne, chiamato Callisto da papa sedette sul soglio di Pietro per sei anni. Uomo dalla vita venerabile, i romani, in penitenza lo richiamarono devotamente e catturarono Burdino che si era rifugiato a Sutri. E così il miserabile Burdino fu spogliato e messo nudo girato di spalle su di un cammello, un animale disprezzabile. I ragazzini come impazziti, lo inseguirono, lo coprirono di fango e gridarono: «*Ecco il papa! Ecco il papa!*». Più tardi fu incarcerato nell'abbazia di Cava, il carcere del papa; situato tra le montagne, là dove il sole non entra, in quel luogo duro e aspro, dal quale nessuno può uscire senza permesso. In quel monastero di Cava fu incarcerato Burdino e lì rimase fino al tempo della spedizione in Sicilia dell'imperatore Lotario [III, *scil.*] che Papa Innocenzo [II, *scil.*] gli permise di incontrare.

²⁴⁶ Con l'espressione «in regione circa Padum», probabilmente l'autore si riferisce in maniera generica all'Italia settentrionale in quanto *Padus* è il nome latino del fiume Po.

²⁴⁷ Cuno di Preneste, si veda la nota n.° 181 in questa sezione.

²⁴⁸ Sutri.

²⁴⁹ Questo incontro potrebbe aver avuto luogo nell'estate (fine luglio o inizio di agosto) del 1137 quando l'imperatore Lotario III arrivò con le sue truppe a Salerno (8 agosto 1137). Si veda HOUBEN, 2002: 69.

Tradução portuguesa:

1118. [...]. No tempo do Papa Pascoal aquele Maurício arcebispo da Hispânia, de apelido Burdino, foi acusado e condenado por necromância pelo Apostólico. De acordo com a justiça foi, então, deposto; pediu desculpa e foi perdoado parcimoniosamente. Depois da divina partida do senhor Papa Pascoal, foi consagrado Gelásio, cujo pontificado durou um ano. O imperador Henrique, que naquele momento se encontrava na região paduana, impôs, com o nome de Gregório, Burdino, assim chamado pelo grande número de burros que abundam na Hispânia. Desta maneira estabeleceu-se o cisma e Gelásio excomungou Burdino. 1118. No sínodo convocado para Colónia por Cardinone [Cuno de Preneste, *scil.*], enviado como legado por Gelásio, ele [Cuno de Preneste, *scil.*] promulgou a excomunhão contra o César e condenou o invasor Burdino. Idêntica decisão foi tomada no concílio de Fritzlar. [...]. Milo [Guido, *scil.*], bispo de Vienne, chamado Calisto como papa sentou-se no trono de Pedro durante seis anos. Homem de vida venerável, os romanos, em penitência, chamaram por ele com devoção e capturaram Burdino que se tinha refugiado em Sutri. E assim o miserável Burdino foi desnudado e colocado de costas sobre um camelo, um animal desprezível. Os jovens, como que enlouquecidos, seguiram-no, cobriram-no de lama e gritaram: «*Aqui está o papa! Aqui está o papa!*». Mais tarde, foi encerrado na abadia de Cava, a prisão do senhor papa, que fica situada entre as montanhas, lá onde o sol não entra, naquele lugar duro e áspero, de onde ninguém sai sem licença. Naquele mosteiro de Cava foi encarcerado Burdino e lá permaneceu até ao tempo da expedição do imperador Lotário [III, *scil.*] à Sicília, altura na qual o Papa Inocêncio [II, *scil.*] permitiu a Burdino encontrar-se com o imperador.

23) *Chronicon Magni Presbiteri*. Ed. Wilhelm Wattenbach (MGH, Scriptores, XVII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1861, p. 487.

Nota biográfica: Magno fu un canonico agostiniano allievo e continuatore dell'opera di Gerhoh di Reichersberg. Morì intorno al 1195.

Opera: Gli *Annales Reicherspergenses* o *Chronica* sono un'opera di storia universale dalla nascita di Cristo fino al 1195. Secondo diversi studiosi si tratterebbe di una continuazione degli *Annales* di Gerhoh di Reichersberg. Gli *Annales Reicherspergenses* del presbitero Magno furono scritti probabilmente dopo la morte di Gerhoh (†1169). Gli Annali di Reichersberg furono poi proseguiti da altri autori anonimi fino all'anno 1279.

Edizioni/Traduzioni principali: *Chronicon monasterii Reicherspergensis*. Ed. Cristoph Gewold. München: Ex Typographuo Nicolai Henrici, 1611. *Annales Reicherspergenses 921-1167*. Ed. Wilhelm Wattenbach (MGH, Scriptores, XVII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1861, p. 439-476 e *Chronicon Magni Presbiteri*. Ed. Wilhelm Wattenbach (MGH, Scriptores, XVII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1861, p. 476-523.

Bibliografia essenziale: SCHMALE, Franz-Josef (1975) — *Die österreichische Annalistik im 12. Jahrhundert*. «Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters», vol. 31, p. 199-203. *Magnus presbyter Reicherspergensis, Annales Reicherspergenses*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters* Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_03337.html>. [Consultazione realizzata on-line il 13/12/2017]. Per il rapporto tra gli *Annales* di Gerhoh di Reichersberg e la continuazione del presbitero Magno si veda KÖSSINGER, Norbert (2010) — *Magnus*

of *Reichersberg*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, *coord.* — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_01743>. [Consultazione realizzata on-line 13/12/2017]. Si veda inoltre la voce dedicata agli *Annales Reicherspergenses 921-1167* in questo volume.

1117. Gelasius II. Post huius ordinationem 40. Die Henricus imperator Romam veniens quondam Burdinum pro eo in sede beati Petri collocavit.

1119. Calixtus papa constituitur.

1120. Sub papa Calixto pax aecclesiae tandem reddita est, finito schismate per fideles aecclesiae quod Henricus iunior Romae suscitaveret, sicut et pater eius antes antea fecerat [...].

Traduzione italiana:

1117. Quaranta giorni dopo l'ordinazione di Gelasio II, l'imperatore Enrico arrivò a Roma e collocò, secondo la sua volontà, quel tale Burdino nella Sede di San Pietro.

1119. Papa Callisto fu eletto.

1120. Sotto Papa Callisto ritornò la pace nella Chiesa, terminando così per i fedeli lo scisma causato da Enrico, esattamente come aveva fatto il padre in precedenza [...].

Tradução portuguesa:

1117. Quarenta dias depois da ordenação de Gelásio II, o imperador Henrique chegou a Roma e colocou na Sede de São Pedro, por sua vontade, aquele Burdino.

1119. O Papa Calisto foi eleito.

1120. Sob o Papa Calisto a paz regressou à Igreja, acabando para os fiéis o cisma que o jovem Henrique tinha causado, exactamente como seu pai tinha feito anteriormente [...].

24) *Annales Rosenveldenses (A. 1057-1130)*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, *Scriptores*, XVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1859, p. 104.

Nota biografica: L'opera è anonima.

Opera: Si tratta degli annali risalenti al XII secolo dell'abbazia di Harsfeld (chiamata anche Rosenfeld o Rossevelde) ubicata vicino alla città tedesca di Stade (Bassa Sassonia) non lontano da Brema. Dell'opera si è conservata soltanto la parte che va dagli anni 1057-1130, un frammento contenuto in un manoscritto del XIV secolo proveniente dal monastero di San Michele di Lüneburg (Bassa Sassonia).

Edizioni/Traduzioni principali: *Chronographi Saxonis fragmentum Luneburgense*. In WEDEKIND, Anton Christian, *coord.* — *Noten zu einigen Geschichtsschreibern des deutschen Mittelalters*. Vol. I. Hamburg: Perthes und Besser, 1823, p. 347-367. *Annales Rosenveldenses (A. 1057-1130)*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, *Scriptores*, XVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1859, p. 99-104.

Bibliografia essenziale: JAFFÉ, Philipp (1858) — *Über die Rosenfelder Annalen*. «Archiv der Gesellschaft für ältere deutsche Geschichtskunde», vol. 9, p. 850-867. VON HEINEMANN, Lothar (1888) — *Ueber ein verlorenes sächsisches Annalenwerk*. «Neues Archiv der Gesellschaft für ältere deutsche Geschichtskunde», vol. 13, p. 33-59. RIEMER, Dieter (2005) — *Harsefeld im Mittelalter (Harsefelder Regesten)*, Harsfeld: Geschichte und Gegenwart. BÜTTNER, Jan Ulrich (2010) — *Annales Rosenfeldenses*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_001110>. [Consultazione realizzata on-line il 20/02/2018]. *Annales Rosenfeldenses*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_00379.html>. [Consultazione realizzata on-line il 16/02/2018].

1118. Paschalis papa obiit 6. Kalend. Febr., cui succedit Gelasius. Quem Henricum a Roma expulit, et Gregorium, qui et Burdinus, papam substituit. Defuncto Gelasio Calixtus subrogatur, a quo Henricus cum suo papa excommunicatur.

1121. Burdinus a Kalisto capitur et monasterio cui nomen est Cavea intruditur, et ipse in sedem Romanam ab omnibus honorifice excipitur.

Traduzione italiana:

1118. Papa Pasquale morì il 24 gennaio e gli successe Gelasio. Quest'ultimo fu espulso da Roma e sostituito da Enrico [V, imperatore, *scil.*] con Gregorio, ossia Burdino. Una volta scomparso Gelasio, fu eletto al suo posto Callisto, il quale scomunicò l'imperatore insieme al suo papa.

1121. Burdino fu catturato e segregato nel monastero chiamato Cava da Papa Callisto, il quale fu poi accolto con tutti gli onori nella Sede romana.

Tradução portuguesa:

1118. O Papa Pascoal morreu no dia 24 de janeiro e sucedeu-lhe Gelásio. Este foi expulso de Roma e substituído por Gregório, ou seja, Burdino, por Enrique [V, imperador, *scil.*]. Uma vez falecido Gelásio, foi eleito em seu lugar Calisto que excomungou o imperador e o seu papa.

1121. Burdino foi capturado e encarcerado no mosteiro chamado Cava pelo Papa Calisto, que depois foi acolhido com todas as honras na Sede romana.

25) *Annales Patherbrunnenses eine verlorene Quellenschrift des zwölften Jahrhunderts*. Ed. Paul Scheffer-Boichorst. Innsbrück: Verlag Der Wagnerischen Universitaets-Buchhandlung, 1870, p. 134-135.

Nota biografica: L'opera è anonima.

Opera: Gli *Annales Patherbrunnenses* (Annali di Paderborn) sono un'opera del XII secolo che riporta le vicende degli anni tra il 744 e il 1144. Secondo F.-J. Schmale, gli annali provengono dall'abbazia di Corvey (Diocesi di Paderborn, nell'attuale Land Nordrhein-Westfalen) ed è per questa ragione che andrebbero chiamati *Annales Corbeienses maiores* piuttosto che con la dicitura tradizionale di *Patherbrunnenses*.

Edizioni/Traduzioni principali: *Annales Patherbrunnenses eine verlorene Quellenschrift des zwölften Jahrhunderts*. Ed. Paul Scheffer-Boichorst. Innsbrück: Verlag Der Wagnerischen Universitaets-Buchhandlung, 1870. PERLBACH, Max (1920) — *Vier Fragmente der Paderborner Annalen*. «Neues Archiv der Gesellschaft für ältere deutsche Geschichtskunde», vol. 43, p. 227-238. *Annalium Patherbrunnensium fragmenta*. Ed. Heinz Kauffmann (MGH, Scriptorum, XXX/2). Hannover: Impensis Karoli W. Hiersemann, 1934, p. 1329-1332. SCHMALE, Franz-Josef (1996) — *Die größeren Annalen von Corvey (Annales Corbeienses maximi). Ein Rekonstruktionsversuch*. Münster: Aschendorff, p. 337-372.

Bibliografia essenziale: *Annales Patherbrunnenses eine verlorene Quellenschrift des zwölften Jahrhunderts*. Ed. Paul Scheffer-Boichorst. Innsbrück: Verlag Der Wagnerischen Universitaets-Buchhandlung, 1870, p. 1-61. SCHEFFER-BOICHORST, Paul (1902) — *Zu den Paderborner Annalen*. «Neues Archiv der Gesellschaft für ältere deutsche Geschichtskunde», vol. 27, p. 677-694. SCHMALE, Franz-Josef (1974) — *“Paderborner” oder “Korveyer” Annalen?* «Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters», vol. XXX, p. 505-526. *Annales Patherbrunnenses*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_00351.html>. [Consultazione realizzata on-line il 21/02/2018].

1118. Domnus papa Paschalis feliciter ad dominum migravit. Successor ei elegitur Iohannes, ipsius ante cancellarius, qui et Gelasius dictus est. Imperator vero alium subrogat, Bracarensem scilicet episcopum, quem etiam Gregorium vocant. Quo facto Iohannes electus apostolicus Beneventum secedit; imperatorem cum idolo suo — hoc enim nomine, quem ipse substituit, vocatus est — omnesque huic parti consentientes excommunicavit.

Traduzione italiana:

1118. Papa Pasquale II morì. Fu eletto come suo successore Giovanni, che in precedenza era stato cancelliere dello stesso Pasquale, il quale assunse il nome di Gelasio. L'imperatore lo sostituì con un altro, il vescovo di Braga, che prese il nome di Gregorio. Dopo questo accadimento, Gelasio si rifugiò a Benevento da dove scomunicò, con il consenso di tutti, l'imperatore e il suo idolo; così era chiamato colui il quale aveva preso il posto di Gelasio.

Tradução portuguesa:

1118. O Papa Pascoal II morreu. João, que anteriormente tinha sido chanceler do mesmo Pascoal, foi eleito seu sucessor e assumiu o nome de Gelásio. O imperador substituiu-o por outro, o bispo de Braga, que tomou o nome de Gregório. Depois deste acontecimento, Gelásio refugiou-se em Benevento de onde excomungou, com o consenso de todos, o imperador e o seu ídolo; assim era chamado aquele que tinha tomado o lugar de Gelásio.

26) *Annales Hildesheimenses*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptorum Rerum Germanicarum, VIII). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1878, p. 64-66.

Nota biografica: L'opera fu scritta da molteplici autori, anche se tra di loro potrebbe esserci Tangmaro di Hildesheim, cronista tedesco vissuto nell'XI secolo e autore della *Vita Bernwardii*.

Opera: Gli annali di Hildesheim narrano le vicende dalle origini del mondo fino al 1137. Furono composti in più fasi tra X e XII secolo, nel monastero di San Michele di Hildesheim. Gli annali sono basati su varie opere, tra le quali i perduti *Annales Hildesheimenses Maiores*, gli *Annales S. Albani* e gli *Annali Patherbrunnenses*.

Edizioni/Traduzioni principali: *Annales Hildesheimenses*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, Scriptores, III). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1839, p. 42-116. *Annales Hildesheimensis, Quedlinburgenses, Weissenburgenses Et Lamberti Pars Prior*. Ed. Jacques-Paul Migne (*Patrologia Latina*, CXLI). Paris: Jacques-Paul Migne éditeur, 1855, cols. 443-604. *Annales Hildesheimenses*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores Rerum Germanicarum, VIII). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1878. Della fonte esiste una traduzione in tedesco, *Die Jahrbücher von Hildesheim*. Ed. Eduard Winkelmann. Berlin: Duncker, 1962.

Bibliografia essenziale: BULST-THIELE, Marie Luise (1956) — *Zu Thietmar und den Hildesheimer Annalen*. «Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters», vol. 12, p. 517-518. NASS, Klaus (1996) — *Die Reichschronik des Annalista Saxo und die sächsische Geschichtsschreibung im 12. Jahrhundert*. Hannover: Hahnsche Buchhandlung, p. 86-92. *Annales Hildesheimenses*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_00293.html>. [Consultazione realizzata on-line il 10/12/2017. SCHAUERTE, Thomas (2010) — *Annales Hildesheimenses*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_00135>. [Consultazione realizzata on-line il 10/12/2017].

1118. Domnus papa Paschalis feliciter ad Dominum migravit. Successor ei eligitur Iohannes, ipsius antes cancellarius, qui et Gelasius dictus est. Imperator vero alium surrogat, Bracarensem scilicet episcopum, quem Gregorium vocaverunt. Quo facto, Iohannes electus apostolicus Beneventum secedit; imperatorem cum ydolo suo — hoc enim nomine quem ipse substituit vocatus est — omnesque huic parti consentientes excommunicavit.

1119. Domnus apostolicus Gelasius synodum in Francia celebraturus, apud Cluniacum moritur ibique sepelitur. Cui archiepiscopus Viennae, vir religiosus, succedit, Kalistus nomine. Imperator et principes regni in festivitate sancti Iohannis baptistae conveniunt et in concordiam redeunt, ita tamen, ut omnis causa, quae hactenus aecclesiam disturbaverat et inter eos fomitem discordiae ministraverat, in presentiam domini apostolici kalisti differretur. Multi mortalium a lupis devorantur. Calistus papa synodum Remis circa festum sancti Lucae celebrat, cui Adalbertus Moguntinus archiepiscopus²⁵⁰ pluresque episcopi Germaniae interfuerunt. Imperator non longe cum suis constitit, auditurus super synodalibus decretis; sed nichil quod a reconciliationem pertineret, actum est; immo imperator anathemizatus est.

1122. [...] Circa festum sanctae Mariae Spire conventus principum fit. Ibi episcopus Ostiensis, vir religiosus, sanctae Romanae Ecclesiae legatus²⁵¹, consulente papa Calisto, imperatorem banno absolvit. Imperator vero, ut ecclesiasticae iusticiae satisfaceret, investituras ecclesiasticarum dignitatum sancto Petro remisit [...].

Traduzione italiana:

1118. Papa Pasquale migrò felicemente verso Dio. Il suo successore fu Giovanni, in precedenza cancelliere papale, che fu chiamato Gelasio. L'imperatore lo sostituì con un altro, il vescovo di Braga, che chiamarono Gregorio. Dopo l'accaduto, Giovanni, eletto Apostolico, scappò presso la

²⁵⁰ Si veda la nota n.° 196 in questa sezione.

²⁵¹ Si veda la nota n.° 42 in questa sezione.

città Benevento dalla quale insieme a tutti i suoi sostenitori scomunicò l'imperatore e il suo idolo, il nome con il quale veniva chiamato l'uomo che aveva sostituito Gelasio.

1119. Con la sinodo ancora da celebrare in Francia, il signor Apostolico Gelasio morì a Cluny, dove fu anche sepolto. Gli successe l'arcivescovo di Vienne, uomo religioso, chiamato Callisto. L'imperatore e i principi nella festa di San Giovanni Battista [24 giugno, *scil.*] si riunirono e stabilirono la concordia tra di loro. Tuttavia, su questo problema che affliggeva la Chiesa [le investiture, *scil.*] e alimentava la discordia tra di loro, manifestarono il proprio disaccordo alla presenza di Papa Callisto. Molti uomini furono divorati dai lupi. Callisto II celebrò il concilio di Reims nel giorno della festa di San Luca [18 ottobre, *scil.*], al quale parteciparono l'arcivescovo di Magonza e molti altri presuli della Germania. L'imperatore si trattene non lontano con i suoi uomini per conoscere le decisioni sui decreti sinodali, ma nulla fu fatto per giungere ad una riconciliazione tra le parti, anzi contro l'imperatore fu lanciato l'anatema.

1122. [...]. Nei giorni della festa di Santa Maria [23 settembre, *scil.*] a Spira fu convocata una Dieta di principi. In quella Dieta il vescovo di Ostia, uomo religioso, legato della Santa Romana Chiesa e assistente e consigliere di Papa Callisto, assolse l'imperatore dal banno e lo sciolse dall'anatema. L'imperatore per rispettare veramente la giustizia ecclesiastica restituì a San Pietro le dignità delle investiture degli ecclesiastici [...].

Tradução portuguesa:

1118. O senhor Papa Pascoal partiu para junto de Deus. O seu sucessor foi João, anteriormente seu chanceler, que foi chamado Gelásio. O imperador substituiu-o por outro, o bispo de Braga, a quem chamaram Gregório. Depois deste acontecimento, João, eleito Apostólico, fugiu para Benevento e, juntamente com todos aos seus partidários, excomungou o imperador e o seu ídolo, nome pelo qual era designado o substituto de Gelásio.

1119. O Senhor Apostólico Gelásio, com o sínodo em França ainda para celebrar, morreu em Cluny onde foi também sepultado. Sucedeu-lhe o arcebispo de Vienne, homem religioso, chamado Calisto. O imperador e os príncipes, na festa de São João Baptista [24 de Junho, *scil.*], reuniram-se e estabeleceram a concórdia entre si. Todavia, sobre este assunto, que afligia a Igreja [as investiduras, *scil.*] e alimentava a discórdia entre eles, manifestaram o seu desacordo na presença do Papa Calisto. Muitos homens foram devorados pelos lobos. Calisto II celebrou o concílio de Reims no dia da festa de São Lucas [18 de Outubro, *scil.*], no qual participaram o arcebispo de Mogúncia e muitos outros bispos da Alemanha. O imperador permaneceu não muito distante com os seus homens, a fim de tomar conhecimento das decisões sobre os decretos sinodais, mas nada foi feito para chegar a uma reconciliação entre as partes: pelo contrário, contra o imperador foi lançado o anátema.

1122. [...]. À volta da festa de Santa Maria [23 de setembro, *scil.*] em Speyer foi convocada uma Dieta de príncipes. Naquela Dieta, o bispo de Óstia, homem religioso e legado da Santa Igreja Romana, assistente e conselheiro do Papa Calisto, libertou o imperador do banimento e absolveu-o do anátema. O imperador, para satisfazer verdadeiramente a justiça eclesiástica, remeteu a São Pedro a dignidade das investiduras dos eclesiásticos [...].

27) *Annales Magdeburgenses*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, Scriptorum, XVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1859, p. 182.

Nota biografica: L'opera è anonima.

Opera: Composti nell'ultimo quarto del XII secolo nel monastero benedettino di San Giovanni Battista della Montagna di Backau, Magdeburgo, (in tedesco *St. Johannes der Täufer auf dem Berge*), gli *Annales Magdeburgenses* sono una storia universale dalla nascita di Gesù Cristo fino all'anno 1188, con alcune aggiunte posteriori tardomedievali per gli anni 1453-1460. Gli annali trattano sia vicende locali come la fondazione della città di Magdeburgo e l'istituzione dell'arcidiocesi, che i principali eventi che coinvolsero l'impero in particolare nel XII secolo.

Edizioni/Traduzioni principali: *Chronographus Saxo a Christo Nato ad Ann. MCLXXXVIII*. In LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm, coord. — *Accessiones Historicae: quibus Utilia Superiorum Temporum Historiis Illustrandis Scripta Monumentaque Nondum Hactenus Edita Inque Iis Scriptorum Diu Desiderati Continentur*. Vol. 1. Hannover: Sumptibus Nicolai Försteri, 1700, p. 1-135. *Annales Magdeburgenses*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, Scriptorum, XVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1859, p. 105-96. Dell'opera esiste almeno una traduzione in tedesco, si veda WINKELMANN, Eduard (1863) — *Die Jahrbücher von Magdeburg (Chronographus Saxo)*. Berlin: Verlag von Franz Duncker.

Bibliografia essenziale: LAPPENBERG, Johann Martin (1838) — *Über das Verhältniß des Chronographus Saxo zur Quedlinburger Chronik*. «Archiv der Gesellschaft für ältere deutsche Geschichtskunde», vol. 6, p. 647-653. KESSEL, Eberhard (1931) — *Die Magdeburger Geschichtsschreibung im Mittelalter bis zum Ausgang des 12. Jahrhunderts*. «Sachsen und Anhalt», vol. 7, p. 109-84. NASS, Klaus (1995) — *Geschichtsschreibung in Sachsen zur Zeit Heinrichs des Löwen*. In LUCKHARDT, Jochen; NIEHOFF, Franz; BIEGEL, Gerd, coord. — *Heinrich der Löwe und seine Zeit. Herrschaft und Repräsentation der Welfen 1125-1235*. Vol. II. München: Hirmer Verlag, p. 35-40. WERTHSCHULTE, Leila (2010) — *Annales Magdeburgenses*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_00140>. [Consultazione realizzata on-line il 20/02/2018]. *Annales Magdeburgenses*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_00318.html>. [Consultazione realizzata on-line il 16/02/2018].

1118. 13. Paschalis papa obiit; cui succedit Gelasius. Quem Henricum a Roma expulit, et Gregorium, qui et Burdinus, papam substituit. Defuncto Gelasio, Calistus, prius Vivanensis archiepiscopus, subrogatur, a quo Henricus cum suo papa excommunicatur.

1121. 16. Burdinus a Calisto papa capitur, monasterio cui nomen est Cavea intruditur, et in ipse in sedem Romanam excipitur ab omnibus honorifice.

Traduzione italiana:

1118. Papa Pasquale [II, *scil.*] morì il 24 gennaio e gli successe Gelasio. Quest'ultimo fu espulso da Roma e fu sostituito da Enrico [V, imperatore, *scil.*] con Gregorio, ossia Burdino. Una volta defunto Gelasio, fu eletto al suo posto Callisto [II, *scil.*], in precedenza vescovo di Vienne, il quale scomunicò l'imperatore e il suo papa.

1121. Burdino fu catturato e fu rinchiuso nel monastero chiamato Cava da Papa Callisto, il quale fu poi accolto con tutti gli onori nella Sede romana.

Tradução portuguesa:

1118. O Papa Pascoal [II, *scil.*] morreu no dia 24 de Janeiro e sucedeu-lhe Gelásio. Foi expulso de Roma e substituído por Gregório, ou seja, Burdino, por Henrique [V, imperador, *scil.*]. Uma vez falecido Gelásio, foi eleito para o seu lugar Calisto [II, *scil.*], anteriormente bispo de Vienne, que excomungou o imperador e o seu papa.

1121. Burdino foi capturado e encarcerado no mosteiro chamado Cava pelo Papa Calisto, que logo foi acolhido com todas as honras na Sede romana.

28) *Chronica Regia Coloniensis (Annales maximi Colonienses)*. Ed. Georg Waitz (MGH, *Scriptores Rerum Germanicarum separatim editi*, XVIII). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1880, p. 57-58.

Nota biografica: L'opera fu scritta da un canonico anonimo o di Colonia o di Siegburg (circa venticinque chilometri a sud-est di Colonia).

Opera: Scritta a cavallo tra XII e XIII secolo (secondo J. Wolf le prime due versioni furono composte più precisamente tra il 1197 e il 1202), la *Chronica Regia Coloniensis* è incentrata sulle vicende dei re di Germania e degli imperatori fino al secondo quarto del XII secolo. L'opera è basata sui testi di Eccheardo d'Aura, Frutolfo di Michaelsberg e gli Annali di Paderborn, mentre gli eventi successivi al 1220, e in particolare la lotta per il trono tedesco, furono inseriti nella cronaca da un altro autore che aggiunse anche delle sue osservazioni e commenti personali ai fatti narrati.

Edizioni/Traduzioni principali: *Annales maximi Colonienses*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, *Scriptores*, XVII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1861, p. 723-847. *Chronica regia Coloniensis continuatio prima (a. 1175-1220)*. Ed. Georg Waitz (MGH, *Scriptores*, XXIV). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1879, p. 4-20. *Chronica Regia Coloniensis (Annales maximi Colonienses)*. Ed. Georg Waitz (MGH, *Scriptores Rerum Germanicarum separatim editi*, XVIII). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1880, p. 1-299. Dell'opera esistono due traduzioni in tedesco: WATTENBACH, Wilhelm; PLATNER, Karl (1896) — *Die Kölner Königschronik, nach der Ausgabe der Monumenta Germaniae*. Leipzig: Leipzig Verlag der Dykschen Buchhandlung. LÜCKERATH, Carl A. (2004) — *Kölner Königschronik und Chronik aus St. Pantaleon*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.

Bibliografia essenziale: GROTEN, Manfred (1997) — *Klösterliche Geschichtsschreibung: Siegburg und die Kölner Königschronik*. «Rheinische Vierteljahrsblätter», vol. 61, p. 50-78. LÜCKERATH, Carl A. (2000) — *Coloniensis ecclesia, Coloniensis civitas, Coloniensis terra. Köln in der Chronica regia Coloniensis und der Chronica S. Pantaleonis*. «Jahrbuch des kölnischen Geschichtsvereins», vol. 71, p. 1-41. LÜCKERATH, Carl A. (2001) — *Chronica regia Coloniensis und Chronica Sancti Pantaleonis als Zeugnisse der mittelalterlichen Kölner Historiographie*. In MÖLICH, Georg; NEDDERMEYER, Uwe; SCHMITZ, Wolfgang, coord. — *Spätmittelalterliche städtische Geschichtsschreibung in Köln und im Reich*. Köln: SH-Verlag, p. 57-67. WOLF, Jürgen (2010) — *Chronica regia Coloniensis*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_00484>. [Consultazione realizzata on-line il 21/02/2018]. *Chronica regia Coloniensis*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <https://www.geschichtsquellen.de/repOpus_01041.html?pers_PND=PND118688529>. [Consultazione realizzata on-line il 05/06/2019].

Anno Domini 1118. Dominus papa Paschalis feliciter ad Dominum migravit. Successor ei eligitur Iohannes, ipsius antea cancellarius, qui et Gelasius dictus est. Imperator vero alium subrogat, Bracarensem scilicet episcopum, quem etiam Gregorium vocant. Quo facto, Iohannes electus apostolicus Beneventum secedit; imperatorem cum idolo suo — hoc enim nomine quem ipse substituit vocatus est — omnesque huic parti consentientes excommunicavit.

Traduzione italiana:

Anno del Signore 1118. Papa Pasquale morì e gli successe Giovanni, cancelliere dello stesso Pasquale, il quale fu chiamato Gelasio. L'imperatore lo sostituì con un altro, ossia il vescovo di Braga, che prese il nome di Gregorio. Dopo questo evento, l'eletto Giovanni scappò a Benevento e da quella città scomunicò, con il consenso di tutte le parti presenti, l'imperatore e il suo idolo; così veniva chiamato colui il quale aveva sostituito Giovanni.

Tradução portuguesa:

Ano do Senhor de 1118. O Papa Pascoal morreu e sucedeu-lhe João, chanceler de Pascoal, que foi chamado Gelásio. O imperador substituiu-o por outro, ou seja, pelo bispo de Braga, que tomou o nome de Gregório. Depois deste evento, o eleito João fugiu para Benevento e desde essa cidade excomungou, com o consentimento de todas as partes presentes, o imperador e o seu ídolo; assim era chamado aquele que tinha substituído João.

29) *Annales Admutenses a. 1-1139*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, *Scriptores*, IX). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1860, p. 578.

Nota biografica: Opera anonima.

Opera: Cronaca universale fino al 1139 proveniente dall'abbazia di Melk (Stiria, Austria). Gli *Annales Admutenses* furono scritti a cavallo tra XII e XIII secolo. La fonte presenta molti punti di contatto con altre opere come gli *Annales Sancti Rudberti Salisburgenses*, gli *Annales Garstenses* e gli *Annales Mellicenses*.

Edizioni/Traduzioni principali: *Annales Admutenses a. 1-1139*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, *Scriptores*, IX). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1860, p. 569-579.

Bibliografia essenziale: SCHMALE, Franz-Josef (1975) — *Die österreichische Annalistik im 12. Jahrhundert*. «Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters», vol. 31, p. 185-187. BEIHAMMER, Alexander (1998) — *Die alpenländische Annalengruppe (AGS) und ihre Quellen*. «Mitteilungen des Instituts für österreichische Geschichtsforschung», vol. 106, p. 253-327. MURDOCH, Brian; PFEIFFER, Kerstin (2010) — *Annales Admontenses*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_00111>. [Consultazione realizzata on-line il 17/01/2018].

1124. Kalixtus papa sententiam anathematis in imperatorem dedit. Imperator vero Urbem ingressus Burdinum Hispanum episcopum Romanae sedi violenter imposuit. Qui recedente imperatore a Romanis captus, apud Clavam custodiae mancipatur. [...] Imperator habita curia Warmatiae investitura episcoporum legato apostolicae sedis resignavit, per eumque ab anathematis vinculo absolutus est.

Traduzione italiana:

1124. Papa Callisto lanciò l'anatema contro l'imperatore, che aveva introdotto nell'Urbe, infatti, il vescovo ispanico Burdino e lo aveva imposto violentemente nella Sede romana. Una volta che l'imperatore si allontanò, Burdino fu catturato dai Romani e fu rinchiuso a Cava. [...]. A Worms, l'imperatore restituì al legato della Sede Apostolica l'investitura dei vescovi e fu sciolto dal vincolo dell'anatema.

Tradução portuguesa:

1124. O Papa Calisto lançou o anátema sobre o imperador. De facto, o imperador tinha introduzido na *Urbs* o bispo hispânico Burdino e impô-lo violentamente na Sede romana. Uma vez afastado o imperador, Burdino foi capturado pelos romanos e encerrado em Cava [...]. Em Worms, o imperador restituiu ao legado da Sé Apostolica a investidura dos bispos e foi absolvido do vínculo do anátema.

30) *Gesta episcoporum Halberstadensium*. Ed. Ludwig Weiland (MGH, Scriptores, XXIII). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1874, p. 104.

Nota biografica: L'opera è anonima.

Opera: L'opera è una storia dei vescovi di Halbertstadt scritta all'inizio del XIII secolo.

Edizioni/Traduzioni principali: *Chronicon ecclesiae Halberstadensis*. In LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm von, coord. — *Scriptores rerum Brunsvicensium*. Vol. II. Hannover: Förster, 1710, p. 110-148. *Incerti Auctoris Saec. XIII. Chronicon Halberstadense, Inde AB A. 780. Usque Ad. A. 1209*. Ed. Wilhelm Schatz: Halberstadt: Lindequist und Schönrock, 1839, p. 1-82. *Gesta episcoporum Halberstadensium*. Ed. Ludwig Weiland (MGH, Scriptores, XXIII). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1874, p. 73-123.

Bibliografia essenziale: GRIESSER, Bruno (1924) — *Der Prosarhythmus in den bischöflichen Urkunden von Halberstadt und in den Gesta episcoporum Halberstadensium*. «Neues Archiv der Gesellschaft für ältere deutsche Geschichtskunde», vol. 45, p. 82-101. ALTHOFF, Gerd (1998) — *Magdeburg-Halberstadt-Merseburg. Bischöfliche Repräsentation und Interessenvertretung im ottonischen Sachsen*. In ALTHOFF, Gerd; SCHUBERT, Ernst, coord. — *Herrschaftsrepräsentation im ottonischen Sachsen*. Sigmaringen: Jan Thorbecke Verlag, p. 267-293. GRIEME, Uwe (2000) — *Zur Aussagekraft von Bistumschroniken und Bischofskatalogen des Bistums Halberstadt im Hoch- und Spätmittelalter*. «Concilium medii aevi», vol. 3, p. 185-195. *Gesta episcoporum Halberstadensium*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_02457.html>. [Consultazione realizzata on-line il 13/12/2017].

Imperator vero non parum amaricatus ad Renum se convertit ad resistendum sibi magis ac magis consensu Saxonum roborato²⁵². Interea nuntiatur imperatori obitus illius inclite Mathildis²⁵³

²⁵² La fonte fa riferimento ai problemi dell'imperatore Enrico V sul fronte orientale del regno di Germania contro i sassoni. Su questo tema si veda il saggio di ZIEMANN, 2103: 271-288.

²⁵³ Si tratta della celeberrima contessa Matilde di Canossa (1046-1115). Su Matilde e il mito storiografico sulla sua figura rinvio alla lettura del saggio di GOLINELLI, 1999: 29-52. Sui rapporti tra Enrico V e Matilde di Canossa si veda STRUVE, 1995: 41-84.

ab Ytalia, et ad prediorum eius terras amplissimas hereditario iure possidendas invitatur. Qua femina sicut nemo nostris temporibus ditior ac famosior, ita nemo virtutibus et religione sub laica professione insignior est repertus. Post hec imperator curiam Moguntie celebraturus intravit; Moguntini vero nacta oportunitate armati intrant, imperatori mortem minitantes, nisi pontificem suum Adelbertum eis reddat, quem tam multo tempore detinuerat captivatum²⁵⁴. Imperator vero, ut coactus promiserat, ipsum pontificem, iam per tres annos carcere afflictum et nimirum ossibus vix herentem, cathedre sue remisit. Imperator itaque videns a se principum fidem deficere, et ab eius communione se plerosque subtrahere, in Ytalam se una cum regina totaque domo sua contulit, et circa Padum negotiis regni insistens, legatos ad apostolicum pro componendi causis, que iturum regnum et sacerdotium disturbare ceperunt, suppliciter destinavit [...]. Eodem autem anno Paschalis papa presentem vitam finivit, cui successit Iohannes Carthanus, imposito sibi nomine Gelasius. Imperator quoque audito transitu pape Romam properavit, et primo quidem in electione domni Iohannis, qui est Gelasius II. dictus est, assensum prebens, postea vero, eodem a sua se communione subtrahente, favore quorundam Romanorum alterum quendam, Burdinum nomine, ex Hispania supervenientem, apostolice sedi imposuit; sicque scisma, quod iam sperabatur emortuum, crudeliter est resuscitatum. Nam eodem Burdino Romane cathedre libere potitio, Gelasius cum cardinalibus ceterisque catholicis, quos congregare poterat, apud Capuam se recipiens, imperatorem una cum suo ydolo Burdino dampnavit. Hinc per Campaniam cum suis ab Burgundiam transmigravit ac Vienne synodum congregavit, eaque transacta post paucos dies vitam presentem finivit, et ei in Cluniacensi monasterio honorifice est sepultus. Cui cardinales et clerus Romanus domnum Milonem Viennensem archiepiscopum substituunt, Calixtum mutato nomine vocaverunt. Idem papa Calixtus concilio congregato, 426 patribus vallatus, synodalia predecessorum suorum decreta confirmavit. Ad quod etiam imperator, nuntiis suis directis pro investituris ecclesiasticis, quas tantopere cogebatur amittere, quosque cum principibus generale communicaret consilium, inducias impetravit. Ipse autem papa non multo post in Ytalam vadens a Romanis cum multa gloria est receptus. Burdinus vero cum se in castello Sutrie recepisset, Romani ipsum castrum destruunt, Burdinum capiunt, et post plures a vulgo sibi contumelias et ilusiones illatas, vix a manibus eorum domno papa illum cripiente, ob agendam penitentiam exilio est relegatus. Post multifarias tandem tunice Christi scissuras, postque tot christianorum intestina, bella, tempus miserendi Syon, licet vero, divina miserante clementia venit, domni pape siquidem legatis ob hoc in Germaniam transmissis, incredibile memoratu, quam prudenti, quam instante quamque sollicito cunctorum procerum consilio pro pace et concordia diu sit certatum, donec ipse, in cuius manu cor regum est, omnem animositatem suam sub apostolice reverencie obedientiam causa matris ecclesie, etiam ultra spem plurimorum, inflexit.

Traduzione italiana:

Molto irritato, l'imperatore si diresse verso il Reno per opporsi alla congiura sempre più forte dei Sassoni. Nel frattempo fu annunciata all'imperatore la morte dell'illustre Matilde di Canossa e fu invitato dall'Italia a prendere possesso, per diritto ereditario, dei beni e delle moltissime terre della defunta. Di questa donna, nessuno dei nostri tempi fu più ricco e famoso, così come non ci fu nessuno così insigne nelle virtù e nella religione tra i laici. Dopo questo avvenimento, l'imperatore si recò a Magonza presso la curia per essere acclamato. I magontini colsero l'opportunità ed entrarono armati nella curia, minacciando di morte Enrico V se non avesse liberato il loro pontefice Adalberto, il

²⁵⁴ Adalberto I di Saarbrücken arcivescovo di Magonza, si veda la nota n.° 196 in questa sezione.

quale da molto tempo era tenuto in prigionia dallo stesso imperatore. Praticamente costretto, Enrico V rimise sulla sua cattedra quel pontefice, già provato da tre anni di carcere e ridotto a pelle e ossa. L'imperatore, allora, vedendo che i principi cercavano di svincolarsi dalla sua autorità e dal suo seguito, si recò in Italia insieme alla regina e tutta la sua famiglia. Era impegnato negli affari del regno nella pianura padana, quando inviò umilmente i suoi legati presso l'Apostolico per comporre i conflitti che stavano distruggendo il Regno e il Sacerdozio. [...] Quell'anno Papa Pasquale morì; gli successe Giovanni di Gaeta che si era dato il nome di Gelasio. Venuto a conoscenza dell'avvicendamento, l'imperatore si affrettò a recarsi a Roma; prima diede il suo consenso all'elezione di Giovanni, chiamato Gelasio II, ma successivamente si sottrasse alla sua comunione e con l'appoggio di alcuni romani, Enrico V impose nella Sede Apostolica quel tale chiamato Burdino proveniente dall'*Hispania*. In questo modo lo scisma che si sperava morto, rivisse crudelmente. Dato che la Cattedra romana era liberamente nelle mani di Burdino, Gelasio con i cardinali e gli altri cattolici che aveva potuto riunire si diresse a Capua dove condannò l'imperatore con il suo idolo. Dalla Campania con i suoi uomini, il papa si trasferì in Borgogna dove convocò una sinodo a Vienne. Dopo pochi giorni morì e fu sepolto con onore a Cluny. I cardinali e il clero romano lo sostituirono con il vescovo di Vienne, Guido, al quale cambiarono il nome mutandolo in Callisto. Lo stesso Papa Callisto convocò un concilio, approvato e rafforzato da quattrocentoventisei prelati, nel quale confermò le disposizioni sinodali dei suoi predecessori. L'imperatore inviò i suoi nunzi al papa per discutere delle investiture degli ecclesiastici; arrivato a quel punto, l'imperatore fu costretto a rinunciarvi. Convocò una dieta con i principi e raggiunse una tregua. Non molto dopo, il papa si recò in Italia e fu ricevuto gloriosamente dai romani. Burdino nel frattempo si era rifugiato nel castello di Sutri; i romani distrussero la fortificazione, lo catturarono, fu insultato e percosso dal popolo e a stento fu salvato dalle mani dello stesso papa, il quale per penitenza lo relegò in esilio. Dopo le tante lacerazioni della tunica di Cristo e dopo così tante guerre intestine tra i cristiani, in verità giunse il tempo di aver compassione di Sion e venne la clemenza della Misericordia. Il papa inviò i legati in Germania, un fatto incredibile. Lottò a lungo per la pace e la concordia, grazie al consiglio sollecito, prudente e avveduto di tutti gli aristocratici più importanti, fino a quando lui [l'imperatore Enrico V, *scil.*], nelle cui mani è il cuore dei re, piegò tutta la sua animosità all'obbedienza della Reverenza Apostolica per la causa della Madre Chiesa, anche oltre la speranza dei più.

Tradução portuguesa:

O imperador, muito amargurado, dirigiu-se ao Reno para se opor à conspiração cada vez mais forte dos saxões. Entretanto, foi anunciada ao imperador a morte da ilustre Matilde de Canossa, e, por direito de herança, foi convidado desde Itália para tomar posse das propriedades e das muitas terras da falecida. Ninguém nos nossos tempos fora mais rico e mais famoso que esta mulher, tal como não houvera entre os leigos ninguém tão famoso nas virtudes e na religião. Após este evento, o imperador foi à cúria de Mogúncia para ser aclamado. Os moguntinos aproveitaram a oportunidade e entraram armados na cúria, ameaçando de morte o imperador, caso não libertasse o pontífice deles, Adalberto, que tinha sido encarcerado pelo imperador havia muito tempo. Henrique V, praticamente forçado, colocou de novo na sua cátedra aquele pontífice já atormentado por três anos de prisão e reduzido a pele e osso. Então, o imperador, ao ver que os príncipes estavam a afastar-se da sua autoridade e do seu séquito, dirigiu-se para Itália com a rainha e toda a sua família. Estava envolvido nos assuntos do reino perto do vale do rio Pó, quando, humildemente, enviou os seus legados ao Apostólico para tratarem dos conflitos que estavam a destruir o Reino e o Sacerdócio [...]. Naquele ano, o Papa Pascoal morreu; sucedeu-lhe João de Gaeta,

que deu a si mesmo o nome de Gelásio. Quando lhe chegou a notícia desta sucessão, o imperador apressou-se a ir para Roma e ofereceu o seu consenso à eleição de João, chamado Gelásio II, mas depois, Henrique V retirou-se da sua comunhão e com o apoio de alguns romanos impôs na Sede Apostólica o tal chamado Burdino, vindo da Hispânia. Desta forma, o cisma que se julgava morto, cruelmente renasceu. Desde que a Cátedra romana ficou livremente nas mãos do Burdino, Gelásio, juntamente com os cardeais e os outros católicos que conseguiu reunir, foi para Cápua, onde condenou o imperador e o seu ídolo. Desde a Campânia, o papa com os seus homens dirigiu-se para a Borgonha, onde convocou um sínodo para Vienne. Alguns dias depois morreu e foi enterrado com honra em Cluny. Os cardeais e o clero romano substituíram-no pelo bispo de Vienne, Guido, a quem mudaram o nome para Calisto. O mesmo Papa Calisto convocou um concílio, aprovado e fortalecido pelo apoio de quatrocentos e vinte e seis padres, no qual confirmou as disposições sinodais dos seus antecessores. O imperador enviou ao papa os seus núncios para discutirem a investidura dos clérigos; chegado a este ponto, o imperador foi obrigado a renunciar [à investidura clerical, *scil.*]; convocou uma Dieta com os príncipes e alcançou uma trégua. Não muito tempo depois o papa chegou a Itália e foi recebido com grande glória pelos romanos. Enquanto isto, Burdino refugiou-se no castelo de Sutri; os romanos destruíram a fortificação, capturaram-no, insultaram-no e espancaram-no e com dificuldade foi salvo pelas mãos do mesmo papa que, como penitência, o enviou para o exílio. Depois das muitas lacerações da túnica de Cristo e depois de tantas guerras internas entre os cristãos, na verdade chegou a hora de ter compaixão de Sião; veio a clemência da Divina Misericórdia. O senhor papa enviou os legados à Alemanha, um facto verdadeiro e incrível. Por muito tempo lutou pela paz e pela harmonia, apoiado no conselho solícito, prudente e sagaz de todos os aristocratas mais importantes, até que ele [o imperador Henrique V, *scil.*], em cujas mãos está o coração dos reis, submeteu toda a sua animosidade à obediência da Reverência Apostólica pela causa da Igreja Mãe, mesmo contra a esperança da maioria.

31) *Alexander Minorita (Alexander von Bremen). Expositio in Apocalypsim.* Ed. Alois Wachtel (MGH, Quellen zur Geistesgeschichte des Mittelalters, I). Weimar: Herman Böhlhaus Nachfolger, 1955, p. 409 e 414.

Nota biográfica: L'autore è il francescano Alessandro *Minorita*, vissuto nel XIII secolo e morto verso l'anno 1271. Oggi non vengono più considerate valide le identificazioni di Alessandro con un omonimo canonico della cattedrale di Brema o con un monaco del monastero di Santa Maria di Stade sempre nella stessa diocesi.

Opera: L'opera è un commento all'Apocalisse di Giovanni, redatto secondo R. Lerner verso il 1235 con alcune interpolazioni successive fino al 1240, mentre S. Pätzold considera l'opera databile attorno al 1250. La *Expositio in Apocalypsim* di Alessandro *Minorita* è fortemente influenzata dall'omonima opera di Gioacchino da Fiore (†1202).

Edizioni/Traduzioni principali: *Alexander Minorita (Alexander von Bremen). Expositio in Apocalypsim.* Ed. Alois Wachtel (MGH, Quellen zur Geistesgeschichte des Mittelalters, I). Weimar: Herman Böhlhaus Nachfolger, 1955.

Bibliografia essenziale: SCHMOLINSKY, Sabine (1991) — *Der Apokalypsenkommentar des Alexander Minorita. Zur frühen Rezeptionsgeschichte Joachims von Fiore in Deutschland.* Hannover:

Monumenta Germaniae Historica Verlag. SCHMOLINSKY, Sabine (1996) — *Merkmale der Exegese bei Alexander Minorita*. In LERNER, Robert Earl, coord. — *Neue Richtungen in der hoch- und spätmittelalterlichen Bibelexegese*. Berlin; Boston: De Gruyter Oldenbourg, p. 139-148. LERNER, Robert Earl (1992) — *The medieval Return to the Thousand-Year Sabbath*. In EMMERSON, Richard K.; MCGINN, Bernard, coord. — *The Apocalypse in the Middle Ages*. Ithaca; London: Cornell University Press, p. 51-70. PÄTZOLD, Stephan (2006) — *Beten und Lernen: Männerkonvente der Diözesen Bremen und Verden als Orte der Bildungsvermittlung im Spätmittelalter; Eine Bestandsaufnahme*. In KRUPPA, Nathalie; WILKE Jürgen, coord. — *Kloster und Bildung im Mittelalter*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht. Si veda inoltre *Expositio in Apocalypsim*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <https://www.geschichtsquellen.de/repOpus_00101.html?pers_PND=PND119018497>. [Consultazione realizzata on-line il 04/10/2019].

Capitulum XX. *De resurrectione prima, et de mille annis, et de antichristo et Helia et Enoch, et de Gog et Magog, et de iudicio*. Et vidi alium angelum — quod fuit Calixtus papa, «angelus Domini exercituum» secundum auctoritatem Malachiae prophetae, qui dicit: «Labia sacerdotis custodiunt scientiam, et legem requirunt ex ore eius, quia angelus Domini exercituum est»²⁵⁵ — descendentem de caelo, id est de Ecclesia, habentem clavem abyssi. Sicut enim ex auctoritate beati Petri habebat «clavem regni caelorum»²⁵⁶, ita habebat etiam a Domino clavem abyssi, id est potestatem claudendi «portas inferi, ut non praevalerent adversus Ecclesiam», et catenam magnam in manu sua. Catena fuit inevitabilis potestas ligandi, quam habebat a Domino, ut quidquid solveret super terram, solutum esset in caelis, et quidquid ligaret per catenam istam in terra, ligatum esset in caelis. [C. add.: Unum enim et idem supponit: «Tibi dabo claves regni caelorum»²⁵⁷, et: «Esto dominus fratrum tuorum»]²⁵⁸. Et apprehendit draconem, ide est Henricum imperatorem quartum²⁵⁹, regis autem nomine quintum. [C. ad.: Anno siquidem MCXVIII, papa Paschali defuncto, cuius supra mentionem fecimus, successit ei Gelasius, quem Henricus imperator huius nominis quintus ab Urbe expulit et pro ei Burdinum, qui et Gregorius, in sedem apostolicam collocavit. Factumque est iterum scisma in Ecclesia Dei. Gelasius fuga elapsus in regnum Francorum usque ad diem mortis suae permansit. Quo defuncto, Calixtus, de quo iam diximus, substituitur, a quo imperator cum suo papa Burdino excommunicationis sententia innodatur. Bene Henricus iste draco et serpens dicitur, quia, cum Romana ecclesia ipsum paterne in sinu suo tamquam serpentem fovierit, ipse contra eam virus malitiae per multas insidias exhalavit, patre siquidem eius Henrico, propter suas enormes, quas supradiximus, insolentias excommunicato et digne detruso, ut etiam post mortem staret quinque annis in deserta capellula inhumatus.

²⁵⁵ Malachia 2:7 «Infatti le labbra del sacerdote devono custodire la scienza e dalla sua bocca si ricerca insegnamento, perché egli è messaggero del Signore degli eserciti». Disponibile in <<http://www.bibbia.net/>>. [Consultazione realizzata on-line il 29/01/2020].

²⁵⁶ Matteo 16:19 «A te darò le chiavi del regno dei cieli: tutto ciò che legherai sulla terra sarà legato nei cieli, e tutto ciò che scioglierai sulla terra sarà sciolto nei cieli». Disponibile in <<http://www.bibbia.net/>>. [Consultazione realizzata on-line il 29/01/2020].

²⁵⁷ Si veda la nota precedente.

²⁵⁸ Genesi 27:29 «Popoli ti servono e genti si prostrino davanti a te. Sii il signore dei tuoi fratelli e si prostrino davanti a te i figli di tua madre. Chi ti maledice sia maledetto e chi ti benedice sia benedetto!». Disponibile in <<http://www.bibbia.net/>>. [Consultazione realizzata on-line il 29/01/2020].

²⁵⁹ Enrico è paragonato a un Drago così come il faraone (*rex Aegypti*) dell'antico testamento a un coccodrillo, citando Ezechiele 29:3 «Parla dunque dicendo: Così dice il Signore Dio: Eccomi contro di te, faraone, re d'Egitto; grande coccodrillo, sdraiato in mezzo al Nilo, hai detto: "Il Nilo è mio, è mia creatura"». Disponibile in <<http://www.bibbia.net/>>. [Consultazione realizzata on-line il 29/01/2020]. Si veda inoltre *Expositio in Apocalypsim*: 411.

[...] [C. *add.*: Idem Henricus caesar anno Domini MCXVII in Italiam transiens cum uxore sua, filia regis Angliae, Mectilda nomine²⁶⁰, legatos ad Paschalem papam misit et absolutionem super excommunicationis sententia postulavit. Papa causam ad sancti concilii distulit audientiam, tempore medio sententiae vinculo relaxato. Sed sequenti anno Paschalis papa decessit undecimo Kalendas Februarii et draco iamdictus, scilicet imperator Henricus, caudam dolositatis suae statim protendens, Gelasium Paschali canonicè succedentem, ut supra retulimus, ab Urbe expulit et ei Burdinum substituit, quem et Gregorium appellavit. Sed quarto post anno defuncto Gelasio, iste Calixtus papa factus Burdinum cepit et monasterio, cui Cavea nomen est, intrusit. Excandescit super his deaco iamdictus, graviter iam dolens, quod Calixtus in sedem Romanam a Romanis omnibus honorifice sit susceptus. Haec et alia, quae agebat secundum praesentem historiam, erant contra Spiritum sanctum et canonicam institutionem. Anno Domini MCXXII discordia sedata est a Calixto papa et cum privilegio ipsius signata. Et etiam ipse imperator fatetur, dicens inter cetera: «Ego Henricus imperator, Deo et sanctis eius apostolis Petro et Paulo et domino papae Calixto sanctaeque Romanae ecclesiae dimitto omnem investituram per anulum et baculum, et concedo in omnibus ecclesiis fieri electionem et liberam consecrationem [C. *add.*: Tali modo hoc tempore imperator Henricus est in communionem Ecclesiae receptus et ab excommunicationis vinculo absolutus]»²⁶¹. Ut non seducat amplius gentes secundum pristinum modum, donec consummetur mille anni.

Traduzione italiana:

Capitolo XX. *Della prima resurrezione e dei mille anni, dell'Anticristo ed Elia ed Enoch, di Gog e Magog e del Giudizio.* E vidi un altro angelo scendere dal cielo, che fu Papa Callisto, l'angelo dell'esercito del Signore che dice secondo l'autorità del profeta Malachia: «*Le labbra del sacerdote custodiscono la scienza e la legge ricercano dalla sua bocca, perché è l'angelo dell'esercito di Dio*», ossia dalla Chiesa, avendo la chiave dell'abisso. Così come aveva dall'autorità di San Pietro «*la chiave del regno dei cieli*», così aveva da Dio anche la chiave dell'inferno, ossia il potere di chiudere «*la porta degli inferi*», affinché «*non prevalgano contro la Chiesa*», e la grande catena nella sua mano. La catena che aveva ricevuto dal Signore fu l'inevitabile potere di legare; chiunque sarà slegato sulla terra, sarà slegato in Cielo; chiunque sarà legato sulla terra con quella catena, sarà legato in Cielo [C. *add.*: infatti, uno e lo stesso aggiunge: «*Ti do le chiavi del regno dei cieli*», e: «*Sarai tu il signore dei tuoi fratelli*»]. E il menzionato imperatore Enrico, come re Enrico V, catturò il dragone [C. *add.*]. Nell'anno 1118 morì il suddetto Papa Pasquale; gli successe Gelasio il quale fu espulso dall'Urbe dall'imperatore Enrico. Quest'ultimo poi collocò nella Sede Apostolica al posto di Gelasio, Burdino, chiamato Gregorio. E così ci fu di nuovo lo scisma nella Chiesa di Dio. Gelasio fuggì nel regno dei Franchi, nel quale rimase fino alla sua morte. Una volta defunto, fu sostituito da Callisto, del quale abbiamo già parlato, il quale promulgò una sentenza di scomunica contro l'imperatore e Burdino. Enrico era un vero dragone e serpente che, come abbiamo detto, la Chiesa romana aveva allevato paternamente in seno; egli instillava il veleno della malizia attraverso molti tranelli contro la Chiesa come suo padre Enrico, del quale abbiamo parlato in precedenza. A causa della

²⁶⁰ Matilde d'Inghilterra, consorte di Enrico V. Si veda la nota n.° 25 in questa sezione.

²⁶¹ Il passo riprende il Concordato di Worms «Ego Henricus Dei gratia Romanorum imperator augustus pro amore Dei est sanctę Romanę ecclesię et domini papę Calixti et pro remedio animę meę dimitto Deo et sanctis Dei apostolis Petro et Paulo sanctę que catholicę ecclesię omnem investituram per anulum et baculum, et concedo in omnibus ecclesiis, que in regno vel imperio meo sunt, canonicam fieri electionem et liberam consecrationem». Rinvio a *Pax Wormatiensis cum Calixto II*: 159.

sua enorme arroganza fu espulso e debitamente scomunicato, rimanendo sepolto in una cappella abbandonata e deserta ancora cinque anni dopo la sua morte.

[...] Lo stesso cesare Enrico nell'anno del Signore 1117 scese in Italia con sua moglie Matilde, la figlia del re d'Inghilterra; inviò i legati presso Papa Pasquale e chiese l'assoluzione dalla sentenza di scomunica. Il papa comunicò la richiesta al Santo Concilio e nel frattempo fu assolto dalla sentenza di scomunica. L'anno successivo, però, Papa Pasquale morì il 20 gennaio e il già menzionato dragone, ossia l'imperatore Enrico V, agitò subito la coda della sua furbizia. Espulse dall'Urbe Gelasio il successore di Pasquale, come avevamo già detto sopra, e lo sostituì con Burdino, chiamato Gregorio. Il quarto anno dopo la morte di Gelasio, però, Papa Callisto catturò Burdino e lo rinchiuse nel monastero di Cava. Inoltre, il fatto che Callisto fosse stato accolto nella Sede Romana e dai romani con grandi onori, bruciò a quel dragone, già gravemente malato. Secondo la presente storia, queste ed altre azioni che Enrico V fece erano contro lo Spirito Santo e l'Istituzione Canonica. Anno del Signore 1122. Il conflitto fu placato da Papa Callisto con il privilegio da lui firmato e bollato. Anche l'imperatore lo riconobbe dicendo tra l'altro: *«Io Enrico imperatore, a Dio e ai suoi Santi Apostoli Pietro e Paolo e al signor Papa Callisto e alla Santa Romana Chiesa rimetto ogni investitura fatta con l'anello e lo scettro e concedo che in tutte le Chiese sia fatta l'elezione e la consacrazione libera dei candidati»* [C. add.: in quel modo e tempo l'imperatore fu accolto nella comunione cristiana e sciolto dal vincolo della scomunica]. Perché non seduca le più ampie genti secondo l'antico modo, fino a quando non saranno passati mille anni.

Tradução portuguesa:

Capítulo XX. Da primeira Ressurreição, e dos mil anos, e do Anticristo, e de Elias e Enoque, e de Gog e Magog, e do Juízo. E vi outro anjo — que foi o Papa Calisto —, o anjo do exército do Senhor que, segundo a autoridade do profeta Malaquias, diz: *«os lábios do sacerdote guardam a ciência, e a lei procuram da sua boca, porque é o anjo do exército de Deus»*, descendo do Céu, ou seja, da Igreja, tendo a chave do abismo. Assim como tinha pela autoridade de São Pedro a *«chave do reino dos Céus»*, assim tinha também de Deus a chave do Inferno, ou seja, o poder de fechar a porta dos Infernos, *«para que não prevaleçam contra a Igreja»*, e a grande cadeia na sua mão. A cadeia, que tinha recebido do Senhor, era o inevitável poder de ligar; qualquer pessoa desligada na terra, será desligada no Céu, qualquer pessoa ligada na terra com aquela cadeia, será ligada no Céu [C. add.: de facto, um e o mesmo acrescenta: *«eu dou-te as chaves do reino dos céus»*, e: *«serás tu o Senhor dos teus irmãos»*]. E o referido imperador Henrique, como rei Henrique V, capturou o dragão [C. add.]. No ano de 1118 morreu o já mencionado Papa Pascoal; sucedeu-lhe Gelásio que foi expulso da *Urbs* pelo imperador Henrique V. Este colocou depois na Sede Apostólica, em lugar de Gelásio, Burdino, chamado Gregório. E assim estabeleceu-se de novo o cisma na Igreja de Deus. Gelásio fugiu para o reino dos francos, onde ficou até à sua morte. Uma vez falecido, foi substituído por Calisto, de quem já falámos, que promulgou uma sentença de excomunhão contra o imperador e contra o Burdino. Henrique, verdadeiro dragão e serpente, que, como dissemos, fora criado paternalmente pela Igreja romana no seu seio, instilava o veneno da malícia através de muitas armadilhas contra a própria Igreja, tal como seu pai Henrique, de quem já falámos anteriormente. Pela sua enorme arrogância foi expulso e devidamente excomungado, permanecendo enterrado numa capela abandonada e deserta durante cinco anos após a sua morte.

[...] O mesmo César Henrique no ano do Senhor de 1117 deslocou-se a Itália com sua mulher Matilde, a filha do rei de Inglaterra, e enviou legados ao Papa Pascoal pedindo a absolvição da sentença de excomunhão. O papa comunicou o pedido ao Santo Concílio e, entretanto, foi levantada a sentença de excomunhão. No ano seguinte, contudo, o Papa Pascoal morreu no dia 20 de Janeiro e o já mencionado dragão, o imperador Henrique V, agitou imediatamente a cauda da sua astúcia e expulsou de Roma Gelásio, sucessor de Pascoal — como já tínhamos referido anteriormente —, e substituiu-o por Burdino, chamado Gregório. Mas no quarto ano após a morte de Gelásio, o Papa Calisto capturou Burdino e encerrou-o no mosteiro de Cava. Para além disto, o facto de Calisto ter sido acolhido na Sede romana e pelos romanos com grandes honras, queimou aquele dragão já gravemente doente. Segundo a presente história, estas e outras ações que Henrique V desenvolveu eram contra o Espírito Santo e a instituição canónica. Ano do Senhor de 1122. O conflito foi aplacado pelo Papa Calisto através do privilégio assinado e selado por ele. Também o imperador o reconheceu dizendo, entre as outras coisas: «*Eu Henrique, imperador, a Deus e aos Santos Pedro e Paulo e ao senhor Papa Calisto e à Santa Igreja Romana restituo todas as investiduras feitas pelo anel e pelo ceptro, e determino que em todas as Igrejas seja feita a eleição e a consagração livre dos candidatos* [C. add: nestes termos e naquele tempo, o imperador foi acolhido na comunhão cristã e absolvido do vínculo da excomunhão]». Para que [Satanás, *scil.*] não seduza a multidão das gentes segundo o antigo costume, até que tenham passado mil anos.

32) *Annales Stadenses*. Ed. Johann Martin Lappenberg (MGH, *Scriptores*, XVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1859, p. 322.

Nota biografica: L'autore dell'opera è il monaco Alberto (†1258-1261), il quale lasciò il monastero di Harsfeld, in opposizione alla riforma cistercense del cenobio, per raggiungere la comunità francescana di Stade (nord della Germania, vicino Brema), presso la quale rimase fino alla sua morte.

Opera: L'opera scritta a cavallo tra gli anni quaranta e cinquanta del XIII secolo è una storia universale dalla nascita di Gesù Cristo fino all'anno 1256. Il titolo originale doveva essere *Chronica*, mentre *Annales Stadenses* è un nome dato successivamente al testo dagli autori moderni e contemporanei. Gli *Annales Stadenses* riportano interessanti informazioni sulla storia dell'Europa settentrionale e dell'area del Mar Baltico, così come la descrizione dei viaggi e degli itinerari tra Stade, Roma e la Terrasanta. L'opera di Alberto di Stade fu portata avanti per gli anni 1264-1324; questa *continuatio* è conosciuta come *Annales Lubicensis* («Annali di Lubecca»).

Edizioni/Traduzioni principali: *Chronicon Alberti abbatis Stadensis a condito orbe vsque ad auctoris aetatem*. Ed. Heinrich Rantzau; Reiner Reineck. Helmstedt: Jaconus Lucius, 1587. *Alberti abbatis stadensis. Chronicon a condito orbe usque ad A. C. MCCLVI*. In SCHILTER, Johann, coord. — *Scriptores rerum Germanicarum a Carolo M. usque ad Fridericum III*. Argentorati, Strasbourg: Dulssecker, 1702, p. 123-335. *Analecta medii aevi ad illustranda iura et res germanicas*. Ed. Franz Dominicus Häberlin. Nürnberg-Leipzig: Impensis Caroli Felseckeri, 1764, p. 611-706. *Chronicum Danicum, ab anno 1214 usque ad 1252*. In LANGEBEK, Jacobus, coord. — *Scriptores rerum danicarum medii aevi*. Vol. V. Copenaghen: Nicolaus Möller, 1783, p. 497-499. *Annales Stadenses*. Ed. Johann Martin Lappenberg (MGH, *Scriptores*, XVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1859, p. 283-378.

Bibliografia essenziale: FIEHN, Karl (1931) — *Zum Troilus Alberts von Stade*. In STACH, Walter; STRECKER, Karl; WALTHER, Hans, coord. — *Studien zur lateinischen Dichtung des Mittelalters. Ehrengabe für Karl*

Strecker. Dresden: Verlag und Druck, p. 45-59. FIEHN, Karl (1931) — *Albertus Stadensis*. «Historische Vierteljahrschrift», vol. 26, p. 536-572. HUCKE, Richard G. (1956) — *Die Grafen von Stade 900-1144. Genealogie, politische Stellung, Comitatus und Allodialbesitz der sächsischen Udonen*. Stade: Stader Geschichts- und Heimatverein. WESCHE, Markus (1988) — *Studien zu Albert von Stade*. Bern: Peter Lang Verlag. GÜNTHER, Kai Henrik (2010) — *Albert of Stade*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_00067. [Consultazione realizzata on-line il 20/02/2018]. *Albertus Stadensis. Annales Stadenses*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_00085.html. [Consultazione realizzata on-line il 20/02/2018].

A. D. 1118. Paschalis papa decessit 11. Kal. Februarii — qui et Gregorius substituit, factumque es denuo schisma in ecclesia Dei. Gelasius fuga elapsus, factumque mansit ad diem mortis sue. Quo defuncto Calistus subrogatur — cesar ab Italia revertitur.

A. D. 1121. Burdinus, qui et Gregorius — in sedem Romanam excipitur ab omnibus honorifice.

Traduzione italiana:

Anno del Signore 1118. Papa Pasquale morì il 20 gennaio. Fu sostituito da Gregorio e così nacque lo scisma all'interno della Chiesa. Costretto alla fuga, Gelasio rimase in esilio fino all'ultimo giorno della sua vita. Morto quest'ultimo fu eletto Callisto. L'imperatore fece ritorno in Italia.

Anno del Signore 1121. Burdino, ossia Gregorio, fu accolto nella Sede romana con tutti gli onori.

Tradução portuguesa:

Ano do Senhor de 1118. O Papa Pascoal morreu no dia 20 de Janeiro. Foi substituído por Gregório e assim nasceu o cisma no interior da Igreja. Obrigado a fugir, Gelásio ficou no exílio até ao último dia da sua vida. Uma vez falecido, foi eleito Calisto. O imperador regressou a Itália.

Ano do Senhor de 1121. Burdino, ou seja, Gregório, foi acolhido com todas as honras na Sede romana.

33) *Sächsische Weltchronik*. Ed. Ludwig Weiland (MGH, *Deutsche Chroniken*, II). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1877, p. 192 e 203.

Nota biografica: Per molto tempo la storiografia ha attribuito la *Sächsische Weltchronik* (*La cronaca sassone universale*) a Eike von Repgow — nato attorno al 1180-1190 e morto nel 1233 circa — autore del *Saschenspiegel* («Lo specchio dei sassoni»), anche se oggi questa identificazione è criticata dagli studiosi.

Opera: Il nome dell'opera fu scelto dall'editore L. Weiland, poiché nei manoscritti l'opera è intitolata come *kronik/cronaca* o *römische kronik/cronaca romana*. Si tratta di una storia universale dalle origini del mondo fino all'anno 1260 scritta in tedesco medievale della quale esistono tre versioni. La prima (Recensione A) fu scritta probabilmente intorno al 1230 da un chierico della chiesa di Magdeburgo. Questa versione già circolava a Brema nel 1235 e fu utilizzata da Alessandro «Mynorita» per i suoi commenti all'Apocalisse. Questa prima versione circolante nel nord della Germania fu ampliata ed estesa (Recensione B) e fu utilizzata in numerosi manoscritti illustrati provenienti dalla zona di Amburgo. Infine, intorno al 1260 un cronista anonimo riprese completamente il materiale della

Sächsische Weltchronik dando vita alla terza versione (Recensione C). Nel passaggio specifico si possono notare i molti punti di contatto con l'opera di Eccheardo d'Aura e gli *Annales Palidenses*.

Edizioni/Traduzioni principali: *Chronicon Luneburgicum*. In LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm, *coord.* — *Scriptores Rerum Brunsvicensium Illustrationi Inservientes* Foersteri. Vol. III. Hannover: Sumptibus Nicolai Foersteri, 1711, p. 172-199. *Chronicon Luneburgicum vernacula lingua conscriptum atque ad Wilhelmum regem Germaniae extensum*. In ECKHART, Johann Georg, *coord.* — *Corpus Historicum Medii Aevi*. Vol. I. Leipzig: Apud Jo. Frid. Gleditschii, 1723: cols. 1315-1412. *Sächsische Weltchronik. Das Zeitbuch des Eike von Reggow*. Ed. Hans F. Massmann. Stuttgart: Letterar. Verein, 1857. *Sächsische Weltchronik*. Ed. Ludwig Weiland (MGH, Deutsche Chroniken, II) Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1877, p. 1-279.

Bibliografia essenziale: HOFMEISTER, Adolf (1913) — *Zu der Zwickauer Handschrift der Sächsischen Weltchronik*. «Neues Archiv der Gesellschaft für ältere deutsche Geschichtskunde», vol. 38, p. 566-568. HERKOMMER, Hubert (1972) — *Überlieferungsgeschichte der "Sächsischen Weltchronik"*. Ein Beitrag zur deutschen Geschichtschreibung des Mittelalters. München: Beck. MENZEL, Michael — *Die Sächsische Weltchronik. Quellen und Stoffauswahl*. Stuttgart: J. Thorbecke 1985. HERKOMMER, Hubert (1991) — *Art. Sächsische Weltchronik*. In STAMMLER, Wolfgang; LANGOSCH, Karl; RUH, Kurt, *coord.* — *Die deutsche Literatur des Mittelalters. Verfasserlexikon*. Vol. VIII. Berlin; New York: De Gruyter, p. 473-500. WOLF, Jürgen (1997) — *Die Sächsische Weltchronik im Spiegel ihrer Handschriften. Überlieferung, Textentwicklung, Rezeption*. München: Wilhelm Fink Verlag. *Eike von Reggow, Sächsische Weltchronik*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_02217.html>. [Consultazione realizzata on-line il 14/12/2017]. SHAW, Frank; WOLF, Jürgen (2010) — *Sächsische Weltchronik*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, *coord.* — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_02245>. [Consultazione realizzata on-line il 14/12/2017]. JONES, Howard; JONES, Martin H., *coord.* (2009) — *The Oxford Guide to Middle High German*. Oxford: University Press, p. 553-562. Si veda con molta attenzione BRIE, Siegfried (1877) — *Eike von Reggow*. In *Allgemeine Deutsche Biographie*. Disponibile in <<https://www.deutsche-biographie.de/pnd118529501.html#adbcontent>>. [Consultazione realizzata on-line il 03/10/2019].

Recensio C:

(1118) 223. [...] Do vor de keiser Heinric to Langbarden unde ward dar untfragen mit groten eren. (1118) In den selven tiden en bischop van Hispania, geheten Mauricius, to tonamen Burdinus, de ward gewroget van nigromancien unde vorwunnen; iedoch so ward eme gnade gedan. Do starf de paves Paschalis. Na ime ward Johannes de cancelere des hoves, en wis man; de hadde vile gearbeitet mit dem pave an deme rade, und ward geheten Gelasius; he ward gekoren oc mit des keisers willen. De selve paves Gelasius ne wolde deme keiser nicht horsamen. De keiser vor do to Rome unde satte dar enen anderen paves Mauricium Burdinum, van Hispania den bischop; he ward Gregorius geheten. Darto hulpen ime en el der Romere, den de keiser gaf sine gave. He was getonament Burdinus van den groten eselen, de an Hispania sin, de men het burdune. Also ward de grote missehellinge, de an deme rike gewesen hadde, aver irhaven. Wante do he gestedget was an eme stole, de paves Gelasius vor van Rome mit den cardenalem unde vor in Capuam, dar dede he den keiserto banne. Do ward en concilium to Colne, dar ward de keiser to banne kundeget van deme cardenale Konen, de des paveses legat was, unde sin paves Gregorius. De paves Gregorius was to Rome unde ben darwider.

[...] (1119) 224. Do makede de paves Gelasius en concilium to Vienna, unde na unmanegeme dage darna starf he an denne clostere to Cluniac; aldar ward he begraven. Aldar ward oe gekoren Milo to paves, de ward geheten Calixtus unde was paves 6 jar, en werd man, des autlat an siner herschap ne sach neman gewandelet. [...]. Do de keiser dannen vor, de Romere berov, dat se koren hadden Burdinum, unde loden to Rome Calixtum unde viengen Burdinum, de was untvlon wante to Suders. Diesen selven satten se uppe enen esel naket unde rokkelingen; dit der is versmahet. De kindere, also se dovendich weren, worpen ene mit deme hore unde deden ime grot ungemac; se reen: «Seht, dit is de paves». It is ene abbedie, diu het Cavea, du is an enem gebirge, dar diu sunne nimmer tokomen ne mach, en vil enge jegenode, dannen neman utkomen ne mach, men ne lafene darut; dat het des paveses cercer. In de selven hole ward gesant Burdinus; dar was he inne wante an de tit Lotharii; den let ene sehn paves Innocencius, do he herevard vor in Siciliam.

Recensio A. B.:

247. [...] Do vor keiser Heinrich to Langbarden, dar wart he entfagen mit groten eren. An den silven tiden starf de paves Pascalis. Na eme wart Gelasius paves mit des keiser Heinriches willen. De silve pave Gelasius ne wolde deme keisere nicht gehorsam wesen. De keiser vor do to Rome unde satte dar enen anderen paves, enen biscop van Hyspania, de wart Gregorius gheten. De paves Gelasius vor do van Rome mit den cardenalen unde dede den keiser to banne. Do wart en concilium to Colne, dar wart de keiser to banne gecundehet unde sin paves Gregorius. De Gregorius was to Rome unde ben darweder.

248. De paves Gelasius starf to Cloniach. In deme silven clostere wart en ander gekoren, de wart Kalixtus gheheten. De keiser vor do van Rome, de Romere vengen sinen paves unde satten ene naket up enen esel unde toghen ene schentliken, dor der stat; de kindere worpen ene alle mit deme hore. Her wart vorsant in Caveam, dat is des paveses kerkenere.

Traduzione italiana:

Recensio C.:

(1118) 223. [...] L'imperatore Enrico viaggiò fino in Lombardia con i suoi uomini e fu ricevuto con grandi onori (1118). In quello stesso periodo un vescovo dell'*Hispania* di nome Maurizio, di cognome Burdino, fu accusato di negromanzia; ciononostante gli fu concessa la grazia. Morì Papa Pasquale. Dopo di lui fu eletto papa il cancelliere della Curia Giovanni di Gaeta, un uomo saggio che aveva lavorato molto a fianco dei papi, che fu chiamato Gelasio. Gelasio fu eletto senza consultare la volontà dell'imperatore e lo stesso papa non volle obbedirgli. L'imperatore si diresse a Roma e fece eleggere un altro papa, Maurizio Burdino, vescovo dell'*Hispania*, il quale fu chiamato Gregorio. Tutto questo accadde con l'appoggio dei romani, dato che l'imperatore aveva fatto le sue offerte nell'Urbe. Egli, Maurizio, aveva il soprannome di Burdino, che vuol dire asino, per via dell'abbondanza di questo animale nell'*Hispania*. In questo modo nacque una grande crisi nell'Impero che confuse molte persone. A quel punto, Gelasio fu obbligato a scappare da Roma, espulso dall'imperatore, insieme ai cardinali. Fu convocato un concilio a Colonia, nel quale l'imperatore fu bandito dal cardinale Cuno, legato papale, che scomunicò Enrico V con il suo papa Gregorio. Ciononostante, Gregorio riuscì a rimanere a Roma.

224. Dopo aver convocato un concilio a Vienne e dopo vari giorni di silenzio, Gelasio morì nel monastero di Cluny, nel quale fu sepolto. In seguito fu eletto papa Milo [Guido, *scil.*] che fu chiamato Callisto e fu pontefice per sei anni. Un uomo saggio, riconosciuto e sul cui lignaggio reale nessuno aveva dubbi [...]. Quando l'imperatore si allontanò, gli abitanti di Roma capirono che potevano abbandonare la sua creatura Burdino. I romani accolsero con grandi elogi Callisto e catturarono Burdino che si era rinchiuso a Sutri. Lo fecero salire nudo su di un asino, senza vergognarsi, e i bambini gridavano deridendolo: «*guarda, qui c'è il papa!*». Burdino fu chiuso in una abbazia chiamata Cava, un luogo inaccessibile nelle montagne, molto stretto e dove il sole non entra, dal quale né si può fuggire, né invitare qualcuno o uscire senza autorizzazione; questo era il carcere del papa. In quel luogo Burdino rimase fino al tempo della spedizione di Lotario in Sicilia che poté vedere grazie al permesso di Papa Innocenzo.

Recensio A. B.:

247. Quando l'imperatore Enrico viaggiò in Lombardia fu ricevuto con grandi onori. Nello stesso momento morì Papa Pasquale II. Fu eletto papa Gelasio senza il consenso e la volontà dell'imperatore Enrico. Papa Gelasio non voleva obbedire all'imperatore. Per quella ragione Enrico si recò a Roma e fece eleggere un altro papa, un vescovo dell'*Hispania*, che fu chiamato Gregorio. Papa Gelasio scappò da Roma con i cardinali, bandito dall'imperatore. Fu organizzato un concilio a Colonia, nel quale furono scomunicati l'imperatore e il suo papa Gregorio. Quest'ultimo rimase a Roma, dove governava.

248. Papa Gelasio morì a Cluny. Nello stesso monastero fu eletto un altro pontefice, il quale fu chiamato Callisto. Quando l'imperatore si allontanò da Roma, i romani accolsero il loro papa e catturarono Burdino; lo fecero salire nudo su di un asino e lo fecero sfilare per la città con i bambini che lo insultavano. Fu rinchiuso a Cava, ossia la prigione del papa.

Tradução portuguesa²⁶²:

Recensio C.:

(1118) 223. [...]. O imperador Henrique viajou até à Lombardia com os seus homens, onde foi recebido com grandes honras (1118). Naquela mesma altura um bispo da Hispânia, de nome Maurício, de apelido Burdino, foi acusado de nigromância; contudo, foi-lhe concedida uma graça. Morreu o Papa Pascoal. Depois dele foi eleito papa o chanceler da sua Cúria, João de Gaeta, um homem sábio; trabalhou muito com os papas e foi chamado Gelásio. Foi eleito sem ser consultada a vontade do imperador. E o mesmo Papa Gelásio não quis obedecer ao imperador. O imperador dirigiu-se para Roma e fez eleger outro papa: Maurício Burdino, bispo da Hispânia, que foi chamado Gregório. Tudo isto aconteceu com o apoio dos romanos, uma vez que o imperador tinha feito as suas ofertas na *Urbs*. Ele, Maurício, tinha a alcunha de Burdino, que quer dizer burro, por causa da sua abundância na Hispânia. Assim foi a grande dissonância que aconteceu no império, que a tantos confundiu. Por causa disto o Papa Gelásio foi obrigado a escapar de Roma com os cardeais, banido pelo imperador, e refugiou-se em Cápua com os cardeais. Foi convocado um concílio para

²⁶² Ringrazio la Professoressa Helena Osswald (UP/FLUP/CITCEM; UCP/CEHR) per il suo fondamentale aiuto nella traduzione di questa fonte.

Colónia, e o imperador foi banido pelo cardeal Cuno, que era legado papal, que excomungou o imperador com o seu Papa Gregório. Contudo, o Papa Gregório permaneceu em Roma.

224. Após ter convocado um concílio para Vienne, e depois de vários dias de silêncio, Gelásio morreu no mosteiro de Cluny, onde foi enterrado. De seguida, foi eleito papa Milo [Guido, *scil.*] que foi chamado Calisto e que foi papa por seis anos, um homem sábio, reconhecido, e de cuja linhagem real ninguém duvidava [...]. Quando o imperador se afastou, os habitantes de Roma perceberam que podiam abandonar a sua criatura Burdino. Os romanos acolheram com grandes elogios Calisto e capturaram Burdino que se tinha fechado em Sutri. Montaram-no nu sobre um burro, sem se envergonharem, e as crianças gozaram com ele e gritaram: «*Olha, aqui está o papa!*». Burdino foi fechado numa abadia chamada Cava, lugar inacessível nas montanhas, muito estreito e onde o sol não entra, de onde nem é possível fugir, nem para onde se pode convidar alguém e sair sem autorização; esta era a prisão do papa. Neste lugar permaneceu Burdino até ao tempo da expedição de Lotário à Sicília, quando, graças a autorização do Papa Inocêncio, pôde visitar o imperador.

Recensio A. B.:

247. Quando o imperador Henrique viajou para a Lombardia foi recebido com grandes honras. No mesmo momento morreu o papa Pascoal II. Foi eleito o Papa Gelásio sem o consenso e a vontade do imperador Henrique. O Papa Gelásio não queria ser obediente ao imperador. Por esta razão Henrique foi a Roma onde fez eleger outro papa, um bispo da Hispânia que foi chamado Gregório. O Papa Gelásio saiu de Roma com os cardeais, banido pelo imperador. Foi organizado um concílio em Colónia, onde foram excomungados o imperador e o seu Papa Gregório. Este Gregório permaneceu em Roma onde governava.

248. O Papa Gelásio morreu em Cluny. No mesmo mosteiro foi eleito um outro, que foi chamado Calisto. Quando o imperador se afastou de Roma, os romanos acolheram o seu papa e capturaram o Burdino: montaram-no nu num burro, puxaram-no pelo lugar e as crianças insultaram-no. Foi encerrado em Cava, que é a prisão do papa.

34) *Chronicon breve fratris, ut videtur, ordinis theutonicorum*. Ed. Georg Waitz (MGH, *Scriptores*, XXIV). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1879, p. 152.

Nota biografica: L'opera è anonima anche se si pensa che l'autore della prima parte (nella quale viene menzionata la vicenda di «Burdino») possa essere un monaco dell'Ordine dei Cavalieri Teutonici per via della menzione di due privilegi imperiali concessi all'Ordine, documenti dei quali esiste traccia soltanto in questa cronaca. La seconda parte invece è una continuazione dell'opera, scritta secondo M. Fischer tra il 1245 e il 1268 da un chierico della Chiesa di Salisburgo, come dimostrerebbe l'attenzione per le vicende interne all'arcidiocesi e all'elezione dell'*anti-vescovo* Philip von Spanheim (†1279).

Opera: Composto tra il 1242 e il 1268, il *Chronicon breve fratris, ut videtur, ordinis theutonicorum* è una cronaca divisa in due parti ben distinte tra loro. La prima tratta con particolare attenzione la storia dei rapporti tra gli imperatori (a partire da Enrico II, †1024) e la Chiesa Romana, diventando sempre più dettagliata a partire dal regno di Federico I Hohenstaufen (†1190) e successivamente

con il nipote Federico II (†1250), del quale l'autore era molto probabilmente contemporaneo e sostenitore. La seconda parte dell'opera sembra decisamente più filo-papale; l'autore attribuisce ad esempio il fallimento della Crociata a Luigi IX re di Francia per aver appoggiato Federico II Hohenstaufen contro il papato²⁶³.

Edizioni/Traduzioni principali: *Chronicon breve fratris, ut videtur, ordinis theutonicorum*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, XXIV). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1879, p. 151-154. La continuazione di Salisburgo è edita da HOLDER-EGGER, Oswald (1885) — *Salzburger Fortsetzung der Chronik des Deutschordensbruders*. «Neues Archiv der Gesellschaft für ältere deutsche Geschichtskunde», vol. 10, p. 233-234.

Bibliografia essenziale: SOMMERLECHNER, Andrea (1999) — *Stupor mundi? Kaiser Friedrich II. und die mittelalterliche Geschichtsschreibung*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, p. 399-411. STÜRNER, Wolfgang (2003) — *Friedrich II. Der Kaiser 1220 bis 1250*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, p. 40-42 e 529. FISCHER, Mary (2010) — *Chronicon breve fratris, ut videtur, ordinis Theutonicorum*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_001410>. [Consultazione realizzata on-line il 15/10/2018].

Heinricus [IIII.] imperat annis 14. Cum 30 milibus militum, exceptis Ytalis, Romam properat, pontem Tremulum²⁶⁴, quia transitum prohibere voluit, destruxit; similiter Atitium, quia cives ecclesiam sancti Donati in civitatem transtulerant²⁶⁵. In gradibus sancti Petri a papa Paschali, clero et populo processionaliter recipitur. Sed consilio quorundam circumventus, papam et cardinales capit, irritas pactiones facere coegit et coronam a papa recepit. Postea tempore Calixti in manibus Lamberti, qui demum fuit papa Honorius, predictas pactiones resignavit. Multa magnifica fecit, Spire obiit, cum progenitoribus sepultus, videlicet tribus Heinricus, et ipse quartus²⁶⁶. Et habent hunc versum in epitaphio: «Filius hic, pater hic, avus hic, pravuus iacet istic». Gelasius [natione Gagethanus, cancellarius] sedit anno 1, diebus 3, apud Cluniacum obiit. Contra quem Bracarensem archiepiscopum cesar Heinricus erexit, qui Burdinus est appellatus. Calixtus Biturecensis, archiepiscopus Vienne, sedit annis 5, mensibus 10, diebus 13. Hic Burdinum apud Sutrium cepit et camelum retrorsus impositum, et cauda pro freno in manu data, et vervecina pelle pro manto, Romam duxit; et apud Cavam mortuus est.

Traduzione italiana:

Enrico [IIII.] fu imperatore per quattordici anni. Con trentamila soldati, più gli italiani, si affrettò a recarsi a Roma. Dato che gli abitanti di Pontremoli volevano impedirgli di passare, l'imperatore distrusse la città; fece lo stesso ad *Atitium* perché i cittadini avevano trasferito la chiesa di San Donato in città.

²⁶³ M. Fischer ha notato che in un passaggio dell'opera esiste un riferimento a Federico II citato in questi termini «qui nunc habeas imperii feliciter regit» (il quale, Federico II *scil.*, regnava felicemente sull'impero), il che farebbe supporre che l'autore fosse un sostenitore dell'imperatore e re di Sicilia. Si veda FISCHER, 2010.

²⁶⁴ Pontremoli è una località della Lunigiana, nell'attuale provincia di Massa-Carrara in Toscana. Si veda FERRARI, 1985: 184.

²⁶⁵ Dovrebbe trattarsi della distruzione di Arezzo operata da Enrico V nel 1111, cfr. PATURZO, 2002: 196-197.

²⁶⁶ In questo caso la fonte chiama Enrico IV l'imperatore Enrico V, in quanto il primo Enrico, chiamato «L'Uccellatore» (876-936), fu re di Germania, ma non fu incoronato imperatore. Per questa ragione Enrico V di Franconia sarebbe il quinto re di Germania con questo nome, ma soltanto il quarto imperatore di nome di Enrico. Si veda a questo proposito l'elenco degli imperatori di SCHNEIDEMÜLLER, 2007: 122.

Sui gradini di San Pietro fu ricevuto in processione da Papa Pasquale II e dai chierici. Successivamente, però, ingannato dal consiglio di alcuni, l'imperatore catturò il papa e i cardinali. Costrinse poi il pontefice a firmare dei patti illegittimi e si fece incoronare. Più tardi al tempo di Callisto, nelle mani di Lamberto, che successivamente divenne Papa Onorio [II, *scil.*], l'imperatore invalidò i suddetti patti. Fece molte cose memorabili, morì a Speyer e fu sepolto con i suoi progenitori, ossia i tre Enrico precedenti, essendo lui il quarto. Ebbero questo verso in epitaffio: «*il figlio, suo padre, suo nonno, qui giace il malvagio*». Gelasio [nativo di Gaeta, cancelliere] fu papa per un anno e tre giorni e morì a Cluny. Contro Gelasio il cesare Enrico oppose l'arcivescovo di Braga, chiamato Burdino. Callisto di Bourges, arcivescovo di Vienne, fu papa cinque anni, dieci mesi e tredici giorni. Catturò Burdino a Sutri e lo pose su di un cammello seduto al contrario — con la coda dell'animale tra le mani come se fosse una briglia — e coperto con una pelle ovina, lo condusse a Roma. [Burdino, *scil.*] morì a Cava.

Tradução portuguesa:

Henrique [VIII.] foi imperador durante catorze anos. Com trinta mil soldados, mais os italianos, apressou-se a chegar a Roma. Dado que os habitantes de Pontremoli queriam impedir a sua passagem, o imperador destruiu a cidade; fez o mesmo em *Atitium*, porque os cidadãos tinham transferido a igreja de São Donato para a cidade. Nos degraus de São Pedro foi recebido em procissão por Pascoal II e pelos clérigos. Mais tarde, no entanto, enganado pelos conselhos de alguns, o imperador capturou o papa e os cardeais, obrigou o pontífice a assinar pactos ilegítimos e fez-se coroar. Depois, já no tempo de Calisto, nas mãos de Lamberto, que mais tarde foi o Papa Honório [II, *scil.*], o imperador invalidou os já mencionados pactos. Fez muitas coisas memoráveis, morreu em Speyer e foi enterrado com os seus progenitores, ou seja, os três Henriques precedentes, sendo ele o quarto. Tiveram este verso como epitáfio: «*o filho, o pai deste, o avô deste, aqui jaz o malvado*». Gelásio [nativo de Gaeta, chanceler] foi papa durante um ano e três dias e morreu em Cluny. Contra Gelásio, o César Henrique opôs o arcebispo de Braga, chamado Burdino. Calisto de Bourges, arcebispo de Vienne, foi papa cinco anos, dez meses e treze dias. Capturou Burdino em Sutri e pô-lo sobre um camelo sentado ao contrário, com a cauda do animal entre as mãos como rédea, coberto com uma pele ovina, e conduziu-o para Roma. Morreu [Burdino, *scil.*] em Cava.

35) *Balduini Nivonensis. Chronicon*. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, *Scriptores*, XXV). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1880, p. 527.

Nota biografica: Canonico premostratense dell'abbazia di Ninove (Belgio). Della sua vita non abbiamo informazioni, anche se si può presumere che sia morto poco dopo il 1294, anno in cui si interrompe il *Chronicon*.

Opera: Scritto a partire dal 1254, il *Chronicon* è una storia universale da Gesù Cristo fino all'anno 1294. Dell'opera esiste anche una continuazione fino al 1304.

Edizioni/Traduzioni principali: *Chronicon F. Balduini Diaconi et Canonici Nivonensis Ord. Praem. Ab Christo nato ad annum 1293*. In HUGO, Charles Louis, coord. — *Sacrae antiquitatis monumenta historica, dogmatica, diplomatica*. Vol. II. Stivagii: Heller, 1731, cols. 59-190. *Chronicon Balduini Nivonensis ex autographo*. Ed. Jean Joseph de Smet. Bruxelles: Hayez, 1840. *Balduini Nivonensis. Chronicon*. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, *Scriptores*, XXV). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1880, p. 515-546.

Bibliografia essenziale: RICHARD, Charles-Louis; GIRAUD, Jean Joseph (1831) — *Biblioteca sacra ovvero Dizionario universale delle scienze ecclesiastiche*. Vol. III. Milano: Editore Ranieri Fanfani, p. 55. *Baudouin de Ninove, chroniqueur*. In LE CLERC, Victor, coord. — *Histoire littéraire de la France*. Vol. XX. Paris: Académie des inscriptions et Belles-Lettres, 1842, p. 210-227. BACKMUND, Norbert (1972) — *Die mittelalterlichen Geschichtsschreiber des Prämonstratenserordens*. Averbode: Praemonstratensia, p. 224-232. LAMBERT, Véronique (1993) — *Chronicles of Flanders 1200-1500. Chronicles written independently from "Flandria Generosa"*. Gent: Maatschappij voor Geschiedenis en Oudheidkunde te Gent, p. 19-33. *Balduinus Ninoviensis, Chronicon*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_00578.html>. [Consultazione realizzata on-line il 02/06/2018].

[...] Iohannes Gaitanus, Gelasius dictus, Romane ecclesie presidet anno uno. Cuius electioni quia imperator non consenserat, ei Burdinum superordinari fecit. Qui postea a Kalixto papa captus, ultime abiectionis confusionem pertulit, ut asello nudus impositus per plateas Rome trahentur, luto conspargeretur et cedetur.

Traduzione italiana:

[...] Giovanni da Gaeta, detto Gelasio, presiedette per un anno la Chiesa Romana. La sua elezione, però, non ebbe il consenso dell'imperatore e allora Enrico fece ordinare Burdino, che fu catturato da Papa Callisto. Burdino soffrì la vergogna dell'umiliazione massima; fu prima costretto ad arrendersi, poi messo nudo su di un asino e portato in giro per Roma coperto di fango.

Tradução portuguesa:

[...] João de Gaeta, chamado Gelásio, presidiu por um ano à Igreja Romana. A sua eleição, contudo, não teve o consenso do imperador, e então Henrique fez ordenar Burdino, que foi capturado pelo Papa Calisto. Ele sofreu a vergonha da humilhação máxima; obrigado a render-se, foi posto nu sobre um burro e levado para Roma coberto de lama.

36) *Chronica universalis mettensis*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, XXIV). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1879, p. 515.

Nota biografica: L'opera è stata tradizionalmente attribuita al frate domenicano Jean de Mailly vissuto nel XIII secolo e probabilmente originario di Mailly-le-Château nella diocesi di Auxerre.

Opera: Si tratta di una storia universale dalla nascita di Cristo fino al 1250, ampliata successivamente fino al 1274. Come ha ricordato G. C. Rustici, l'opera è particolarmente conosciuta in quanto vi appare la prima attestazione della leggenda della Papessa Giovanna.

Edizioni/Traduzioni principali: *Chronica universalis mettensis*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, XXIV). Hannover: Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1879, p. 502-526.

Bibliografia essenziale: WEILAND, Ludwig (1874) — *Die Chronik des Predigermonches Johannes von Mailly*. «Archiv der Gesellschaft für ältere deutsche Geschichtskunde», vol. 12, p. 469-473. WAITZ, Georg (1878) — *Ueber kleine Chroniken des dreizehnten Jahrhunderts*. «Neues Archiv der Gesellschaft für ältere deutsche Geschichtskunde», vol. 3, p. 67-76. MOLINIER, Auguste (1902) — *Chronica universalis*

Mettensis. In *Les Sources de l'histoire de France — Des origines aux guerres d'Italie (1494)*. Vol. II. Paris: Picard et fils, p. 145. DONDAINE, Antoine (1946) — *Le dominicain français Jean de Mailly et la Légende dorée*. «Archives d'histoire dominicaine», vol. 1, p. 53-102. CHAZAN, Mireille (1991) — *Écrire l'histoire au XIIIe siècle à Metz: la chronique de Jean de Mailly*. «Les cahiers lorrains», vol. 3, p. 205-238. RUSTICI, Craig M. (2006) — *The Afterlife of Pope Joan: Deploying the Popess Legend in Early Modern England*. Ann Arbor: University of Michigan Press, p. 9. RECH, Régis (2010) — *John of Mailly*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_01534>. [Consultazione realizzata on-line il 04/10/2019]. *Chronica universalis Mettensis*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <https://www.geschichtsquellen.de/repOpus_01124.html>. [Consultazione realizzata on-line il 04/10/2019].

Henricus igitur Romam veniens cum triginta milibus equitum electorum, exceptis Italis sibi iunctis, a papa Pascali cum tota urbe gloriose susceptus, ipsum papam consilio pessimorum cepit et Ulrico Aquileiensi²⁶⁷ custodiendum commisit, eo quod papa nolebat ei tenere quod promiserat, scilicet ut rex investituras episcoporum remitteret et papa regalia eorum ipsi resignaret²⁶⁸. Tunc Populus romanus regem ante gradus sancti Petri invadit, sed rex cum suis acerrime pugnans, victis Romanis ruptisque muris, papam captivum secum duxit, quem cum aliquandiu tenuisset, revocatus a civibus, rex optinet a papa quod voluit, et ita cum papa Romam intrans et cives cum papa muneribus sibi concilians, a papa consecratus imperium suscepit anno Domini 1111²⁶⁹. Post hec a Kalisto papa, qui Paschali et Gelasio successit, privilegium regis, immo pravilegium, revocatur, et ipse rex excommunicatur, iterumque scismate renovato, totum imperium perturbatur. Ipse autem Burdinum quendam Romane sedi violenter imposuit, sed egreso imperatore, populus Burdinum eiectum in custodia posuit. Tunc imperator videns regnum a se deficere, absolvi se fecit, et tandem, succedente sibi Lothario²⁷⁰, sine filiis obiit.

Traduzione italiana:

Enrico arrivò a Roma con trentamila cavalieri scelti, oltre agli italiani che si erano aggiunti a lui. Fu gloriosamente ricevuto da Papa Pasquale con tutta la città. L'imperatore seguì il consiglio dei peggiori tra i suoi uomini e pose sotto la custodia del Patriarca di Aquileia Ulrico lo stesso Papa Pasquale. Enrico

²⁶⁷ Si tratta del Patriarca di Aquileia Ulrico I di Eppenstein (†1121). Si veda la voce enciclopedica Treccani. Disponibile in <<http://www.treccani.it/enciclopedia/ulrico-i-patriarca-di-aquileia/>>. [Consultazione realizzata on-line il 17/04/2018].

²⁶⁸ Per *Regalia* o *Iura Regalia* (letteralmente «i diritti del re») si intendono un «insieme eterogeneo di prerogative pubbliche, molte di carattere fiscale, spettanti in linea di principio al re» (MIGLIO, 1998: 438). Questi diritti permettevano al re di monopolizzare l'amministrazione della giustizia in un determinato territorio o di permettere a soggetti terzi l'amministrazione del suo potere. Nel 1918 R. Huebner notò come l'uso tecnico del termine *regalia* è contenuta nel Concordato di Worms del 1122 tra Enrico V e Callisto II che pose fine alla Lotta per le Investiture. Si veda HUEBNER, 1918: 37. Gli *Iura Regalia* evocati dalla fonte e menzionati nel Concordato di Worms furono definiti successivamente nella Dieta di Roncaglia del 1158 voluta dall'imperatore Federico I Hohenstaufen, si veda MINNUCCI, 2007: 1-20.

²⁶⁹ Così come il *Chronicon breve fratris, ut videtur, ordinis theutonicorum* e i *Flores temporum auctore fratre ordinis Minorum*, la fonte fa riferimento all'episodio della cattura di Pasquale II da parte di Enrico V nel 1111. L'imperatore obbligò successivamente il papa a firmare l'accordo di Settefratte con il quale l'imperatore voleva chiudere la Lotta per le Investiture. L'accordo prevedeva il riconoscimento da parte del papato della legittimità e del diritto del re di Germania e imperatore di investire vescovi e abati, in cambio del riconoscimento da parte dell'imperatore del Patrimonio di San Pietro così come il papato lo rivendicava sin dall'epoca dell'imperatore Ottone I (†973). Si veda CANTARELLA, 1997; CANTARELLA, 2014c e RENZI, 2019c.

²⁷⁰ L'imperatore Lotario III (†1137). Si veda FUHRMANN, 1986: 116 e seguenti.

non voleva rispettare quello che aveva promesso al papa e cioè che il re rinunciassse alle investiture e il papa restituisse al re i *regalia* dei vescovi. Allora il popolo romano assalì il re davanti alla scalinata di San Pietro, ma Enrico V con i suoi uomini combattè in maniera acerrima. Sconfitti i romani e fatto breccia nelle mura, portò via con sè il papa prigioniero, affinché rimanesse con lui per un certo tempo e a una certa distanza da Roma. Richiamato dai cittadini, Enrico ottenne dal papa tutto quello che voleva e allora entrò con lui a Roma e si riappacificò con i romani grazie ad alcune donazioni; il papa accettò la consacrazione dell'imperatore nell'Anno del Signore 1111. Dopo questi fatti, quel privilegio reale fu revocato da Papa Callisto, successore di Pasquale e Gelasio, e il re fu scomunicato; per la seconda volta fu rinnovato lo scisma che perturbò tutto l'impero. Lo stesso Enrico aveva imposto sul soglio di Pietro in maniera violenta il tale Burdino, ma una volta che l'imperatore si allontanò da Roma, Burdino fu cacciato e il popolo romano lo incarcerò. A quel punto, quando il re capì che stava rischiando di perdere il regno, si fece assolvere e alla fine morì senza figli; gli successe Lotario.

Tradução portuguesa:

Henrique chegou a Roma com trinta mil cavaleiros selecionados, além dos italianos que se tinham juntado a ele. Foi gloriosamente recebido pelo Papa Pascoal com toda a cidade. O imperador seguiu o conselho dos piores entre os seus homens e pôs sob custódia do Patriarca de Aquileia, Ulrico, o mesmo Papa Pascoal. Henrique não queria respeitar o que tinha prometido ao papa, ou seja, que o rei renunciassse às investiduras e o papa restituísse ao rei os *regalia* dos bispos. Então o povo romano atacou o rei junto à escadaria de São Pedro, mas Henrique V com os seus homens lutou com grande empenho. Derrotados os romanos e ultrapassadas as muralhas da cidade, levou consigo prisioneiro o papa, para que ficasse com ele durante algum tempo e a uma certa distância de Roma. Chamado novamente pelos cidadãos, Henrique obteve do papa tudo o que queria e, então, entrou em Roma com o papa e fez a paz com os romanos graças a algumas doações; o papa aceitou a consagração do imperador no ano do Senhor de 1111. Depois destes acontecimentos, aquele privilégio real foi revogado pelo Papa Calisto, successor de Pascoal e de Gelásio e o rei foi excomungado; pela segunda vez o cisma renasceu e perturbou todo o império. O mesmo Henrique tinha imposto no trono de Pedro de forma violenta o tal Burdino, mas, uma vez afastado de Roma, Burdino foi expulso e o povo romano pô-lo na prisão. Naquele momento, quando o rei se apercebeu de que se arriscava a perder o reino, fez-se absolver e acabou por morrer sem filhos; sucedeu-lhe Lotário.

37) *Flores temporum auctore fratre ordinis Minorum*. Ed. Georg Waitz (MGH, *Scriptores*, XXIV). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1879, p. 246.

Nota biografica: L'autore è sconosciuto; si tratta probabilmente di un frate minore della Svevia, anche se in alcuni manoscritti si fa riferimento a un Ermanno o Martino *Minorita* come autore dell'opera.

Opera: I *Flores Temporum* sono un'opera redatta verso la fine del XIII secolo concepita come uno strumento per preparare omelie e sermoni. A differenza di altre opere coeve, i *Flores Temporum* contengono anche dei riferimenti alla storia pre-cristiana coprendo il periodo dall'origine del mondo fino all'anno 1292. Quest'opera nel XIV e nel XV secolo ebbe una grandissima diffusione e fu la base per molte altre cronache del sud della Germania.

Edizioni/Traduzioni principali: *Martini Minoritae Flores temporum ab Hermanno Janvensi*. In ECKHART, Johann Georg, coord. — *Corpus Historicvm Medii Aevi*. Vol. I. Leipzig: Apud Jo. Frid. Gleditschii, 1723, cols. 1551-1641. *Hermannii Gygantis ordinis fratrum minorum. Flores temporum seu Chronicum*. Ed. Johann Gerhard Meuschen. Leiden: Impensis Philippi Bonkii, 1743, p. 115. *Flores temporum auctore fratre ordinis Minorum*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, XXIV). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1879, p. 230-250.

Bibliografia essenziale: ITGENSHORST, Tanja (1999) — *Legenda Aurea und Flores Temporum. "Heiligengeschichtsschreibung" im 13. Jahrhundert*. In ENGELS, Peter, coord. — *Aus Überrest und Tradition. Festschrift für Anna-Dorothee von den Brincken*. Pegnitz: Europaforum, p. 93-127. MIERAU, Heike Johanna (1999) — *Continuationes: Die Fortsetzungen zu Papst-Kaiser-Chroniken des späten Mittelalters*. In WENTA, Jaroslaw, coord. — *Die Geschichtsschreibung in Mitteleuropa. Projekte und Forschungsprobleme*. Toruń: Wydawnictwo UMK, p. 167-201. MIERAU, Heike Johanna (2005) — *Geschichte als Ergänzungsform: Das Editions-konzept für die "Flores temporum"*. In THUMSER, Matthias; THUMSER, Antje; TANDECKI, Janusz, coord. — *Historiographie, Briefe und Korrespondenzen, editorische Methoden. Editions-wissenschaftliche Kolloquien 2003/2004*. Toruń: Publikacje Niemiecko-Polskiej Grupy Dyskusyjnej do Spraw Edycji Źródeł, p. 51-68. LOTITO, Mark A. (2019) — *The Reformation of Historical Thought*. Leiden; Boston: Brill, p. 57-59. KÜMPER, Hiram (2010) — *Flores temporum*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_01014>. [Consultazione realizzata on-line il 15/01/2018]. *Flores temporum*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_02243.html>. [Consultazione realizzata on-line il 15/01/2018].

Pascalis II. Anno Domini 1098, sedit annos 18, menses 5. Huic Heinricus III. Promisit litteris, se de investitura episcoporum de cetero nullatenus intromissurum; sed Romam veniens, cum iurare debuit, papam cum cardinalibus captivavit. Tandem reconciliati, benedictionem imperialem a papa recepit. Gelasius IIII. anno Domini 1116, sedit annum unum. Contra quem Heinricus imperator ordinari procuravit quendam nomine Burdinum, quem Kalitus papa, successor Gelasii, cepit et camelo impositum retrorsum Romam duxit, tenentem caudam cameli pro freno.

Traduzione italiana:

Dall'anno del Signore 1098, Papa Pasquale II sedette sul soglio di Pietro diciotto anni e cinque mesi. L'imperatore Enrico IV promise per iscritto di non intromettersi in nessun modo nelle investiture dei vescovi. Una volta arrivato a Roma, però, dato che doveva prestare giuramento, catturò il papa con i cardinali. Una volta riconciliatisi, egli ricevette dal papa la benedizione imperiale. Nell'anno del Signore 1116, Gelasio IV [*sic*] fu papa per un anno. Contro di lui l'imperatore Enrico elesse Burdino, il quale a sua volta fu catturato da Callisto, il successore di Gelasio, che lo portò a Roma mettendolo su di un cammello seduto al contrario e con la coda dell'animale tra le mani come se fosse una briglia.

Tradução portuguesa:

Pascoal II, papa desde o ano do Senhor de 1098, sentou-se no trono de Pedro dezoito anos e cinco meses. O imperador Henrique IV prometeu, por escrito, não se intrometer de nenhuma forma nas investiduras dos bispos, mas uma vez chegado a Roma, dado que tinha que prestar juramento,

capturou o papa com os cardeais. Uma vez reconciliados recebeu do papa a benção imperial. Gelásio IV [*sic*], no ano do Senhor de 1116, foi papa durante um ano. Contra ele, o imperador Henrique elegeu Burdino, que, por sua vez, foi capturado por Calisto, o sucessor de Gelásio, que o levou para Roma colocando-o sobre um camelo sentado ao contrário e com a cauda do animal entre as mãos como rédea.

38) *Cronica apostolicorum et imperatorum basileensia*. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, Scriptores, XXXI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1903, p. 291.

Nota biografica: L'opera è anonima.

Opera: Si tratta di una cronaca scritta probabilmente nel XIII secolo. Storia universale da Gesù Cristo fino all'anno 1215, l'opera ha tra le sue fonti principali la *Chronica pontificum et imperatorum Tiburtina* e gli scritti di Martino di Opava. Secondo l'editore della cronaca, O. Holder-Egger, il nome dell'opera deriverebbe sia dal fatto che il manoscritto della cronaca fu sempre conservato a Basilea, che per le dettagliate descrizioni delle deposizioni di vescovi locali. Una conoscenza molto precisa degli eventi dell'episcopato basileese, che potrebbe indicare il luogo di origine dell'opera.

Edizioni/Traduzioni principali: *Cronica apostolicorum et imperatorum basileensia*. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, Scriptores, XXXI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1903, p. 269-300.

Bibliografia essenziale: *Cronica apostolicorum et imperatorum basileensia*. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, Scriptores, XXXI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1903, p. 269-300. Per una bibliografia generale sull'opera rinvio a WEBER, Miriam (2010) — *Chronicon pontificum et imperatorum Basileense*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_00626>. [Consultazione realizzata on-line il 13/02/2018].

[...] Calixtus, natione Bisuntinus, Guillelmi comitis cognomine Teste-Audacis²⁷¹ filius, moribus et genere nobilissimus, prius archiepiscopus Viennensis et ecclesie Romane legatus, postmodum apostolice sedis pontifex divina subeveniente providentia factus, concordiam inter ecclesiam et imperium reformavit. Pacem in Urbe constituit. Ecclesiam beati Petri de manu laicali prorsus eripuit. Quam thesauro et decoris ornamentorum varietatibus honestavit. Civitates, Castella, portus, lacus et allia multa beati Petri patrimonia longis retro distracta temporibus recuperavit. Burdinum heresiarcham cepit; aquam ad Urbem conduxit; pauperum nutritor, pius viduarum et pupillorum defensor, vixit annis V, men. X, d. XIII.

Traduzione italiana:

[...]. Nativo di Besançon, figlio del conte di Borgogna Guglielmo *Tête-Hardie*, dai costumi e dal genere nobilissimo, primo arcivescovo di Vienne e legato della Chiesa romana, in seguito eletto pontefice della Sede Apostolica per intervento della Divina Provvidenza, Callisto ristabilì la concordia tra la Chiesa e l'Impero. Stabilì la pace nell'Urbe. Sottrasse la Chiesa di San Pietro dalle mani dei laici. Rispettò quel tesoro ricco nella varietà delle decorazioni. Recuperò per il Patrimonio di San Pietro città, castelli, porti, laghi e molti altri luoghi che per lungo tempo, nel passato, erano stati

²⁷¹ Si tratta di Guglielmo I «Tête-Hardie» conte di Borgogna (†1087). Si veda STROLL, 2004: 6.

dispersi. Catturò l'eresiarca Burdino; portò l'acqua nell'Urbe; fu protettore ed educatore dei poveri e pio difensore delle vedove e dei bambini. Visse cinque anni, dieci mesi e tredici giorni.

Tradução portuguesa:

[...]. Calisto, natural de Besançon, filho do conde de Borgonha Guilherme o *Imprudente*, de hábitos e de género muito nobre, primeiro arcebispo de Vienne e legado da Igreja Romana, foi mais tarde eleito pontífice da Sé Apostólica pela intervenção da Divina Providência, restabeleceu a concórdia entre a Igreja e o Império. Estabeleceu a paz na *Urbs*. Subtraiu a Igreja de São Pedro das mãos dos leigos. Respeitou aquele tesouro rico na variedade das decorações. Recuperou para o Património de São Pedro cidades, castelos, portos, lagos e muitos outros lugares que durante longo tempo, no passado, tinham sido dispersos. Capturou o heresiarca Burdino; levou a água para Roma; foi protector e educador dos pobres; devoto defensor das viúvas e das crianças, viveu cinco anos, dez meses e treze dias.

Regno d'Inghilterra e Impero Plantageneto (Galles, Normandia, Tours/Touraine)

1) *Eadmeri Historia Novorum in Anglia: et opuscula duo de vita Sancti Anselmi et quibusdam miraculis ejus*. Ed. Martin Rule. London: Longman & Co., 1884, p. 246-248 e 294.

Nota biografica: Edmero (1060-ca.1126) fu un monaco del monastero benedettino della cattedrale di Canterbury, noto per essere stato il principale biografo di Sant'Anselmo d'Aosta (l'opera è intitolata *Vita Anselmi*) abate del monastero francese di Bec e arcivescovo di Canterbury tra il 1093 e il 1109. Dopo la morte di Sant'Anselmo, Edmero collaborò anche con il nuovo arcivescovo di Canterbury, Rodolfo d'Escures (1114-1122). Nel 1120 Edmero fu nominato vescovo di Saint Andrews in Scozia, ma per via dell'opposizione all'autorità primaziale di Canterbury, Edmero non fu mai consacrato e fu costretto a tornare in Inghilterra dove spese i suoi ultimi anni di vita morendo intorno al 1126.

Opera: Tra gli scritti principali di Edmero di Canterbury c'è sicuramente l'*Historia novorum in Anglia*, un'opera incentrata sulla storia d'Inghilterra nel periodo tra il 1066 — anno della conquista normanna — e il 1122, con particolare interesse per il mondo ecclesiastico del regno inglese.

Edizioni/Traduzioni principali: *Eadmeri Historia Novorum in Anglia: et opuscula duo de vita Sancti Anselmi et quibusdam miraculis ejus*. Ed. Martin Rule. London: Longman & Co., 1884. L'edizione del Rule è stata ripubblicata recentemente dalla Cambridge University Press, *Eadmeri Historia novorum in Anglia, et opuscula duo de vita sancti Anselmi et quibusdam miraculis ejus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. Alcune parti dell'opera sono state pubblicate in *Ex Eadmeri historia novorum in Anglia*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, XIII, Supplementa tomorum I-XII, *Annales anglorum antiquis*, pars I). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1881, p. 147. L'opera è stata tradotta in iglese da BOSANQUET, Geoffrey (1964) — *Eadmer's History of Recent Events in England*. London: Cresset Press. Dell'opera esiste anche un'edizione con traduzione italiana, si veda *Eadmero. Historia Novorum in Anglia*. Ed. Antonio Tombolini. Milano: Jaca Book, 2009.

Bibliografia essenziale: *Latin Chroniclers from the Eleventh to the Thirteenth Centuries. Eadmer and Ordericus Vitalis.* In WARD, Adolphus William; WALLER, Alfred Rayney; TRENT, William Peterfield; ERSKINE, John; SHERMAN, Stuart Pratt; VAN DOREN, Carl; LEWIS JONES, William (1907) — coord. — *The Cambridge History of English and American Literature*. Vol. I. Disponibile in <<http://www.bartleby.com/211/0905.html>>. [Consultazione realizzata on-line il 17/01/2018]. KNOWLES, David (1941) — *The Monastic Order in England: A History of its Development from the Times of St Dunstan to the Fourth Lateran Council 940-1216*. Cambridge: Cambridge University Press, in particolare p. 510-514. SOUTHERN, Richard William (1963) — *Saint Anselm and His Biographer: A Study in Monastic Life and Thought*, Cambridge: Cambridge University Press. Si veda inoltre la voce biografica di RUBENSTEIN, Jay (2004) — *Eadmer of Canterbury (b. c. 1060, d. in or after 1126)*. In *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, Oxford. Disponibile in <<http://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-8383>>. [Consultazione realizzata on-line il 17/01/2017]. Si veda inoltre la voce enciclopedica di Richard William Southern dedicata a Edmero nella *New Catholic Encyclopedia*. Disponibile in <<https://www.encyclopedia.com/religion/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/eadmer-canterbury>>. [Consultazione realizzata on-line il 07/10/2019]. Si veda inoltre HAYWARD, Paul Anthony (2010) — *Eadmer of Canterbury*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_00908>. [Consultazione realizzata on-line il 07/10/2019].

Sacrae memoriae Paschalis papa defungitur, et loco ejus Johannes quidam Caietae natus substituitur. Qui Johannes, in monasterio Montis Cassini ab infantia monachus nutritus et adultus, in ministerio venerabilium apostolicorum, Desiderii, Urbani et Paschalis assiduus fuerat cancellarii officio functus. Successor igitur summi pontificis institutus, mutato nomine, Gelasius est nuncupatus. Rex vero Teutonicus, qui est Romanus imperator, audito papam huic vitae decessisse, Romam advolat, et Bracarensem episcopum, jam anno praeterito ab eodem papa Beneventi excommunicatum, cedente ab urbe Gelasio, suum papam instituit, et ex Burdino Gregorium nominat. Quae omnia ut scire volentibus clareant super his ab Gelasio epistolam in Gallias missam, quam et ecce subscribimus, legant.

Gelasius episcopus, servus servorum Dei, venerabilibus fratribus, archiepiscopis, episcopis, abbatibus, clericis, et caeteris per Galliam fidelibus, salutem et apostolicam benedictionem.

Quia vos Romanae ecclesiae membra estis, quae in ea nuper acta sunt dilectioni vestrae significare curavimus. Siquidem post electionem nostram dominus imperator furtive et inopinata velocitate Romam veniens nos egredi compulit. Pacem postea minis et terroribus postulavit, dicens ac facturum quae posset nisi nos ei juramento pacis certitudinem faceremus. Ad quae nos ista respondimus, “De controversia quae inter ecclesiam et regnum est vel conventioni vel justitiae libenter adquiescimus, loco et tempore competenti, videlicet vel Mediolani vel Cremonae in proxima Beati Lucae festivitate, fratrum nostrorum iudicio vel consilio, qui a Deo sunt iudices in ecclesia constituti, et sine quibus causa haec tractari non potest. Et quoniam dominus imperator a nobis securitatem quaerit, nos verbo et scripto ista promittimus, nisi interim ipse impediatur. Alias enim securitates promittere, nec honestas ecclesiae nec consuetudo est”. Illo statim, die videlicet post electionem nostram quadragesimo quarto, Bracarensem episcopum, anno praeterito a domino praedecessore nostro Paschale papa in concilio Beneventi excommunicatum, in matris ecclesiae invasionem ingressit. Qui etiam, dum per manus nostras olim pallium accepisset, eidem domino nostro et catholicis successoribus ejus, quorum primus ego sum, fidelitatem juravit. In hoc tanto facinoroso nullum de Romano clero, Deo gratias, imperator socium habuit, sed Guibertini soli, Romanus de Sancto Marcello, Centius qui dicebatur

Sancti Crisogoni, et Enzo qui per Daciam multo tempore debacchatus est²⁷², tam infamem gloriam celebrarunt. Vestrae igitur experientiae litterarum presentium praecepto mandamus, ut, super his communi per Dei gratiam deliberatione tractantes, ad matris ecclesiae ultionem communibus, praestante Deo, auxiliis sicut oportere cognoscitis accingamini.

Data Caitae xvii. Kal. Februarii²⁷³.

Haec ita Roma.

Itaque post haec²⁷⁴ cardinales et alii Romani, qui papam secuti Galliam venerant [...] Guidonem Niennensem archiepiscopum [...] loco defuncti papae substituunt²⁷⁵, et mutato nomine, Calixtum nuncupant. Dum haec ecclesiastica ita in Burgundia disponuntur, apostalatus Romane ecclesie praefato Gregorio sedi Beati Petri presidente administratur. Super his ergo multis rumoribus Anglia concussa est, aliis hunc, aliis illum, aliis neutrum aecclesiae Dei iure prelatum asserentibus. Galli tamen et rex Anglorum cum pontifice Cantuariorum in Calixtum se transtulerunt et eum, spreto Gregorio, pro apostolico susceperunt [...]. Dum haec isto ordine in Anglia disponuntur²⁷⁶, famae certitudo illuc usque perlata esta papam Calixtum viribus undecumque collectis, supra memoratum Mauricum cognomento Burdinum, quem vocatum Gregorium in sede apostolica imperator cum suis fautoribus papam constituerat, cepisse, cumque suis omnibus spoliatum, monasterio, ut monachus esset, contumelioso intrusisse. Quo facto, ipse apostolici culminis securitate potitus.

Traduzione italiana:

Il papa di sacra memoria Pasquale morì e fu sostituito da Giovanni di Gaeta. Cresciuto ed educato sin dall'infanzia nel monastero di Montecassino, Giovanni aveva ricoperto la funzione di cancelliere durante il ministero degli Apostolici Desiderio [Vittore III (1086-1087), *scil.*], Urbano II e Pasquale. Una volta eletto papa, Giovanni cambiò il suo nome e fu chiamato Gelasio. Il re dei teutonici, il quale è imperatore romano, appresa la notizia della morte del papa si diresse rapidamente a Roma e una volta andato via Gelasio dall'Urbe istituì come papa, con il nome di Gregorio, il vescovo di Braga, il quale era già stato scomunicato l'anno prima dal papa [Pasquale II, *scil.*] a Benevento. Gelasio inviò una lettera nelle Gallie, che noi riportiamo qui di seguito, affinché fosse letta da tutti quelli che volevano avere chiarimenti sulla situazione.

«Gelasio vescovo, servo dei servi di Dio, ai venerabili fratelli, arcivescovi, vescovi, abati, chierici e agli altri fedeli della Gallia, il saluto e l'apostolica benedizione.

Dato che voi siete membri della Chiesa Romana, ci siamo preoccupati di spiegare alla vostra dilazione i recenti eventi che in essa sono accaduti. Dal momento in cui, dopo la nostra elezione, l'imperatore venne a Roma furtivamente e improvvisamente, fummo costretti a scappare. Egli chiese la pace dopo le minacce e gli atti di terrore. Diceva che avrebbe assicurato la pace, soltanto se noi gli avessimo

²⁷² JL 4884 (Gaeta marzo 10 1118) = PL CLXIII, Gelasii II papae ep., IV, coll. 489. Per le figure di Romano, Cencio e Teuzo si veda l'Introduzione di questo volume.

²⁷³ Per la discrepanza temporale nella lettera si veda JAFFÉ, 1861: 523.

²⁷⁴ Il testo si riferisce alla morte di Gelasio II.

²⁷⁵ Cluny.

²⁷⁶ Eadmer di Canterbury si riferisce in questo caso alla consacrazione del vescovo di Norwich nel 1121, Everardo, con l'accordo del re d'Inghilterra. La consacrazione avvenne a Canterbury nella cattedrale alla presenza, tra gli altri, dei vescovi di Hereford, Chester e Rochester. Cfr. *Edmero di Canterbury. Historia Novorum in Anglia*: 294.

prestato giuramento. A questo noi risponderemo così: "Per la controversia che esiste tra la Chiesa e il Regno, noi acconsentiamo ad un accordo o ad una giusta soluzione, a suo tempo e luogo, ossia a Milano o a Cremona nel prossimo giorno di San Luca, con il consiglio e il giudizio dei nostri fratelli, che da Dio sono stati istituiti giudici della Chiesa e senza i quali non si può affrontare questo problema. Visto che l'imperatore ci chiede garanzie, noi queste promettiamo a parole e per iscritto, a meno che nel frattempo egli non lo impedisca, perché altrimenti promettere garanzie non è né il decoro, né la consuetudine della Chiesa". A quel punto, immediatamente, il quarantaquattresimo giorno dopo la nostra elezione, il vescovo di Braga, scomunicato l'anno prima dal nostro predecessore Pasquale nel concilio di Benevento, invase la Madre Chiesa. Inoltre, egli quando ricevette il pallio dalle nostre mani, aveva giurato la fedeltà al Nostro Signore e ai suoi cattolici successori, dei quali io sono il primo. In cotanti misfatti, nessuno tra il clero romano, grazie a Dio, fu socio dell'imperatore, ma soltanto i Wibertini Romano di San Marcello, Cencio che dicevano di San Crisogono e Teuzo, che aveva imperversato a lungo in Dacia, celebrarono tanta gloria infame. Inviemo alla vostra saggezza, pertanto, la ricezione di questa lettera affinché decidiate in comune e per la Grazia di Dio su questi temi e siate preparati, così come vi è richiesto fare e con il favore di Dio, per vendicare la Madre Chiesa con il vostro aiuto congiunto.

Scritto in Gaeta, il giorno 16 gennaio.

Così a Roma».

E così dopo questo fatto, i cardinali e gli altri romani che vennero insieme al papa a Cluny [...] sostituirono il pontefice nel luogo della sua morte con l'arcivescovo Guido de Vienne e lo chiamarono Callisto. E mentre in Borgogna si disponevano così le cose, a Roma il pontificato era amministrato dal già menzionato Gregorio [VIII, *scil.*]. L'Inghilterra fu scossa dalle molte voci che giravano su quanto accaduto; alcuni si schierano con l'uno, alcuni con l'altro, mentre altri si mantennero neutrali in relazione alla conferma del prelado della Chiesa di Dio. Tuttavia i franchi e il re degli inglesi insieme all'arcivescovo di Canterbury si schierarono; disconobbero Gregorio e accettarono come pontefice Callisto. [...] Dopo aver sistemato in questo modo le cose in Inghilterra, Callisto II catturò Maurizio Burdino, che l'imperatore e i suoi fautori avevano costituito con il nome di Gregorio; insieme ai suoi uomini lo spogliò di tutto e lo costrinse a farsi monaco rinchiudendolo in monastero. Fatto ciò, Callisto portò l'Autorità Apostolica al suo punto più alto.

Tradução portuguesa:

O papa de sagrada memória Pascoal morreu e foi substituído por João de Gaeta. Ele, João, que na infância tinha sido criado e educado no mosteiro de Montecassino, tinha desempenhado a função de chanceler durante o ministério dos Apostólicos Desidério [Victor III (1086-1087), *scil.*], Urbano II e Pascoal II. Uma vez eleito papa, mudou o seu nome e foi chamado Gelásio. O rei dos teutónicos, que é o imperador romano, conhecendo a notícia da morte do papa, dirigiu-se rapidamente para Roma e, uma vez saído Gelásio da *Urbs*, instituiu como papa, com o nome de Gregório, o bispo de Braga, que já no ano anterior tinha sido excomungado pelo Papa [Pascoal II, *scil.*], em Benevento. Gelásio enviou uma carta para as Gálias, que nós reproduzimos aqui em seguida, para que fosse lida por todos aqueles que queriam ser esclarecidos sobre a situação.

«Gelásio bispo, servo dos servos de Deus, aos veneráveis irmãos, arcebispos, bispos, abades, clérigos e aos outros fiéis da Gália, saudação e apostólica benção.

Dado que vós sois membros da Igreja romana, temo-nos preocupado em vos explicar os recentes eventos que nela aconteceram. No momento em que, depois da nossa eleição, o senhor imperador furtivamente e repentinamente chegou a Roma, nós fomos obrigados a fugir. Ele pediu a paz depois das ameaças e dos actos de terror. Dizia que teria assegurado a paz, desde que lhe tivéssemos prestado juramento. A isto nós contestamos desta forma: “Pela controvérsia que há entre a Igreja e o Reino, nós damos o nosso consenso a um acordo ou justa solução, no seu tempo e no seu lugar, ou seja, em Milão ou Cremona no próximo dia de São Lucas, com o conselho e o juízo dos nossos irmãos, que por Deus têm sido instituídos juizes da Igreja e sem os quais não se pode tratar deste assunto. E dado que o senhor imperador nos pede garantias, nós prometemos isto com as palavras e por escrito, a menos que, entretanto, ele o impeça, porque, caso contrário, prometer garantias não é nem decoro nem hábito da Igreja”. Naquele momento, imediatamente, no quadragésimo quarto dia depois da nossa eleição, o bispo de Braga, excomungado um ano antes pelo nosso predecessor, Pascoal, no concílio de Benevento, invadiu a Madre Igreja. Para além disso, quando recebeu o púlpito das nossas mãos, jurou fidelidade a Nosso Senhor e aos seus sucessores católicos, entre os quais eu sou o primeiro. Nestes grandes delitos ninguém entre o clero romano, graças a Deus, foi sócio do imperador, apenas os guibertinos, Romano de São Marcelo, Cêncio, que diziam de São Crisógono, e Teuzo, que por muito tempo tinha provocado desacatos na Dácia, celebraram uma glória tão infame. Por conseguinte, enviamos à vossa sabedoria a recepção desta carta para que, pela Graça de Deus, decidais sobre estes temas em comum e estejais preparados, assim como vos é requerido e com o favor de Deus, para vingar a Madre Igreja com o vosso empenho conjunto.

Dada em Gaeta, no dia 16 de Janeiro.

Assim em Roma».

E assim, depois deste acontecimento, os cardeais e os outros romanos que chegaram com o papa a Cluny [...], substituíram o papa no lugar da sua morte com o arcebispo Guido de Vienne e chamaram-no Calisto. Enquanto na Borgonha assim se dispunham as coisas, o pontificado em Roma era administrado pelo já mencionado Gregório [VIII, *scil.*]. A Inglaterra foi abalada por muitos rumores sobre o que tinha acontecido; alguns alinharam com um, outros com o outro, alguns ficaram neutrais em relação à confirmação do prelado da Igreja de Deus. Todavia os francos e o rei dos ingleses, juntamente com o arcebispo de Cantuária, tomaram uma posição; desprezaram Gregório e aceitaram como pontífice Calisto [...]. Depois de ter concertado assim as coisas na Inglaterra, Calisto II capturou Maurício Burdino, que o imperador e os seus partidários tinham constituído com o nome de Gregório, e junto aos seus homens privou-o da roupa e obrigou-o a ser monge, encerrando-o num mosteiro. Depois disto, Calisto elevou a Autoridade Apostólica ao seu ponto mais alto.

2) *Hugh the Chantor. The History of the Church of York 1066-1127.* Ed. Charles Johnson. London: Thomas Nelson and Sons Ltd, 1961, p. 84-85.

Nota biográfica: Probabilmente originario della città di Gilling, nel Richmondshire, Ugo *Sottovagina* o *Sottewain*, conosciuto come Ugo «Il Cantore», fu un importante ecclesiastico dell'arcidiocesi di York del XII secolo. Fu precentore ed arcidiacono nella sede inglese almeno dal 1100 ed ebbe un ruolo particolarmente rilevante durante il pontificato dell'arcivescovo Thurstan (1114-1140). Gli successe alla carica di precentore William de Eu nel 1140, un elemento che potrebbe collocare la morte di Ugo attorno al 1139.

Opera: Conclusa probabilmente intorno al 1127, l'*Historia ecclesiae Eboracensis* di Ugo «Il Cantore» è un'opera incentrata sul conflitto per la primazia tra le sedi di Canterbury e York a cavallo tra XI e XII secolo.

Edizioni/Traduzioni principali: *The Historians of the Church of York and Its Archbishops*. Ed. James Raine. Vol. II. London: Longman & Company, 1886, p. 176. *Hugh the Chantor. The History of the Church of York 1066-1127*. Ed. Charles Johnson. London: Thomas Nelson and Sons Ltd, 1961, p. 84-85. *Hugh the Chanter. Historia ecclesiae Eboracensis. The History of the Church of York, 1066-1127*. Ed. Charles Johnson; Martin Brett; Christopher Nugent Lawrence Brooke; Michael Winterbottom. Oxford: Clarendon Press, 1990, p. 140-141. Le due ultime edizioni sono accompagnate da una traduzione in inglese dell'opera.

Bibliografia essenziale: *Hugh the Chantor. The History of the Church of York 1066-1127*. Ed. Charles Johnson. London: Thomas Nelson and Sons Ltd, 1961, p. VII-VIII e X-XVII. *Hugh the Chanter. Historia ecclesiae Eboracensis. The History of the Church of York, 1066-1127*. Ed. Charles Johnson; Martin Brett; Christopher Nugent Lawrence Brooke; Michael Winterbottom. Oxford: Clarendon Press, 1990, p. XIII-XXX e seguenti. GRANDSEN, Antonia (1996) — *Historical Writing in England: 550-1307*. Vol. I. London; New York: Routledge, p. 123-125. LAWRENCE-MATHERS, Anne (2003) — *Manuscripts in Northumbria in the Eleventh and Twelfth Centuries*. Woodbridge: The Boydell Press, 2003, in particolare p. 128-133. Per una panoramica generale sulla Chiesa del regno d'Inghilterra nel periodo di Ugo il Cantore rinvio al volume di DALTON, Paul; INSLEY, Charles; WILKINSON, Louise J., coord. — *Cathedrals, Communities and Conflict in the Anglo-Norman World*. Woodbridge: The Boydell Press, 2011.

Defuncto enim beate memorie papa Pascali, sicut supradictum est, Iohannes cancellarius in papam Gelasium elevatus est, set propter Alemagnicum regem, qui Romanam ecclesiam persequebatur, Rome se credere non ausus, per mare navigans urbi Ianue applicuit, demum Cluniacum pervenit. Exaugustus vero Henricus, Cesar teutonicus, immo Cedar²⁷⁷ totus iniquus, sancte ecclesie inimicus, Burdinus archiepiscopum degradatum per quasdam Rome fautores maliciosos antipapam et anti-Petrum, aut potius anti-Christum, Rome constituit, propter quod in urbe et ecclesia dissensio et turbacio magna fuerat, nec tunc quidem penitus sedata erat. Ipse tamen Burdinus per dei amicos ab urbe pulsus Sutrie degebat, et merito heresis sue multis bonis egebat, et contra Jhesum Christum et suos nequicias et iniquitates multas agebat, quem deus postea per proprium sal destruxit.

²⁷⁷ Ugo «Il Cantore» propone qui un gioco di parole molto interessante basato sulla somiglianza tra Caesar (Cesare, imperatore) e Cedar/Kedar che in ebraico significa «nero». I kedariti erano una tribù araba — il cui nome deriverebbe dal secondo figlio di Ismaele, Kedar (Genesi, 25:13-14-15 «Questi sono i nomi dei figli d'Ismaele, con il loro elenco in ordine di generazione: il primogenito di Ismaele è Nebaiòt, poi Kedar, Adbeèl, Mibsam, Misma, Duma, Massa, Adad, Tema, Ietur, Nafis e Kedma» — che fondarono un regno nell'attuale sud-est di Israele menzionato in molte occasioni nell'Antico Testamento, come ad esempio in Isaia, 21:16 «Poiché mi ha detto il Signore: «Ancora un anno, contato alla maniera degli anni di un salariato, e scomparirà tutta la potenza gloriosa di Kedar», Isaia, 21:17 «E il numero degli archi dei prodi di Kedar resterà molto esiguo, perché il Signore Dio d'Israele ha parlato». Nel Salmo 120:5 «Ahimè, io abito straniero in Mesec, dimoro fra le tende di Kedar!» è interpretato come essere al di fuori dalla Legge di Dio in mezzo alle barbarie. Si veda su questo punto *The History of the Church of York* (Ed. 1990): 140-141. I passi biblici sono stati ripresi dal seguente sito: Disponibile in <<http://www.bibbia.net/>>. [Consultazione realizzata on-line il 29/01/2020].

Traduzione italiana:

Dopo la morte del papa di beata memoria Pasquale, come abbiamo detto in precedenza, il cancelliere Giovanni fu eletto papa con il nome di Gelasio. Egli non sentendosi sicuro a Roma a causa del re di Germania, persecutore della Chiesa Romana, prese il mare, sbarcò nella città di Genova e alla fine giunse a Cluny. L'ex-imperatore Enrico, Cesare tedesco, o meglio *Kedar*, completamente ingiusto e nemico della Chiesa, grazie ad alcuni dei suoi malvagi sostenitori a Roma promosse antipapa, anti-Pietro, o meglio Anticristo, Maurizio Burdino un arcivescovo degradato, che diede luogo ad un grande dissenso e subbuglio nella città di Roma e nella Chiesa che ancora non era stati spenti del tutto. Tuttavia, Burdino fu cacciato dall'Urbe dagli amici di Dio e si spostò a Sutri. A causa della sua bramosa eresia, egli commise numerose azioni esecrabili e ingiustizie contro Gesù Cristo e la sua gente. Dio in seguito lo distrusse attraverso la sua stessa debolezza.

Tradução portuguesa:

Depois da morte do Papa Pascoal, de abençoada memória, como dissemos anteriormente, o chanceler João foi eleito papa com o nome de Gelásio. Ele não se sentia seguro em Roma por causa do rei da Alemanha, perseguidor da Igreja Romana, e escolheu sair por mar; desembarcou na cidade de Génova e finalmente chegou a Cluny. O ex-imperador Henrique, César alemão, ou melhor, *Kedar*, completamente injusto e inimigo da Igreja, através dos seus partidários perversos em Roma promoveu o antipapa, o anti-Pedro, ou melhor, o Anticristo Maurício Burdino, um arcebispo degradado, que deu origem a uma grande dissidência e turbulência na *Urbs* e na Igreja, que ainda não estava completamente subjugada. No entanto, Burdino foi expulso da cidade pelos amigos de Deus e mudou-se para Sutri. A sua heresia, ansiosa de muitos bens, cometeu muitas más acções e injustiças contra Jesus Cristo e o seu povo. Deus depois destruiu-o através de sua própria fraqueza.

3) *Symeonis Dunelmensis. Historia Regum.* Ed. John Hinde Hodgson, coord. — *Symeonis Dunelmensis Opera et Collectanea.* Durham: Andrews & Co., 1868, p. 108-110, 116-117 e 122.

Nota biografica: Simeone di Durham (morto dopo il 1129) fu un monaco e cronista dell'Inghilterra medievale. Entrò verso il 1071 come monaco nell'abbazia di Jarrow e fu successivamente cantore della cattedrale di Durham nel nord dell'Inghilterra.

Opera: *L'Historia Regum* è un'opera attribuita a Simeone di Durham. Si tratta di una compilazione molto complessa con materiali provenienti per esempio da Beda; dal monaco Asser di Saint David's (Dyfed, Galles) e vescovo di Sherborne, provincia ecclesiastica di Canterbury, (†909) autore di una vita del re Alfredo «Il Grande» (849-899); da Guglielmo di Malmesbury; Edmero di Canterbury; Dudone di San Quentino e Guglielmo di Jumièges. L'opera è conservata in un unico manoscritto del tardo XII secolo (Cambridge, *Corpus Christi College*, MS 139 fols. 51v.-129v.). Sul fatto che Simeone di Durham possa esserne l'autore ci sono molti dubbi da parte degli studiosi, anche perché l'unico manoscritto che attribuisce l'opera al monaco di Durham è di alcuni decenni posteriore alla morte di Simeone. Secondo A. Grandsen (si veda la bibliografia, p. 125-126) soltanto la parte per gli anni 1119-1129 potrebbe essere stata scritta o organizzata da Simeone.

Edizioni/Traduzioni principali: *Symeonis Dunelmensis. Historia Regum*. Ed. John Hinde Hodgson, coord. — *Symeonis Dunelmensis Opera et Collectanea*. Durham: Andrews & Co., 1868, p. 1-131. *Ex Symeonis Dunelmensis historia regum*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, XIII, Supplementa tomorum I-XII, *Annales anglorum antiquis*, pars I). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1881, p. 157-160. *Symeonis monachi Opera omnia: Historia regum. Eadem historia ad quintum et vicesimum annum continuata, per Joannem Hagulstadensem. Accedunt varia*. Ed. Thomas Arnold. Vol. II. London: Longman, 1885. *Symeonis monachi opera omnia. Historia regum eadem historia ad quintum et vicesimum annum continuata, per Joannem hagulstadensem; accedunt varia*. Ed. Thomas Arnold. Vol. II. Nendeln: Kraus Reprint, 1965, p. 251-252 e 263-264. Ristampa dell'edizione del 1885. *Historia Regum*. In *Symeonis Monachi Opera Omnia*. Vol. II. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 1-283. Ristampa dell'edizione di Thomas Arnold del 1885. Dell'opera esistono due traduzioni inglese, la prima è del XIX secolo (che abbiamo usato per le nostre in italiano in portoghese), si veda STEVENSON, Joseph (1853) — *Church Historians of England, The Historical Works of Simeon of Durham*, Vol. 3/2. London: Seeleys, p. 596-609. La più recente edizione e traduzione delle prime cinque sezioni dell'opera di Simeone di Durham è contenuta in HART, Cyril Roy (2006) — *Byrhtferth's Northumbrian Chronicle: An Edition and Translation of the Old English and Latin Annals. The Early Chronicles of England*. Vol. II. Lewiston, NY: Edwin Mellen Press.

Bibliografia essenziale: HUNTER BLAIR, Peter (1963) — *Some Observations on the "Historia Regum" attributed to Symeon of Durham*. In JACKSON, Kenneth Hurlstone; CHADWICK, Nora Kersha, coord. — *Celt and Saxon: Studies in the Early British Border*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 63-118. LAPIDGE, Michael (1981) — *Byrhtferth of Ramsey and the Early Sections of the Historia Regum attributed to Symeon of Durham*. «Anglo-Saxon England», vol. 10, p. 97-122. GRANSDEN, Antonia (1997) — *Historical Writing in England, 1, c. 550-c.1307*, London: Routledge, in particolare p. 186-218 per il contesto storico in cui va letta e collocata l'opera di Enrico di Huntingdon. SMITH, William (2010) — *Symeon of Durham*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_02387>. [Consultazione realizzata on-line il 07/10/2019]. *Symeon of Duram*. In *Encyclopaedia Britannica*. Disponibile in <<https://www.britannica.com/biography/Simeon-of-Durham>>. [Consultazione realizzata on-line il 07/10/2019]. Per il manoscritto nel quale è contenuta l'opera si veda il sito Disponibile in <<https://www.lancaster.ac.uk/staff/haywardp/hist424/seminars/Corpus139.htm>>. [Consultazione realizzata on-line il 07/10/2019].

Anno MCXVIII — Prefatus papa Gelasio per mare Burgundiam venit, et adventus ejus mox toti Galliae innotuit. Cujus in Gallias missa haec epistola.

Gelasius episcopus, servus servorum Dei, venerabilibus fratribus, archiepiscopis, episcopis, abbatibus, clericis, et caeteris per Galliam fidelibus, salutem et apostolicam benedictionem.

Quia vos Romanae ecclesiae membra estis, quae in ea nuper acta sunt dilectioni vestrae significare curavimus. Siquidem post electionem nostram dominus imperator furtive et inopinata velocitate Romam veniens nos egredi compulit. Pacem postea minis et terroribus postulavit, dicens ac facturum quae posset nisi nos ei juramento pacis certitudinem faceremus. Ad quae nos ista respondimus, "De controversia quae inter ecclesiam et regnum est vel conventioni vel justitiae libenter adquiescimus, loco et tempore competentem, videlicet vel Mediolani vel Cremonae in proxima Beati Lucae festivitate, fratrum nostrorum iudicio vel consilio, qui a Deo sunt iudices in ecclesia constituti, et sine quibus

causa haec tractari non potest. Et quoniam dominus imperator a nobis securitatem quaerit, nos verbo et scripto ista promittimus, nisi interim ipse impediatur. Alias enim securitates promittere, nec honestas ecclesiae nec consuetudo est". Illo statim, die videlicet post electionem nostram quadragesimo quarto, Bracarensem episcopum, anno praeterito a domino praedecessore nostro Paschale papa in concilio Beneventi excommunicatum, in matris ecclesiae invasionem ingressit. Qui etiam, dum per manus nostras olim pallium accepisset, eidem domino nostro et catholicis successoribus ejus, quorum primus ego sum, fidelitatem juravit. In hoc tanto facinoroso nullum de Romano clero, Deo gratias, imperator socium habuit, sed Guibertini soli, Romanus de Sancto Marcello, Centius qui dicebatur Sancti Crisogoni, et Enzo qui per Daciam multo tempore debacchatus est²⁷⁸, tam infamem gloriam celebrarunt. Vestrae igitur experientiae litterarum presentium praecepto mandamus, ut, super his communi per Dei gratiam deliberatione tractantes, ad matris ecclesiae ultionem communibus, praestante Deo, auxiliis sicut oportere cognoscitis accingamini.

Data Caitae xvii. Kal. Februarii.

Anno MCXIX. Gelasius apud Cluniacum obiit, ibidemque sepelitur. In cuius locum cardinales aliique Romani, qui eum illuc secuti fuerant, Guidonem Viennensem archiepiscopum substituunt eumque Calixtum nominat. Dumque in Burgundia haec geruntur, apostolatus Romane ecclesiae a supradicto Gregorio amministratur. Super his duobus ita in papatum sullimatis orbis concussus, in studia partium dividitur atque, aliis hunc, aliis istum favore prosequentibus, gravi ecclesia scandalo percellitur.

Anno MCXXI. [...] Hoc anno peracto paschali festo, Calixtus papa cum multa manu ab Urbe digressus, tam diu Sutrinam civitatem obsedit, donec et Burdinum et locum ipsum cepisset, sicut epistola subdita planius edocet:

Calixtus episcopus, servus servorum Dei, dilectis fratribus et filiis, archiepiscopis, episcopis, abbatibus, prioribus, et ceteris tam clericis quam laicis, beati Petri fidelibus, per Gallias constitutis, salutem et apostolicam benedictionem.

Quia dereliquit populus legem Domini, et in iudiciis eius non ambulat, visitat Dominus virga iniquitates eorum et in verberibus peccata eorum: paternae tamen conservans viscera pietatis, de sua confidentes misericordia non relinquit. Diu siquidem, peccatis exigentibus, per illud Teutonicorum regis idolum, Burdinum videlicet, fideles ecclesiae conturbati sunt; et alii quidem capti, alii usque ad mortem carceris maceratione afflicti sunt. Nuper autem, festis Paschalibus celebratis, cum peregrinorum et pauperum clamores ferre penitus non possemus, cum ecclesiae fidelibus ab Urbe digressi sumus, et tamdiu Sutrium obsedimus, donec divina potentia et supradictum ecclesiae inimicum Burdinum, qui diabolo nidum ibidem fecerat, et locum ipsum, omnino in nostram tradidit potestatem. Rogamus itaque caritatem vestram ut pro tantis beneficiis una nobiscum Regi regum gratiae referatis, et in catholice ecclesiae obedientia et servitio constantissime maneatis, retributionem debitam in praesenti et futuro ab omnipotente Domino ex eius gratiam recepturi. Rogamus etiam ut has litteras alter alteri praesentari, omni remota negligentia, faciatis.

Data Sutrii, sexto kalendas maii.

²⁷⁸ Si veda la nota n.° 272 in questa sezione.

[...] *Ordinationes quae a Burdino haeresiarca, postquam a Romana ecclesia est damnatus, quaeque etiam a (p)seudo-episcopis per eum postea ordinatis factae sunt, nos esse irritas judicamus.*

Traduzione italiana:

Anno 1118. Il suddetto Papa Gelasio arrivò in Borgogna per mare e la notizia del suo arrivo si diffuse in tutta la Gallia, nella quale fece circolare questa lettera:

«Gelasio vescovo, servo dei servi di Dio, ai venerabili fratelli, arcivescovi, vescovi, abati, chierici e agli altri fedeli della Gallia, il saluto e l'apostolica benedizione.

Dato che voi siete membri della Chiesa Romana, ci siamo preoccupati di spiegare alla vostra dilezione i recenti eventi che in essa sono accaduti. Dal momento in cui, dopo la nostra elezione, l'imperatore venne a Roma furtivamente e improvvisamente, fummo costretti a scappare. Egli chiese la pace dopo le minacce e gli atti di terrore. Diceva che avrebbe assicurato la pace soltanto se noi gli avessimo prestato giuramento. A questo noi rispondemmo così: "Per la controversia che esiste tra la Chiesa e il Regno, noi acconsentiamo ad un accordo o ad una giusta soluzione, a suo tempo e luogo, ossia a Milano o a Cremona nel prossimo giorno di San Luca, con il consiglio e il giudizio dei nostri fratelli, che da Dio sono stati istituiti giudici della Chiesa e senza i quali non si può affrontare questo problema. Visto che l'imperatore ci chiede garanzie, noi queste promettiamo a parole e per iscritto, a meno che nel frattempo egli non lo impedisca, perché altrimenti promettere garanzie non è né il decoro, né la consuetudine della Chiesa". A quel punto, immediatamente, il quarantaquattresimo giorno dopo la nostra elezione, il vescovo di Braga, scomunicato l'anno prima dal nostro predecessore Pasquale nel concilio di Benevento, invase la Madre Chiesa. Inoltre, egli quando ricevette il pallio dalle nostre mani aveva giurato la fedeltà al Nostro Signore e ai suoi cattolici successori, dei quali io sono il primo. In cotanti misfatti, nessuno tra il clero romano, grazie a Dio, fu socio dell'imperatore, ma soltanto i Wibertini, Romano di San Marcello, Cencio che dicevano di San Crisogono e Teuzo, che aveva imperversato a lungo in Dacia, celebrarono tanta gloria infame. Inviemo alla vostra saggezza, pertanto, la ricezione di questa lettera affinché decidiate in comune e per la Grazia di Dio su questi temi e siate preparati, così come vi è richiesto fare e con il favore di Dio, per vendicare la Madre Chiesa con il vostro aiuto congiunto.

Scritto in Gaeta, il giorno 16 gennaio».

Anno 1119. Gelasio morì a Cluny dove fu anche sepolto. In quel luogo i cardinali e altri romani che avevano accompagnato Gelasio in Francia, lo sostituirono con l'arcivescovo di Vienne Guido e lo chiamarono Callisto. E mentre in Borgogna accadevano questi eventi, nel frattempo il pontificato della Chiesa Romana era amministrato dal suddetto Gregorio. Su questi due, elevati entrambi al papato, il mondo si divise; alcuni si schierarono con l'uno, altri con l'altro e la Chiesa fu sconvolta da questo grave scandalo.

Anno 1121. [...] Quell'anno, passata la festa di Pasqua, Papa Callisto uscì dall'Urbe con un grande numero di uomini armati e assediò a lungo alla città di Sutri fino a quando non catturò Burdino e prese la città, così come ci racconta la lettera qui riportata:

«Callisto vescovo, servo dei servi di Dio, ai dilette fratelli e figli, agli arcivescovi, ai vescovi, agli abati, ai priori e a tutti gli altri tanto chierici quanto laici, a tutti i fedeli di San Pietro presenti nelle Gallie, il saluto e l'apostolica benedizione.

Quando il popolo abbandona la Legge di Dio e non cammina seguendo il suo Giudizio, il Signore punisce le iniquità con la verga e i loro peccati con la frusta; tuttavia mantiene nel profondo la pietà del Padre e non abbandona i fedeli nella sua Misericordia. Da lungo tempo, visti i loro pesanti peccati, i fedeli della Chiesa sono disorientati e turbati da quell'idolo del re dei teutonici, ossia Burdino; alcuni di loro furono catturati, altri sono afflitti per soffrire in carcere a vita. Allora, celebrata la festa della Pasqua, non avendo potuto ignorare i lamenti dei pellegrini e dei poveri, uscimmo dall'Urbe con i fedeli, e assediammo a lungo Sutri, dove il diavolo aveva costruito la sua dimora, fino a quando la Divina Potenza consegnò nelle nostre mani il suddetto Burdino, nemico della Chiesa, e la stessa Sutri. E così chiediamo alla vostra carità, che rendiate noti insieme a noi i tanti benefici della Grazia del Re dei Re e che rimaniate sempre e per sempre nell'obbedienza e al servizio della Chiesa Cattolica, perché riceverete la debita retribuzione da Dio onnipotente e dalla sua Grazia nel presente e nel futuro. Chiediamo inoltre che facciate circolare questa lettera con tutto il vostro impegno.

Scritto in Sutri, il giorno 26 aprile».

[Disposizione di Papa Calixto II nell'ambito del I Concilio Lateranense (1123), *scil.*] *Consideriamo nulle tutte le ordinazioni fatte dall'eresiarca Burdino dopo essere stato condannato dalla Chiesa Romana, così come quelle compiute dagli pseudo-vescovi da lui ordinati.*

Tradução portuguesa:

Ano de 1118. O referido Papa Gelásio chegou à Borgonha por mar e a notícia da sua chegada difundiu-se por toda a Gália onde ele fez circular esta carta:

«Gelásio bispo, servo dos servos de Deus, aos veneráveis irmãos, arcebispos, bispos, abades, clérigos e aos outros fiéis da Gália, saudação e apostólica benção.

Dado que vós sois membros da Igreja romana, temo-nos preocupado em vos explicar os recentes eventos que nela aconteceram. No momento em que, depois da nossa eleição, o senhor imperador furtivamente e repentinamente chegou a Roma, nós fomos obrigados a fugir. Ele pediu a paz depois das ameaças e dos actos de terror. Dizia que teria assegurado a paz, desde que lhe tivéssemos prestado juramento. A isto nós contestamos desta forma: “Pela controvérsia que há entre a Igreja e o Reino, nós damos o nosso consenso a um acordo ou justa solução, no seu tempo e no seu lugar, ou seja, em Milão ou Cremona no próximo dia de São Lucas, com o conselho e o juízo dos nossos irmãos, que por Deus têm sido instituídos juizes da Igreja e sem os quais não se pode tratar deste assunto. E dado que o senhor imperador nos pede garantias, nós prometemos isto com as palavras e por escrito, a menos que, entretanto, ele o impeça, porque, caso contrário, prometer garantias não é nem decoro nem hábito da Igreja”. Naquele momento, imediatamente, no quadragésimo quarto dia depois da nossa eleição, o bispo de Braga, excomungado um ano antes pelo nosso predecessor, Pascoal, no concílio de Benevento, invadiu a Madre Igreja. Para além disso, quando recebeu o púlpito das nossas mãos, jurou fidelidade a Nosso Senhor e aos seus sucessores católicos, entre os quais eu sou o primeiro. Nestes grandes delitos ninguém entre o clero romano, graças a Deus, foi sócio do imperador, apenas os guibertinos, Romano de São Marcelo, Cêncio, que diziam de São Crisógono, e Teuzo, que por muito tempo tinha provocado desacatos na Dácia, celebraram uma glória tão infame. Por conseguinte, enviamos à vossa sabedoria a receção desta carta para que, pela Graça de Deus, decidais sobre estes temas em comum e estejais preparados, assim como vos é requerido e com o favor de Deus, para vingar a Madre Igreja com o vosso empenho conjunto.

Dada em Gaeta, no dia 16 de janeiro».

Ano de 1119. Gelásio morreu em Cluny, onde foi acolhido e também enterrado. Naquele lugar os cardeais e outros romanos que tinham acompanhado Gelásio para França, substituíram-no pelo arcebispo de Vienne, Guido, a quem chamaram Calisto. Enquanto na Borgonha as coisas decorriam assim, o pontificado da Igreja romana era administrado pelo já mencionado Gregório. Sobre estes dois elevados ao grau do papado o mundo dividiu-se; alguns alinharam com um, outros com o outro, e a Igreja foi perturbada por este grave escândalo.

Ano de 1121. [...]. Neste ano, passada a festa da Páscoa, o Papa Calisto saiu da *Urbs* com um grande número de homens armados e cercou durante muito tempo a cidade de Sutri até capturar Burdino e tomar a cidade, assim como descreve a carta aqui transcrita:

«Calisto bispo, servo dos servos de Deus, aos dilectos irmãos e filhos, aos arcebispos, aos bispos, aos abades, aos priores e a todos os outros tanto clérigos como leigos, a todos os fiéis de São Pedro presentes nas Gálias, saudação e apostólica benção.

Quando o povo abandona a Lei de Deus e não caminha seguindo o seu Juízo, o Senhor pune as iniquidades com o bastão e os seus pecados com o chicote; todavia, mantém no seu íntimo a Piedade do Pai e não abandona os fiéis na sua Misericórdia. Desde há muito tempo, vistos os tão pesados pecados deles, os fiéis da Igreja estão desorientados e inquietos por causa do ídolo do rei dos teutónicos, ou seja, Burdino; alguns deles foram capturados e outros estão aflitos por sofrerem prisão perpétua. Então, celebrada a festa da Páscoa, não podendo ignorar os lamentos dos peregrinos e dos pobres, saímos da Urbs com os fiéis e cercamos durante muito tempo Sutri, onde o diabo tinha construído a sua casa, até que o Divino Poder entregou em nossas mãos o referido Burdino, inimigo da Igreja, e a mesma Sutri. E assim pedimos à vossa caridade que anuncieis connosco os muitos benefícios da Graça do Rei dos Reis e que fiqueis sempre e para sempre na obediência e no serviço da Igreja Católica, porque recebereis a devida retribuição de Deus omnipotente e da sua Graça no presente e no futuro. Pedimos, para além disto, que façais circular esta carta com todo o vosso empenho.

Dada em Sutri, no dia 26 de abril».

[Disposição do Papa Calisto II no âmbito do I Concílio do Latrão (1123), *scil.*] Consideramos nulas todas as ordenações feitas pelo heresiarca Burdino, depois de ter sido condenado pela Igreja Romana, bem como as ordenações feitas pelos pseudo-bispos que ele ordenou.

4) *Ex Petri Bechini Chronico*. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, Scriptores, XXVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1882, p. 478.

Nota biográfica: Pietro (Pierre), figlio di Béchin fu un canonico di San Martino di Tours vissuto nel XII secolo.

Opera: L'opera di Pierre Béchin è una cronaca che va dall'origine del mondo fino all'anno 1137. Tra le sue fonti ci sono Eginardo e Guglielmo di Malmesbury. La datazione dell'opera non è certa anche se I. Guyot-Bachy ha avanzato l'ipotesi che l'opera possa essere stata scritta verso la fine degli anni '30 del XII secolo.

Edizioni/Traduzioni principali: *Chronicon Petri filii Bechini*. Ed. André Salmon (*Recueil de Chroniques de Touraine*). Tours: Imprimerie Ladevèze, 1854, p. 1-63. *Ex Petri Bechini Chronico*. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, *Scriptores*, XXVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1882, p. 477-478.

Bibliografia essenziale: SALMON, André (1847) — *Recherches sur les Chroniques de Touraine*. Tours: Lecesne et Laurent, p. VII-VIII. *Ex Petri Bechini Chronico*. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, *Scriptores*, XXVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1882, p. 477. MOLINIER, Auguste (1902) — *Chronicon Petri, filii Bechini*. In *Les Sources de l'histoire de France — Des origines aux guerres d'Italie (1494)*. Vol. II. Paris: Picard et fils, p. 79. GASNAULT, Pierre (1954) — *Les actes privés de l'abbaye de Saint-Martin de Tours du VIIIe au XIIIe siècle*. «Bibliothèque de l'école des chartes», vol. 112, p. 24-66. GUYOT-BACHY, Isabelle (2017) — *La Flandre et les Flamands au miroir des historiens du royaume (Xe-XVe siècle)*. Villeneuve-d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, p. 104 e 153-154. RECH, Régis (2010) — *Petrus Bechini*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_02045>. [Consultazione realizzata on-line il 17/04/2018.

168. Papa Calixtus II. Annis 6. Hic primo fuit Viennensis episcopus Guido, et Burdinum in Cava monachum fecit.

Traduzione italiana:

168. Papa Callisto II fu pontefice romano per sei anni. Questi fu Guido vescovo di Vienne, il quale ridusse allo stato monacale Burdino nell'abbazia di Cava.

Tradução portuguesa:

168. O Papa Calisto II foi pontífice romano durante seis anos. Este foi Guido, bispo de Vienne, que, na abadia de Cava, reduziu Burdino a monge.

5) *Willelmi Malmesbiriensis monachi. Gesta regum anglorum atque Historia novella*. Ed. Thomas Hardy. Vol. II. London: Sumptibus Societatis, 1840, p. 663-667.

Nota biografica: Guglielmo di Malmesbury (ca. 1090-ca. 1143) fu un monaco benedettino dell'abbazia di Malmesbury (Wiltshire, Inghilterra sud-occidentale) e uno dei maggiori cronisti e autori del XII secolo.

Opera: I *Gesta Regum Anglorum* sono un'opera divisa in cinque libri incentrata sulla storia dell'Inghilterra dall'arrivo dei romani fino agli anni 1120-1121. La prima versione dell'opera fu composta probabilmente intorno al 1125, ma fu rivista e corretta anche negli anni successivi fino al 1140. L'opera ebbe una grande diffusione nel corso dei secoli medievali, come dimostrano i ben venticinque manoscritti ancora conservati.

Edizioni/Traduzioni principali: *The History of the Kings of England and the Modern History of William of Malmesbury*. Ed. John Sharpe. London: Longman & Co., 1815 (Questa edizione contiene anche la traduzione in inglese). *Willelmi Malmesbiriensis monachi. Gesta regum anglorum atque Historia novella*. Ed. Thomas Hardy. Vol. II. London: Sumptibus Societatis, 1840. *Ex Willelmi*

Malmesburiensis scriptis historicis. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, X). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1852, p. 449-485. *Willelmi Malmesburiensis Monachi Opera Omnia*. Ed. Jacques-Paul Migne (Patrologia Latina, CLXXIX). Paris: Jacques-Paul Migne éditeur, 1855, cols. 959-1390. *William of Malmesbury's Chronicle of the Kings of England: From the Earliest Period to the Reign of King Stephen*. Ed. John Allen Giles. London: Henry G. Bohn, 1847 (questa edizione contiene anche la traduzione in inglese che abbiamo usato come base di riferimento per le nostre in italiano e in portoghese in particolare per il Capitolo 434 che riportiamo integralmente). *Willelmi Malmesburiensis monachi gestis regum anglorum libri quinque*. Ed. William Stubbs. London: Longman & Co., 1887-1889. Infine, l'edizione più recente è la seguente; *Gesta Regum Anglorum*. Ed. Roger Aubrey Baskerville Mynors et alii. Vol. I. Oxford: Clarendon Press, 1998; anche quest'ultima edizione contiene anche la traduzione in inglese dell'opera di Guglielmo di Malmesbury.

Bibliografia essenziale: *Gesta Regum Anglorum. The History of the English Kings. General Introduction and Commentary*. Vol. II. Ed. Rodney M. Thomson; Michael Winterbottom. Oxford: Clarendon Press, 1998, in particolare p. 389-390 (per la vicenda di Maurizio). AVRIL, François; STIRNEMANN, Patricia (1987) — *Manuscrits enluminés d'origine insulaire VIIe-XXe siècle*. Paris: Bibliothèque Nationale, 1987, p. 40. GNEUSS, Helmut (1996) — *Books and Libraries in Early England*. Aldershot: Ashgate Variorum, p. 133. THOMSON, Rodney M. (2003) — *William of Malmesbury*. Woodbridge: The Boydell Press, 2003, p. 3-117. WEILER, Bjorn (2005) — *William of Malmesbury on Kingship*. «History. The Journal of the Historical Association», vol. 90, p. 3-22. FENTON, Kirsten A. (2008) — *Gender, Nation and Conquest in the Works of William of Malmesbury*. Woodbridge: The Boydell Press. OLSEN SØNNESYN, Sigbjorn (2012) — *William of Malmesbury and the Ethics of History*. Woodbridge: The Boydell Press. RUCH, Lisa M. (2010) — *William of Malmesbury*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_02557>. [Consultazione realizzata on-line il 18/01/2018]. Per la biografia di Guglielmo di Malmesbury abbiamo consultato BURTON, Edwin (1912) — *William of Malmesbury*. In *The Catholic Encyclopedia*. Disponibile in <<http://www.newadvent.org/cathen/15633d.htm>>. [Consultazione realizzata on-line il 07/10/2019].

Liber V²⁷⁹

430. Cujus morte accepta²⁸⁰, alacrius imperator celerabat viam, ut Johanne Gaitano, superioris papae cancellario, qui jam electus et Gelasius dictus fuerat, ejecto, Mauricium Bracarensem episcopum, cognomento Burdinum intruderet. Sed haec epistola Gelasii certius proponet.

431. Quia vos Romanae ecclesiae membra estis, quae in ea nuper acta sunt dilectioni vestrae significare curavimus. Siquidem post electionem nostram dominus imperator furtive et inopinata velocitate Romam veniens nos egredi compulit. Pacem postea minis et terroribus postulavit, dicens ac facturum quae posset nisi nos ei juramento pacis certitudinem faceremus. Ad quae nos ista respondimus, “De controversia quae inter ecclesiam et regnum est vel conventioni vel justitiae libenter adquiescimus, loco et tempore competentis, videlicet vel Mediolani vel Cremonae in proxima Beati Lucae festivitate, fratrum nostrorum iudicio vel consilio, qui a Deo sunt iudices in ecclesia constituti, et sine quibus causa haec tractari non potest. Et quoniam dominus imperator a nobis securitatem quaerit, nos verbo

²⁷⁹ Per la traduzione in italiano e in portoghese dei passi di Guglielmo di Malmesbury mi sono ampiamente basato sulle traduzioni in inglese citate nella scheda bibliografica.

²⁸⁰ La fonte fa riferimento alla morte di Pasquale II (1118).

et scripto ista promittimus, nisi interim ipse impediatur. Alias enim securitates promittere, nec honestas ecclesiae nec consuetudo est". Illo statim, die videlicet post electionem nostram quadragesimo quarto, Bracarensem episcopum, anno praeterito a domino praedecessore nostro Paschale papa in concilio Beneventi excommunicatum, in matris ecclesiae invasionem ingressis. Qui etiam, dum per manus nostras olim pallium accepisset, eidem domino nostro et catholicis successoribus ejus, quorum primus ego sum, fidelitatem juravit. In hoc tanto facinoroso nullum de Romano clero (Deo gratias!) imperator socium habuit, sed Wibertini soli, Romanus de Sancto Marcello, Centius qui dicebatur Sancti Chrisogoni, et Teuzo qui per Daciam multo tempore debacchatus est²⁸¹, tam infamem gloriam celebrarant. Vestro igitur experientiae litterarum praeepto mandamus, ut, super his communi per Dei gratiam deliberatione tractantes, ad matris ecclesiae ultionem communibus, praestante Deo, auxiliis sicut oportere cognoscitis accingamini. Data Gaitae, septimodecimo Kalendas Februarii²⁸².

432. Expulsus autem Gelasius, Salerni navibus conscensus, inde venit Genuam; indeque itinere pedestri Cluniacum contendens, ibidem obiit. Tunc, id est, anno Dominicae incarnationis millesimo centesimononodecimo cardinales, qui cum Gelasio venerat, simulque omnis ecclesia Cisalpina, Guidonem archiepiscopum Viennensem, in papam grandi paratu levantes, Calixtum vocarunt, religionis et efficacitae ipsius contuitu, sperantes se per illius potentiam, quod esset in auxiliando facultatis maximae, imperatoris viribus obniti posse. Nec ille credulos spei effectu exinaniens, mox concilio Remis celebrato investitos vel investiendos a laicis ab aeclesiis removit, pariter et imperatorem, nisi repisceret, involvens. Ita tempore aliquanto in inferioribus plagis moratus, ut partes suas auget, Romam, compositis in Gallia rebus, venit, libenterque a civibus (nam jam imperator discesserat) receptus est. Tum Burdinus, in medio relictus, Sutrium effugit, multis peregrinorum calamitatibus papatum suum fovere meditatus; sed, quomodo inde sit ejectus, sequenti epistola cognosces:

433. Calixtus episcopus, servus servorum Dei, dilectis fratribus et filiis, archiepiscopis, episcopis, abbatibus, prioribus, et ceteris tam clericis quam laicis, beati Petri fidelibus, per Gallias constitutis, salutem et apostolicam benedictionem. Quia dereliquit populus legem Domini, et in iudiciis ejus non ambulat, visitat Dominus virga iniquitates eorum et in verberibus peccata eorum: paternae tamen conservans viscera pietatis, de sua confidentes misericordia non relinquit. Diu siquidem, peccatis exigentibus, per illud Teutonicorum regis idolum, Burdinum videlicet, fideles ecclesiae conturbati sunt; et alii quidem capti, alii usque ad mortem carceris maceratione afflicti sunt. Nuper autem, festis Paschalibus celebratis, cum peregrinorum et pauperum clamores ferre penitus non possemus, cum ecclesiae fidelibus ab Urbe digressi sumus, et tamdiu Sutrium obsedimus, donec divina potentia et supradictum ecclesiae inimicum Burdinum, qui diabolo nidum ibidem fecerat, et locum ipsum, omnino in nostram tradidit potestatem. Rogamus itaque caritatem vestram ut pro tantis beneficiis una nobiscum Regi regum gratiae referatis, et in catholice ecclesiae obedientia et servitio constantissime maneatis, retributionem debitam in praesenti et futuro ab omnipotenti Domino ex ejus gratiam recepturi. Rogamus etiam ut has litteras alter alteri praesentari, omni remota negligentia, faciatis. Data Sutrii, quinto kalendas maii²⁸³.

434. Urbana omnino et excogitata faceta, ut eum quem oderat, regis Teutonici vocaret idolum; quod ille Mauritiū peritiam, tum in litteris tum in civilibus negotiis, magni pensaret. Erat is, ut dixi,

²⁸¹ Si veda nota n.° 272 in questa sezione per il rimando all'Introduzione.

²⁸² Si veda nota n.° 272 in questa sezione per il rimando all'Introduzione.

²⁸³ JL 5041 (Sutri aprile 27 1121) = PL CLXIII, Calixti II papae ep., CXXXI, cols. 1205-1206.

Bracarensis archiepiscopus, quae est civitas Hispaniae; quem multum quislibet revereri, et pene adorare, pro viva magnae industriae specie debuisset, nisi tam famoso facinore enitescere maluisset. Nec sanctissimam sedem nummis nundinari dubitavisset, si tam desperatus inveniretur venditor quam paratus erat emptor. Tum autem captus, et monachus factus, in Caveam, monasterium enim ita vocant, directus est.

Traduzione italiana:

Libro V

430. [...]. Appreso di quella morte [di Pasquale II, *scil.*], l'imperatore si diresse in fretta verso l'Urbe e una volta espulso Giovanni di Gaeta, cancelliere superiore del papa, che già era stato eletto con il nome di Gelasio, intruse sul soglio di Pietro Maurizio vescovo di Braga, di cognome Burdino. Questa lettera di Gelasio, però, lo spiega con maggiore precisione:

431. *«Dato che voi siete membri della Chiesa Romana, ci siamo preoccupati di spiegare alla vostra dilezione i recenti eventi che in essa sono accaduti. Dal momento in cui, dopo la nostra elezione, l'imperatore venne a Roma furtivamente e improvvisamente, fummo costretti a scappare. Egli chiese la pace dopo le minacce e gli atti di terrore. Diceva che avrebbe assicurato la pace, soltanto se noi gli avessimo prestato giuramento. A questo noi rispondemmo così: "Per la controversia che esiste tra la Chiesa e il Regno, noi acconsentiamo ad un accordo o ad una giusta soluzione, a suo tempo e luogo, ossia a Milano o a Cremona nel prossimo giorno di San Luca, con il consiglio e il giudizio dei nostri fratelli, che da Dio sono stati istituiti giudici della Chiesa e senza i quali non si può affrontare questo problema. Visto che l'imperatore ci chiede garanzie, noi queste promettiamo a parole e per iscritto, a meno che nel frattempo egli non lo impedisca, perché altrimenti promettere garanzie non è né il decoro, né la consuetudine della Chiesa". A quel punto, immediatamente, il quarantaquattresimo giorno dopo la nostra elezione, il vescovo di Braga, scomunicato l'anno prima dal nostro predecessore Pasquale nel concilio di Benevento, invase la Madre Chiesa. Inoltre, egli quando ricevette il pallio dalle nostre mani aveva giurato la fedeltà al Nostro Signore e ai suoi cattolici successori, dei quali io sono il primo. In cotanti misfatti, nessuno tra il clero romano, grazie a Dio, fu socio dell'imperatore, ma soltanto i Wibertini, Romano di San Marcello, Cencio che dicevano di San Crisogono e Teuzo, che aveva imperversato a lungo in Dacia, celebrarono tanta gloria infame. Inviemo alla vostra saggezza, pertanto, la ricezione di questa lettera affinché decidiate in comune e per la Grazia di Dio su questi temi e siate preparati, così come vi è richiesto fare e con il favore di Dio, per vendicare la Madre Chiesa con il vostro aiuto congiunto. Scritto in Gaeta, il giorno 16 gennaio».*

432. Una volta espulso, Gelasio s'imbarcò a Salerno e da lì arrivò a Genova e in seguito proseguì verso Cluny, dove morì. Allora, ossia nell'anno dell'Incarnazione del Signore millesimo centesimo diciannovesimo, i cardinali che erano venuti con Gelasio, insieme con tutta la Chiesa Cisalpina, elevarono al pontificato con grande pompa Guido, arcivescovo di Vienne, e lo chiamarono Callisto. Vista la considerazione per la sua pietà e la sua energia e grazie anche al suo potere, dato che aveva una grande influenza, Guido fu eletto con la speranza di resistere alla forza dell'imperatore. Callisto non tradì la loro fiducia: subito dopo aver convocato un concilio a Reims, rimosse dalla Chiesa tutti coloro i quali erano stati o si accingevano ad essere investiti dai laici, incluso l'imperatore, a meno che egli non si fosse pentito. Rimase ancora per qualche tempo in quelle regioni per rafforzare la propria posizione e dopo aver sistemato tutti i suoi affari in Gallia, Callisto giunse a Roma dove

fu accolto con benevolenza dai cittadini, dato che l'imperatore aveva già lasciato la città. Una volta abbandonato, Burdino fuggì a Sutri, dove cercò di mantenere il suo potere deprestando molti pellegrini. Di come fu espulso da quel luogo, però, lo spiega la seguente epistola:

433. *«Callisto vescovo, servo dei servi di Dio, ai diletti fratelli e figli, agli arcivescovi, ai vescovi, agli abati, ai priori e a tutti gli altri tanto chierici quanto laici, a tutti i fedeli di San Pietro presenti nelle Gallie, il saluto e l'apostolica benedizione. Quando il popolo abbandona la Legge di Dio e non cammina seguendo il suo Giudizio, il Signore punisce le iniquità con la verga e i loro peccati con la frusta; tuttavia mantiene nel profondo la pietà del Padre e non abbandona i fedeli nella sua Misericordia. Da lungo tempo, visti i loro pesanti peccati, i fedeli della Chiesa sono disorientati e turbati da quell'idolo del re dei teutonici, ossia Burdino; alcuni di loro furono catturati, altri sono afflitti per soffrire in carcere a vita. Allora, celebrata la festa della Pasqua, non avendo potuto ignorare i lamenti dei pellegrini e dei poveri, uscimmo dall'Urbe con i fedeli, e assediammo a lungo Sutri, dove il diavolo aveva costruito la sua dimora, fino a quando la Divina Potenza consegnò nelle nostre mani il suddetto Burdino, nemico della Chiesa, e la stessa Sutri. E così chiediamo alla vostra carità, che rendiate noti insieme a noi i tanti benefici della Grazia del Re dei Re e che rimaniate sempre e per sempre nell'obbedienza e al servizio della Chiesa Cattolica, perché riceverete la debita retribuzione da Dio onnipotente e dalla sua Grazia nel presente e nel futuro. Chiediamo inoltre che facciate circolare questa lettera con tutto il vostro impegno. Scritto in Sutri, il giorno 27 aprile».*

434. Squisito e raffinato uomo di ingegno, chi lo odiava, lo chiamava l'idolo del re di Germania, il quale certamente teneva Maurizio in grande stima tanto per la sua cultura quanto per le sue doti in politica. Egli era, come dissi, l'arcivescovo di Braga, una città dell'*Hispania*; il quale poteva essere molto molto riverito, quasi da venerare, per la sua zelante attività, se non fosse stato per aver preferito il fascino di quella malefatta. Né avrebbe esitato ad acquistare la Santa Sede, se avesse trovato un venditore tanto disperato quanto era preparato l'acquirente. Allora fu catturato, fatto monaco e inviato a Cava; così, infatti, chiamano il monastero.

Tradução portuguesa:

Livro V

430. [...]. Tomando conhecimento daquela morte [de Pascoal II, *scil.*], o imperador dirigiu-se rapidamente para a *Urbs* e uma vez expulso João de Gaeta, o chanceler superior do papa, que tinha já sido eleito com o nome de Gelásio, introduziu no trono de Pedro, Maurício, bispo de Braga, de apelido Burdino. Porém, esta carta de Gelásio explica tudo com maior precisão:

431. *«Dado que vós sois membros da Igreja romana, temo-nos preocupado em vos explicar os recentes eventos que nela aconteceram. No momento em que, depois da nossa eleição, o senhor imperador furtivamente e repentinamente chegou a Roma, nós fomos obrigados a fugir. Ele pediu a paz depois das ameaças e dos actos de terror. Dizia que teria assegurado a paz, desde que lhe tivéssemos prestado juramento. A isto nós contestamos desta forma: “Pela controvérsia que há entre a Igreja e o Reino, nós damos o nosso consenso a um acordo ou justa solução, no seu tempo e no seu lugar, ou seja, em Milão ou Cremona no próximo dia de São Lucas, com o conselho e o juízo dos nossos irmãos, que por Deus têm sido instituídos juizes da Igreja e sem os quais não se pode tratar deste assunto. E dado que o senhor imperador nos pede garantias, nós prometemos isto com as palavras e por escrito, a menos que, entretanto, ele o impeça, porque, caso contrário, prometer garantias não é nem decoro nem*

hábito da Igreja”. Naquele momento, imediatamente, no quadragésimo quarto dia depois da nossa eleição, o bispo de Braga, excomungado um ano antes pelo nosso predecessor, Pascoal, no concílio de Benevento, invadiu a Madre Igreja. Para além disso, quando recebeu o pálio das nossas mãos, jurou fidelidade a Nosso Senhor e aos seus sucessores, entre os quais eu sou o primeiro. Nestes grandes delitos ninguém entre o clero romano, graças a Deus, foi sócio do imperador, apenas os guibertinos, Romano de São Marcelo, Cêncio, que diziam de São Crisógono, e Teuzo, que por muito tempo tinha provocado desacatos na Dácia, celebraram uma glória tão infame. Por conseguinte, enviamos à vossa sabedoria a receção desta carta para que, pela Graça de Deus, decidais sobre estes temas em comum e estejais preparados, assim como vos é requerido e com o favor de Deus, para vingar a Madre Igreja com o vosso empenho conjunto. Dada em Gaeta, no dia 16 de janeiro».

432. Uma vez expulso, Gelásio embarcou em Salerno e de lá chegou a Génova e depois prosseguiu para Cluny, onde morreu. Então, ou seja, no ano da Incarnação do Senhor milésimo centésimo décimo nono, os cardeais que vieram com Gelásio, juntamente com toda a Igreja Cisalpina, elevaram ao pontificado com grande pompa e circunstância Guido, arcebispo de Vienne, e chamaram-no Calisto. Pela consideração da sua piedade e energia foi eleito com a esperança de que, através do seu poder, e dado que tinha uma grande influência, eles pudessem resistir à força do imperador. Calisto não traiu a confiança deles: imediatamente após a convocação de um concílio em Reims, removeu da Igreja todos aqueles que foram ou estavam prestes a ser investidos pelos leigos, incluindo o imperador, a menos que ele se tivesse arrependido. Continuou por algum tempo nessas regiões para fortalecer a sua posição e, depois de organizar todos os seus assuntos na Gália, deslocou-se para Roma e foi recebido com benevolência pelos cidadãos, uma vez que o imperador já havia deixado a cidade. Burdino, tendo ficado abandonado, fugiu para Sutri, onde tentou manter o seu poder pilhando muitos peregrinos. Porém, como ele foi expulso daquele lugar é explicado na carta seguinte:

433. *«Calisto bispo, servo dos servos de Deus, aos dilectos irmãos e filhos, aos arcebispos, aos bispos, aos abades, aos priores e a todos os outros tanto clérigos como leigos, a todos os fiéis de São Pedro presentes nas Gálias, saudação e apostólica benção.*

Quando o povo abandona a Lei de Deus e não caminha seguindo o seu Juízo, o Senhor pune as iniquidades com o bastão e os seus pecados com o chicote; todavia, mantém no seu íntimo a Piedade do Pai e não abandona os fiéis na sua Misericórdia. Desde há muito tempo, vistos os tão pesados pecados deles, os fiéis da Igreja estão desorientados e inquietos por causa do ídolo do rei dos teutónicos, ou seja, Burdino; alguns deles foram capturados e outros estão aflitos por sofrerem prisão perpétua. Então, celebrada a festa da Páscoa, não podendo ignorar os lamentos dos peregrinos e dos pobres, saímos da Urbs com os fiéis e cercamos durante muito tempo Sutri, onde o diabo tinha construído a sua casa, até que o Divino Poder entregou em nossas mãos o referido Burdino, inimigo da Igreja, e a mesma Sutri. E assim pedimos à vossa caridade que anuncieis connosco os muitos benefícios da Graça do Rei dos Reis e que fiqueis sempre e para sempre na obediência e no serviço da Igreja Católica, porque recebereis a devida retribuição de Deus omnipotente e da sua Graça no presente e no futuro. Pedimos, para além disto, que façais circular esta carta com todo o vosso empenho. Dada em Sutri, no dia 27 de abril».

434. Delicioso e refinado homem de engenho, quem o odiava chamava-o ídolo do rei da Alemanha, que certamente tinha Maurício em grande consideração tanto pela sua cultura como pelas suas

capacidades em política. Ele era, como disse, arcebispo de Braga, uma cidade da Hispânia; podia ter sido muito servido e respeitado, quase venerável, pela sua zelosa actividade, se não tivesse preferido o fascínio daquela maldade. Nem teria hesitado em comprar a Santa Sé se tivesse podido encontrar um tão desesperado vendedor tal como estava disposto o comprador. Então, foi capturado, feito monge e enviado para Cava; assim, de facto, chamam este mosteiro.

6) *Ex continuatione chronici Florentii wigorniensis opera*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, XIII, Supplementa tomorum I-XII, *Annales anglorum antiquis*, pars I). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1881, p. 130-131.

Nota biografica: Si tratta del monaco benedettino di Worcester Giovanni (ca. 1095-ca. 1141).

Opera: La *Chronica Chronicarum* di Giovanni di Worcester — una storia universale dall'origine del mondo fino al 1140 modellata sul *Chronicon* di Mariano Scoto (†1082-1083) — è stata considerata per lungo tempo come una continuazione dell'opera di Fiorenzo di Worcester, monaco inglese vissuto a cavallo tra XI e XII secolo. Secondo l'interpretazione tradizionale, Fiorenzo avrebbe scritto la cronaca fino al 1117-1118 (anno in cui morì, secondo l'opera, Giovanni di Worcester²⁸⁴) e successivamente fu Giovanni a continuarla fino al 1140. Recenti studi hanno parzialmente rivisto questa attribuzione, in quanto la parte degli annali dal 1095 fino al 1122 sembra essere fortemente basata sull'*Historia* di Edmero di Canterbury scritta dopo la morte di Fiorenzo di Worcester. Quest'ultimo probabilmente aiutò nella raccolta dei materiali e nella stesura dell'opera, del quale l'ideatore fu però Giovanni di Worcester che ampliò e corresse la cronaca fino al 1140.

Edizioni/Traduzioni principali: *The Chronicle of Florence of Worcester: With the Two Continuations*. Ed. Thomas Forester. London: Henry G. Bohn, 1854, p. 229-233 (il volume contiene anche la traduzione in inglese che abbiamo usato come riferimento per le nostre). *Iohannis monachi. Ex continuatione chronici Florentii wigorniensis opera*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, XIII, Supplementa tomorum I-XII, *Annales anglorum antiquis*, pars I). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1881, p. 130-131. *The Chronicle of John of Worcester, 1118-40*. Ed. John Reginald Homer Weaver. Oxford: Clarendon Press, 1908. *The Chronicle of John of Worcester*. Ed. Patrick McGurk; Reginald Ralph Darlington. Oxford: Oxford University Press, 1995-1998, vol. III, p. 142 e 150 (il volume contiene anche la traduzione in inglese). *The Winchcombe and Coventry Chronicles: Hitherto Unnoticed Witnesses to the Work of John of Worcester*. Ed. Paul Anthony Hayward. Tempe: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2010. 2 vols. (Con traduzione in inglese).

Bibliografia essenziale: BRETT, Martin (1981) — *John of Worcester and his Contemporaries*. In DAVIS, Ralph Henry Carless; WALLACE-HADRILL, John Michael, coord. — *The Writing of History in the Middle Ages*. Oxford: Clarendon Press, p. 101-26. DARLINGTON, Reginald Ralph; MCGURK, Patrick (1982) — *The Chronicon ex Chronicis of 'Florence' of Worcester and its Use of Sources for English History before 1066*. «Anglo-Norman Studies», vol. 5, p. 185-96. KEYNES, Simon (2001) — *Florence*. In LAPIDGE, Michael; BLAIR, John; KEYNES, Simon; SCRAGG, Donald, coord. — *The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England*. Oxford: Blackwell, p. 188. LAWRENCE-MATHERS, Anne E. (2013) — *John of Worcester and the science of history*. «Journal of Medieval History», vol. 39/3, p. 255274. HAYWARD, Paul

²⁸⁴ *Ex continuatione chronici Florentii wigorniensis opera*: 130 «Nonis Iulii obiit domnus Florentius Wigornensis monachus. Huius subtili scientia et studiosi laboris industria praeeminet cuncti haec chronicarum chronica».

Anthony (2010) — *John of Worcester*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_01544>. [Consultazione on-line il 17/01/2018].

1118. Sacrae memoriae Pascalis papa 14. Ka. Febr. defungitur, et loco eius Iohannes quidam Gaitenatus substitutus est et mutato nomine Gelasius est nuncupatus. Hic in monasterio Montis Casini ab infantia monachus nutritus et adultus, in ministerio venerabilium apostolicorum Desiderii, Urbani et Pascalis assiduus fuerat, cancellarii officio functus. Rex vero Teutonicus, qui et Romanus imperator, audito papam huic vitae decessisse, Romam advolat et Bracarensem episcopum, iam anno praeterito ab eodem papa Beneventi excommunicatum, cedente ab urbe Gelasio, papam instituit et ex Mauricio Gregorium nominat [...].

1119. Gelasius papa obiit et Cluniaci sepultus est; cui successit Guido Viennensis episcopus, qui alio nomine Calixtus nominatus est. [...]

1121. [...] Calixtus papa, viribus undecumque collectis, supra memoratum Mauricium, cognomento Burdinum, quem vocatum Gregorium in sede apostolica imperator cum suis fautoribus constituerat, cepit cumque suis omnibus spoliatum monasterio, ut monachus esset, contumeliose intrusit [...].

Traduzione italiana:

1118. Papa Pasquale II morì il diciannove gennaio e al suo posto fu eletto papa Giovanni, nativo di Gaeta, che cambiò il suo nome in Gelasio. Egli fu sin dall'infanzia monaco di Montecassino, dove fu educato e formato. Era stato assiduamente al servizio dei venerabili Apostolici Desiderio [Vittore III, *scil.*], Urbano e Pasquale, svolgendo il ruolo di cancelliere. Appresa la notizia della morte del papa, il re teutonico e imperatore romano corse a Roma e una volta fuggito Gelasio dall'Urbe elesse papa il vescovo di Braga, il quale era stato scomunicato dal pontefice romano [Pasquale II, *scil.*] a Benevento. E invece di Maurizio, l'imperatore lo chiamò Gregorio [...].

1119. Gelasio morì e fu sepolto a Cluny. Gli successe Guido al quale diedero il nome di Callisto. [...].

1121. [...] Papa Callisto riuni uomini provenienti da ogni dove e catturò il già menzionato Maurizio, di cognome Burdino, chiamato Gregorio, promosso nella Sede Apostolica dall'imperatore e dai suoi sostenitori. Dopo che Callisto lo spogliò di tutto, Maurizio fu oltraggiosamente rinchiuso in monastero, affinché rimanesse là come monaco [...].

Tradução portuguesa:

1118. O Papa Pascoal II morreu no dia dezanove de Janeiro e foi eleito papa, em seu lugar, João, natural de Gaeta, que mudou o seu nome para Gelásio. Foi desde a infância monge de Montecassino, onde foi criado e educado, e tinha estado assiduamente ao serviço dos veneráveis Apostólicos Desidério [Victor III, *scil.*], Urbano e Pascoal, desempenhando o papel de chanceler. O rei teutónico e imperador romano, tendo tido notícia da morte do papa, chegou rapidamente a Roma; depois de Gelásio ter fugido da *Urbs* elegeram papa o bispo de Braga, que tinha sido excomungado pelo mesmo papa [Pascoal II, *scil.*] em Benevento. E em vez de Maurício o imperador chamou-lhe Gregório [...].

1119. Gelásio morreu e foi enterrado em Cluny. Sucedeu-lhe Guido a quem deram o nome de Calisto. [...].

1121. [...]. O Papa Calisto, tendo reunido homens provenientes de todos os lugares, capturou o referido Maurício, de apelido Burdino, chamado Gregório, que foi promovido na Sé Apostólica pelo imperador e os seus partidários. Calisto depois de retirar tudo a Maurício, fechou-o de maneira ultrajante num mosteiro, para que aí ficasse como monge [...].

7) *The Ecclesiastical History of Orderic Vitalis*. Ed. Marjorie Chibnall. Vol. VI. Oxford: Clarendon Press, 1969, p. 184, 202, 209, 252, 274 e 306.

Nota biografica: Orderico Vitale (1075-1143) fu un cronista e monaco dell'abbazia benedettina di Saint-Évroult, in Normandia. Orderico era figlio di un ecclesiastico, *Odelarius* di Orléans, al servizio del conte di Shrewsbury, Ruggero di Montgomery. Orderico entrò in monastero come oblato da bambino, divenne diacono nel 1093 e probabilmente nel 1107 prete. Nel corso della sua esperienza monastica viaggiò spesso sia in Inghilterra (Worcester) che in Francia (Cambrai) e nel 1132 visitò il monastero di Cluny. Morì probabilmente prima di completare la sua *Historia Ecclesiastica*.

Opera: L'*Historia Ecclesiastica* di Orderico Vitale è un'opera divisa in tredici libri che va dalla nascita di Gesù Cristo fino al 1141. Accanto alle vicende religiose ed ecclesiastiche, Orderico Vitale diede grande attenzione ai principali eventi del suo tempo, come la conquista normanna dell'Inghilterra nel 1066; la prima Crociata; le vicende dei normanni dell'Italia meridionale; i rapporti tra Papato e Impero. L'*Historia Ecclesiastica* fu composta principalmente negli anni tra il 1123 e il 1131, anche se la sua ultima parte risale al periodo 1136-1141.

Edizioni/Traduzioni principali: *Orderici Vitalis angligenae coenobii Uticensis monachi. Ecclesiasticae Historiae*. Ed. Jacques-Paul Migne (Patrologia Latina, CLXXXVIII). Paris: Jacques-Paul Migne éditeur, 1855, cols. 17-984. *Orderici Vitalis angligenae coenobii Uticensis monachi. Historiae ecclesiasticae, libri tredicim*. Éd. par Auguste Le Prévost. Paris: Renouard, 1838-1855. 5 vols. *The Ecclesiastical History of Orderic Vitalis*. Ed. Marjorie Chibnall. Vol. VI. Oxford: Clarendon Press, 1969. L'opera era già stata tradotta in inglese nel XIX secolo (traduzione della quale ci siamo serviti e riproponiamo sostanzialmente per le nostre in italiano e in portoghese), si veda: *Ordericus Vitalis. The ecclesiastical history of England and Normandy*. Ed. Thomas Forester. Vol. III-IV. London: Henry G. Bohn, 1854-1856. Esiste anche una traduzione in francese dell'opera di Orderico Vitale. Disponibile in <<http://remacle.org/bloodwolf/historiens/vital/normands29.htm>>. [Consultazione realizzata on-line il 13/06/2020].

Bibliografia essenziale: CHIBNALL, Marjorie (1976) — *Charter and Chronicle: The Use of Archive Sources by Norman Historians*. In BROOKE, Christopher Nugent Lawrence; LUSCOMBE, David; MARTIN, Geoffrey H.; OWEN, Dorothy, coord. — *Church and Government in the Middle Ages: Essays Presented to C. R. Cheney on his 70th Birthday*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-17. CHIBNALL, Marjorie (1996) — *The World of Orderic Vitalis: Norman Monks and Norman Knights*. Martlesham: Boydell & Brewer. HINGST, Amanda Jane (2009) — *The Written World: Past and place in the work of Orderic Vitalis*. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press. ROZIER, Charles; ROACH, Daniel; GASPER, Giles; VAN HOUTS, Elisabeth, coord. — *Orderic Vitalis: Life, Works and Interpretations*. Woodbridge: Boydell Press, 2016. *Orderic Vitalis*. In CHISHOLM, Hugh, coord. — *Encyclopædia Britannica*. Disponibile in <<https://www.studylight>>.

org/encyclopedias/bri/o/orderic-vitalis.html>. [Consultazione realizzata on-line il 07/02/2018]. URQUHART, Francis (1911) — *Ordericus Vitalis*. In *The Catholic Encyclopedia*. Disponibile in <<http://www.newadvent.org/cathen/11278a.htm>>. [Consultazione realizzata on-line il 07/10/2019].

[...] Defuncto Paschali papa, Iohannes Caietanus, Romanorum pontificum antiquus cancellarius et magister, in Gelasium papam electus est; et contradicente imperatore, a Romano clero canonicè consecratus est. Tunc etiam Burdinus, Bragarum archiepiscopus, qui a suis fautoribus Gregorius VIII. Vocitatus est, imperatore conivente, in aecclesiam Dei intrusus est. Tunc gravis inde dissensio inolevit, saeva persecutio inhorruit, et catholicam plebem vehementer perturbavit...Gelasius papa eruditione litterarum apprime instructus fuit, et longa exercitatione, utpote qui praesulum apocrisiarius fere 40 annis enituerat, calluit; sed non plene duobus annis Romanae aecclesiae praefuit. Hic. Avaricia nimis aestuans, Gallias venit, et aecclesias illis in partibus immoderata superfluitate Quiritum opprimere coepit; sed cito instar gelu matutini, flante Deo, pertransiit [...]. [...] Indictione XI, Nonas Octobris [1118], concilium Rothomagi²⁸⁵ congregatum est. Ibi rex Henricus²⁸⁶ de pace regni tractavit cum Radulpho, Cantuariae archiepiscopo²⁸⁷, aliisque baronibus quos aggregaverat. [...] Ibi tunc Conracius Romanus clericus, Gelasii papae legatus²⁸⁸, eloquentissimo sermone, utpote latiali fonte a pueritia inebriatus, querimoniam facit de Carolo imperatore, Paschalis papae bonorum operum et aedificiorum pravo destructore, et catholicorum diro persecutore. Addidit etiam planctum de Burdino pseudopapa, apostolicae sedis invasore, et de multimodalibus Tusciae partibus Ecclesie tribulatione [...]. [...] Anno ab Incarnatione Domini 1119, indictione 12, Gelasius secundus papa 4. Kalendas februarii apud Cluniacum mortuus et sepultus est, et Guido, Viennensis archiepiscopus, in Calixtum papam 4. Nonas februarii electus est. Ibi Lambertus Ostiensis²⁸⁹ et Boso Portuensis²⁹⁰, Cono Praenestinus²⁹¹ et Iohannes Cremensis²⁹² aliique plures de Romano senatu clerici affuere, quibus specialis praerogativa concessa est papam eligere et consecrare. Intronzatus est itaque Guido, ab adolescentia castus, religiosus, largus, in opere Dei fervidus. Et multis pollens virtutibus. Hic filius fuit Guillelmi Testardiae, ducis Burgundionum²⁹³, quem Rainaldo duci²⁹⁴ peperit Adeliza²⁹⁵, filia Ricardi II. ducis Normannorum²⁹⁶, ac apud Valesdunas²⁹⁷ pugnavit contra Guillelmum Nothum²⁹⁸

²⁸⁵ Concilio di Reims dell'ottobre 1119.

²⁸⁶ Enrico I Beauclerc, figlio di Guglielmo *Il Bastardo* o *Il Conquistatore*, fu re d'Inghilterra dal 1100 al 1135. Si veda CROUCH, 2007: 157-182.

²⁸⁷ Rodolfo d'Escures fu arcivescovo di Canterbury tra il 1114 e il 1122. Cfr. TRUAX, 2012: 27-37.

²⁸⁸ Sul chierico Corrado si veda *Monumenta onomastica Romana*: III, 111.

²⁸⁹ Si veda nota n.° 42 in questa sezione.

²⁹⁰ Il vescovo di Porto era Pietro e non Boso, si veda nota n.° 39 in questa sezione. Per l'Identità di Boso, cfr. STROLL, 2004: 61-62.

²⁹¹ Si veda nota n.° 181 in questa sezione.

²⁹² Si veda nota n.° 48 in questa sezione.

²⁹³ Si veda la nota n.° 271 in questa sezione.

²⁹⁴ Rainaldo I conte di Borgogna (1026-1057), padre di Guglielmo I, nonno pertanto di Callisto II, cfr. STROLL, 2004: 45.

²⁹⁵ Alice di Normandia (1002-1038). Si veda VAN HOUTS, 2000: 294.

²⁹⁶ Riccardo II duca di Normandia (996-1026) padre di Alice di Normandia (si veda la nota precedente in questa sezione). Sul duca Riccardo II si veda BATES, 1994: 19-26.

²⁹⁷ Guglielmo *Il Bastardo* — meglio conosciuto come Guglielmo *Il Conquistatore* —, duca di Normandia dal 1035 e re d'Inghilterra dal 1066 fino alla sua morte avvenuta nel 1087. Sulle origini famigliari di Guglielmo si veda THOMAS, 2008: 18-29.

²⁹⁸ Enrico I re di Francia (1031-1060). Rinvio su questo punto a POWER, 2004: 205.

et Henricum regem Francorum²⁹⁹, et Vernonem³⁰⁰ atque Brionnam³⁰¹ contra eosdem fortiter tenuit per triennium. Sic de regali progenie ortus, frater ducum, consanguineus regum et augustorum, laudabilium imbutus nectare morum proventus est ad summum pontificium. Quo strenue quinque annis potitus est, et multa bona in domo De statuit atque operatus est [...]. [...] In Octobris medio Calixtus papa cum Romano senatu Remis venit, ibique 15 diebus demoratus concilium tenuit, et de utilitatibus aecclesie cum pastoribus dominici gregis sollerter tractavit [...]. [...] In novissimo concilii die, Barcinonensis episcopus, corpore quidem mediocris et macilentus, sed eruditione cum facundia et religione praecipuus, subtilem satisque profundum sermonem fecit de regali et sacerdotali dignitate, quem summa cuncti qui percipere poterant hauserunt aviditate. Tunc papa Karolum Henricum, imperatorem teomachum, et Burdinum pseudopapam, et fautores eorum moerens excommunicavit, aliosque scelerosos qui manifeste saepius correpti, sed inemendabiles perdurabant, illis associavit, parique anathematis percussione usque ad emendationem multavit [...]. [...] Anno ab incarnatione domini 1120, indictione 13, Calixtus papa, aecclesiasticis rebus in Gallia bene dispositis, Italiam adiit, et ingens nobilium utriusque ordinis agmen secum duxit, et a Romanis favorabiliter susceptus, apostolicam sedem quinque annis rexit. Hic multa bona opera, iuvante Deo, peregit, et specialis aecclesie temporibus nostris lux et virtutum. Burdinum, pseudo papam, Sutriae tyrannidem contra ecclesiam exercentem, comprehendit, et in coenobio quod Cavea dicitur, ne contra catholicorum pacem aliquo modo ganniret, intrusit. Ibi religiosorum habitatio est monachorum, quibus est secundum regularem ritum abundantia ciborum, et omnium quibus indiget humana necessitas, affluentia rerum. Ille vero locus extrinsecus inaccessibilis est, et nemo illuc nisi per unum aditum ingredi potest, ideoque monasterium istud Cavea praesagialiter appellatum est. Sicut enim leones vel ursi aliaeque indomitae ferae in cavea coartantur, ne, pro libitu suo libere discurrerent, in homines seu pecudes crudeliter grassentur, sic agrestes et indisciplinati, qui, sicut onagri solitudinis, per diversa lascivientes noxie vagantur, in hac scolari Cavea sub iugo Dei regulariter vivere coguntur [...].

Traduzione italiana:

Alla morte di Papa Pasquale, Giovanni di Gaeta, in precedenza cancelliere e apocrisario della Chiesa Romana, fu eletto papa contrariamente alla volontà dell'imperatore e fu consacrato canonicamente dal clero di Roma. Nel frattempo Burdino, chiamato dai suoi fautori Gregorio VIII, arcivescovo di Braga, grazie alle trame ordite dall'imperatore [Enrico V, *scil.*] fu imposto nella Chiesa di Dio. Così nacque un grave scisma e una grande persecuzione e ingiuria contro tutti i cattolici. Papa Gelasio era un uomo di grande cultura, essendo stato cancelliere della Chiesa Romana per quasi quarant'anni, aveva una grande esperienza nei negoziati ed era un politico capace, ma il suo governo non durò neanche due anni. La sua avarizia era così eccessiva che durante la sua visita nelle Gallie oppresse le chiese locali per soddisfare le spese elevatissime della Curia romana, ma morì all'improvviso, come la rugiada si dissolve al respiro di Dio. Indizione undicesima, 7 ottobre 1118. Il re Enrico indisse una dieta a Rouen per cercare di pacificare il regno insieme all'arcivescovo

²⁹⁹ Val-ès-Dunes è una pianura situata a dodici chilometri a sud-est di Chicheboville nel dipartimento del Calvados in Normandia, luogo di una famosa battaglia tra Guglielmo *Il Bastardo* o *Il Conquistatore*, supportato da Enrico I di Francia contro una coalizione di baroni ribelli. Si veda DECAENS, 1987: 91.

³⁰⁰ Vernon è un comune situato in Francia, nel dipartimento dell'Eure nell'attuale regione amministrativa della Normandia.

³⁰¹ Brionne è un comune situato in Francia, anch'esso nel dipartimento dell'Eure nell'attuale regione amministrativa della Normandia.

Rodolfo di Canterbury e altri baroni del regno che si recarono in quel luogo. A Rouen fu presente anche il legato di Papa Gelasio II, un chierico romano di nome Corrado, il quale, essendo intriso di cultura latina sin dall'infanzia, fece un sermone molto eloquente contro l'imperatore *Carlo* [Enrico V, *scil.*] distruttore delle buone opere di Papa Pasquale II e persecutore dei cattolici. Aggiunse inoltre le sue rimostranze per lo pseudopapa Burdino, invasore della Sede Apostolica, e per le molte tribolazioni che la Chiesa stava vivendo in Tuscia [Italia, *scil.*]. [...]. Nell'anno dall'Incarnazione del Signore 1119, Indizione dodicesima, Papa Gelasio II morì a Cluny, dove fu sepolto, il giorno 29 gennaio. Guido arcivescovo di Vienne fu eletto papa il primo febbraio e fu chiamato Callisto. Fu eletto dai presenti: Lamberto, vescovo di Ostia, Boso [Pietro, *scil.*], vescovo di Porto, Conone, vescovo di Preneste, insieme a Giovanni da Crema e molti altri chierici provenienti dal Senato romano, ai quali è riservata la speciale prerogativa di eleggere e consacrare il papa. Allora intronizzato Guido era sempre stato sin dall'infanzia continente, devoto, caritatevole, zelante nel servire Dio e dotato di molte virtù. Era il figlio di Guglielmo «Tête-Hardie», duca di Borgogna, a sua volta figlio del duca Rainaldo e di Alice figlia di Riccardo II di Normandia, il quale Guglielmo combatté a Val-ès-Dunes contro Guglielmo «Il Bastardo» ed Enrico re di Francia e difese strenuamente Vernon e Brionne per tre anni. Nato da stirpe e sangue reale, fratello di duchi e cugino di re e imperatori, altrettanto grande per le sue qualità, salì al soglio pontificio che amministrò fedelmente per cinque anni, con grandi provvedimenti e facendo il bene della Chiesa di Dio. Alla metà di ottobre [1119, *scil.*] il papa convocò un concilio a Reims che durò quindici giorni per trattare con i vescovi le questioni utili al governo della Chiesa. [...]. Nell'ultimo giorno del concilio, il vescovo di Barcellona, di corpo minuto e molto magro, ma pieno di fede e di cultura, fece un sermone fine ed esaustivo sulla dignità regale e sacerdotale, che tutti quelli che poterono capirlo, ascoltarono con grande fervore. Allora il papa scomunicò, «Carlo» Enrico, imperatore «teomaco», Burdino pseudopapa e i loro tristi fautori; associò a loro anche altri scellerati i quali nonostante fossero stati più volte ripresi e censurati, insistevano nel loro comportamento inammissibile. Anche questi ultimi furono sanzionati con l'arma dell'anatema fino a quando non si fossero redenti. Anno dall'Incarnazione del Signore 1120, indizione tredicesima. Una volta sistemata efficacemente la situazione ecclesiastica in Gallia, Callisto si diresse a Roma portando con sé un imponente esercito di nobili di entrambi gli ordini e fu accolto favorevolmente a Roma, reggendo la Sede Apostolica per cinque anni. Egli fece molte opere buone, quelle che servono Dio, luce speciale delle virtù della Chiesa ai nostri tempi. Il Papa Callisto catturò, inoltre, Burdino, antipapa, che continuava ad esercitare la sua tirannide contro la Chiesa dalla città di Sutri e lo imprigionò nel monastero chiamato Cava, in maniera che non turbasse più e in nessun modo la pace dei cattolici. Quel luogo è la dimora dei monaci religiosi, i quali secondo il rito regolare hanno abbondanza di cibo e dispongono di tutte le cose che servono a soddisfare le necessità umane. Quel luogo esterno era inaccessibile e nessuno poteva entrare se non per un unico cammino e per questo motivo questo monastero è chiamato Cava, quasi a mo' di presagio. Così come i leoni o gli orsi o le altre bestie selvagge vengono rinchiusi in gabbia, affinché non possano vagare liberamente e aggredire crudelmente gli uomini o le altre bestie, uomini così villani ed indisciplinati — che vagano per luoghi remoti e fanno i loro giochi maliziosi come degli asini — sono costretti a vivere imprigionati, secondo la regola e al servizio di Dio.

Tradução portuguesa:

Na altura da morte do Papa Pascoal, João de Gaeta, anteriormente chanceler e apocrisiário da Igreja romana, foi eleito papa contra a vontade do imperador e foi consagrado canonicamente pelo clero de Roma. Entretanto, Burdino, chamado pelos seus partidários Gregório VIII, arcebispo de Braga,

graças às intrigas criadas pelo imperador [Henrique V, *scil.*] foi imposto na Igreja de Deus. Assim nasceu um grave cisma e uma grande perseguição e injúria contra todos os católicos. O Papa Gelásio era um homem de grande cultura, tendo sido chanceler da Igreja romana por quase quarenta anos, tinha uma grande experiência nas negociações e era um político capaz, mas o seu governo nem durou dois anos. A sua avaréza era tão excessiva que durante a sua estadia nas Gálias oprimiu as igrejas para satisfazer os gastos elevadíssimos da Cúria romana, mas morreu de repente, como o orvalho se dissolve ao suspiro de Deus. Indicção décima primeira, 7 de outubro de 1118. O rei Henrique convocou uma Dieta para Ruão a fim de pacificar o reino juntamente com o arcebispo Rudolfo de Cantuária e com outros varões que para lá se dirigiram. Em Ruão também esteve presente o legado de Gelásio II, um clérigo romano chamado Conrado, que, cheio de cultura latina desde a infância, pregou um sermão muito eloquente contra o imperador Carlos [Henrique V, *scil.*] destruidor das boas obras do Papa Pascoal II e perseguidor dos católicos. Acrescentou, para além disto, as suas reclamações contra o antipapa Burdino, invasor da Sé Apostólica, pelos muitos sofrimentos que a Igreja estava a viver em Tuscia [Itália, *scil.*]. [...]. No ano da Incarnação do Senhor de 1119, indicção décima segunda, o Papa Gelásio morreu em Cluny, onde foi enterrado no dia 29 de janeiro. Guido, arcebispo de Vienne, foi eleito papa no dia 1 de fevereiro e foi chamado Calisto. Foi eleito pelos presentes: Lamberto, bispo de Óstia, Boso [Pedro, *scil.*], bispo de Porto [actual diocese suburbicária de Porto-Santa Rufina, Roma, *scil.*], Cuno, bispo de Preneste, juntos com João de Crema e muitos outros clérigos provenientes do senado romano a quem está reservada a especial prerrogativa de eleger e consagrar o papa romano. O então entronizado Guido tinha sempre sido, desde a infância, moderado, devoto, caridoso, muito comprometido no serviço de Deus e dotado de muitas virtudes. Era filho de Guilherme o *Imprudente*, duque da Borgonha, filho do duque Reinaldo e de Alice, filha de Ricardo II da Normandia, o mesmo Guilherme que lutou em Val-ès-Dunes contra Guilherme o *Bastardo* e Henrique de França e defendeu com todas as forças Vernon e Brienne por três anos. Nascido duma linhagem e de sangue real, irmão de duques e primo de reis e imperadores, igualmente grande pelas suas qualidades, subiu ao trono pontifício que administrou fielmente por cinco anos, com grandes disposições e fazendo o bem da Igreja de Deus. Em meados de outubro [1119, *scil.*], o papa convocou um concílio para Reims que durou quinze dias, para tratar com os bispos questões úteis ao governo da Igreja. [...]. No último dia do concílio, o bispo de Barcelona, com um corpo pequeno e muito magro, mas cheio de fé e de cultura, pregou um refinado e exaustivo sermão sobre a dignidade real e sacerdotal, que todos os que puderam perceber, ouviram com grande fervor. Então o papa excomungou «Carlos» Henrique, imperador «teómaco», e Burdino antipapa e os seus tristes partidários; associou a eles também outros desgraçados, que apesar de terem sido várias vezes repreendidos e censurados, insistiam nos seus comportamentos inadmissíveis. Também estes últimos foram condenados com o anátema até que se redimissem. Ano da Incarnação do Senhor de 1120, indicção décima primeira. Uma vez resolvida eficazmente a situação eclesiástica na Gália, o Papa Calisto dirigiu-se para Roma levando consigo um imponente exército de nobres de ambas as ordens. Foi acolhido com grande fervor em Roma, assegurando o governo da Sé Apostólica durante cinco anos. Fez muitas obras boas, aquelas que servem Deus, luz especial das virtudes da Igreja nos nossos tempos. Para além disto, o Papa Calisto capturou Burdino, antipapa, que continuava a exercer a sua tirania contra a Igreja desde a cidade de Sutri, e encarcerou-o no mosteiro chamado Cava, de maneira a que não voltasse a perturbar, de nenhuma forma, a paz dos católicos. Este lugar é a morada dos monges religiosos que, segundo o costume regular, têm abundância de comida e afluência de todas as coisas que satisfazem as necessidades humanas. Este lugar isolado era inacessível e ninguém podia lá entrar exceto por um único caminho e, por esta

razão, era chamado Cava [cova, *scil.*], quase como se fosse um presságio. Assim como os leões e os ursos ou outras bestas selvagens são fechados em jaulas, para que não possam circular livremente e atacar cruelmente os homens e os outros animais, também os homens vilãos e indisciplinados, que vagueiam por lugares remotos e fazem os seus jogos maliciosos como burros, são obrigados a viver aprisionados, segundo a regra e ao serviço de Deus³⁰².

8) *Ex annalium Uticensium continuatione*. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, *Scriptores*, XXVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1882, p. 507.

Nota biografica: Gli *Annales Uticenses* hanno più autori in quanto si tratta di una compilazione che va dall'XI al XVI secolo. Per il periodo di maggior interesse e più vicino temporalmente a Maurizio «Burdino», gli autori principali furono il monaco di Saint-Évroult Eberardo fino al 1091 e successivamente altri monaci tra cui Orderico Vitale, un elemento che potrebbe collocare la redazione dei passi qui riportati intorno al secondo quarto del XII secolo.

Opera: Si tratta degli annali del monastero benedettino di Saint-Évroult nella diocesi di Lisieux, in Normandia. L'opera copre un periodo che va dalla nascita di Gesù Cristo fino all'anno 1503. La parte degli annali fino alla fine dell'XI secolo fu fortemente influenzata da un'altra opera, gli *Annales Rotomagenses*.

Edizioni/Traduzioni principali: DELISLE, Léopold (1855) — *Annales Uticenses*. In LE PRÉVOST, Auguste, *coord.* — *Historiae ecclesiasticae, libri tredicim*. Vol. V. Paris: Apud J. Renouard et socios, p. 139-173. *Ex annalium Uticensium continuatione*. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, *Scriptores*, XXVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1882, p. 507-508.

Bibliografia essenziale: LE PRÉVOST, Auguste, *coord.* — *Historiae ecclesiasticae, libri tredicim*. Vol. V. Paris: Apud J. Renouard et socios, 1855, p. LXVIII-LXXI. MOLINIER, Auguste (1902) — *Annales Uticenses*. In *Les Sources de l'histoire de France — Des origines aux guerres d'Italie (1494)*. Vol. II. Paris: Picard et fils, p. 60. BAKER, Peter S., *coord.* — *Anglo-Saxon Chronicle. A Collaborative Edition*. Vol. VIII. Cambridge: Brewer, 2000, p. 1-3 (Introduction). Per il contesto politico generale della Normandia fino alla metà del XII secolo, rinvio alla monografia di HAGGER, Mark (2017) — *Norman Rule in Normandy, 911-1144*. Woodbridge: Boydell & Brewer.

1118. Paschalis papa obiit. Cui Gelasius successit, cuius in ecclesiam se intrusit [Burdinus] hereticus.

Traduzione italiana:

1118. Mori Papa Pasquale. Gli successe Gelasio, ma nella Chiesa si intruse [Burdino] l'eretico.

Tradução portuguesa:

1118. Morreu o Papa Pascoal. Sucedeu-lhe Gelásio, mas na Igreja introduziu-se o herege [Burdino].

³⁰² Per la traduzione in italiano e in portoghese sono state indispensabili le traduzioni inglesi citate in questa scheda bibliografica.

9) *Ex Henrici Huntingdoniensis archidiaconi historia anglorum*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, XIII, Supplementa tomorum I-XII, *Annales anglorum antiquis*, pars I). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1881, p. 147-148.

Nota biografica: L'autore dell'opera in questione è il chierico inglese Enrico di Huntingdon (ca. 1088-ca. 1157). Enrico fu al servizio dei vescovi di Lincoln Roberto Bloet (†1123) e Alessandro di Blois (†1148). Fu proprio quest'ultimo a commissionare ad Enrico l'*Historia Anglorum*.

Opera: L'*Historia Anglorum* è un'opera in latino scritta in prosa e in versi che narra le vicende dell'Inghilterra dall'arrivo di Giulio Cesare in Britannia fino all'ascesa al trono di Enrico II il Plantageneto (1154-1189).

Edizioni/Traduzioni principali: *Henrici Archidiaconi Huntendunensis. Historiae Anglorum. Libri Octo*. In PETRIE, Henry; SHARPE, John, coord. — *Monumenta Historica Britannica. Materials for the Bishop of Britain from the earliest period to the end of the reign of King Henry VII*. Vol. I. London: Command of her majesty, 1848, p. 689-763. *Ex Henrici Huntingdoniensis archidiaconi historia anglorum*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, XIII, Supplementa tomorum I-XII, *Annales anglorum antiquis*, pars I). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1881, p. 148-153. *Henrici Archidiaconi Huntendunensis. Historia Anglorum (The History of the English by Henry Archdeacon of Huntingdon from A.C. 55 to A.D. 11154 in Eight Books)*. Ed. Thomas Arnold. London: Rolls Series, 1879. L'opera è stata edita e tradotta in inglese: *Henry, Archdeacon of Huntingdon: Historia Anglorum: The History of the English People*. Ed. Diana Greenway. Oxford: Clarendon Press, 1996.

Bibliografia essenziale: GREENWAY, Diana (1987) — *Henry of Huntingdon and the Manuscripts of His Historia Anglorum*. «Anglo-Norman Studies», vol. 9, p. 103-26. GREENWAY, Diana (1996) — *Authority, Convention, and Observation in Henry of Huntingdon's Historia Anglorum*, «Anglo-Norman Studies», vol. 18, p. 105-122. PLASSMANN, Alheydis (2013) — *Bedingungen und Strukturen von Machtausübung bei Wilhelm von Malmesbury und Heinrich von Huntingdon*. In KERSKEN, Norbert; VERCAMER, Grischa, coord. — *Macht und Spiegel der Macht-Herrschaft in Europa im 12. und 13. Jahrhundert vor dem Hintergrund der Chronistik*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, p. 145-171. ROLING, Bernd (1999) — *Der Historiker als Apoget der Weltverachtung. Die Historia Anglorum des Heinrich von Huntingdon*. «Frühmittelalterliche Studien», vol. 33, p. 125-168. BEAL, Jane (2010) — *Henry of Huntingdon*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_01274>. [Consultazione realizzata on-line il 17/01/2018]. GREENWAY, Diana E. (2004) — *Henry [Henry of Huntingdon]*. In *Oxford Dictionary of National Biography*. Disponibile in <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-12970>>. [Consultazione realizzata on-line il 15/10/2019].

Ex Libro quinto. Sacrae memoriae Paschalis papae defungitur, et loco ejus Iohannes quidam, Caietanus, substituitur. Qui Iohannes in monasterio Montis Cassini ab infancia monachus nutritus et adultus in ministerio venerabilium apostolicorum Desiderii, Urbani et Paschalis assiduus fuerat cancellarii officio functus successor igitur summi pontificis institutus, mutato nomine Gelaius est nuncupatus. Rex vero teutonicus, qui et romanus imperator, auditio papam huic vita decessisse, romani advocat et Bracharensem episcopum, iam anno preterito ab eodem papa Beneventi excommunicatum, cedente ab Urbe Gelasio, suum papam intuit et ex Burdino Gregorium nominat. [...] Prefatus papa Gelasius per mare Burgundiam venit [...] morte preventum et Cluniaci esse sepultum [...] Guidonem Viennensem archiepiscopum [...] defuncti papae substituunt et mutato nomine Calixtum nuncupant.

Ex Libro sexto. [...] Papam Calyxtum, viribus undecumque collectis, supra memoratum Mauricium cognomento Burdinum, quem vocatum Gregorium in sede apostolica imperator cum suis fautoribus papam constituerat, cepisse eumque suis omnibus spoliatum monasterio, ut monachus esset, contumeliose intruisse.

Traduzione italiana:

Dal libro quinto. Morì il papa di sacra memoria Pasquale e al suo posto fu scelto Giovanni di Gaeta. Giovanni fu educato e formato sin dall'infanzia come monaco del monastero di Montecassino e da adulto fu al servizio dei venerabili Apostolici Desiderio [Vittore III, *scil.*], Urbano e Pasquale dei quali fu cancelliere. Una volta scelto come loro successore, in qualità di sommo pontefice fu chiamato Gelasio. Il re di Germania e imperatore romano appresa la notizia della morte del papa convocò i romani e mentre Gelasio lasciava l'Urbe, promosse sul soglio di Pietro il suo papa, Maurizio vescovo di Braga, scomunicato l'anno precedente dal papa [Pasquale II, *scil.*] a Benevento, il quale da Burdino passò ad essere chiamato Gregorio. Il suddetto Papa Gelasio viaggiò per mare e arrivò fino in Borgogna, dove morì e fu sepolto nel monastero di Cluny. Sostituirono il papa defunto con l'arcivescovo di Vienne Guido e lo chiamarono Callisto.

Dal Libro sesto. Riuniti uomini da ogni luogo, Papa Callisto catturò il già menzionato Maurizio, di cognome Burdino, il quale chiamato Gregorio fu promosso nella Sede Apostolica dall'imperatore e dai suoi sostenitori. Con i suoi alleati e dopo essere stato spogliato di tutto, Maurizio fu ingiuriosamente rinchiuso in monastero, affinché vi rimanesse come monaco.

Tradução portuguesa:

Do libro quinto. Morreu o papa de sagrada memória Pascoal e para o seu lugar foi escolhido João de Gaeta. João foi criado e educado desde a sua infância como monge no mosteiro de Montecassino e como adulto prestou serviço aos veneráveis Apostólicos Desidério [Victor III, *scil.*], Urbano e Pascoal, dos quais foi chanceler. Uma vez escolhido como sucessor, como sumo pontífice foi chamado Gelásio. O rei da Alemanha e imperador romano tendo recebido a notícia da morte do papa convocou os romanos. Enquanto Gelásio deixava a *Urbs*, o imperador colocou no trono de Pedro o seu papa, Maurício, bispo de Braga, que tinha sido excomungado no ano anterior pelo papa [Pascoal II, *scil.*], em Benevento, e de Burdino passou a ser chamado Gregório. O já referido Papa Gelásio viajou por mar até à Borgonha; morreu e foi enterrado no mosteiro de Cluny. Substituíram o defunto papa pelo arcebispo de Vienne, Guido, a quem chamaram Calisto.

Do livro sexto. Reunidos homens provenientes de muitos lugares, o Papa Calisto capturou o já mencionado Maurício, de apelido Burdino, chamado Gregório, promovido na Sé Apostólica pelo imperador e os seus partidários. Com os seus aliados, e depois de ter privado Maurício de tudo, fechou-o de maneira ultrajante num mosteiro, para que aí ficasse como monge.

10) *The Historia Pontificalis of John of Salisbury.* Ed. Marjorie Chibnall. Oxford: Clarendon Press, 1986, p. 85.

Nota biografica: Giovanni di Salisbury (1115/1120-1180) fu un importante ecclesiastico e intellettuale del XII secolo. Si formò in Francia a Chartres e a Parigi sotto l'egida dei principali maestri dell'epoca, tra i quali Abelardo (†1142) e Gilberto Porretano (†1154), per poi rientrare

in Inghilterra diventando segretario degli arcivescovi di Canterbury Teobaldo di Bec († 1161) e San Thomas Becket (†1170). Giovanni di Salisbury ebbe anche incarichi di rilievo presso la corte inglese e la Sede Apostolica, ma dopo l'assassinio di Thomas Becket e a causa della sua opposizione al re d'Inghilterra Enrico II il Plantageneto (†1189), fu costretto a fuggire in Francia, dove occupò fino alla morte la carica di vescovo di Chartres.

Opera: L'opera scritta probabilmente verso il 1167 è una storia della Curia papale negli anni tra il 1148 e il 1152. Il passaggio dell'incoronazione della regina Matilde d'Inghilterra, moglie del re di Germania e imperatore Enrico V dal 1114, è particolarmente interessante. Nel 1117, infatti, Enrico V fu incoronato imperatore (di nuovo, la prima volta fu incoronato nel 1111 da Pasquale II) da Maurizio «Burdino», che proprio per questo motivo fu scomunicato da Pasquale II. Pertanto, se mai Matilde fu incoronata in quell'anno insieme al marito, l'autore dell'incoronazione non poteva che essere l'arcivescovo di Braga, che poco tempo dopo accederà al soglio di Pietro con il nome di Gregorio VIII, e non da Pasquale II come sostenuto nell'*Historia Pontificalis*, come osservato da M. Chibnall. Giovanni di Salisbury attribuisce il gesto a Pasquale II, in quanto una possibile incoronazione da parte di un arcivescovo scomunicato avrebbe gettato un'ombra pesante su Matilde — figlia del re d'Inghilterra Enrico I Beauclerc e di Edith/Matilde di Scozia e nipote di Guglielmo «Il Conquistatore» — e sulla sua legittimità a succedere al padre. Come ha evidenziato R. Grosse, inoltre, Giovanni di Salisbury era perfettamente a conoscenza della vicenda di «Burdino» come dimostra la sua corrispondenza con Enrico II d'Inghilterra, un fatto che sembra confermare la censura volontaria di Maurizio «Burdino» da parte dell'autore. Nell'opera di Giovanni di Salisbury questo violento attacco a Matilde viene lanciato dall'arcidiacono di Séz e successivamente vescovo di Lisieux Arnulfo, il quale sosteneva che Matilde fosse la figlia di una suora del monastero di Romsey e nata da un incesto, mentre la figlia di Enrico I viene difesa da Ulgero di Angers il quale affermò la piena legittimità di Matilde incoronata imperatrice da Papa Pasquale II.

Edizioni/Traduzioni principali: Si veda *Historia Pontificalis a. 1148-1152*. Ed. Wilhelm Arndt (MGH, Scriptores, XX). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1868, p. 515-545. L'edizione più recente (con una dettagliata introduzione) è *The Historia Pontificalis of John of Salisbury*. Ed. Marjorie Chibnall. Oxford: Clarendon Press, 1986 (testo latino e traduzione in inglese che abbiamo usato con riferimento per le nostre in italiano e in portoghese). Si tratta della nuova ed aggiornata edizione dell'opera della stessa autrice pubblicata negli anni cinquanta del XX secolo, CHIBNALL, Marjorie (1956) — *John of Salisbury's Memoirs of the Papal Court*. London: Nelson.

Bibliografia essenziale: La letteratura sull'opera e il pensiero di Giovanni di Salisbury è vastissima e ci limitiamo in questa sede a rinviare all'introduzione dell'edizione di *The Historia Pontificalis of John of Salisbury*. Ed. Marjorie Chibnall. Oxford: Clarendon Press, 1986, in particolare p. XIX-XL e al volume WILKS, Michael, coord. (1984) — *The World of John of Salisbury*. Oxford: Clarendon Press. Si veda inoltre la più recente opera di GRELLARD, Christoph; LACHAUD, Frédérique, coord. (2014) — *A Companion to John of Salisbury*. Boston; Leiden: Brill. Sul pensiero di Giovanni di Salisbury si vedano anche MONAGLE, Clare (2004) — *Contested Knowledges: John of Salisbury's Metalogicon and Historia Pontificalis*. «Parergon», vol. 21/1, p. 1-17 e TAYLOR, Quentin (2006) — *John of Salisbury, the Policraticus, and Political Thought*. «Humanitas», vol. XIX/1-2, p. 133-157. GROSSE, Rolf (2008) — *La fille aînée de l'Église: Frankreichs Kirche und die Kurie im 12. Jahrhundert*. In JOHRENDT, Jochen; MÜLLER, Harald, coord. — *Römisches Zentrum und kirchliche Peripherie. Das universale papsttum als Bezugspunkt der Kirchen von den Reformpäpsten bis zu Innozenz III*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, p. 304. Per una visione generale dei principali aspetti biografici di Giovanni di Salisbury rinvio alle voci enciclopediche *Giovanni*

di Salisbury. In *Enciclopedia Treccani*. Disponibile in <<http://www.treccani.it/enciclopedia/giovanni-di-salisbury/>>. [Consultazione realizzata on-line il 28/02/2018] e *John of Salisbury*. In *Encyclopædia Britannica*. Disponibile in <<https://www.britannica.com/biography/John-of-Salisbury>>. [Consultazione realizzata on-line il 28/02/2018]. Su Matilde d'Inghilterra rinvio alla lettura di CHIBNALL, Marjorie (1993) — *The Empress Matilda: Queen Consort, Queen Mother and Lady of the English*. Oxford: Wiley-Blackwell, p. 32-33. Si veda inoltre GARNETT, George (2007) — *Conquered England: Kingship, Succession, and Tenure 1066-1166*. Oxford: Oxford University Press, p. 221 e note n. 729 e 730.

Et qui velut proditor defunctum dominum condempnas incesti, adversus matrem tuam sanctam Romanam ecclesiam, calcaneum contumaciter erigis. Ipsa enim confirmavit matrimonium quod accusas, filiamque ex eo susceptam dominus Paschalis Romanus Pontifex inunxit in imperatricem.

Traduzione italiana:

Inoltre, accusando il tuo defunto signore di incesto, stai calpestando la tua stessa madre Chiesa. La stessa Chiesa che confermò il matrimonio che tu adesso stai attaccando e la figlia da lei protetta incoronata imperatrice dal pontefice romano Pasquale [II, *scil.*].

Tradução portuguesa:

Para além disto, ao acusares o teu defunto senhor de incesto, estás a pisar a mãe Igreja. A mesma Igreja que confirmou o matrimónio que tu agora estás a atacar juntamente com a filha, que a Igreja protege, coroada imperatriz pelo pontífice romano Pascoal [II, *scil.*].

11) *Magistri Rogeri de Hovedene. Chronica*. Ed. William Stubbs. Vol. I. London: Longmans, Green and Co., 1868, p. 172-173 e 178-179.

Nota biografica: Della vita di Ruggero di Hoveden si conosce molto poco prima del 1174. Ruggero nacque probabilmente a Howden nello Yorkshire. Successivamente si formò nella scuola monastica di Durham e potrebbe essere stato professore di teologia a Oxford. Nel 1174 fu impiegato dal re d'Inghilterra Enrico II «Il Plantageneto» (1133-1189) per amministrare le risorse forestali e la riscossione delle tasse. Rimase anche al servizio del re Riccardo I «Cuor di Leone» (†1199) che accompagnò in Terrasanta durante la terza crociata (1189-1192). Morì dopo il 1201.

Opera: La *Chronica* di Ruggero di Hoveden copre il periodo dal 732 fino al 1201. La prima parte dell'opera (composta attorno al 1150) è fortemente basata sull'opera di Beda, mentre dal 1148 al 1170 Ruggero utilizzò materiale contenuto nella Cronaca di Melrose e nell'*Historia regum* attribuita a Simeone di Durham. La parte della *Chronica* che va dal 1170 al 1192 è tratta essenzialmente dall'opera intitolata *Gesta Henrici Regis Secundi et Gesta Regis Ricardi*, attribuita erroneamente in passato dagli studiosi al monaco Benedetto abate del monastero di Peterborough (†1193). L'ultima parte, quella dal 1192 al 1201, è invece considerata come quella più originale nell'intera *Chronica* nella quale Ruggero intervenne con maggiore attenzione.

Edizioni/Traduzioni principali: *Rogeri Hovedeni. Annalium pars prior et posterior*. In BISHOP, George; NUBERIE, Ralph; BARKER, Robert, coord. — *Rerum Anglicarum Scriptores Post Bedam Praecipui, ex vetustissimis codicibus manuscriptis nunc primum in lucem editi*. London: Typographi regij Deputati, 1596, p. 229-281. *Magistri Rogeri de Hovedene. Chronica*. Ed. William Stubbs. Vol.

I. London: Longmans, Green and Co., 1868. Per una edizione parziale, si veda infine *Ex Rogeri de Hoveden Chronica*. Ed. Felix Liebermann; Reinhold Pauli (MGH, Scriptorum, XXVII). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1885, p. 133-183. L'opera è stata tradotta in inglese (traduzione da noi consultata), *The annals of Roger de Hoveden: Comprising the history of England and of other countries of Europe from A.D. 732 to A.D. 1201*. Ed. Henry T. Riley. London: H. G. Bohn, 1853.

Bibliografia essenziale: *Roger of Hoveden*. In CHISHOLM, Hugh, coord. — *Encyclopædia Britannica*. Vol. 23. Cambridge: Cambridge University Press, 1911, p. 454-455. CORNER, David (1983) — *The Gesta Regis Henrici Secundi and Chronica of Roger, Parson of Howden*. «Bulletin of the Institute of Historical research», vol. 56, p. 126-144. GILLINGHAM, John (2002) — *Two Yorkshire historians compared: Roger of Howden and William of Newburgh*. «Haskins Society Journal», vol. 12, p. 15-37. GILLINGHAM, John (2006) — *Writing the Biography of Roger of Howden, King's Clerk and Chronicler*. In BATES, David; CRICK, Julia; HAMILTON, Sarah, coord. — *Writing Medieval Biography, 750-1250: Essays in Honour of Frank Barlow*. Woodbridge: Boydell & Brewer, p. 207-220. Si vedano inoltre CORNER, David (2004) — *Howden [Hoveden], Roger of*. In *Oxford Dictionary of National Biography*. Disponibile in <<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-13880>>. [Consultazione realizzata on-line il 15/10/2019] e RUCH, Lisa M. (2010) — *Roger of Howden*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_02208>. [Consultazione realizzata on-line il 15/10/2019].

Henricus Romanorum imperator expulit Gelasius papam ab urbe Romam. Rex vero Teutonicus, Henricus, qui et Romanus imperator audiens papam esse defunctam. Romam advolat, et Bracarensem episcopum, jam anno praterito ab eodem papa Beneventi excommunicatum, cedente ab urbe Gelasio, papam instituit, et ex Burdino Gregorium nominavit. [...] Qui XVII Kalendas Februarii missa per Gallias epistola archiepiscopis, episcopis, abbatibus, clericis et principibus conquestus est, se ab imperatore de Roma violenter expulsum, et Bracarensem episcopum excommunicatum in apostolicam sedem intrusum; simul exhortans, ut ad matris ecclesie ultionem communibus auxiliis sese prepararent³⁰³.

[...] Anno M^oC^oXIX^o. Gelasius apud Cluniacum obiit, ibidemque sepelitur. In cuius locum cardinales, aliique Romani, qui eum illuc secuti fuerant, Widonem Viennensem archiepiscopum substituerunt. Dumque in Burgundia haec geruntur, Apostolatus Romanae ecclesiae a supradicto Gregorio amministratur. Super his duobus ita in papatum sullimatis orbis concussus, in studia partium dividitur atque, aliis hunc, aliis illum favore prosequentibus, gravi ecclesia scandalo percellitur.

[...] Eodem anno peracto paschali festo, Calixtus papa cum multa manu ab Urbe digressus, tamdiu Sutrinam civitatem obsedit, donec et Burdinum et locum ipsum cepisset, sicut epistola subdita planius edocet.

Calixtus episcopus, servus servorum Dei, dilectis fratribus et filiis, archiepiscopis, episcopis, abbatibus, prioribus, et ceteris tam clericis quam laicis, beati Petri fidelibus, per Gallias constitutis, salutem et apostolicam benedictionem. Quia dereliquit populus legem Domini, et in iudiciis ejus non ambulat, visitat Dominus virga iniquitates eorum et in verberibus peccata eorum: paternae tamen conservans viscera pietatis, de sua confidentes misericordia non relinquit. Diu siquidem, peccatis exigentibus, per

³⁰³ Si veda la nota n.° 272 in questa sezione.

illud Teutonicorum regis idolum, Burdinum videlicet, fideles ecclesiae conturbati sunt; et alii quidem capti, alii usque ad mortem carceris maceratione afflicti sunt. Nuper autem, festis Paschalibus celebratis, cum peregrinorum et pauperum clamores ferre penitus non possemus, cum ecclesiae fidelibus Ab Urbe digressi sumus, et tamdiu Sutrium obsedimus, donec divina potentia et supradictum ecclesie inimicum Burdinum, qui diabolo nidum ibidem fecerat, et locum ipsum, omnino in nostram tradidit potestatem. Rogamus itaque caritatem vestram ut pro tantis beneficiis una nobiscum Regi regum gratiae referatis, et in Catholice ecclesiae obedientia et servitio constantissime maneatis, retributionem debitam in praesenti et futuro ab omnipotente Domino et Ejus gratiam recepturi. Rogamus etiam ut has litteras alter alteri praesentari, omni remota negligentia, faciatis. Data Sutrii, VI° kalendas Maii.

Traduzione italiana:

Enrico imperatore dei romani cacciò dalla città di Roma Papa Gelasio. Il re teutonico e imperatore dei romani apprese la notizia della morte del papa. Arrivò velocemente a Roma e promosse sul soglio di Pietro, dato che Gelasio fuggì dall'Urbe, l'arcivescovo di Braga, scomunicato l'anno prima dal papa [Pasquale II, scil.] a Benevento, il quale cambiò nome da Burdino a Gregorio. [...] [Papa Gelasio II, scil.] il 16 gennaio inviò una lettera a tutti gli arcivescovi, vescovi, abati, chierici e principi delle Gallie per avvisarli che era stato espulso da Roma dall'imperatore Enrico e che lo scomunicato vescovo di Braga Burdino occupava indegnamente la Sede Apostolica e allo stesso modo li esortava a prepararsi a dare il proprio aiuto comune per vendicare la Madre Chiesa.

[...]. Anno 1119. Gelasio morì a Cluny, dove fu anche sepolto. In quel luogo i cardinali e gli altri romani che accompagnarono Gelasio in Francia, lo sostituirono con l'arcivescovo di Vienne Guido e lo chiamarono Callisto. E mentre accadevano queste cose in Borgogna, nel frattempo l'Apostolato della Chiesa Romana era amministrato dal suddetto Gregorio. Su questi due, elevati entrambi al soglio pontificio, il mondo si divise e alcuni si schierarono con l'uno, altri con l'altro e la Chiesa fu sconvolta da questo grave scandalo.

[...] Quell'anno passata la festa di Pasqua, Papa Callisto uscì da Roma con un grande numero di uomini armati e assediò a lungo la città di Sutri, fino a quando non catturò Burdino e prese la città, così come egli stesso ci racconta nella lettera qui riportata:

«Callisto vescovo, servo dei servi di Dio, ai diletti fratelli e figli, agli arcivescovi, ai vescovi, agli abati, ai priori e a tutti gli altri tanto chierici quanto laici, a tutti i fedeli di San Pietro presenti nelle Gallie, il saluto e l'apostolica benedizione. Quando il popolo abbandona la Legge di Dio e non cammina seguendo il suo Giudizio, il Signore punisce le iniquità con la verga e i loro peccati con la frusta; tuttavia mantiene nel profondo la pietà del Padre e non abbandona i fedeli nella sua Misericordia. Da lungo tempo, visti i loro pesanti peccati, i fedeli della Chiesa sono disorientati e turbati da quell'idolo del re dei teutonici, ossia Burdino; alcuni di loro furono catturati, altri sono afflitti per soffrire in carcere a vita. Allora, celebrata la festa della Pasqua, non avendo potuto ignorare i lamenti dei pellegrini e dei poveri, uscimmo dall'Urbe con i fedeli, e assediammo a lungo Sutri, dove il diavolo aveva costruito la sua dimora, fino a quando la Divina Potenza consegnò nelle nostre mani il suddetto Burdino, nemico della Chiesa, e la stessa Sutri. E così chiediamo alla vostra carità, che rendiate noti insieme a noi i tanti benefici della Grazia del Re dei Re e che rimaniate sempre e per sempre nell'obbedienza e al servizio della Chiesa Cattolica, perché riceverete la debita retribuzione da Dio onnipotente e dalla sua Grazia nel presente e nel futuro. Chiediamo inoltre che facciate circolare questa lettera con tutto il vostro impegno. Scritto in Sutri, il giorno 26 aprile».

Tradução portuguesa:

Henrique imperador dos romanos expulsou da cidade de Roma o Papa Gelásio II. O rei teutónico e imperador dos romanos recebeu a notícia da morte do papa. Chegou rapidamente a Roma e colocou no trono de Pedro, uma vez que Gelásio deixara a *Urbs*, o arcebispo de Braga, excomungado no ano anterior pelo Papa [Pascoal II, *scil.*], em Benevento, que mudou o seu nome de Burdino para Gregório. [...]. [o Papa Gelásio II, *scil.*] enviou, no 16 de janeiro, uma carta a todos os arcebispos, bispos, abades, clérigos e príncipes das Gálias avisando-os que tinha sido expulso de Roma pelo imperador Henrique e que o excomungado bispo de Braga, Burdino, ocupava indignamente a Sé Apostólica. De igual modo exortava-os a prepararem-se para darem a sua contribuição para vingar a Madre Igreja.

[...]. Ano de 1119. Gelásio morreu em Cluny, onde foi enterrado. Neste lugar, os cardeais e outros romanos que seguiram Gelásio até França substituíram-no pelo arcebispo de Vienne, Guido, e deram-lhe o nome de Calisto. E enquanto aconteciam estas coisas na Borgonha, o pontificado da Igreja romana era administrado pelo referido Gregório. Sobre estes dois, ambos elevados ao sólio papal, o mundo dividiu-se e alguns alinharam com um e outros apoiaram o outro, e por este grave escândalo a Igreja foi muito perturbada.

[...]. Neste ano [1121, *scil.*], passada a festa da Páscoa, o Papa Calisto saiu de Roma e cercou com um grande número de homens armados e durante muito tempo a cidade de Sutri, até capturar Burdino e tomar a cidade, tal como ele mesmo nos conta nesta carta aqui transcrita:

«Calisto bispo, servo dos servos de Deus, aos dilectos irmãos e filhos, aos arcebispos, aos bispos, aos abades, aos priores e a todos os outros tanto clérigos como leigos, a todos os fiéis de São Pedro presentes nas Gálias, saudação e apostólica benção. Quando o povo abandona a Lei de Deus e não caminha seguindo o seu Juízo, o Senhor pune as iniquidades com o bastão e os seus pecados com o chicote; todavia, mantém no seu íntimo a Piedade do Pai e não abandona os fiéis na sua Misericórdia. Desde há muito tempo, vistos os tão pesados pecados deles, os fiéis da Igreja estão desorientados e inquietos por causa do ídolo do rei dos teutónicos, ou seja, Burdino; alguns deles foram capturados e outros estão aflitos por sofrerem prisão perpétua. Então, celebrada a festa da Páscoa, não podendo ignorar os lamentos dos peregrinos e dos pobres, saímos da Urbs com os fiéis e cercamos durante muito tempo Sutri, onde o diabo tinha construído a sua casa, até que o Divino Poder entregou em nossas mãos o referido Burdino, inimigo da Igreja, e a mesma Sutri. E assim pedimos à vossa caridade que anunciéis connosco os muitos benefícios da Graça do Rei dos Reis e que fiqueis sempre e para sempre na obediência e no serviço da Igreja Católica, porque recebereis a devida retribuição de Deus omnipotente e da sua Graça no presente e no futuro. Pedimos, para além disto, que façais circular esta carta com todo o vosso empenho. Dada em Sutri, no dia 26 de abril».

12) Roger of Wendover. *Chronica sive Flores Historiarum*. Ed. Henry Octavius Coxe. Vol. II. London: Sumptibus Societatis, 1841-1844, p. 194 e 196-197.

Nota biográfica: Ruggero di Wendover fu un importante monaco e cronista del XIII secolo. Nacque probabilmente a Wendover nel Buckinghamshire (Inghilterra meridionale) e successivamente entrò nel monastero di St. Albans. Fu nominato a capo del priorato benedettino di Belvoir tra il 1214 e il 1220 (nell'area di Leicester), che abbandonò nei primi anni del regno di Enrico III d'Inghilterra

(1207-1272) per via dell'accusa di averne malgestito il patrimonio e dissestato le finanze della comunità. Successivamente fece ritorno a St. Albans, dove morì intorno al 1236.

Opera: I *Flores Historiarum* sono una storia universale che va dalla Creazione del mondo fino al 1235. L'opera è particolarmente rilevante per gli eventi posteriori al 1202, dei quali Ruggero fu testimone diretto. Dei *Flores Historiarum* esistono anche altre *continuationes* scritte nel XIII e XIV secolo.

Edizioni/Traduzioni principali: *Roger of Wendover. Chronica sive Flores Historiarum*. Ed. Henry Octavius Coxe. Vol. II. London: Sumptibus Societatis, 1841-1844, p. 194 e 196-197. L'opera è stata tradotta in inglese già nel XIX secolo, si veda GILES, John Allen (1849) — *Roger of Wendover's Flowers of History*. London: Henry G. Bohn. Per gli anni successivi al 1154 si veda l'edizione *Rogeri de Wendover Liber qui dicitur flores historiarum ab anno domini MCLIV. annoque Henrici Anglorum regis secundi primo*. Ed. Henry G. Hewlett. London: Printed for her Majesty's Stationary Office by Eyre and Spottiswoode, 1886-1889.

Bibliografia essenziale: DAVIS, Henry William Carless (1911) — *Roger of Wendover*. In *Encyclopædia Britannica*. Vol. 23. Cambridge: Cambridge University Press, p. 454. GALBRAITH, Vivian Hunter (1970) — *Roger Wendover and Matthew Paris*. Glasgow: David Murray Foundation-University of Glasgow. COLLARD, Judith (2008) — *Flores Historiarum Manuscripts: The Illumination of a Late Thirteenth-Century Chronicle Series*. «Zeitschrift für Kunstgeschichte», vol. 71/4, p. 441-466. RUCH, Lisa M. (2010) — *Roger of Wendover*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_02210>. [Consultazione realizzata on-line il 02/02/2018.]

Scisma orta est Romae propter Gelasium antipapam.

Anno Domini MCXVIII., defuncto papa Paschali, Gelasius antipapa anno uno successit.

Quod, defuncto papa Gelasio, Calixtus successit.

Anno Domini MCXIX., defuncto papa Gelasio successit ei Calixtus annis decem, mensibus totidem et diebus tredecim; fuerat enim autem episcopus Viennensis, Wido prius vocatus, et in papam consecratus vocatus est Calixtus.

Traduzione italiana:

Lo scisma nacque a Roma con l'antipapa Gelasio.

Anno del Signore 1118, defunto Papa Pasquale, Gelasio antipapa gli successe per un anno.

Defunto Papa Gelasio, gli successe Callisto.

Anno del Signore 1119, defunto Papa Gelasio, gli successe Callisto per dieci anni, altrettanti mesi e tredici giorni; egli fu arcivescovo di Vienne, in precedenza chiamato Guido e una volta consacrato papa fu chiamato Callisto.

Tradução portuguesa:

O cisma nasceu em Roma com o antipapa Gelásio.

Ano do Senhor de 1118, falecido o Papa Pascoal, Gelásio, antipapa, sucedeu-lhe durante um ano.

Falecido o Papa Gelásio, sucedeu-lhe o Papa Calisto.

Ano do Senhor de 1119, falecido o Papa Gelásio, sucedeu-lhe Calisto durante dez anos, o mesmo número de meses e treze dias; foi arcebispo de Vienne, anteriormente chamado Guido, e uma vez consagrado papa foi chamado Calisto.

13) *Annales de Margan 1066-1232*. In LUARD, Henry Richard, *coord.* — *Annales monastici*. Vol. I. London: Longman, 1864, p. 10.

Nota biografica: L'autore (o gli autori) degli Annali di Margam non è conosciuto.

Opera: Annali dell'abbazia cistercense di Margam (Glamorganshire, Galles sud-occidentale), fondata nel 1147 dal conte di Gloucester e signore del Glamorgam Roberto. Redatti nel XIII secolo, gli Annali di Margam vanno dal 1066 al 1232. Per il periodo compreso tra il 1185 e il 1232, essi sono la fonte principale per la storia del Galles medievale.

Edizioni/Traduzioni principali: *Annales de Margan 1066-1232*. In LUARD, Henry Richard, *coord.* — *Annales monastici*. Vol. I. London: Longman, 1864, p. 3-40. Un'edizione parziale è quella contenuta nei Monumenta Germaniae Historica, si veda: *Ex Annalibus de Margan*. Ed. Felix Liebermann; Reinhold Pauli (MGH, Scriptores, XXVII). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1885, p. 428-430.

Bibliografia essenziale: DE GRAY BIRCH, Walter (1897) — *A history of Margam Abbey: derived from the original documents in the British Museum, H.M. Record Office, the Margam muniments, etc.* London: Bedford Press. LEWIS, Ceri W. (1971) — *The Literary Tradition of Morgannwg down to the Middle of the Sixteenth Century*. In PUGH, Thomas Brymor, *coord.* — *Glamorgan County History: The Middle Ages*. Vol. III. Cardiff: Glamorgan County History Committee, p. 449-554. BREEZE, Andrew (2010) — *Annales de Margan*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, *coord.* — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_etc_SIM_01778>. [Consultazione realizzata on-line il 05/02/2018].

1121. [...] Papa Calixtus cepit Gregorium antipapam.

Traduzione italiana:

1121. [...]. Papa Callisto catturò l'antipapa Gregorio.

Tradução portuguesa:

1121. [...]. O Papa Calisto capturou o antipapa Gregório.

14) *Annales Dorenses*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, XXVII). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1885, p. 523.

Nota biografica: Gli Annali di Dore sono anonimi anche se probabilmente la prima parte dell'opera (fino all'anno 1243) fu scritta da un unico autore, a differenza della seconda sezione degli Annali (fino al 1362).

Opera: L'opera proviene dal monastero cistercense di Dore, fondato nel 1147, situato nell'Herefordshire nel sud-ovest dell'Inghilterra al confine con il Galles. Si tratta di una storia universale dall'origine del mondo al 1243 con aggiunte fino all'anno 1362.

Edizioni/Traduzioni principali: *Annales Dorenses*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, XXVII). Hannover: Impensis Bibliopoli Hahniani, 1885, p. 514-531.

Bibliografia essenziale: SHOESMITH, Ron; RICHARDSON, Ruth, *coord.* — *A Definitive History of Dore Abbey*. Wootton: Logaston Press, 1997. ROBINSON, David M.; STUART, Harrison (2006) — *Cistercian Cloisters in England and Wales Part I: Essay*. «Journal of the British Archaeological Association», vol. 159/1, p. 131-207. BEYER, Katrin (2010) — *Annals of Dore Abbey*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, *coord.* — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_000606>. [Consultazione realizzata on-line il 05/02/2018].

1121. Calixtus papa cepit Gregorius antipapam.

Traduzione italiana:

1121. Papa Callisto catturò l'antipapa Gregorio.

Tradução portuguesa:

1121. O Papa Calisto capturou o antipapa Gregório.

15) *Matthaei Parisiensis Monachi Sancti Albani. Chronica Majora*. Ed. Henry Richards Luard, London: Longman and Co., 1874, vol. II, p. 143-144, 145 e 149; vol. VI, (*Addimenta*), p. 108-109.

Nota biografica: Matteo Paris fu un cronista, miniatore e cartografo, monaco del monastero inglese di St. Albans dal 1217. Fu spesso incaricato di missioni presso la corte reale d'Inghilterra e sicuramente tra il 1247 e il 1248 gli fu affidato il compito di riformare il monastero benedettino di St. Benet Holm in Norvegia. Morì nel 1259.

Opera: La *Chronica Majora* è un'opera di storia universale basata fino al 1235 sui *Flores Historiarum* di Ruggero di Wendover — anche lui monaco a St. Albans —, proseguiti da Matteo Paris fino all'anno 1259. Nel sesto volume dell'edizione del Luard, sono raccolti gli *Addimenta* alla *Chronica Majora*, ossia il materiale contenuto del manoscritto Cotton MS., Nero, D. I, redatto da vari autori sotto la supervisione di Matteo Paris.

Edizioni/Traduzioni principali: *Matthaei Parisiensis Monachi Sancti Albani. Chronica Majora*. Ed. Henry Richards Luard. Vol. II. London: Longman and Co., 1874. *Matthaei Parisiensis Monachi Sancti Albani. Chronica Majora*. Ed. Henry Richards Luard. Vol. I (*Addimenta*). London: Longman and Co., 1880. L'edizione — e la traduzione — più recente, anche se parziale, è quella di Richard Vaughan, si veda *The Chronicles of Matthew Paris: Monastic Life in the Thirteenth Century*. Ed. Richard Vaughan. Gloucester: Alan Sutton, 1984.

Bibliografia essenziale: THURSTON, Herbert (1911) — *Matthew Paris*. In *The Catholic Encyclopedia*. Disponibile in <<http://www.newadvent.org/cathen/11499a.htm>>. [Consultazione realizzata on-line il 16/10/2019]. VAUGHAN, Richard (1958) — *Matthew Paris, Cambridge Studies in Medieval Life and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press. VAUGHAN, Richard (1993) — *The Illustrated Chronicles of Matthew Paris*. Dover: Alan Sutton. Per un inquadramento generale rinvio alla lettura di HARDING, Alan (1997) — *England in the Thirteenth Century*. Cambridge: Cambridge University Press. RUCH, Lisa M. (2010) — *Matthew Paris*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_01802>. [Consultazione realizzata on-line il 03/02/2018].

Ed. Luard, Vol. II, p. 143-144, 145 e 149:

Scisma orta est Roma propter Gelasium Antipapam. Anno domini MCXVIII. Defuncto Papa Paschali, Gelasius antipapa anno uno successit orthodoxe Calixtus. Quod defuncto Papa Gelasio, successit ei Calixtus annis decem, mensibus totidem, et diebus tredecim. Fuerat autem episcopus Viennensis, Wido prius vocatus, et in Papa consecratus, vocatus est Calixtus. [...] Eodem anno Papa Calixtus Mauricium quendam, quem Henricus imperator Antipapam constituerat, cepit, et eum monachum ordinavit.

Ed. Luard, Vol. VI, p. 108-109:

[...] Defuncto eodem summo pontifice Paschasio, Johannes Caitonus cancellarius canonicè electus est in summum pontificem et Gelasius est appellatus; sed cum electio facta de ipso non placuit praedicto imperatori Henrico, ipse favente sibi populo Romano instituit in sedem apostolicam quendam nomine Burdinum, qui archiepiscopus Bracarum [fuit], propter quod idem Papa Gelasius a sede Apostolica depulsus venit in Franciam, confugiens ad regem praedictum, qui cum applicuisset Magaloniam et aliquandiu ibi moram fecisset, accepto itinere versus Unciliatum³⁰⁴ ubi debebat ei occurrere rex praedictus, mortuus est in via, et apud Duscanum sepultus. Cum quidam ad ejus exequias vicinarum urbium episcopi convenisset, affluit ibidem cum aliis vir sanguine generosus et praedictum dominum regem linea consanguinitatis attigens, Guido Viennensis archiepiscopus, quem pensato statu ecclesiae cardinales et ipsi qui aderant in summum pontificem concorditer elegerunt; et vocavit eum Calixtum. Qui statim venit ad regem praedictum, a quo honorifice susceptus est; et cum aliquandiu stetisset in Francia, et idem rex multum laborasset ad pacem inter ipsum et imperatorem praedictum, nec tamen profecisset, tandem subvicarius ipsius regis Remis perveniens celebravit ibi concilium, et excommunicavit imperatorem praedictum. Ex quo secuta est magna guerra.

Traduzione italiana:

Cominciò lo scisma a Roma a causa dell'antipapa Gelasio. Anno del Signore 1118. Morto Papa Pasquale, Gelasio, antipapa, gli successe per un anno fino all'elezione canonica di Callisto. Morto Papa Gelasio, gli successe Callisto il quale fu pontefice per dieci anni, altrettanti mesi e tredici giorni. Egli era stato vescovo di Vienne; il suo nome era Guido e assunse quello di Callisto una volta consacrato papa. Quell'anno Papa Callisto catturò Maurizio, il quale era stato promosso antipapa dall'imperatore Enrico e lo ridusse allo stato monacale.

³⁰⁴ Uncey-le-Franc è attualmente un comune francese situato nel dipartimento della Côte d'Or nella regione della Borgogna-Franca Contea.

Defunto il sommo pontefice Pasquale, il cancelliere Giovanni di Gaeta fu eletto canonicamente papa e fu chiamato Gelasio. Tuttavia la sua elezione non piacque all'imperatore Enrico, che con il favore del popolo romano impose nella Sede Apostolica un uomo di nome Burdino, arcivescovo di Braga. A quel punto, espulso dalla Sede Apostolica, Papa Gelasio venne in Francia, mettendosi sotto la protezione del menzionato re [Luigi VI, *scil.*]. Gelasio approdò sull'isola di Maguelone, nella quale dimorò per qualche tempo. Presa la strada per Uncey-le-Franc, dove avrebbe dovuto incontrare il re di Francia, Gelasio morì durante il tragitto e fu sepolto a Cluny. Al suo funerale furono presenti molti dei vescovi delle città vicine, tra i quali c'era un uomo di sangue nobile e consanguineo del re: l'arcivescovo di Vienne Guido. Considerato lo stato in cui versava la Chiesa, i cardinali e i presenti lo elessero concordamente papa e lo chiamarono Callisto. Il nuovo papa si recò immediatamente dal re di Francia che lo accolse con tutti gli onori. Nel periodo che passò in Francia, Papa Callisto e il re lavorarono molto per la pace con l'imperatore Enrico V. Il papa celebrò un concilio a Reims, nel quale, tuttavia, il re non partecipò, bensì soltanto il suo vicario e in quel luogo il papa scomunicò l'imperatore. Da quella decisione scaturì una grande guerra.

Tradução portuguesa:

O cisma começou em Roma devido ao antipapa Gelásio. Ano do Senhor de 1118. Falecido o Papa Pascoal, Gelásio, antipapa, sucedeu-lhe durante um ano até à eleição canónica de Calisto. Morto o Papa Gelásio, sucedeu-lhe Calisto que foi pontífice durante dez anos, o mesmo número de meses e treze dias. Tinha sido arcebispo de Vienne; o seu nome era Guido e assumiu o de Calisto uma vez consagrado como papa. No mesmo ano o Papa Calisto capturou Maurício, que tinha sido feito antipapa pelo imperador Henrique e reduziu-o ao estado de monge.

Falecido o sumo pontífice Pascoal, o chanceler João de Gaeta foi eleito canonicamente papa e chamado Gelásio. Contudo, a sua eleição não foi bem-vinda pelo imperador Henrique, que com o favor do povo romano impôs na Sé Apostólica um homem chamado Burdino que foi arcebispo de Braga. Naquela situação, expulso da Sé Apostólica, o Papa Gelásio viajou até França, para se colocar sob a proteção do já mencionado rei [Luís VI, *scil.*]. Gelásio chegou à ilha de Maguelone, onde morou algum tempo. Tomado o caminho para Uncey-le-Franc — onde se deveria ter encontrado com o rei de França — morreu durante o trajeto e foi enterrado em Cluny. No seu funeral estiveram presentes muitos bispos das cidades vizinhas, e entre eles estava um homem de linhagem nobre e consanguíneo do rei: o arcebispo de Vienne, Guido. Considerando o estado em que estava a Igreja, os cardeais e outros presentes elegeram-no, por unanimidade, e chamaram-no Calisto. O novo papa dirigiu-se imediatamente ao rei de França que o acolheu com todas as honras. No período que passou em França o Papa Calisto e o rei trabalharam muito pela paz com o imperador Henrique V. O papa celebrou um concílio em Reims, no qual, todavia, o rei não participou, mas só o seu vigário, e naquele lugar excomungou o imperador. Devido a esta decisão originou-se uma grande guerra.

16) *The Book of Arnold-fitz-Thedmar*. Ed. Ian Stone. Vol. II (Appendices). London: King's College-University of London, 2016, p. 82-85. Tesi di Dottorato Inedita.

Nota biografica: Arnold-fitz-Thedmar (1201-1274) era un commerciante inglese di origine tedesca. Occupò la carica di aldermanno (*alderman* in inglese) di Londra — ossia una delle principali cariche amministrative urbane — e fu portavoce della comunità dei mercanti tedeschi della città.

Opera: *De Antiquis Legibus Liber* (Il libro delle antiche leggi), è il nome con il quale è conosciuta l'opera di Arnold-fitz-Thedmar. Questo nome appare all'inizio del manoscritto (XIII secolo), ma la mano è del XIV-XV secolo, il che potrebbe far pensare che nel XIII secolo l'opera non fosse conosciuta o circolasse con lo stesso nome. Nei fols. 63v.-144v. è contenuta la parte più famosa del libro di Arnold, la *Cronica Maiorum et Vicecomitum Londoniarum*, nome con il quale è anche conosciuta e contemporaneo alla compilazione dell'opera. Si tratta di una cronaca, di una storia della città di Londra con particolare attenzione agli avvenimenti tra il 1188 e il 1274. La parte in cui compare Maurizio «Burdino» è presa dai *Gesta Regum Anglorum* di Guglielmo di Malmesbury (del quale riproponiamo la traduzione in italiano e portoghese) e si trova nel fol. 29. Secondo I. W. Stone il fatto che il libro sia stato scritto da un membro delle istituzioni della città inglese di estrazione non-ecclesiastica rende l'opera di Arnold un caso unico e la più antica, o perlomeno la più antica conservata, opera di questo genere prodotta nelle isole britanniche durante i secoli medievali.

Edizioni/traduzioni principali: *De Antiquis Legibus Liber, Cronica Maiorum et Vicecomitum Londoniarum*. Ed Thomas Stapleton. London: Camden Society, 1846. Un'edizione parziale è contenuta negli MGH: *Ex Arnaldi Cronica Londoniensi*. Ed. Reinhold Pauli; Felix Liebermann (MGH, Scriptores, XXVIII). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1888, p. 527-547. *The Book of Arnold-fitz-Thedmar*. Ed. Ian Stone. 2 vols. London: King's College-University of London, 2016. 2 vols. Tesi di Dottorato Inedita. In questa sede ho utilizzato la più recente edizione di I. Stone (che ringrazio ancora per avermi lasciato consultare e citare le sue ricerche) contenuta nella sua tesi di dottorato che sarà pubblicata prossimamente nella collezione *Oxford Medieval Texts Series*. Disponibile in <<https://www.richmond.ac.uk/faculty-research/school-of-communications-arts-social-sciences/ian-stone-2/>>. [Consultazione realizzata on-line il 28/03/2019].

Bibliografia essenziale: FRYDE, Natalie (1989) — *Arnold fitz Thedmar und die Entstehung der großen deutschen Hanse*. «Hansische Geschichtsblätter», vol. CVII, p. 27-42. McEWAN, John (2011) — *The Aldermen of London, c.1200-80: Alfred Beaven Revisited*. «Transactions of the London and Middlesex Archaeological Society», vol. 62, p. 177-204. STONE, Ian (2015) — *Arnold Fitz Thedmar: Identity, Politics and the City of London in the Thirteenth Century*. «The London Journal», vol. 40/2, p. 106-122. *The Book of Arnold-fitz-Thedmar*. Ed. Ian Stone. Vol. I. London: King's College-University of London, 2016, in particolare p. 13-84. Tesi di Dottorato Inedita.

127. *De obitu Paschalis pape et successore Gelie pape.*

[...] Cuius morte accepta³⁰⁵, alacrius imperator celerabat uiam, ut Iohanne Gaitano superioris pape cancellario, qui iam electus et Gelasius dictus fuerat, eiecto Mauricium Braccarenis episcopum, cognomento Burdinum, intenderet. Set hec epistola Gelasii tercius³⁰⁶ proponet.

128. *Epistola Gelasii pape.*

Gelasius seruus seruorum Dei archiepiscopis, abbatibus, episcopis, clericis, principibus et ceteris per Galliam fidelibus salutem. Quia uos Romane ecclesie membra estis, que in ea nuper acta sunt dilectioni uestre significare curamus. Siquidem post electionem nostram dominus imperator, furtiue et inopinata uelocitate Romam ueniens, nos egredi compulit. Pacem postea et minis et terroribus

³⁰⁵ La fonte si riferisce a Papa Pasquale II.

³⁰⁶ In questo caso credo si tratti di un errore del copista rispetto all'opera di Guglielmo di Malmesbury nel quale compare la parola *certius*. Si veda in questa sezione la voce dedicata all'autore.

postulauit, dicens que posset se fracturum, nisi nos ei iuramento pacis certitudinem faceremus. Ad que nos ista respondimus: "De controuersia que inter ecclesiam et regnum est, uel conuentioni uel iusticie libenter acquiescimus loco et tempore competenti, uidelicet Mediolani uel Cremonae in proxima beati Luce festiuitate, fratrum nostrorum iudicio, qui a Deo sunt iudices constituti in ecclesia, et sine quibus hec causa tractari non potest. Et quoniam dominus imperator a nobis securitatem querit, nos uerbo et scripto eam promittimus, nisi ipse interim impediatur. Alias enim securitates facere nec honestas ecclesie nec consuetudo est." Ille statim die post electionem nostram quadragesimo quarto Braccarensem episcopum, anno preterito a domino predecessore nostro Pascali papa in concilio Beneuenti excommunicatum, in matris ecclesie inuasionem ingressus; qui etiam, cum per nostras olim manus pallium accepisset, eidem domino nostro et catholicis successoribus, quorum primus ego sum, fidelitatem iurauit. In hoc autem tanto facinore nullum de Romanis dominus imperator, Deo gracias, socium habuit; set Guibertini soli, Romanus de Sancto Marcello, Centius qui dicebatur Sancti Grisogoni, Teuzo qui multo per Daciam debellatus est tempore, tam infamem gloriam celebrarunt. Vestre igitur experientie litterarum presentium perceptione mandamus ut, super hiis per Dei gratiam communi deliberacione tractantes, ad matris ecclesie ultionem communibus prestante Deo auxiliis, sicut oportere cognoscitis, attingamini. Data Gaite, septimo decimo kalendas Februarii.

129. *De Calixti Pape consecratione.*

Expulsus autem Gelasius et Salerni nauibus conscensis, inde uenit Genuam; itidemque itinere Cluniacum contendens, ibidem obiit. Tunc, id est, anno Dominice incarnationis millesimo centesimo nono decimo, cardinales qui cum Gelasio uenerant, simulque omnis ecclesia Cisalpina, Guidonem archiepiscopum Vienensem in papam grandi paratu leuantes Calixtum uocarunt, religionis et efficacie ipsius intuitu, sperantes se per illius potentiam, quod esset in auxiliando facultatis maxime, imperatoris uiribus obniti posse. Nec ille credulos spei effectu exinanians, mox concilio Remis celebrato inuestitos uel inuestiendos a laicis ab ecclesiis remouit, pariterque et imperatorem, nisi resipisceret, inuoluens. Ita tempore aliquanto in inferioribus plagis moratus, ut partes suas augetet, Romam compositis in Gallia rebus uenit, libenterque a ciuibus (nam iam imperator discesserat) receptus est. Tum Burdinus, in medio relictus, Sutrium effugit, multis peregrinorum calamitatibus papatum suum fouere meditatus; set quomodo inde sit eiectus, sequenti epistola cognosces.

130. *Epistola Calixti pape.*

Calixtus episcopus seruus seruorum Dei dilectis fratribus et filiis archiepiscopis, episcopis, abbatibus, prioribus et ceteris tam clericis quam laicis beati Petri fidelibus per Gallias constitutis salutes et apostolicam benedictionem. Quia dereliquit populus legem Domini et in iudiciis eius non ambulat, uisitatus Dominus in uirga et in uerberibus peccata eorum; paterne tamen conseruans uiscera pietatis, de sua confidentes misericordia non relinquit. Diu siquidem, pietatis exigentibus, per illud Teutonicorum regis idolum, Burdinem uidelicet, fideles ecclesie conturbati sunt, et alii quidem capti, alii usque ad mortem carceris maceracione afflicti sunt. Nuper autem, festis Paschalibus celebratis, cum peregrinorum et pauperum clamores ferre non possemus, cum ecclesie fidelibus ab urbe digressi sumus, et tamdiu Sutrium obsedimus donec diuina potentia et supradictum ecclesie inimicum Burdinum, qui diabolo nidum ibidem fecerat, et locum ipsum omnino in nostram tradidit potestatem. Rogamus itaque caritatem uestram ut pro tantis beneficiis una nobiscum Regi regum gratias referatis, et in catholice ecclesie obedientia et seruitio constantissime maneatis, retributionem debitam in presenti et in futuro seculo ab omnipotenti Domino per eius gratiam recepturi. Rogamus etiam ut has litteras alter alteri presentari omni remota negligentia faciatis. Data Sutrii, quinto kalendas Maii.

131. *Quomodo Burdus episcopus captus est.*

Vrbana omnino et excogitata facecia, ut eum quem oderat regis Teutonici uocaret idolum, quod ille Mauricii periciam tum in litteris tum in ciuilibus negociis paruipensaret. Erat is, ut dixi, Bracharensis archiepiscopus, que est ciuitas Hyspannie; quem multum quislibet reuereri et pene adorare pro uiua magne industrie specie debuisset, nisi tam famoso facinore enitescere maluisset. Nec enim sacratissimam sedem nummis nundinari dubitasset, set tam desperatus inueniretur uenditor quam paratus erat emptor. Tunc autem captus et monachus factus in Caueam (monasterium ita uocant) directus est.

Traduzione italiana:127. *Della morte di Papa Pasquale e del suo successore Gelasio.*

Venuto a conoscenza di quella morte [di Papa Pasquale II, *scil.*], l'imperatore si diresse in fretta verso l'Urbe e una volta espulso Giovanni di Gaeta, il cancelliere superiore del papa, che già era stato eletto con il nome di Gelasio, promosse Maurizio vescovo di Braga, di cognome Burdino. Questa lettera di Gelasio, però, spiega la situazione con maggiore precisione:

128. *La lettera di Papa Gelasio.*

«Gelasio vescovo, servo dei servi di Dio, ai venerabili fratelli, arcivescovi, vescovi, abati, chierici e agli altri fedeli della Gallia, il saluto e l'apostolica benedizione. Dato che voi siete membri della Chiesa romana, ci siamo preoccupati di spiegare alla vostra dilezione i recenti eventi che in essa sono accaduti. Dal momento in cui, dopo la nostra elezione, l'imperatore venne a Roma furtivamente e improvvisamente, fummo costretti a scappare. Egli chiese la pace dopo le minacce e gli atti di terrore. Diceva che avrebbe assicurato la pace, soltanto se noi gli avessimo prestato giuramento. A questo noi rispondemmo così: "Per la controversia che esiste tra la Chiesa e il Regno, noi acconsentiamo ad un accordo o ad una giusta soluzione, a suo tempo e luogo, ossia a Milano o a Cremona nel prossimo giorno di San Luca, con il consiglio e il giudizio dei nostri fratelli, che da Dio sono stati istituiti giudici nella Chiesa e senza i quali non si può affrontare questo problema. Visto che l'imperatore ci chiede garanzie, noi queste promettiamo a parole e per iscritto, a meno che nel frattempo egli non lo impedisca, perché altrimenti promettere garanzie non è né il decoro, né la consuetudine della Chiesa". A quel punto, immediatamente, il quarantaquattresimo giorno dopo la nostra elezione, il vescovo di Braga, scomunicato l'anno prima dal nostro predecessore Pasquale nel concilio di Benevento, invase la Madre Chiesa. Inoltre, egli quando ricevette il pallio dalle nostre mani aveva giurato la fedeltà al Nostro Signore e ai suoi cattolici successori, dei quali io sono il primo. In cotanti misfatti, nessuno tra il clero romano, grazie a Dio, fu socio dell'imperatore, ma soltanto i Wibertini, Romano di San Marcello, Cencio che dicevano di San Crisogono e Teuzo, che aveva imperversato a lungo in Dacia, celebrarono tanta gloria infame. Inviando alla vostra saggezza, pertanto, la ricezione di questa lettera affinché decidiate in comune e per la Grazia di Dio su questi temi e siate preparati, così come vi è richiesto fare e con il favore di Dio, per vendicare la Madre Chiesa con il vostro aiuto congiunto. Scritto in Gaeta, il giorno 16 gennaio».

129. *Sulla consacrazione di Papa Callisto.*

Una volta espulso, Gelasio s'imbarcò a Salerno e da lì arrivò a Genova e in seguito proseguì verso Cluny, dove morì. Allora, ossia nell'anno dell'Incarnazione del Signore millesimo centesimo diciannovesimo, i cardinali che erano venuti con Gelasio, insieme con tutta la Chiesa Cisalpina,

elevarono al pontificato con grande pompa Guido, arcivescovo di Vienne, e lo chiamarono Callisto. Vista la considerazione per la sua pietà e la sua energia e grazie anche al suo potere, dato che aveva una grande influenza, Guido fu eletto con la speranza di resistere alla forza dell'imperatore. Callisto non tradì la loro fiducia: subito dopo aver convocato un concilio a Reims, rimosse dalla Chiesa tutti coloro i quali erano stati o si accingevano ad essere investiti dai laici, incluso l'imperatore, a meno che egli non si fosse pentito. Rimase ancora per qualche tempo in quelle regioni per rafforzare la propria posizione e dopo aver sistemato tutti i suoi affari in Gallia, Callisto giunse a Roma dove fu accolto con benevolenza dai cittadini, dato che l'imperatore aveva già lasciato la città. Una volta abbandonato, Burdino fuggì a Sutri, dove cercò di mantenere il suo potere depredando molti pellegrini. Di come fu espulso da quel luogo, però, lo spiega la seguente epistola:

130. *La Lettera di Papa Callisto.*

«Callisto vescovo, servo dei servi di Dio, ai diletti fratelli e figli, agli arcivescovi, ai vescovi, agli abati, ai priori e a tutti gli altri tanto chierici quanto laici, a tutti i fedeli di San Pietro presenti nelle Gallie, il saluto e l'apostolica benedizione. Quando il popolo abbandona la Legge di Dio e non cammina seguendo il suo Giudizio, il Signore punisce le iniquità con la verga e i loro peccati con la frusta; tuttavia mantiene nel profondo la pietà del Padre e non abbandona i fedeli nella sua Misericordia. Da lungo tempo, visti i loro pesanti peccati, i fedeli della Chiesa sono disorientati e turbati da quell'idolo del re dei teutonici, ossia Burdino; alcuni di loro furono catturati, altri sono afflitti per soffrire in carcere a vita. Allora, celebrata la festa della Pasqua, non avendo potuto ignorare i lamenti dei pellegrini e dei poveri, uscimmo dall'Urbe con i fedeli, e assediavamo a lungo Sutri, dove il diavolo aveva costruito la sua dimora, fino a quando la Divina Potenza consegnò nelle nostre mani il suddetto Burdino, nemico della Chiesa, e la stessa Sutri. E così chiediamo alla vostra carità, che rendiate noti insieme a noi i tanti benefici della Grazia del Re dei Re e che rimaniate sempre e per sempre nell'obbedienza e al servizio della Chiesa Cattolica, perché riceverete la debita retribuzione da Dio onnipotente e dalla sua Grazia nel presente e nel futuro. Chiediamo inoltre che facciate circolare questa lettera con tutto il vostro impegno. Scritto in Sutri, il giorno 27 aprile».

131. *In che modo fu catturato il vescovo Burdino.*

Squisito e raffinato uomo di ingegno, chi lo odiava, lo chiamava l'idolo del re di Germania, il quale certamente teneva Maurizio in grande stima tanto per la sua cultura quanto per le sue doti in politica. Egli era, come dissi, l'arcivescovo di Braga, una città dell'*Hispania*, che poteva essere molto riverito, quasi da venerare, per la sua zelante attività, se non fosse stato per aver preferito il fascino di quella malefatta. Né avrebbe esitato ad acquistare la Santa Sede, se avesse potuto trovare un venditore tanto disperato quanto era preparato l'acquirente. Allora una volta catturato, Burdino fu fatto monaco e inviato nel monastero chiamato Cava.

Tradução portuguesa:

127. *Da morte do Papa Pascoal e do seu sucessor Gelásio.*

[...]. Tendo tomado conhecimento daquela morte [do Papa Pascoal II, *scil.*], o imperador dirigiu-se rapidamente para Roma, e uma vez expulso João de Gaeta, o chanceler superior do papa que já tinha sido eleito com o nome de Gelásio, promoveu Maurício, bispo de Braga, de apelido Burdino. Porém, esta carta de Gelásio explica tudo com maior precisão:

128. *A carta do Papa Gelásio.*

«Gelásio bispo, servo dos servos de Deus, aos veneráveis irmãos, arcebispos, bispos, abades, clérigos e aos outros fiéis da Gália, saudação e apostólica benção. Dado que vós sois membros da Igreja romana, temo-nos preocupado em vos explicar os recentes eventos que nela aconteceram. No momento em que, depois da nossa eleição, o senhor imperador furtivamente e repentinamente chegou a Roma, nós fomos obrigados a fugir. Ele pediu a paz depois das ameaças e dos actos de terror. Dizia que teria assegurado a paz, desde que lhe tivéssemos prestado juramento. A isto nós contestamos desta forma: “Pela controvérsia que há entre a Igreja e o Reino, nós damos o nosso consenso a um acordo ou justa solução, no seu tempo e no seu lugar, ou seja, em Milão ou Cremona no próximo dia de São Lucas, com o conselho e o juízo dos nossos irmãos, que por Deus têm sido instituídos juízes da Igreja e sem os quais não se pode tratar deste assunto. E dado que o senhor imperador nos pede garantias, nós prometemos isto com as palavras e por escrito, a menos que, entretanto, ele o impeça, porque, caso contrário, prometer garantias não é nem decoro nem hábito da Igreja”. Naquele momento, imediatamente, no quadragésimo quarto dia depois da nossa eleição, o bispo de Braga, excomungado um ano antes pelo nosso predecessor, Pascoal, no concílio de Benevento, invadiu a Madre Igreja. Para além disso, quando recebeu o pálio das nossas mãos, jurou fidelidade a Nosso Senhor e aos seus sucessores católicos, entre os quais eu sou o primeiro. Nestes grandes delitos ninguém entre o clero romano, graças a Deus, foi sócio do imperador, apenas os guibertinos, Romano de São Marcelo, Cêncio, que diziam de São Crisógono, e Teuzo, que por muito tempo tinha provocado desacatos na Dácia, celebraram uma glória tão infame. Por conseguinte, enviamos à vossa sabedoria a receção desta carta para que, pela Graça de Deus, decidais sobre estes temas em comum e estejais preparados, assim como vos é requerido e com o favor de Deus, para vingar a Madre Igreja com o vosso empenho conjunto. Dada em Gaeta, no dia 16 de janeiro».

129. *Sobre a consagração do Papa Calisto.*

Uma vez expulso, Gelásio embarcou para Salerno e de lá chegou a Génova e depois prosseguiu para Cluny, onde morreu. Então, no ano da Encarnação do Senhor milésimo centésimo décimo nono, os cardeais que vieram com Gelásio, juntamente com toda a Igreja Cisalpina, elevaram com grande pompa Guido, arcebispo de Vienne, ao pontificado e chamaram-lhe Calisto. Por consideração da sua piedade e energia foi eleito com a esperança de que, através do seu poder e uma vez que tinha uma grande influência, pudessem resistir à força do imperador. Calisto não traiu a confiança deles: imediatamente após a convocação de um concílio em Reims, ele removeu da Igreja todos aqueles que foram ou estavam prestes a ser investidos pelos leigos, incluindo o imperador, a menos que ele se tivesse arrependido. Continuou por algum tempo nessas regiões a fim de fortalecer a sua posição e depois de organizar todos os seus assuntos na Gália dirigiu-se a Roma onde foi recebido com benevolência pelos cidadãos, uma vez que o imperador já havia deixado a cidade. Burdino, tendo sido abandonado, fugiu para Sutri, onde tentou manter o seu poder pilhando muitos peregrinos. Porém, como ele foi expulso daquele lugar é explicado na carta seguinte:

130. *A carta do Papa Calisto.*

«Calisto bispo, servo dos servos de Deus, aos dilectos irmãos e filhos, aos arcebispos, aos bispos, aos abades, aos priores e a todos os outros tanto clérigos como leigos, a todos os fiéis de São Pedro presentes nas Gálias, saudação e apostólica benção. Quando o povo abandona a Lei de Deus e não

caminha seguindo o seu Juízo, o Senhor pune as iniquidades com o bastão e os seus pecados com o chicote; todavia, mantém no seu íntimo a Piedade do Pai e não abandona os fiéis na sua Misericórdia. Desde há muito tempo, vistos os tão pesados pecados deles, os fiéis da Igreja estão desorientados e inquietos por causa do ídolo do rei dos teutónicos, ou seja, Burdino; alguns deles foram capturados e outros estão aflitos por sofrerem prisão perpétua. Então, celebrada a festa da Páscoa, não podendo ignorar os lamentos dos peregrinos e dos pobres, saímos da Urbs com os fiéis e cercamos durante muito tempo Sutri, onde o diabo tinha construído a sua casa, até que o Divino Poder entregou em nossas mãos o referido Burdino, inimigo da Igreja, e a mesma Sutri. E assim pedimos à vossa caridade que anuncieis connosco os muitos benefícios da Graça do Rei dos Reis e que fiqueis sempre e para sempre na obediência e no serviço da Igreja Católica, porque recebereis a devida retribuição de Deus omnipotente e da sua Graça no presente e no futuro. Pedimos, para além disto, que façais circular esta carta com todo o vosso empenho. Dada em Sutri, no dia 27 de abril».

131. *De que maneira foi capturado o bispo Burdino.*

Delicioso e refinado homem de engenho, quem o odiava chamava-o ídolo do rei da Alemanha, que certamente tinha Maurício em grande consideração tanto pela sua cultura como pelas suas capacidades em política. Ele era, como disse, arcebispo de Braga, uma cidade da Hispânia; podia ter sido muito servido e respeitado, quase venerável, pela sua zelosa actividade, se não tivesse preferido o fascínio daquela maldade. Nem teria hesitado em comprar a Santa Sé se tivesse podido encontrar um tão desesperado vendedor tal como estava disposto o comprador. Então foi feito monge e enviado para Cava; assim, de facto, chamam este mosteiro.

17) *Ex annalibus Wintoniensibus*. Ed. Felix Liebermann; Reinhold Pauli (MGH, *Scriptores*, XXVII). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1885, p. 452.

Nota biografica: L'autore degli *Annales ecclesiae Wintoniensis* non è conosciuto. Secondo alcuni studiosi potrebbe trattarsi di un monaco dell'abbazia di San Svitino di Winchester (St. Swithun, vescovo di Winchester, †862), mentre altri hanno avanzato l'ipotesi che l'opera, o almeno il suo nucleo centrale, possa essere ascrivita a Riccardo di Devizes, un autore vissuto tra la seconda metà del XII secolo e l'inizio del XIII secolo. Nell'introduzione all'edizione parziale degli MGH, F. Liebermann ha fatto notare l'esistenza di due manoscritti dell'opera denominati A (*Musei Britannici Cottonianus Domitianus A 13, membr., saec. XIII*) e B (*Cotton. Vespasianus E 4 saec. XIII*). Il riferimento a Maurizio/Gregorio VIII sarebbe contenuto nel manoscritto B, che però, sempre secondo il Liebermann, non proviene da Winchester, bensì da un'abbazia cistercense della sua diocesi, Waverley, fondata nel 1128 dal vescovo di Winchester William Giffard.

Opera: Si tratta di un'opera annalistica redatta in più fasi nel XIII secolo che copre il periodo dal 519 fino al 1277-1281.

Edizioni/Traduzioni principali: *Annales ecclesiae Wintoniensis, ab anno DCXXXIII, ad annum MCCLXXVII. Auctore monacho Wintoniensis*. In WHARTON, Henry, coord. — *Anglia Sacra, Pars Prima*. Vol. I. London: Impensis Richardi Chiswel, 1691, p. 288-319. *Annales de Wintonia*. In LUARD, Henry Richard, coord. — *Annales monastici*. Vol. II. London: Longman, 1865, p. 3-125. Si veda inoltre, *Ex annalibus Wintoniensibus*. Ed. Felix Liebermann; Reinhold Pauli (MGH, *Scriptores*, XXVII). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1885, p. 452-458.

Bibliografia essenziale: *Annales de Wintonia*. In LUARD, Henry Richard, coord. — *Annales monastici*. Vol. II. London: Longman, 1865, p. IX-XXXIV. *Ex annalibus Wintoniensibus*. Ed. Felix Liebermann; Reinhold Pauli (MGH, Scriptores, XXVII). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1885, p. 449-450. LIEBERMANN, Felix (1879) — *Ungedruckte Anglo-Normannische Geschichtsquellen*. Strasbourg: Verlag von Karl J. Trübner, p. 174 e seguenti. MOLINIER, Auguste (1903) — *Annales Wintonienses, in monasterio de Waverley adaucti (1201-1280)*. In *Les Sources de l'histoire de France — Des origines aux guerres d'Italie (1494)*. Vol. III. Paris: Picard et fils, p. 151. APPLEBY, John T. (1963) — *Richard of Devizes and the Annals of Winchester*. «Historical Research», vol. 36/93, p. 70-77. GOETZE, Sharon (2010) — *Winchester Annals*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_02568>. [Consultazione realizzata on-line il 08/07/2019].

1122. ...Calixtus papa Gregorium, quem Henricus imperator papam constituit, monachavit.

Traduzione italiana:

1122. ...Papa Callisto ridusse allo stato monacale Gregorio, che era stato eletto papa dall'imperatore Enrico.

Tradução portuguesa:

1122. ...O Papa Calisto reduziu ao estado de monge Gregório, que tinha sido eleito papa pelo imperador Henrique.

Regno di Scozia

1) *Ex annalibus Melrosensibus*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, XXVII). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1885, p. 434.

Nota biografica: L'opera è anonima.

Opera: Si tratta degli annali dell'abbazia cistercense di Melrose, nella Scozia meridionale, fondata nel 1136 su iniziativa del re di Scozia Davide I (1084-1153). L'opera si basa fortemente nella prima parte (dal 731 alla fondazione dell'abbazia) sulla *Cronaca Anglosassone* e sull'opera attribuita a Simeone di Durham e su quella di Ruggero di Hoveden. Gli annali di Melrose terminano nel 1270.

Edizioni/Traduzioni principali: *Chronica de Mailros*. Ed. Joseph Stevenson. Edinburgh: Typis Societatis Edinburgensis, 1835. *Ex annalibus Melrosensibus*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores, XXVII). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1885, p. 432-442. *The Chronicle of Melrose from the Cottonian Mss., Faustina B. IX in the British Museum: a complete and full-size facsim. in collotype*. Ed. Alan Orr Anderson; Marjorie Ogilvie Anderson; William Croft Dickinson, London: Percy Lund Humphries & Co. Ltd., 1936. *The chronicle of Melrose Abbey: a stratigraphic edition*. Ed. Dauvit Broun; Julian Harrison. Vol. I. Aberdeen: Scottish History Society, 2007. L'opera è stata tradotta in inglese, si veda *A Mediaeval chronicle of Scotland: the chronicle of Melrose*. Ed. Joseph Stevenson. Lampeter: Llanerch, 1991 (1° ed. 1853).

Bibliografia essenziale: MOLINIER, Auguste (1903) — *Annales Ceccanenses*. In *Les Sources de l'histoire de France — Des origines aux guerres d'Italie (1494)*. Vol. III. Paris: Picard et fils, p. 153. BARRETT, Michael (1911) — *Abbey of Melrose*. In *The Catholic Encyclopedia*. Disponibile in <<http://www.newadvent.org/cathen/10170a.htm>>. [Consultazione realizzata on-line 10/07/2019]. FAWCETT, Richard; ORAM, Richard D. (2004) — *Melrose Abbey*. Stroud: Tempus. BROUN, Dauvit (2009) — *Creating and maintaining a year-by-year Chronicle: the evidence of the Chronicle of Melrose*. In KOOPER, Erik, coord. — *The Medieval Chronicle*. Vol. VI. Leiden; Boston: Brill, p. 141-152. BROUN, Dauvit (2007) — *Becoming Scottish in the thirteenth century: The evidence of the chronicle of Melrose*. In WILLIAMS, Gareth; BALLIN SMITH, Beverly; TAYLOR, Simon, coord. — *Studies in Scandinavian Sea-Borne Expansion and Settlement before 1300*. Leiden; Boston: Brill, p. 19-32. BROUN, Dauvit (2010) — *Chronicle of Melrose Abbey*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_00513>. [Consultazione realizzata on-line 10/07/2019].

1118. Paschalis papa obiit; cui successit papa Gelasius. Henricus imperator Romam tendit et Burdinum episcopum, iam anno preterito a papa Gelasio Beneventi excommunicatum, antipapam instituit.....

1119. Obit papa Gelasius apud Cluniacum ibidemque sepelitur; in cuius locum cardinales alique Romani Widonem Viennesem archiepiscopum ligunt eumque Calixtum nominant. Ecclesia gravi scandalo percettitur. Calixtus papa Ka. Novembris generale concilium Remis constituit, in quo et Henricum imperatorem excommunicavit.....

1121. [...] Calixtus papa, ab urbe Roma digressus, Suthrinam civitatem obsedit, et Burdinum antipapam capit et in Cava trudit in exilium.

Traduzione italiana:

1118. Mori Papa Pasquale, al quale successe Gelasio. Enrico imperatore si recò immediatamente a Roma e ordinò antipapa il vescovo Burdino, che era stato scomunicato l'anno prima a Benevento da Papa Gelasio.....

1119. Mori a Cluny Papa Gelasio e lì, nello stesso monastero, fu sepolto. In quel luogo i cardinali e gli altri romani elessero Guido, l'arcivescovo di Vienne, e lo chiamarono Callisto. La Chiesa fu sconvolta da un grave scandalo. Papa Callisto alla fine di novembre convocò il concilio di Reims nel quale scomunicò l'imperatore Enrico.....

1121. [...]. Papa Callisto uscì dalla città di Roma, assediò la città di Sutri, catturò l'antipapa Burdino e lo costrinse all'esilio a Cava.

Tradução portuguesa:

1118. Morreu o Papa Pascoal, a quem sucedeu Gelásio. O imperador Henrique viajou imediatamente para Roma e ordenou antipapa o bispo Burdino, que tinha sido excomungado no ano anterior, em Benevento, pelo Papa Gelásio.....

1119. Morreu em Cluny o Papa Gelásio e aí, no mesmo mosteiro, foi enterrado. Neste lugar, os cardeais e outros romanos elegeram Guido, o arcebispo de Vienne, e chamaram-lhe Calisto. A

Igreja foi perturbada por um grave escândalo. O Papa Calisto convocou, no final de novembro, um concílio para Reims durante o qual excomungou o imperador Henrique.....

1121. [...]. O Papa Calisto, saído da cidade de Roma, cercou a cidade de Sutri, capturou o antipapa Burdino e obrigou-o ao exílio em Cava.

Regno di Boemia

1) Martini Oppaviensis. Chronicon pontificum et imperatorum. Ed. Ludwig Weiland (MGH, Scriptores, XXII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1872, p. 435 e 469.

Nota biografica: Martino di Opava (città attualmente in Repubblica Ceca), conosciuto anche come Martino *Polonus* o *Bohemus* fu un frate domenicano del XIII secolo (convento di San Clemente di Praga), ebbe intensi contatti con Roma e fu nominato da papa Niccolò III (1277-1280) arcivescovo di Gniezno in Polonia. Morì a Bologna nel 1278.

Opera: La sua opera principale è il *Chronicon pontificum et imperatorum*, una cronaca universale composta attorno al 1268-1269 ed estesa fino al 1277, nella quale vengono narrate in parallelo le vicende dei papi e degli imperatori da Gesù Cristo e Ottaviano Augusto fino all'epoca dell'autore. L'opera era stata concepita come un supporto cronologico all'*Historia Scholastica* di Pietro Comestore (conosciuto anche come *Manducator* o *Trecensis*, decano del capitolo di Troyes, cancelliere della scuola cattedrale di Parigi e canonico di San Vittore morto nel 1180) e al *Decretum (Concordia Discordantium Canonum)* di Graziano (†ca. 1145-1147).

Edizioni/Traduzioni principali: In questo volume, abbiamo utilizzato l'edizione *Chronicon pontificum et imperatorum*. Ed. Ludwig Weiland (MGH, Scriptores, XXII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1872, 397-475. Dell'opera esiste almeno una traduzione italiana: *Cronica degli imperatori romani*. Ed. Antonio Ceruti. Bologna: Gaetano Romagnoli, 1878. Quella che segue è la nostra traduzione.

Bibliografia essenziale: Per la complessa tradizione manoscritta, le diverse edizioni e *continuationes* e la bibliografia relativa all'opera di Martino citata in questa scheda, rinvio alla voce enciclopedica *Chronicon Pontificum et Imperatorum*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <http://www.geschichtsquellen.de/repOpus_03363.html>. [Consultazione realizzata on-line il 07/02/2017]. Si veda inoltre: VON DEN BRINCKEN, Anna-Dorothee (1985) — *Studien zur Überlieferung der Chronik des Martin von Troppau*. «Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters», vol. 41, p. 460-531. Per degli studi generali rinvio almeno a IKAS, Wolfgang-Valentin (2001) — *Martinus Polonus' Chronicle of the Popes and Emperors: a Medieval Best-seller and its Neglected Influence on Medieval English Chronicles*. «English Historical Review», vol. 116, p. 327-341 e MIERAU, Heike Johanna (2005) — *Das Reich, politische Theorien und die Heilsgeschichte. Zur Ausbildung eines Reichsbewusstseins durch die Papst-Kaiserchroniken des Spätmittelalters*. «Zeitschrift für historische Forschung», vol. 32, p. 543-573. Per la biografia di Martino di Opava, ci siamo basati inoltre su KRETSCHMAYR, Heinrich (1934) — *Martino Oppaviense o Polono*. In *Enciclopedia Italiana Treccani*.

Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/martino-oppaviense-o-polono_%28Enciclopedia-Italiana%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 16/10/2019].

Calixtus II sedit annis 5 mensibus 10, diebus 13 [...]. Hic natione fuit Burgundus, comitis filius, et archiepiscopus Viennensis post mortem Gelasii pape in Cluniaco a cardinalibus est concorditer electus. Qui cum per Provinciam³⁰⁷, Lombardiam et Tusciam³⁰⁸ Romam rediret, ubique sollempniter cum gaudio est receptus. Burdinus vero, qui per Henricum imperatorem in papam fuerat factus, audito adventu pape in Sutrio se recepit. Quem obsessum papa cum romanis cum habuisset positum in camelo, versa facie ad tergum, habens cuadam cameli pro freno papam ad Urbem precedebat et post in arche Fumonis est retrusus. Papa vero facta pace cum imperatore in ecclesia Lateranensi est sepultus.

Hiis temporibus Paschali papa non bene as imperatore pertractato et mortuo, succedit ei Iohannes romane ecclesie cancellarius, appellatus Gelasius. Sed quia imperator electioni non interfuerat, Hispanum quendam nomen Burdinum ipsi superordinavit. Sed Gelasio in Cluniaco mortuo et Calixto ibidem in papam consecrato, imperator cum omnibus sibi asscientibus per ipsum excommunicatur. Papa vero Calixtum romam proficiens, capto in Sutrio Burdino, ab omni senato³⁰⁹ e populo gloriose suscipitur.

Traduzione italiana:

Callisto II fu papa per cinque anni, dieci mesi, tredici giorni [...]. Egli era borgognone di origine, figlio del conte di Borgogna e arcivescovo di Vienne. Fu eletto papa a Cluny con il consenso dei cardinali alla morte di Gelasio II. Tornò a Roma dopo essere passato per le province di Lombardia e Tuscia, dove fu accolto con grandissima gioia. Burdino, promosso papa dall'imperatore Enrico, appresa la notizia dell'arrivo del papa si rifugiò a Sutri. Una volta assediato, il papa, insieme ai romani, lo fece salire sul dorso di un cammello seduto al contrario e con la coda dell'animale come una briglia. Burdino precedette il papa lungo il cammino verso Roma e successivamente fu rinchiuso nel castello di Fumone. Fatta la pace con l'imperatore, il papa fu sepolto nella chiesa di San Giovanni in Laterano.

³⁰⁷ Si tratta della Provenza nell'attuale sud della Francia.

³⁰⁸ Le definizioni di Lombardia e Tuscia per i secoli centrali del medioevo sono estremamente complesse. G. Andenna nella sua storia della Lombardia ha mostrato tutta l'ambiguità di questo termine, spesso confuso con *Longobardia* che invece fino all'XI secolo indicava tutti i territori sotto il dominio dei longobardi inclusi quindi anche i territori dell'Italia meridionale come il ducato di Benevento. Si veda ANDENNA, 2003: 3-15. La Tuscia era un territorio più ampio dell'attuale regione italiana della Toscana. Esisteva infatti da un lato una Tuscia romana o pontificia che faceva parte del *Patrimonium Beati Petri* («Il patrimonio di San Pietro») e corrispondeva ai territori dell'attuale alto Lazio il cui centro principale era costituito da Viterbo. Dall'altro invece esisteva una Tuscia Longobarda — ossia la Marca di Tuscia carolingia del secolo VIII — situata più a nord e che ricopriva all'incirca il territorio dell'attuale Toscana. Su questo tema rinvio alla lettura di ALMAGIA & MORGHEN, 1937 e MARROCCHI & PREZZOLINI, 2007. L'itinerario proposto da Martino di Opava per la discesa di Callisto II sembra essere quello della Via Francigena una delle principali vie di pellegrinaggio medievale che nella sua variante principale dal sud dell'Inghilterra passava per la Francia e giungeva fino a Roma. Sull'itinerario della Via Francigena nel Medioevo, si veda PATITUCCI UGGERI, 2004: 113-114.

³⁰⁹ Con la parola *Senatus*, probabilmente l'autore voleva indicare gli strati più alti della società romana nel XII secolo. Come ha ricordato dallo Wickham, questa accezione di senato era comunemente utilizzata anche prima dell'istituzione del Senato Romano nel 1143. Su questo tema rinvio a WICKHAM, 2014: 435-439. Si veda inoltre MAIRE VIGUEUR, 2011.

[...]. In quei tempi, quando morì Papa Pasquale, che non godeva della considerazione dall'imperatore, fu eletto al suo posto Giovanni, cancelliere della Chiesa Romana, con il nome di Gelasio. L'imperatore non essendo stato presente all'elezione del papa, decise di eleggere l'ispanico Burdino. Nel frattempo Gelasio II morì a Cluny e al suo posto fu eletto e consacrato papa Callisto. L'imperatore fu scomunicato insieme ai suoi sostenitori per aver promosso Burdino sul soglio pontificio. Papa Callisto II tornò a Roma, catturò Burdino a Sutri e fu accolto con gloria dal popolo e dal senato romano.

Tradução portuguesa:

Calisto II foi papa durante cinco anos, dez meses, treze dias [...]. Ele era originário da Borgonha, filho do conde de Borgonha e arcebispo de Vienne e em Cluny foi eleito papa com o consenso dos cardeais, depois da morte de Gelásio II. Voltou a Roma depois de ter passado nas províncias da Lombardia e da Toscana, onde foi acolhido com enorme alegria. Burdino, feito papa pelo imperador Henrique, refugiou-se em Sutri. Uma vez cercado, o Papa Calisto II com os romanos pô-lo sobre o dorso de um camelo sentado ao contrário e com o rabo do animal como rédea. Burdino seguiu em direção a Roma à frente do papa e mais tarde foi aprisionado no castelo de Fumone. O papa, estabelecida a paz com o imperador, foi enterrado na igreja de São João de Latrão.

[...]. Naqueles tempos, quando o Papa Pascoal, que não beneficiava da consideração do imperador, morreu, foi eleito em seu lugar João, chanceler da Igreja Romana, com o nome de Gelásio. Não tendo estado presente na eleição papal, o imperador decidiu eleger o hispânico Burdino. Entretanto, Gelásio II morreu em Cluny e foi eleito e consagrado papa Calisto. O imperador foi excomungado com os seus apoiantes por ter colocado Burdino no trono pontificio. O Papa Calisto II regressou a Roma, capturou Burdino e foi acolhido com glória pelo povo e pelo senado romano.

Regno latino di Gerusalemme/*Outremer*

1) *Willelmi Tyrensis Archiepiscopi. Chronique*. Ed. Robert B. C. Huygens. Turnhout: Brepols (*Corpus Christianorum Continuatio medievalis*), 1986. p. 555.

Nota biografica: Guglielmo di Tiro (†post-1186), nato nel regno latino di Gerusalemme verso il 1130 da una famiglia di origine occidentale, studiò in Francia o in Italia. Al suo ritorno in Terrasanta, fu canonico, cancelliere del regno di Gerusalemme (1174-1183/1185) e successivamente dal 1175 arcivescovo di Tiro (oggi in Libano). Partecipò al III Concilio Laterano (1179), oltre ad essere inviato a Costantinopoli e nell'Europa occidentale per missioni diplomatiche. Fu al servizio dei re di Gerusalemme Amalrico I (1162-1174) e Baldovino IV (1174-1183), di cui fu anche il precettore.

Opera: *L'Historia rerum partibus transmarinis gestarum*, intitolata anche come *Historia Ierosolymitana* o *Chronicon* è un'opera che narra le vicende delle Crociate e del regno latino di Gerusalemme negli anni tra il 1095 e il 1184.

Edizioni/traduzioni principali: *Guillelmus Tyrensis Archiepiscopus. Historia Rerum Gestarum in Partibus Transmarinis*. Ed. Jacques-Paul Migne (*Patrologia Latina*, CCI). Paris: Jacques-Paul Migne éditeur, 1855, cols. 209-892. *Historia Rerum Gestarum in Partibus Transmarinis*. In *Recueil des historiens des Croisades*. Vol. I/1. Historiens Occidentaux. Paris: Imprimerie Royale, 1844. *Willelmi Tyrensis Archiepiscopi. Chronique*. Ed. Robert B. C. Huygens. Turnhout: Brepols (*Corpus*

Christianorum Continuatio medievalis), 1986. L'opera è stata tradotta in francese — *Guillaume de Tyr et ses continuateurs: texte français du XIIIème siècle*. Ed. M. Paulin Paris. Paris: Firmin Didot, 1879-1880. 2 vols. — e in inglese *A history of deeds done beyond the sea by William archbishop of Tyre*. Ed. Emily Atwater Babcock; August Charles Krey. New York: Columbia University Press, 1943. 2 vols. (opera che abbiamo consultato per il presente volume, si veda, vol. I, p. 527).

Bibliografia essenziale: MOLINIER, Auguste (1902) — *Guillaume de Tyr, archevêque de Tyr*. In *Les Sources de l'histoire de France — Des origines aux guerres d'Italie (1494)*. Vol. II. Paris: Picard et fils, p. 303-304. HUYGENS, Robert B. C. (1962) — *Guillaume de Tyr étudiant*. «Latomus», vol. 21, p. 811-829. EDBURY, Peter W; ROWE, John Gordon (1988) — *William of Tyre: Historian of the Latin East*. Cambridge: Cambridge University Press, in particolare p. 13-32. *Guglielmo di Tiro*. In CANTARELLA, Glauco Maria; RUSSO, Luigi; SAGULO, Saverio, coord. — *Enciclopedia Garzanti del Medioevo*. Milano: Garzanti, 2007, p. 843. Si veda inoltre la voce biografica *Guglielmo di Tiro*. In *Enciclopedia Treccani*. Disponibile in <<http://www.treccani.it/enciclopedia/guglielmo-di-tiro/>>. [Consultazione realizzata on-line il 02/04/2019]. Per una panoramica generale sull'autore e il tema si veda RUSSO, Luigi (2018) — *I crociati in Terrasanta. Una nuova storia (1095-1291)*. Roma: Carocci.

8. *Papa Gelasio defungitur, cui Calixtus succedit.*

Anno sequenti mortuus est dominus Gelasius papa secundus, domini Paschalis successor, qui et Iohannes Gaietanus dictus, vir litteratus, qui fugiens domini Henrici imperatoris persecutionem et emuli sue antipape, qui cognominatus est Burdinus, declinans violentiam, in regnum Francorum se conferens apud Cluniacum diem clausit extremum, ibidem etiam sepultus. Cui successit dominus Guido, secundum carnem nobilis, Viennensis archiepiscopus, qui postea in papatum assumptus Calixtus appellatus est. Hic postmodum domini imperatoris Henrici, cuius consanguineus erat, consequutus gratiam et eius fretus auxilio in Italiam cum cardinalibus et universa curia descendens, apud Sutrium urbem Rome conterminam, emulum et heresiarcham Burdinum violenter cepit, insuper et camelo impositum, cute indutum ursina, ad Cavense cenobium iuxta Salernum situm esse dinoscitur, cum multa misit ignominia, ubis usque in supremum senium vitam compulsus est lege loci ducere cenobiticam; et ita sopitum est scisma, quod a tempore domini Gregorii septimi per tempora domini Urbani, domini Paschalis, domini quoque Gelasii, successorum eius, quasi per triginta annos ecclesiam incessanter fatigaverat, domino imperatore Henrico ad ovile ecclesie post multa tempora, quibus per excommunicationis sententiam a cetu fidelium precisus fuerat revocato.

Traduzione italiana:

8. *Morto Papa Gelasio, gli successe Callisto.*

L'anno successivo morì Papa Gelasio II, il successore di Papa Pasquale, chiamato Giovanni di Gaeta, un uomo colto, che fuggì dalla persecuzione dell'imperatore Enrico e del suo emulo antipapa di cognome Burdino. Gelasio fuggì dalla loro violenza recandosi nel Regno dei Franchi, a Cluny, dove morì e fu sepolto. Gli successe Guido, di nobili origini, arcivescovo di Vienne, che in seguito alla sua elezione papale fu chiamato Callisto. Posteriormente, ottenuta la grazia e il fiducioso appoggio dell'imperatore Enrico, del quale era consanguineo, Callisto si diresse verso l'Italia con in cardinali e tutta la Curia. A Sutri, città vicino Roma, catturò violentemente l'emulo ed eresiarca Burdino; lo mise su di un cammello vestito con una pelle d'orso e lo rinchiuse con ignominia nel luogo conosciuto come monastero di Cava, nei pressi di Salerno, nel quale [Maurizio «Burdino», *scil.*]

fu obbligato a sottostare alla legge cenobitica fino alla vecchiaia e agli ultimi giorni della sua vita. Così fu placato lo scisma che aveva indebolito la Chiesa per quasi trent'anni dal tempo di Gregorio VII, fino al tempo di Urbano, di Pasquale e anche di Gelasio, suoi successori [di Gregorio VII, *scil.*]. L'imperatore Enrico tornò all'ovile della Chiesa dopo molto tempo, dato che per la sentenza di scomunica era stato espulso dalla comunità dei fedeli.

Tradução portuguesa:

8. Falecido o Papa Gelásio, sucedeu-lhe Calisto.

No ano seguinte, o Papa Gelásio II, sucessor do Papa Pascoal e chamado João de Gaeta, morreu. Um homem culto que fugiu da perseguição do imperador Henrique e do seu emulado antipapa, de apelido Burdino, evitando a violência dos dois e refugiando-se no Reino dos Francos, em Cluny, onde morreu e foi enterrado. Sucedeu-lhe Guido, de origem nobre, arcebispo de Vienne, chamado Calisto após a sua eleição papal. Mais tarde, obtidos a graça e o apoio confiante do imperador Henrique, de quem era consanguíneo, Calisto dirigiu-se para Itália com vários cardeais e toda a Cúria. Em Sutri, uma cidade perto de Roma, capturou violentemente o emulado e heresiarca Burdino: pô-lo sobre um camelo, vestido de pele de urso, e encerrou-o, com grande ignomínia, no lugar conhecido como cenóbio de Cava, perto de Salerno, onde até à velhice, até aos últimos dias da sua vida, [Maurício «Burdino», *scil.*] foi obrigado a submeter-se aos costumes cenobíticos. Assim foi aplacado o cisma que havia enfraquecido a Igreja por quase trinta anos, desde a época de Gregório VII, de Urbano, de Pascoal e também de Gelásio, seus sucessores [de Gregório VII, *scil.*]. O imperador Henrique regressou ao rebanho da Igreja depois de largo tempo, dado que pela sentença de excomunhão fora excluído da comunidade dos fiéis.

PENISOLA IBERICA

Contea/Regno di Portogallo

1) *Vita Sancti Geraldi archiepiscopi bracarenensis. In Portugaliae Monumenta Historica. Scriptores. Ed. Alexandre Herculano. Vol. I, f. I. Lisbona: Academia das Ciências de Lisboa, 1856, p. 56.*

Nota biografica: L'autore della vita di San Geraldo secondo la tradizione storiografica e anche nei lavori più recenti di S. Lay è identificato con l'arcidiacono di Braga Bernardo, successivamente vescovo di Coimbra (1128-1147). Proveniente dall'attuale Francia come l'arcivescovo Geraldo, la presenza di Bernardo è documentata nelle fonti bracarensi tra il 1101 e il 1128, anno nel quale divenne vescovo di Coimbra tra il 1128 e il 1147 succedendo a Gonçalo Pais (1109-1127). Nel 2007 (si veda la bibliografia essenziale), S. A. Gomes ha proposto di identificare, invece, l'autore della *Vita* con il vescovo di Oporto Ugo (1112-1136).

Opera: L'opera è la biografia di San Geraldo di Moissac, vescovo di Braga tra il 1096 e il 1100 e primo arcivescovo di Braga, fino al 1108, dopo la restaurazione della diocesi nel 1070-1071. Geraldo

come altri vescovi e arcivescovi della penisola iberica proveniva dal territorio dell'attuale Francia e prima di essere nominato vescovo di Braga fu monaco nel monastero cluniacense di Saint-Pierre de Moissac. Geraldo ebbe un ruolo molto importante nell'organizzazione della struttura della sede bracarense e nella diffusione del rito romano all'interno della propria diocesi.

Edizioni/Traduzioni principali: *Vita Sancti Geraldi archiepiscopi bracarenensis*. In *Portugaliae Monumenta Historica*. Ed. Alexandre Herculano. Vol. I, f. I. Lisbona: Academia das Ciências de Lisboa, 1856, p. 53-59. Dell'opera esiste una traduzione in portoghese, che riproponiamo, con alcune piccole modifiche, in questa sede: *Vida de S. Geraldo (Da autoria de D. Bernardo, Arceidiago de Braga, seu discípulo e valido)*. Ed. José Cardoso. Braga: Livraria Cruz, 1959, p. 28-29. Si veda inoltre *Vita Beati Geraldi Archiepiscopi Bracarensis, auctore ejus discipulo Bernaldo Archidiacono Bracarensi*. In *Miscellanea*. Éd. Étienne Baluze. Vol. III. Paris: François Muguet, 1630, p. 179-205.

Bibliografia essenziale: MATTOSO, José (1984) — *Géraud de Braga*. In *Dictionnaire d'Histoire Géographie Écclésiastique*. Tomo XX. Paris: Letouzey et Ané. COSTA, Avelino Jesus da (1990) — *Geraldo, São*. In SERRÃO, Joel, coord. — *Dicionário de História de Portugal*. Vol. III, Porto: Livraria Figueirinhas, p. 116-117. COSTA, Avelino Jesus da (1990) — *O Bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga*. In *O Bispo D. Pedro e o Ambiente Político-Religioso do Século XI*. Vol. I. Braga: Universidade Católica Portuguesa/Faculdade de Teologia, Braga, p. 379-434. MARQUES, José (1998) — *Apresentação de O Bispo D. Pedro e a organização da arquidiocese de Braga*. «Theologica: revista de ciências sagradas», II Série, vol. 33/1, p. 221-231. AMARAL, Luís Carlos (2007) — *Formação e desenvolvimento do domínio da diocese de Braga no período da Reconquista (século IX-1137)*. Porto: Universidade do Porto. Tese de Doutoramento. AMARAL, Luís Carlos (2011) — *A vinda de S. Geraldo para Braga e a nova restauração da diocese*. In *IX Centenário de S. Geraldo (1108-2008). Colóquio de estudos e outros actos comemorativos*. Braga: Universidade Católica Portuguesa/Faculdade de Teologia, Braga, p. 157-192. HENRIET, Patrick (2013) — *Géraud de Braga (+ 1108): la problématique Vita d'un moine-évêque grégorien entre Moissac et Braga*. In FOURNIÉ, Michelle, coord. — *La réforme 'Grégorienne' dans le Midi, milieu XIe — début XIIIe*. Toulouse: Ed. Privat, p. 81-112. Per l'identificazione di Ugo di Oporto come autore della *Vita Sancti Geraldi* si veda GOMES, Saul António (2007) — *La formation intellectuelle du clergé seculier portugais du XII^e au XIV^e siècle*. In *Carreiras eclesiásticas no Ocidente Cristão (séc. XII-XIV)*. Lisboa: CEHR/Universidade Católica Portuguesa, p. 115. LAY, Stephen (2011) — *Escribiendo la Reconquista: la consolidación de la memoria histórica en el Portugal del siglo XII*, «Studia historia, Historia medieval», vol. 29, p. 121-143. LAY, Stephen (2015) — *Sanctity and Social Alienation in Twelfth-Century Braga as Portrayed in the Vita Sancti Geraldi*, «Portuguese Studies», vol. 31/2, p. 153-168.

16. [...] Dum enim in cathedra pontificali vir Dei³¹⁰ quadam die resideret, et causa necessaria exigente Colimbiensis Episcopus, ejusdem metropolis suffraganeus, venerabilis scilicet Mauricius, Bracaram adveniret, Bracarensis Ecclesiae Praeceptor, domnus videlicet Mido, viri Dei conspectui se praesentans, qualiter praedictum Pontificem suscipi juberet, ab eo requisivit. Cui pater venerandus, Istum, inquit, Episcopum Colimbriensem honorifice et cum venerabili processione suscipere debetis,

³¹⁰ La fonte si riferisce, ovviamente, a San Geraldo di Moissac arcivescovo di Braga. Geraldo riuscì a ottenere il titolo arcivescovile per Braga nel 1100 che era stata restaurata nel 1070-1071, ma soltanto come diocesi. Su Geraldo si veda almeno il contributo di AMARAL, 2011: 157-192. Per la traduzione in italiano e portoghese ci siamo avvalsi della traduzione di J. Cardoso citata nella scheda bibliografica.

quia eum in Dominum et Metropolitanum in Ecclesia Bracarensi post decessem meum procul dubio habebitis. Hoc autem quemadmodum a sancti viro praedictum est, in effectu rei constitit evenisse.

Traduzione italiana:

[...]. Un giorno, in verità, mentre l'uomo di Dio [San Geraldo di Braga, *scil.*] era nella cattedrale, venne a Braga per una ragione urgente il vescovo di Coimbra, suffraganeo della medesima metropoli, il venerabile Maurizio. Il cantore della Chiesa di Braga, il signor Mido, si presentò al cospetto dell'uomo di Dio e gli chiese come bisognava accogliere il suddetto pontefice. Il padre venerabile [San Geraldo, *scil.*] gli rispose: «*dovete accogliere il vescovo di Coimbra con onore e con una solenne processione, perché lo avrete, senza dubbio, come signore e metropolita della Chiesa di Braga dopo la mia morte*». E così, quello che era stato predetto dal Santo di Dio [San Geraldo di Braga, *scil.*] poi accadde realmente.

Tradução portuguesa:

[...]. Estando, na verdade, certo dia o homem de Deus [Geraldo, *scil.*] na catedral, e vindo a Braga, por negócio urgente, o bispo de Coimbra, sufragâneo da mesma metrópole, isto é, o venerável Maurício, o chantre da Igreja bracarense, quer dizer, o senhor Mido, aparecendo na presença do homem de Deus, perguntou-lhe como havia de mandar receber o referido pontífice. E o pai venerando que lhe torna: «*deveis receber ao bispo de Coimbra com pompa e uma solene procissão, porque o tereis, sem dúvida, como senhor e metropolita na Sé de Braga, depois da minha morte*». E isto, como fora predito pelo Santo de Deus [Geraldo, *scil.*], adregou de, realmente, acontecer.

2) Vita Martini Sauriensis. In Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra. Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de Martinho de Soure. Ed. Aires A. Nascimento. Lisboa: Edições Colibri, 1998, p. 223-249.

Nota biografica: La vita di Martino di Soure fu scritta secondo A. A. Nascimento tra il 1147 e il 1150 da Salvador, un chierico legato a Mendo fratello di Martino di Soure. È possibile che Salvador si fosse occupato anche della cura d'anime a Soure, subito dopo la morte di Martino. Salvador era probabilmente un uomo di buona formazione letteraria e canonico regolare di Santa Cruz di Coimbra. Sempre secondo A. A. Nascimento, Salvador potrebbe essere lo scriba omonimo che compare nei documenti di Santa Cruz di Coimbra tra il 1150 e il 1154.

Opera: Si tratta di una agiografia di Martino di Soure. Nato nell'XI secolo, figlio di Martino Arias e Argio, secondo la *Vita Sancti Martini Sauriensis*, Martino iniziò la sua carriera ecclesiastica a Coimbra durante il pontificato di Maurizio «Burdino» (1099-1108). Martino fu canonico regolare della cattedrale di Coimbra e verso il 1124 fu nominato priore nel castello di Soure, in un'area di frontiera tra cristiani e musulmani in Portogallo. Nel 1144 Soure fu attaccata e conquistata dal signore di Santarém Abu Zakaria che imprigionò e deportò a Cordoba Martino, il quale fu torturato e ucciso nel 1146. Martino di Soure è venerato come santo e martire e la sua commemorazione è il giorno 31 gennaio.

Edizioni/Traduzioni principali³¹¹: *Vita Sancti Martini Sauriensis*. In *Portugaliae Monumenta Historica*. Ed. Alexandre Herculano. Vol. I, f. I. Lisbona: Academia das Ciências de Lisboa, 1856, p. 59-62. *Vita Sancti Martini. Domino suo Menendo gratia Dei Sauriensium Presbitero, Salvatus de suis unus, sed eis paruus*. In *Monarquia Lusitana*. Ed. António Brandão. Vol. III. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1632, p. 286-289 (Escritura XIX). *De S. Martino Presbytero Sauriensi in Lusitania*. In *Acta Sanctorum*. Ianuarii Tomus III. Paris: Victor Palmé, 1863, p. 746-749. *Livro Santo de Santa Cruz: cartulário do sec. XII*. Ed. Leontina Ventura; Ana Santiago Faria. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990, doc. 51. *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra. Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de Martinho de Soure*. Ed. Aires A. Nascimento. Lisboa: Edições Colibri, 1998, p. 223-249; abbiamo utilizzato quest'ultima traduzione che riportiamo integralmente qui di seguito (p. 229, 231).

Bibliografia essenziale: O'MALLEY, Austin (1954) — *Tello and Theotonio: The Twelfth-century Founders of the Monastery of Santa Cruz in Coimbra*. Washington: Catholic University of America Press, p. 42. *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra. Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de Martinho de Soure*. Ed. por A. A. Nascimento. Lisboa: Edições Colibri, 1998, p. 16-17, 50 e 245-249. FERNANDES, Fabiano (junho 2014) — *A hagiografia de Martinho de Soure e a fronteira de Coimbra na primeira metade do século XII: guerra, fé e memória*. «Revista Diálogos Mediterrânicos», vol. 6, p. 113-131. ROSA, Maria de Lurdes (2001-2002) — *A santidade no Portugal medieval: narrativas e trajectos de vida*. «Lusitania Sacra», II Série, vol. XIII-XIV, p. 369-450. MARTINS, Armando Alberto (2003) — *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Idade Média*. Lisboa: Centro de História/Universidade de Lisboa, p. 37. Per una panoramica generale sul clero portoghese medievale si vedano i saggi di FLEISCH, INGLO (2007) — *The Portuguese Clergy and the European Universities in the 12th and the 13th centuries*, e GOMES, Saul António (2007) — *La formation intellectuelle du clergé seculier portugais du XII^o au XIV^o siècle*, entrambi in *Carreiras eclesiásticas no Ocidente Cristão (séc. XII-XIV)*. Lisboa: CEHR/Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2007, rispettivamente alle p. 63-76 e 103-120. SOBRAL, Cristina (2007) — *Hagiografia em Portugal: Balanço e Perspectivas*. «Medievalista on-line», vol. 3. Disponibile in <<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA3/medievalista-hagiografia.html>>. [Consultazione realizzata on-line il 11/07/2019].

5. Accidit autem quodam tempore, ut prefate urbis³¹² venerabilis vite antistes, Mauricius nomine, de finibus Braccare metropolitane urbis adveniens, per supra memoratum vicum contigit habere transitum. Quem parentes ipsius, de quo nobis est sermo, Martini, hospitio ouanter suscipientes, et ut eis possibilitas affuit, ilare absequium affectuosissime ministrarunt. Dicentes sese in litteralibus studiis clericulum filium haberem, quem tanti presulis arbitrio obtemperare desiderabant. Quorum episcopus devotionem agnoscens in sui episcopatus sedem puerum defferri precepit. Deinde prosequente divine spiritu pietatis, canonicorum consensu, atque bone memorie doctissimi Martini eiusdem sedis prioris assensu, in numero canonico puerulum Martinus prefatus Mauricius canonicavit.

Traduzione italiana:

5. Accadde a quel tempo che a un vescovo di quella città, dalla vita venerabile e di nome Maurizio, venendo dai confini della città metropolitana di Braga capitò di passare per quel villaggio che abbiamo

³¹¹ Sia per la *Vita* di Martino di Soure che per la *Vita* di Telo è stata indispensabile la traduzione di A. A. Nascimento citata nelle schede bibliografiche delle due opere e che abbiamo riportato praticamente in forma integrale.

³¹² Coimbra.

menzionato sopra [Soure, *scil.*]. I genitori di Martino, del quale abbiamo parlato, lo accolsero con gioia nella loro casa e lo trattarono con la massima riverenza secondo le loro possibilità. Dissero a Maurizio di avere un giovane figlio chierico che studiava le lettere e che desideravano fosse messo sotto il magistero di un così insigne prelado. Il vescovo riconoscendo la sincera devozione dei due genitori decise di portare il ragazzino con sè presso la sua sede episcopale. In seguito, ispirato dalla Divina Pietà e con il consenso dei canonici e del dottissimo Martino, di buona memoria, priore di quella sede vescovile, il suddetto Martino ancora giovanissimo fu inserito da Maurizio tra i canonici.

Tradução portuguesa:

5. Ora aconteceu, certa ocasião, que um bispo daquela cidade, de vida veneranda, chamado Maurício, vindo dos termos da cidade metropolitana de Braga, calhou de atravessar a aldeia atrás referida [Soure, *scil.*]. Os pais de Martinho, de quem vimos discorrendo, receberam-no, gozosos, em sua casa, e, de harmonia com as suas possibilidades, prestaram-lhe, com a maior deferência e alegria, os seus serviços, e deram-lhe conhecimento de que tinham um filho clérigo de poucos anos a estudar letras e que era seu desejo que ele fosse acolhido na dependência de tão insigne prelado. O bispo apreciou os seus sentimentos e mandou que o menino fosse levado para a sua Sé episcopal. Depois, assistido por inspiração da piedade divina, com o consenso dos cónegos e com o assentimento de Martinho, prior da mesma Sé, homem doutíssimo, de saudosa memória, o dito Maurício inscreveu no número dos cónegos Martinho, ainda criança.

3) *Vita Tellonis*. In *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra. Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de Martinho de Soure*. Ed. Aires A. Nascimento. Lisboa: Edições Colibri, 1998, p. 56, 58.

Nota biografica: L'autore della *Vita Tellonis* è il maestro Pedro Alfarde canonico regolare e priore tra il 1184 e il 1190 del monastero di Santa Cruz di Coimbra.

Opera: L'opera è la biografia dell'arcidiacono Telo di Coimbra fondatore del monastero di Santa Cruz di Coimbra insieme a Teotonio³¹³. Sulla data di composizione dell'opera gli studiosi non hanno espresso un parere unanime. Secondo R. Durand l'opera fu scritta a partire dal 1155, mentre per A. Estefânio, l'opera forse potrebbe anche essere precedente. E. A. O'Malley nel suo studio sui fondatori di Santa Cruz di Coimbra ha sottolineato come la *Vita Tellonis* sia una fonte di grande interesse, in quanto scritta soltanto circa venti anni dopo la morte dell'arcidiacono Telo (†1137), un elemento che confermerebbe la datazione dell'opera attorno agli anni cinquanta del XII secolo.

Edizioni/Traduzioni principali: *Vita Tellonis*. In *Portugaliae Monumenta Historica*. Ed. Alexandre Herculano. Vol. I, f. I. Lisbona: Academia das Ciências de Lisboa, 1856, p. 62-75. CRUZ, António (1968) — *Anais, Crónicas e Memórias avulsas de Santa Cruz de Coimbra*. Porto: Biblioteca Pública Municipal, p. 31-42. *Livro Santo de Santa Cruz: cartulário do sec. XII*. Ed. Leontina Ventura; Ana Santiago Faria. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990, doc. 1. *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra. Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de Martinho de Soure*. Ed. por

³¹³ Teotonio (†1162) fu fondatore e priore del monastero portoghese di Santa Cruz di Coimbra. Si veda su questo punto O'MALLEY, 1954: 86 e seguenti.

A. A. Nascimento. Lisboa: Edições Colibri, 1998, p. 55-137; abbiamo utilizzato questa traduzione che riportiamo integralmente qui di seguito (p. 57, 59).

Bibliografia essenziale: O'MALLEY, Austin (1954) — *Tello and Theotonio: The Twelfth-century Founders of the Monastery of Santa Cruz in Coimbra*. Washington: Catholic University of America Press, p. 50-54. NASCIMENTO, Aires A. (1980) — «Corepiscopus». *Um arcaísmo não compreendido na «Vita Tellonis»*. «Didaskalia», vol. X, p. 381-390. *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra. Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de Martinho de Soure*. Ed. Aires A. Nascimento. Lisboa: Edições Colibri, 1998, p. 55-137. MARTINS, Armando Alberto (2003) — *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Idade Média*. Lisboa: Centro de História/Universidade de Lisboa, p. 37 e 306. DURAND, Robert (2003) — *Le souverain vu du cloître. Hagiographie et idéologie royale au Portugal: le cas de Sainte-Croix de Coïmbre*. In CASSAGNES-BROUQUET, Sophie; CHAUOU, Amaury; PICHOT, Daniel; ROUSSELOT, Lionel, coord. — *Religion et mentalités au Moyen âge. Mélanges en l'honneur d'Hervé Martin*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, p. 55-63. Si veda anche il lavoro di ESTEFÂNIO, Abel (2016) — *De novo a data e o local de nascimento de Afonso I*. «Medievalista», vol. 19. Disponibile in <<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA19/estefanio1906.html>>. [Consultazione realizzata on-line il 12/07/2019].

[...] Tello archidiaconus [...] Vnde familiaritate principum habebatur carus et maxime illius qui tunc temporis erat Colimbrie episcopus domnus Mauricius. Rogatus namque, cum eo Iherosolimiam peciit, per triennum tocius curie et episcopi curam apud se gerens et cuncta pro suo nutu componens. [...] Sed ubi, satis est, exhausti post triennum nauigantes apulerunt Bizantium, ubi ferme per medium commorantes annum, si quid deerat supradictis archidiaconus addebat institutis. Cumque sani indeque incolumes repedarent ad propria, defuncto sanctissimo Bracare archiepiscopo Giraldo³¹⁴, domnus Mauricius illius subrogatur loco. Colimbrie vero sublimatur bone memorie Gundisaluus pro episcopo³¹⁵, et efficitur corepiscopus Tello, qui licet opibus potentiaque opitulantis, desideratum nequit uel incipere uotu, consociis locoque ubi statueretur deficientibus. Plurimus vero labentibus annis, postea quam archiepiscopus Mauricius Rome papa ab imperatore instituitur, et Pelagius eius archidiaconus loco illis sublimaretur archiepiscopus³¹⁶, pontifexque Colimbrie, non tam serio quam infirmitate confectus celo redderet spiritum, Tello archidiaconus honestior uita omni clero et moribus querebatur precinus a clero et populo episcopus.

Traduzione italiana:

[...]. Per questo motivo la sua compagnia [dell'arcidiacono Telo, *scil.*] era desiderata dai dignitari e soprattutto da colui il quale in quel tempo era vescovo di Coimbra, Maurizio. Fu così allora che su sua sollecitazione, Telo prese con lui il cammino verso Gerusalemme, gestendo al suo fianco tutti gli affari della curia e del vescovo per tre anni, assicurando tutto di sua propria iniziativa. [...]. Tuttavia, non sarà necessario dire di più, quando esausti dopo tre anni approdarono a Bisanzio, dove rimasero per quasi metà anno, l'arcidiacono si occupava di procurare qualsiasi cosa fosse utile al suddetto progetto. Da quel luogo tornarono sani e salvi nella propria terra. Quando morì

³¹⁴ Geraldo di Moissac, si veda la nota n.º 310 in questa sezione.

³¹⁵ Gonçalo Pais fu vescovo di Coimbra (1109-1128) succedendo a Maurizio «Burdino», si veda DE GOUVEIA, 2012: 183-226.

³¹⁶ Paio Mendes fu il successore di Maurizio «Burdino» come arcivescovo di Braga tra il 1108 e il 1137. Si vedano REILLY, 1998: 250 e seguenti; AMARAL, 1999: 313-350; LAY, 2009: 61-62, 64-66, 69, 71, 74-75 e 115.

il santissimo Geraldo arcivescovo di Braga, Maurizio fu scelto per sostituirlo, mentre a Coimbra fu eletto come vescovo Gonzalo, di buona memoria, e Telo divenne «corepiscopo». Sebbene Telo disponesse di mezzi e potere, non riuscì nemmeno a dare inizio al suo progetto [la fondazione del monastero di Santa Cruz di Coimbra, *scil.*], poiché mancavano dei compagni e un luogo dove stabilirsi. Alcuni anni dopo a Roma l'arcivescovo Maurizio fu elevato al pontificato dall'imperatore [Enrico V, *scil.*] e l'arcidiacono Paio fu eletto arcivescovo al suo posto, mentre non tanto per l'età, quanto per la sua malattia, il vescovo di Coimbra [Gonçalo Pais, *scil.*] restituì il suo spirito al cielo. Più onesto nella vita e nei costumi che tutto il resto del clero, l'arcidiacono Tello era richiesto come vescovo dal clero e dal popolo.

Tradução portuguesa:

[...]. Por isso mesmo, era desejado o seu convívio [do arcediogo Telo, *scil.*] pelos dignitários, particularmente por aquele que nesse tempo era bispo de Coimbra, D. Maurício. Foi assim que, a solicitação deste, tomou com ele o caminho de Jerusalém, gerindo a seu lado, por três anos, os negócios da cúria e do bispo, tudo assegurando por própria iniciativa [...]. Quando, porém, (não será preciso dizer mais), exaustos, ao fim de três anos, chegaram por mar a Bizâncio, onde permaneceram quase meio ano, se algo faltava à dita organização, o arcediogo ia-o acrescentando. Sãos e salvos, daí voltaram pelo mesmo caminho à sua terra e, falecendo o mais que santo Geraldo, arcebispo de Braga, é D. Maurício quem é sufragado para seu lugar. A bispo de Coimbra, por seu lado, é elevado Gonçalo de boa memória e torna-se Telo seu corepiscopo. Embora usufruisse de bens e de poder, não consegue este dar sequer início ao intento desejado [fundação do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, *scil.*], pois lhe faltavam companheiros e um lugar onde se estabelecer. Passados, porém, vários anos, depois de, em Roma, o arcebispo Maurício ter sido instituído papa pelo imperador [Henrique V, *scil.*], Paio [Mendes, *scil.*], seu arcediogo, ter sido elevado ao seu lugar como arcebispo, o prelado de Coimbra, alquebrado não tanto pela idade, mas mais pela doença, entregou ao céu o seu espírito e o arcediogo Telo, mais exemplar de vida e costumes que todo o outro clero, era requerido para bispo pelo clero e pelo povo.

4) *Iohannes De Deo. Cronica.* Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, *Scriptores*, XXXI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1903, p. 321-322.

Nota biografica: *Johannes de Deo* (João de Deus in portoghese) nacque a Silves in Algarve e si formò in diritto canonico presso l'Università di Bologna, nella quale esercitò successivamente il ruolo di professore probabilmente fino agli anni 1253-1255. Canonico dal 1240-1241, nel 1260 Johannes era tornato in Portogallo, dove fu arcidiacono a Santarém e Lisbona. Morì nel 1267.

Opera: Si tratta di una storia universale scritta nel XIII secolo molto probabilmente durante il pontificato di Gregorio IX (1227-1241), completata prima del 1238 secondo G. Murano. Come lo stesso João de Deus dichiara nell'*incipit* dell'opera, una delle fonti di riferimento per la *Cronica* è l'opera del vescovo di Cremona Sicardo (cfr. l'edizione di O. Holder-Egger a p. 302).

Edizioni/Traduzioni principali: *Iohannes De Deo. Cronica.* Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, *Scriptores*, XXXI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1903, p. 301-324.

Bibliografia essenziale: VON SCHULTE, Johann Friedrich (1877) — *Geschichte der Quellen und der Literatur des kanonischen Rechts*. Vol. II. Stuttgart: Verlag von Ferdinand Enke, p. 94-107. *Iohannes De Deo. Cronica*. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, Scriptores, XXXI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1903, p. 301. SOUSA COSTA, Antonio Domingues de (1957) — *Um mestre português em Bolonha no século XIII, João de Deus, Vida e obras*. Braga: Editorial Franciscana. SOUSA COSTA, Antonio Domingues de (1958) — *Animadversiones criticae in vitam et opera Canonistae Iohannis de Deo*. «Antonianum», vol. 33, p. 76-124. MURANO, Giovanna (2007) — *La tradizione delle opere di Iohannes de Deo ed il ms Roma, Biblioteca Casanatense 1094 (A.II.10)*, «Mediaevalia. Textos e estudos», vol. 26, p. 9-80, in particolare p. 18. Per i dati biografici su João de Deus, oltre al saggio di G. Murano, ci siamo avvalsi anche di JORGE, Ana Maria; DE SÁ NOGUEIRA, Bernardo; ROLDÃO, Filipa; FARELO, Mário (2005) — *A dimensão europeia do clero de Lisboa (1147-1325)*. In *A Igreja e o Clero Português no contexto europeu*. Lisboa: CEHR/UCP, p. 37 e 39-40 e del sito Disponibile in <<https://www.encyclopedia.com/religion/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/joannes-de-deo>>. [Consultazione realizzata on-line il 16/10/2019].

Gelasius secundus cepit anno Domini M centesimo decimo octavo, sedit anno uno, diebus sex, imperante Enrico, Gelasius secundus apud Capuam ob metum imperatoris consecratus. Et imperator intrusit Bracharum, virum pessimum. Et Gelasius decessit exulatus. [...] Calixtus secundus, filius comitis Lingisce, de nobili genere et nobilior bonitate, Romam veniens intrusum, scilicet Brundium, cepit et pro palafredo posuit eum transversus in camelo, et pro freno caudam tenuit et pro pilleo pilosam pellem; et in Cavense monasterium detrusit, ubi vitam finivit. Et tunc imperator ad pacem rediit.

Traduzione italiana:

Gelasio II fu eletto papa nell'anno del Signore millecentodiciotto, sedette sul soglio di Pietro un anno e sei giorni durante l'impero di Enrico. Gelasio fu consacrato a Capua per paura dell'imperatore, che allora elesse Burdino, un pessimo uomo. Callisto II, figlio del conte di Borgogna, di genere nobile e di ancora più nobile bontà, venne a Roma e catturò l'intruso Burdino. Per ronzino gli fu dato un cammello sul quale stava seduto di traverso tenendo la coda come se fosse una briglia e al posto del pallio rosso, Burdino fu coperto con una pelle villosa. Fu rinchiuso nel monastero di Cava dove morì e allora l'imperatore tornò alla pace.

Tradução portuguesa:

Gelásio II foi eleito papa no ano do Senhor de 1118 e sentou-se no trono de Pedro ao longo de um ano e seis dias durante o império de Henrique. Gelásio foi consagrado em Cápua por medo do imperador, que então elegeu Burdino, um péssimo homem. Calisto II, filho do conde da Borgonha, de nobre género e ainda mais de nobre bondade, chegou a Roma e capturou o intruso Burdino. Como cavalo foi-lhe dado um camelo sobre o qual estava sentado de lado, tendo a cauda como rédea e em lugar do pálio vermelho foi coberto com uma pele grosseira; foi encerrado no mosteiro de Cava, onde morreu, e depois o imperador regressou à paz.

Regno di León-Castiglia

1) *Historia Compostellana*. Ed. Emma Falque Rey. Turnhout: Brepols, Corpus Christianorum Continuatio Medievalis, 1988, p. 126-128, 162-164, 194-197, 217-218, 223-226, 229-232, 246-249 e 286.

Nota biografica: L'*Historia Compostellana* fu scritta da più autori. Il primo fu Munio o Nuño Alfonso, tesoriere della Chiesa di Santiago de Compostela e successivamente vescovo di Mondoñedo (Galizia). Munio scrisse il primo nucleo dell'opera quello chiamato da L. Vones *Registrum* e da F. López Alsina *Gesta Compostellana*, ossia i capitoli dal 4 al 45 (tranne i capitoli 15 e 27) del primo libro e i capitoli introduttivi (1-3, la cui attribuzione però è discussa dagli studiosi), scritti tra il 1107 e il 1113. Il secondo autore dell'*Historia* è Ugo, arcidiacono di Compostela e vescovo di Oporto (1112-1136), di probabile origine francese. Ugo scrisse un solo ed importantissimo capitolo (il numero 15 del primo libro) tra il 1107 e il 1112, nel quale l'arcidiacono compostelano racconta la versione dal punto di vista della sede di Santiago del furto delle reliquie perpetrato dall'allora vescovo Diego Gelmírez alla chiesa di Braga nel 1102, l'episodio meglio conosciuto come il *Pio Latrocinio*. Il terzo autore è il maestro Giraldo anche lui probabilmente di origine francese, o comunque non di origine galiziana. Giraldo completò il primo libro e scrisse la gran parte del secondo libro, tra il 1120 e il 1124-1126. Il quarto autore (capitolo 27 del libro I, del quale non è possibile stabilire l'esatta data di composizione) è il cappellano Pedro. Infine, l'ultima parte del secondo libro e del terzo secondo F. L. López Alsina sarebbe da attribuire al canonico Pedro Marcio — e non al *magister* Raniero —, il quale scrisse la parte finale dell'opera tra il 1145 e il 1149, ossia dopo la morte di Diego Gelmírez. Visto e considerato che i capitoli nei quali si parla di Maurizio «Burdino» sono contenuti nella seconda parte del primo libro e prima del capitolo 63 del secondo libro, il punto secondo cui E. Falque Rey si registra un forte cambiamento di stile nell'opera, è possibile affermare con una certa sicurezza che l'autore di questi passi sia il maestro Giraldo e li abbia composti verso fine del primo quarto del XII secolo, pochi anni dopo il pontificato di Maurizio «Burdino» come Gregorio VIII (1118-1121)³¹⁷.

Opera: L'*Historia Compostellana* è un'opera incentrata sulle vicende della Sede di Santiago, anche se la gran parte dell'opera è dedicata in realtà al lungo pontificato di Diego Gelmírez vescovo di Compostela tra il 1100 e il 1120 e primo arcivescovo della sede galiziana dal 1120 al 1140. L'*Historia Compostellana* è una fonte di grande interesse in quanto fornisce dal punto di vista di Santiago una visione dei fatti contemporanei riguardanti sia la penisola iberica (durante i regni di Alfonso VI, Urraca, Alfonso VII di León-Castiglia), che il papato romano e Cluny. Si tratta di una fonte imprescindibile per lo studio della penisola iberica nei secoli centrali del medioevo.

Edizioni/Traduzioni principali: *Historia compostelana*. In *España sagrada: teatro geographico-historico de la iglesia de España*. Ed. Enrique Flórez. Tomo XX. Madrid: En la imprenta de la viuda de Eliseo Sánchez, 1765. *Historia Compostellana*. Ed. Emma Falque Rey. Turnhout: Brepols, Corpus Christianorum Continuatio Medievalis, 1988. Dell'opera esistono due traduzioni in castigliano: *Historia Compostelana o sea hechos de D. Diego Gelmirez*. Ed. y trad. J. Campelo. Santiago de Compostela: Editorial Porto, 1950. *Historia Compostelana*. Ed. y trad. E. Falque Rey. Madrid:

³¹⁷ Per una sintesi della questione si veda *Historia Compostelana*, 1994: 11-26.

Ediciones Akal, 1994. Dell'opera esiste anche una traduzione parziale di alcuni brani specifici in portoghese contenuta in MARTINS, Mário (1957) — *Peregrinações e livros de milagres na nossa idade média*. Lisboa: Edições Brotéria.

Bibliografia essenziale: BIGGS, Anselm Gordon (1949) — *Diego Gelmírez: first archbishop of Compostela*. Washington: Catholic Universities of America Press, p. XXI-XXIV. REILLY, Bernard Franklin (1969) — *The Historia Compostelana: The Genesis and Composition of a Twelfth-Century Spanish Gesta*. «Speculum», vol. 44, p. 78-85. REILLY, Bernard Franklin (1971) — *Existing Manuscripts of the Historia Compostelana: Notes toward a Critical Edition*. «Manuscripta», vol. 15, p. 131-152. VONES, Ludwig (1980) — *Die Historia Compostelana und die Kirchenpolitik des nordwestspanischen Raumes: 1070-1130*. Köln: Böhlau, in particolare p. 45-64. LÓPEZ ALSINA, Fernando (2015) — *La ciudad de Compostela en la Alta Edad Media*. 2.^a ed. Santiago de Compostela: Consorcio de Santiago-Universidade de Santiago de Compostela, p. 48-93. *Historia Compostelana*. Ed. Emma Falque Rey. Madrid: Ediciones Akal, 1994, in particolare p. 11-26. Su Diego Gelmírez rinvio al classico di FLETCHER, Richard Alexander (1984) — *Saint James' Catapult. The Life and Times of Diego Gelmírez of Santiago de Compostela*. Oxford: Clarendon Press e alla più recente monografia di PORTELA SILVA, Ermelindo, (2017) — *El báculo y la ballesta. Diego Gelmírez (c. 1065-1140)*. Madrid: Marcial Pons.

Libro I

Cap. LXXXI

De electione Munionis Minduniensis episcopi et Hugonis Portugalensis.

I. In temporibus domini Didaci ecclesie beati Iacobi admodum reverendi episcopi, de quo superius tractavimus, eiusdem Apostoli ecclesia canonicorum senatu feliciter floruit et clericorum venerabili conventu claruit. [...]

II. Et quoniam beato Iacobo ecclesie sue filios exaltari placuit, duo de canonicis, quos supra dictus episcopus educaverat, ad pontificatus culmen conscenderunt. Alter quorum Hugo, scilicet sancti Iacobi archidiaconus, in Portugalensi sedi³¹⁸; alter vero, Munio scilicet Adefonsiades, eiusdem ecclesie thesaurarius, in Minduniensi sublimatus est³¹⁹. Facta utriusque electione, dominus Mauritius Bracharensis archiepiscopus eorum consecrationem Tude fieri disposuit. Post hec ecclesie Beati Iacobi episcopum ad eandem consecrationem venire rogavit; hii etenim, quos consecratus erat, eius precordiales filii erant et ipsum nimio caritatis affectu, nimio dilectionis vinculo invicem amplectebatur; quippe archiepiscopus sancti Iacobi canonicus erat et ab eodem episcopo commoda atque prestamina recipiebat, videlicet medium Brachare et medium Corneliane³²⁰ cum appenditiis suis, quod est de regali iure et ad sancti Iacobi episcopum pertinet. Quod vero canonicorum sancti Iacobi est, archiepiscopo minime commissum est. Ea utique ecclesie beati Iacobi venerabilis episcopus summe dilectionis gratia compunctus Bracharensi archiepiscopo, scilicet ipsius venerabili persone, non tamen ecclesie eius, ad tempus pro feudo commiserat, que, quando vellet, reacciperet et sua ad se redire faceret.

³¹⁸ Si tratta di Ugo primo vescovo della sede restaurata di Oporto (1112/1114-1136). Per una panoramica generale su questo vescovo rinvio alla lettura di AMARAL, 2017: 25-45.

³¹⁹ Munio o Nuño Alfonso ricopri la carica di vescovo a Mondoñedo in Galizia tra il 1112 e il 1136. Si veda CAL PARDO, 2003: 95-101.

³²⁰ Correlhã è una frazione di Ponte de Lima, trenta chilometri a nord di Braga.

III. Hoc scriptum fecit Mauritius Bracharensis archiepiscopus predicto sancti Iacobi episcopo in Tudensi civitate, quando accepit ab eo prestimonium quod inferius scriptum est era Ia.Ca.XLVII et quod XVI Kal. Octobris.

Pactum quod fecit idem archiepiscopus episcopo Sancti Iacobi.

Ego Mauritius Bracharensis ecclesie archiepiscopus de manu amici et confratris nostri domini Didaci secundi, venerabilis Compostellane ecclesie episcopi, suscipio in prestimonium sive feudum medietatem possessionum et hereditatum, quas habet ecclesia sancti Iacobi in Portugalensi terra a flumine Limie usque in Dorium, scilicet medietatem ecclesie Sancti Victoris et Sancti Fructuosi cum omnibus appendiciis suis et medietatem ville, que vocatur Corneliana, cum omnibus ad eam pertinentibus et ceterarum villarum, que ad prefatam beati Iacobi ecclesiam pertinere dignoscuntur, ut teneam ab eo et possideam et, quando ipse recipere voluerit, ei vel ecclesie sancti Iacobi quiete dimittam vel restituum.

Confirmatores

Ego Mauritius prefatus archiepiscopus manu mea confirmo. Qui presentes fuerunt:

Hugo archidiaconus sancti Iacobi confirmo³²¹.

Munio Adefonsi eiusdem loci thesaurarius confirmo³²².

Petrus Didaci canonicus sancti Iacobi confirmo³²³.

Vimara Bracharensis ecclesie prior et archidiaconus confirmo³²⁴.

Bernardus eiusdem ecclesie magister confirmo³²⁵.

Ego Didacus secundus licet indignus ecclesie beati Iacobi episcopus confirmo manu mea³²⁶.

Munio Gomez archidiaconus confirmo³²⁷.

Cap. LXXXII

De Ordinatione predictorum electorum.

I. Omnia autem hec apostolice sedis episcopus absque consensu et consilio canonicorum suorum archiepiscopo dederat, quapropter pro irritato haberi poterat.

Verum enimvero predictus episcopus ad determinatum locum nullatenus ire presumpsit, tum quia hyemps asperior solito inhorruerat, tum quia tota Gallitiam discordie tumultu turbatam considerabat

³²¹ Si tratta di Ugo di Oporto che prima di diventare vescovo nella contea di Portogallo era stato arcidiacono a Compostela. AMARAL, 2017: 25-27.

³²² Si tratta di Munio o Nuño Alfonso che prima di diventare vescovo di Mondoñedo aveva ricoperto la carica di tesoriere della Chiesa compostellana. Si veda CAL PARDO, 2003: 95.

³²³ Pedro Díaz era un canonico di Compostela, lo stesso che fu inviato a Gerusalemme per conto di Diego Gelmírez. Si veda *Historia Compostelana*, 1994: 318, nota n.º 97. Potrebbe essere anche lo stesso Pedro Diaz, seppur non qualificato come arcidiacono nelle fonti, che compare nei documenti del Tumbo B della cattedrale di Santiago tra il 1103 e il 1129. Si veda *Tumbo B*: docs. 71, 77, 80, 101 e 104.

³²⁴ Non sono riuscito a identificare questo personaggio.

³²⁵ Non sono riuscito a identificare questo personaggio.

³²⁶ Diego Gelmírez vescovo di Compostela tra il 1100 e il 1120 e successivamente arcivescovo della stessa sede dal 1120 e il 1140, nella fonte è chiamato Diego II, in quanto c'era già stato un vescovo omonimo, Diego Peláez prima tra il 1075 e il 1088 e poi tra il 1090 e il 1094. Si veda Portela Silva, 2016: 17 e seguenti. Su Diego Peláez e il suo conflitto con Alfonso VI, Dalmazzo, Diego Gelmírez e Pasquale II si veda CANTARELLA, 2006: 9 e seguenti.

³²⁷ Non sono riuscito ad identificare questo arcidiacono che non compare né nel *Tumbo A*, né nel *Tumbo B* della cattedrale di Santiago. Rinvio a *Tumbo A*: 354 e *Tumbo B*: 719.

et metuebat, ne in itinere aut se aut suos rebelles atque proditores Gallitiae dedecorare aut inquietare presumerent. Misit itaque illuc cum supra dictis electis quosdam de canonicis suis, scilicet egregias atque vulnerabiles personas, qui et electos honorifice comitarentur et archiepiscopo causam sue absentiae penitus intimarent. Archiepiscopus vero audita pontificis absentia supra dictis de causis propius accedens ad Lerzensem ecclesiam³²⁸, que est diocesis Beati iacobi, venire non renuit et ad pontificem legatos misit, ne benignitas sua future consecrationi interesse recusaret, presertim cum et ipse diuturne infirmitatis dolore, quam passus erat, contractus et debilitatus per ardua montium, per concava vallium a Bracharensi sede ad Lerzensem ecclesiam accessisset et eum toto mentis affectu videre desideraret, ut cum illo de discordie remotione, de pacis reformatione, de ecclesiarum tranquillitate plenius pertractaret: ingruente siquidem discordia non modico tempore iam transacto, pontifices nec ad celebranda concilia convenire, nec etiam suas proprias dioceses secure visitare audebant; si enim hoc satagerent, proditores, flagitiosi, periuri atque alii Aragonensis tyranni³²⁹ sectam seducti, quod nequaquam dignum est relatu, in ministros Christi, si possent, manus iniicerent. Attamen apostolice sedis venerabilis episcopus fratris sui Bracharensis archiepiscopi audito propius accessu a canonicis suis super hoc negotio consilium accepit et iter aggreditur, tandem Lerzensem ecclesiam pervenit, cuius adventui archiepiscopus maxime congratulatus est.

2. In eadem die, id est, in sabbato ante dominicam de Passione Domini, qua in Sancti Iacobi episcopus Lerzium ingressus est archiepiscopus missam celebravit et dominum Hugonem archidiaconum ad presbiterii gradum sublimavit. Sequenti die, scilicet dominica de Passione Domini, in Lerzensem ecclesiam sancti Iacobi canonici convenerunt, videlicet supra dictus episcopus, canonicorum pater et canonicus, Bracharensis archiepiscopus, Auriensis episcopus atque Tudensis, Minduniensis electus atque Portugalensis. Hii omnes ecclesie beati Iacobi Apostoli canonici erant, necnon alii venerabile canonici. Pape! Quanta et quam reverenda lampade sancti Iacobi canonicorum Lerzensis ecclesia resplenduit, que in illa die tantum memoriale adepta est! Post hec archiepiscopus missam solemniter celebravit et [...] predictos electos [...] consecravit. Celebrata missa, apostolice sedis episcopus³³⁰ quoddam rus suum, scilicet Geogildum, in cuiusdam vallis amenitate situm prope Lerzium repetivit et Auriensem presulem secum adduxit. In Lerzensi vero ecclesia archiepiscopum cum utroque episcopo modo ad episcopatus dignitatem proecto et aliis, quoscumque vellet, accuratissime procurari precepit, ipse etenim bene noverat *hylarem datorem diligit Deus*³³¹. In ipsa die archiepiscopus atque sancti Iacobi episcopus consilium ineuntes de pacis federe, de ecclesiarum

³²⁸ Lérez è una località galiziana che si trova a circa cinquantacinque chilometri a sud-ovest di Santiago de Compostela a ridosso della costa atlantica.

³²⁹ Alfonso I *El Batallador* re d'Aragona. Il re Alfonso I ha un particolare spazio nell'*Historia Compostellana* (1988) in quanto fu il secondo marito della regina di León-Castiglia Urraca (1109-1126), figlia di Alfonso VI di León-Castiglia (1065-1109) e Costanza di Borgogna (†1093), vedova del conte di Galizia Raimondo di Borgogna (†1107) e madre di Alfonso VII di León-Castiglia (1126-1157). Per la figura del *Batallador*, rinvio a LEMA PUEYO, 2008.

³³⁰ Il passaggio fa riferimento alle pretese di Sede Apostolica che Compostela coltivò nei secoli XI e XII e che contrariamente a quanto scritto a lungo dalla storiografia non furono affatto accolte da Roma. Nel 1049 il vescovo di Iria-Compostela Cresconio fu scomunicato durante il Concilio di Reims per essersi definito *apostolicus* come il papa. Leone IX in quel concilio stabilì che solo il papa poteva definirsi apostolico in quanto successore di Pietro. Nel 1095 Urbano II riconobbe a Compostela il fatto di essere il luogo dove erano custodite le reliquie dell'Apostolo Giacomo, ma se si legge bene il documento, l'espressione *Sede Apostolica* è riservata solo e esclusivamente a Roma. Per il privilegio del 1095 si veda JL 4193 (Brioude Dicembre 5 1095) = PL CLI, Urbani II papae ep. CLXVI, cols. 440-441. Per approfondire la questione e analizzare le varie interpretazioni di questi eventi, rinvio a LÓPEZ ALSINA, 2015: 181; CANTARELLA, 2000: 160; CANTARELLA, 2005: 54-59; VAN HERWAARDEN, 2003: 364; SÁNCHEZ SÁNCHEZ, 2010: 181-200.

³³¹ San Paolo II Lettera ai Corinzi 9:7 «Dio ama chi dona con gioia». Disponibile in <<http://www.bibbia.net/>>. [Consultazione realizzata on-line il 29/01/2020].

utilitate, de his etiam, que ad Auriensem vel ad Tudensem diocesim pertinebat, pro quibus inter utriusque sedis episcopum dissensio erat, diu pertractavere.

Cap. XCVIII

De scrvtinio et consecratione lvcensis electi.

I. B. Dei Gratia Toletane sedis archiepiscopus et Sancte Romane Ecclesie legatus dilectis in Christo fratribus atque coepiscopis domino D. Compostellano³³², domino M. Minduniensi³³³, domino A. Tudensi³³⁴, domino D. Auriensi³³⁵ celestis regni aditum. Vestre fraternitati notum fieri volumus Lucensis ecclesie clerum et populum dominum Petrum capellanum regine, sicut accepimus, sibi in pastorem elegisse. Sed utrum electio canonica fuerit quia ignoramus, vobis caritatiue precipimus atque precipiendo rogamus, quatinus rem diligentius perquiratis. Quod si electionem canonicam inueneritis, qui Bracharensis, quandiu Sancte Romane Ecclesie inobediens, sicut nostis, atque rebellis extiterit, ab episcopali officio suspensus officio neminem consecrare potest³³⁶, aut cum domino Compostellano vice nostra fungente benedicere studete aut nobis cumvestris litteris ipsum proculdubio consecrandum dirigite. Mauricio autem, dum in hac malitia perseveraverit, nullus episcopus, nullus Bracharensis provincie abbas sed nec clericus aut laicus, ut dignum est, obedientiam exhibeat. Valet.

Cap. XCIX

Ad insinvandam amicitiam inter toletanvm archiepiscopvm compostellanvm.

De excommvnicatione M. bracharensis archiepiscopi.

B. Dei gratia Toletane sedis archiepiscopus et Sancte Romane Ecclesie legatus³³⁷ dilecto in Christo fratri et coepiscopo domino D. Compostellano supernis civibus feliciter copulari.

Magno mentis affectu, multo animi desiderio vestram, si fieri posset, optarem videre amicitiam de communi utilitate huius regni maxime perturbati vobiscum locuturus. Sed quoniam tanta est perturbatio, quod mutuo uisu presentialiter fraudamur, iungat caritas et epistola, quos separat corporis absentia. Nouerit igitur dilectio vestra M. Bracharensensem, quoniam de invasione Legionensis ecclesie satisfacere noluit et exinde a nobis abu troque officio suspensus episcopale et sacerdotale officium imprudenter celebrare presumpsit, subiectas a domino Papa accepisse litteras:

³³² Diego Gelmírez, si veda la nota n.º 326 in questa sezione.

³³³ Munio di Mondoñedo, si veda la nota n.º 322 in questa sezione.

³³⁴ Alfonso fu vescovo di Tui in Galizia tra il 1097 e il 1131, si veda FLETCHER, 1978: 50 e per una panoramica generale sull'episcopato di Tui nel pieno e bassomedioevo rinvio a GARCÍA ORO, 2002: 549-570.

³³⁵ Diego Velasco vescovo di Ourense in Galizia (1097/1100-1132), si veda FLETCHER, 1978: 48 e per una panoramica generale sull'episcopato di Ourense si veda PÉREZ RODRÍGUEZ, 2002: 395-470.

³³⁶ Il passaggio richiama chiaramente alla momentanea sospensione di Maurizio come arcivescovo di Braga per aver occupato la sede di León (1112/1113), che secondo Bernardo di Sauvetat apparteneva a Toledo e non alla provincia ecclesiastica di Braga. Maurizio riuscì alla fine del 1114 a ribaltare la situazione in suo favore ed essere di nuovo riammesso da Papa Pasquale II all'esercizio delle sue funzioni. Sulla vicenda dell'episcopato di León rinvio a DAVID, 1947: 455-473 e VONES-LIEBENSTEIN, 2018: 143. Per il contesto generale della chiesa di León si veda FLETCHER, 1994: 461-495 e CAVERO DOMÍNGUEZ, 2004: 199-226.

³³⁷ Bernardo di Sauvetat arcivescovo di Toledo tra il 1086 e il 1124/1125, cfr. il classico di RIVERA RECIO, 1962. Sul titolo di primate di Spagna e il ruolo di legato della Sede Apostolica nella penisola iberica degli arcivescovi di Toledo si veda FEIGE, 1991: 61-132.

Inter querelas alias, que de te ad sedem apostolicam delate sunt, Legionensis ecclesie inuasio et contritio Nos frauius contristauit. Super qua ex nostris litteris monitus et a vicario nostro B. Toletano ad concilio evocatus et venire et satisfacere contempstisti. Ad hec pro huiusmodi nequitia et inobedientia per eum tam a sacerdotal quam ab episcopal officio interdictus, eadem tibi officia et Bracharensis ecclesie obidientiam interdiximus, donec resipiscens obedias et plenius obedias et plenius satisfacias. Datum Laterani XIII K. Maii Indictione VII.

Precamur igitur amicitiam vestram, quatinus omnibus suffraganeis Bracharensis ecclesie episcopis has ostendatis litteras et, ne predicto M. secundum iussionem domini Pape obedientiam exhibeant, ammoneatis has quoque alias portugalesium infantisse vestri gratia pro nostro amore destinate. Valet.

Cap. CXII

Quando regina dedit caput beati Iacobo episcopo.

II. Mauricius itaque Colimbriensis episcopus, qui postea Bracharensis archiepiscopus nunc autem papa Guibertus, dudum adiit Iherosolimam ibique diutius commoratus est fabricans equidem quandam ecclesiam prope Iherosolimam; in qua dum moraretur, senex quidam huic loco affinis cepit presentiam eius frequentare, quem M. De diversis percunctabatur, erat enim indigena illius loci; tandem sciscitatus est ab eo cur ecclesiola illa, in qua senex morabatur, tante reverentie apud indigenas haberetur. Responsum est a sene sacerdote, sicut acceperat ab antecessoribus suis, in illa ecclesiola esse caput beati Iacobi Apostoli. Quod ut audivit, M. Episcopus cepit senem sepius ad se vocare, verbis allicere, muneribus amicum et familiarem sibi reddere et idem attentius perscrutari, sicut est calliditas hominum. Cepit etiam idem episcopus ecclesiolam illam frequentare et venerari et sepius vigiliis interesse. Verum ubi videt machinamenta sua non proficere (erant enim ibi assidue custodes), ad aliud animum intendit: convocat clericos suos, quos noverat et fideliores et ad huiusmodi promptiores et, quid intendat, apperit eis. Accepto itaque ab eis consilio, duo ex illis ex industria ceperunt languere et febricitari et cum lucernis et cereis sepius frequentare ecclesiam illam et ibidem pernoctare. Quadam denique nocte tempestiva ceteris absentibus, clause ecclesie hostio, aggrediuntur altare ligonibus, quos secum furtim attulerant, et fodientes in altum sub altari, sicut audierant, inveniunt vas quoddam eburneum et intus aliud argenteum plenum reliquiis. Quod accipientes discedunt cum episcopo suo noctu et adeunt civitatem sanctam Iherosolimam fugientes. Quos cum vidisset summo diluculo in via preteruntes quidam heremita, vocavit eos ad se et ait illis: «Scio equidem, fratres karissimi, quid feratis et quam pretiosum thesaurum furati fueritis. Ite gratias Dei comitetur vos. Oportet enim, ut, ubi est huius Apostoli corpus, ibi sit et capud eius». Quod M. episcopus audiens intellexit famulo Dei fuisse revelatum a Spiritu Sancto hoc, quod facerat. Timuit tamen, ne huius rei rumor circumquaque citius spargeretur, et quam citius potuit transfetauit. Tandem veniens in Hispaniam collocauit venerabiliter reliquias illa Carrione apud sanctum Zoilum³³⁸. Vidit enim Hispaniam assiduo discordie tumultu perturbatam et timuit ne quo casu tanto thesauro spoliaretur. Postea peracto non modici temporis curriculo regina V.³³⁹ Carrione suscepta est et rex Aragonensis³⁴⁰ expulsus est. Que ut notuit caput beati Iacobi, quod M. episcopus Iherosolimis attulerat, in ecclesia sancti Isidori. Tantum igitur thesaurum scilicet

³³⁸ Il monastero di San Zoilo de Carrión è situato lungo il Cammino di Santiago tra le città di Burgos e León, si veda REGLERO DE LA FUENTE, 2008: 114, 117, 182, 186-188, 203, 219, 221, 405, 414, 424, 434, 451, 455, 457, 513, 594 e 656.

³³⁹ Urraca di León-Castiglia, si veda la nota n.º 329 in questa sezione.

³⁴⁰ Alfonso I d'Aragona «El Batallador», si veda la nota n.º 329 in questa sezione.

apud beati iacobi et frustum Domini sepulcri et quoddam os sancti Stephani ceterasque reliquias cum uase argenteo contulit predicto beati iacobi episcopo.

Cap. CXVII

Quod episcopus iuit in expeditionem vsque Segobiam, vt recuperaret honorem Beati Iacobi in Portvgallia.

Non post multum temporis regina discendente in expeditionem contra regem Aragonensem³⁴¹, profiscitur cum ea episcopus, coadunato suo exercitu, et omnes consules et principes Gallicie. Secutus autem est eam rex filius suus cum pedagogo suo habens³⁴² in comitatu suo Adefonsum comitem Limiensem³⁴³, comitem Guterum³⁴⁴, Fredenandum, Veremudum filios comiti Petri³⁴⁵, Gumiz Nuniz³⁴⁶, et quam plure baronum Gallicie cum multo limite. Tandem peruentum est in Campaniam et coadunatis Legionensibus, Campestribus, Castellanis, Asturicensibus, itur extremitatem. Predictus autem episcopus remansit Palentie, dato exercitu suo regine, quia patiebatur, in tibia sua et quia noluit interesse predis et rapinis pauperum. Accepto tamen consilio, cum clericis suis, qui secum erant, iuit Segobiam certa de causa. Nam idem fecerat olim Mauricium Bracharensensem episcopum, canonicum ecclesie beati Iacobi, et dederat ei prestimonium medietatem honoris beati Iacobi, qui est Brachare et in confinio. Quo Mauritio violentia regis Teutonicorum³⁴⁷ in papam electo, alter in loco Brachare electus est, videlicet Pelagius Menindi³⁴⁸, quidam idiota, qui eundem honorem beati Iacobi violenter detinebat. [...].

Libro II

Cap. III

Qvomodo idem episcopvs privs aspiravit ad adipiscendvm archiepiscotvm.

2. Consideraverat quod, ubicumque terrarum alicuius apostoli corpus requiesceret, ibi aut Papatus aut patriarchatus aut ad minus archiepiscopatus erat, excepta ecclesia beati Iacobi. Quod quasi opprobriosum atque iniuriosum ei videbatur, presertim quoniam beatus Iacobus consanguineus Domini fuerat unus de familiaribus ac precordialioribus discipulis Domini. [...] Verum enimvero qui prius fuerant episcopi in ecclesia beati Iacobi, excepto fere Dalmachio bone memorie³⁴⁹, qui per articulum temporis ibi uixit, non ad adipiscendum archiepiscopatum nec ad ceteras ecclesie dignitates adipiscendas anhelaerant, sed in armis et in militia versabantur. Proinde hunc predictum

³⁴¹ Si veda la nota precedente.

³⁴² Dovrebbe trattarsi del conte di Galizia Pedro Froilaz de Traba (†1128), si veda GARCÍA ORO, 1980: 6-9.

³⁴³ Si tratta del conte di Limia (sud della Galizia) Alfonso (1101-1135). Si veda LÓPEZ FERREIRO, 1900: 491 e seguenti.; BARTON, 1997: 227 e FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, 2004: 76 e seguenti.

³⁴⁴ Il conte di Montenegro e Monterroso, Galizia area di Lugo, Gutierre Vermúdez (1086-1130). Si veda BARTON, 1997: 262 e *Historia Compostelana*, 1994: 269, nota n.º 739.

³⁴⁵ Si tratta di Fernando e Vermudo Pérez de Traba, figli del conte di Galizia Pedro Fróilaz de Traba, protettore del re di León-Castiglia Alfonso VII (†1128). Sui Traba rinvio allo studio di PALLARES MÉNDEZ & PORTELA SILVA, 1993: 823-840. Si veda inoltre LÓPEZ SANGIL, 2007: 241-331.

³⁴⁶ Gómez Nuñez de Barbosa (†1150) era conte di Toroño nel sud della Galizia. Si vedano BARTON, 1997: 256 e FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, 2004: 71-92.

³⁴⁷ L'imperatore Enrico V.

³⁴⁸ Paio Mendes arcivescovo di Braga, si veda la nota n.º 316 in questa sezione.

³⁴⁹ Si tratta del vescovo Dalmazzo (1094-1095), il quale ebbe un ruolo importante nella storia della chiesa di Compostela in quanto fu lui ad ottenere da parte di papa Urbano II il definitivo trasferimento della sede vescovile da Iria a Santiago. Rinvio a PÉREZ RODRÍGUEZ, 1996: 23 e seguenti.

episcopum amplius et attentius laborare oportuit, quatinus ecclesia beati iacobi debito claresceret honore. [...].

4. Verum ad archiepiscopatum animum eius semper anhelabat. Defuncto postea predicto Paschali papa et Iohanne Gagetano Romane Ecclesie cardinali et cancellario ad Papatum promoti, qui et Gelasius dictus est, predictus episcopus propositum suum nichilominus abliteravit. Cumque tunc temporis duo de canonicis ecclesie nostre Ierosolimam adirent, scilicet Petrus Didacides³⁵⁰ et Petrus Anaiades³⁵¹, alter cardinalis et alter thesaurarius, iniunxit eis episcopus, ut cum Papa Gelasio de adipiscendo archiepiscopatu tractarent. Ipse namque Gelasius cum fuisset Romane Ecclesie cardinalis et cancellarius, multotiens cum predecessore suo id negotii tractauerat et, quid cuique ecclesie Hispaniarum congrueret, callebat. Ad quem predicti canonici venissent et cum eo super hoc colloquium heberent, arripuit initium sermonis dicens: «Scio, fratres, scio, quid queritis, videlicet Bracarensem ecclesiam archiepiscopatu uultu spoliare beati Iacobi ecclesiam sublimare. Ego quidem cum predecessore meo sepius idem tractaui. Si quando uel quo modo iuste fieri posset, nunc tempus aduenit. Peperit enim Bracarensis ecclesia falgitiosum scandalum in Romanam ecclesiam, scilicet Mauritium, qui incestauit thorum matris sue Sancte Romane Ecclesie et sacrilego Teutonicorum imperatori consentiens statutus est ab eo in ecclesia idolum ad interitum et ad confusionem suam, quem omnis catholica ahominatur atque detestatur ecclesia. Ceterum vos non causa huius legationis, sed peregrinationis vestre huc venistis. Ite ad sepulchrum Domini, quo ire proposuistis, et quidem si nuntios suos ad nos episcopus vester super hoc miserit, plenarie et pro uelle suo ei respondebimus. Verumtamen, quid mecum locuti fueritis quidue animi me circa id negotii habere comperti estis, domino vestro renuntiate. Ego quoque litteras meas ei mittere minime recuso». In hec itaque uerba Papa Gelasius predicto episcopo misit litteras suas.

Litteras Pape.

5. Gelasius episcopus seruus seruorum Dei Venerabili fratri D. Compotellano episcopo salutem et apostolicam benedictionem.

Licet gravioribus negotiis constituti, veteris tamen dilectionis et amicitie non possumus oliusci. Ideoque fraternitatem tuam litteris presentibus visitamus rogantes ac monentes, ut Romane Ecclesie multis aggrauate multisque distractionibus fatigate memoriam habeas et tam eiu quam nostris opportunitatibus debita caritatis subuenias. Communes filios P. cardinalem et Petrum thesaurarium tue benivolentiae commendamus, ut pro amore nostro eos de caris haeas cariores.

Dat. Ferentini XVI K. Iulii.

Cap. VI

Quod episcopus D. Avriensem episcopum³⁵² et Giraldum³⁵³ ad papam G. mittere uoluit.

³⁵⁰ Il canonico Pedro Díaz, si veda la nota n.º 323 in questa sezione.

³⁵¹ Pedro Anayaz canonico e diacono della Chiesa di Compostela e uomo fidato di Diego Gelmírez. L'episodio secondo Emma Falque Rey si svolse nel 1119. Si vedano *Historia Compostelana*, 1994: 318, nota n.º 98, e FLETCHER, 1978: 70.

³⁵² Diego vescovo di Ourense, si veda la nota n.º 335 in questa sezione.

³⁵³ Si tratta di Geraldo di Beauvais canonico della Chiesa di Santiago di Compostela e uno degli autori della *Historia Compostellana*. Si veda *Historia Compostelana*, 1994: 13 e seguenti.

I. Postquam prioris atque cardinalis supradicta captio predicto episcopo sancti Iacobi relata fuit, propemodum indoluit tum propter nuntiorum infectam legationem tum propter tantam pecunie amissionem. Ipse quidem episcopus eo tempore Tudem adierat habiturus iudicii examinationem cum Pelagio Bracharensi episcopo³⁵⁴ super media parte Corneliane et ceteri honoris, qui est sancti Iacobi in Portugallia circa Bracharam, presentibus ibi iudicibus episcopis Didaco Auriensi³⁵⁵, P. Lucensi³⁵⁶, A. Tudensi³⁵⁷, ex iussu B. Toletani archiepiscopi et Romane Ecclesie legati³⁵⁸. Illam namque medietatem, que sua erat, predictus episcopus sancti Iacobi Mauricio Bracharensi archiepiscopo, qui eodem tempore a predicto Teutonicorum tyranno³⁵⁹ erectus in idolum incestabat thoru matris sue Sancte Romane Ecclesie³⁶⁰, dederat in prestimonium. Quam medietatem successor eius Pelagius violentie fultus retinebat. Qui causa huius exminationis veniens noluit tamen inire iudicium nec etiam transmeare Mineum³⁶¹, sed veniens usque ad ripam Minei ait: «Qui tenet nunc, teneat. Ego enim neque Tudem transmeabo neque eorum episcoporum iudicium inibo». Inde reuersus Bracharam violenta manu inuasit aliam predicti medietatem honoris, erat canonicorum sancti Iacobi.

Cap. XIV

De scismate et de reconciliatione Calixti Pape et Cluniacensis Abbatis.

I. Inter Calixtum Papam et P. Cluniacensem abbatem olim quasi simulata dilectionis species fuerat. Electo namque et consecrato Guidone Vienensi archiepiscopo, et Cluniaci in Papam Calixtum ceteris tam Romanis quas Allobrogibus quam Aquitanis clericis ac laicis, qui interfuerant, electionem et consecrationem eius approbantibus, predictus abbas Cluniacensis electionem aut consecrationem eius nec reprobare uoluit. Sed ait: «Precurrant nuncii Romam, qui fratribus nostris in Christo dissolutionem Pape Gelasii notificent, notum quoque faciant illis, quid de confratre nostro Vienensi archiepiscopo a Romanis cardinalibus, ab episcopis, a clericis, etiam a laicis Cluniaci factum fuerit. Quod si clerus et populus Romanus illius electionem atque consecrationem laudauerint, post illos nostra interest laudare et eorum ditioni obedire». Hanc Cluniacensi abbatis sententiam complures Galliarum episcopi callaudabant. Postquam itaque clerus ac populus Romanus Calixti Pape electionem atque consecrationem conlaudauerunt et Mauricium scilicet Teutonici tyranni ydolum execrati sunt³⁶², abbas Cluniacensis et ceteri episcopi aut abbates Galliarum Calixtum Papam, utpote ad apostolici culminis dignitatem iuste promotum, uenerati sunt. [...].

³⁵⁴ Paio Mendes arcivescovo di Braga, si veda la nota n.° 316 in questa sezione.

³⁵⁵ Diego vescovo di Ourense, si veda la nota n.° 335 in questa sezione.

³⁵⁶ Si tratta di Pedro III vescovo di Lugo in Galizia (1113-1133). FLETCHER, 1978: 65 e per una panoramica generale sull'episcopato di Lugo nei secoli medievali si veda MOSQUERA AGRELO, 2002: 21-94.

³⁵⁷ Alfonso vescovo di Tui, si veda la nota n.° 334 in questa sezione.

³⁵⁸ Bernardo di Sauvetat arcivescovo di Toledo, si veda la nota n.° 337 in questa sezione.

³⁵⁹ L'imperatore Enrico V.

³⁶⁰ Maurizio «Burdino».

³⁶¹ Il fiume Miño. Ancora oggi nel suo ultimo tratto, il Miño segna il confine tra Spagna e Portogallo.

³⁶² Come abbiamo visto nell'Introduzione, esiste una lettera di un gruppo di ecclesiastici romani che nel 1119 inviarono una missiva a Callisto II per manifestargli il proprio appoggio dopo la sua elezione a Cluny. Il gruppo si era riunito nell'isola Tiberina ed era composto da (testo latino): *Crescentius Sabinensis episcopus Petrus Portuensis episcopus; Bonifacius tituli S. Marci; Manfredus Tiburtinus episcopus; Comes diaconis cardinalis S. Mariae in Aquiro; Nicolaus primicerius scolae cantorum; Rainerius prior subdiaconus scolae basilicae; Gregorius scolae subdiaconus basilicae; Vicentius exorcista; Johannes exorcista; Paulus lector; Nicolaus ostiarius; Benedictus presbyter prior S. Marie Majoris; Johannes archipresbyter Sancti Petri Apostoli; Alexis ostiarius; Nicolaus archipresbyter S. Anastasie; Dodo archipresbyter S. Marie in Aquiro; Otto archipresbyter sancti Salvatoris qui vocatur Aquila-Felix; Johannes archipresbyter Sancte Marie in Minerva; Johannes archipresbyter Sancti Laurentii in Lucina; Senebaldus archipresbyter S. Marie Secundi cerci; Clerixi*

II. Postquam autem Calixtus Papa secundo anno sui Papatus uenit Cluniacum, honorificentissime ab ipso abbate et a Cluniacensi conuentu susceptu est et Natiuitatem Domini solempniter usque ad Epiphaniam Domini ibi conmorans celebrauit. Die uero Epiphanie Domini Calixtus Papa uenit in capitulum, presente abbate, cum tanta tamque gloriosa caterua monachorum. Tunc magna caritatis gratia compunctus prostrauit se humi cum lacrimis coram abbate et Cluniacensi conuentu; prostraverunt namque se abbas et monachi misericorditer Pape supplicantes, ut surgeret; denique erexit se Papa, erexit quoque se abbas cum monachis. Tunc Papa manu silentium indicens ait: «Fratres atque filii in Christo charissimi, ecce quam bonum et quam iocundum habitare in unum. Bonum est atque salutiferum in una caritatis gratia nos cohabitare, bonum est nos utpote diversa membra uni capiti, scilicet Christo, subseruire et uno corde et una anima unum corpus esse in Christo. Sicut enim ait beatus Iacobus apostolus: Vbi fuerit zeus et contemptio, ibi inconstantia et omne opus prauum». [...]. Hec atque alia huiusmodi coram abbate et coram Cluniacensi conuentu Calixtus Papa referens in manu abbatis totiusque conuentus sese posuit et orationum atque beneficiorum Cluniacensis conuentus confratrem et participem se fieri expostulauit. Recipitur Calixtus Papa in consortium et in participium orationum et beneficiorum Cluniacensis monasterii. Fit igitur inter Calixtum Papam et P. Cluniacensem abbatem atque Cluniacensem conuentum tanta dilectionis unio, tanta caritatis conexio, ut eis fieret cor unum et anima una. Enimuero, ut uerum fatear, omnes Galliarum ecclesias sanctitate ac caritate Cluniacense precellit atque supereminet monasterium. Eapropter Calixto Pape opere pretium erat Cluniacense monasterium esse sibi precordialissimum, utpote cameram et assedam suam; nempe ad confondendum matris Romane Ecclesie incestatorem, scilicet Burdinum Teutonicum tyranni idolum, ad refrenandam eiusdem tyranni tyrannidem abbas Cluniacensis cum Cluniacensis monasterii conuentu Romane Ecclesie utilis et necessarius erat necnon ad confirmandum Sante Ecclesie statum et ad extirpandum pestifere hereseos simulacrum.

Cap. XLI

Invitatio ad Concilium.

Bosso Sancte Romane Ecclesie cardinalis et legatus³⁶³ uenerabili fratri et amico karissimo D. Compostellane ecclesie archiepiscopo salutem. Dilectionis uestre litteris gratanter acceptis, de prospero regis et regine euentu omnipotenti Domino gratias agimus. De industrie quoque uestre consilio et auxilio circa eosdem ad honoris uestri augmentum noster accenditur animus. Preterea memorie non excidat, quod de disponendis negotiis ecclesiasticis et emendandis tot in partibus Hispanie enormitatibus ad beati Iacobi et uestrum specialiter consilium accedentes concilii locum et diem statuimus, ad quod, sicut presentialiter ore ad os, ita nunc quoque presentiam uestram litteris presentibus auctoritate apostolica inuitantes rogamus et in fidelitate Romane Ecclesie

in Insula; Clerici S. Adelberti; Petrus presbyter S. Marie de Maxima; R. archipresbyter ecclesie B. Marie Trans Tyberim; Benedictus archipresbyter S. Marie in Monticello; Anastasius abbas Sancti Pauli; Petrus abbas Sancti Siluestri; Robertus abbas Sancti Andree de Clivo scauri; Rainerus Sancti Basilii; Petrus prior et rector monasterii Sancte Cosme et Damiani; Henricus abbas sancti Laurentii Pariparnae; Gregorius archipresbyter sancti Gregorii; Gracianus archipresbyter sancti Stephani in Celio; Cencius presbyter ecclesie Sancti Symeonis; Johannes yconomus Sancti Iohannis antea Portam Latinam; Azzo archipresbyter in Via Lata sancte Marie; Nicolaus archipresbyter sancti Sixti. Si ueda MARTÈNE & DURAND, 1724: 647-649. Ovviamente non possiamo stabilire con certezza se questa lettera sia legata all'episodio citato nella *Compostellana* o se si trattasse di un evento separato; in ogni caso questa fonte sembra confermare come da Roma almeno una parte del clero cittadino (Callisto non emetterà un privilegio da Roma, San Pietro, prima del giugno del 1120) si era schierata con Callisto II dopo la sua elezione. Si ueda CARPEGNA FALCONIERI, 2002: 61, nota n.º 53.

³⁶³ Boso cardinale di Sant'Anastasia tra il 1116 e il 1122 e legato nella penisola iberica per conto di Pasquale II nel 1117. Su Boso si ueda la voce biografica di ZAFARANA, 1971.

exhortamur, ut ab eodem concilio nulla umquam occasio uos retentet scientes quod, si uos non adesse contingerit et concilium per uestri absentiam remanserit, uobis tantum ecclesie detrimentum proculdubio ascriberet et in futurum uobis hoc obesse timemus. Burdinum a domino Papa captum et Romam, sicut meruit, deportatum ab his, qui se uiderent testantur, audiuimus.

Traduzione italiana³⁶⁴:

Libro I

Cap. LXXXI

Sull'elezione dei vescovi Munio di Mondoñedo e Ugo di Oporto.

I. Ai tempi del signor Diego, venerabile vescovo della Chiesa di Santiago, la sede dell'Apóstolo brillò con il senato dei suoi canonici e la comunità dei chierici [...].

II. Dato che a San Giacomo piace esaltare i figli della sua Chiesa, due di questi, che erano stati educati dal già menzionato vescovo [Diego Gelmírez, *scil.*], ascsero alla cattedra episcopale. Uno era Ugo, arcidiacono di Compostela, promosso nella sede di Oporto. L'altro era Munio Alfonso, il tesoriere della diocesi di Compostela, che diventò vescovo di Mondoñedo. Una volta eletti entrambi, il signor arcivescovo di Braga Maurizio ordinò che fossero consacrati nella città di Tui. Dopodiché chiese al vescovo di Santiago di presenziare alla consacrazione; i due che dovevano essere consacrati erano suoi figli prediletti ed erano uniti reciprocamente dal vincolo della dilezione e dall'affetto della carità. Dato che l'arcivescovo era canonico di Santiago, egli riceveva dal vescovo emolumenti e prestiti, ossia la metà della città di Braga e la metà della località di Correlhã, con le sue dipendenze, che è di diritto reale e appartiene al vescovo di Santiago. Tuttavia non fu donato all'arcivescovo nulla di quello che era di proprietà dei canonici. Quella donazione che, mosso dalla sua grazia dell'amore, il vescovo di Santiago aveva fatto all'arcivescovo di Braga, ossia alla sua venerabile persona, ma non alla sua arcidiocesi, il signor Diego l'aveva fatta sotto forma di feudo, che quando voleva poteva riprendersi e rimettere sotto il suo controllo.

III. Questo documento scritto fu redatto dal suddetto arcivescovo di Braga Maurizio in favore del vescovo di Santiago nella città di Tui, quando ricevette in prestito quanto viene descritto di seguito nell'era 1147 [Anno 1109, *scil.*], il giorno quattordici ottobre.

Patto fatto dall'arcivescovo con il vescovo di Santiago.

Io Maurizio arcivescovo della Chiesa di Braga dalle mani dell'amico e del nostro confratello il signore Diego II, venerabile vescovo di Compostela, prendo in prestito, ovvero in feudo, la metà dei possedimenti e delle eredità che la Chiesa di Santiago possiede nel territorio di *Portucale*, che va dal fiume Lima fino al Duero, ossia la metà della chiesa di San Vittore e San Fruttuoso con tutte le loro dipendenze e la metà della villa chiamata Correlhã, con tutte le sue pertinenze e delle altre ville che appartengono alla già menzionata Chiesa di Santiago, affinché io [Maurizio, *scil.*] le tenga e le possieda e quando egli [Diego Gelmírez, *scil.*] vorrà riprenderle, io [Maurizio, *scil.*] dovrò restituirle e rimetterle pacificamente.

³⁶⁴ Per la traduzione in italiano e portoghese ci siamo avvalsi delle eccellenti traduzioni di E. Falque Rey, in castigliano, e J. Campelo, in portoghese, entrambe citate nella bibliografia essenziale.

Confermano:

Io Maurizio suddetto arcivescovo confermo di mio pugno.

Furono presenti:

Ugo arcidiacono di Santiago confermo.

Munio Alfonso tesoriere dello stesso luogo confermo.

Pedro Díaz canonico di Santiago confermo.

Vimara priore e arcidiacono della diocesi di Braga confermo.

Bernardo maestro della stessa diocesi confermo.

Io Diego II indegno vescovo della Chiesa di Santiago, confermo di mio pugno.

Munio Gómez arcidiacono confermo.

Cap. LXXXII

Dell'ordinazione dei suddetti eletti.

I. Tutto questo fu concesso dal vescovo della Sede Apostolica [Diego Gelmírez, *scil.*], senza il consenso, né il parere dei canonici, motivo per il quale poteva ritenersi nullo.

Il suddetto vescovo non si azzardò a recarsi al luogo indicato da Maurizio. L'inverno era più rigido del solito e inoltre riteneva che la Galizia fosse eccessivamente turbata dai conflitti e aveva paura che i ribelli e i traditori galiziani potessero disonorare lui o i suoi uomini durante il viaggio. Inviò, pertanto, alcuni dei suoi canonici, persone egregie e venerabili, per accompagnare gli eletti e spiegare all'arcivescovo [di Braga, *scil.*] la ragione della sua assenza. L'arcivescovo appreso dell'assenza del vescovo di Compostela, non ebbe problemi a recarsi presso la chiesa di Lérez, nella diocesi di Santiago, e inviò dei legati al vescovo, affinché non si rifiutasse alla sua bontà di assistere alla consacrazione che stava per avvenire, soprattutto perché essendosi recato a Lérez dalla sede di Braga. Dopo aver attraversato alti monti e valli profonde indebolito da una lunga malattia, l'arcivescovo Maurizio desiderava vederlo con tutto l'affetto per parlare con lui più compiutamente della fine dei conflitti e di ristabilire la pace e la tranquillità delle Chiese.

Da quando vi era questa grande situazione di conflitto, ormai da molto tempo, i vescovi non si recavano ai concili e non visitavano le proprie diocesi; ogni qual volta cercavano di farlo, i traditori e i bugiardi del tiranno aragonese [Alfonso I «el Batallador» re d'Aragona, *scil.*] alzavano le mani contro i ministri di Cristo, una cosa che non è neanche degna di essere raccontata. Nonostante tutto questo, il venerabile vescovo di questa Sede Apostolica, avvisato dell'arrivo del suo fratello, l'arcivescovo di Braga, e ascoltato il parere dei canonici, intraprese il viaggio e giunse alla fine a Lérez e l'arcivescovo di Braga si rallegrò molto del suo arrivo.

2. Lo stesso giorno in cui il vescovo di Santiago arrivò a Lérez, cioè il sabato prima della domenica della Passione del Signore, l'arcivescovo [Maurizio, *scil.*] celebrò la messa ed elevò al grado di presbitero Ugo, arcidiacono di Santiago. Il giorno successivo, cioè la domenica della Passione del Signore, si riunirono nella chiesa di Lérez i canonici di Santiago, il vescovo, canonico e padre dei canonici [Diego Gelmírez, *scil.*], l'arcivescovo di Braga nonché canonico di Santiago, i vescovi di Ourense e Tui, gli eletti di Mondoñedo e Oporto, tutti canonici dell'Apostolo Giacomo e altri canonici venerabili. Ah! di quanta e quale luce dei canonici compostellani risplendette la chiesa di Lérez che divenne così importante in quel giorno! Successivamente l'arcivescovo Maurizio celebrò

solennemente la messa e [...] consacrò i suddetti eletti. Celebrata la messa, il vescovo di questa Sede Apostolica visitò una sua proprietà nella località di Gogilde, nella valle di Lérez, insieme al vescovo di Ourense. Nella chiesa di Lérez ordinò che si celebrasse degnamente l'arcivescovo Maurizio così come i due vescovi neoeletti e tutti gli altri che apprezzava, poiché egli stesso sapeva bene che «*Dio ama chi da con gioia*». Quello stesso giorno il vescovo Diego e l'arcivescovo Maurizio parlarono a lungo del trattato di pace, dell'interesse delle Chiese e di alcuni problemi che erano intercorsi tra le diocesi di Ourense e Tui ed i loro rispettivi vescovi.

Cap. XCVIII

Sullo scrutinio e la consacrazione dell'eletto di Lugo.

I. Bernardo, per la Grazia di Dio arcivescovo della sede toledana e legato della Santa Romana Chiesa, ai dilette fratelli in Cristo e ai vescovi Diego di Compostela, M. di Mondoñedo, A. di Tui e D. di Ourense, accesso al regno celeste. Volevamo rendere noto alla vostra fraternità che il clero e il popolo di Lugo hanno eletto come loro vescovo il signor Pedro, cappellano della regina [Urraca di León-Castiglia, *scil.*], così come ci è stato comunicato. Non sappiamo, però, se l'elezione sia stata canonicamente effettuata. Vi chiediamo di investigare, pertanto, la questione con diligenza. Nel caso in cui stabiliate che l'elezione del vescovo sia stata canonica, dato che il disobbediente alla Chiesa Romana, l'arcivescovo di Braga, che persiste nella sua ribellione, è stato sopeso dall'ufficio episcopale e non può consacrare nessuno in qualità di nostro vicario, sia consacrato dal signor vescovo di Compostela, oppure dirigetevi a noi attraverso le vostre lettere, affinché sia consacrato. Nessun vescovo, nessun abate della provincia di Braga, nessun chierico e nessun laico prestino obbedienza a Maurizio fino a quando persisterà nel suo errore. Salute.

Cap. XCIX

Per dare conoscenza dell'amicizia tra l'arcivescovo di Toledo e il vescovo di Compostela. Della scomunica di Maurizio arcivescovo di Braga.

«Bernardo, per Grazia di Dio arcivescovo della sede toledana e legato della Santa Romana Chiesa al diletto fratello in Cristo e vescovo di Compostela, il signor Diego, perché tu possa unirti ai felici cittadini del cielo.

Con grande affetto della mente e grande desiderio dell'anima, vorrei vedere, se fosse possibile, la vostra amabile persona per parlare dell'interesse comune di questo regno fortemente turbato. A causa di così tanti problemi che ci impediscono di discutere personalmente, che sia la carità e questa lettera a unire chi è lontano fisicamente.

Sia noto alla vostra dilezione che Maurizio di Braga, nonostante non abbia dato conto della sua invasione della Chiesa di León e della nostra sospensione dall'ufficio sacerdotale ed episcopale, ha avuto il coraggio di esercitare entrambi. Su questo fatto egli ricevette dal papa la seguente lettera:

Tra le tante rimostranze sulla tua persona che sono state presentate presso la Sede Apostolica, quella che ci ha addolorato di più è stata l'invasione e la sofferenza che hai arrecato alla diocesi di León. Inoltre, su questo problema eri stato avvisato da una nostra lettera, ma tu ti sei rifiutato di presentarti e giustificarti al concilio convocato dall'arcivescovo toledano Bernardo. Per questo comportamento scorretto e la tua disobbedienza sei stato sospeso sia dall'ufficio episcopale che da quello sacerdotale e noi ti interdiciamo dagli uffici della diocesi di Braga e sospendiamo l'obbedienza nei tuoi confronti

fino a quando non obbedirai pentito e darai piena soddisfazione alle nostre richieste. Scritto in Laterano, 18 aprile, Indizione VII.

Chiediamo, infine, alla vostra benevolenza che diffondiate questa lettera ai vescovi suffraganei di Braga, per avvisarli, secondo il mandato del papa, che non prestino obbedienza a Maurizio. Per il tuo favore e il nostro amore fate pervenire questa lettera anche all'infanta [Teresa, scil.] portucalense. Salute».

Cap. CXII

Di quando la regina diede la testa di San Giacomo al vescovo.

II. E così Maurizio vescovo di Coimbra, successivamente arcivescovo di Braga e ora papa Wiberto [sic], fu molto tempo fa a Gerusalemme, dove soggiornò a lungo per costruire una chiesa nei pressi della città. Quando viveva a Gerusalemme, un anziano che abitava da quelle parti spesso andava a fargli visita e Maurizio era solito fargli molte domande visto che quell'anziano era del luogo. Una volta gli chiese perché la chiesa dove viveva era così riverita dai locali. L'anziano sacerdote gli rispose, come aveva appreso dai suoi predecessori, che in quella piccola chiesa era conservata la testa dell'Apostolo Giacomo. Quando Maurizio ascoltò queste parole, cominciò a invitare sempre più spesso il sacerdote, cominciò a ingannarlo con le parole, a farselo amico e famigliare con molti regali e ad osservarlo con attenzione, così come si conviene all'astuzia degli uomini. Il vescovo Maurizio iniziò anche a frequentare e a venerare quella chiesa partecipando molte volte alle veglie. Quando si rese conto però che le sue trame non sortivano alcun effetto e nella chiesa c'erano spesso delle guardie, cambiò la sua disposizione d'animo. Convocati i suoi chierici che sapeva essere tra i più fedeli e i più esperti, manifestò loro il suo intento. D'accordo con loro, due dei chierici si finsero malati e febbricitanti e con lampade e candele cominciarono a frequentare sempre più spesso la chiesa e a pernottarvi. Arrivata la notte giusta, quando gli altri erano assenti, chiusa la porta della chiesa, si avvicinarono all'altare con delle pale, che avevano introdotto furtivamente con loro, cominciarono a scavare in profondità sotto l'altare e così come avevano udito trovarono un vaso d'avorio e al suo interno un altro d'argento pieno di reliquie. Le presero e scapparono di notte con il vescovo dalla santa città di Gerusalemme. Un eremita vedendoli lungo il cammino al mattino presto, li chiamò a sé e disse loro: «*So, fratelli carissimi, quello che trasportate e quanto sia prezioso il tesoro che avete trafugato. Andate e che la Grazia di Dio vi accompagni. È necessario che dove c'è il corpo dell'Apostolo, nello stesso luogo vi sia anche la sua testa*». Quando Maurizio ascoltò quelle parole, capì che lo Spirito Santo aveva rivelato a quel servo di Dio quello che aveva fatto. Aveva paura inoltre che la voce si spargesse dappertutto e per questo si imbarcò quanto prima. Arrivato nell'*Hispania* depositò le reliquie venerabilmente nel monastero di San Zoilo de Carrión. Maurizio vide che l'*Hispania* era perturbata continuamente da tumulti e guerre interne ed aveva paura di essere derubato di un così prezioso tesoro. Tempo dopo, la regina Urraca fu ricevuta a Carrión e il re d'Aragona espulso. Quando venne a sapere della testa dell'Apostolo Giacomo che il vescovo Maurizio aveva portato da Gerusalemme, la regina Urraca la fece trasportare nella chiesa di San Isidoro di León. E così la regina regalò al vescovo di Santiago un grande tesoro, la testa di San Giacomo, un frammento del Sepolcro del Signore, un osso di Santo Stefano e tutte le altre reliquie contenute in un vaso d'argento.

Cap. CXVII

Di come il vescovo partì in spedizione a Segovia per recuperare il patrimonio di Santiago in Portogallo.

Poco tempo dopo, partendo con il suo esercito per la spedizione contro il re d'Aragona, la regina fu accompagnata dal vescovo di Compostela e anche da tutti i consoli e i principali aristocratici di Galizia. C'era anche suo figlio, il re, con il suo precettore e del suo seguito facevano parte il conte di Limia, Alfonso; il conte Gutierre; Fernando e Vermudo i figli del conte Pedro; Gómez Núñez e molti altri baroni galiziani con grandi truppe. Una volta giunti nella *Tierra de Campos* e congregati in quel luogo gli uomini di León, di Campos, di Castiglia e delle Asturie, la regina si diresse verso l'Estremadura. Il già menzionato vescovo si fermò a Palencia, una volta affidato il suo esercito sotto il comando della regina [Urraca, *scil.*], dato che aveva dolore ad una gamba e perché non voleva essere presente ai saccheggi e alle razzie contro i poveri. Dopo aver ascoltato il consiglio dei chierici che erano con lui, si diresse a Segovia per la seguente ragione. Tempo addietro, il vescovo Diego aveva nominato canonico di Santiago il vescovo di Braga Maurizio e gli aveva dato in prestito la metà del patrimonio di Santiago nella città di Braga e nei suoi dintorni. Una volta che Maurizio fu eletto papa per l'azione violenta dell'imperatore dei teutonici, al suo posto fu eletto quell'ignorante di Paio Mendes che deteneva con violenza i beni di Santiago. Dato che l'arcivescovo di Toledo aveva indicato il giorno in cui il vescovo di Braga si sarebbe dovuto presentare a Segovia per essere consacrato da lui, anche il vescovo Diego si recò alla cerimonia per poter recuperare i possedimenti di Santiago davanti all'arcivescovo e agli altri prelati.

Libro II

Cap. III

Come il vescovo aspirò all'acquisizione del titolo arcivescovile.

2. [Diego Gelmírez, *scil.*] riteneva che ovunque nel mondo riposi il corpo di un Apostolo, lì esistesse o il Papato o il Patriarcato o perlomeno una sede arcivescovile, fatta eccezione per la Chiesa di Santiago. Questo gli sembrava orrendo e quasi ingiurioso, soprattutto per il fatto che Giacomo era consanguineo del Signore e uno dei suoi *familiari* e discepoli prediletti. Bisogna dire che coloro i quali erano stati vescovi della diocesi di Santiago in precedenza, eccetto forse Dalmazzo, di buona memoria, che visse lì per poco tempo, non cercarono né di ottenere per Compostela il titolo arcivescovile, né altre dignità ecclesiastiche, dato che erano maggiormente impegnati nelle armi e nella milizia. Per questo motivo il vescovo Diego Gelmírez dovette lavorare di più e con maggiore impegno, affinché la Chiesa di Santiago brillasse dell'onore che gli spettava. [...].

4. In cuor suo [Diego Gelmírez, *scil.*] aspirò sempre alla dignità arcivescovile. Una volta morto il suddetto Papa Pasquale e promosso al pontificato con il nome di Gelasio Giovanni di Gaeta, cardinale e cancelliere della Chiesa Romana, il vescovo non abbandonò affatto i suoi propositi. In quel periodo partirono due canonici della nostra Chiesa verso Gerusalemme, ossia Pedro Díaz e Pedro Anayáz, uno cardinale e l'altro tesoriere, incaricati dal vescovo di trattare con Gelasio II la questione del titolo arcivescovile per Santiago. Ora, Gelasio essendo stato cardinale e cancelliere della Chiesa Romana aveva trattato della questione molte volte con il suo predecessore e sapeva bene di cosa avevano bisogno le Chiese dell'*Hispania*. Il papa ricevette i due canonici ed ebbe un colloquio con loro sulla questione. Iniziò il suo discorso dicendo:

«So, fratelli so, che cosa volete fare: volete spogliare la Chiesa di Braga delle sue prerogative ed elevare alla dignità arcivescovile la Chiesa di Santiago. Io ho trattato questo problema molte volte con il mio predecessore. Se questo si potesse fare giustamente in alcun momento e in alcun modo, il suo tempo

sarebbe arrivato ora, visto il turpissimo scandalo che la Chiesa di Braga ha scatenato in seno alla Chiesa Romana, per via del suo vescovo Maurizio, il quale tradì sua madre, la Chiesa Cattolica, appoggiando il sacrilegio dell'imperatore dei teutonici e venenando da egli stesso eretto a idolo nella Chiesa per via della sua confusione e perdizione. Per questo tutta la Chiesa Cattolica lo aborre e lo detesta. Per il resto, voi siete venuti qui per il vostro pellegrinaggio, non per trattare questo problema. Andate a visitare il Santo Sepolcro di Dio come vi eravate proposti e se il vostro vescovo mi invierà i suoi legati, gli risponderemo pienamente e in maniera soddisfacente. Nel frattempo riferite al vostro signore che avete trattato del tema con me e che conoscete la mia disposizione d'animo verso questo problema. E io non rifiuto di inviargli una lettera».

E Papa Gelasio scrisse al vescovo con queste parole:

5. «Gelasio vescovo, servi dei servi di Dio, venerabile fratello Diego vescovo di Compostela, salute e Apostolica Benedizione.

Sebbene impegnati da più gravi problemi, non possiamo dimenticare l'antica dilezione ed amicizia. E per questo motivo con la presente lettera ci dirigiamo alla tua fraternità chiedendoti e avvertendoti che tu abbia memoria della Chiesa Romana gravata da molti problemi e afflitta dalle divisioni e che tu sovvenga con la dovuta carità alle sue e alle nostre esigenze. Affidiamo alla tua benevolenza i figli comuni P. cardinale e il tesoriere Pedro, affinché, per via del nostro amore, da cari che ti erano ti saranno ancora più cari.

Ferentino 16 giugno (anno 1118)».

Cap. VI

Come il vescovo Diego volle inviare presso il papa il vescovo di Ourense e Geraldo.

I. [...] In quel tempo il vescovo di Santiago andò a Tui dove doveva sostenere una causa contro il vescovo di Braga Paio Mendes per il controllo della metà di Correlhã e altre proprietà di pertinenza della diocesi di Santiago in Portogallo nei pressi della città di Braga, alla presenza, come giudici, dei vescovi Diego di Ourense, P. di Lugo, A. di Tui, così come aveva stabilito l'arcivescovo di Toledo e legato della Chiesa Romana. Quella metà, che apparteneva al vescovo di Compostela, era stata data in prestito dallo stesso presule di Santiago all'arcivescovo di Braga Maurizio che in quel tempo era stato eretto a idolo dall'imperatore dei teutonici infangando il talamo di sua madre, ossia della Santa Romana Chiesa. Ora, quella stessa proprietà era tenuta violentemente dal suo successore il vescovo Paio. Quest'ultimo non volle né presentarsi alla causa, né tantomeno volle attraversare il fiume Miño. Avvicinandosi alla riva del fiume disse: «Chi ha il possesso adesso, lo mantenga anche in futuro. Io non mi presenterò a Tui, né tantomeno al giudizio dei vescovi» e tornato a Braga si appropriò anche dell'altra metà delle terre che appartenevano ai canonici di Santiago.

Cap. XIV

Dello scisma e della riconciliazione tra Papa Callisto e l'abate di Cluny.

I. Tra il Papa Callisto e l'abate di Cluny Ponzio de Melgueil vi fu una volta una specie di affetto quasi dissimulato, poco sincero. Nonostante Guido arcivescovo di Vienne fosse stato eletto e consacrato papa con l'approvazione dei cluniacensi e degli altri, dei romani e degli abitanti del Delfinato così come dagli aquitani presenti, sia chierici che laici, il suddetto abate di Cluny non volle né approvare

né ricusare l'elezione, ma disse: «*Che si inviino dei legati a Roma, affinché siano messi al corrente i nostri fratelli in Cristo della morte di Gelasio e del fatto che a Cluny è stato eletto al suo posto il nostro fratello Guido arcivescovo di Vienne dai cardinali romani, dai vescovi, dai chierici e anche dai laici. Se il clero e il popolo di Roma loderanno la sua elezione e la sua consacrazione, solo dopo noi potremo accettarlo e obbedire alla sua autorità*». Questa sentenza dell'abate di Cluny era sostenuta da molti dei vescovi delle Gallie. Quando il clero e il popolo di Roma riconobbero l'elezione e la consacrazione di Callisto II e condannarono Maurizio, l'idolo dell'imperatore dei teutonici, l'abate di Cluny e gli altri vescovi delle Gallie riconobbero che Callisto era stato elevato canonicamente al culmine della Dignità Apostolica. [...].

2. Successivamente Papa Callisto nel secondo anno del suo pontificato si recò a Cluny e fu accolto con tutti gli onori dall'abate e da tutta la comunità dei monaci. Il papa celebrò a Cluny il Natale del Signore e lì vi dimorò fino al giorno dell'Epifania. In quell'occasione il papa si presentò presso il capitolo cluniacense alla presenza dell'abate e della grande comunità di monaci. Allora il papa mosso dalla Carità Divina, si prostrò con umiltà e in lacrime di fronte all'abate e ai monaci di Cluny. Si prostrarono anche i monaci e l'abate, supplicando misericordiosamente che il papa si alzasse. Il papa alla fine si alzò e si alzarono anche l'abate e i monaci. Allora il papa chiamando il silenzio con un gesto della mano disse: «*Fratelli e figli in Cristo carissimi, ecco quanto è buono e colmo di gioia vivere tutti insieme nell'unità. Buono e salutare è convivere nella Grazia della Carità. È bene che serviamo come membri diversi la stessa testa, cioè Cristo, e che siamo in Cristo un solo cuore e una sola anima. Così come disse l'Apostolo Giacomo: «Laddove ci sono conflitti, in quel luogo ci sarà l'incostanza e l'opera del male» [...].* Parlando in questo modo di fronte all'abate e a tutta la comunità monastica cluniacense, il papa si pose nelle mani dell'abate e del monastero di Cluny e chiese di potere essere partecipe delle preghiere e dei benefici di Cluny e di diventare confratello della comunità. E così Papa Callisto fu accettato nella fratellanza e nella partecipazione alle preghiere e alla Grazia del monastero di Cluny. Si stabilì allora tra Papa Callisto e l'abate Ponzio di Cluny e la comunità dei monaci un'unione nella carità e una connessione fatta di amore, come se fossero un solo cuore e una sola anima. Il monastero di Cluny davvero superava in santità e carità tutte le Chiese delle Gallie. Per questa ragione Papa Callisto voleva tanto essere tenuto in grande considerazione dal monastero di Cluny e farne il suo rifugio e il suo appoggio, per combattere il traditore della Chiesa Romana, ossia Burdino l'idolo dell'imperatore dei teutonici; per frenare la sua tirannide, l'abate di Cluny e tutto il monastero erano utili e necessari alla Chiesa Romana, oltre a rafforzare la posizione della Santa Chiesa, per estirpare il simulacro della pestifera eresia.

Cap. XLI

Invito al concilio.

«*Boso, cardinale e legato della Santa Romana Chiesa, al venerabile fratello e carissimo amico Diego Gelmírez arcivescovo della Chiesa di Compostela, salute. Ricevute con gratitudine le lettere dalla vostra dilezione, ringraziamo Dio per il prospero successo del re e della regina. E per la crescita del vostro ingegno e per il consiglio e l'ausilio che anche gli prestate, si accende il nostro animo. Al di là di questo, perché la memoria non dimentichi, per sistemare gli affari ecclesiastici e correggere le tante cose abnormi che accadono in queste parti dell'Hispania facciamo appello a San Giacomo e specialmente al vostro consiglio, e stabiliamo il giorno e il luogo di un concilio per il quale, così come avevamo fatto di parola, siete invitati. Così con la presente lettera e con l'Autorità Apostolica sollecitiamo la vostra presenza e vi esortiamo, per la fedeltà alla Chiesa Romana, a non rinunciare*

alla presenza al concilio. Tutto questo sapendo che se non vi doveste presentare e per questo motivo dovesse fallire il concilio, a voi sarò attribuito questo detrimento della Chiesa e temiamo che questo potrebbe essere un problema per voi nel futuro. Da persone che là furono presenti, abbiamo saputo che Burdino fu catturato dal signor papa e deportato a Roma come meritava».

Tradução portuguesa:

Livro I

Cap. LXXXI

Sobre a eleição dos bispos Munio de Mondonhedo e Hugo do Porto.

I. No tempo do senhor Diogo Gelmires, venerável bispo de Igreja de Santiago, a Sé do Apóstolo brilhou com o senado dos seus cónegos e a comunidade dos clérigos [...].

E já que São Tiago gostou de exaltar os filhos da sua Igreja, dois destes que tinham sido educados pelo já referido bispo [Diogo Gelmires, *scil.*] foram elevados à cátedra episcopal. Um destes era Hugo, arcebispo de Compostela, para a Sé do Porto. O outro era Munio Afonso, o tesoureiro da diocese de Compostela, que se tornou bispo de Mondonhedo. Uma vez que ambos foram eleitos, o senhor arcebispo de Braga Maurício ordenou que a consagração deles fosse feita na cidade de Tui. Depois pediu ao bispo de Santiago para estar presente na consagração; os dois que tinham de ser consagrados eram filhos predilectos e ambos abraçados pelo vínculo do afeto. Uma vez que o arcebispo era cónego de Santiago, recebia do bispo rendimentos e empréstimos, isto é, pela metade da cidade de Braga e pela metade da *villa* da Correlhã com as suas dependências, que é de direito real e pertence ao bispo de Santiago. Contudo, não foi outorgado ao arcebispo o que era de propriedade dos cónegos. Esta doação que, movido pela graça do seu amor, o bispo de Santiago tinha feito ao arcebispo de Braga, ou seja, à sua pessoa não à sua arquidiocese, o senhor Diogo a tinha feito sob forma de feudo que ele, quando desejava, podia retomar sob o seu controlo.

III. Este documento escrito foi redigido pelo referido arcebispo de Braga Maurício em favor do bispo de Santiago na cidade de Tui, quando recebeu em empréstimo o que é descrito abaixo na era de 1147 [ano de 1109, *scil.*], no dia 14 de outubro.

Pacto feito pelo arcebispo com o bispo de Santiago.

Eu Maurício, arcebispo da Igreja de Braga, das mãos do amigo e do nosso irmão o senhor Diogo II, venerável bispo de Compostela, tomo em empréstimo, ou seja, em feudo, a metade das possessões e das heranças que a Igreja de Santiago tem no condado de Portucale, no território desde o rio Lima até ao Douro, ou seja, metade da igreja de São Vítor e São Frutuoso com todas as suas dependências e metade da *villa* que é chamada Correlhã, com todas as suas pertenças e das outras *villas* que pertencem à referida Igreja de Santiago, para que eu [Maurício, *scil.*] as tenha e possua e quando ele [Diogo Gelmires, *scil.*] as quiser retomar, eu [Maurício, *scil.*] tudo deverei restituir e repor pacificamente.

Confirmam:

Eu Maurício referido arcebispo confirmo com a minha mão.

Estiveram presentes:

Hugo arcediogo de Santiago confirmo.

Munio Afonso tesoureiro do mesmo lugar confirmo.

Pedro Dias cónego de Santiago confirmo.

Vímara prior e arcediogo da diocese de Braga confirmo.

Bernardo mestre da mesma diocese confirmo.

Eu Diogo II, indigno bispo da Igreja de Santiago, confirmo com a minha mão.

Munio Gomes arcediogo confirmo.

Cap. LXXXII

Sobre a ordenação dos referidos eleitos.

I. Tudo isto foi dado pelo bispo da Sé Apostolica, sem o consenso nem o parecer dos cónegos, razão pela qual se podia considerar nulo.

O já mencionado bispo não se arriscou a viajar até ao lugar indicado por Maurício; o Inverno era mais duro do que o habitual e ele pensava que a Galiza estava excessivamente perturbada pelos conflitos e temia que os rebeldes e os traidores da Galiza pudessem desonrá-lo e aos seus homens durante a viagem. Enviou, portanto, alguns dos seus cónegos, ou seja, pessoas egrégias e veneráveis para acompanharem os eleitos e explicarem ao arcebispo [de Braga, *scil.*] a razão da sua ausência. O arcebispo, sabendo da ausência do bispo de Compostela, não teve problemas em dirigir-se à igreja de Lérez, na diocese de Santiago, e enviou alguns legados ao bispo para que não recusasse a sua bondade de assistir à consagração que estava para acontecer, sobretudo porque tendo-se dirigido a Lérez desde a Sé de Braga, atravessando montanhas e vales deprimidos e enfraquecido por uma grave doença, o arcebispo Maurício desejava vê-lo com todo o afeto, para com ele e com mais atenção falar sobre o fim dos conflitos e restabelecer a paz e a tranquilidade entre as Igrejas.

Desde que existia esta grande situação de conflito, os bispos não iam aos concílios e não visitavam as próprias dioceses; de todas as vezes que o tentaram fazer, os traidores e os mentirosos do tirano aragonês [Afonso I «o Batalhador», *scil.*] atacaram com as suas mãos os ministros de Cristo, algo que nem é digno de ser contado. Apesar disto tudo, o venerável bispo desta Sé Apostólica, avisado da chegada do seu irmão, o arcebispo de Braga, e ouvido o parecer dos cónegos, viajou e chegou a Lérez e o arcebispo de Braga ficou cheio de alegria pela sua chegada.

2. No mesmo dia em que o bispo de Santiago chegou a Lérez, ou seja, no sábado antes do domingo da Paixão do Senhor, o arcebispo [Maurício, *scil.*] celebrou a missa e elevou ao grau de presbítero Hugo, arcediogo de Santiago. No dia seguinte, ou seja, no domingo da Paixão do Senhor, reuniram-se na igreja de Lérez os cónegos de Santiago, o bispo, cónego e pai dos cónegos [Diogo Gelmires, *scil.*], o arcebispo de Braga, também cónego de Santiago, os bispos de Ourense e Tui, os eleitos de Mondonhedo e Porto, todos cónegos do Apóstolo Tiago e outros cónegos veneráveis. Ah! de quantas e quais luzes dos cónegos de Compostela resplandeceu a igreja de Lérez, que se tornou assim muito importante naquele dia! Logo a seguir, o arcebispo Maurício celebrou solenemente a missa e [...] consagrou os referidos eleitos. Celebrada a missa, o bispo desta Sé Apostólica [Diogo Gelmires, *scil.*] visitou uma sua propriedade na localidade de Gogilde, no vale de Lérez, juntamente com o bispo de Ourense. Na igreja de Lérez ordenou que se celebrasse dignamente o arcebispo Maurício, assim como os dois bispos recém-eleitos e todos os outros de quem gostava,

porque ele mesmo sabia bem que «*Deus ama quem doa com alegria*». Naquele mesmo dia, Diogo e o arcebispo Maurício falaram por muito tempo sobre o tratado de paz, sobre os interesses das suas Igrejas e sobre alguns problemas que tinham acontecido entre as dioceses de Ourense e de Tui e os respectivos bispos.

Cap. XCVIII

Sobre o escrutínio e a consagração do eleito de Lugo.

I. Bernardo, pela Graça de Deus arcebispo da Sé toledana e legado da Santa Romana Igreja, aos diletos irmãos em Cristo e aos bispos D. Diogo de Compostela, D. Munio de Mondonhedo, D. Afonso de Tui, D. Diogo de Ourense, acesso ao reino celeste. Queríamos que fosse manifesto à vossa fraternidade que o clero e o povo de Lugo elegeram como bispo próprio D. Pedro, capelão da rainha, tal como nos foi comunicado. Não sabemos, contudo, se a eleição foi feita canonicamente; pedimo-vos que averiguem a questão com diligência. No caso em que estabeleçais que a eleição foi canónica, dado que o desobediente à Igreja romana, o arcebispo de Braga, que insiste na sua rebelião, foi suspenso do ofício episcopal e não pode consagrar ninguém na qualidade de nosso vigário, seja consagrado pelo senhor bispo de Compostela, ou podereis dirigir-vos a nós, através de cartas vossas, para que seja consagrado. Nenhum bispo, nenhum abade da província de Braga, nenhum clérigo, nenhum leigo preste obediência a Maurício enquanto ele permanecer no seu erro. Saudação.

Cap. XCIX

Para dar a conhecer a amizade entre o arcebispo de Toledo e o bispo de Compostela.
Sobre a excomunhão de Maurício arcebispo de Braga.

«Bernardo, pela Graça de Deus arcebispo da Sé toledana e legado da Santa Romana Igreja, ao dileto irmão em Cristo e bispo de Compostela, D. Diogo, para que possas unir-te aos felizes cidadãos do céu.

Com grande afeto da mente e grande desejo da alma, queria ver a vossa amável amizade, para, se fosse possível, falar contigo sobre o interesse comum deste reino fortemente perturbado. Considerando que tais e tantos problemas impedem de poder debater estas questões pessoalmente, que seja a caridade e esta carta a unir quem está longe fisicamente. Seja conhecido à tua especial atenção que Maurício de Braga, apesar de não ter dado conta da sua invasão da Igreja de Leão e apesar de ter sido suspenso por nós do ofício sacerdotal e episcopal, teve a coragem de exercer ambos. Sobre este assunto ele recebeu a seguinte carta:

Entre as várias queixas sobre a tua pessoa apresentadas à Sé Apostólica, aquela que mais nos deixou triste foi a invasão e a dor que levaste à diocese de Leão. Para além disso, sobre este problema tinhas sido avisado pela nossa carta e recusaste apresentar-te e justificar-te no concílio convocado pelo arcebispo toledano Bernardo. Por este comportamento incorrecto e pela tua desobediência foste suspenso tanto do ofício episcopal como do sacerdotal, e nós te interditamos dos ofícios da diocese de Braga e suspendemos a obediência devida a ti, até que nos obedeças e, arrependido, dêes plena satisfação aos nossos pedidos. Dado em Latrão, 18 de abril, Indicção VII.

Por último, pedimos à tua benevolência que difundas esta carta entre os bispos sufragâneos de Braga, para avisá-los, de acordo com o mandato do papa, de que não devem prestar obediência a Maurício.

Pelo teu favor e o nosso amor faz também chegar esta carta à infanta portugalense [Teresa, scil.], Saudação».

Cap. CXII

Sobre quando a rainha deu a cabeça de S. Tiago ao bispo.

II. E assim Maurício bispo de Coimbra, e depois arcebispo de Braga e agora Papa Guiberto [sic], foi há longo tempo atrás a Jerusalém, onde esteve muito tempo a construir uma igreja nos arredores da cidade. No tempo em que viveu em Jerusalém, um idoso que morava naqueles lugares visitava frequentemente Maurício, que tinha o hábito de lhe fazer muitas perguntas, uma vez que o idoso era originário daquele lugar. Uma vez Maurício perguntou-lhe porque razão a igreja onde morava o idoso era tão venerada pelos habitantes locais. O idoso sacerdote respondeu-lhe como tinha aprendido dos seus antecessores, que naquela igreja estava a cabeça de São Tiago. Quando Maurício ouviu isto, passou a convidar com maior frequência o idoso e começou a enganá-lo com as palavras e a tentar que se tornasse seu amigo e familiar dando-lhe muitas prendas e observando-o com atenção, assim como é típico da astúcia dos homens. O bispo Maurício começou também a frequentar e a venerar aquela igreja e a participar muitas vezes nas vigílias. Quando se deu conta de que as suas maquinações não tinham sucesso (e na igreja estavam muitas vezes guardas) mudou o seu ânimo: convocou os clérigos que tinha como mais fiéis e mais capazes e manifestou-lhes a sua intenção. De acordo com eles, dois fingiram estar doentes e febris e com lâmpadas e velas começaram a frequentar cada vez mais a igreja e também a dormir no seu interior. Chegada a noite certa, quando os outros estavam ausentes, fechada a porta da igreja, aproximaram-se do altar com as pás que tinham introduzido furtivamente e começaram a escavar em profundidade sob o altar, tal como tinham ouvido. Encontraram um vaso de marfim e no seu interior outro vaso de prata cheio de relíquias. Tomaram-nas e escaparam de noite da santa cidade de Jerusalém com o bispo. No caminho, de manhã muito cedo, um eremita olhou para eles, chamou-os e disse-lhes: «Sei, irmãos caríssimos, o que transportais e quanto é precioso o tesouro que roubastes. Ide e que a Graça de Deus vos acompanhe. É necessário que lá onde está o corpo do Apóstolo, esteja também a sua cabeça». Quando Maurício ouviu estas palavras, percebeu que o Espírito Santo tinha revelado àquele servo de Deus o que tinha feito. Para além disso, tinha medo que a notícia se difundisse por todo o lado e, por esta razão, embarcou o mais rapidamente possível. Chegado à Hispânia depositou as relíquias veneravelmente no mosteiro de São Zoilo de Carrión. Maurício viu que a Hispânia estava perturbada continuamente por agitações e guerras internas e tinha medo de ser roubado de tão precioso tesouro. Em seguida, não muito tempo depois, a rainha Urraca foi recebida em Carrión e o rei de Aragão expulso. Quando soube da cabeça do Apóstolo Tiago que o bispo Maurício tinha trazido de Jerusalém, Urraca fez transportá-la para a igreja de Santo Isidoro de Leão. E assim a rainha ofereceu ao bispo de Santiago um tão grande tesouro, a saber, a cabeça de São Tiago, um fragmento do Sepulcro do Senhor, um osso de Santo Estevão e todas as outras relíquias contidas num vaso de prata.

Cap. CXVII

Sobre como o bispo partiu em expedição a Segóvia para recuperar o património de Santiago em Portugal.

Pouco tempo depois, a rainha com o seu exército, partindo em expedição contra o rei de Aragão, foi acompanhada pelo bispo de Compostela e também por todos os cônsules e príncipes da Galiza.

Estava também o seu filho, o rei, com o seu preceptor, e dos seus acompanhantes faziam parte o conde de Límia, Afonso, o conde Guterre, Fernando e Vermudo filhos do conde Pedro, Gomes Nunes e muitos outros varões galegos com grandes tropas. Uma vez chegados à Terra de Campos e congregados naquele lugar os homens de Leão, de Campos, de Castela e das Astúrias, dirigiram-se para a Extremadura. O já mencionado bispo parou em Palência e colocou o seu exército sob o mando da rainha [Urraca, *scil.*], porque tinha dores numa perna e porque não queria presenciar as pilhagens e as incursões contra os pobres. Depois de ter ouvido o conselho dos clérigos que estavam com ele, dirigiu-se para Segóvia pela seguinte razão. Há algum tempo, o bispo Diogo tinha nomeado cónego de Santiago o bispo de Braga Maurício e tinha-lhe dado em préstamo metade do património que Santiago possuía na cidade de Braga e nos seus arredores. Uma vez que Maurício foi eleito papa pela ação violenta do imperador dos teutónicos, foi eleito bispo de Braga aquele ignorante Paio Mendes que detinha com violência os bens de Santiago. Considerando que o arcebispo de Toledo tinha indicado o dia em que o bispo de Braga deveria apresentar-se em Segóvia para ser consagrado por ele, também o bispo Diogo decidiu ir à cerimónia para poder recuperar as propriedades de Santiago perante o arcebispo e os outros prelados.

Livro II

Cap. III

Como o bispo aspirou à obtenção do título arquiépiscopal.

2. Tal como em qualquer lugar do mundo onde descansa o corpo de um Apóstolo, lá se erguera ou o papado ou um patriarcado ou, pelo menos, uma sede arquiépiscopal, [Diogo Gelmires, *scil.*] não aceitava que tal não se verificasse na Igreja de Santiago. Isto parecia-lhe horrível e quase injurioso, sobretudo pelo facto de Tiago ser parente de sangue do Senhor e um dos seus familiares e discípulos predilectos. Há que dizer que aqueles que anteriormente tinham sido bispos da diocese de Santiago, excepto, se calhar, Dalmácio, de boa memória, que lá viveu por pouco tempo, não procuraram nem obter para Compostela o título de arcebispo, nem outras dignidades eclesiásticas, uma vez que estiveram maioritariamente ocupados nas armas e na milícia. Por esta razão o bispo Diogo Gelmires teve de trabalhar mais e com maior compromisso, para que a Igreja de Santiago brilhasse com a honra que merecia [...].

4. O seu ânimo [de Diogo Gelmires, *scil.*], de facto, aspirou sempre à dignidade arquiépiscopal. Uma vez falecido o já referido Papa Pascoal, e promovido ao pontificado com o nome de Gelásio, João de Gaeta, cardeal e chanceler da Igreja romana, o mencionado bispo não abandonou de todo os seus objetivos. Naquele período, partiram da nossa Igreja para Jerusalém dois cónegos, ou seja, Pedro Dias e Pedro Anayáz, um cardeal e o outro tesoureiro do bispado de Santiago, encarregados pelo bispo de tratar com Gelásio II a questão do título arquiépiscopal para Santiago. Agora, Gelásio, tendo sido cardeal e chanceler da Igreja romana, tinha tratado da questão muitas vezes com o seu predecessor e sabia muito bem o que precisavam as Igrejas da Hispânia. O papa recebeu os dois cónegos e teve com eles uma conversa sobre o assunto. Iniciou o seu discurso dizendo:

«Sei, irmãos, sei o que quereis fazer: quereis despojar a Igreja de Braga das suas prerrogativas e elevar à dignidade arquiépiscopal a Igreja de Santiago. Eu tratei desse problema muitas vezes com o meu predecessor. Se isto se pudesse justamente fazer em algum momento e de alguma forma, o seu tempo teria chegado agora, considerando o terrível escândalo que a Igreja de Braga tem desencadeado dentro

da Igreja romana. O seu bispo Maurício traiu a sua mãe, a Igreja Católica, apoiando o sacrilégio do imperador dos teutónicos e sendo por ele mesmo erigido em ídolo da Igreja devido à sua confusão e perdição, donde resulta que toda a Igreja Católica o abomina e detesta. Sobre o resto, vocês chegaram aqui em peregrinação e não para tratar desse assunto. Ides visitar o Santo Sepulcro de Deus, como vós planeastes, e se o vosso bispo me enviar os seus legados, responder-lhes-emos plenamente e de maneira satisfatória. Entretanto, informai o vosso senhor que tendes tratado o tema comigo e que conheceis a minha disposição de alma sobre este problema. E eu não recuso enviar-lhe uma carta».

E o Papa Gelásio escreveu ao bispo com estas palavras:

5. *«Gelásio bispo, servo dos servos de Deus, ao venerável irmão Diogo, bispo de Compostela, saudação e bênção apostólica.*

Apesar de estarmos empenhados em problemas mais graves, não podemos esquecer o antigo afeto e amizade. E por esta razão, com a presente carta nos dirigimos à tua irmandade para pedir-te e avisar-te que tenhas a memória da Igreja romana agravada por muitos problemas e abalada pelas divisões, e para que estejas disponível, com a devida caridade, para atender às suas e às nossas exigências. Confiamos à tua benevolência os filhos comuns Pedro cardeal e Pedro tesoureiro, para que, pelo nosso amor, sendo já caros, mais sejam ainda.

Ferentino, 16 de junho (ano de 1118)».

Cap. VI

Como o bispo Diogo quis enviar perante o papa o bispo de Ourense e Geraldo.

I. [...]. Naquele tempo o bispo de Santiago viajou até Tui onde se encontrou com o bispo de Braga, Paio Mendes, para tratarem da metade da Correlhã e de outras propriedades em Portugal, perto da cidade de Braga, pertencentes à diocese de Santiago. Assim o fizeram perante os juízes, a saber, o bispo Diogo de Ourense, Pedro de Lugo e Afonso de Tui, tal como tinha estabelecido o arcebispo de Toledo e legado da Igreja romana. Aquela metade que pertencia ao bispo de Compostela tinha sido outorgada em préstamo pelo mesmo bispo de Santiago ao arcebispo de Braga, Maurício, que naquele tempo tinha sido erigido em ídolo do imperador dos teutónicos, manchando o tálamo da sua mãe, ou seja, a Santa Igreja Romana. Agora, aquela mesma propriedade era detida violentamente pelo seu sucessor o bispo Paio. Este último não quis nem apresentar-se ao juízo, nem cruzar o rio Minho. Aproximando-se da margem do rio disse: *«Quem detém a propriedade, que a possua também no futuro. Eu não me apresentarei em Tui, nem, muito menos, ao juízo dos bispos»*. Regressando a Braga, apoderou-se também da outra metade das terras que pertenciam aos cónegos de Santiago.

Cap. XIV

Sobre o cisma e a reconciliação entre o Papa Calisto e o abade de Cluny.

I. Entre o Papa Calisto e o abade de Cluny, Pôncio de Melgueil, houve, uma vez, quase um afeto, mas simulado, pouco sincero. Apesar de Guido, arcebispo de Vienne, ter sido eleito e consagrado papa com a aprovação dos cluniacenses e dos outros, dos romanos e dos habitantes do Delfinado e da mesma forma dos aquitanos, tanto clérigos como leigos, que estiveram presentes, o mencionado abade de Cluny não aprovou nem recusou a eleição, mas disse: *«Que sejam enviados legados a*

Roma para que sejam avisados os nossos irmãos em Cristo da morte de Gelásio e do facto de, em Cluny, ter sido eleito, em sua substituição, pelos cardeais romanos, pelos bispos, clérigos, e também pelos leigos o irmão Guido, arcebispo de Vienne. Se o clero e o povo de Roma elogiarem a sua eleição e a sua consagração, só depois nós poderemos aceitar e obedecer à sua autoridade». Esta sentença do abade de Cluny era apoiada por muitos dos bispos das Gálias. Quando o clero e povo de Roma reconheceram a eleição e a consagração de Calisto II e condenaram Maurício, o ídolo do imperador dos teutónicos, o abade de Cluny e os outros bispos das Gálias reconheceram que Calisto tinha sido elevado canonicamente ao grau máximo da dignidade apostólica [...].

2. Em seguida, o Papa Calisto, no segundo ano do seu pontificado, viajou até Cluny onde foi acolhido com todas as honras pelo abade e por toda a comunidade dos monges. O papa celebrou em Cluny o Natal do Senhor e lá ficou até ao dia da Epifania do Senhor. No dia da Epifania o papa manifestou-se no Capítulo cluniacense na presença do abade e da grande comunidade dos monges. Então o papa, movido pela caridade divina, prostrou-se com humildade e em lágrimas perante o abade e os monges de Cluny. Prostraram-se também os monges e o abade, implorando com Misericórdia que o papa se levantasse. O papa, por fim, levantou-se e levantaram-se também o abade e os monges. Então o papa pediu silêncio com um gesto da mão e disse: «*Irmãos e filhos em Cristo, caríssimos, aqui está quanto de bom e pleno de alegria há em viver todos juntos na unidade. Bom e saudável é viver juntos na Graça da Caridade; é bom que sirvamos como membros diferentes a mesma cabeça, ou seja, Cristo, e que sejamos em Cristo um único coração e uma única alma*». Assim como disse o Apóstolo Tiago: «*Lá onde há conflitos, aí vai haver a inconstância e a obra do mal*» [...]. Depois de ter falado desta forma perante o abade e toda a comunidade monástica cluniacense, pôs-se nas mãos do abade e do mosteiro de Cluny e pediu para ser lembrado nas orações e nos benefícios de Cluny e para se tornar irmão da comunidade. E assim o Papa Calisto foi aceite na irmandade, lembrado nas orações e participe da graça do mosteiro de Cluny. Estabeleceu-se então, entre o Papa Calisto e o abade Pôncio de Cluny e a comunidade dos monges uma união feita de grande afeto, como se fossem um único coração e uma única alma. Verdadeiramente, o mosteiro de Cluny superava em santidade todas as Igrejas da Gália. Por esta razão, o Papa Calisto queria ser muito bem considerado pelo mosteiro cluniacense e fazer dele o seu refúgio e o seu apoio para lutar contra o traidor da Igreja romana, ou seja, aquele Burdino, o ídolo do imperador dos teutónicos. Para acabar com aquela tirania, o abade de Cluny e todo o mosteiro eram úteis e necessários à Igreja romana para fortalecer a sua posição e erradicar o simulacro da pestífera heresia.

Cap. XLI

Convite para o Concílio.

«Boso, cardeal e legado da Santa Romana Igreja, ao venerável irmão e caríssimo amigo D. Diogo Gelmires, arcebispo da Igreja de Compostela, saudação. Recebidas com gratidão as cartas da vossa amizade, agradecemos a Deus pelo próspero sucesso do rei e da rainha. E pelo crescimento do vosso engenho e pelo conselho e o auxílio que também lhes prestais, o nosso ânimo inflama-se. Para além disto, para que a memória não se esqueça e para recompor os assuntos eclesiásticos e corrigir as tantas coisas erradas que acontecem nestas partes da Hispânia, recorreremos a São Tiago e especialmente ao vosso conselho e estabelecemos um dia e um lugar para um concílio para o qual, tal como tínhamos dito oralmente, estais convidado. Assim, com esta carta, solicitamos com autoridade apostólica a vossa presença e vos exortamos, pela fidelidade à Igreja romana, a não renunciardes à vossa presença

no concílio. Tudo isto com a consciência de que se vós não estiverdes presentes e, por esta razão, o concílio se revelar um fracasso, a vós será atribuída esta responsabilidade em detrimento da Igreja, e temos medo que isto possa constituir um problema para vós no futuro. Através de pessoas que lá estiveram presentes, recebemos a notícia de que Burdino foi capturado pelo senhor Papa e deportado para Roma, tal como merecia».

2) Roderici Ximenii de Rada. *Historia de rebus Hispanie sive Historia gotica*. Ed. Juan Fernández Valverde. Turnhout: Brepols, *Corpus Christianorum Continuatio Medievalis*, 1987, p. 226-227 e 210-212.

Nota biografica: Nato attorno al 1170, Rodrigo Jiménez de Rada fu una delle personalità ecclesiastiche e politiche più importanti della penisola iberica del XIII secolo, in particolare durante i regni di Alfonso VIII di Castiglia (†1214) e Fernando III di León-Castiglia (†1252) dei quali fu anche il cancelliere. Rodrigo studiò a Bologna e Parigi e successivamente divenne arcivescovo di Toledo e Primate dell'*Hispania* tra il 1209 e il 1247. Fu protagonista di alcuni dei più importanti eventi del suo tempo; partecipò direttamente, infatti, alla vittoriosa battaglia di Las Navas de Tolosa contro gli almohadi (1212) e nel 1215 presenziò al IV Concilio Lateranense indetto da Innocenzo III. Morì nel 1247.

Opera: L'*Historia de rebus Hispanie sive Historia gotica* è una delle maggiori opere di storia del medioevo iberico, un testo così importante da costituire una delle fonti principali per la *Estoria de España* scritta durante il regno di Alfonso X «Il Saggio» (1221-1284). L'opera si configura come una storia degli eventi principali che caratterizzarono la storia della penisola iberica fino all'anno 1243 e fu conclusa — come ha osservato F. Bastos — durante gli anni del regno di Fernando III di León-Castiglia.

Edizioni/Traduzioni principali: *Roderici Ximenii de Rada. Historia de rebus Hispanie sive Historia gotica*. Ed. Juan Fernández Valverde. Turnhout: Brepols, *Corpus Christianorum Continuatio Medievalis*, 1987. L'opera è stata tradotta in castigliano, si veda *Rodrigo Jiménez de Rada. Historia de los hechos de España*. Ed. Juan Fernández Valverde. Madrid: Alianza Editorial, 1989, traduzione che abbiamo utilizzato come riferimento per le nostre in italiano e portoghese.

Bibliografia essenziale: LOMAX, Walter D. (1977) — *Rodrigo Jiménez de Rada como historiador*. In LOPEZ, François; PÉREZ, Joseph; SALOMON, Noël; CHEVALIER, Maxime, coord. — *Actas del Quinto Congreso Internacional de Hispanistas*. Vol. II. Bordeaux: Instituto de Estudios Ibéricos e Iberoamericanos, p. 587-592. LINEHAN, Peter (1993) — *History and the historians of medieval Spain*. Oxford: Clarendon Press. GÓMEZ REDONDO, Fernando (1998) — *História de la prosa medieval castellana*. Vol. I. Madrid: Ediciones Cátedra, p. 162-164. CATALÁN, Diego (2004) — *Removiendo los cimientos de la Historia de España en su perspectiva medieval*. «Cuadernos de História del derecho», vol. Extra, p. 73-86. LINEHAN, Peter (2001) — *Lucas de Tuy, Rodrigo Jiménez de Rada y las historias alfonsíes*. In FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, Inés, coord. — *Alfonso X el Sabio y las crónicas de España*. Valladolid: Universidad de Valladolid, p. 19-36. FALQUE REY, Emma (2003) — *Lucas de Tuy y Rodrigo Jiménez de Rada: el uso de las fuentes*. «Cahiers de linguistique et de civilisation hispaniques médiévales», vol. 26, p. 151-162. LINEHAN, Peter (2011) — *Historia e historiadores de la España medieval*. Trad. A. Sáez Hidalgo e F. J. Hernández. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, in particolare p. 341 e seguenti. FALQUE REY, Emma (2015) — *Galicia and the Galicians in*

the Latin Chronicles of the Twelfth and Thirteenth Centuries. In D'EMILIO, James, coord. — *Culture and Society in Medieval Galicia. A Cultural Crossroads at the Edge of Europe*. Boston; Leiden: Brill, p. 400-427. Si veda anche RIVERA RECIO, Juan Francisco (1951) — *Personajes hispanos asistentes en 1215 al IV Concilio de Letrán*. «Hispania sacra. Revista española de historia eclesiástica», vol. 4, p. 335-355. FERREIRA BASTOS, Filipe (2018) — *O Reino de Portugal em Lucas de Tuy e em Rodrigo Jiménez de Rada*. Porto: Universidade do Porto, p. 34-40. Tesi di Mestrado Inedita. Per la biografia dell'autore ho utilizzato DI CESARE, Michelina (2012) — *The Pseudo-historical Image of the Prophet Muhammad in Medieval Latin Literature: a repertory*. Berlin: De Gruyter, p. 241 e *Jiménez de Rada, Rodrigo*. In *Enciclopedia Treccani*. Disponibile in <<http://www.treccani.it/enciclopedia/jimenez-de-rada-rodrigo/>>. [Consultazione realizzata on-line il 16/10/2019].

Libro VI

Cap. XXVII

De scismate et depositione Burdini.

Duxit etiam de Lemouicis Burdinum, quem primo fecit archidiaconum Toletanum, postea episcopum Conimbriensem, postea archiepiscopum Bracarensem. Hic erat astutus et versipellis, qui, cum vocaretur Burdinus, factus episcopus fecit se Mauricium appellari; et inmemor fidelitatis et gracie, sancte recordationis Urbano papa II viam universis carne ingresso, accessit ad Paschalem Papam secundum, qui predicto Urbano fuerat substitutus, et magnum pondus pecunie secum portans promisit domino Pascali Pape II noviter instituto magnam pecuniam se daturum si remoto Bernardo, qui eum creaverat, fieret ipse pontifex Toletanus. Qui nequiciam eius, in eo quod deliquerat, volens punire, accepit pecunia, et eum postea petitione frustravit. Cumque eo tempore Ecclesia persecucione grauissima lederetur, eo quod imperator Otho³⁶⁵ predictum papam captum cum cardinalibus carceri mancipasset, idem Burdinus dolore pecunie stimulatus ad scismaticum imperatorem accessit eius famulatus se despondens. Cumque de alio eligendo in papam imperator tractaret, atendens Burdini stuciam mox precepit eum eligi ad culmen apostolice dignitatis; et factus Papa, inmo verius antipapa, Romam ingreditur imperiali potencia comitatus et in ecclesia sancti Petri ut papa resedit et sollempnia celebravit, vocatus Gregorius Papa VIIIus. Cumque divina gracia adiuuante Pascualis Papa carcerem evasisset, persecucione coactus per maritima et Apuliam ferebatur incertus; ibique diu degens ut exul persecucionem constantissime toleravit et Gayete dicitur obiisse. Ibidemque fuit in papatu Gelasius substitutus, qui scripsit toletano primati, sicut in eiusdem pape inuenitur registro, epistolam sub hiis verbis; «Gelasius episcopus seruus seruorum Dei venerabili fratri Bernardo Toletano primati et ceteris Hispaniarum episcopis: Non latere credimus fraternitatem vestram qualiter frater noster Mauricius Bracharensis episcopus se iam diu habuerit et quomodo ecclesiam suam dimiserit et quomodo rege excommunicato adhererit. Illud etiam, ut oppinamur, nostis, quod a predecessore nostro sancte memorie Pascali Papa in concilio excommunicatus sit et quod Bracarensi ecclesie sit mandatum, ut pastorem sibi alium prouideret. Nunc tandem per regis tirannidem post longum electionis mee spacium in cubile sancte matris Ecclesie ingressit. Ideoque fraternitati uestre mandamus ut ad electionem in Bracarensi ecclesia faciendam sollicitudine caritatis debite operam prebeat; ipsum vero Mauricium excommunicatum, periurum et matris Ecclesie constupratorem ceteris Ecclesie fillis publicetis. Datum Gayete VIII

³⁶⁵ Per l'errata identificazione di Enrico V chiamato Ottone nella fonte si veda HENRIET, 2004: 307.

kalendas Aprilis»³⁶⁶. Et idem Papa in Gallias nauigans Lugduni decessit in Pontificatu anni circulo uix expleto; et huic successit Calixtus Ius, qui erat archiepiscopus Viennensis, frater Raymundi comitis patris Adefonsi imperatoris Hispani³⁶⁷. [...] Burdinum iam ab imperatore abiectum Sutrii conclusit obsessum et captum et depositum Calabrie in monastero sancte Trinitatis de Cavea captiuitati perpetue mancipavit; qui ibi uixit fere usque ad tempora domini Eugenii Pape tercii, a quo fuit III us dominus Alexander³⁶⁸. Vnde et in secretario palacii Costantiniani³⁶⁹ hii versus reperiuntur inscripti: Ecce Calixtus, honor patrie, decus imperiale, Nequam Burdinum dampnat pacemque reformat. [...]

Libro VII

Cap. V

De ortv et genealogia regvm Portvgallie.

Verum comes Henrricus³⁷⁰, de quo diximus quod rex Adefonsus Tharasiam filiam³⁷¹ ei dederat in uxorem, cum esset vir bonus, iustus, strenuus, timens Deum, cepit aliquantulum rebellare; non tamen subtraxit hominum toto tempore uite sue, set a finibus Portugalie eiecit, prout potuit, Agarenos, sibi iam specialem vendicans principatum. [...] Ipse vero Henrricus Visio et Lameco et Portugali sedes restituit cathedrales, et a Toletano primate fuerunt earum episcopi consecrati. Conimbrie etiam eius tempore fuit Burdinus, de quo diximus, primus episcopus consecratus. Bracaram etiam, que uariis uastationibus adhuc diruta permanebat, uigili studio restaurauit et per Bernardum Toletanum primatem fuit dignitati pristine testituta; in ea enim sanctum Giraldum Toletanum cantorem, de quo diximus, in archiepiscopum consecrauit³⁷². Comes autem Henrricus ad petitionem uxoris sue Tharasie, que regina, quia regis filia, dicebatur, terre sue ciuitates singulis episcopis donationis titulo assignauit, preter Conimbriam, que apud eos tunc temporis ut urbs regia habebatur.

Traduzione italiana³⁷³:

Libro VI

Cap. XXVII

Dello scisma e della deposizione di Burdino.

[Bernardo di Sauvetat arcivescovo di Toledo, *scil.*] portò con sè da Limoges anche Burdino, il quale fu prima arcidiacono di Toledo, successivamente ricopri la carica di vescovo di Coimbra, e dopo ancora arcivescovo di Braga. Questi era scaltro e dissimulatore ed essendo stato chiamato Burdino,

³⁶⁶ Si veda la nota precedente.

³⁶⁷ JL 4886 (Gaeta marzo 25 1118) = Gelasii II papae ep. VI, PL CLXIII, coll. 491.

³⁶⁸ In questo caso si tratta di un errore in quanto ad Eugenio III successe Papa Adriano IV.

³⁶⁹ Il Laterano.

³⁷⁰ Enrico di Borgogna, conte del Portogallo.

³⁷¹ Teresa Alfonso figlia di Alfonso VI di León-Castiglia e Jimena Muñoz, vedova del conte di Portogallo Enrico di Borgogna. Su Teresa il lavoro storiografico più aggiornato è senz'altro quello di AMARAL & BARROCA, 2012: 133-154, 175, 187-195, 198-207, 209-214 e 274-286.

³⁷² Geraldo di Moissac, arcivescovo di Braga. Si veda inoltre MARTÍNEZ LLORENTE, 2014: 49-100.

³⁷³ Per la traduzione in italiano e portoghese del testo abbiamo usato come riferimento la traduzione in castigliano di J. Fernández Valverde citata nella bibliografia essenziale.

una volta diventato vescovo si fece chiamare Maurizio. Dimenticatosi della fedeltà e della grazia della santa memoria del defunto Papa Urbano II, si rivolse a Papa Pasquale II, il quale era stato eletto per sostituire il suddetto Urbano, e portando con sé un grande quantità di denaro, promesse al neoeletto Papa Pasquale II di dargli grandi ricchezze se avesse allontanato Bernardo, che lo stesso papa aveva ordinato, e nominato lui vescovo di Toledo. Papa Pasquale II volendo punire l'infedeltà che egli [Burdino, *scil.*] aveva commesso, prima accettò il denaro e successivamente non accolse le sue richieste. E in quel tempo nel quale la Chiesa era afflitta da una gravissima persecuzione, poiché l'imperatore Ottone [in realtà Enrico V, *scil.*] aveva preso come prigioniero il già menzionato papa insieme con i cardinali, quel Burdino mosso dal rancore per la vicenda della mancata elezione nella sede di Toledo aderì all'imperatore scismatico e si fece suo schiavo. L'imperatore, avendo considerato la possibilità di nominare un altro papa, prestando attenzione alla scaltrezza di Burdino, subito ordinò di eleggerlo al culmine della Dignità Apostolica. Una volta elevato al soglio pontificio, o meglio antipapa, Burdino entrò a Roma grazie alla forza del seguito imperiale, sedette nella chiesa di San Pietro e celebrò le cerimonie ufficiali prendendo il nome di Gregorio VIII. Con l'aiuto della Grazia Divina, Papa Pasquale riuscì ad evadere dalla prigionia e costretto dalla persecuzione si recò insicuro in Puglia via mare; e da quel quel luogo come esule tollerò la persecuzione con grande pazienza e si dice sia morto a Gaeta. Al suo posto fu eletto Gelasio, il quale scrisse una lettera al primate toledano, come si evince dal registro dello stesso papa, con le seguenti parole: «*Gelasio servo dei servi di Dio al venerabile fratello e primate Bernardo di Toledo e agli altri vescovi dell'Hispania: Crediamo non vi sia occulto, infatti, come il fratello nostro Maurizio vescovo di Braga già ormai da lungo tempo ha abbandonato la sua Chiesa e ha aderito alla causa del re scomunicato. Anche lui, come pensiamo sappiate, fu scomunicato durante un concilio dal nostro predecessore di santa memoria Papa Pasquale e che fu ordinato alla Chiesa di Braga di provvedere all'elezione di un sostituto. Infine, per molto tempo dopo la mia elezione, per via la tirannide del re, egli ha portato la divisione nel talamo della Santa Madre Chiesa. Per questo motivo ordiniamo alla vostra fratellanza di procedere all'elezione di un nuovo arcivescovo di Braga, prestando debitamente attenzione alla sollecitudine della carità e che rendiate pubblico agli altri figli della Chiesa che quel Maurizio è uno scomunicato, uno spergiuro e un costruttore della Madre Chiesa. Gaeta 25 marzo*». Lo stesso papa Gelasio navigando verso la Gallia morì a Lione terminato il suo primo anno di pontificato. Gli successe Callisto che era arcivescovo di Vienne, fratello del conte Raimondo padre dell'imperatore dell'Hispania Alfonso. [...] Burdino già abbandonato dall'imperatore finì assediato a Sutri. Fu catturato e rinchiuso in Calabria nel monastero della Santissima Trinità di Cava dove finì i suoi giorni in prigionia. In quel monastero visse fino all'epoca di Eugenio III, al quale seguì il signore Alessandro III. Da qui il motto che si trova nella sacrestia del palazzo costantiniano: «*Ecco Callisto onore della patria, gloria imperiale. Burdino uomo di nessun valore condanna e la pace restituisce*».

Libro VII

Cap. V

Della nascita e della genealogia dei re di Portogallo.

In realtà, il conte Enrico, del quale abbiamo detto che il re Alfonso gli diede in moglie la figlia Teresa, essendo un uomo buono, giusto, strenuo, timorato di Dio, cominciò solo lentamente a dare battaglia. Ciononostante, egli non si sottrasse mai alla fedeltà al re in tutta la sua vita e riuscì a sconfiggere, come poté, i saraceni ai confini del Portogallo, rivendicando così per sé quel principato. [...] Enrico restaurò le sedi episcopali di Viseu, Lamego e Oporto, le quali furono consacrate dal

primate toledano. Il primo vescovo di Coimbra consacrato in quel tempo fu Burdino, del quale abbiamo già parlato. Anche Braga, che ancora era segnata dalle varie devastazioni subite, fu restaurata con grande attenzione ed impegno e fu ripristinata la sua dignità da Bernardo primate di Toledo. Bernardo consacrò in quella sede come arcivescovo Giraldo il cantore della Chiesa toledana, del quale abbiamo già parlato. Inoltre il conte Enrico su richiesta della moglie, la regina Teresa, così chiamata perché figlia del re, concesse a titolo di donazione le città delle sue terre ai vescovi, fuorchè a Coimbra, che a quel tempo Enrico e Teresa consideravano come città regia.

Tradução portuguesa:

Livro VI

Cap. XXVII

Sobre o cisma e a deposição de Burdino.

[Bernardo de Sauvetat arcebispo de Toledo, *scil.*] também levou consigo de Limoges Burdino, que antes foi arcebispo em Toledo, em seguida ocupou o cargo de bispo de Coimbra e depois chegou a arcebispo de Braga. Este era astuto e dissimulador e tendo sido apelidado Burdino, uma vez eleito bispo fez-se chamar Maurício. Esquecida a fidelidade e a graça da santa memória do falecido Papa Urbano II, dirigiu-se ao Papa Pascoal II, que tinha sido eleito para substituir o já mencionado Urbano, e trazendo consigo uma grande quantia de dinheiro, prometeu ao recém-eleito Papa Pascoal II dar-lhe grandes riquezas se afastasse Bernardo, que o papa tinha instituído como bispo de Toledo, e o nomeasse para essa cátedra. O Papa Pascoal II queria punir a infidelidade que ele [Burdino, *scil.*] tinha cometido; primeiro aceitou o dinheiro, mas depois não atendeu o pedido de Burdino. E naquele tempo em que a Igreja sofria uma gravíssima perseguição, porque o imperador Otão [em realidade, Henrique V, *scil.*] tinha tomado como prisioneiro o já mencionado papa juntamente com os cardeais, o referido Burdino, movido pelo rancor gerado pela história da falhada eleição para a Sé toledana, aderiu ao imperador cismático e tornou-se no seu escravo. E o imperador, tendo considerado a possibilidade de eleger outro papa, observando com atenção a astúcia de Burdino, imediatamente decidiu elevá-lo ao topo da dignidade apostólica. Uma vez conduzido ao trono pontifício, tornando-se antipapa, entrou em Roma graças à força dos homens imperiais e sentou-se na Igreja de São Pedro, celebrando cerimónias oficiais e tomando o nome de Gregório VIII. Com a ajuda da Divina Graça, o Papa Pascoal conseguiu escapar da prisão e obrigado pela perseguição dirigiu-se inseguro para a Apúlia, por mar. Deste lugar, como exilado, tolerou a perseguição com grande paciência e, assim se diz, morreu em Gaeta. Para o seu lugar foi eleito Gelásio, que escreveu uma carta ao primaz toledano, como se pode inferir do registo do papa, com as seguintes palavras: «*Gelásio, servo dos servos de Deus, ao venerável irmão e primaz Bernardo de Toledo e aos outros bispos da Hispânia. Achamos que não vos seja oculto, como o nosso irmão Maurício, bispo de Braga, já desde há longo tempo abandonou a sua Igreja e aderiu à causa do rei excomungado. Pensamos também que já sabeis que foi excomungado durante um concílio pelo nosso predecessor de santa memória, Pascoal, e que foi ordenado à Igreja de Braga que assegurasse a eleição de um novo arcebispo. Enfim, muito tempo depois da minha eleição, e por causa da tirania do rei, ele levou a divisão ao interior da Santa Mãe Igreja. Prestando devidamente atenção às diligências da caridade, deveis tornar público aos outros filhos da Igreja que aquele Maurício tem sido um excomungado, mentiroso, e co-violador da Mãe Igreja. Gaeta 25 de Março*». O mesmo Gelásio, navegando até às Gálias, morreu em Lyon acabado o primeiro ano do seu pontificado. Sucedeu-lhe Calisto

que era arcebispo de Vienne, irmão do conde Raimundo, o pai do imperador das Espanhas, Afonso. [...] Burdino, já abandonado pelo imperador, acabou cercado em Sutri. Foi capturado e encerrado na Calábria, no mosteiro da Santíssima Trindade de Cava, onde acabou os seus dias. Naquele mosteiro viveu até à época de Eugénio III, a quem sucedeu o senhor Alexandre III. Deste episódio resultou o que se encontra escrito na sacristia do palácio constantiniano [Latrão, *scil.*]: «*Aqui está Calisto honra da pátria, glória imperial. Burdino, homem de nenhum valor, condena e restitui a paz*».

Livro VII

Cap. V

Do nascimento e da genealogia dos reis de Portugal.

Na realidade, o conde Henrique, sobre o qual dissemos que o rei Afonso lhe deu em mulher a filha Teresa, sendo um homem bom, justo, fervoroso, temeroso de Deus, só lentamente começou a dar batalha. Todavia, nunca se subtraiu à fidelidade do rei em toda a sua vida e conseguiu derrotar, como pôde, os sarracenos até aos limites de Portugal, reivindicando para si aquele principado. [...] Henrique restaurou as Sés episcopais de Viseu, Lamego e Porto, as quais foram consagradas pelo primaz toledano. O primeiro bispo de Coimbra consagrado naquele tempo foi Burdino, de que já falámos. Também Braga, que ainda permanecia arruinada pelas várias devastações sofridas, foi restaurada com grande empenho e compromisso e a sua dignidade foi reerguida por Bernardo, primaz de Toledo. Aí consagrou Bernardo o arcebispo Geraldo, chantre da Igreja toledana, de que já falámos. Para além disto, o conde Henrique, a pedido de sua mulher, a rainha Teresa, assim chamada porque filha do rei, concedeu a título de doação as cidades das suas terras aos bispos, com a excepção de Coimbra, que naquele tempo Henrique e Teresa consideravam como cidade régia.

3) *Pars Concilii Laterani*. In FITA, Fidel — *Santiago de Galicia. Nuevas Impugnaciones y Nueva Defensa*. «Razón y Fé», vol. 1/2 (1901), p. 178-195.

Nota biografica: Lopera è anonima, ma con ogni probabilità vista la tematica trattata e il punto di vista adottato si tratta di un chierico della chiesa toledana.

Opera: Scritta intorno alla metà del XIII secolo (1253 ca.), la *Pars Concilii Laterani* è un resoconto — dal punto di vista toledano — dell'intervento dell'arcivescovo Rodrigo Jiménez de Rada al IV Concilio Lateranense (1215), nel quale Rodrigo utilizzò la vicenda di Maurizio «Burdino» per minare la credibilità e le pretese della sede di Braga come sede primaziale dell'*Hispania*.

Edizioni/Traduzioni principali: Della *Pars Concilii Laterani* esistono due versioni, una più breve ed una più estesa. Della versione breve esistono varie edizioni. Su questo punto si veda innanzi tutto *Pars Concilii Laterani*. In FITA, Fidel — *Santiago de Galicia. Nuevas Impugnaciones y Nueva Defensa*. «Razón y Fé», vol. 1/2 (1901), p. 40-43. La versione estesa è stata pubblicata, invece, nei seguenti volumi: *Collectio conciliorum Hispaniae*. Ed. García Loaysa. Madrid: Petrus Madrigal, 1593, p. 297-290; FITA, Fidel — *Santiago de Galicia. Nuevas Impugnaciones y Nueva Defensa*. «Razón y Fé», vol. 1/2 (1901), p. 178-195; *Pars Concilii Laterani*. In GARCÍA GARCÍA, Antonio, coord. — *Iglesia, sociedad y derecho*. Vol. II. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 1987, p. 204-208. In questo volume abbiamo scelto l'edizione di F. Fita in quanto riportava anche il testo interpolato dal Loaysa nel XVI secolo.

Bibliografia essenziale: ERDMANN, Carl (1935) — *O papado e Portugal no primeiro século da história portuguesa*. Coimbra: Instituto Alemão da Universidade de Coimbra. RIVERA RECIO, Juan Francisco (1951) — *Personajes hispanos asistentes en 1215 al IV concilio de Letrán (Revisión y aportación nueva de documentos. Datos biográficos)*. «Hispania Sacra», vol. 4, p. 335-355. FEIGE, Peter (1978) — *Die Anfänge des portugiesischen Königtums und seiner Landeskirche*, «Gesammelte Aufsätze zur Kulturgeschichte Spaniens», vol. 29, in particolare p. 347-350. GARCÍA Y GARCÍA, Antonio (1987) — *El Concilio IV Lateranense y la Península Ibérica*. In GARCÍA Y GARCÍA, Antonio, coord. — *Iglesia, sociedad y derecho*. Vol. II. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, p. 187-208. HORN, Michael (1991) — *Der Streit um die Primatswürde der Erzbischöfe von Toledo: ein Beitrag zur Geschichte der älteren Papstregister*. «Archivium Historiae Pontificiae», vol. 29, p. 259-280. HENRIET, Patrick (2004) — *Political Struggle and the legitimation of the Toledan Primacy: The Pars Laterani Concilii*. In ALFONSO ANTÓN, Isabel; KENNEDY, Hugh; ESCALONA MONGE, Julio, coord. — *Building legitimacy: Political discourses and forms of legitimacy in medieval societies*. Leiden; Boston: Brill, p. 291-318. LINEHAN, Peter (2011) — *Historia e historiadores de la España medieval*. Trad. A. Sáez Hidalgo e F. J. Hernández. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, in particolare p. 303-365. Per le traduzioni in italiano e in portoghese sono state fondamentali le opere di F. Fita, A. García y García e P. Henriet citate in questa scheda bibliografica.

Anno Domini. M^o. CC^o. quinto decimo. Mense Novembris, Celebrata est sancta et universalis sinodis Rome in ecclesie sancti Salvatoris quae constantina vocatur, presidente domino Innocencio papa. III^o. pontificatus eius anno XVIII^o. In qua fuerunt patriarche. II^o. Constantinopolitanus et Jherosollimitanus. Antiochenus autem patriarcha gravi langore detentus venire non potui, set misit pro se vicarium Antarodensem episcopum. Alexandrinus vero patriarcha sub dominio sarracenorum constitutus similiter venire non potuit, set misit vicarium suum Petrum diachonum germanum suum. Fuerunt autem in eodem concilio primates et Archiepiscopi numero Septuaginta unus. Episcopi vero fuerunt. CCCCXII. De abbatibus autem et aliis religiosis personis et decanis, et prioribus prepositis. Arcidiaconis et aliis clericis secularibus. et procuratoribus principum conciliorum et comunitatum. de diversis mundi partibus congregatis non fuit numerus. Et in hac generali sinodo. Rodericus Archiepiscopus Toletanus et yspaniarum primas³⁷⁴ de licencia Innocentii sed (is) ro (mane) pontificis proposuit verbum dei incipiens et finiens in latino sermone. Set quia de diversis mundi partibus tam clerici quam layci ibidem convenerant. ut omnibus satisfaceret suas in predicando pausaciones et interpellaciones faciendo easdem auctoritates et rationes propositas in latino. Exposuit laycis et illiteratis in lingagiis maternis videlicet romanorum Teutonicorum Francorum, Anglorum Navarrorum et yspanorum. Huiusmodi autem predicationes exposicio placuit. in conspectu omnium. non solum subtile set pocius admirabile reputantes. cum a tempore apostolorum vix crederetur seu ab aliquo audiretur vel scriptum repertum fuisset aliquem alicubi sub tot modis ydiomatum seu linguarum in uno et eodem sermone verbum domini predicando taliter expuisse. Notum sit agitur sit omnibus hominibus presentem paginam inspecturis. quod in eodem concilio apud lateranum. prefatus dominus Rodericus Toletane Sedis Archiepiscopus yspaniarum Primas et inpetrata audientia ad eodem papa. proposuit in pleno consistorio coram ipso. et cardinalibus. et pluribus Archiepiscopis. et episcopis. et abbatibus. et canonicis et aliis clericis. Querimoniam de Bracarensi et Conpostellano. et Tarraconensi. et Narbonensi Archiepiscopis quod nolebant ei tanquam primati suo obedire et ad probandum se suum esse primatum ostendit privilegia. et legit Honorii. Gelasii. Lucii. Adriani. E eiusdem Innocencii. III. Romanorum pontificum in quibus continebatur et manifestissime

³⁷⁴ Rodrigo Jiménez de Rada arcivescovo di Toledo.

probabatur Toletanum Archiepiscopum esse primum yspaniarum. Addidit etiam idem Archiepiscopus Toletanus se habere alia plura privilegia et munimenta. et scripta que ostenderet tempore suo in quibus probabatur ipsum esse primum yspaniarum. Ostendit etiam eadem die et legit ibi sententiam Jacinti cardinalis Apostolice Sedis legati latam in Archiepiscopum Bracarensem. Nisi Toletano Archiepiscopo tanquam primati suo obediret. legit etiam executionem eiusdem Jacinti missam suffraganeis ecclesie Bracarensis in qua eis precipiebat ut Toletano Archiepiscopo tanquam primati suo debitam reverenciam et obedienciam xiberent. unde supplicabat quod de predictis facerent ibi iusticie complementum. Cui respondit Archiepiscopum bracharensis [...] in presencia eiusdem pape quod nec fuerat ad hoc citatus et ideo nec sibi responderi nec in aliquo teneri. et quod sententiam predicti Jacinti penitus ignorabat. Dominus autem Toletanus impetrata a domino papa. audientia respondit. Pater sancte nec mirum si Bracharensis qui presens est citationem apostolicam et Toletane ecclesie primum et domini Jacinti sententiam super hoc latam denegat seu suprimere non erubescat cum olim predecessor suus Burdinus Archiepiscopus bracharensis non solum contra romanam ecclesiam que omnium ecclesiarum mater est et magistra non erubuit recalitrare set tanquam alter arrianus nisus est inter catholicos sempiternam scismatis discordiam seminare. Quod sic probo. Cum dominus Bernardus quondam Archiepiscopus Toletanus³⁷⁵ romanam curiam visitasset et ad propria rediens per lemovicensem civitatem transitum fecisset. Traxit inde clericos et pueros in Toletana ecclesia collocandos et nutriendos. inter quos Burdinus de quo sit sermo secum duxit. et eum non solum bonis moribus set etiam et literis imbui fecit, tandem contulit ei Archidiaconatum Toletanum. Deinde ipso procurante electus est in episcopum Oxomensem qui tunc mutato nomine primo in baptisimate posito Burdino. Mauricium se vocari precepit. Tempore procedente ad instanciam domini Bernardi, cuius alumpnus extiterat assumptus est in Archiepiscopum Bracharensem, videns autem quod dominus Bernardus tenuerat in memor eiusdem beneficii, exuens pellem ovina non erubuit pellem lupinam induere. et accedens ad curiam supplicavit domino Pascali pape II^o. ut dominum Bernardum senem et inutilem amoveret. et cum sibi substitueret in ecclesia Toletana. Cuius preces dominu papa reputavit fivolas et inanes. Interim orta est discordia inter Pascalem papam II^m. et Otonem imperatorem dictus autem Mauricium seu Burdinus motus quod non fuerit sibi provisum de ecclesia Toletana accessit ad imperatorem et procuravit quod eligeretur in papam. et cum milicia et potestate inperatoris urbem romanam ingrediens non erubuit tanquam sacrilegus et apostota. vivente ero papa Paschali II^o. culmen ascendere apostolice sedis. et Gregorium VIII se nominans falso nomine et falsa bulla per universum mundum apostolicas ymo apostaticas literas dirigebat. Interim mortuus est papa pascalis cui successit Gelasius papa. II. qui et mortuus est durante discordia. cui successit Alexander papa. II.³⁷⁶ cui reconciliatus est Oto imperator³⁷⁷ et pax reformata est inter imperium et ecclesiam romanam. Deinde dominus Burdinus sive Mauricius tanquam sacrilegus et excommunicatus inclusus est imperpetuum in calabria in quadam cavea in monasterio sancte trinitatis scapile. Hoc non solum autentica ystoria vel scriptura testatur. Verum etiam laycorum pictura hoc asserit et protestatur. Siquis astancium dubitat erigat oculos ad presentes loci parietes, et ad occultum videbit huiusmodi istoriam picturatam³⁷⁸. Erigentes autem oculos

³⁷⁵ Bernardo di Sauvetat, si veda la nota n.° 337 in questa sezione.

³⁷⁶ Chiaramente si tratta di nuovo di un errore di identificazione di Papa Callisto II; oltretutto papa Alessandro II (Anselmo da Baggio) era morto molti anni prima, nel 1073, che Maurizio «Burdino» diventasse Gregorio VIII. Si veda VIOLANTE, 2000.

³⁷⁷ Si veda HENRIET, 2004.

³⁷⁸ La fonte farebbe riferimento al programma iconografico promosso da Callisto II contro gli *antipapi* studiato da STROLL, 1991 e SCHILLING, 1997: 590-603.

ut indicit omnia decernentes domini Toletani subtilitatem et periciem collaudantes murmurare ceperunt insipientes erubescensem faciem Archiepiscopi Bracharensi.

Traduzione italiana:

Anno del Signore 1215. Mese di novembre. Fu celebrata a Roma la santa ed universale sinodo nella chiesa di San Salvatore, detta Costantiniana, presieduta dal signor Papa Innocenzo III, nel diciottesimo anno del suo pontificato. Alla sinodo parteciparono due patriarchi. Il patriarca di Costantinopoli e quello di Gerusalemme. Il patriarca di Antiochia afflitto da una grave malattia non poté venire, ma inviò come suo legato e vicario il vescovo di Tartus. Il patriarca di Alessandria d'Egitto nemmeno poté viaggiare a Roma, ma inviò come suo legato vicario il diacono Pietro, suo fratello. Al concilio parteciparono anche settantuno tra primati e arcivescovi. I vescovi che parteciparono furono quattrocentododici. Non si conosce il numero esatto degli abati e altre persone religiose, decani, prevosti principali, arcidiaconi e altri chierici secolari, collaboratori dei principi dei *comuni* e delle comunità convocati dalle diverse parti del mondo. E in quella sinodo generale, Rodrigo arcivescovo di Toledo e primate dell'*Hispania* espose, con il permesso di Innocenzo pontefice della Sede Romana, la parola di Dio cominciando e terminando il suo sermone in latino. Dato che in quel luogo erano convenuti chierici e laici da differenti regioni, per soddisfare le pause nella predicazione e le domande sulle stesse ragioni ed autorità esposte in latino, l'arcivescovo Rodrigo parlò nelle lingue madri dei laici e degli illitterati dei romani, dei tedeschi, dei franchi, degli inglesi, dei navarrini e degli ispanici. In questo modo l'esposizione della predicazione fu apprezzata da tutti e ritenuta non solo sottile, ma addirittura ammirabile, credendo che a fatica, dal tempo degli Apostoli, sia ascoltando che leggendo un testo scritto, qualcuno avesse mai esposto la Parola di Dio in un tal un modo e in così tanti idiomi o lingue in un unico sermone. [...]. Sia noto e considerato da tutti gli uomini che leggeranno la presente pagina che in quel concilio svoltosi nel Laterano, il già menzionato il signor Rodrigo arcivescovo di Toledo e primate dell'*Hispania*, ottenuta udienza presso il papa, parlò di fronte al concistoro e ai cardinali e ai tanti arcivescovi, vescovi, abati, canonici e agli altri chierici. La rimostranza era presentata dagli arcivescovi di Braga, Compostela, Tarragona e Narbona, i quali non volevano obbedire al suo primato. Rodrigo per dimostrare che il primato fosse suo, mostrò i privilegi della sede toledana. Lesse, così, i privilegi dei pontefici romani Onorio, Gelasio, Lucio, Adriano e dello stesso Innocenzo III. In questi privilegi si mostrava in maniera chiara ed evidente come la primazia dell'*Hispania* appartenesse all'arcivescovo di Toledo. L'arcivescovo di Toledo aggiunse, inoltre, che egli disponeva di molti altri privilegi e testimonianze scritte del suo tempo che dimostravano inequivocabilmente come lui fosse il primate dell'*Hispania*. Mostrò e lesse anche quel giorno la lunga sentenza emessa dal cardinal-legato della Sede Apostolica Giacinto di Bobone sull'arcivescovo di Braga affinché ubbidisse soltanto al primato papale e a quello dell'arcivescovo toledano. L'arcivescovo Rodrigo lesse la sentenza di Giacinto inviata al suffraganeo della Chiesa di Braga, nella quale prescriveva ai presuli di Braga di esibire la loro dovuta reverenza e obbedienza all'arcivescovo toledano e per questo supplicava che si rispettasse quella sentenza. L'arcivescovo di Braga [...] chiamato a testimoniare in presenza del papa disse che non era stato chiamato in giudizio per questo motivo e quindi non doveva rispondere, né era coinvolto nella vicenda e che ignorava completamente la sentenza del cardinal Giacinto. Il signore toledano ottenuta udienza da parte del papa rispose: «Padre, solennemente, non è sorprendente che il qui presente arcivescovo di Braga non si vergogni di negare o sopprimere la citazione apostolica e il primato della Chiesa di Toledo e la sentenza del signor Giacinto su questo grande problema, visto che una volta il suo predecessore, l'arcivescovo di Braga

Burdino, non soltanto non si vergognò di opporsi alla Chiesa Romana, che è la madre e la maestra di tutte le chiese, ma proprio come un nuovo Ario si sforzò di seminare la perenne discordia degli scismatici tra i cattolici. Così come dimostro. Il fu arcivescovo di Toledo Bernardo dopo aver visitato la Curia Romana, al ritorno nella sua sede passò per la città di Limoges. Portò con sè alcuni ragazzi che formò e inserì nella Chiesa toledana. Tra questi giovani che portò con sè a Toledo c'era Burdino, di cui parlo. [L'arcivescovo Bernardo, scil.] lo educò non solo ai sani costumi e valori ma anche alle lettere e alla fine lo introdusse nell'arcidiaconato di Toledo. In seguito grazie all'appoggio di Bernardo fu eletto vescovo di Osma [in realtà Coimbra, scil.] dove mutò il suo primo nome di battesimo, Burdino, e cominciò a farsi chiamare Maurizio. Con il passare del tempo, su richiesta del signor Bernardo, il suo discepolo fu promosso ed eletto arcivescovo di Braga. Vedendo il signor Bernardo e dimenticandosi, ingrato, di tutti i benefici che aveva ottenuto da lui, non si vergognò a togliersi la pelle di agnello e indossare quella di lupo. Si recò presso la Curia Romana e supplicò Papa Pasquale II affinché rimuovesse dal suo posto il vecchio ed inutile Bernardo e lo sostituisse con lui nella Chiesa di Toledo. Il signor papa, però, riteneva quelle suppliche frivole e stupide. Nel frattempo era sorta una grave discordia tra Papa Pasquale II e l'imperatore Ottone [in realtà Enrico V, scil.]. Il suddetto Maurizio, oppure Burdino, che non era riuscito ad accedere alla carica di arcivescovo di Toledo si avvicinò all'imperatore e riuscì a farsi eleggere papa da quest'ultimo e grazie all'appoggio della milizia e del potere dell'imperatore entrò nella città di Roma senza vergognarsi di tali sacrilegi ed apostasie. Era ancora vivo Pasquale II, quando egli [Burdino, scil.] ascese al culmine della Sede Apostolica; si fece chiamare Gregorio VIII, un nome falso, e inviava lettere false e apostatiche in tutto il mondo. Nel frattempo morì Papa Pasquale al quale successe Papa Gelasio II che morì durante il conflitto con l'imperatore. Gli successe Papa Alessandro II [in realtà Callisto II, scil.] che si riconciliò con l'imperatore Ottone ristabilendo la pace tra l'Impero e la Chiesa Romana. Alla fine il signor Burdino, oppure Maurizio, come sacrilego e scomunicato fu rinchiuso per sempre in Calabria nel monastero della Santissima Trinità di Cava. Questa storia non solo è autentica, ma è testimoniata da testi scritti e dalle pitture dei laici che la confermano e testimoniano pubblicamente. E se qualcuno degli astanti avesse dei dubbi su questa storia, alzi gli occhi, guardi le pareti e vedrà in segreto questa storia dipinta e raffigurata». Alzando gli occhi come indicato, tutti compresero la finezza e la perizia dell'arcivescovo di Toledo e cominciarono a lodarlo mormorando, mentre osservavano la faccia arrossita dell'arcivescovo di Braga.

Tradução portuguesa:

Ano do Senhor de 1215. Mês de Novembro. Foi celebrado o santo e universal sínodo em Roma, na igreja de São Salvador, chamada Constantiniana [Latrão, scil.], presidido pelo senhor Papa Inocêncio III, no décimo oitavo ano do seu pontificado. No sínodo estiveram presentes dois patriarcas. O Patriarca de Constantinopla e o de Jerusalém. O patriarca de Antioquia, atingido por uma grave doença, não conseguiu viajar e enviou como seu vigário o bispo de Tartus. O patriarca de Alexandria do Egito, que vivia sob o domínio dos sarracenos, não pôde viajar até Roma, tendo enviado na qualidade de vigário o diácono Pedro, seu irmão. Naquele concílio participaram também setenta e um entre primazes e arcebispos. Os bispos que participaram foram quatrocentos e doze. Não se conhece o número exato de abades e outras pessoas religiosas, deões, prepósitos principais, arcediagos e outros clérigos seculares, colaboradores dos príncipes dos *concelhos* e das comunidades e das cidades convocados desde as diversas partes do mundo. E naquele sínodo geral, Rodrigo, arcebispo de Toledo e primaz da Hispânia, com o consenso de Inocêncio, pontífice da sede romana, expôs a palavra de Deus começando e acabando o seu sermão em latim. Dado que tinham chegado clérigos e leigos desde várias partes do mundo, para satisfazer as pausas na pregação e

as perguntas sobre as mesmas razões e autoridades expostas em latim, o arcebispo Rodrigo falou nos idiomas nativos dos leigos e dos iletrados romanos, alemães, ingleses, francos, navarros e hispânicos. Desta forma, a exposição da pregação foi muito apreciada por todos e considerada não só subtil, mas até admirável. Dificilmente, desde os tempos dos Apóstolos, se ouvira ou dispusera de um texto escrito, em que alguém expusera de tal forma e em tantos idiomas ou línguas, e em um único sermão, a Palavra de Deus. [...]. Seja conhecido e considerado por todos os homens que vão ler a presente página que, naquele concílio que teve lugar em Ladrão, o já mencionado senhor Rodrigo, arcebispo de Toledo e primaz da Hispânia, obtida audiência junto do papa, falou em frente do consistório e dos cardeais e dos muitos arcebispos, bispos, abades, cónegos e outros clérigos. A queixa era apresentada pelo arcebispo de Braga, pelo arcebispo de Compostela, e pelos de Tarragona e de Narbona que não queriam prestar obediência ao seu primado. Rodrigo, para demonstrar que o primado era dele, apresentou os privilégios da Sede toledana. Leu assim os privilégios dos pontífices romanos Honório, Gelásio, Lúcio, Adriano e do próprio Inocêncio III. Nestes privilégios mostrava-se, de forma clara e manifesta, como o primado da Hispânia pertencia ao arcebispo de Toledo. O arcebispo de Toledo acrescentou que, para além disso, ele dispunha de muitos outros privilégios e testemunhos escritos do seu tempo que demonstravam, inequivocamente, como ele era o primaz da Hispânia. Naquele dia mostrou e leu também a longa sentença emitida pelo cardeal legado da Sé Apostólica, Jacinto de Bobone, e dirigida ao arcebispo de Braga para que prestasse obediência ao primado papal e ao primado do arcebispo de Toledo. O arcebispo de Toledo, Rodrigo, leu a sentença de Jacinto enviada ao sufragâneo da Igreja de Braga, em que ele prescrevia que os bispos de Braga exibissem a devida reverência e obediência ao arcebispo toledano, e por esta razão suplicava que se respeitasse aquela sentença. [...] chamado a testemunhar na presença do mesmo papa, o arcebispo de Braga disse que não tinha sido chamado a juízo por esta razão e, então, não tinha que responder a esta questão, nem estava envolvido no assunto e que ignorava completamente a sentença do cardeal Jacinto. O senhor toledano, obtida a palavra do papa, respondeu: *«Pai, solenemente, não é surpreendente que o arcebispo de Braga aqui presente não tenha vergonha de denegar ou suprimir a citação apostólica e o primado da igreja de Toledo e a sentença do senhor Jacinto sobre este grande problema, uma vez que o seu predecessor, o arcebispo de Braga Burdino, não só não teve vergonha de opor-se à Igreja romana, que é mãe e mestra de todas as Igrejas, mas ainda, como é próprio de um novo Ário, esforçou-se por semear a perene discórdia dos cismáticos entre os católicos. E agora vou demonstrá-lo. O anterior arcebispo de Toledo, Bernardo, após ter visitado a Cúria romana e no caminho de regresso à sua Sede, passou pela cidade de Limoges. Levou consigo alguns jovens que integrou e educou na Igreja toledana. Entre estes jovens que levou estava Burdino, de quem falo, e Bernardo não só o educou nos bons hábitos e valores, como também nas letras e, por fim, promoveu-o a arcebispo de Toledo. Mais tarde, com o apoio de Bernardo foi eleito bispo de Osma [na realidade Coimbra, scil.], onde mudou o seu primeiro nome de baptismo, Burdino, e começou a utilizar o nome de Maurício. Com o passar do tempo, e sob o pedido do senhor Bernardo, o seu discípulo foi elevado e eleito arcebispo de Braga. Maurício, olhando o senhor Bernardo e esquecendo, ingrato, todos os benefícios que dele tinha recebido, não teve vergonha de despir a pele de cordeiro e vestir a de lobo. Dirigiu-se à Cúria romana e suplicou ao Papa Pascoal II que removesse do seu lugar o velho e inútil Bernardo e o substituísse por ele na Igreja de Toledo. O senhor Papa, contudo, considerava aqueles pedidos como frívolos e estúpidos. Entretanto, tinha nascido uma grande discórdia entre o Papa Pascoal II e o imperador Otão [na realidade, Henrique V, scil.]; o referido Maurício, ou Burdino, que não tinha conseguido aceder ao cargo de arcebispo de Toledo, aproximou-se do imperador e conseguiu tornar-se papa com o seu*

apoio e, graças ao suporte da milícia e do poder do imperador, entrou na cidade de Roma sem a mínima vergonha por tão grande sacrilégio e apostasia. Era ainda vivo o Papa Pascoal II, quando ele, [Burdino, scil.], chegou ao topo da Sede Apostólica e, fazendo-se chamar Gregório VIII, um nome falso, enviava cartas falsas e apostáticas para todo o lado. Entretanto, morreu o Papa Pascoal, que foi substituído por Gelásio II que, por sua vez, faleceu durante o conflito com o imperador. Sucedeu-lhe Alexandre II [na realidade, Calisto II, scil.] que se reconciliou com o imperador Otão, restabelecendo a paz entre o império e a Igreja romana. Mais tarde, Burdino, ou Maurício, foi aprisionado, porque sacrílego e excomungado, e encerrado para o resto da sua vida na Calábria, no mosteiro da Santíssima Trindade de Cava. Esta autêntica história não só é verdadeira, como também é testemunhada pelos textos escritos e pelas pinturas dos leigos que a confirmam e testemunham publicamente. Se alguns de entre os presentes tiverem algumas dúvidas sobre esta história, levantem os olhos para as paredes e vão ver esta história, disfarçada, retratada em frescos». Levantando os olhos, assim como ficou dito, todos perceberam a perícia e a subtileza do arcebispo de Toledo e começaram a murmurar elogiosamente, enquanto observavam a cara muito vermelha do arcebispo de Braga.

Pars Concilii Laterani. In FITA, Fidel — Santiago de Galicia. Nuevas Impugnaciones y Nueva Defensa. «Razón y Fé», vol. 1/2 (1901), p. 178-195 (versione del Loaysa).

Anno Domini ducentesimo supra millesimum, quinto decimo die mensis Novembris celebrata est sancta et universalis Synodus Romae in Ecclesia Sancti Salvatoris quae constantina vocatur, presidente domino Innocentio papa. III. Pontificatus eius anno decimo octavo. In qua fuerunt Patriarchae duo Constantinopolitanus et Jherosollimitanus. Antiochenus Patriarcha gravi morbo oppressus venire non potuit; secundum misit pro se Vicarium Antarodensem Episcopum. Alexandrinus vero Patriarcha sub dominio sarracenorum constitutus similiter venire non potuit, sed misit Vicarium Petrum Diachonum germanum suum. Unus et septuaginta Primates et Archiepiscopi huic concilio interfuerunt. Episcopi vero fuerunt. CCCCXII. Abbatibus autem et alii religiosi, Decani, Priores, Praepositi, Archidiaconi et alii cleri computari fere non poterant. Deinde Procuratorum Principum, communitatum et civitatum qui ex universis mundi partibus eo confluerunt, incredibilis fuit numerus. Et in hac generali Synodo Rodericus Archiepiscopus Toletanus et Hispaniarum Primas, de facultate Pontificis, Latine concionatus est. Sed quia ex diversis mundi provinciis, tam Cleri, quam laici convenerant, ut omnibus satisfaceret rationes et testimonia latino sermone prolata, laicis et maternis linguis singulis exponebat, Romanis, videlicet, Francis, Anglis, Navarris et Hispanis. Huiusmodi autem predicationis expositio valde placuit; ut pote quae admirationem omnibus, propter concionatoris acumen, et ingenii subtilitatem attulit; cum ab Apostolorum tempore auditu non sit, aut scriptum reperitur, quemquam ad populum eandem concionem habuisse, tot ac tam diversis linguis cuncta exponendo. [...]. Ideoque notum sit omnibus hominibus presentem paginam inspecturis, quod in eodem Concilio apud Lateranum praefatus dominus Rodericus Toletanae sedis Archiepiscopus Hispaniarum Primas et impetrata audiencia ad eodem papa, proposuit in pleno consistorio coram ipso, et Cardinalibus, et pluribus Archiepiscopis, et episcopis, et Abbatibus, et Canonicis et aliis Clericis. Querimoniam de Bracarensi et Compostellano, et Tarraconensi, et Narbonensi Archiepiscopis; quod nollent ei tanquam primati suo debitam obedientiam praestare. Et ut probaret illorum se Primatem esse ostendit privilegia. et legit Honorii, Gelasii, Lucii, Adriani, et eiusdem Innocentii tertii Romanorum pontificum; quibus continebatur et manifestissime probabatur, Toletanum Archiepiscopum Hispaniarum esse Primatem. Addidit etiam etiam idem Archiepiscopus Toletanus habere se alia plura privilegia, et

munimenta, et scripta, quibus ostendebatur esse se Hispaniarum Primate. Ostendit etiam eadem die, et legit ibi sententiam Jacinti Cardinalis³⁷⁹, Apostolice sedis Legati, latam in Archiepiscopum Bracarensem. Qua iubebatur ut Toletano Archiepiscopo, tamquam Primati suo obediret. Legit etiam executionem eiusdem Jacinti missam suffraganeis ecclesie Bracarensis in qua eis praecepiebat ut Toletano Archiepiscopo tanquam primati suo, debitam reverentiam et obedientiam exhiberent. Unde obnixè petebatur jus suum sibi redderetur. Cui respondit Archiepiscopum Bracharensis [...] contestari se litem in praesentia eiusdem Papae, propterea quod non fuerat ad hoc citatus; et ideo non debere responsum dare: et sententiam predicti Jacinti penitusse ignorare affirmavit. Dominus autem Toletanus, impetrata a domino Papa audientia, respondit. Pater sancte, mirum non est, si Bracharensis qui praesens est citationem apostolicam et Toletanae Ecclesiae Primatum, et Domini Jacinti sententiam super hac de re latam deneget, seu non erubescat suprimere: cum olim praedecessor suus Burdinus, Archiepiscopus Bracharensis, non solum contra Romanam Ecclesiam, quae omnium Ecclesiarum mater est et magistra non erubuit recalcitrare, sed tamquam alter Arrius, visus sit inter Catholicos sempiternam schismatis discordiam seminare. Cuius rei talem affero prohibitionem. Cum dominus Bernardus quondam Archiepiscopus Toletanus Romanam Curiam visitasset, et ad propria rediens, per Lemovicensem civitatem transisset, deduxit secum inde clericos et pueros in Toletana Ecclesia collocandos et nutriendos: inter quos Burdinum, de quo fit sermo: quem non solum bonis ditavit, sed etiam literis erudiendum curavit; quem deinde creavit Archidiaconatum Toletanum. Hic vero cooptatus in Conimbriensem Episcopatum, antiquum nomen mutavit, et pro Burdino, Mauricium appellari voluit. Progressu temporis ad instantiam Domini Bernardi, cuius alumnus extiterat, in Archiepiscopum Bracarensem assumptus est. Cum autem videret dominum Bernardum senio confectum, immemor acceptorum beneficiorum, deposita ovina pelle, non eribuit lupinam induere. Accessit itaque ad Curiam, et a Domino Paschali Papa secundo obnixè peiit, ut doino Bernardo sene iam et inutilis amoto, in eius locum se substitueret in Toletana Ecclesia. Cuius preces dominus Papa tamquam frivolas et inanes nihili fecit. Interim orta est discordia inter Paschalem Papam II. et Othonem Imperatorem³⁸⁰. Hic autem Mauricius, sive Burdinus, existimans notam sibi esse inustam, quod in petitione Ecclesiae Toletanae repulsam sit passus, accessit ad Imperatorem, et modis omnibus ad summum Pontificatum ascendere conatus est: et validissimo Imperatoris instructus exercitu, urbem Romanam ingressus, tamquam sacrilegus, et apostata, non erubuit Paschali veri Pontificis Apostolicam usurpare sedem: et sumpto Gregorii octavi nomine, commentitiis et falsis bullis, per universum orbem Apostolicas, imo apostaticas literas dirigebat. Interim vita functus est Paschalis, in cuius locum suffectus est Gelasius secundus: permanente adhuc discordia mortuus est. Huic successit Alexander tertius, qui cum imperatore Othone³⁸¹ in gratiam rediit, et pacem inter imperium et Ecclesiam Romam constituit. Deinde Burdinus, sue Muricium, tamquam scarilegus, et excommunicatus, inclusus, est in perpetuum in Calabria, in quamdam caveam, in monasterio sanctae Trinitatis Scapile. Hac non solum authentica historia testatur, verum etiam laicorum pictura hac asserit et protestatur. Si quis astantium hac de re dubitat, tollat oculos ad praesentes loci huius parietes, et videbit huiusmodi historiam picturatam. Erigentes autem oculos, omnia ut dixerat, viderunt; et domini Toletani subtilitatem et peritiam collaudantes coeperunt tum admurmurare, tum etiam in domini Bracarensis faciem intendere, quae magno iam erat rubere perfusa.

³⁷⁹ Il Giacinto del testo dovrebbe, essere Giacinto di Bobone (Papa Celestino III, 1191-1197), il quale era stato legato nella penisola iberica verso la metà del XII secolo. Si veda PFAFF, 1979.

³⁸⁰ Rinvio a HENRIET, 2004.

³⁸¹ Si veda la nota precedente.

Traduzione italiana:

Anno del Signore 1200. Nel quindicesimo giorno del mese di novembre fu celebrata la santa e universale sinodo a Roma, nella chiesa di San Salvatore chiamata costantiniana, presieduto dal signor Papa Innocenzo III nel diciottesimo anno del suo pontificato. Alla sinodo presenziarono due patriarchi, quello di Costantinopoli e quello di Gerusalemme. Il patriarca di Antiochia non potè venire, in quanto affetto da una grave malattia, ma inviò come vicario il vescovo di Tartus. Il patriarca di Alessandria d'Egitto, che viveva sotto il dominio dei saraceni, nemmeno potè viaggiare a Roma, inviando però in qualità di vicario il diacono Pietro, suo fratello. Settantuno tra primati e arcivescovi furono presenti a quel concilio. Vi furono inoltre quattrocentododici vescovi, mentre non fu possibile calcolare esattamente il numero di abati e altri religiosi, decani, priori, prevosti, arcidiaconi e altri chierici presenti al concilio. Vi fu anche un altissimo numero di collaboratori dei principi, delle comunità e delle città provenienti da tutte le parti del mondo. In quella sinodo generale l'arcivescovo di Toledo e primate dell'*Hispania* arringò in latino sulle facoltà del pontefice, ma dato che erano giunte persone da diverse province, tanto laici quanto ecclesiastici, per soddisfare le ragioni e le testimonianze di tutti, pronunciato il discorso in latino, espose il suo discorso ai laici nelle loro lingue materne, cioè ai romani, ai franchi, agli inglesi, ai navarrini e agli ispanici. In questo modo l'esposizione della predicazione fu molto apprezzata. Suscitò l'ammirazione di tutti per l'acume del suo eloquio e la finezza del suo ingegno; dai tempi degli Apostoli non si sentiva o leggeva qualcosa di simile, nessuno aveva predicato così al popolo, esponendo in così tante e così diverse lingue. Per questo motivo sia noto a tutti gli uomini che leggeranno questa presente pagina, che in quel concilio svoltosi presso il Laterano, il suddetto signor Rodrigo arcivescovo della sede di Toledo e primate dell'*Hispania* ottenuto il permesso dal papa, parlò di fronte al concistoro e ai cardinali, ai numerosi arcivescovi, vescovi, abati, canonici ed altri chierici. C'era un conflitto, una disputa tra l'arcivescovo di Toledo e quelli di Braga, Compostela, Tarragona e Narbona, i quali non riconoscevano il primato del signor Rodrigo, né tantomeno volevano prestargli la dovuta obbedienza. Allora per dimostrare che il primato spettava a lui, l'arcivescovo Rodrigo mostrò pubblicamente i suoi privilegi e lesse quelli dei pontefici dei romani Onorio, Gelasio, Lucio, Adriano e dello stesso Papa Innocenzo III, nei quali era contenuto e chiaramente provato che era lui ad essere il legittimo primate dell'*Hispania*. L'arcivescovo Rodrigo aggiunse che aveva a sua disposizione molti altri privilegi, testimonianze e documenti scritti i quali dimostravano come lui fosse il primate. Mostrò e lesse, inoltre, la sentenza del cardinal Giacinto, legato della Sede Apostolica, riguardo all'arcivescovo di Braga, nella quale si stabiliva che quest'ultimo dovesse prestare obbedienza all'arcivescovo di Toledo in quanto primate. Lesse, inoltre, l'esecuzione inviata dello stesso Giacinto nella quale ordinava ai suffraganei della Chiesa di Braga che esibissero la dovuta riverenza e prestassero la giusta obbedienza al loro primate, ossia l'arcivescovo di Toledo. Per questo motivo chiese che il suo diritto fosse ripristinato al più presto. A questi l'arcivescovo di Braga rispose [...] che non era stato chiamato in causa per un processo con testimoni in presenza del papa e per questo motivo non doveva dare nessuna risposta e affermò di ignorare totalmente l'esistenza della sentenza di Giacinto. Il signore toledano, ottenuta udienza da parte del signor papa, rispose: «O Padre Santo, non è sorprendente che il presente arcivescovo di Braga negli o non si vergogni di nascondere le disposizioni apostoliche, il primato della Chiesa di Toledo e la sentenza di Giacinto su questi temi; il suo predecessore Burdino, arcivescovo di Braga, non solò non si vergognò di abbandonare la Chiesa Romana, che è la madre e la maestra di tutte le chiese, ma addirittura divenne un nuovo Ario, seminando tra i cattolici l'eterna discordia degli

scismatici. A questo proposito porto la seguente testimonianza. Quando il fu Bernardo arcivescovo di Toledo visitò la Curia romana, lungo il cammino di ritorno passò per la città di Limoges e portò con sé alcuni ragazzi giovani e dei chierici da inserire e formare all'interno della Chiesa toledana. Tra questi c'era Burdino, del quale racconto. Bernardo non solo lo educò ai buoni valori, ma curò anche la sua istruzione nelle lettere e successivamente lo fece arcidiacono della Chiesa di Toledo. Una volta diventato vescovo di Coimbra, mutò il suo antico nome e al posto di Burdino si fece chiamare Maurizio. Con il passare del tempo su richiesta del signor Bernardo, che promosse il suo allievo, Maurizio fu eletto arcivescovo di Braga. Vedendo il signor Bernardo ormai anziano e ingrato nonostante tutti i benefici ricevuti, deposta la pelle di agnello, non si fece scrupolo ad indossare quella di lupo. Si recò, pertanto, presso la Curia del signor Papa Pasquale II chiedendo che fosse rimosso velocemente dal suo posto l'ormai inutile Bernardo e che fosse affidato a lui l'arciepiscopio di Toledo. Il papa però non prestò attenzione a queste richieste frivole e fuori luogo e non ne fece nulla. Nel frattempo scoppiò un forte conflitto tra Papa Pasquale II e l'imperatore Ottone. A quel punto Maurizio, o Burdino, ritenendo di avere ricevuto una risposta ingiusta, nella misura in cui la sua richiesta di diventare arcivescovo di Toledo fu frustrata dal papa, passò dalla parte dell'imperatore per cercare di diventare papa in tutti i modi e grazie al fortissimo esercito imperiale riuscì a entrare a Roma e sacrilego e apostata non si vergognò di usurpare la Sede Apostolica al legittimo pontefice Pasquale. Assunto il nome di Gregorio VIII con false bolle e commenti, inviava lettere apostatiche in tutto il mondo apostolico. Intanto, morì Papa Pasquale, il quale fu sostituito da Gelasio II che morì mentre era ancora in corso il conflitto con l'imperatore. Gli successe Alessandro III che riuscì a trovare un accordo con l'imperatore e a riportare la pace tra l'Impero e la Chiesa Romana. Successivamente Burdino, o Maurizio, fu imprigionato in quanto sacrilego e scomunicato, rinchiuso per il resto della sua vita in Calabria in quella grotta, ossia il monastero della Santissima Trinità di Cava. Questa storia autentica non è l'unica testimonianza, come dimostrano e illustrano anche le pitture dei laici. Se i presenti avessero dei dubbi, alzino pure gli occhi e guardino le pareti di questo luogo e vedranno questa stessa storia affrescata». Alzando gli occhi, così come gli era stato detto, videro che ciò era vero e cominciarono a lodare mormorando la perizia e la finezza dell'arcivescovo di Toledo. Quando diressero il proprio sguardo verso l'arcivescovo di Braga, videro che nel frattempo la sua faccia si era fatta tutta rossa.

Tradução portuguesa:

Ano do Senhor de 1200. No décimo quinto dia do mês de novembro foi celebrado o santo e universal sínodo em Roma, na igreja de São Salvador, chamada Constantiniana [Latrão, *scil.*], presidido pelo senhor Papa Inocêncio III, no décimo oitavo ano do seu pontificado. No sínodo estiveram presentes dois patriarcas, o de Constantinopla e o de Jerusalém. O patriarca de Antioquia, atingido por uma grave doença, não conseguiu viajar e enviou como seu vigário o bispo de Tartus. O patriarca de Alexandria do Egito, que vivia sob o domínio dos sarracenos, também não pôde viajar até Roma e enviou na qualidade de vigário o diácono Pedro, seu irmão. Setenta e um primazes e arcebispos estiveram presentes neste concílio. Estiveram, para além destes, quatrocentos e doze bispos, mas não foi possível calcular exatamente o número de abades e outros religiosos, deões, priores, prepósitos, arcediagos e outros clérigos presentes no concílio. Houve também um elevadíssimo número de colaboradores dos príncipes, das comunidades e das cidades vindos de todas as partes do mundo. E naquele sínodo geral, o arcebispo de Toledo e primaz da Hispânia, arengou em latim sobre as faculdades do pontífice, mas visto que tinham chegado pessoas de diferentes províncias, tanto leigos como eclesiásticos, para satisfazer as razões e os testemunhos de todos, pronunciado o discurso em latim, traduziu a sua intervenção nos idiomas nativos dos leigos, ou seja, dos

romanos, dos francos, dos ingleses, dos navarros e dos hispânicos. Desta forma, a exposição da pregação foi muito apreciada por todos. Suscitou a admiração de todos pela sua acuidade na fala e pela sutileza do seu engenho. Desde o tempo dos Apóstolos que não se ouvia ou lia nada de semelhante, que ninguém tinha pregado assim ao povo, expondo em tantas e diversas línguas. Por esta razão seja conhecido de todos os homens que vão ler esta página, que naquele concílio realizado em Latrão, o mencionado senhor Rodrigo, arcebispo da Sede de Toledo e primaz da Hispânia, obtida a autorização do papa, falou perante o consistório e os cardeais, aos numerosos arcebispos, bispos, abades, cónegos e outros clérigos. Existia um conflito, uma disputa, entre o arcebispo de Toledo e os de Braga, Compostela, Tarragona e Narbona, que não reconheciam a primazia do senhor Rodrigo, nem queriam prestar-lhe a devida obediência. Então, para demonstrar que o primado era seu, o arcebispo Rodrigo mostrou publicamente os seus privilégios e leu os dos pontífices romanos Honório, Gelásio, Lúcio, Adriano e o do próprio Papa Inocêncio III, em que estava contido e, evidentemente, provado, que ele era o legítimo primaz da Hispânia. O arcebispo Rodrigo acrescentou que tinha à sua disposição muitos outros privilégios, testemunhos e escritos que demonstravam como ele era o primaz. Mostrou e leu também a sentença do cardeal Jacinto, legado da Sede Apostólica, sobre o arcebispo de Braga, na qual se estabelecia que este devia obediência ao arcebispo de Toledo, como primaz. Leu, para além disso, a execução enviada pelo mesmo Jacinto em que se ordenava, aos sufragâneos da Igreja de Braga, que exibissem e prestassem a devida obediência ao seu próprio primaz, ou seja, ao arcebispo de Toledo. Por esta razão, pediu que este seu direito fosse restabelecido o mais rapidamente possível. Ao arcebispo de Toledo o arcebispo de Braga respondeu [...] que não tinha sido convocado para um processo com testemunhas na presença do papa e, por esta razão, não podia dar nenhuma resposta, tendo afirmado ignorar totalmente a existência da sentença de Jacinto. O senhor toledano, obtida a palavra do senhor Papa, respondeu: *«Ó Padre Santo, não é de estranhar que o presente arcebispo de Braga denegue e não tenha vergonha de esconder a convocatória apostólica, o primado da Igreja de Toledo e a sentença de Jacinto sobre o assunto. O seu predecessor Burdino, arcebispo de Braga, não só não teve vergonha de abandonar a Igreja romana, que é a mãe e a mestra de todas as Igrejas, mas também se tornou num novo Ário e disseminou entre os católicos a eterna discórdia dos cismáticos. A este propósito vou trazer este testemunho. Quando Bernardo foi arcebispo de Toledo visitou a Cúria romana e, no caminho de regresso, passou pela cidade de Limoges e trouxe consigo alguns jovens e clérigos para os integrar e educar na Igreja toledana; entre estes jovens estava Burdino sobre o qual vou falar. Bernardo não só educou Burdino nos bons valores, como cuidou também da sua formação nas letras e, depois, elevou-o a arcediogo da Igreja de Toledo. Uma vez que se tornou bispo de Coimbra, alterou o seu antigo nome e, em vez de Burdino, passou a chamar-se Maurício. Algum tempo depois, graças à influência do senhor Bernardo, o seu discípulo foi eleito arcebispo de Braga. Olhando para o senhor Bernardo, já de maior idade, e ingrato, apesar de todos os benefícios que dele recebera, Maurício, retirada a pele de cordeiro, não teve qualquer escrúpulo em vestir a de lobo. Dirigiu-se, então, à Cúria do senhor Papa Pascoal II para pedir que fosse rapidamente removido o agora inútil Bernardo e que o papa lhe confiasse o arcebispado de Toledo. O papa, contudo, não prestou atenção a estes fúteis e inoportunos pedidos e nada fez. Entretanto, começou um grave conflito entre o Papa Pascoal II e o imperador Otão. Naquele momento, Maurício, ou Burdino, que achava ter recebido uma injusta resposta, na medida em que o seu pedido para ser promovido a arcebispo de Toledo fora frustrado pelo papa, passou-se para o lado do imperador para tentar tornar-se papa de qualquer maneira. Graças ao poderosíssimo exército imperial conseguiu entrar em Roma e o sacrílego apóstata não teve vergonha em usurpar a Sede Apostólica ao legítimo pontífice*

Pascoal. Tomado o nome de Gregório VIII com falsas bulas, enviava cartas apostáticas para todo o mundo apostólico. Entretanto, morreu o Papa Pascoal que foi substituído por Gelásio II que, por sua vez, faleceu enquanto ainda decorria o conflito com o imperador. Sucedeu-lhe Alexandre III que conseguiu estabelecer um acordo com o imperador e alcançar a paz entre o Império e a Igreja romana. Mais tarde, Burdino, ou Maurício, porque sacrílego e excomungado, foi aprisionado e fechado para o resto da sua vida na Calábria, naquela gruta, a saber, o mosteiro da Santíssima Trindade de Cava. Esta história verdadeira não é o único testemunho, como demonstram e ilustram também as pinturas dos leigos. Se os presentes tiverem alguma dúvida, levantem os olhos para as paredes deste lugar e vão ver esta mesma história pintada em frescos». Levantaram os olhos como lhes foi dito e viram que isto era verdade e começaram a elogiar, murmurando sobre a perícia e a subtileza do arcebispo de Toledo. Quando dirigiram o olhar para a cara do arcebispo de Braga, viram que, entretanto, esta se tinha tornado muito vermelha.

BIBLIOGRAFIA
(OPERE CITATE
NELL'INTRODUZIONE E NELLE
NOTE DELLA SEZIONE FONTI)

ABBREVAZIONI

MGH = Monumenta Germaniae Historica

PL = Patrologia Latina

JL = Jaffè-Löwenfeld

FONTI INEDITE

Archivio di Stato di Roma (ASR), Pergamene, Roma-Clarisse in S. Silvestro in Capite, 38/29. Disponibile in <<http://www.cflr.beniculturali.it/Pergamene/pergamene.php?lar=1600&alt=900>>. [Consultazione realizzata on-line il 25/11/2019].

Archivio di Stato di Roma (ASR), Pergamene, Roma-Benedettini e Clarisse in SS. Cosma e Damiano in Mica Aurea, 16/112. Disponibile in <<http://www.cflr.beniculturali.it/Pergamene/pergamene.php?lar=1600&alt=900>>. [Consultazione realizzata on-line il 25/11/2019].

Biblioteca Apostolica Vaticana (BAV), *Cod. Lat. Vat. 1984*. Disponibile in <https://digi.vatlib.it/view/MSS_Vat.lat.1984>. [Consultazione realizzata on-line il 04/06/2019].

FONTI EDITE E REPERTORI

Alexander Minorita (Alexander von Bremen). Expositio in Apocalypsim. Ed. Alois Wachtel (MGH, Quellen zur Geistesgeschichte des Mittelalters, I). Weimar: Herman Böhlhaus Nachfolger, 1955.

Annales Admutenses a. 1-1139. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, Scriptores, IX). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1860, p. 569-579.

Annales Beneventani. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, Scriptores, III). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1839, p. 173-185.

Annales Casinenses. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, Scriptores, XIX). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1866, p. 305-320.

Annales Casinenses ex annalibus Montis Casini et continuatis antiquis excerpti. Ed. Wilhelm Smidt (MGH, Scriptores, XXX/2). Leipzig: Hiersmann, 1934, p. 1407-1429.

Annales Cavenses. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, Scriptores, III). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1839, p. 186-197.

Annales Floreffenses. Ed. Ludwig Bethmann (MGH, Scriptores, XVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1859, p. 618-631.

Annales Hildesheimenses. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptores Rerum Germanicarum in usus scholarum separatim editi, VIII). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1878.

Annales Palidenses. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, Scriptores, XVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1859, p. 48-96.

Annales Reicherspergenses 921-1167. Ed. Wilhelm Wattenbach (MGH, Scriptores, XVII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1861, p. 439-476.

Annales Romani. Le Liber Pontificalis. Texte, introductions et commentaire par l'abbé Louis Duchesne. Ed. Louis Duchesne. Vol. II. Paris: Ernest Thorin Éditeur, 1892, p. 331-350.

Annalista Saxo. Chronicon Regni. Ed. Klaus Nass (MGH, Scriptores, XXXVII). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 2006, p. 1-614.

BÖHMER, Johann-Friedrich (1877) — *Regesta archiepiscoporum Maguntinensium. Regesten zur Geschichte der mainzer Erzbischöfe von Bonifatius bis Uriel von Gemmingen 742-1514*. Innsbruck: Verlag der Wagnerschen Universitäts-Buchhandlung.

Boso. *Vita Gelasii II Le Liber Pontificalis. Texte, introductions et commentaire par l'abbé Louis Duchesne*. Ed. Louis Duchesne. Vol. II. Paris: Ernest Thorin Éditeur, 1892, p. 376.

- CAVERO DOMÍNGUEZ, Gregoria; MARTÍN LÓPEZ, María Encarnación (1999) — *Colección documental de la Catedral de Astorga*. Vol. I. León: Centro de Estudios e Investigación “San Isidoro”.
- CHAMPEVAL DE VYERS, Jean Baptiste (1901) — *Cartulaire de l'abbaye d'Uzerche (Corrèze): avec tables, identifications, notes historiques du Xème au XIVème siècle*. Paris: Picard et fils.
- Chronica monasterii Casinensis*. Ed. Harmut Hoffmann (MGH, Scriptorum, XXXIV). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1980, p. 16-607.
- Chronica universalis mettensis*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptorum, XXIV). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1879, p. 502-526.
- Constitutiones et acta publica imperatorum et regum 911-1197* (MGH, Leges, I). Ed. Ludwig Weiland. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1893.
- Cronaca monastero cassinese (529-1138)*. Ed. Francesco Gigante. Cassino: Francesco Ciolfi Tipografo-Editore-Libraio, 2016.
- De decursu temporum*. Ed. Hans Martin Weikmann (MGH, Quellen zur Geistesgeschichte des Mittelalters, XIX). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 2004, p. 127-496.
- Die Urkunden Heinrichs V. und der Königin Mathilde*. Ed. Alfred Gawlik; Matthias Thiel (MGH, Die Urkunden der Deutschen Könige und Kaiser, VII). Disponible in <<http://www.mgh.de/ddhv/>>. [Consultazione realizzata on-line il 06/06/2018].
- Documentos medievais portugueses (1095-1185)*. Ed. Rui Pinto de Azevedo. Vol. I/1. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1962.
- Eadmeri Historia Novorum in Anglia: et opuscula duo de vita Sancti Anselmi et quibusdam miraculis ejus*. Ed. Martin Rule. London: Longman & Co., 1884.
- ERDMANN, Carl (1927) — *Papsturkunden in Portugal*. Berlin: Abhandlungen der Gesellschaft der Wissenschaften zu Göttingen.
- Ernaldus abbas Bonae Vallis. Ex Vitae S. Bernardi, Liber II*. Ed. Oswald Holder-Egger (MGH, Scriptorum, XXVI). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1882, p. 99-109.
- Ekkehardus Uraugiensis. Chronicon Universale*. Ed. Georg Waitz (MGH, Scriptorum, VI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1844, p. 17-265.
- Falcone di Benevento. Chronicon Beneventanum. Città e feudi nell'Italia dei Normanni*. Ed. Edoardo D'Angelo. Firenze: SISMEL, 1998.
- FEDELE, Pietro (1905) — *Tabularium S. Praxedis*. «Archivio della R. Società romana di Storia patria», vol. XXVII-XXVIII, p. 2-127.
- FERNÁNDEZ CATÓN, José María (1990) — *Colección documental del Archivo de la Catedral de León*. Vol. V. León: Centro de Estudios e Investigación “San Isidoro”.
- FERNÁNDEZ FLÓREZ, José Antonio (1991) — *Colección diplomática del Monasterio de Sahagún (857-1300)*. Vol. IV. León: Centro de Estudios e Investigación “San Isidoro”.
- GAMS, Pius Bonifacius (1873) — *Series episcoporum ecclesiae catholicae, quotquot innotuerunt a beato Petro*. Ratisbona: Typis et Sumptibus Georgii Josephi Manz.
- GARCÍA Y GARCÍA, Antonio (1987) — *El Concilio IV Lateranense y la Península Ibérica*. In A. GARCÍA Y GARCÍA, Antonio, coord. — *Iglesia, sociedad y derechos*. Vol. II. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, p. 187-208.
- Gerhochus Reicherspergensis. De investigatione Antichristi (Liber I)*. Ed. Ernst Sackur (MGH, Scriptorum, Libelli de Lite, III). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1897, p. 304-395.
- Gesta episcoporum Halberstadensium*. Ed. Ludwig Weiland (MGH, Scriptorum, XXIII). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1874, p. 73-123.
- Gesta Regum Anglorum*. Ed. Roger Aubrey Baskerville Mynors; Rodney M. Thompson; Michael Winterbottom. Vol. II. Oxford: Clarendon Press, 1998.

- GUADALUPE BERAZA, María Luisa (2010) — *Colección documental del Archivo de la Catedral de Salamanca*. León: Centro de Estudios e Investigación “San Isidoro”.
- Hagiografía de Santa Cruz de Coimbra. Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de Martinho de Soure*. Ed. Aires A. Nascimento. Lisboa: Edições Colibri, 1998.
- Hemoldus Presbyter. Chronica Slavorum a. 800-1172*. Ed. Johann Martin Lappenberg (MGH, Scriptores, XXI). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1869, p. 1-99.
- Historia Compostellana*. Ed. Emma Falque Rey. Turhout: Brepols, Corpus Christianorum Continuatio Medievalis, 1988.
- Historia compostelana*. Ed. Emma Falque Rey. Madrid: Ediciones Akal, 1994.
- Hugh the Chantor. The History of the Church of York 1066-1127*. Ed. Charles Johnson. London: Thomas Nelson and Sons Ltd, 1961.
- JAFFÉ, Philippus; LÖWENFELD, Samuel (1861) — *Regesta Pontificum Romanorum ab condita ecclesia*. Brüssels; Ghent; Mainz; München; Regensburg; Wien: Berolini Veit et socius.
- KEHR, Paulus Fridolinus (1908). *Italia Pontificia*. Vol III: *Etruria*. Berlin: Apud Weidmannos.
- (1962). *Italia Pontificia*. Vol IX: *Samnium, Apulia, Lucania*. Berlin: Apud Weidmannos.
- La Chronique de Morigny (1095-1152)*. Ed. Léon Mirot. Paris: Librairie Alphonse Picard et fils, 1909.
- La documentación del Tumbo A de la Catedral de Santiago de Compostela. Estudio y edición*. Ed. Manuel Lucas Álvarez. León: Centro de Estudios e Investigación “San Isidoro”, 1997.
- Landolphus Iunior. Historia Mediolanensis ab anno MXXCV usque ad annum MCXXXVII*. Ed. Ludwig Bethmann; Philipp Jaffé (MGH, Scriptores, XX). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1868, p. 17-49.
- Laurentii gesta episcoporum viridunensium*. Ed. Georg Heinrich Pertz (MGH, Scriptores, X). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1852, p. 486-525.
- Liber Fidei sanctae bracarensis ecclesiae*. Ed. José Marques; Maria Teresa Nobre Veloso; Joaquim Tomás Silva Pereira. Vols. I e II. Braga: Arquidiocese de Braga, 2017.
- Liber Pontificalis nella recensione di Pietro Guglielmo OSB e del card. Pandolfo glossato da Pietro Bohier OSB, vescovo di Orvieto*. Ed. Ulderico Přerovský. Vols. I e II. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 1978.
- LIVERANI, Francesco (1859) — *Codice Diplomatico e Bollario di Gragorio VIII antipapa*. In *Opere del Monsignor Francesco Liverani*. Vol. IV. Macerata: Presso Alessandro Mancini, p. 444-470.
- Livro Preto: Cartulario da Sé de Coimbra*. Ed. Manuel Augusto Rodrigues; Avelino de Jesus da Costa. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1999.
- LUCAS ÁLVAREZ, Manuel (1999) — *El Archivo del Monasterio de San Martiño de Fóra o Pinario de Santiago de Compostela*. Vol. I. A Coruña: Edicións do Castro.
- (2003) — *El Monasterio de San Martiño Pinario de Santiago de Compostela en la Edad Media*. A Coruña: Edicións do Castro.
- MARTÈNE, Edmond; DURAND, Ursin (1724) — *Veterum Scriptorum et Monumentorum Ecclesiasticorum, Dogmaticorum. Moraliu Amplissima Collectio*. Vol. I. Paris: Montalant.
- Martini Oppaviensis. Chronicon pontificum et imperatorum*. Ed. Ludwig Weiland (MGH, Scriptores, XXII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1872, p. 397-475.
- MONTERDE ALBIAC, Cristina (1996) — *Diplomatario de la reina Urraca de Castilla y León (1109-1126)*. Zaragoza: Anubar.
- Monumenta onomastica Romana Medii Aevi (X-XII sec.): Ioh-Pas*. Ed. Giulio Savio. Vol. II. Roma: Il cigno Galileo Galilei, 1999.
- Monumenta onomastica Romana Medii Aevi (X-XII sec.): Ioh-Pas*. Ed. Giulio Savio. Vol. III. Roma: Il cigno Galileo Galilei, 1999.
- Monumenta Ordinis Servorum Sanctae Mariae*. Ed. Augustino Morini. Vol. II. Bruxelles: Société belge de librairie, 1900.

- Narratio itineris navalis ad Terram Sanctam a. 1189*. Ed. Anton Chroust (MGH, Scriptores rerum Germanicarum, Nova series, V). Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1928, p. 179-196.
- Otonis episcopus Frisingensis. Chronica sive Historia de duabus civitatibus*. Ed. Adolf Hofmeister (MGH, Scriptores Rerum Germanicarum in usus scholarum separatim editi, XLV). Hannover; Leipzig: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1912.
- Pars Concilii Laterani*. In FITA, Fidel — *Santiago de Galicia. Nuevas Impugnaciones y Nueva Defensa*. «Razón y Fé», vol. 1/2 (1901), p. 178-195.
- Patrologia Latina*. Ed. Jacques-Paul Migne. Vol. CLXIII. Paris: Jacques-Paul Migne éditeur, 1855.
- Pax Wormatiensis cum Calixto II. 107 Privilegium imperatoris*. Ed. Ludwig Weiland (MGH, Constitutiones et acta publica imperatorum et regum, I). Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1893, p. 159-161.
- Qualiter Tabula S. Basilii continens in se magnam Dominci Ligni portionem Cluniacum delata fuerit tempore Pontii abbatis*. In MARRIER, Martin; DU CHESNE, André, coord. — *Bibliotheca Cluniacensis*. Maçon: Sumptibus typisque fratrum protat, 1915, p. 561-564. Ristampa.
- RADICIOTTI, Paolo (2010) — *Le pergamene di Santa Maria in Trastevere. Storia del fondo ed edizione delle pergamene anteriori al 1200*. «Mélanges de l'École française de Rome — Moyen Âge», vol. 122/2. Disponibile in <<http://journals.openedition.org/mefrm/608>>. [Consultazione realizzata on-line il 25/11/2019].
- Recueil des chartes de l'abbaye de Cluny. Collection de documents inédits sur l'histoire de France: Première série, Histoire politique*. Ed. Alexandre Bruel. Vol. IV. Paris: Imprimerie Nationale, 1888.
- ROBLIN, Vincent (2009) — *Recueil des actes des vicomtes de Limoges, Xe-XIVe siècle*. Genève: Librairie Droz S. A.
- Roderici Ximenii de Rada. Historia de rebus Hispanie sive Historia gotica*. Ed. Juan Fernández Valverde. Turnhout: Brepols, Corpus Christianorum Continuatio Medievalis, 1987.
- Roger of Wendover. Chronica sive Flores Historiarum*. Ed. Henry Octavius Coxe. Vol. II. London: Sumptibus Societatis, 1841-1844.
- Romoaldi II archiepiscopi Salernitani Annales*. Ed. Wilhelm Arndt (MGH, Scriptores, XIX). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1866, p. 398-461.
- SCHIAPARELLI, Luigi (1902) — *Le carte antiche dell'archivio capitolare di S. Pietro in Vaticano parte II*. «Archivio della R. Società romana di storia patria», vol. XXV, p. 2-86.
- Sugerio Abbate B. Dionysii in Francia. Vita Ludovici Regis VI, qui Grossus dictus*. Ed. Jacques-Paul Migne (Patrologia Latina, CLXXXVI). Paris: Jacques-Paul Migne éditeur, 1854, cols. 1253-1340.
- Teulfo et aliis ejusdem loci monachi. Anno Domini MCXLVII. Mauriniacensis Monasterii Chronicon. Ab anno Christi 1108 usque ad annum 1147*. Ed. Jacques-Paul Migne (Patrologia Latina, CLXXX). Paris: Jacques Paul Migne editeur, 1855, cols. 131-176.
- The Chronicle of John of Worcester*. Ed. Patrick McGurk; Reginald Ralph Darlington. Vol. III. Oxford: University Press, 1995-1998.
- The Ecclesiastical History of Orderic Vitalis*. Ed. Marjorie Chibnall. Vol. VI. Oxford: Clarendon Press, 1969.
- THIEL, Andreas (1868) — *Epistolae Romanorum Pontificum Genuinae*. Vol. I. Braunsberg: In aedibus Eduardi Peter.
- Thomas Ebendorfer. Tractatus de Schismatibus*. Ed. Harald Zimmermann (MGH, Scriptores, Rerum Germanicarum Nova Series, XX). Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 2004.
- Tumbo B de la Catedral de Santiago*. Ed. Maria Teresa González Balasch. Santiago de Compostela: Seminario de Estudios Galegos, 2004.
- UGHELLI, Ferdinando (1642) — *Italia sacra*. Vol. I. Romae: apud Bernardinum Tanum.
- (1644) — *Italia Sacra*. Vol. IX. Roma: Sumptibus Blasij Deversin, & Zenobij Masotti.
- Uodascalus. De Eginone et Herimanno*. Ed. Philipp Jaffé (MGH, Scriptores, XII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1856, p. 429-447.

- VÁZQUEZ MARTÍNEZ, Alfonso (1941) — *Documentos pontificios de Galicia, 1088-1341*. A Coruña: Imp. Zinck Hermanos.
- Vita Calixti II. Liber Pontificalis, Le Liber Pontificalis. Texte, introductions et commentaire par l'abbé Louis Duchesne*. Ed. Louis Duchesne. Vol. II. Paris: Ernest Thorin Éditeur, 1892, p. 322-326.
- Vita Gelasii II. Liber Pontificalis, Le Liber Pontificalis. Texte, introductions et commentaire par l'abbé Louis Duchesne*. Ed. Louis Duchesne. Vol. II. Paris: Ernest Thorin Éditeur, 1892, p. 311-321.
- Vita Paschalis II. Le Liber Pontificalis. Texte, introductions et commentaire par l'abbé Louis Duchesne*. Ed. Louis Duchesne. Vol. II. Paris: Ernest Thorin Éditeur, 1892, p. 296-310.
- Vita Sancti Geraldi archiepiscopi bracarenensis*. In *Portugaliae Monumenta Historica. Scriptores*. Ed. Alexandre Herculano. Vol. I, f. I. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1856, p. 53-59.
- Vita Tellonis*. In *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra. Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de Martinho de Soure*. Ed. Aires A. Nascimento. Lisboa: Edições Colibri, 1998, p. 57-58.
- Vita Theogeri abbatis S. Georgii et episcopi Mettensis*. Ed. Philipp Jaffé (MGH, Scriptores, XII). Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1856, p. 449-479.
- Vita Theotonii*. In *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra. Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de Martinho de Soure*. Ed. Aires A. Nascimento. Lisboa: Edições Colibri, 1998, p. 138-201.
- WATTERICH, Johann Matthias (1862) — *Pontificum Romanorum vitae*. Vol. II. Leipzig: Sumptibus Guilhelmi Engelmanni.

STUDI

- ACHT, Peter (1953) — *Adalbert I., Erzbischof von Mainz*. In *Neue Deutsche Biographie*. Vol. 1. Berlin: Duncker & Humblot, p. 44-45.
- ADINOLFI, Giovanni Alfonso (1846) — *Storia della Cava distinta in tre epoche*. Cava de' Tirreni: Stabilimento tip. di R. Migliaccio.
- ALMAGIA, Roberto; MORGHEN, Raffaello (1937) — *Tuscia*. In *Enciclopedia Italiana Treccani*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/tuscia_%28Enciclopedia-Italiana%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 19/07/2018].
- ALTHOFF, Gerd (2009) — *Heinrich IV. Ostfildern*: Jan Thorbecke Verlag.
- ÁLVARO DE CAMPOS, Maria Amélia (2017) — *Cidade e Religião: a colegiada de Santa Justa de Coimbra na Idade Média*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- AMARAL, Luís Carlos (1990) — *O património fundiário da Sé de Braga entre 1071 e 1108*. In *Congresso Internacional IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*. Vol. I. Braga: Universidade Católica Portuguesa, p. 513-527.
- (1999) — *Organização eclesiástica entre Douro e Minho: o caso da diocese de Braga (sécs. IXXII)*. In GARCÍA DE CORTÁZAR Y RUÍZ DE AGUIRRE, José Ángel, coord. — *Dal Cantábrico al Duero. Trece estudios sobre organización social del espacio en los siglos al XIII*. Santander: Universidad de Cantabria-Parlamento de Cantabria, p. 313-350.
- (2007) — *Formação e desenvolvimento do domínio da diocese de Braga no período da Reconquista (século IX-1137)*. Porto: Universidade do Porto. Tesi di Dottorato inedita.
- (2011) — *A vinda de S. Geraldo para Braga e a nova restauração da diocese*. In *IX Centenário de S. Geraldo (1108-2008). Colóquio de estudos e outros actos comemorativos*. Braga: Faculdade de Teologia, Braga, p. 157-192.
- (2017) — *A restauração da diocese do Porto e a chegada do bispo d. Hugo*. In AMARAL, Luís Carlos, coord. — *Um poder entre poderes. Nos 900 anos da diocese do Porto e da construção do cabido Portucalense*. Porto: CEHR/Universidade Católica Portuguesa, p. 25-45.
- AMARAL, Luís Carlos; BARROCA, Mário Jorge (2012) — *A Condessa-Rainha: D. Teresa*. Lisboa: Círculo de Leitores.

- AMBROSIONI, Annamaria (2000) — *Niccolò II*. In *Enciclopedia dei Papi*. Disponibile in <[http://www.treccani.it/enciclopedia/niccolo-ii_\(Enciclopedia-dei-Papi\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/niccolo-ii_(Enciclopedia-dei-Papi)/>). [Consultazione on-line il 06/06/2018].
- (2003a) — *Chiesa e società lombarda alla fine dell'XI secolo*. In ANDENNA, Giancarlo; SALVARANI, Renata, *coord.* — *Deus non voluit: i Lombardi alla prima crociata (1100-1101). Dal mito alla ricostruzione della realtà*. Milano: Vita&Pensiero, p. 105-120.
- (2003b) — *Il monastero di S. Ambrogio nel XII secolo*. In AMBROSIONI, Annamaria; ALBERZONI, Maria Pia, *coord.* — *Milano, papato e impero in età medievale: raccolta di studi*. Milano: Vita&Pensiero, p. 297-336.
- ANDENNA, Giancarlo (2003) — *Il concetto geografico-politico di Lombardia nel Medioevo*. In ANTONIELLI, Livio; CHITTOLINI, Giorgio, *coord.* — *Storia della Lombardia: Dalle origini al Seicento*. Roma; Bari: Laterza, p. 81-97.
- (2006) — *Dalla legittimazione alla sacralizzazione della conquista (1042-1140)*. In LICINIO, Raffaele; VIOLANTE, Francesco, *coord.* — *I caratteri originari della conquista normanna: diversità e identità nel Mezzogiorno (1030-1130)*. Bari: Dedalo, p. 371-406.
- (2015) — *Pietro*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Vol. 83. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/pietro_%28Dizionario-Biografico%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 24/10/2018].
- Annales Floreffenses*. In *Repertorium Geschichtsquellen des deutschen Mittelalters*. Disponibile in <https://www.geschichtsquellen.de/repOpus_00261.html>. [Consultazione realizzata on-line il 04/09/2019].
- ANSÓN, Francisco (1998) — *Fernando III: Rey de Castilla y León*. Madrid: Ediciones Palabra.
- ARNALDI, Girolamo; CADILI, Alberto (2013) — *Le donazioni e la formazione del Patrimonium Petri*. In *Enciclopedia Costantiniana (Treccani)*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/le-donazioni-e-la-formazione-del-patrimonium-petri_%28Enciclopedia-Costantiniana%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 28/11/2019].
- AUBRUN, Michel (1981) — *L'ancien diocèse de Limoges des origines au milieu du XIe siècle*. Limoges: Institut d'Études du Massif Central.
- AUGENTI, Andrea (1996) — *Il Palatino nel Medioevo: archeologia e topografia (secoli VI-XIII)*. Roma: L'Erma di Bretschneider.
- AURELL, Martin (2007) — *The Plantagenet Empire, 1154-1224*. London: Pearson-Longman. Translated from French by David Crouch.
- AVAGLIANO, Faustino (1994) — *San Bernardo a Montecassino*. In HOUBERT, Houben; VETERE, Benedetto, *coord.* — *I cistercensi nel mezzogiorno medioevale*. Lecce: Congedo, p. 165-174.
- AZEVEDO, Carlos Moreira (1990) — [Recensão a] CUNHA, Rodrigo da, *Arcebispo — História eclesiástica dos arcebispos de Braga*. «Lusitania Sacra», 2ª Série, vol. 2, p. 281-282.
- (2013) — *Bibliografia para a História da Igreja em Portugal (1961-2000)*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- BALDACCHINI, Lorenzo (1979) — *Cencio*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Vol. 23. Disponibile in <[http://www.treccani.it/enciclopedia/cencio_\(Dizionario-Biografico\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/cencio_(Dizionario-Biografico)/>). [Consultazione realizzata on-line il 23/05/2019].
- BALESTRACCI, Duccio (2001) — *La península Ibérica e Italia en la Baja Edad Media: Relaciones, tráficos, contactos*. In VACA LORENZO, Ángel, *coord.* — *La formación del espacio histórico: transportes y comunicaciones*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, p. 25-48.
- BALUZE, Étienne (1761) — *Vita Mauritii Burdini archiepiscopi Bracarensis*. Ed. Giandomenico Mansi. Vol. I. Lucca: Miscellanea historica, cols. 137-148.
- BAQUERO MORENO, Humberto (1996) — *A igreja bracarense na Independência de Portugal*. In *Actas do 2º Congresso Histórico de Guimarães*. Vol. IV. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, p. 7-17.
- BARLOW, Frank (1972) — *The Feudal Kingdom of England, 1042-1216*. Vol. III. London: Longman.

- BARONIO, Cesare (1869) — *Annales ecclesiastici a Christo nato ad annum 1198*. Ed. Augustin Theiner. Vol. XVIII. Paris: Barri-Ducis, Ludovicus Guerin Editor.
- BARRIÈRE, Bernadette (2006) — *Limousin médiéval: le temps des créations. Recueil d'articles*. Limoges: Presses Universitaire de Limoges.
- BARTON, Simon (1997) — *The aristocracy in twelfth-century León and Castile*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BARTON, Simon; FLETCHER, Richard Alexander, coord. (2000) — *The World of El Cid: Chronicles of the Spanish Reconquest*. Manchester: Manchester University Press.
- BATES, David (1994) — *The rise and Fall of Normandy, c. 911-1204*. In BATES, David; CURRY, Anne, coord. — *England and Normandy in the Middle Ages*. London: The Hambledon Press, p. 19-35.
- BECKER, Alfons (1995) — *Politique féodale de la papauté à l'égard des rois et des princes (XIe-XIIe siècles). Chiesa e mondo feudale nei secoli X-XII*. Milano: Vita & Pensiero, p. 411-449.
- BEDOUELLE, Guy (1994) — *Dictionnaire d'Histoire de l'église*. Chambray: Éditions C.L.D.
- BEOLCHINI, Valeria (2006) — *Tuscolo, una roccaforte dinastica a controllo della valle Latina: fonti storiche e dati archeologici*. Roma: L'Erma di Bretschneider.
- Berardo. In *Enciclopedia Treccani*. Disponibile in <[http://www.treccani.it/enciclopedia/berardo_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/berardo_(Dizionario-Biografico)/>. [Consultazione realizzata on-line il 17-05-2018].</p>
<p>BEVILACQUA, Mario (1988) — <i>Il monte dei Cenci: una famiglia romana e il suo insediamento urbano tra Medioevo ed età Barocca</i>. Roma: Cangemi Editore.</p>
<p>BIANCHI, Lorenzo (1996) — <i>Torri presso S. Martino ai Monti</i>. In DE MINCIS, Elisabetta, coord. — <i>Case e torri medievali a Roma</i>. Roma: Edizioni Kappa, p. 3-98.</p>
<p>BIANCHI-GIOVINI, Aurelio (1868) — <i>Storia dei papi da San Pietro a Pio IX</i>. Vol. IV. Milano: Amalia Bettoni.</p>
<p>BISHKO, Charles Julian (1968) — <i>Fernando I y los origenes de la alianza castellano leonesa con Cluny</i>. «Cuadernos de historia de España», vol. 47-48, p. 31-135.</p>
<p>____ (1971) — <i>Count Henrique of Portugal, Cluny, and antecedents of the Pacto Sucessório</i>. «Revista Portuguesa de História», vol. 13, p. 155-190.</p>
<p>____ (1984) — <i>The Cluniac Pories of Galicia and Portugal: Their Acquisition and Administration 1075-ca. 1230</i>. In BISHKO, Charles Julian, coord. — <i>Spanish and Portuguese Monastic History, 600-1300</i>. Aldershot: Ashgate, p. 305-356.</p>
<p>BLOCH, Herbert (1986) — <i>Montecassino in Middle Ages</i>. Vol. II. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1986.</p>
<p>BLUMENTHAL, Renate (1988) — <i>The Investiture Controversy Church and Monarchy from the Ninth to the Twelfth Century</i>. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.</p>
<p>BOESCH GAJANO, Sofia (1966) — <i>Berardo</i>. In <i>Dizionario Biografico degli Italiani</i>. Vol. 8. <a href=). [Consultazione realizzata on-line il 12/04/2018].
- BOITEUX, Martine (2001) — *Le feste: cultura del riso e della derisione*. In VAUCHEZ André; BARONE, Giulia, coord. — *Storia di Roma dall'antichità a oggi*. Vol. II: *Roma medievale*. Roma; Bari: Laterza, p. 291-315.
- BONET DONATO, Maria (2018) — *Los espacios y conflictos de poder en Tarragona*. In SABATÉ, Flocel, coord. — *Els espais de poder a la ciutat medieval*. Barcelona: Pagès Editor, p. 83-122.
- BOSHOF (1992) — *Germania Pontificia*. Vol. X. *Provincia Treverensis*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- BOUSSARD, Jacques (2019) — *Le Comté d'Anjou sous Henri II Plantagenêt et ses fils (1151-1204)*. Cressé: Éditions des Régionalismes. Disponibile in <<https://books.google.pt/books?id=VVaWDwAAQBAJ&pg=PA2&dq=BOUSSARD,+2019+anjou&hl=it&sa=X&ved=0ahUKewjrnFswtMPkAhXaiFwKHU69B6gQ6AEINDAB#v=onepage&q&f=false>>. [Consultazione realizzata on-line il 09/09/2019].

- BRANCO, Maria João (2009a) — *Os homens do rei e a bula Manifestis Probatum: percurso de uma bula pelos meandros da luta pela legitimidade do rei e do reino nos séculos XII-XIII*. In MENDONÇA, Manuela; REIS, Maria de Fátima, coord. — *Poder Espiritual/Poder Temporal. As Relações igreja-estado no tempo da monarquia (1179-1909)*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, p. 125-171.
- (2009b) — *D. Sancho I: o filho do fundador*. Lisboa: Círculo dos Leitores.
- BRANCO, Maria João; FARELO, Mário (2011) — *Diplomatic Relations: Portugal and the Others*. In MATTOSO, José; ROSA, Maria de Lurdes; VASCONCELOS E SOUSA, Bernardo; BRANCO, Maria João, coord. — *The Historiography of Medieval Portugal (1950-2010)*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, p. 231-260.
- BRESSLAU, Harry (1998) — *Manuale di diplomatica per la Germania e l'Italia*. Roma: Ministero per i beni culturali e ambientali, Ufficio centrale per i beni archivistici.
- BREZZI, Paolo; PIAZZA, Andrea (2000) — *Alessandro III*. In *Enciclopedia dei papi*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/alessandro-iii_%28Enciclopedia-dei-Papi%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 07/06/2018].
- BRUGUIÈRE, Marie-Bernadette (1985) — *Un mythe historique: «L'impérialisme Capétien» dans le Midi aux XIIe et XIIIe siècles*. «Annales du Midi», vol. 97, n.º 171, p. 245-267.
- BUSINO, Nicola (2017) — *New data about a 'monasterium' in the Capua territory*. «Hortus Artium Medievalium», vol. 23, n.º 1, p. 514-525.
- CACIORGNA, Maria Teresa (1997) — *Questioni di confine: poteri e giurisdizione tra Stato della Chiesa e Regno*. In *Il sud del patrimonium Sancti Petri al confine del regnum nei primi trent'anni del Duecento. Due realtà a confronto*. Roma: G. Bonsignori, p. 69-90.
- (1999) — *Assetti del territorio e confini in Marittima*. In FIORANI, Luigi, coord. — *Sermoneta e i Caetani: dinamiche politiche, sociali e culturali di un territorio tra medioevo e età moderna*. Firenze: L'«Erma» di Bretschneider, p. 49-75.
- (2004) — *Innocenzo III, antipapa*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Vol. 62. Disponibile in <[http://www.treccani.it/enciclopedia/antipapa-innocenzo-iii_\(Dizionario-Biografico\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/antipapa-innocenzo-iii_(Dizionario-Biografico)/>). [Consultazione realizzata on-line il 07/06/2018].
- CAILLET, Louis (1975) — *Papauté d'Avignon et l'Église de France. La politique bénéficiaire du Pape Jean XXII en France (1316-1334)*. Paris: Presses Universitaires de France.
- CAL PARDO, Enrique (2003) — *Episcopologio Mindoniense*. Santiago de Compostela: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- CALDERÓN MEDINA, Inés (2017) — *Reyes, Nobles y Frontera. Entre la violencia y el parentesco en el espacio fronterizo galaico portugués*. «Cuadernos de Estudios Gallegos», vol. LXIV, n.º 130, p. 91-117.
- CALZONA, Glauco; CANTARELLA, Glauco Maria; MILANESI, Giorgio (2018) — *Terremoto in Val Padana. 1117, la terra sconquassa e sprofonda*. Verona: Scripta Edizioni.
- CAMPELO, José (1965) — *Origen del Arzobispado de Santiago y evolución histórica de sus sufragáneas*. «Compostellanum», vol. X, p. 841-861.
- CANOSA, Rosa (2016) — *Roberto I, principe di Capua*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Vol. 87. Disponibile in <[http://www.treccani.it/enciclopedia/roberto-i-principe-di-capua_\(Dizionario-Biografico\)>](http://www.treccani.it/enciclopedia/roberto-i-principe-di-capua_(Dizionario-Biografico)>). [Consultazione realizzata on-line il 05/06/2018].
- CANTARELLA, Glauco Maria (1993) — *I monaci di Cluny*. Torino: Einaudi.
- (1997) — *Pasquale II e il suo tempo*. Napoli: Liguori.
- (1998) — *Il Papato: Riforma, Primato e tentativi di egemonia*. In ARTIFONI, Enrico, coord. — *Storia Medievale*. Roma: Donzelli Editore.
- (2000) *Pasquale II*. In *Enciclopedia dei papi*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/pasquale-ii_%28Enciclopedia-dei-Papi%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 17/05/2018].
- (2004) — *Una sera dell'anno mille. Scene di Medioevo*. Milano: Garzanti.

- _____ (2005) — *Il sole e la luna. La rivoluzione di Gregorio VII, 1073-1085*. Roma; Bari: Laterza.
- _____ (2006) — *Pasquale II, un mito, una storia*. In CANTARELLA, Glauco Maria; ROMAGNOLI, Daniela, coord. — *1106, il Concilio di Guastalla e il mondo di Pasquale II*. Alessandria: Edizioni dell'Orso, p. 3-17.
- _____ (2011) — *Nel Regno del Sole. Falcando fra Inglesi e Normanni*. In PIO, Berardo, coord. — *Scritti di storia medievale offerti a Maria Consiglia De Matteis*. Spoleto: CISAM, p. 91-120.
- _____ (2014a) — *I normanni e la Chiesa di Roma. Aspetti e momenti*. In *Chiese Locali e Chiese regionali nell'Alto Medioevo*. Spoleto: CISAM, p. 377-406.
- _____ (2014b) — «Come in uno specchio»? *Di nuovo su Ponzio di Cluny (1109-1122/26)*. «Bullettino dell'Istituto Storico Italiano per il Medio Evo», vol. CXVI, p. 61-91.
- _____ (2014c) — *Pasquale II, papa*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Vol. 81. Disponibile in <[http://www.treccani.it/enciclopedia/papa-pasquale-ii_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/papa-pasquale-ii_(Dizionario-Biografico)/)>. [Consultazione realizzata on-line il 06/06/2018].
- _____ (2018) — *Gregorio VII*. Roma: Salerno Editrice.
- _____ (2020) — *Ruggero II. Il re che ha cambiato la storia d'Italia*. Roma: Salerno Editrice.
- CANTARELLA, Glauco Maria; POLONIO, Valeria; RUSCONI, Roberto Rusconi (2001) — *Chiesa, Chiese, Movimenti religiosi*. Roma; Bari: Laterza.
- CANOSA, Rosa (2009) — *Etnogenesi normanne e identità variabili: il retroterra culturale dei Normanni d'Italia fra Scandinavia e Normandia*. Torino: Zamorani.
- CAPITANI, Ovidio (1990a) — *Tradizione e interpretazione: dialettiche ecclesiologiche del secolo XI*. Milan: Jouvence.
- _____ (1990b) — *Storia dell'Italia Medievale (410-1216)*. Roma; Bari: Laterza.
- _____ (2000) — *Gregorio VII*. In *Enciclopedia dei papi*. Disponibile in <[www.treccani.it/enciclopedia/santo-gregorio-vii_\(Enciclopedia-dei-Papi\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/santo-gregorio-vii_(Enciclopedia-dei-Papi)/>). [Consultazione realizzata on-line il 05/09/2019].
- _____ (2002) — *Gregorio VII, papa, santo*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Vol. 59. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/gregorio-vii-papa-santo_%28Dizionario-Biografico%29/>. [Consultazione realizzata il 21/05/2018].
- _____ (2015) — *Gregorio VII. Il papa epitome della chiesa di Roma*. Ed. Berardo Pio. Spoleto: CISAM.
- CARDELLA, Lorenzo (1792) — *Memorie storiche de' cardinali della Santa Romana Chiesa*. Vol. I, parte 1. Roma: Stamperia Pagliarini.
- CAROCCI, Sandro (2010) — *Vassalli del papa. Potere pontificio, aristocrazie e città nello Stato della Chiesa (XII-XV sec.)*. Roma: Viella.
- CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso di (1995) — *L'antropomastica del clero di Roma nei secoli X-XII*. «Mélanges de l'École française de Rome», vol. 107, n.° 2, p. 513-534.
- _____ (1999) — «Romana Ecclesia» e «Clerus Urbis». *Considerazioni sul clero urbano nei secoli centrali del Medioevo*. «Archivio della Società Romana di storia patria», vol. 122, p. 85-104.
- _____ (2000) — *Innocenzo II*. In *Enciclopedia dei papi*. Disponibile in <[http://www.treccani.it/enciclopedia/innocenzo-ii_\(Enciclopedia-dei-Papi\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/innocenzo-ii_(Enciclopedia-dei-Papi)/>). [Consultazione realizzata on-line il 22/05/2018].
- _____ (2002) — *Il clero di Roma nel medioevo. Istituzioni e politica cittadina (secoli VIII-XIII)*. Roma: Viella.
- _____ (2004) — *Innocenzo II, papa*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Vol. 62. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/papa-innocenzo-ii_%28Dizionario-Biografico%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 06/06/2018].
- _____ (2012) — *Popes through the Looking Glass, or "Ceci n'est pas un pape"*. «Reti Medievali», vol. 13, n.° 1, p. 121-136.
- _____ (2014) — *Sulle prime attestazioni dei nomi dei rioni nel medioevo*. «Strenna dei Romanisti», vol. 75, p. 73-84.

- CARRASCO, José (2011) — *El Camino de Santiago y la peregrinación en la Europa Medieval*. «Cuadernos de la Cátedra de Patrimonio», vol. 5, p. 11-24.
- CATALÁN, Diego (2004) — *Removiendo los cimientos de la Historia de España en su perspectiva medieval*. «Cuadernos de Historia del derecho», vol. 1, p. 73-86.
- CAVERO DOMÍNGUEZ, Gregoria (2004) — *El episcopado de la iglesia de León (1087-1205)*. In DÍAZ Y DÍAZ, Manuel Cecilio; DÍAZ DE BUSTAMANTE, Mercedes; DOMÍNGUEZ, Manuela, coord. — *Escritos dedicados a José María Fernández Catón*. Vol. I. León: Centro de Estudios e Investigación “San Isidoro”, p. 199-226.
- CERRINI, Simonetta (2000a) — *Urbano II, beato*. In *Enciclopedia dei Papi*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/beato-urbano-ii_%28Enciclopedia-dei-Papi%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 21/05/2018].
- _____ (2000b) — *Onorio II, papa*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Disponibile in <https://www.treccani.it/enciclopedia/papa-onorio-ii_%28Dizionario-Biografico%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 21/05/2018].
- _____ (2000c) — *Celestino II, antipapa*. In *Enciclopedia dei Papi*. Disponibile in <https://www.treccani.it/enciclopedia/antipapa-celestino-ii_%28Enciclopedia-dei-Papi%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 21/05/2018].
- CHERUBINI, Giovanni (2000) — *I pellegrini*. In SENSINI, Sergio, coord. — *Viaggiare nel Medioevo*. Pisa: Centro di Studi sulla Civiltà del Tardo Medioevo, p. 537-566.
- CHERUBINI, Paolo (2014) — *Chronicon Casauriense, Étienne Baluze e la cultura francese alla fine del secolo XVII*. «Bullettino dell’Istituto Storico Italiano per il Medio Evo», vol. 116, p. 335-365.
- CHIBNALL, Marjorie (1993) — *The Empress Matilda: Queen Consort, Queen Mother and Lady of the English*. Oxford: Wiley-Blackwell.
- CHIESA, Paolo (2004) — *Landolfo Seniore*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Vol. 63. Disponibile in <[http://www.treccani.it/enciclopedia/landolfo-seniore_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/landolfo-seniore_(Dizionario-Biografico)/)>. [Consultazione realizzata on-line il 28/03/2018].
- CHURCH, Stephen (2017) — *Political Discourse at the Court of Henry II and the Making of the New Kingdom of Ireland: The Evidence of John’s Title dominus Hibernie*. «History. The Journal of the Historical Association», vol. 102, n.º 353, p. 808-823.
- COELHO, José Julio Gonçalves (1912) — *Notre-Dame de Roc-Amadour en Portugal*. Brive: Imprimerie Royale.
- COGNASSO, Francesco (1960) — *Adelaide di Savoia*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Vol. 1. Disponibile in <[http://www.treccani.it/enciclopedia/adelaide-di-savoia_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/adelaide-di-savoia_(Dizionario-Biografico)/)>. [Consultazione realizzata on-line il 04/04/2019].
- COLOTTO, Cristina (2000) — *Gregorio VIII antipapa*. In *Enciclopedia dei papi*. Vol. II. Roma: Treccani, p. 246.
- CONDORELLI, Orazio (2020) — *L’elezione di Maurizio Burdino (Gregorio VIII), il concilio di Reims e la scomunica di Irnerio (1119)*. «Bulletin of Medieval Canon Law», vol. 37, p. 1-64.
- CONTE, Pietro (1984) — *Regesto delle lettere dei papi del secolo VIII: saggi*. Milano: Vita e Pensiero.
- CORTESE, Ennio (2004) — *Inrnerio*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Vol. 62. Roma: Treccani, p. 81-82.
- _____ (2000a) — *Onorio II*. In *Enciclopedia dei papi*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/onorio-ii_%28Enciclopedia-dei-Papi%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 21/05/2018].
- _____ (2000b) — *Celestino II, antipapa*, in *Enciclopedia dei papi*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/antipapa-celestino-ii_%28Enciclopedia-dei-Papi%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 22/05/2018].

- COSTA, Avelino de Jesus da (1959) — *O bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- (1990) — *Burdino, Maurício (Gregório VIII)* — In *Dicionário de História de Portugal*. Vol. I. Porto: Livraria Figueirinhas, p. 393-394.
- COWDREY, Herbert E. J. (1998) — *Pope Gregory VII, 1073-1085*. Oxford: Clarendon Press.
- CRISTOFORI, Francesco (1888) — *Cronotassi dei cardinali di Santa Romana Chiesa*. Roma: Tipografia de Propaganda Fide.
- CROSS, Frank Leslie; LIVINGSTONE, Elisabeth A. (2005) — *The Oxford Dictionary of the Christian Church*. Oxford: Oxford University Press.
- CROUCH, David (1990) — *William: Court, Career, and Chivalry in the Angevin Empire: 1147-1219*. London: Addison-Wesley Longman Limited.
- (2007) — *The Normans: The History of a Dynasty*. London: Hambledon Continuum.
- CUNHA, Maria Cristina (2013) — *Coimbra and Porto: Episcopacy and National Identity*. In HERBERS, Klaus; ENGEL, Frank; LÓPEZ ALSINA, Fernando, coord. — *Das begrenzte Papsttum: Spielräume päpstlichen Handelns. Legaten-delegierte Richter-Grenzen*. Berlin; Boston: De Gruyter, p. 133-145.
- CUNHA, Rodrigo da (1989) — *História eclesiástica dos Arcebispos de Braga*. Vol. II. Braga: De Barbosa & Xavier. Reprodução fac-similada com nota de apresentação de José Marques.
- D'ACUNTO, Nicolangelo (2008) — *Chiesa romana e chiese della Lombardia: prove ed esperimenti di centralizzazione nei secoli XI e XII*. In JOHRENDT, Jochen; MÜLLER, Harald, coord. — *Römisches Zentrum und kirchliche Peripherie: das universale Papsttum als Bezugspunkt der Kirchen von den Reformpäpsten bis zu Innozenz III*. Berlin: De Gruyter, p. 207-233.
- D'ANGELO, Edoardo (1994) — *Giuseppe del Re's 'Critical' Edition of Falco of Benevento's Chronicle*. «Anglo-Norman Studies», vol. XVI, p. 75-81.
- (2005) — *Scuola medica salernitana*. «Federiciana». Disponibile in <[http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_00636](http://www.treccani.it/enciclopedia/scuola-medica-salernitana_(Federiciana)/>. [Consultazione realizzata on-line il 03/09/2019].</p>
<p>D'ONOFRIO, Mario (2004) — <i>Il Patriarcato nascente</i>. «Mélanges de l'école française de Rome», vol. 116/1, p. 141-160.</p>
<p>DALENA, Pietro (2004) — <i>Itinerari verso la Terrasanta nel medioevo</i>. In MONODORI SAGREDO, Alberto, coord. — <i>I cavalieri del Santo Sepolcro. I luoghi e le immagini</i>. Roma: Retablo, p. 59-64.</p>
<p>—— (2015) — <i>Calabria medievale: ambiente e istituzioni (secoli XI-XV)</i>. Bari: Mario Adda Editore.</p>
<p>DAVID, Pierre (1947) — <i>L'énigme de Maurice Bourdin</i>. In DAVID, Pierre, coord. — <i>Études historiques sur la Galice et le Portugal du VIe au XIIe siècle</i>. Paris: Les Belles Lettres, p. 441-501.</p>
<p>DAVIES, Rees (2000) — <i>The Age of Conquest: Wales, 1063-1415</i>. Oxford: Oxford University Press.</p>
<p>DE AYALA MARTÍNEZ, Carlos (2008) — <i>Sacerdocio y Reino en la España Altomedieval: iglesia y poder político en el occidente peninsular, siglos VII-XII</i>. Madrid: Sílex.</p>
<p>DE AYALA MARTÍNEZ, Carlos; CANTERA MONTENEGRO, Enrique; CAUNEDO DEL POTRO, Betsabé; LALIENA CORBERO, Carlos (2004) — <i>Economía y sociedad en la España medieval</i>. Madrid: Ediciones Istmo.</p>
<p>DE GOUVEIA, Mário (2012) — <i>O essencial sobre a analística monástica portugalense (séc. XI-XII)</i>. «Lusitania Sacra», 2ª Série, vol. 25, p. 183-226.</p>
<p>DE GRIECK, Pieter-Jan (2010) — <i>Chronicon Rythmicum Leodiense</i>. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — <i>Encyclopedia of the Medieval Chronicle</i>. Disponibile in <. [Consultazione realizzata on-line il 17/02/2018].
- DE ROSSI, Giovanni Maria (1969) — *Torri e castelli medievali della campagna romana*. Roma: De Luca.
- DECAENS, Joseph (1987) — *Les origines du village et du chateau de Sain-Vaast-sur-Seulles (Calvados)*. «Anglo-Norman Studies», vol. X, p. 83-100.

- DELLE DONNE, Fulvio (1999) — *Coscienza urbana e storiografia cittadina. A proposito di una nuova edizione del "Chronicon" di Falcone di Benevento*. «Studi Storici», vol. 40, p. 1127-1141.
- DENDORFER, Jürgen (2008) — *Heinrich V. König und Große am Ende der Salierzeit*. In STRUVE, Tilman, coord. — *Die Salier, das Reich und der Niederrhein*. Köln; Weimar; Vienna: Böhlau, p. 115-170.
- DESWARTE, Thomas (2010) — *Une chrétienté romaine sans pape*. Paris: Classiques Garnier.
- DOCCI, Marina (2006) — *San Paolo fuori le mura: Dalle origini alla basilica delle origini*. Roma: Cangemi Editore.
- DOLCINI, Carlo (1982) — *Clemente III, antipapa*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Vol. 26. Disponibile in <[. In CAPITANI, Ovidio, coord. — *L'Università a Bologna. Personaggi, momenti et luoghi dalle origini al XVI secolo*. Bologna: Silvana Editoriale, p. 17-27.](http://www.treccani.it/enciclopedia/antipapa-clemente-iii_(Dizionario-Biografico)/>. [Consultazione realizzata on-line il 19/07/2019].</p>
<p>—— (1987) — <i>Pepo, Irnerio, Graziano. Alle origini dello)
- (2000) — *Clemente III, antipapa*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Vol. 26. Disponibile in <[. \[Consultazione realizzata on-line il 05/06/2018\].](http://www.treccani.it/enciclopedia/antipapa-clemente-iii_%28Dizionario-Biografico%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 21/05/2018].</p>
<p>DOMÍNGUEZ SÁNCHEZ, Santiago (2017) — <i>El arzobispado de Compostela, los obispos del noroeste de la península ibérica y el IV Concilio de Letrán de 1215</i>. «Hispania Sacra», vol. 69, n.º 140, p. 487-503.</p>
<p>DRELL, Joanna (2002) — <i>The aristocratic family</i>. In LOUD, Graham; METCALFE, Alex, coord. — <i>The Society of Norman Italy</i>. Leiden: Brill, p. 97-113.</p>
<p>DUFOUR, Jean (1990) — <i>Louis VI, roi de France (1108-1137), à la lumière des actes royaux et des sources narratives</i>, «Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres», vol. 134, n.º 2, p. 456-482.</p>
<p>ENZESBERGER, Horst (2002) — <i>Chanceries, charters and administration in Norman Italy</i>. In LOUD, Graham; METCALFE, Alex, coord. — <i>The Society of Norman Italy</i>. Leiden: Brill, p. 117-150.</p>
<p>ERDMANN, Carl (1935) — <i>O Papado e Portugal no Primeiro Século da História Portuguesa</i>. Coimbra: Instituto Alemão da Universidade de Coimbra.</p>
<p>—— (1940) — <i>Maurício Burdino (Gregório VIII)</i>. Coimbra: Publicações do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra.</p>
<p>ESTEFÂNIO, Abel (2011) — <i>O pacto sucessório revisitado: o texto e o contexto</i>. «Medievalista», vol. 10, p. 1-60.</p>
<p>ESTEPA DÍEZ, Carlos (2002) — <i>El Reino de Castilla y el Imperio en tiempos del Interregno</i>. In VALDEÓN BARUQUE, Julio; HERBERS, Klaus; KARL, Rudolf, coord. — <i>España y el Sacro Imperio: procesos de cambios, influencias y acciones recíprocas en la época de la europeización (siglos XI-XIII)</i>. Valladolid: Universidad de Valladolid; Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, p. 87-100.</p>
<p>FALKENHAUSEN, Vera von (1989) — <i>Dell'Aquila, Riccardo</i>. In <i>Dizionario Biografico degli Italiani</i>. Vol. 37. Disponibile in <<a href=)
- FANNING, Steven (1995) — *Gothia*. In KIBLER, William; GROVER, A. Zinn; BELL HENNEMAN, John Jr.; EARP, Lawrence, coord. — *Medieval France: An Encyclopedia*. New York; London: Garland Publishing Inc., p. 399-400.
- FEIGE, Peter (1978) — *Die Anfänge des portugiesischen Königstums und seiner Landeskirche*. «Spanischen Forschungen der Görresgesellschaft», vol. 29, p. 85-436.
- (1991) — *La primacía de Toledo y la libertad de las demás metrópolis de España: el ejemplo de Braga*. In AA. VV., coord. — *La introducción del Cister en España y Portugal*. Burgos: La Olmeda, p. 61-132.

- FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, Manuel (2004) — *Toronium: aproximación a la historia de una tierra medieval*. Santiago de Compostela: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- FERRARI, Pietro (1985) — *Il Comune di Pontremoli e la sua espansione territoriale in val di Vara (origine del feudo di Godano)*. In MICHELOTTI, Nicola, coord. — *Pietro Ferrari. Studi di storia lunigianese*. Pontremoli: P. Savi.
- FERREIRA BASTOS, Filipe (2018) — *O Reino de Portugal em Lucas de Tuy e em Rodrigo Jiménez de Rada*. Porto: Universidade do Porto. Tesi di Mestrado Inedita.
- FERRER I MALLOL, Maria Teresa (1998) — *I mercanti italiani nelle terre catalane nei secoli XII-XIV*. «Archio Storico del Sannio», vol. III, p. 137-174.
- FISCHER, Mary (2010) — *Chronicon breve fratris, ut videtur, ordinis Theutonicorum*. In DUNPHY, Graeme; BRATU, Cristian, coord. — *Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Disponibile in <http://dx.doi.org/10.1163/2213-2139_emc_SIM_001410>. [Consultazione realizzata on-line il 15/10/2018].
- FLEISCH, Ingo (2008) — *Rom und die Iberische Halbinsel: das Personal der päpstlichen Legationen und Gesandtschaften im 12. Jahrhundert*. In JOHRENDT, Jochen; MÜLLER, Harald, coord. — *Römisches Zentrum und kirchliche Peripherie. Das universale Papsttum als Bezugspunkt der Kirchen*. Berlin: De Gruyter, p. 135-189.
- FLETCHER, Richard Alexander (1978) — *The Episcopate in the Kingdom of León in the Twelfth Century*. Oxford: Clarendon Press.
- (1994) — *Las iglesias del reino de León y sus relaciones con Roma en la alta edad media hasta el concilio IV de Letrán de 1215*. In LUCAS ÁLVAREZ, Manuel, coord. — *El reino de León en la alta edad media*. Vol. VI. León: Centro de Estudios e Investigación "San Isidoro", p. 461-495.
- FLICHE, Augustin (1924-1937) — *La Réforme grégorienne*. Louvain: Spicilegium Sacrum Lovaniens. 3 vols.
- FLICHE, Augustin; MARTIN, Victor (1945) — *Histoire de l'Eglise depuis les origines jusqu'à nos jours*. Vol. VIII. Paris: Bloud & Gay.
- FONSECA BARROS, Mariana (2018) — *A imagem de "Portugal" na História Compostelana (séc. XII)*. Porto: Universidade do Porto. Tesi di Mestrado inedita.
- Frangipane*. In *Enciclopedia Treccani*. Disponibile in <<http://www.treccani.it/enciclopedia/frangipane/>>. [Consultazione realizzata on-line il 23/05/2018].
- FREUND, Stephan (2000) — *Gelasio II*. In *Enciclopedia dei Papi*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/gelasio-ii_%28Enciclopedia-dei-Papi%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 13/06/2018].
- (2001) — *Giovanni da Crema*. In *Dizionario biografico degli italiani*. Vol. 55. Disponibile in <[http://www.treccani.it/enciclopedia/giovanni-da-crema_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/giovanni-da-crema_(Dizionario-Biografico)/)>. [Consultazione realizzata on-line il 21/05/2018].
- FRIED, Johannes (1980) — *Der päpstliche Schutz für Laienfürsten: die politische Geschichte des päpstlichen Schutzprivilegs für Laien (11.-13. Jahrhundert)*. Heidelberg: Winter.
- FRUGONI, Chiara (2007) — *Quattro traditori e la Via Francigena*. In CARDINI, Franco; CECCARELLI LEMUT, Maria Luisa, coord. — *Quel mar che la terra inghirlanda: in ricordo di Marco Tangheroni*. Vol. I. Pisa: Pacini, p. 391-398.
- FUHRMANN, Horst (1986) — *Germany in the High Middle Ages: C.1050-1200*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GADY, Maurice (1959) — *De Saint-Pierre d'Uzerche à Saint-Pierre de Rome. Maurice Bourdin*. «Bulletin de la Société scientifique historique et archéologique de la Corrèze», vol. 81, p. 5-74.
- GALADINI, Fabrizio; GALLI, Paolo; D. MOLIN, Diego; CIURLETTI, G. (2001) — *Searching for the source of the 1117 earthquake in northern Italy: A multidisciplinary approach*. In GLADE, Thomas; ALBINI, Paola; FRANCÉS, Félix, coord. — *The Use of historical Data in natural hazard Assessments*. Berlin: Springer Science-Business Media Dordrecht, p. 3-27.

- GALDI, Amalia (2017) — *Alle origini dell'Aureum Saeculum desideriano: Montecassino tra i secoli X-XI*. «Mélanges de l'École Française de Rome», vol. 129, n.º 2. Disponibile in <<https://journals.openedition.org/mefrm/3705>>. [Consultazione realizzata on-line il 29/11/219].
- GALINIÉ, Henri (1977) — *La résidence des comtes d'Anjou à Tours*. «Archéologie médiévale», vol. 7, p. 95-107.
- GALLINA, Mario (2002) — *La "precrociata" di Roberto il Guiscardo: un'ambigua definizione*. In MUSCA, Giosuè, coord. — *Il Mezzogiorno Normanno svevo e le Crociate*. Bari: Edizioni Dedalo, p. 29-47.
- GARCÍA ORO (1980) — *La nobleza gallega en la baja Edad Media*. Santiago de Compostela: Bibliófilos Gallegos.
- (2002) — *La diócesis de Tuy en la baja Edad Media (1070-1500): la frontera y la guerra*. In GARCÍA ORO, José, coord. — *Historia de las diócesis españolas*. Vol. 14: *Iglesias de Santiago de Compostela y Tuy-Vigo*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 549-570.
- GATTO, Ludovico (2008) — *Callisto II e l'Europa*. In MAZZON, Antonella, coord. — *Scritti per Isa. Raccolta di studi offerti a Isa Lori Sanfilippo*. Roma: Istituto Storico Italiano per il Medioevo, p. 487-504.
- GERVAIS, Eduard (1841) — *Politische Geschichte Deutschlands unter der Regierung der Kaiser Heinrich V und Lothar III*. Leipzig: Brockhaus.
- GIESEBRECHT, Wilhelm von (1877) — *Geschichte der deutschen Kaiserzeit*. Leipzig: Schwetschke Verlag.
- GIRGENSOHN, Dieter (2000) — *Celestino II*. In *Enciclopedia dei Papi*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/celestino-ii_%28Enciclopedia-dei-Papi%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 06/06/2018].
- GOLINELLI, Paolo (1999) — *Le origini del mito di Matilde e la fortuna di Donizone*. In GOLINELLI, Paolo, coord. — *Matilde di Canossa nelle culture europee del secondo millennio: dalla storia al mito*. Bologna: Patron, p. 29-52.
- GOMES, Saul António (2007) — *In limine conscriptionis. Documentos, chancelaria e cultura no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Séculos XII a XIV*. Coimbra: Palimage.
- GÓMEZ REDONDO, Fernando (1998) — *História de la prosa medieval castellana*. Vol. I. Madrid: Ediciones Cátedra.
- GONZÁLEZ GARCÍA, Alberto (2013) — *El papa Urbano II y el origen de la Garcineida*. «Anuario de Estudios Medievales», vol. 43, n.º 2, p. 609-647.
- GONZÁLEZ-PAZ, Carlos Andrés (2017) — *In the footsteps of James, Son of Zebedee: Pilgrims and crusaders from northwestern Spain in the Holy Land during the twelfth century*. In PAZOS, Antón M., coord. — *Translating the relics of St. James: from Jerusalem to Compostela*. London; New York: Routledge, p. 197-210.
- GONZÁLEZ VÁZQUEZ, Marta (2003) — *Lugar de culto y Centro de cultura*. In PORTELA SILVA, Ermelindo, coord. — *Historia de la Ciudad de Compostela*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela-Servicio de Publicaciones, p. 173-221.
- (2015) — *Women and Pilgrimage in Medieval Galicia*. In GONZÁLEZ PAZ, Carlos Andrés, coord. — *Women and pilgrimage in medieval Galicia*. London; New York: Routledge, p. 27-50.
- GRECO, Marta (2015). *Pietro, Pappacarbone*. In *Dizionario biografico degli italiani*, vol. 83. Disponibile in <[http://www.treccani.it/enciclopedia/santo-pietro-pappacarbone_\(Dizionario-Biografico\)/-](http://www.treccani.it/enciclopedia/santo-pietro-pappacarbone_(Dizionario-Biografico)/-)>. [Consultazione realizzata on-line il 18/10/217].
- GREGOROVIVUS, Ferdinandus (1988) — *Storia della città di Roma*. Trad. It. Luigi Trompeo. Roma: Gherardo Casini Editore. 3 vols. Riedizione.
- GUERREIRO, Maria João Peste Santos, (2010) — *Por Graça de Deus, Rei dos Portugueses. As intitulações régias de D. Afonso Henriques e de D. Sancho I*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Tesi di Mestrado inedita.

- GUICHARD, Pierre (2001) — *Al-Andalus frente a la conquista cristiana: los musulmanes de Valencia (siglos XI-XIII)*. Madrid: Universitat de València.
- GUIDOBONI, Emanuela; COMASTRI, Alberto; BOSCHI, Enzo (2005) — *The “exceptional” earthquake of 3 January 1117 in the Verona area (northern Italy): A critical time review and detection of two lost earthquakes (lower Germany and Tuscany)*. «Journal of Geophysical Research», vol. 110. Disponibile in <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1029/2005JB003683/full#references>>. [Consultazione realizzata on-line il 23/10/2017].
- GUYOT-BACHY, Isabelle (2017) — *La Flandre et les Flamands au miroir des historiens du royaume (Xe-XVe siècle)*. Villeneuve-D'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.
- HARTMANN, Florian (2013) — *Heinrich V. im Diskurs Bologneser Gelehrter*. In LÜBICH, Gerhard, coord. — *Heinrich V. in seiner Zeit Herrschen in einem europäischen Reich des Hochmittelalters*. Wien; Köln; Weimar: Böhlau Verlag, p. 191-214.
- HENRIET, Patrick (2004) — *Political Struggle and the legitimation of the Toledan Primacy: The Pars Laterani Concilii*. In ALFONSO ANTÓN, Isabel; KENNEDY, Hugh; ESCALONA MONGE, Julio, coord. — *Building legitimacy: Political discourses and forms of legitimacy in medieval societies*. Leiden; Boston: Brill, p. 291-318.
- HERBERS, Klaus (2009) — *El papado y la Península Ibérica en el siglo XII*. In DOMÍNGUEZ SÁNCHEZ, Santiago; HERBERS, Klaus, coord. — *Roma y la Península Ibérica en la alta Edad Media. La construcción de espacios, normas y redes de relación*. León: Universidad de León, p. 29-80.
- (2008) — *Im Dienste der Universalität oder der Zentralisierung?: das Papsttum und die “Peripherien” im hohen Mittelalter; Schlussbemerkungen und Perspektiven*. In JOHRENDT, Jochen; MÜLLER, Harald, coord. — *Römisches Zentrum und kirchliche Peripherie: das universale Papsttum als Bezugspunkt der Kirchen von den Reformpäpsten bis zu Innozenz III*. Berlin: De Gruyter, p. 323-343.
- (2013) — *El papado en el tiempo de Gelmírez. Constancia y variación*. In LÓPEZ ALSINA, Fernando; MONTEAGUDO ROMERO, Henrique; VILLARES, Ramón; YZQUERDO PERRÍN, Ramón, coord. — *O século de Xelmírez*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, p. 75-91.
- HERCULANO, Alexandre (1863) — *História de Portugal: desde o começo da monarquia até ao fim do reinado de D. Afonso III*. 3.^a edição. Vol. I. Lisboa: Bertrand.
- HIATT, Alfred (2010) — *Beowulf off the map*. In GODDEN, Malcolm; KEYNES Simon, coord. — *Anglo-Saxon England*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 11-40.
- HOLNDONNER, Andreas (2014) — *Zwischen Konfrontation und Pragmatismus. Römische und altspanische Gottesdienstordnung in Toledo (ca. 1060-ca. 1215)*. In HOLNDONNER, Andreas, coord. — *Kommunikation — Jurisdiktion — Integration. Das Papsttum und das Erzbistum Toledo im 12. Jahrhundert (ca. 1085 - ca. 1185)*. Berlin: De Gruyter, p. 37-107.
- HOLTZMANN, Walther (1935) — *Eine Bannsensenz des Konzils von Reims 1119*. «Neues Archiv», vol. 50, p. 301-319.
- HOUBEN, Hubert (1989) — *Malfattori e benefattori, protettori e sfruttatori: i Normanni e Montecassino*. In HOUBEN, Hubert, coord. — *Tra Roma e Palermo. Aspetti e momenti del Mezzogiorno medioevale*. Lecce: Congedo, p. 67-92.
- (2002) — *Roger II of Sicily: A Ruler between East and West*. Translated by Graham A. Loud; Diane Milburn. Cambridge: Cambridge University Press.
- HUEBNER, Rudolf (1918) — *A history of Germanic Private Law*. Boston: Little Brown and Company.
- HÜLS, Rudolf (1977) — *Kardinäle, Klerus und Kirchen Roms: 1049-1130*. Tübingen: Max Niemeyer.
- HÜLSEN, Christian (1927) — *Le chiese di Roma nel Medio Evo. Cataloghi e Appunti*. Firenze: Olschki.
- HUSCROFT, Richard (2016) — *Ruling England 1042-1217*. New York; London: Routledge.
- IOGNA PRAT, Dominique (1996) — *Des morts très spéciaux aux morts ordinaires: la pastorale funéraire clunisienne (XIe-XIIe siècle)*, «Médiévales», vol. 15, n.º 31, p. 79-91.

- _____ (2002) — *Order and Exclusion: Cluny and Christendom Face Heresy, Judaism, and Islam (1000-1150)*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press.
- _____ (2005) — *Un recueil liturgique et historique du tournant des années 1200 (Paris, BNF, ms. latin 17716)*. «Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre». Disponibile in <<http://cem.revues.org/792>>. [Consultazione realizzata on-line il 04/10/2017].
- IWANCZAK, Wojciech (2003) — *Innocent III and Bohemia*. In SOMMERLECHNER, Andrea, coord. — *Innocenzo III. Urbis et Orbis*. Vol. II. Roma: ISIME, p. 1200-1212.
- JOHRENDT, Jochen (2011) — *Die päpstliche Kapelle als Bindeglied zwischen Kurie und Kirche*. In ALBERZONI, Maria Pia; ZEY, Claudia, coord. — *Legati e delegati papali: profili, ambiti d'azione e tipologie di intervento nei secoli XII-XIII*. Milano: Vita&Pensiero, p. 257-278.
- _____ (2012) — *Il capitolo di San Pietro i papi e Roma nei secoli XI-XIII*. Città del Vaticano: Edizioni Capitolo Vaticano.
- _____ (2013) — *Rom zwischen Kaiser und Papst-die Universalgewalten und die ewige Stad*. In LÜBICH, Gerhard, coord. — *Heinrich V. in seiner Zeit Herrschen in einem europäischen Reich des Hochmittelalters*. Wien; Köln; Weimar: Böhlau Verlag, p. 169-190.
- JORDAN, Karl (1973) — *Pasquale III, antipapa*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Vol. 16. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/antipapa-callisto-iii_%28Dizionario-Biografico%29/>. [Consultazione on-line il 07/06/2018].
- KISS, Gergely (2009) — *Teuzo sancte romane ecclesie legatus... Teuzo cardinalis: contribution aux relations de la Papauté et du roi hongrois Ladislas Ier à la fin du XIe siècle*. «Specimina nova. Pars prima, Sectio mediaevalis», vol. 5, p. 29-40.
- KLEWITZ, Hans-Walter (1957) — *Reformpapsttum und Kardinalkolleg. Die Entstehung des Kardinalkollegiums. Studien über die Wiederherstellung der römischen Kirche in Süditalien durch das Reformpapsttum. Das Ende des Reformpapsttums*. Darmstadt: Hermann Gentner Verlag.
- KOSZTOLNYIK, Zoltan J. (1977) — *The Relations of Four Eleventh-Century Hungarian Kings with Rome in the Light of Papal Letters*. «Church History», vol. 46, n.° 1, p. 33-47.
- KUPPERS, Jean-Louis (2003) — *La double morte de l'évêque de Liège Frédéric de Namur (†1121)*. In FRYDE, Natalie; REITZ, Dirk, coord. — *Bischofsmord im Mittelalter*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- LAMMA, Paolo (2000) — *Adriano IV*. In *Enciclopedia dei Papi*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/adriano-iv_%28Enciclopedia-dei-Papi%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 06/06/2018].
- LASTEYRIE, Charles de (1901) — *Labbaye de Saint-Martial de Limoges*. Paris: Picard.
- LAY, Stephen (2009) — *The Reconquest Kings of Portugal. Political and cultural Reorientation on the medieval Frontier*. New York: Palgrave Mcmillan.
- LAUDAGE, Christiane (2012) — *Kampf um den Stuhl Petri: Die Geschichte der Gegenpäpste*. Freiburg im Breisgau: Verlag Herder GMBH. Disponibile in <<https://books.google.pt/books?id=glPIAgAAQBAJ&pg=PT20&dq=laudage+burdinus&hl=it&sa=X&ved=0ahUKEwiy5resk7zkAhXlmFwKHS27DoMQ6AEIKjAA#v=onepage&q=laudage%20burdinus&f=false>>. [Consultazione realizzata on-line 06/09/2019].
- LEMA PUEYO, José Ángel (2008) — *Alfonso I el Batallador, rey de Aragón y Pamplona (1104-1134)*. Gijón: Trea.
- LEONHARD, Joachim Felix (1992) — *Ancona nel basso medio evo*. Bologna: Il Lavoro Editoriale.
- LEUSCHNER, Joachim (1953) — *Arnold*. In *Neue Deutsche Biographie*. Vol. I. Disponibile in <<https://www.deutsche-biographie.de/sfz1303.html>>. [Consultazione realizzata on-line il 06/06/2018].
- LINEHAN, Peter (1995) — *The Church and Feudalism in the Spanish Kingdoms in the Eleventh and Twelfth centuries*. In *Chiesa e mondo feudale nei secoli X-XII*. Milano: Vita & Pensiero, p. 303-330. Atti della XII Settimana internazionale di studio. Mendola, 24-28 agosto 1992.

- LIVERANI, Paolo (2004) — *L'area lateranense in età tardoantica e le origini del Patriarcato*. «Mélanges de l'École française de Rome», vol. 116, n.º 1, p. 17-49.
- LOMAX, Derek William (1977) — *Rodrigo Jiménez de Rada como historiador*. In LOPEZ, François; PÉREZ, Joseph; SALOMON, Noël; CHEVALIER, Maxime, coord. — *Actas del Quinto Congreso Internacional de Hispanistas*. Vol. II. Bordeaux: Instituto de Estudios Ibéricos e Iberoamericanos, p. 587-592.
- LONGNON, Jean (1929) — *Les Français d'outre-mer au moyen-âge. Essai sur l'expansion française dans le bassin de la Méditerranée*. Paris: Perrin.
- LONGO, Umberto (2000-2001) — *Riti e agiografia. L'istituzione della "Commemoratorio omnium fidelium defunctorum" nelle "vitae" di Odilone di Cluny*. «Buletino dell'Istituto storico italiano per il medioevo», vol. 103, p. 163-200.
- (2012) — *A Saint of Damned Memory. Clement III, (Anti)Pope*. «Reti Medievali», vol. 13, n.º 1, p. 137-151.
- (2016) — *La riforma della Chiesa tra Pier Damiani a Bernardo di Chiaravalle. Un concetto da declinare al plurale*. In BOTTAZZI, Marialuisa; BUFFO, Paolo; CICOPIEDI, Caterina; FURBETTA, Luciana; GRANIER, Thomas, coord. — *La società monastica nei secoli VI-XII. Sentieri di ricerca*. Trieste, Rome: CERM-École française de Rome, p. 113-132.
- LONGO, Umberto; YAWN, Lila (2012) — *Framing Clement III, (Anti)Pope, 1080-1100*. «Reti Medievali», vol. 13, n.º 1, p. 115-119.
- LÓPEZ ALSINA, Fernando (1976) — *Introducción al fenómeno urbano medieval gallego, a través de tres ejemplos: Mondoñedo, Vivero y Ribadeo*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- (2012) — *La repoblación humana costera del norte peninsular*. In RUIZ DE LA PEÑA SOLAR, Juan Ignacio; SANZ FUENTES, María Josefa; CALLEJA PUERTA, Miguel, coord. — *Los fueros de Avilés y su época*. Oviedo: Real Instituto de Estudios Asturianos, p. 194-195.
- (2013) — *Diego Gelmírez, las raíces del Liber Sancti Jacobi y el Códice Calixtinus*. In LÓPEZ ALSINA, Fernando; MONTEAGUDO ROMERO, Henrique; VILLARES, Ramón; YZQUERDO PERRÍN, Ramón, coord. — *O século de Xelmírez*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, p. 301-386.
- (2015) — *La ciudad de Compostela en la Alta Edad Media*. 2.ª ed. Santiago de Compostela: Consorcio de Santiago-Universidade de Santiago de Compostela.
- LÓPEZ FERREIRO, Antonio (1900) — *Historia de la Santa A. M. Iglesia de Santiago de Compostela*. Vol. III. Santiago de Compostela: Seminario Conciliar Central.
- LÓPEZ MAYÁN, Mercedes (2016) — *Pontificales iluminados en Roma a finales del siglo XIII: nuevas aportaciones desde las bibliotecas castellanas*. In MADDALO, Silvia; PONZI, Eva, coord. — *Il libro miniato a Roma nel Duecento. Riflessioni e Proposte*. Vol. I. Roma: ISIME, p. 289-307.
- LÓPEZ SANGIL, José Luis (2007) — *La nobleza altomedieval gallega. La familia Froilaz-Traba. Sus fundaciones monacales en Galicia en los siglos XI, XII y XIII*. «Nalgures», vol. 4, p. 241-331.
- LORE, Vito (2008) — *Monasteri, principi, aristocrazie: la Trinità di Cava nei secoli XI e XII*. Spoleto: CISAM.
- LOUD, Graham A. (1993) — *The Genesis and the Context of the Chronicle of Falco of Benevento*. «Anglo-Norman Studies», vol. XV, p. 177-198.
- (2007) — *The Latin Church in Norman Italy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MACCARRONE, Michele (1991) — *Primato romano e monasteri dal principio del secolo XII ad Innocenzo III*. In MACCARRONE, Michele; ZERBI, Pietro, coord. — *Romana ecclesia Cathedra Petri*. Vol. II. Roma: Herder, p. 821-927.
- (1995) — *Papato e regno di Sicilia nel primo anno di pontificato di Innocenzo III*. In LAMBERTINI, Roberto, coord. — *Nuovi studi su Innocenzo III*. Roma: ISIME, p. 137-170.

- MAIRE VIGUEUR, Jean-Claude (2011) — *L'altra Roma. Una storia dei romani all'epoca dei comuni (secoli XII-XIV)*. Torino: Einaudi.
- MALECZEK, Werner (2009) — *Die Brüder des Papstes. Kardinale und Schriftgut der Kardinale*. In HERBERS, Klaus; JOHRENDT, Jochen, coord. — *Das Papsttum und das vielgestaltige Italien. Studien zu Papstgeschichte und Papsturkunden*. Berlin: De Gruyter, p. 331-372.
- MANSELLI, Raoul (2000) — *Anacleto II, antipapa*. In *Enciclopedia dei papi*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/antipapa-anacleto-ii_%28Enciclopedia-dei-Papi%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 23/05/2017].
- MANSILLA, Demetrio (1955) — *Restauración de las sufragáneas de Braga a través de la Reconquista*. «Revista Portuguesa de História», vol. VI, n.º I, p. 117-148.
- MANSILLA REYO (1959) — *Orígenes de la organización metropolitana en la iglesia española*. «Hispania sacra. Revista española de historia eclesiástica», vol. 12, p. 255-290.
- MARAVALL, José Antonio (1997) — *El concepto de España en la Edad Media*. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales.
- MARCHIORI, Laura (2009) — *Medieval wall painting in the church of Santa Maria in Pallara, Rome: the use of objective dating criteria*. «Papers of the British School at Rome», vol. 77, p. 225-255.
- MARIANI, Andrea; RENZI, Francesco (2017) — *Lettere e privilegi papali durante il pontificato di Ugo di Oporto (1112-1136)*. *Nuovi studi ed ipotesi di ricerca*. «CEM-Cultura, Espaço & Memória», vol. 8, p. 91-107.
- MARQUES, André Evangelista (2014) — *A representação documental à materialidade do espaço. Território da diocese de Braga (sécs. IX-XI)*. Porto: CITCEM; Edições Afrontamento.
- MARQUES, José (1983) — *Braga medieval*. Braga: Livraria Cruz.
- MARQUES, José (1992) — *O culto de S. Tiago no norte de Portugal*. «Lusitania Sacra», 2ª série, vol. 4, p. 99-148.
- _____ (1999) — *O problema da primazia arquiépiscopal das Espanhas: Toledo ou Braga?*. In MARQUES, José, coord. — *Studium Dilectum. Colectânea de homenagem do Prof. Doutor Justino Mendes Almeida pelo seu 50.º aniversário de actividade científica*. Lisboa: A.P.H., p. 199-222.
- _____ (2017) — *A Igreja no tempo de D. Afonso Henriques. Alguns aspetos*. In BARROCA, Mário Jorge, coord. — *No tempo de D. Afonso Henriques. Reflexões sobre o primeiro século português*. Porto: CITCEM, p. 27-69.
- MARQUES, Maria Alegria (2017) — *Entre Restauração e afirmação. A diocese do Porto nas relações entre Portugal e a santa Sé (1114-1216)*. In AMARAL, Luís Carlos, coord. — *Um poder entre poderes. Nos 900 anos da diocese do Porto e da construção do cabido Portucalense*. Porto: CEHR/ Universidade Católica Portuguesa, p. 345-360.
- MARROCCHI, Mario; PREZZOLINI, Carlo (2007) — *La Tuscia nell'alto e pieno Medioevo: fonti e temi storiografici "territoriali" e "generalisti": in memoria di Wilhelm Kurze*. Firenze: Sismel-Ed. Galluzzo.
- MARTIN, Jean-Marie (2009) — *L'antroponimia a Roma (secoli X-XIII): evoluzione e caratteri specifici*. In CAFFARELLI, Enzo; POCETTI, Paolo, coord. — *L'onomastica di Roma: ventotto secoli di nomi*. Roma: Società Editrice Romana, p. 135-144.
- MARTÍN MARTÍN, José Luís (2013) — *Problemas de límites en las diócesis vecinas de Castilla y Portugal en la Edad Media*. In HERBERS, Klaus; ENGEL, Frank; LÓPEZ ALSINA, Fernando, coord. — *Das begrenzte Papsttum: Spielräume päpstlichen Handelns. Legaten-delegierte Richter-Grenzen*. Berlin; Boston: De Gruyter, p. 169-198.
- MARTÍNEZ DÍEZ, Gonzalo (2003) — *Alfonso VI. Señor del Cid, Conquistador de Toledo*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy.
- MARTÍNEZ LLORENTE, Félix Javier (2014) — *Episcologi franco-català de la diòcesi castellana de Palència (1034-1207): un estudi històric Jurídic*. «Revista de Dret Històric Català», vol. 13, p. 49-100.

- MARTINS, Mário (1957) — *Peregrinações e livros de milagres na nossa idade média*. Lisboa: Edições Brotéria.
- MARTINS FERREIRA, João (2014) — *A Nobreza Galego-Portuguesa da Diocese de Tui (915-1381): Teoria e metodologia*. In MIRANDA, Flávio; SEQUEIRA, Joana; FARIA, Diogo, coord. — *Incipit 2. Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto*. Porto: FLUP, p. 41-50.
- MARTORANO, Francesca (2002) — *Santo Niceto nella Calabria medievale. Storia, architettura, tecniche edilizie*. Roma: L'Erma di Bretschneider.
- MATTHEW, Donald (1981) — *The chronicle of Romuald of Salerno*. In DAVIS, Ralph Henry Carless; WALLACE-HADRILL, John Michael, coord. — *The Writing of History in the Middle Ages. Essays Presented to Richard William Southern*. Oxford: Clarendon Press, p. 239-274.
- MATTOSO, José (1968) — *Le monachisme ibérique et Cluny. Les monastères du diocèse de Porto de Van mille à 1200*. Louvain: Publications Universitaires.
- (1993) — *História de Portugal: A monarquia feudal (1096-1480)*. Vols. I e II. Lisboa: Editorial Estampa.
- (2007) — *Don Afonso Henriques*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- (2011) — *Medieval Studies in Portugal: An Overview*. In MATTOSO, José; ROSA, Maria de Lurdes; VASCONCELOS E SOUSA, Bernardo; BRANCO, Maria João, coord. — *The Historiography of Medieval Portugal (1950-2010)*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, p. 11-24.
- (2017) *Entre Oriente e Ocidente: Contactos de Portugal com o mundo nas origens da nacionalidade*. In BARROCA, Mário Jorge, coord. — *No tempo de D. Afonso Henriques. Reflexões sobre o primeiro século português*. Porto: CITCEM, p. 11-25.
- MAZZANTI, Giuseppe (2000) — *Irnerio: contributo a una biografia*. «Rivista Internazionale di Diritto Comune», vol. 11, p. 117-184.
- MCDONALD, R. Thomas (1995) — *Tours/Touraine*. In KIBLER, William; GROVER, A. Zinn; BELL HENNEMAN, John Jr.; EARP, Lawrence, coord. — *Medieval France: An Encyclopedia*. New York; London: Garland Publishing Inc., p. 917.
- MCDOUGALL, Sara (2017) — *Royal Bastards: The Birth of Illegitimacy, 800-1230*. Oxford: Oxford University Press.
- MEYER VON KRONAU, Gerold (1909) — *Jahrbücher des deutschen Reiches unter Heinrich IV. und Heinrich V. zu 1116 bis 1125*. Vol. VII. Leipzig: Duncker & Humblot.
- MEYER, Bruno (1998) — *El desarrollo de las relaciones políticas entre Castilla y el Imperio en los tiempos de los Staufes*. «En la España medieval», vol. 21, p. 30-35.
- MEZZADRI, Luigi; TAGLIAFERRI, Maurizio; GUERRIERO, Elio, coord. (2008) — *Le diocesi d'Italia*. Vol. III. Cinisello Balsamo: San Paolo.
- MICCOLI, Giovanni (2000) — *Callisto II*. In *Enciclopedia dei papi*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/callisto-ii_%28Enciclopedia-dei-Papi%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 30/05/2018].
- MIGLIO, Massimo (1998) — *Progetti di supremazia universalistica*. In ARTIFONI, Enrico, coord. — *Storia Medievale*. Roma: Donzelli Editore, p. 435-461.
- MILANESI, Giorgio (2013) — *“Bonifica” delle immagini e “propaganda” in Aquitania durante lo scisma del 1130-1138*. Verona: Scripta Edizioni.
- MILANI, Giuliano (2000) — *Lucio II*. In *Enciclopedia dei Papi*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/lucio-ii_%28Enciclopedia-dei-Papi%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 06/06/2018].
- MILANO, Nicola (1982) — *Le chiese della Diocesi di Bari: note storiche e artistiche*. Bari: Levante.
- MILLER, Julie A. (1995) — *Kayseri*. In RING, Trudy, coord. — *International Dictionary of Historic Places: — Southern Europe*. Vol. III. Chicago; London: Fitzroy Dearborn Publishers, p. 368-371.
- MINNUCCI, Giovanni (2007) — *La Dieta di Roncaglia (1158), la Lex “Regalia” di Federico Barbarossa e la Summula “Ad legem juliam maiestatis”*. In LIOTTA, Filippo, coord. — *Studi del diritto medioevale e moderno*. Vol. II. Bologna: Monduzzi, p. 1-20.

- MOSCATI, Laura (1980) — *Alle origini del comune romano: economia, società, istituzioni*. Roma: B. Carucci.
- MOSQUERA AGRELO, Manuel (2002) — *La diócesis de Lugo en la Edad Media*. In GARCÍA ORO, José, coord. — *Historia de las diócesis españolas*. Vol. 15: *Iglesias de Lugo, Mondoñedo-Ferrol y Orense*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 21-94.
- MÜLLER, Harald (2012) — *Gegenpäpste. Ein unerwünschtes mittelalterliches Phänomen*. In MÜLLER Harald; HOTZ, Brigitte, coord. — *Gegenpäpste Ein unerwünschtes mittelalterliches Phänomen*. Wien; Köln; Weimar: Böhlau Verlag, p. 13-54.
- MÜLLER, Jörg R. (2006) — *Vir religiosus ac strenuus: Albero von Montreuil, Erzbischof von Trier (1132-1152)*. Trier: Kliomedia.
- MUR I RAURELL, Anna; LEPORE, Michele; ANZIVINO Antonio (2007) — *Sulle Orme dei Calatrava. I rapporti fra la Spagna e l'abbazia Sancti Angeli di Orsara di Puglia nel XII e XIII secolo*. Foggia: Pro Loco di Orsara di Puglia; Istituto Storico Austriaco di Madrid.
- NASCIMENTO, Aires A. (1980) — «Corepiscopus». *Um arcaísmo não compreendido na «Vita Tellonis»*. «Didaskalia», vol. X, p. 381-390.
- NAVARRA, Bruno (1980) — *San Bruno Astense vescovo di Segni e abate di Montecassino*. Roma: Centro di Studi del Lazio.
- NICCOLI, Mario (1934) — *Novaziano*. In *Enciclopedia Italiana Treccani*. Disponibile in <https://www.treccani.it/enciclopedia/novaziano_%28Enciclopedia-Italiana%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 06/06/2018].
- NISPI-LANDI, Ciro (1887) — *Storia dell'antichissima città di Sutri*. Roma: Tipografia Desiderj-Ferretti.
- NOBRE VELOSO, Maria Teresa (2006) — *D. Maurício, monge de Cluny, bispo de Coimbra, peregrino na Terra Santa*. In *Estudos de Homenagem ao Professor Doutor José Marques*. Vol. I. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 125-135.
- *Novaziano*. In *Dizionario di Storia Treccani*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/novaziano_%28Dizionario-di-Storia%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 06/06/2018].
- NOVOA PORTELA, Feliciano (2007) — *God's travelers in the Middle Ages*. In NOVOA PORTELA, Feliciano; VILLALBA RUIZ DE TOLEDO, F. Javier, coord. — *Viajes y Viajeros en la Europa medieval*. Madrid: CSIC, p. 265-271.
- NYBERG, Tore (1985) — *König Knut der Heilige, Teuzo und der Peterspfennig aus Dänemark*. «Archivum Historiae Pontificiae», vol. 23, p. 359-365.
- O'MALLEY, Austin (1954) — *Tello and Theotonio: The Twelfth-century Founders of the Monastery of Santa Cruz in Coimbra*. Washington: Catholic University of America Press.
- ORVIETANI BUSCH, Silvia (2001) — *Medieval Mediterranean Ports: The Catalan and Tuscan Coasts, 1100 to 1235*. Leiden; Boston; Köln: Brill.
- PADOVANI, Andrea (2007) — *Roberto di Torigni, Lanfranco, Irnerio e la scienza giuridica anglo-normanna nell'età di Vacario*. «Rivista Internazionale di Diritto Comune», vol. 18, p. 71-140.
- PAGANI, Gianluca (2004) — *El imperio en la agenda alfonsí. Una Mirada bibliográfica*. «História, Instituciones, Documentos», vol. 31, p. 475-482.
- PALLARES MÉNDEZ, Mária del Carmen; PORTELA SILVA, Ermelindo (1993) — *Aristocracia y sistema de parentesco en la Galicia de la Edad media: el grupo de los Traba*. «Hispania. Revista española de historia», vol. 53, n.º 185, p. 823-840.
- PALUDAN, Helge (1966-1967) — *Flos Danie. Personerog Standpunkter i dansk politik under Kong Niels*. «Historie/Jyske Samlinger, Bind Ny række», vol. 7. Disponibile in <<https://tidsskrift.dk/historiejyskesamling/article/view/38614/41860>>. [Consultazione realizzata on-line il 09/08/2019].
- PALUMBO, Pier Fausto (1942) — *Lo scisma del 1130: i precedenti, la vicenda romana e le ripercussioni europee della lotta tra Anacleto e Innocenzo II, col regesto degli atti di Anacleto II*. Roma: Deputazione alla Biblioteca Vallicelliana.

- PARAVICINI BAGLIANI, Agostino (2013) — *Morte e elezione del papa. Norme, riti e conflitti. Il Medioevo*. Roma: Viella.
- PASCUA, Esther Echegaray (2001) — *South of Pyrenees: kings, magnates and political bargaining in Twelfth-century Spain*. «Journal of Medieval History», vol. 27, n.º 2, p. 101-120.
- PATITUCCI UGGERI, Stella (2004) — *La via Francigena in Toscana*. In PATITUCCI UGGERI, Stella, coord. — *La via Francigena e altre strade della Toscana medievale*. Firenze: All'Insegna del Giglio, p. 9-133.
- PATLAGEAN, Évelyne (2009) — *Un medioevo greco: Bisanzio tra IX e XV secolo*. Bari: Dedalo.
- PATURZO, Franco (2002) — *Arezzo medievale: la città e il suo territorio dalla fine del mondo antico al 1384*. Camucia di Cortona, Arezzo: Calosci.
- PAUL, Guillaume (1877) — *Essai historique sur l'abbaye de Cava d'après des documents inédits*. Cava: Abbayes des RR. Pères Bénédictins.
- PAUTRIER, Massimo (2013) — *I Santi delle Chiese medievali di Roma (IV-XIV secolo)*. Roma: Lulu.com.
- PENCO, Gregorio (1995) — *Storia del monachesimo in Italia: dalle origini alla fine del Medioevo*. Milano: Jaca Book.
- PÉREZ RODRÍGUEZ, Francisco Javier (1996) — *La Iglesia de Santiago de Compostela en la Edad Media: El Cabildo Catedralicio (1100-1400)*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- (2002) — *La diócesis de Orense: de la reforma gregoriana al Concilio de Trento (siglos XII-XVI)*. In GARCÍA ORO, José, coord. — *Historia de las diócesis españolas*. Vol. 15: *Iglesias de Lugo, Mondoñedo-Ferrol y Orense*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, p. 395-470.
- PESIRI, Giovanni (2016) — *Il tardo medioevo a Fondi: cultura, società, istituzioni*. In M. GIANANDREA, Manuela; D'ONOFRIO, Mario, coord. — *Fondi nel Medioevo*. Roma: Cangemi Editore, p. 179-195.
- PETERSOHN, Jürgen (2009) — *Capitolium conscendimus Kaiser Heinrich V. und Rom*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag.
- (2010) — *Kaisertum und Rom in spätsalischer und staufischer Zeit. Romidee und Rompolitik von Heinrich V. bis Friedrich II*. Hannover: Hahnsche Buchhandlung.
- PETTIAU, Hérold (2018) — *Présences de souverains dans l'espace du regnum Lotharii: Itinéraires, lieux de pouvoir et fidélités "lotharingiennes" (869-36)*. In PETTIAU, Hérold; MARGUE, Michel, coord. — *La Lotharingie en question. Identités, oppositions, intégration — Lotharingische Identitäten im Spannungsfeld zwischen integrativen und partikularen Kräften*. Luxembourg: CLUDEM, p. 153-197.
- PFAFF, Volkert (1979) — *Celestino III, papa*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Vol. 23. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/papa-celestino-iii_%28Dizionario-Biografico%29/>. [Consultazione on-line il 07/06/2018].
- PIAZZA, Andrea (2000a) — *Vittore IV, antipapa*. In *Enciclopedia dei papi*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/antipapa-vittore-iv_%28Enciclopedia-dei-Papi%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 07/06/2018].
- (2000b) — *Teodorico, antipapa*. In *Enciclopedia dei papi*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/antipapa-teodorico_%28Enciclopedia-dei-Papi%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 07/06/2018].
- (2000c) — *Alberto, antipapa*. In *Enciclopedia dei papi*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/antipapa-alberto_%28Enciclopedia-dei-Papi%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 07/06/2018].
- (2018d) — *Silvestro IV, antipapa*. In *Dizionario Biografico degli italiani*. Vol. 92. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/antipapa-silvestro-iv_%28Dizionario-Biografico%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 07/06/2018].
- PICK, Lucy K. (2013) — *Rethinking Cluny in Spain*. «Journal of Medieval Iberian Studies», vol. 5, n.º 1, p. 1-17.

- PIETROBONO, Sabrina (2003) — *Carta Archeologica Medievale Frosinone*. Borgo S. Lorenzo, FI: All'Insegna del Giglio.
- PISTILLI, Emilio (2006) — *I confini della terra di San Benedetto dalla donazione di Gisulfo al secolo XI*. Cassino: Gruppo Immobiliare Ing. Franco di Meo & Figli.
- PLACANICA, Augusto (1999) — *Storia della Calabria medievale: I quadri generali*. Roma: Cangemi.
- POLLOCK, Melissa A. (2015) — *Scotland, England and France after the Loss of Normandy, 1204-1296: "Auld Amitie"*. Woodbridge: The Boydell Press.
- PORTELA SILVA, Ermelindo (1988) — *Revueltas compostelanas del siglo XII: un episodio en el nacimiento de la sociedad feudal*. «Semata-Ciencias Sociais e Humanidades», vol. 1, p. 89-105.
- (2017) *Diego Gelmírez y Hugo de Porto. Poderes y Fronteras* (2017) — In AMARAL, Luís Carlos, coord. — *Um poder entre poderes. Nos 900 anos da diocese do Porto e da construção do cabido Portucalense*. Porto: CEHR/Universidade Católica Portuguesa, p. 363-385.
- POWER, Daniel (2004) — *The Norman Frontier in the Twelfth and Early Thirteenth Centuries*. Cambridge: Cambridge University Press.
- REAL, Manuel Luís (1990) — *O projeto da catedral de Braga, e as origens do românico português. In IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga. Congresso Internacional*. Vol. I. Braga: Universidade Católica Portuguesa; Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, p. 435-511.
- REGLERO DE LA FUENTE, Carlos Manuel (2008) — *Cluny en España: los prioratos de la provincia y sus redes sociales: 1173-ca. 1270*. León: Centro de Estudios e Investigación "San Isidoro".
- REILLY, Bernard Franklin (1982) — *The Kingdom of León-Castilla under Queen Urraca, 1065-1109*. Princeton: Princeton University Press.
- (1998) — *The Kingdom of León-Castilla under King Alfonso VII, 1126-1157*. Philadelphia: Pennsylvania University Press.
- (2003) — *Alfonso VI King of León-Castile*. In GERLI, E. Michael, coord. — *Medieval Iberia: An Encyclopedia*. New York; London: Routledge, 2003, p. 58-59.
- RENZI, Francesco (2013) — *Il cuneo di san Bernardo. Le reti cistercensi nel nord della penisola iberica: il caso galiziano (1142-1250)*. Bologna: Università di Bologna "Alma Mater Studiorum". Tesi di Dottorato.
- (2014) — *I monaci bianchi in Galizia. Le reti cistercensi (1142-1250)*. Trieste: CERM.
- (2017) — *Fondazione ed entrata nell'Ordine cistercense dei monasteri galiziani (1142-1199). Le cronologie come strumenti di ricerca*. In OSSWALD, Helena; AMARAL, Luís Carlos, coord. — *De Cister a outros espaços e caminhos: as Beiras e as suas expressões histórico-culturais*. Lafões: Ass. Amigos do Mosteiro de São Cristovão de Lafões, p. 41-67.
- (2018a) — *"Imperator Burdinum Hispanum Romanae sedi violenter imposuit". A Research Proposal on the Archbishop of Braga and Antipope Gregory VIII, Maurice "Bourdin"*. «Imago Temporis. Medium Aevum», vol. 12, p. 211-235.
- (2018b) — *Dal Portogallo alla Terra Santa. Gli itinerari di Maurizio "Burdino" (secoli XI-XII)*. In EBANISTA, Carlo; ROTILI, Marcello, coord. — *Il Mediterraneo fra tarda antichità e medioevo: integrazione di culture, scambi, pellegrinaggi*. Napoli: Guida Ed., p. 207-218.
- (2018c) — *Il terremoto del 1117. Una lettura europea attraverso le fonti relative all'antipapa Gregorio VIII (Maurizio Burdino, 1118-1121)*. In CALZONA, Arturo; CANTARELLA, Glauco Maria; MILANESI, Giorgio, coord. — *Terremoto in Val Padana: 1117 la terra sconquassa e sprofonda*. Verona: Scripta Edizioni, p. 365-380.
- (2019a) — *Uno sguardo "altro" sul papato di inizio XII secolo. Le elezioni di papa Gelasio II, dell'antipapa Gregorio VIII e il loro "spazio sonoro"*. In RODRÍGUEZ, Gerardo et. al., coord. — *Paisajes Sonoros Medievales*. Mar del Plata: Universidad Nacional de Mar del Plata, p. 283-314.
- (2019b) — *Da Coimbra a Costantinopoli fino a Cluny. Il viaggio di Maurizio "Burdino" e la donazione della Croce all'abate Ponzio di Melgueil (1104-1112)*. In FERRERO, Marco, coord. — *Un abate, un monastero, un Crocifisso. Ponzio di Melgueil da Cluny a Campus Sion*. Vicenza: Scriptorium, p. 19-44.

- (2019c) — *Un regno sotto la protezione di San Pietro. Le relazioni tra Papato e Portogallo da una prospettiva romana (1143-1212)*. In FERNANDES, Isabel Cristina; BRANCO, Maria João, coord. — *Da conquista de Lisboa à conquista de Alcácer (1147-1217). Definição e dinâmicas de um Território de Fronteira*. Lisboa, Edições Colibri, 2019, p. 201-238.
- RENZI, Francesco; GOMES, Joana (2020) — *La frontiera occidentale dell'Hispania. Alla ricerca della Galizia e del Portogallo medievali (secoli VI-XII)*. In CALZONA, Arturo; CANTARELLA, Glauco Maria, coord. — *Autocoscienza del territorio, Storie e Miti: dal mondo antico all'età moderna*. Verona: Scripta Edizioni, p. 77-92.
- RENZI, Francesco; VENEZIANI, Enrico (2020) — *Alcune note sulla Riforma della Chiesa Romana nel Pienomedioevo (Secoli XI-XII)*. «Via Spiritus», vol. 27, p. 5-33.
- RIANT, Paul Edouard Didier (1886) — *Le martyre de Thiemon de Salzbourg*. «Révúe des questions historiques», vol. 39, p. 218-236.
- RIBEIRO, Maria do Carmo (2009-2010) — *A evolução da paisagem urbana de Braga desde a época romana até à Idade Moderna. Síntese de resultados*. «Forum», vol. 44-45, p. 179-201.
- RIGUEIRO GARCÍA, Jorge (2016) — *El oído en el arte medieval (siglos XI-XIV). Una aproximación a la antropología del oído*. In RODRÍGUEZ, Gerardo; CORONADO SCHWINDT, Gisela, coord. — *Paisajes sensoriales. Sonidos y silencios de la Edad Media*. Mar del Plata: Universidad Nacional de Mar del Plata, p. 174-208.
- RIVERA RECIO, Juan Francisco (1962) — *El arzobispo de Toledo don Bernardo de Cluny (1086-1124)*. Roma: Iglesia Nacional Española.
- ROBERT, Ulysse (1891) — *Histoire du Pape Calixte II*. Paris: Picard.
- ROBINSON, Ian Stuart (1990) — *The Papacy, 1073-1198: Continuity and Innovation*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- (1999) — *Henry IV of Germany 1056-1106*. Cambridge: Cambridge University Press.
- (2004) — *The Papal Reform of the Eleventh Century: Lives of Pope Leo IX and Pope Gregory VII*. Manchester: Manchester University Press.
- (2016) — *Innocent II and the Empire*. In DORAN, John; SMITH, Damian J., coord. — *Pope Innocent II (1130-43): the world vs the city*. London; New York: Routledge, p. 27-68.
- ROMANELLI, Rosalinda (2017) — *Pittura Medievale in Puglia e Basilicata*. «Mathera», vol. I, p. 43-47.
- ROMERO PORTILLA, Paz (2006) — *Un Observatorio privilegiado de las relaciones entre Castilla y Portugal: Tuy en la Edad Media*. In *Estudos de Homenagem ao Professor Doutor José Marques*. Vol. I. Porto: FLUP, p. 247-259.
- RUBIO SADIA, Juan Pablo (2004) — *Las órdenes religiosas y la introducción del rito romano en la iglesia de Toledo. Una aportación desde las fuentes litúrgicas*. Toledo: Instituto Teológico San Ildefonso; Instituto de Estudios Visigóticos-Mozárabes.
- RUSCONI, Roberto (2009) — *Il papa santo negli ultimi secoli del medioevo: tra Gregorio VII e Urbano V*. In MELVILLE, Gert, coord. — *Institution und Charisma*. Köln; Weimar; Wien: Böhlau, p. 481-490.
- RUST, Leandro Duarte (2010) — *“Colunas vivas de São Pedro”: concílios, temporalidades e reforma na história institucional do Papado medieval (1046-1215)*. Niterói: Universidade Federal Fluminense. Tesi di Dottorato.
- (2010) *O papado medieval em uma longa duração aparente: para uma crítica da memória reformadora romana*. In SILVA FONSECA, Celso; BARROS RIBEIRO, Maria Eurydice de; COELHO, Maria Filomena, coord. — *Anais da VII Semana de Estudos Medievais Por uma longa Idade Média: perspectivas dos Estudos Medievais no Brasil*. Brasília: PEM/Universidade de Brasília, p. 281-300.
- (2011) — *O heroísmo ao avesso: os ‘antipapas’ e a memória historiográfica da política papal (1040-1130)*. «Historia», vol. 30, n.º 2. Disponibile in <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010190742011000200013&script=sci_abstract&tlng=pt>. [Consultazione realizzata on-line il 07/11/2018].

- ____ (2012) — *Historiografia, Filosofia Política Moderna e Antipapas Medievais (1040-1140)*. «Revista Crítica Histórica», Ano IV, n.º 7, p. 285-314.
- ____ (2013) — *A Reforma Papal (1050-1150): trajetórias e críticas de uma história*. Cuiabá: Ed. UFMT.
- ____ (2015) — *Inventando Gregório VII: Os Ad Heinricum IV Imperatorem libri VII e a busca pela medida do passado*. «Varia Historia», vol. 31, n.º 55, p. 21-51.
- RUST, Leandro Duarte; LOPES FRAZÃO DA SILVA, Andréia Cristina (2009) — *A Reforma Gregoriana: trajetórias historiográficas de um conceito*. «História da Historiografia», vol. 3, p. 135-152.
- SÁNCHEZ SÁNCHEZ, Xosé (2010) — *La peregrinación a Santiago de Compostela y el poder pontificio entre los siglos XII y XV*. «Ad Limina», vol. 1, p. 181-200.
- SARDELLA, Teresa (2000) — *Lorenzo, antipapa*. In *Enciclopedia dei Papi*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/antipapa-lorenzo_%28Enciclopedia-dei-Papi%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 16/05/2019].
- SCHIEFFER, Rudolf (2012) — *Das Reformpapsttum und seine Gegenpäpste*. In MÜLLER Harald; HOTZ, Brigitte, coord. — *Gegenpäpste Ein unerwünschtes mittelalterliches Phänomen*. Wien; Köln; Weimar: Böhlau Verlag, p. 71-82.
- SCHILLING, Beate (1998) — *Guido von Vienne-Papst Calixt II*. Hannover: Hahnsche Buchhandlung.
- SCHMALE, Franz-Josef (1961) — *Studien zum Schisma des Jahres 1130*. Cologne: Böhlau.
- SCHNEIDEMÜLLER, Bernd (1994) — *Regni aut Ecclesie turbator. Kaiser Heinrich V. in der zeitgenössischen französischen Geshichtsschreibung*. In STAAB, Franz, coord. — *Auslandsbeziehungen unter den salischen Kaisern. Geschichte Auseinandersetzung und Politik*. Speyer: Verlag der Pfälzischen Gesellschaft zur Förderung der Wissenschaften, p. 195-222.
- ____ (2007) — *Die Kaiser des Mittelalters: Von Karl dem Großen bis Maximilian I*. München: Verlag C. H. Beck.
- SCHNEIDER, Fedor (1930) — *Attone I, arcivescovo di Magonza*. In *Enciclopedia Treccani*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/attone-i-arcivescovo-di-magonza_%28Enciclopedia-Italiana%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 19/04/2018].
- SCHNÜRER, Gustav (1906) — *Das Fragmentum Fantuzzianum neu herausgegeben und kritisch untersucht: ein Beitrag zur Geschichte und Entstehung des Kirchenstaates*. Freiburg: O. Gschwend.
- SCHREINER, Klaus (1989) — *Gregor VIII., nackt auf einem Esel. Entehrende Entblößung und schandbares Reiten im Spiegel einer Miniatur der Sächsischen Weltchronik*. In BERG, Dieter; GOETZ, Hans-Werner, coord. — *Ecclesia et Regnum. Beiträge zur Geschichte von Kirche, Recht und Staat im Mittelalter. Festschrift für Franz-Josef Schmale zu seinem 65. Geburtstag*. Bochum: Verlag Dr. Dieter Winkler, p. 155-202.
- SCHWEDLER, Gerald (2012) — *Zur damnatio memoriae bei Gegenpäpsten. Chancen und Grenzen eines diachronen Vergleichs von Hippolyt (217-235) bis Felix V. (1439-1449)*. In MÜLLER Harald; HOTZ, Brigitte, coord. — *Gegenpäpste Ein unerwünschtes mittelalterliches Phänomen*. Wien; Köln; Weimar: Böhlau Verlag, p. 205-229.
- SEGL, Peter (1977) — *Cluny in Spanien. Ergebnisse und neue Fragestellungen*. «Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters», vol. 33, p. 560-569.
- SÉGURET, Pierre (1997) — *Conques: l'art, l'histoire, le sacré*. Genève: Éditions du Tricornet.
- SILVA, Maria João Oliveira e (2008) — *Scriptores et Notatores. A Produção Documental da Sé do Porto (1113-1247)*. Porto: Fio da Palavra.
- SILVA LOPES, João Baptista de (1844) — *Relação da derrota naval, façanhas, e successos dos cruzados que partrirão do Escalda para a Terra Santa no Anno de 1189*. Lisboa: Academia Real das Ciências.
- SMITH, Damian J. (2012) — *Alexander III and Spain*. In CLARKE, Peter D.; DUGGAN, Anne J., coord. — *Pope Alexander III (1159-81): The Art of Survival*. London; New York: Routledge, p. 203-241.
- ____ (2016) — *The men who would be kings: Innocent II and Spain*. In DORAN, John; SMITH, Damian J., coord. — *Pope Innocent II (1130-43): the world vs the city*. London; New York: Routledge, p. 181-204.

- SOARES, Torquato Sousa (1974) — *O governo de Portugal pelo Conde Henrique de Borgonha: suas relações com as monarquias Leonesa Castelhana e Aragonesa*. «Revista Portuguesa de História», vol. 14, p. 365-397.
- SORANZO, Giovanni (1949) — *Gregorio VII e gli stati vassalli della Chiesa*. «Aevum», vol. 23, fasc. 1-2, p. 131-158.
- SOTO RÁBANOS, José María (2008) — *¿Se puede hablar de un entremado político-religioso en el proceso de independencia de Portugal?* «Hispania. Revista española de historia», vol. 67, n.º 227, p. 798-826
- SPINELLI, Anna (2003) — *Tra l'inferno e il mare: breve storia economica e sociale della pirateria*. Ravenna: Fernandel.
- STOLLER Michael (1985) — *Schism in the reform papacy: the documents and councils of the antipopes, 1061-1121*. Cambridge: Columbia University. Tesi di Dottorato.
- STONE, Ian (2015) — *Arnold Fitz Thedmar: Identity, Politics and the City of London in the Thirteenth Century*. «The London Journal», vol. 40, n.º 2, p. 106-122.
- STROLL, Mary (1987) — *Ideology and Politics in the Papal Schism of 1130*. Leiden; New York; Copenhagen; Köln: Brill.
- (1991) — *Symbols as Power. The Papacy following the Investiture context*. Leiden; Boston; New York: Brill.
- (1997) — *The Medieval Abbey of Farfa: Target of Papal and Imperial Ambitions*. Leiden; New York; Köln: Brill.
- (2004) — *Calixtus II (1119-1124). A Pope born to rule*. Leiden; Boston: Brill.
- (2011) — *Popes and Antipopes: The Politics of Eleventh Century Church Reform*. Leiden; Boston: Brill.
- STRUVE, Tillmann (1995) — *Mathilde von Tuszien-Canossa und Heinrich V. Der Wandel ihrer Beziehungen vor dem Hintergrund des Inuestiturstreites*. «Historisches Jahrbuch», vol. 115, p. 41-84.
- SZENDE, Katalin; VÉGH, András (2015) — *Royal Power and Urban Space in Medieval Hungary*. In CLARKE, Howard B., coord. — *Lords and Towns in Medieval Europe: Maps and Texts*. Farnham: Ashgate, p. 255-286.
- TAKAYAMA, Hiroshi (1993) — *The Administration of the Norman Kingdom of Sicily*. Leiden; Boston; New York: Brill.
- TANGHERONI, Marco (1999) — *Itinerari marittimi a Gerusalemme*. In CAUCCI VON SAUCKEN, Paolo, coord. — *Il mondo dei pellegrinaggi: Roma, Santiago, Gerusalemme*. Milano: Jaca Book, p. 213-256.
- TANI, Aristide (1922) — *Le Chiese di Roma: guida storico-artistica, con introduzione del A. Serafini. Chiese stazionali*. Torino: Edizioni d'arte E. Celanza.
- THOMAS, Hugh M. (2008) — *The Norman Conquest: England after William the Conqueror*. Plymouth: Rowman & Littlefield Publishers, Plymouth.
- THUMSER, Matthias (1991) — *Die Frangipane. Abriss der Geschichte einer Adelsfamilie im hochmittelalterlichen Rom*. «Quellen und Forschungen aus italienischen Archiven und Bibliotheken», vol. 71, p. 106-163.
- (1995) — *Rom und der römische Adel in der späten Stauferzeit*. Tübingen: Niemeyer Verlag.
- (1998a) — *Frangipane, Leone*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Vol. 50. Disponibile in <[http://www.treccani.it/enciclopedia/leone-frangipane_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/leone-frangipane_(Dizionario-Biografico)/)>. [Consultazione realizzata on-line il 23/05/2018].
- (1998b) — *Frangipane, Cencio*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Vol. 50. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/cencio-frangipane_%28Dizionario-Biografico%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 23/05/2018].
- TILLMANN, Helene (1972) — *Ricerche sull'origine dei membri del collegio cardinalizio nel XII secolo*. «Rivista di storia della Chiesa in Italia», vol. 26, p. 313-353.

- TOMASSETTI, Giuseppe; BIASOTTI, Giovanni (1909) — *La diocesi di Sabina*. Roma: Officina Poligrafica Editrice.
- TOUBERT, Pierre (1973) — *Les structures du Latium médiéval: le Latium méridional et la Sabine du IXe siècle à la fin du XIIe siècle*. Vol. II. Rome: École française de Rome.
- TOSI, Renzo (1991) — *Dizionario delle sentenze latine e greche*. Milano: Rizzoli.
- TRAMONTANA, Salvatore (2000) — *Il Mezzogiorno medievale: normanni, svevi, angioini, aragonesi nei secoli XI-XV*. Roma: Carocci.
- TRUAX, Jean (2012) — *Archbishops Ralph D'Escures, William of Corbeil, and Theobald of Bec: Heirs of Anselm and Ancestors of Becket*. Burlington: Ashgate.
- TURCHI, Nicola (1935) — *Ordines Romani*. In *Enciclopedia Italiana Treccani*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/ordines-romani_%28Enciclopedia-Italiana%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 02/10/2018].
- TWYMAN, Susan (1996) — *Papal Adventus at Rome in the Twelfth Century*. «Historical Research», vol. 69, n.º 170, p. 233-253.
- Ulrico I patriarca di Aquileia*. In *Enciclopedia Treccani*. Disponibile in <<http://www.treccani.it/enciclopedia/ulrico-i-patriarca-di-aquileia/>>. [Consultazione realizzata on-line il 17/04/2018].
- VALENTINI, Roberto; ZUCCHETTI, Giuseppe (1942) — *Codice topografico della città di Roma*. Roma: Tipografia del Senato.
- VAN HERWAARDEN, Jan (2003) — *Between Saint James and Erasmus: Studies in Late-Medieval Religious Life. Devotion and Pilgrimage in the Netherlands*. Leiden; Boston: Brill.
- VAN HOUTS, Elisabeth (2000) — *The Normans in Europe*. Manchester; New York: Manchester University Press.
- VANOLI, Alessandro (2001) — *Le parole e il mare. Tre considerazioni sull'immaginario politico mediterraneo*. Torino: Nino Aragno Editore.
- VASINA, Augusto; SUSINI, Gian Carlo (1993) — *Storia di Ravenna*. Vol. III. Ravenna: Comune di Ravenna.
- VENDITTELLI, Marco (2008) — *Sutri nel medioevo (secoli X-XIV)*. In VENDITTELLI, Marco, *coord.* — *Sutri nel Medioevo: storia, insediamento urbano e territorio; (secolo X-XIV)*. Roma: Viella, p. 1-92.
- (2013a) — *Una nota sul primo campsor domini pape conosciuto*. In PALMA, Marco; VISMARA, Cinzia, *coord.* — *Per Gabriella. Studi in ricordo di Gabriella Braga*. Cassino: Università di Cassino, p. 1834-1841.
- (2013b) — *Normanni*. In *Dizionario Biografico degli italiani*. Vol. 78. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/normanni_%28Dizionario-Biografico%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 06/06/2018].
- VENEZIANI, Enrico (2016) — *Alla ricerca dell'ecclesiologia perduta di Vittore III (1086-1087)*. «Memoria Europae», vol. 2, n.º 3, p. 9-38.
- VETERE, Benedetto (2015) — *La fondazione del Collegio romano sulle preesistenze della Roma antica e medioevale*. In VETERE, Benedetto; IPPOLITI, Alessandro, *coord.* — *Il collegio romano: Storia della costruzione*. Roma: Cangemi Editore.
- VILAR, Hermínia Vasconcelos; ROSA, Maria de Lurdes (2011) — *The Church and the religious practices*. In MATTOSO, José; ROSA, Maria de Lurdes; VASCONCELOS E SOUSA, Bernardo; BRANCO, Maria João, *coord.* — *The Historiography of Medieval Portugal (1950-2010)*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, p. 323-348.
- VIOLANTE, Cinzio (2000) — *Alessandro II, papa*. In *Enciclopedia dei papi*. Disponibile in <http://www.treccani.it/enciclopedia/alessandro-ii_%28Enciclopedia-dei-Papi%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 07/06/2018].
- VISTOLI, Fabrizio (2006) — *Pratica ed impiego della «scrittura epigrafica esposta» da parte della Chiesa di Roma nel basso Medioevo: l'esempio di S. Lorenzo in Lucina*. «Temporis signa: archeologia della tarda antichità e del Medioevo», vol. I, p. 403-417.

- VONES-LIEBENSTEIN, Ursula (2018) — *Cluniazensische Spurensuche: Aufstieg und Sturz Gregors (VIII.) (1118-1121)*. In SOHN, Andreas, ed. — *Benedictiner als Päpste*. Regensburg: Schnell & Steiner, p. 139-161.
- (2013) — *Narbona Metropolis: Grenzen zwischen kirchlichen Interessen und weltlicher Herrschaftsbildung*. In HERBERS, Klaus; ENGEL, Frank; LÓPEZ ALSINA, Fernando, coord. — *Das begrenzte Papsttum: Spielräume päpstlichen Handelns. Legaten-delegierte Richte-Grenzen*. Berlin; Boston: De Gruyter, p. 147-167.
- WALEY, Daniel Phillip (1961) — *The Papal State in the Thirteenth Century*. London: Macmillan.
- WALTER, Christopher (1970) — *Papal Political Imagery in the Medieval Lateran Palace (I-II)*. «Cahiers archéologiques», vol. 20, p. 155-176.
- WARREN HOLLISTER, Charles (1975) — *Henry I of England*. In *Encyclopaedia Britannica*. Vol. 15. Disponibile in <<https://www.britannica.com/biography/Henry-I-king-of-England>>. [Consultazione realizzata on-line il 08/06/2018].
- WICKHAM, Chris (1985) — *Lawyers' Time: History and Memory in Tenth-and Eleventh-Century Italy*. In MAYR-HARTING, Henry; MOORE, R. I., coord. — *Studies in Medieval History Presented to R. H. C. Davis*. London: Hambledon Press, p. 53-71.
- (2014) — *Medieval Rome: Stability and Crisis of a City, 900-1150*. Oxford: University Press.
- WIEDEMANN, Benedict G. E. (2015) — *The kingdom of Portugal, homage and papal "fiefdom" in the second half of the twelfth Century*. «Journal of Medieval History», vol. 41, n.º 4, p. 432-445.
- (2017) — *Papal Overlordship and Protection of the King, c.1000-1300*. London: University College of London. Tesi di Dottorato inedita.
- WIERUSZOWSKI, Helene (1971) — *Politics and Culture in Medieval Spain and Italy*. Roma: Edizioni di storia e Letteratura.
- WILLIAMS, John (1988) — *Cluny and Spain*. «Gesta», vol. 27, n.º 1-2, p. 93-101.
- WISPELWEY, Berend (2008) — *Biographical Index of the Middle Ages*. Vol. I. München: Saur.
- WISPLINGHOFF, Erich (1961) — *Friedrich I. von Schwarzenburg*. «Neue Deutsche Biographie». Vol. 5. Berlin: Duncker & Humblot, p. 511.
- YAWN, Lila (2012) — *Clement's New Clothes. The Destruction of Old S. Clemente in Rome, the Eleventh-Century Frescoes, and the Cult of (Anti)Pope Clement III*. «Reti Medievali», n.º 12, vol. 1, p. 175-208.
- ZAFARANA, Zelina (1971) — *Boso*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Vol. 13. Disponibile in <[. In DELOGU, Paolo; PEDUTO, Paolo, coord. — *Salerno nel XII secolo. Istituzioni, Società, Cultura*. Salerno: Centro Studi salernitani "Raffaele Guariglia", p. 380-398.](http://www.treccani.it/enciclopedia/bosone_res-b6e7f78d-87e8-11dc-8e9d0016357eee51_(Dizionario-Biografico)/>. [Consultazione realizzata on-line il 07/06/2018].</p>
<p>ZABBIA, Marino (2004) — <i>Romualdo Guarna, arcivescovo di Salerno, e la sua)
- ZENKER, Barbara (1964) — *Die Mitglieder des Kardinalkollegiums von 1130 bis 1159*. Dorsten: B. Zenker.
- ZIEMANN, Daniel (2013) — *Im Osten was Neues-Byzanz, Osteuropa und das Reich (ca. 1100-1125)*. In LÜBICH, Gerhard, coord. — *Heinrich V. in seiner Zeit Herrschen in einem europäischen Reich des Hochmittelalters*. Köln; Wien: Böhlau Verlag, p. 271-288.
- ZIESE, Jürgen (1982) — *Wibert von Ravenna. Der Gegenpapst Clemens III. (1084-1100)*. Stuttgart: Anton Hiersemann.
- ZIMMERMANN, Harald (2000) — *Eugenio III, beato*. In *Enciclopedia dei Papi*. Disponibile in <[349](http://www.treccani.it/enciclopedia/beato-eugenio-iii_%28Enciclopedia-dei-Papi%29/>. [Consultazione realizzata on-line il 06/06/2018].</p>
<p>ZÖPPFEL, Richard Otto (1871) — <i>Die Papstwahlen und die mit ihnen im nächsten Zusammenhang stehenden Ceremonien in ihrer Entwicklung vom 11. Bis zum 14. Jahrhundert</i>. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.</p>
</div>
<div data-bbox=)

TABELLA E MAPPE

Tabella 1. Informazioni essenziali sulle fonti su Maurizio «Burdino»

Fonte	Luogo ¹	Cronologia	Autore
<i>Chronicon Rythmicum</i>	Liegi	XII – 1° quarto	Anonimo
<i>Relatio de concilio remensi</i>	Strasburgo	XII – 1° quarto	Essone <i>Scholasticus</i>
<i>De Eginone et Herimanno</i>	Augusta	XII – 1° quarto	Udalschalk di Augusta
<i>Historia novorum in Anglia</i>	Canterbury	XII – 1° quarto	Edmero di Canterbury
<i>Historia Compostellana</i>	Compostela	XII – 1° quarto	Giraldo
<i>Historia Mediolanensis</i>	Milano	XII – 2° quarto	Landolfo <i>Iuniore</i>
<i>Vita Paschalis II</i>	Roma	XII – 2° quarto	Pandolfo d'Alatri
<i>Vita Gelasii II</i>	Roma	XII – 2° quarto	Pandolfo d'Alatri
<i>Vita Calixti II</i>	Roma	XII – 2° quarto	Pandolfo d'Alatri
<i>Chronica monasterii Casinensis</i>	Montecassino	XII – 2° quarto	Pietro Diacono
<i>Annales Beneventani</i>	Benevento	XII – 2° quarto	Anonimo
<i>Chronicon Beneventanum</i>	Benevento	XII – 2° quarto	Falcone di Benevento
<i>Mauriniacensis Monasterii Chronicon</i>	Morigny-Champigny	XII – 2° quarto	Teulfo di Morigny
<i>Vita Ludovici Regis VI, qui Grossus dictus</i>	Parigi (Saint-Denis)	XII – 2° quarto	Sugerio di Saint-Denis
<i>Qualiter Tabula S. Basilii</i>	Parigi (Saint-Germain-des-Prés)	XII – 2° quarto	Anonimo
<i>Anselmi Gemblacensis continuatio</i>	Namur	XII – 2° quarto	Anselmo di Gembloux
<i>Summa totius historiae</i>	Autun (?)	XII – 2° quarto	Onorio
<i>De decursu temporum</i>	Bamberga	XII – 2° quarto	Heimo di Bamberga
<i>Chronicon Regni</i>	Nienburg	XII – 2° quarto	<i>Annalista Saxo</i> /Anonima
<i>Vita Theogeri abbatis S. Georgii et episcopi Mettensis</i>	Regensburg	XII – 2° quarto	Wolfger di Prüfening (attribuita)
<i>Gesta episcoporum virdunensium</i>	Liegi	XII – 2° quarto	Lorenzo (monaco)
<i>Annales Parchenses</i>	Leuven	XII – 2° quarto	Anonimo
<i>Historia ecclesiae Eboracensis</i>	York	XII – 2° quarto	Ugo il Cantore
<i>Historia Regum</i>	Durham	XII – 2° quarto	Simeone di Durham (?)
<i>Chronicon</i>	Tours	XII – data incerta	Pierre Béchin
<i>Gesta Regum Anglorum</i>	Malmesbury	XII – 2° quarto	Guglielmo di Malmesbury
<i>Chronica Chronicarum</i>	Worcester	XII – 2° quarto	Giovanni di Worcester
<i>Historia Ecclesiastica</i>	Saint-Évroult	XII – 2° quarto	Orderico Vitale

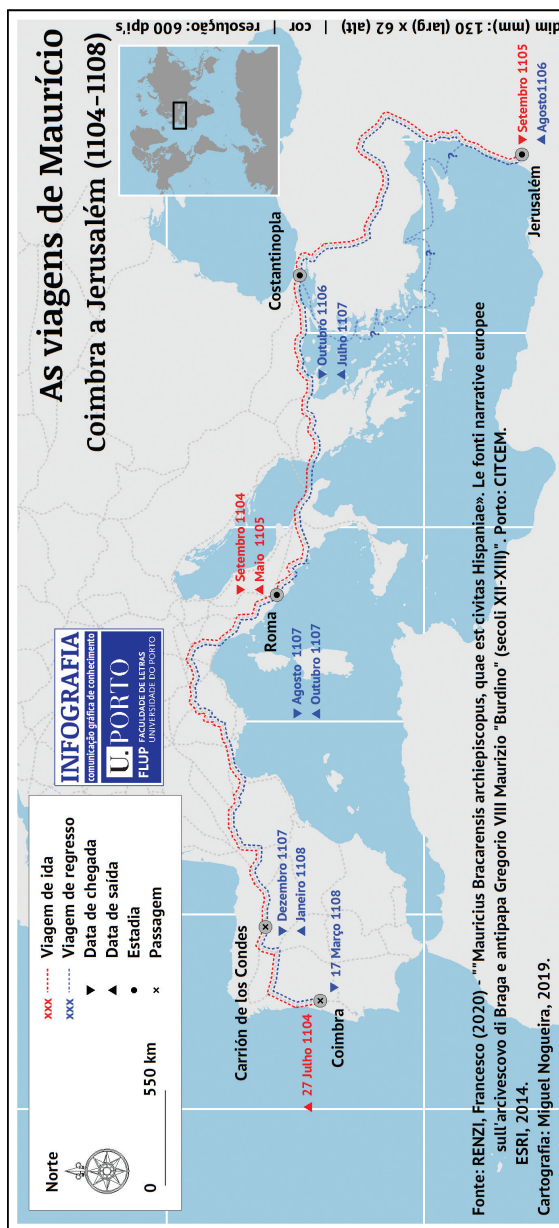
¹ Con il termine *luogo* in questo caso si fa riferimento alla provenienza e/o attività dell'autore e/o al luogo di composizione dell'opera.

Fonte	Luogo ¹	Cronologia	Autore
<i>Annales Uticenses</i>	Saint-Évroult	XII – 2° quarto	Vari autori/Orderico Vitale
<i>Historia Pontificalis</i>	Salisbury	XII – 2° quarto	Giovanni di Salisbury
<i>Vita Sancti Geraldi</i>	Braga	XII – 2° quarto	Bernardo arcidiacono di Braga e vescovo di Coimbra
<i>Vita Martini Sauriensis</i>	Coimbra	XII – 2° quarto	Il chierico Salvador
<i>Chronicon Romualdi II Archiepiscopi Salernitani</i>	Salerno	XII – 3° quarto	Romualdo II Guarna arcivescovo di Salerno
<i>Chronica sive Historia de duabus civitatibus</i>	Frisinga	XII – 3° quarto	Ottone di Frisinga
<i>De investigatione Antichristi</i>	Reichersberg	XII – 3° quarto	Gerhoh di Reichersberg
<i>Tractatus de scismatis</i>	Salisburgo	XII – 3° quarto	Anonimo
<i>Ex commentario in psalmos</i>	Reichersberg	XII – 3° quarto	Gerhoh di Reichersberg
<i>Annales Reicherspergenses</i>	Reichersberg	XII – 3° quarto	Gerhoh di Reichersberg
<i>Chronica slavorum</i>	Bosau	XII – 3° quarto	Presbitero <i>Hemoldus</i>
<i>Vita Chuonradi</i>	Salisburgo	XII – 3° quarto	Enrico di Gars
<i>Casus Monasterii Petrihusensis</i>	Costanza	XII – 3° quarto	Anonimo
<i>Chronica</i>	Tiro/Gerusalemme	XII – 3° quarto	Guglielmo di Tiro
<i>Vita Tellonis</i>	Coimbra	XII – 3° quarto	Pedro Alfarde
<i>Vita Gelasii II</i>	Roma	XII – 4° quarto	Boso di S. Pudenziana
<i>Vita Calixti II</i>	Roma	XII – 4° quarto	Boso di S. Pudenziana
<i>Annales Romani</i>	Roma	XII – 4° quarto	Anonimo
<i>Pantheon</i>	Viterbo	XII – 4° quarto	Goffredo di Viterbo
<i>Catalogus Pontificum Romanorum Viterbiensis</i>	Viterbo/Regno di Germania	XII – 4° quarto	Goffredo di Viterbo
<i>Annales Palidenses</i>	Pöhlde	XII – 4° quarto	Anonimo
<i>Chronicon Magni Presbiteri</i>	Reichersberg	XII – 4° quarto	Presbitero <i>Magnus</i>
<i>Annales Magdeburgenses</i>	Magdeburgo	XII – 4° quarto	Anonimo
<i>Annales Ceccanenses</i>	Abbazia di Fossanova	XIII – 1° quarto	Anonimo
<i>Chronica Universalis</i>	Cremona	XIII – 1° quarto	Sicardo di Cremona
<i>Gesta episcoporum Halberstadensium</i>	Halberstadt	XIII – 1° quarto	Anonimo
<i>Chronica</i>	Oxford	XIII – 1° quarto	Ruggero di Hoveden
<i>Cronica Pontificum et imperatorum Tiburtina</i>	Roma (?)	XIII – 2° quarto	Anonimo
<i>Annales Casinenses</i>	Montecassino	XIII – 2° quarto	Anonimo

Fonte	Luogo ¹	Cronologia	Autore
<i>Expositio in Apocalypsim</i>	Brema	XIII – 2° quarto	Alessandro Minorita
<i>Flores Historiarum</i>	St. Albans	XIII – 2° quarto	Ruggero di Wendover
<i>Annales de Margam</i>	Margam	XIII – 2° quarto	Anonimo
<i>Annales Dorenses</i>	Abbey Dore	XIII – 2° quarto	Anonimo
<i>De rebus Hispanie</i>	Toledo	XIII – 2° quarto	Rodrigo Jiménez de Rada
<i>Sächsische Weltchronik</i>	Magdeburgo	XIII – 2° quarto	Eike von Reggow (attribuita)
<i>Annales Stadenses</i>	Stade	XIII – 3° quarto	Alberto di Stade
<i>Chronicon breve fratris, ut videtur, ordinis theutonicorum</i>	Salisburgo	XIII – 3° quarto	Anonimo
<i>Chronicon</i>	Ninove	XIII – 3° quarto	Baldovino di Ninove
<i>Chronica universalis mettensis</i>	Metz	XIII – 3° quarto	Jean de Mailly
<i>Chronica Majora</i>	St. Albans	XIII – 3° quarto	Matteo Paris
<i>De Antiquis Legibus Liber</i>	Londra	XIII – 3° quarto	Arnold-fitz-Thedmar
<i>Chronicon pontificum et imperatorum</i>	Praga	XIII – 3° quarto	Martino di Opava
<i>Pars Concilii Laterani</i>	Toledo	XIII – 3° quarto	Anonimo
<i>Gesta pontificum et imperatorum</i>	Pavia	XIII – 4° quarto	Tommaso di Pavia
<i>Liber de temporibus et aetatibus et Cronica imperatorum</i>	Reggio Emilia	XIII – 4° quarto	Alberto Milioli
<i>Chronicon</i>	Sens	XIII – 4° quarto	Goffredo di Coulorn
<i>Flores temporum auctore fratre ordinis Minorum</i>	Augusta	XIII – 4° quarto	Anonimo
<i>Annales ecclesiae Wintoniensis</i>	Winchester	XIII – 4° quarto	Anonimo
<i>Annales Melrosenses</i>	Melrose	XIII – 4° quarto	Anonimo
<i>Chronicon Universale</i>	Aura an der Saale	XII – Data incerta 1° quarto	Eccheardo d'Aura (attribuita)/Frutolfo di Michaelsberg
<i>Chronica Albrici monachi Trium Fontium</i>	Trois-Fontaines-l'Abbaye	XIII – Data incerta 2° quarto	Alberico monaco di Trois-Fontaines
<i>Historia Anglorum</i>	Huntingdon	XII – Data incerta 2/3° quarto	Enrico di Huntingdon
<i>Vitae S. Bernardi, Liber II</i>	Chartres	XII – Data incerta 3°/4° quarto	Arnaldo di Bonneval
<i>Cronica</i>	Lisbona/Bologna	XIII – Data incerta 3° quarto	João de Deus
<i>Catalogus pontificum et imperatorum romanorum tiburtinus</i>	Roma (?)	XIII – Data incerta 3° quarto	Anonimo

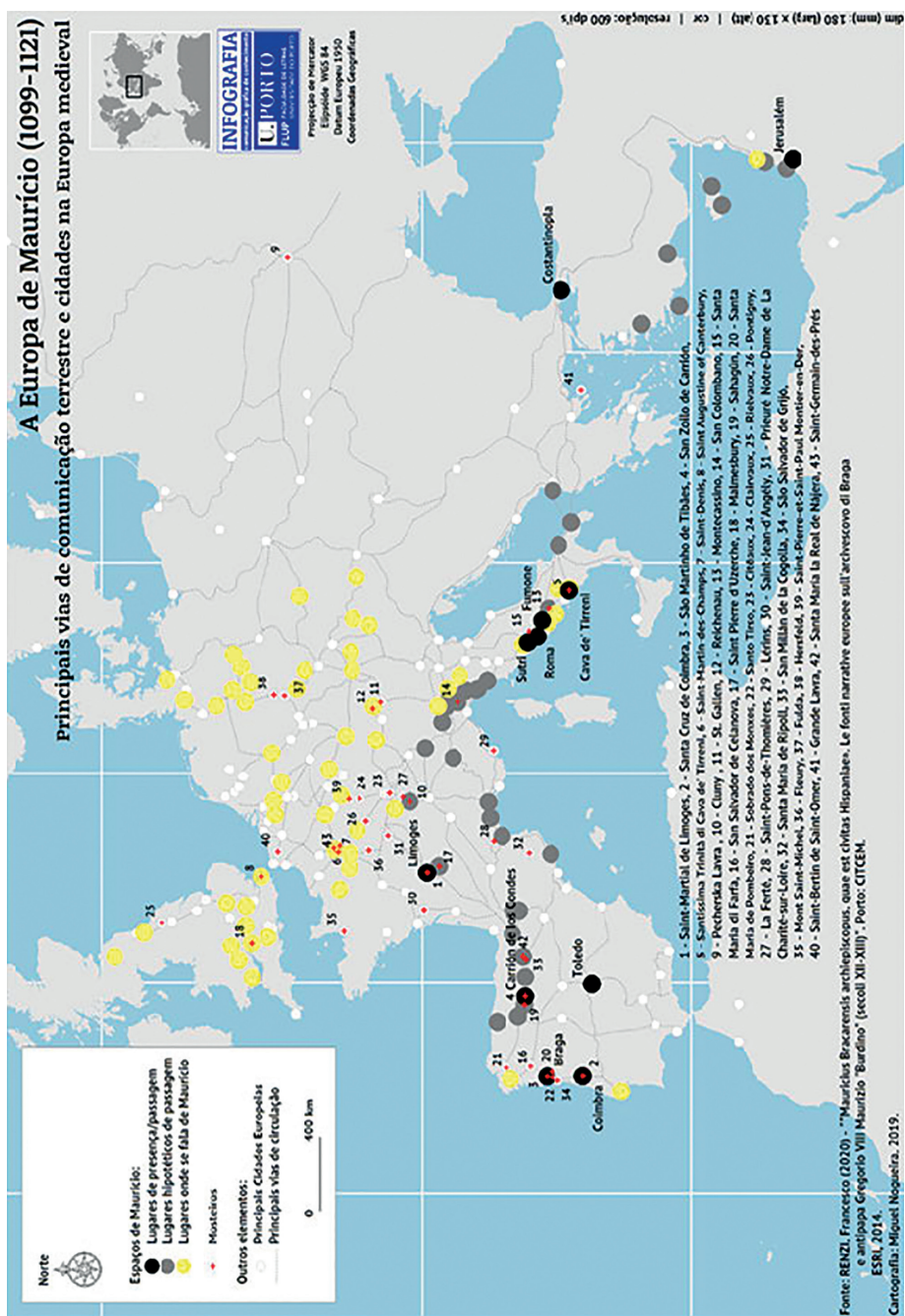
Fonte	Luogo¹	Cronologia	Autore
<i>Chronica Regia Coloniensis (Annales maximi Colonienses)</i>	Colonia	XII-XIII – data incerta	Anonimo
<i>Annales Admutenses</i>	Melk	XII-XIII – data incerta	Anonimo
<i>Annales Rosenveldenses</i>	Stade	XII – data incerta	Anonimo
<i>Annales Patherbrunnenses</i>	Corvey	XII – data incerta	Anonimo
<i>Annales Hildesheimenses</i>	Hildesheim	XII – data incerta	Anonimo
<i>Cronica apostolicorum et imperatorum basileensia</i>	Basilea	XIII – data incerta	Anonimo

Fonte: nostra produzione in collaborazione con il Dr. Miguel Nogueira (Infografia/FLUP/Universidade do Porto)

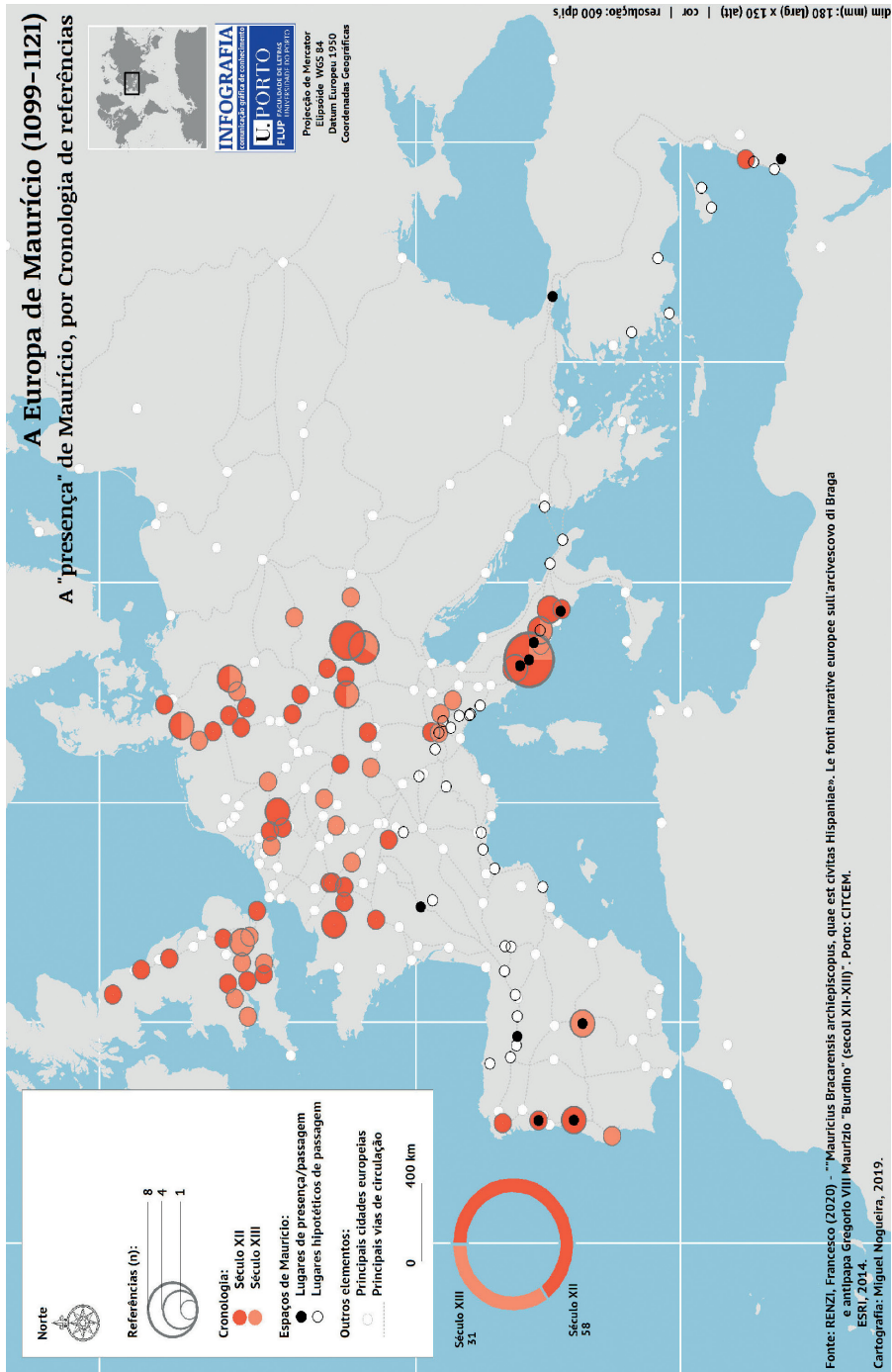


Mappa 1. Il possibile itinerario di Maurizio «Burdino» verso la Terrasanta¹
 Fonte: produzione del Dr. Miguel Nogueira (Infografia/FLUP/ Universidade do Porto)

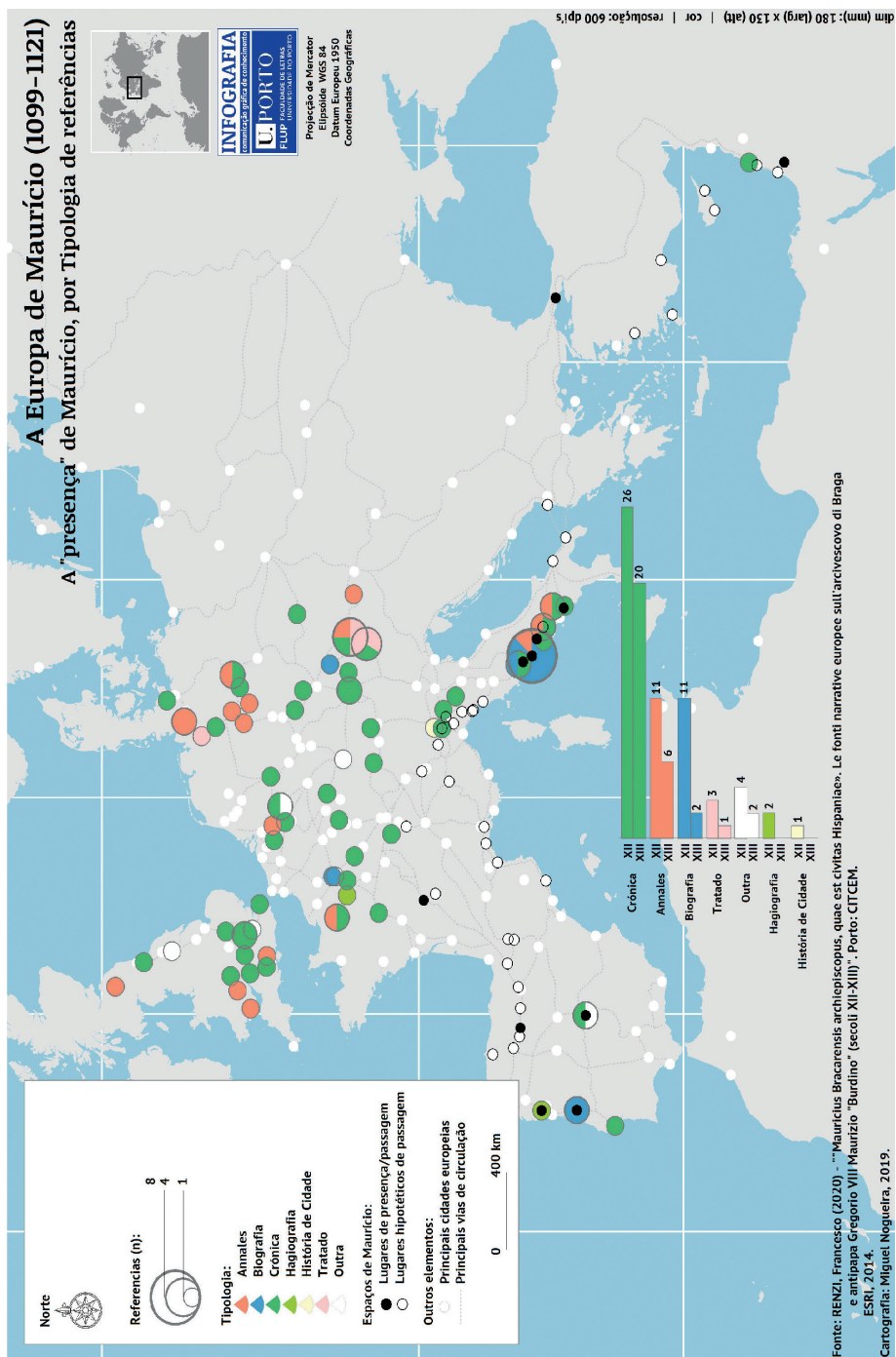
¹ Le date inserite nella mappa sono mie proposte basate su approssimazioni di calcolo dei tempi degli spostamenti di Maurizio di Braga dei dati contenuti nelle fonti e nella bibliografia citata in questa Introduzione tra cui i lavori di CHERUBINI, 2000; NASCIMENTO, 1980 e NASCIMENTO, 1998.



Mappa 2. In giallo sono geolocalizzate le fonti nelle quali si parla di Maurizio «Burdino», insieme ai luoghi certi (in nero) o ipotetici (in grigio) di passaggio/presenza dell'arcivescovo di Braga. Nella mappa sono segnalati, come punti di riferimento anche alcuni dei principali monasteri europei medievali. Fonte: produzione del Dr. Miguel Nogueira (Infografia/FLUP/Universidade do Porto)



Mappa 3. La distribuzione delle fonti per cronologia
 Fonte: produzione del Dr. Miguel Nogueira (Infografia/FLUP/Universidade do Porto)



Mappa 4. La distribuzione delle fonti per tipologia
 Fonte: produzione del Dr. Miguel Nogueira (Infografia/FLUP/Universidade do Porto)

INDICI DEI NOMI PRINCIPALI

DELLE PERSONE

- Abelardo, teologo, 248
 Abu Zakaria, signore di Santarém, 273
 Adalberone di Chiny, vescovo di Verdun, 164
 Adalberone IV, vescovo di Metz, 50, 60, 162
 Adalberto I di Saarbrücken, arcivescovo di Magonza, 159, 160, 161, 168, 188, 189, 202, 202, 203
 Adelgoto von Veltheim, vescovo di Magdeburgo, 159, 159, 160, 161
 Adriano IV, papa, 100, 123, 179, 179, 180, 305, 311, 313, 316, 318
 Afonso I Henriques, re del Portogallo, 26, 27, 46
 Agnese, 167
 Agostino, santo, 167
 Alberico, monaco di Trois-Fontaines, 141, 355
 Alberto di Stade, monaco, 208, 355
 Alberto Milioli, 74, 75, 355
 Alberto, vescovo di Silva Candida e *antipapa*, 48, 48, 56
 Aldo, cardinale-diacono di SS. Sergio e Bacco, 88, 88, 92, 95
 Alessandro di Blois, vescovo di Lincoln, 247
 Alessandro II (Anselmo da Baggio), papa, 310, 310, 312, 314
 Alessandro III (Rolando Bandinelli), papa
 Alessandro *Minorita*, 204, 354
 Alessio I Comneno, imperatore bizantino, 135, 137, 138, 139, 140
 Alexis *ostiarius*, 287
 Alfano II, vescovo di Salerno, 90, 90, 93, 96
 Alfonso conte di Limia, 285, 293
 Alfonso I «El Batallador», re d'Aragona, 282, 284, 290
 Alfonso II, re delle Asturie, 16
 Alfonso VI, re di León-Castiglia, 29, 31, 46, 55, 137, 139, 281, 282, 305, 306
 Alfonso VII re di León-Castiglia, 49, 279, 285
 Alfonso VIII, re di Castiglia, 303
 Alfonso X «Il Saggio», re di León-Castiglia, 303
 Alfonso, vescovo di Tui, 283, 287, 290, 291, 294, 298, 301
 Alfredo «Il Grande», re del Wessex, 227
 Alice di Normandia, 242, 242, 244, 245
 Amalrico I, re di Gerusalemme, 269
 Amico, cardinale-prete dei SS. Nereo e Achille, 87, 87, 92, 95
 Amico, cardinale-prete di Santa Croce, 87, 87, 92, 95
 Amizzone, cardinale-prete dei Santi Silvestro e Martino ai Monti (*Divizo/Domnizzone*), 87, 87, 92, 95
 Anastasio, cardinale-prete di San Clemente, 87, 87, 92, 95
Anastasius abbas Sancti Pauli, 288
 Anna, personaggio biblico 171, 171, 174
 Anselmo d'Aosta, arcivescovo e santo, 49, 154, 221
 Anselmo della Pusterla, arcivescovo di Milano, 65
 Anselmo di Gembloux, 51, 152, 353
 Antonio Caffaro, 119
 Arnaldo da Brescia, 169, 355
 Arnaldo di Bonneval, 133
 Arnold-fitz-Thedmar, 22, 44, 258, 259, 355
 Arnolfo di Berge, abate di Nienburg, 157, 159, 160, 161
 Arnolfo, vescovo di Lisieux, 249
 Aronne Piperno (personaggio di fantasia), 36
 Aronne, personaggio biblico, 173, 174, 178
 Asser, monaco di Saint David's e vescovo di Sherborne, 227
 Azzo *archipresbyter in Via Lata sancte Marie*, 288
 Baialardo, vescovo di Brindisi, 90, 90, 93, 96
 Baldovino di Ninove, 106, 355
 Baldovino IV, re di Gerusalemme, 269
 Bartolomeo di Carinola, 117
 Basilio di Cesarea, vescovo e santo, 136, 136, 138, 139, 140
 Beda «Il Venerabile», 227, 250
 Benedetto da Ceccano, notaio, 108, 109
 Benedetto, cardinal-prete di Santa Pudenziana e cardinale di San Pietro in Vincoli, 87, 87, 92, 95
Benedictus archipresbyter S. Marie in Monticello, 288
Benedictus presbyter prior S. Marie Majoris, 287
 Berardo III, abate di Farfa, 59, 79, 81, 113
 Bernardo di Clairvaux, 133
 Bernardo di Sauvetat, arcivescovo di Toledo, 16, 23, 24, 29, 32, 39, 53, 54, 283, 287, 291, 298, 304, 305, 306, 307, 308, 310, 312, 313, 315, 317, 318
 Bernardo, arcidiacono di Braga e vescovo di Coimbra, 271, 290, 297, 354
 Berta, figlia dell'imperatore Enrico V, 80
 Bertoldo, vescovo di Hildesheim, 159, 160, 161
 Bona, 98, 99, 100
 Bonifacio, cardinale-prete di San Marco, 56, 87, 87, 92, 95
 Bonvesin della Riva, cronista milanese, 65
 Boso, cardinale-prete di Sant'Anastasia, 33, 288, 295, 302
 Boso, cardinale-prete di Santa Pudenziana, 34, 54, 100, 354
 Bruningo, vescovo di Hildesheim, 159, 159, 160, 161
 Caifa, personaggio biblico 171, 171, 174
 Callisto II (Guido di Vienne), papa, 16, 17, 21, 22, 24, 28, 35, 36, 38, 38, 39, 43, 45, 49, 50, 51, 54, 54, 56, 57, 59, 60, 61, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 78, 79, 98, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 108, 110, 111, 115, 116, 117, 118, 122, 123, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 142, 142, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 166, 168, 169, 171, 172, 174, 179, 180, 182, 183, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 201, 203, 204,

- 206, 207, 208, 209, 212, 213, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 223, 224, 225, 227, 229, 230, 232, 233, 235, 236, 237, 240, 241, 242, 244, 245, 247, 248, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 267, 268, 268, 269, 270, 271, 278, 287, 288, 294, 295, 301, 302, 303, 306, 307, 308, 310, 313, 314, 319
- Carlo I d'Angiò, re di Francia, 73
- Celestino II (Guido de Castello), papa, 179, 179, 180
- Celestino III, papa, 100, 315
- Celestino V, papa, 103
- Cencio di San Crisogono, 56, 57, 223, 224, 225, 230, 231, 236, 238, 261, 263
- Cencio, membro della famiglia Frangipane, 88, 92, 93, 95, 96, 98, 99, 100
- Cencio, vescovo di Sabina, 86, 86, 87, 92, 95
- Cencius presbyter ecclesiae Sancti Symeonis*, 288
- Clemente III (Wiberto di Ravenna), *antipapa*, 40, 40, 41, 44, 50, 51, 52, 56, 57, 58, 59, 60, 81, 82, 85, 92, 133, 134, 146, 171, 173, 176, 177, 292
- Comes diaconis cardinalis S. Mariae in Aquiro*, 287
- Cornelio, papa, 172, 173, 175, 177, 178
- Corrado di Hirscheck, vescovo di Augusta, 179
- Corrado, arcivescovo di Salisburgo, 168, 168, 169, 185, 186, 186
- Corrado, cardinal-prete di Santa Pudenziana, 87, 87, 92, 95
- Corrado, chierico, 242, 244, 245
- Corrado III, imperatore, 167, 188
- Comes, cardinal-diacono di Santa Maria in Aquiro, 88, 88, 92, 95
- Crescenzo I, vescovo di Sabina, 86
- Crescenzo II, vescovo di Sabina, 86
- Crescenzo, padre di Giovanni di Gaeta (Gelasio II), 100, 101, 102, 105, 106, 107
- Cresconio, vescovo di Iria-Compostela, 282
- Crisogono, cardinal-diacono di San Nicola in Carcere, 88, 88, 92, 95
- Cuno di Preneste cardinale-vescovo, 25, 56, 149, 150, 151, 160, 161, 162, 191, 191, 192, 211, 213, 245
- Dalmazzo Geret, 31, 31, 137, 139, 141, 300
- Dalmazzo, vescovo di Santiago de Compostela, 281, 285, 293
- Davide I, re di Scozia, 265
- Davide, personaggio biblico, 178
- Decimo Laberio, drammaturgo romano, 152
- Desiderio cardinale-prete di Santa Prassede, 87, 87, 92, 94, 95, 97
- Deusdedit, cardinale, 40
- Deusdedit, cardinale-prete di San Lorenzo in Damaso, 87, 87, 92, 95
- Diego Gelmírez, arcivescovo di Compostela, 31, 32, 38, 39, 44, 55, 279, 280, 281, 283, 286, 289, 290, 293, 295, 296, 297, 300, 302
- Diego Peláez, vescovo di Santiago de Compostela, 281
- Diego Velasco, vescovo di Ourense, 283, 286, 287, 291, 294
- Dietrich, vescovo di Verdun, 164
- Dodo archipresbyter S. Marie in Aquiro*, 287
- Donizone, 190
- Dudone di San Quentino, 227
- Eccheardo d'Aura, 43, 44, 51, 148, 149, 149, 150, 155, 158, 184, 199, 210, 355
- Edith/Matilde di Scozia, regina d'Inghilterra, 80
- Edmero di Canterbury, 45, 49, 53, 60, 221, 223, 227, 239, 353
- Egino, abate, 146
- Eike von Repgow, 209, 355
- Elvira, regina di Sicilia, 55
- Enrico di Borgogna, conte del Portogallo, 27, 27, 29, 31, 38, 46, 137, 139, 305, 306, 307, 308
- Enrico di Gars, 185, 354
- Enrico di Huntingdon, 228, 247, 355
- Enrico I «L'Uccellatore», re di Germania, 214
- Enrico I Beauclerc, re d'Inghilterra, 49, 80, 242, 249
- Enrico I re di Francia, 242, 243, 249
- Enrico II, imperatore e re di Germania, 213
- Enrico II, «Il Plantageneto», 47, 249, 250
- Enrico III, imperatore e re di Germania, 56
- Enrico III, re d'Inghilterra, 253
- Enrico IV, imperatore e re di Germania, 57, 85, 85, 92, 94, 146, 168, 169, 176, 177, 178, 182, 183, 184, 206, 207, 214, 214, 218, 219
- Enrico V, imperatore e re di Germania, 16, 33, 34, 34, 35, 38, 39, 44, 49, 51, 52, 53, 54, 57, 59, 60, 61, 65, 66, 67, 68, 68, 70, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 93, 94, 96, 97, 99, 101, 102, 106, 107, 109, 113, 117, 119, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 141, 142, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 162, 163, 164, 168, 169, 171, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 182, 183, 184, 185, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 198, 199, 201, 202, 203, 205, 205, 206, 206, 207, 208, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 217, 218, 219, 220, 227, 243, 244, 245, 249, 252, 253, 257, 258, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 277, 278, 285, 287, 304, 315, 318
- Enrico VI Hohenstaufen, imperatore e re di Germania, 188
- Enrico, cardinal-diacono di San Teodoro, 57, 88, 88, 92, 95
- Erbo di Prüfening, abate, 162
- Ermanno, vescovo di Augusta, 49, 146, 147, 147, 148, 169, 179

- Essone *Scholasticus*, 145, 150, 158, 158, 353
 Eugenio III (Pietro Bernardo dei Paganelli), papa, 179, 179, 180, 305, 306, 308
 Everardo, vescovo di Norwich, 223
 Everardo I, arcivescovo di Salisburgo, 169
 Falcone di Benevento/Beneventano, 25, 34, 36, 36, 41, 45, 46, 46, 54, 86, 113, 119, 120, 121, 353
 Federico I di Schwarzenburg, arcivescovo di Colonia, 168, 168, 169, 188, 189
 Federico I Hohenstaufen, imperatore, 80, 100, 123, 167, 169, 179, 188, 213, 217
 Federico II Hohenstaufen, imperatore, 71, 73, 109, 214, 214
 Federico, vescovo di Liegi, 153
 Federico, vescovo di Namur, 153
 Fernando I, re di León-Castiglia, 16
 Fernando III, re di León-Castiglia, 46, 52, 303
 Fernando Pérez de Traba, conte di Galizia, 285, 293, 300
 Fiorenzo di Worcester, 239
 Frutolfo di Michaelsberg, 148, 155, 155, 199, 355
 Gaitelgrima di Salerno, 90
 García IV Ramírez, re di Navarra, 55
 Gelasio I, papa, 176, 177, 178
 Gelasio II (Giovanni di Gaeta), papa, 24, 25, 27, 33, 34, 35, 38, 43, 45, 49, 49, 50, 54, 55, 56, 58, 58, 60, 65, 68, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 78, 79, 80, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 131, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 155, 157, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 166, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 223, 224, 227, 228, 230, 231, 232, 235, 236, 237, 238, 240, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 251, 252, 253, 254, 255, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 266, 268, 269, 270, 271, 278, 286, 293, 294, 295, 300, 301, 302, 306, 307, 311, 312, 313, 314, 316, 317, 318, 319
 Geoffroy de Coulorn, 142, 355
 Geraldo di Beauvais, canonico di Santiago de Compostela, 286
 Geraldo di Moissac, arcivescovo di Braga e santo, 16, 27, 29, 52, 54, 271, 272, 272, 273, 276, 277, 305, 308
 Gerardo, abate di Montecassino, 90, 93, 96, 112, 114
 Gerardo, cardinale-prete di Santa Prisca, 87, 87, 92, 95
 Gerardo, padre di Alberto Milioli, 74
 Gerhoh di Reichersberg, 25, 50, 169, 171, 175, 178, 179, 179, 180, 181, 192
 Geroldo di Oldenburg, 183
 Gilberto Porretano, 248
 Giordano I, principe di Capua, 90
 Giordano, arcivescovo di Milano, 65, 66, 68
 Giovanna, «La Papessa», 216
 Giovanni da Crema, cardinale-prete di San Crisogono, 35, 58, 87, 87, 92, 95, 99, 100, 244, 245
 Giovanni di Salisbury, 43, 248, 249
 Giovanni di Worcester, 239
 Giovanni XVI, papa, 36
 Giovanni, cardinale-prete di Santa Cecilia, 87, 87, 92, 95
 Giovanni, dei conti di Anagni, 108
 Giovanni «Maledetto», 80, 80, 82
 Giovanni, vescovo di Santa Severina (Calabria), 90, 90
 Giovanni Battista 171, 171, 174
 Gisolfo, 91, 94, 97
 Giulio Cesare, 152
 Goffredo di Viterbo, 47, 47, 109, 142, 188, 189, 190, 354, 355
 Gómez Nuñez de Barbosa, conte di Toroño, 285, 285, 293, 300
Gracianus archipresbyter sancti Stephani in Celio, 288
 Graziano, canonista, 267
 Gregorio da Ceccano o Gregorio Albergati, cardinale di San Lorenzo in Lucina, 88, 88, 92, 95
 Gregorio IX, papa, 35, 111, 277
 Gregorio VII (Ildebrando), papa, 34, 35, 41, 42, 56, 57, 58, 85, 85, 92, 94, 171, 173, 175, 176, 177, 178, 270, 271
 Gregorio, cardinale di Sant'Eustachio e abate del monastero dei Santi Andrea e Gregorio *in clivo Scauri* di Roma, 88, 88, 92, 95
Gregorius archipresbyter sancti Gregorii, 288
Gregorius scolae subdiaconus basilicae, 287
 Guarniero o Werner, marchese d'Ancona, 56, 59
 Guglielmo «Il Bastardo» o «Il Conquistatore», re d'Inghilterra, 242, 242, 243, 244, 245, 249
 Guglielmo di Jumièges, 227
 Guglielmo di Saint-Thierry, 133
 Guglielmo di Tiro, 22, 43, 269, 354
 Guglielmo I, conte di Borgogna, 131, 220, 220, 242, 244, 245
 Guglielmo I, re di Sicilia, 55, 123
 Guglielmo II di Sicilia, 123
 Guglielmo IX, duca d'Aquitania, 185
 Guglielmo, duca di Puglia, 81, 90, 90, 93, 94, 96, 97, 104, 114, 115, 116
 Guglielmo, vescovo di Troia di Puglia, 90, 90, 93, 96
 Guglielmo I, vescovo di Siponto, 90, 90, 93, 96
 Guglielmo di Malmesbury, 25, 45, 52, 53, 232, 233, 234, 234, 259, 353
 Guido da Crema, *antipapa* Pasquale III, 175
 Guido di Montecassino, 112
 Guido Grimoldi, vescovo di Como, 68

- Guido, cardinale-prete di Santa Balbina, 88, 88, 92, 95
 Gutierre Vermúdez, conte di Montenegro e Monterroso, 285, 285, 300
 Heimo di Bamberga, 155, 353
 Helmold di Bosau, 26, 183
Henricus abbas sancti Laurentii Pariparnae, 288
 Hugo *Burdinus*, 24
 Innocenzo II (Gregorio), papa, 35, 36, 78, 88, 119, 133, 171, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 179, 180, 182, 183, 191, 192, 210, 211, 212, 213
 Innocenzo III (Lando di Sezze), *antipapa*, 28
 Innocenzo III (Lotario dei Conti di Segni), papa, 71, 189, 303, 309, 311, 312, 313, 314, 316, 317
Iniquitatis, 98, 98, 99, 100
 Irnerio, maestro di diritto, 59, 67, 67, 69, 70
 Ismaele, personaggio biblico, 226
 Jean de Mailly, 216, 355
 Jimena Muñoz, 305
 João de Deus, 47, 47, 277, 278, 355
Johannes archipresbyter Sancte Marie in Minerva, 287
Johannes archipresbyter Sancti Laurentii in Lucina, 287
Johannes archipresbyter Sancti Petri Apostoli, 287
Johannes exorcista, 287
Johannes yconomus Sancti Iohannis antea Portam Latinam, 288
 Kiliç Aslan, 135
 Ladislao I, re d'Ungheria, 58
 Lamberto, vescovo di Ostia v. Onorio II papa, 36, 37, 78, 79, 86, 87, 87, 90, 90, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 112, 115, 115, 116, 117, 118, 168, 169, 182, 183, 184, 214, 215, 242, 245, 309, 311, 313, 314, 316, 318
 Lando, signore di Turricula, 91, 94, 97
 Landolfo da Carcano, 68, 69, 71
 Landolfo della Greca, connestabile di Benevento, 119
 Landolfo II, vescovo di Benevento, 90, 90, 93, 96, 119
 Landolfo *Iuniore* (Landolfo di San Paolo), 53, 65, 66, 67, 68, 353
 Landolfo *Senior*, 65
 Leone III, il vescovo di Siponto, 90, 90, 93, 96
 Leone IX, papa, 56, 100, 282
 Leone Marsicano (o Ostiense), 112
 Leone, membro della famiglia Frangipane, 88, 88, 92, 93
 Leopoldo III di Babenberg, margravio d'Austria, 167
 Liprando, 65
 Lorenzo, *antipapa*, 176, 177, 178
 Lorenzo, monaco di Liegi, 164, 353
 Lotario III, imperatore, 191, 191, 192, 211, 212, 213, 217, 218
 Lucio III, papa, 71
 Luigi VI, re di Francia, 130, 131, 132, 258
 Luigi VII, re di Francia, 130
 Luigi IX, re di Francia, 214
 Maginulfo arciprete di Sant'Angelo in Pescheria, *antipapa* Silvestro IV, 35, 48, 48, 56, 56, 59, 60, 105
 Magno di Reichersberg, 180, 181, 192, 354
Manfredus Tiburtinus episcopus, 287
 Margherita di Navarra, regina di Sicilia, 55
 Mariano Scoto, 239
 Marino, arcivescovo di Napoli, 90, 90, 93, 96
 Mario Monicelli (registra italiano), 36
 Martino di Opava, 142, 220, 267, 268, 355
 Martino di Soure, santo, 273, 274, 275
 Matilde d'Inghilterra, imperatrice, 80, 82, 83, 150, 151, 158, 206, 207, 208, 249, 250
 Matilde di Canossa, 190, 201, 202, 203
 Matteo Paris, 43, 256, 355
 Maurizio «Burdino», arcidiacono di Toledo, vescovo di Coimbra, arcivescovo di Braga, *antipapa* Gregorio VIII, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 23, 24, 24, 25, 25, 26, 27, 29, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 35, 36, 37, 37, 38, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 48, 49, 50, 51, 52, 52, 53, 53, 54, 55, 55, 56, 56, 57, 59, 60, 60, 61, 61, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 90, 91, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 142, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 252, 253, 255, 256, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 281, 283, 283, 285, 286, 287, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 205, 306, 307, 308, 310, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 356, 357
 Mendo di Soure, 273
 Michele VII Ducas, imperatore bizantino, 135
 Munio (Nuño) Alfonso, tesoriere di Santiago de Compostela e vescovo di Mondoñedo, 279, 280, 280, 281, 281, 283, 289, 290, 296, 297, 298
 Nazario Muricola, 65
 Niccolò II, papa, 171, 173, 174
 Niccolò III, papa, 267
 Niccolò, cardinal-prete del titolo dei Santi Giovanni e Paolo, 87, 87, 92, 95
 Niceforo III Botaniata, imperatore bizantino, 135

- Nicolaus archipresbyter S. Anastasie*, 287
Nicolaus archipresbyter sancti Sixti, 288
Nicolaus ostiarius, 287
Nicolaus primicerius scolae cantorum, 88, 88, 92, 95, 287
 Novaziano, *antipapa*, 50, 172, 172, 173, 175, 176, 177
 Odelarius di Orléans, 241
 Oderisio (II) dei conti dei Marsi, abate di Montecassino e cardinale di Sant'Agata alla Suburra, 88, 88, 92, 95, 112
 Odescalco di Augusta (Udalschalk von Augsburg), 146
 Odone di Quarrell, 36
 Odone *Coctus*, 91, 94, 97
 Olegario, abate di San Rufo e vescovo di Barcellona, 33, 243, 244, 245
 Olorico da Corte, arcivescovo di Milano, 65, 187, 187
 Onorio di Autun, 154, 353
 Onorio III, papa, 100, 189
 Orderico Vitale, 43, 53, 241, 246
 Ottaviano Augusto, imperatore romano, 73, 267
Otto archipresbyter sancti Salvatoris qui vocatur Aquila-Felix, 287
 Ottone di Frisinga, 25, 43, 51, 55, 55, 167, 354
 Ottone I, imperatore, 66, 217
 Ottone III, imperatore, 36, 116
 Ottone IV di Brunswick, imperatore, 71
 Paio Mendes, arcivescovo di Braga, 41, 276, 276, 277, 285, 285, 287, 287, 293, 294, 300, 301
 Pandolfo d'Alatri, 24, 32, 51, 54, 78, 78, 79, 80, 85, 86, 88, 89, 90, 98, 100, 353
 Pandolfo da Lucca, cardinale-prete dei XII Apostoli a Roma, 78
 Pandolfo, membro della famiglia Normanni, 91, 94, 97
 Paolo Diacono, 190
 Paolo, Santo, 331
 Pasquale II, papa, 23, 32, 33, 34, 35, 39, 48, 53, 54, 56, 58, 59, 65, 66, 70, 68, 72, 73, 76, 77, 78, 78, 79, 79, 81, 83, 84, 85, 85, 86, 87, 88, 88, 89, 92, 95, 105, 105, 107, 109, 112, 113, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 130, 131, 132, 142, 147, 148, 149, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 157, 158, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 170, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 181, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 217, 218, 219, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 229, 230, 231, 235, 236, 237, 238, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 250, 252, 253, 254, 257, 258, 259, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 266, 268, 269, 270, 271, 281, 283, 286, 288, 293, 300, 304, 306, 307, 312, 313, 314, 315, 317, 318, 319
Paulus lector, 287
 Pedro Alfarde, 275
 Pedro Anayaz, canonico e diacono di Santiago de Compostela, 286, 286, 293, 294, 300, 301
 Pedro, cappellano, 279
 Pedro Diaz, canonico di Santiago de Compostela, 280, 281, 286, 286, 290, 293, 297
 Pedro Froilaz de Traba, conte di Galizia, 285, 285, 293, 300
 Pedro III, vescovo di Lugo, 287, 287, 291, 298
 Pedro Marcio, 279
 Pedro, vescovo di Braga, 40
Petrus presbyter S. Marie de Maxima, 288
 Pier Damiani, 28
 Pierre Béchin, 47, 232, 353
 Pietro Comestore, 267
 Pietro Diacono, 36, 48, 53, 112, 115, 353
 Pietro I (Pappacarbone), abate di Cava, 28
 Pietro I, *Praefectus Urbis* (Roma), 81, 91
 Pietro II, *Praefectus Urbis* (Roma), 81, 91
 Pietro I, abate di Cava, 90, 90, 93, 96
 Pietro Latrone, membro della famiglia Corsi, 81, 91, 91
 Pietro Pierleoni, cardinale dei SS. Cosma e Damiano e Anacleto II *antipapa*, 50, 60, 88, 88, 92, 95, 106, 106, 107, 108, 171, 171, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 180
 Pietro Pisano o della Gherardesca, cardinale-prete di Santa Susanna, 78, 87, 92
 Pietro, abate del monastero di San Silvestro *in Capite*, 59
 Pietro, cardinale-prete di San Crisogono *notarius, cancellarius e bibliothecarius* della Chiesa romana, 57
 Pietro, *prior et rector* del monastero dei SS. Cosma e Damiano in *Mica Aurea*, 59
 Pietro, vescovo di Porto, 85, 86, 86, 90, 92, 93, 99
 Ponzio di Melgueil, abate di Cluny, 27, 39, 113, 115, 116, 135, 137, 137, 139, 287, 288, 294, 295, 301, 302
R. archipresbyter ecclesie B. Marie Trans Tyberim, 288
 Raimondo di Borgogna, conte di Galizia, 282, 305, 306, 308
 Rainaldo I, conte di Borgogna, 242, 242, 244, 245
Rainerius prior subdiaconus scolae basilicae, 287
Rainerius Sancti Basilii, 288
 Ralph d'Escures, arcivescovo di Canterbury
 Raniero, cardinal-prete della chiesa dei Santi Marcellino e Pietro, 87, 87, 92, 95
 Raniero *magister*, 279
 Reimbardo di Liegi, 143
 Riccardo Dell'Aquila, 37, 90, 90, 93, 96
 Riccardo di Devizes, 264
 Riccardo I «Cuor di Leone», re d'Inghilterra, 250
 Riccardo II, duca di Normandia, 242, 242, 244, 245
 Riccardo III di Carinola, duca di Gaeta, 90, 115, 117, 118
 Riccardo, duca di Gaeta, 90
 Riso, arcivescovo di Bari, 90, 90, 93, 96

- Robaldo, arcivescovo di Milano, 65
 Roberto Bloet, vescovo di Lincoln, 247
 Roberto di Salerno, 55
 Roberto I, principe di Capua, 90, 90, 91, 93, 94, 96, 113, 114, 115, 116
 Roberto il Guiscardo, 90
 Roberto, conte di Gloucester e signore del Glamorgam, 255
Robertus abbas Sancti Andree de Clivo scauri, 288
 Rodolfo d'Escures, arcivescovo di Canterbury, 221, 242, 242
 Rodrigo Jiménez de Rada, arcivescovo di Toledo, 23, 50, 52, 53, 54, 54, 55, 303, 308, 309, 311, 312, 313, 316, 318, 355
 Rodrigo o Enrico Garcés, conte di Montescaglioso, 55
 Romano di San Marcello, 56, 222, 223, 224, 225, 229, 230, 231, 235, 236, 238, 260, 261, 263
 Romualdo II Guarna, arcivescovo di Salerno, 52, 53, 54, 55, 123, 124, 354
 Roscemanno, cardinal-diacono di San Giorgio in Velabro, 88, 88, 92, 95
 Rudgar von Veltheim, vescovo di Magdeburgo, 49, 159, 160, 161
 Ruggero Borsa, 90
 Ruggero di Hoveden, 43, 45, 250, 265, 354
 Ruggero di Montgomery, conte di Shrewsbury, 241
 Ruggero di Wendover, 43, 49, 49, 253, 254, 256, 354
 Ruggero II, re di Sicilia, 36, 55, 90, 119, 120
 Salimbene de Adam, 71
 Salvador, chierico, 273, 354
 Saxo o Sasso cardinale-prete di S. Stefano al Monte Celio, 87, 87, 92, 95, 98, 99, 182, 182, 183
 Seawulf, 30
Senebaldus archipresbyter S. Marie Secundiceri, 287
 Sennes, vescovo di Capua, 90, 93, 96
 Sicardo da Cremona, 47, 71, 277, 354
 Sigeberto di Gembloux, 152
 Signulfo, abate di Cava, 90
 Sigizo (Sigizzone *Iuniore*) cardinale-prete di San Sisto, 87, 87, 92, 95
 Simeone di Durham, 227, 228, 250, 265, 353
 Simmaco, papa, 176, 177, 178
 Stefano *Ocdonis*, membro della famiglia Normanni, 105, 105, 107, 108
 Stefano, cardinal-diacono di Santa Lucia in Silice, 88, 88, 92, 95
 Stefano, membro della famiglia Normanni, 91, 91, 94, 97
 Sugerio di Saint-Denis, 50, 130, 142, 353
 Swithun, vescovo di Winchester, 264
 Tangmaro di Hildesheim, 195
 Telo, di Santa Cruz di Coimbra, 31, 54, 273, 274, 275, 276, 277
 Teobaldo *Buccapecus*, *antipapa* Celestino II, 87, 87, 92, 95
 Teobaldo di Bec, arcivescovo di Canterbury, 249
 Teodorico, *antipapa*, 28, 48, 48
 Teodoro, monaco di Pöhlde, 190
 Teogero, vescovo di Metz, 49, 60, 162
 Teotonio, priore di Santa Cruz di Coimbra e santo, 30, 275, 275
 Teresa, contessa-regina di Portogallo, 27, 31, 38, 46, 292, 299, 305, 306, 307, 308
 Teulfo di Morigny, 127, 128, 353
 Teuzo, 56, 58, 58, 223, 224, 225, 230, 231, 235, 236, 238, 260, 261, 263
 Thomas Becket, arcivescovo di Canterbury e santo, 249
 Thomas Ebendorfer, 51
 Timo, arcivescovo di Salisburgo, 185, 185, 186
 Tolomeo I dei Tuscolani, 59, 80, 80, 81, 81, 82, 83, 84
 Tolomeo II dei Tuscolani, 80
 Tolomeo, *Praefectus Urbis* (Roma), 80
 Tommaso di Pavia, 73, 355
 Ubaldo, vescovo di Trani, 90, 90, 93, 96
 Ugo di Oporto, arcidiacono di Santiago di Compostela e vescovo di Oporto, 46, 46, 271, 272, 279, 280, 280, 281, 281, 282, 289, 290, 296, 297
 Ugo Sottovagina o Sottewain «Il Cantore», 52, 225, 226, 226, 352
 Ugo, abate di Berge, 159, 159, 161
 Ugo, abate di Cluny, 135, 136, 137, 139
 Ugo, cardinale-prete dei XII Apostoli, 78, 88, 88, 89, 89, 92, 93, 95, 96
 Ulderico I (Ulrich von Kyburg-Dillingen), vescovo di Costanza, 146
 Ulgero, vescovo di Angers, 249
 Ulrico I di Eppenstein, patriarca di Aquileia, 217, 217, 218
 Ulrico, vicedomino milanese, 68
 Urbano II, papa, 29, 53, 58, 67, 69, 70, 85, 92, 94, 176, 177, 178, 222, 223, 224, 240, 247, 248, 270, 271, 282, 285, 306, 307
 Vermudo Pérez de Traba, fratello di Fernando Pérez de Traba, 285, 293, 300
Vicentius exorcista, 287
 Vitale, vescovo di Albano, 87, 87, 90, 90, 92, 93, 95, 96
 Vittore III, papa, 222, 223, 224, 240, 247, 248
 Vittore IV (Ottaviano di Monticelli), *antipapa*, 80, 100, 169, 176, 176, 177, 178, 179
 William de Eu, 225
 William Giffard, vescovo di Winchester, 264
 Wolfger di Prüfening, 49, 162, 353
 Zaccaria, personaggio biblico 171, 171, 174
 Zaida, 55

DEI LUOGHI

- Aachen, 113
 Admont, abbazia di, 200
 Albania, 30
 Anatolia, 31
 Appennino (catena montuosa), 102, 113
 Appia, via, 30
 Aquitania, 23
 Arco di Tito, 88
 Ardea, 89, 89, 93, 96
 Ardenne, 131, 153
 Arezzo, 214
 Armenia, 71
 Astorga, 32
 Augusta (Augsburg), 178, 355
 Aura an der Saale, 148, 355
 Aura, monastero di, 148
 Austria, marca d', 7, 48, 143
 Autun, 154, 353
 Bad Kissingen, 148
 Badern-Württemberg, Land tedesco, 186
 Baleari, isole, 30, 78
 Bamberga, 148, 155, 156, 188, 353
 Barcellona, 30, 33, 244
 Bari, 30, 74, 75, 90, 93, 96, 118
 Basilea, 7, 48, 143, 220, 356
 Basilicata, 98
 Bassa Sassonia, 183, 190, 193
 Baviera, ducato di, 7, 48, 143, 148, 155, 162, 175
 Bec, monastero di, 221
 Belgio, 48, 151, 166, 215
 Benevento, 33, 33, 34, 35, 45, 46, 46, 48, 75, 81, 90, 93, 96, 105, 107, 108, 112, 112, 114, 115, 116, 116, 118, 119, 120, 123, 195, 197, 200, 223, 224, 225, 230, 231, 236, 238, 240, 248, 252, 253, 261, 263, 266, 268, 352
 Berge, monastero, 198
 Boemia, regno di, 7, 48, 169, 267
 Bologna, 43, 47, 59, 66, 67, 69, 71, 111, 267, 277, 303, 355
 Bombiana, 113
 Borgogna, 24, 27, 27, 29, 31, 38, 46, 72, 76, 131, 137, 150, 153, 154, 167, 203, 220, 24, 230, 248, 252
 Borgogna-Franca Contea, regione francese, 257
 Bosau, 26, 183, 354
 Brabante, ducato di, 166
 Braga, 25, 26, 29, 29, 32, 33, 37, 38, 40, 54, 72, 73, 105, 107, 108, 139, 140, 157, 165, 237, 239, 272, 273, 274, 275, 279, 280, 283, 289, 291, 294, 296, 297, 298, 307, 308, 316, 318, 354
 Brasile, 38
 Brema, 193, 204, 208, 209, 354
 Bressanone, 41, 60
 Brindisi, 30
 Brionne, 243, 244
 Brioude, 282
 Britannia, 247
 Buckinghamshire, 253
 Burgos, 33, 284
 Calabria, 90, 90, 93, 96, 98, 306, 308, 310, 312, 314, 315, 317, 319
 Calvados, 243
 Cambrai, 241
 Cambridge, 227
 Campidoglio (Mons Capitolinum), 89, 93, 96
 Canterbury, 221, 223, 226, 227, 353
 Capua, 25, 56, 72, 73, 75, 76, 77, 101, 102, 103, 113, 113, 114, 115, 116, 117, 149, 149, 150, 151, 152, 153, 158, 159, 161, 202, 203, 204, 210, 212, 278
 Cassino, 112, 114, 116
 Castel Sant'Angelo (Roma), 67, 69
 Catalogna, 30
 Cava de' Tirreni, monastero della Santissima Trinità di, 28, 28, 36, 36, 54, 54, 68, 68, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 99, 100, 103, 104, 106, 117, 118, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 129, 142, 155, 160, 161, 166, 168, 169, 174, 182, 183, 189, 191, 192, 194, 198, 199, 201, 207, 208, 212, 213, 214, 215, 233, 237, 239, 244, 246, 262, 264, 266, 267, 270, 271, 278, 306, 308, 312, 314, 317, 319
 Ceccano, 108
 Celio, 89
 Cesarea (Kayseri), 135, 136, 137, 139
 Charité-sur-Loire, priorato di, 27
 Chartres, 133, 148, 249, 353
 Chester, 223
 Chicheboville, 243
 Cipro, 31
 Circo Massimo, 59, 106
 Cisa, passo della, 102
 Cluny, monastero di, 27, 27, 28, 29, 31, 35, 39, 69, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 94, 97, 98, 99, 103, 104, 115, 116, 128, 129, 134, 135, 137, 139, 141, 142, 143, 150, 151, 153, 154, 157, 160, 161, 197, 203, 204, 212, 213, 215, 223, 224, 225, 227, 230, 232, 236, 238, 240, 241, 244, 245, 248, 252, 253, 258, 261, 263, 266, 268, 269, 270, 271, 279, 287, 294, 295, 301, 302
 Coimbra, 16, 24, 25, 28, 29, 30, 31, 33, 52, 53, 125, 126, 273, 274, 275, 277, 307, 308, 313, 354
 Colonia, 150, 151, 160, 161, 168, 168, 169, 188, 189, 190, 191, 192, 199, 211, 212, 213, 356
 Colosseo, 59, 88

- Como, 68, 69, 71
 Correlhã, 280, 289, 294
 Corvey, abbazia di, 194, 356
 Costantinopoli, 30, 31, 51, 71, 137, 138, 139, 269, 311, 316
 Costanza, 162, 186, 354
 Côte d'or, dipartimento francese, 257
 Cremona, 66, 69, 70, 71, 224, 225, 230, 231, 236, 237, 261, 263, 354
 Dacia, 58, 58, 223, 224, 225, 229, 230, 231, 235, 236, 238, 260, 261, 263
 Danimarca, 58
 Dore, abbazia di, 255, 256, 355
 Duero, fiume, 26, 289
 Durham, 227, 250, 353
Egnatia, via, 30
 Eichstätt, 60
 Emilia, 73
 Étampes, 127, 133, 134
 Eure, dipartimento francese, 243
 Feltre, 60
 Fiandre, contea delle, 7, 48, 143, 166
 Firenze, 30
 Foggia, 90
 Forlì, 33
 Fossanova, abbazia di, 354
 Francia, 7, 24, 30, 43, 47, 48, 58, 65, 68, 69, 97, 98, 103, 127, 130, 133, 134, 142, 152, 159, 160, 196, 197, 230, 241, 243, 248, 249, 252, 257, 258, 268, 269, 271, 272
 Francigena, via, 30, 268
 Francoforte sul Meno, 149
 Frisinga, 148, 354
 Frittlar, 149, 150, 151, 160, 161, 191, 192
 Frosinone, 81, 91, 103, 108
 Fumone, castello di, 36, 103, 103, 104, 114, 114, 115, 116, 117, 118, 268, 269
 Gaeta, 33, 34, 34, 58, 66, 68, 69, 70, 71, 74, 94, 96, 101, 102, 106, 107, 113, 114, 115, 119, 121, 122, 123, 125, 149, 215, 223, 224, 225, 230, 232, 236, 237, 238, 240, 261, 263, 305, 306, 307
 Galizia, 26, 31, 32, 45, 55, 279, 280, 283, 285, 287, 290, 293
 Galles, 7, 46, 47, 48, 221, 255, 256
 Gallicano, 106
 Gard, 68
 Gargano, 30
 Gemblox, 151
 Genova, 55, 69, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 227, 236, 238, 261, 263
 Germania, 7, 26, 35, 45, 47, 48, 49, 55, 60, 61, 67, 69, 94, 113, 142, 146, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 157, 162, 167, 186, 188, 190, 196, 197, 199, 201, 202, 203, 208, 209, 218, 354
 Gerusalemme, città, 30, 31, 138, 140, 276, 277, 281, 292, 293, 299, 300, 311, 312, 316, 317, 354
 Gerusalemme, regno latino di, 7, 43, 48, 269
 Giaffa, 31
 Gilling, 225
 Glamorgam/Glamorgamshire, 47
 Gloucester, 255
 Gniezno, 267
Gothia, 152, 153
 Grand-Est, regione francese, 131, 153
 Guastalla, 78
 Halbertstadt, 354
 Harsfeld (Rosenfeld o Rossevelde), monastero di, 193, 208
 Hautvilliers, 151
 Hereford/Herefordshire 223, 256
 Hildesheim, 159, 161, 195, 356
 Hispania, 16, 25, 26, 26, 29, 38, 39, 41, 46, 52, 53, 53, 67, 69, 70, 122, 123, 125, 126, 137, 139, 140, 141, 149, 150, 151, 158, 159, 160, 161, 165, 191, 192, 202, 203, 204, 211, 212, 213, 236, 237, 239, 262, 264, 284, 286, 292, 293, 295, 299, 300, 302, 304, 306, 307, 308, 311, 312, 313, 314, 316, 317, 318
 Howden, 250
 Huesca, 60
 Inghilterra, 7, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 58, 60, 154, 221, 223, 224, 226, 227, 233, 241, 247, 249, 253, 256, 268
 Italia, 7, 30, 33, 36, 43, 45, 47, 48, 48, 52, 55, 60, 61, 65, 66, 73, 74, 79, 82, 83, 89, 90, 91, 100, 107, 113, 116, 117, 119, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 191, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 217, 218, 241, 243, 244, 245, 268, 269, 270, 271
 Janula, rocca, 36, 114, 115, 116, 117, 118
 Jarrow, abbazia di, 227
 Lagny, 151
 Languedoc-Roussillon, 152
 Lariano, 81
 Las Navas de Tolosa, 303
 Laterano, San Giovanni in, 28, 32, 38, 50, 55, 57, 59, 60, 67, 68, 69, 86, 93, 99, 106, 126, 132, 268, 269, 292, 305, 311, 316
 Lazio, 47, 59, 80, 81, 81, 82, 83, 84, 89, 103, 106, 108, 110, 114, 189, 268
 Legnano, 100, 123
 Leicester, 253
 León, 32, 283, 284, 291, 293
 León-Castiglia, regno di, 7, 29, 31, 32, 46, 46, 48, 52, 55, 137, 279, 282, 284, 285, 291, 303, 305
 Lézrez, 282, 290, 291, 297

- Libano, 269
 Liegi, 7, 43, 48, 143, 144, 145, 152, 153, 164, 353
 Liguria, 98, 113, 113
 Limia, contea di, 285, 293, 300
 Limoges, 23, 24, 24, 26, 27, 28, 54, 305, 307, 312, 313, 317, 318
 Limousin, 24, 29
 Lincoln, 247
 Lione, 73, 306
 Lisbona, 21, 47, 277, 355
 Lisieux, diocesi, 246
 Lombardia, 66, 76, 77, 98, 103, 104, 211, 212, 213, 268, 268, 269
 Londra, 22, 43, 44, 258, 259, 355
 Lornant, 24
 Lubeca, 208
 Lucca, 78
 Lugo, 285, 287, 291, 298, 301
 Lunigiana, 214
 Magdeburgo, 49, 159, 160, 161, 198, 209, 354, 355
 Magonza (Mainz), 71, 190, 202
 Malmesbury, abbazia di, 233, 353
 Manfredonia-Vieste-San Giovanni Rotondo, arcidiocesi di, 90
 Marmoutier, abbazia di, 47, 255, 355
 Marmoutier, 133
 Marne, dipartimento francese, 141
 Massa-Carrara, provincia di, 214
 Melk, abbazia di, 200, 356
 Melrose, abbazia di, 250, 265, 355
 Messina, 36
 Metz, 7, 48, 60, 60, 143, 355
 Michaelsberg, abbazia di, 155
 Milano, 33, 65, 66, 68, 69, 224, 230, 236, 261, 353
 Miño, fiume, 287, 294, 301
 Molise, 98
 Mönch in Tegernsee, 148
 Mondoñedo, 32, 279, 280, 290
 Montecassino, abbazia di, 7, 24, 36, 43, 48, 48, 53, 80, 92, 94, 95, 96, 108, 112, 114, 115, 116, 117, 223, 224, 240, 248
 Montecchio Maggiore, 113
 Moravia, 169
 Morigny, monastero di, 127
 Morigny-Champigny, 353
 Morimond, abbazia di, 167
 Mouzon, 131
 Namur, 151, 353
 Napoli, 66, 81, 108, 119
 Neumünster, 183
 Nienburg, monastero di, 157, 159, 353
 Ninove, 166, 215, 355
 Nordrhein-Westfalen, Land tedesco, 194
 Normandia, 7, 43, 47, 48, 221, 241, 243, 246
 Norvegia, 256
 Occitania, 61, 68, 152
 Oporto 21, 36, 306
 Ourense, 283, 291, 298
 Osnabrück, 60
 Ostia, 89
 Otranto, 30
 Oxford, 43, 250, 354
 Paderborn, diocesi di, 194
 Pagliano, 81, 83, 84
 Palatino, 89, 106
Palladium, monastero di, 88, 88
 Parigi, 43, 71, 134, 248, 267, 303, 353
 Parma, 102
 Passerano, 106
 Passerano, castello di, 36, 107
 Patriarchio, 67, 88, 105, 107
 Pavia, 73, 355
 Penisola iberica, 23, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 39, 46, 48, 52, 54, 55, 55, 60, 61, 61, 67, 271, 272, 279, 283, 288, 303, 315
 Peterborough, monastero di, 250
 Piglio, 81, 83, 84
 Pirenei (catena montuosa), 152
 Pisa, 55, 68, 69, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 113, 114, 115, 116
 Po, fiume, 191
 Pöhlde, monastero di, 25, 190, 354
 Polonia, 267
 Pombeiro, monastero di, 32
 Pontremoli, 214, 214, 215
 Porto (Fiumicino, Roma, Italia), 89, 93, 96
 Porto-Santa Rufina (Italia), diocesi suburbicaria di, 89, 92, 95, 99, 245
 Portogallo, contea/regno di, 7, 21, 25, 26, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 39, 41, 43, 46, 48, 61, 67, 100, 271, 273, 277, 281, 287, 292, 294, 299, 301, 305, 306, 308
 Preneste (Palestrina), 81, 83, 84
 Prüfening, monastero di, 162
 Puglia, 30, 81, 84, 90, 93, 96, 98, 98, 99, 107, 108, 114, 115, 116, 120, 121, 122, 304, 306, 307
 Ratisbona, 154
 Ravenna, 60, 60
 Regensburg, 154, 162, 353
 Reggio Emilia, 74, 75, 355
 Reichersberg, 169, 181, 354
 Reims, 60, 60, 67, 68, 69, 71, 128, 129, 130, 132, 145, 146, 150, 153, 154, 158, 160, 161, 161, 172, 174, 182, 183, 197, 236, 238, 242, 244, 248, 258, 262, 263, 266, 267, 282
 Richmondshire, 225

- Rochester, 223
 Rodano, 152
 Roma (*Urbs, Urbe*), 7, 15, 21, 28, 29, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 47, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 55, 56, 57, 58, 59, 59, 60, 61, 65, 66, 66, 67, 68, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 78, 80, 80, 81, 81, 82, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 91, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 103, 104, 105, 106, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 112, 113, 113, 114, 115, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 134, 142, 143, 144, 145, 149, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 181, 182, 183, 187, 188, 189, 189, 190, 193, 194, 198, 199, 200, 201, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 217, 220, 221, 223, 224, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 235, 236, 237, 238, 240, 243, 244, 245, 247, 248, 251, 252, 253, 254, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 266, 268, 270, 287, 288, 289, 295, 296, 302, 303, 305, 306, 307, 310, 311, 312, 314, 315, 316, 317, 318, 354, 355
 Romagna, 33
 Romania, 58
 Romsey, monastero di, 249
 Roncaglia, 217
 S. Maria in Secundicerio, chiesa di, 91, 107, 108
 S. Stefano al Monte Celio, titolo di 87, 87, 92, 95, 98, 99, 182
 Sabina, 86
 Sahagún, monastero di, 32
 Saint Andrews, 221
 Saint David's (Dyfed, Galles), monastero di, 227
 Saint-Denis, monastero di, 50, 130, 353
 Saint-Évroult, abbazia di, 241, 246, 353
 Saint-Germain-des-Prés, monastero di, 134, 353
 Saint-Gilles-du-Gard, 68, 152
 Saint-Martial de Limoges, monastero di, 27, 28
 Saint-Martin-des-Champs, monastero di, 134
 Saint-Pierre d'Uzerche, monastero di, 28, 29, 61
 Saint-Pierre de Moissac, monastero di, 27, 272
 Saint-Pierre-le-Vif, monastero di, 142
 Salamanca, 32
 Salerno, 36, 54, 54, 59, 68, 129, 189, 191, 236, 238, 261, 263, 270, 271, 354
 Salisburgo, 43, 163, 168, 175, 185, 213, 214, 354, 355
 San Bartolomeo, chiesa collegiata di Liegi, 144
 San Clemente di Praga, convento di, 267
 San Clemente, titolo di, 87, 87, 92, 95
 San Crispino di Soissons, monastero di, 127
 San Felice Circeo, rocca di, 88, 92
 San Ferentino di Bonneval, abbazia di, 133
 San Giacomo di Sutri, chiesa di, 35, 87
 San Giorgio in Velabro, diaconia di, 58, 88
 San Giovanni Battista della Montagna di Backau, monastero di, 198
 San Giovanni d'Acri, 31
 San Lamberto, cattedrale di Liegi, 143
 San Lorenzo, monastero di Liegi, 164
 San Lorenzo in Damaso, titolo di, 87, 87, 92, 95
 San Lorenzo in Lucina, titolo di, 88, 88, 92, 95, 287
 San Marcello *in Via Lata* (al Corso), titolo di, 56, 56
 San Marco, titolo di, 56, 56, 87, 92, 95
 San Martino di Pinario, monastero di, 32, 33, 34
 San Martino di Tours, monastero di, 232
 San Michele di Lüneburg, monastero di, 193
 San Michele, chiesa collegiata di Liegi, 144
 San Nicola in Carcere, diaconia di, 88, 88, 92, 95
 San Paolo (Milano), chiesa di, 3, 65
 San Paolo fuori le Mura, basilica di, 106
 San Pietro in Vincoli, chiesa titolo di, 87, 87, 92, 95
 San Pietro, basilica di, 34, 57, 58, 59, 68, 69, 82, 83, 93, 101, 103, 106, 107, 125, 126, 147, 215, 218, 288, 306
 San Rufo, monastero di, 33
 San Silvestro *in Capite*, monastero di, 59, 87
 San Sisto, titolo di, 87, 87, 92, 95
 San Svitino di Winchester, abbazia di, 264
 San Teodoro, chiesa diaconia di, 88, 88, 92, 95
 San Vitone, monastero di Liegi, 164
 San Zoilo de Carrión, monastero di, 137, 139, 141, 284, 284, 292, 299
 Sancti Silvestri, *oppidum*, 81
 Sant'Agata alla Suburra (Sant'Agata de' Goti), diaconia di, 88, 88, 92, 95
 Sant'Anastasia, titolo di, 87, 87, 92, 95
 Sant'Angelo di Orsara, monastero di, 30
 Sant'Angelo in Pescheria, diaconia di, 35, 56, 88, 88, 92, 95, 99, 105, 182, 183
 Sant'Eustachio, diaconia di, 88, 88, 92, 95
 Sant'Uldarico e Afra di Augusta, monastero di, 146
 Santa Balbina, titolo di, 88, 88, 92, 95
 Santa Cecilia, titolo di, 87, 87, 92, 95
 Santa Croce in Gerusalemme, titolo di, 87, 87, 92, 95
 Santa Cruz di Coimbra, monastero di, 30, 31, 54, 273, 275, 275, 277
 Santa Justa di Coimbra, chiesa di, 27
 Santa Lucia in Silice, diaconia di, 88, 88, 92, 95
 Santa Maria in Aquiro, diaconia di, 88, 88, 92, 95
 Santa Prassede, titolo di, 87, 87, 92, 94, 95, 97
 Santa Prisca, titolo di, 87, 87, 92, 95
 Santa Pudenziana, titolo di, 87, 87, 92, 95
 Santa Severina (Calabria), diocesi di, 90, 90, 93, 96
 Santa Sofia di Benevento, monastero di, 118
 Santa Susanna, titolo di, 87, 87, 92, 95

- Santi Silvestro e Martino ai Monti, titolo di, 87
- Santiago di Compostela, 30, 30, 31, 32, 38, 44, 279, 281, 282, 284, 285, 286, 286, 289, 290, 293, 294, 295, 296, 297, 299, 300, 301, 302, 313, 316, 318
- Saragozza, 30
- Sassonia, 7, 47, 48, 143
- Sassonia-Anhalt, Land tedesco, 157
- Savoia, 131
- Schleswig-Holstein, Land tedesco, 26, 183
- Scozia, regno di, 7, 48, 221, 265
- Segeberg, convento agostiniano, 183
- Sens, città di, 142, 355
- Sens, diocesi di, 127
- Sette Fratte, 40
- Settimana, 152
- Settizonio, 36, 36, 59, 106
- Sherborne, 227
- Shrewsbury, 241
- Sicilia, 7, 46, 48, 48, 55, 118, 119, 123, 124, 191, 192, 211, 212, 213, 214
- Silva Candida, diocesi di, 56, 89
- Siponto, 90
- Soure, 273, 275
- Spagna, 61, 67, 100, 283, 287, 303
- SS. Andrea e Gregorio *in clivo Scauri*, monastero di, 88
- SS. Cosma e Damiano *in Mica Aurea*, monastero di, 35, 87
- SS. Cosma e Damiano, diaconia di 60, 78, 88, 88, 92, 95
- SS. Marcellino e Pietro, titolo di, 87, 87, 92, 95
- SS. Nereo e Achille, titolo di, 87, 87, 92, 95
- SS. Sergio e Bacco, diaconia di 88, 88, 92, 95
- St. Albans, monastero di, 100, 253, 254, 256, 354, 355
- St. Benet Holm, monastero benedettino di, 256
- Stade, 193, 204, 208, 355, 356
- Stiria (Austria), 200
- Strasburgo, 7, 43, 48, 60, 143, 145, 353
- Sutri, 35, 36, 36, 44, 50, 61, 67, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 81, 83, 84, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 132, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 168, 169, 188, 189, 190, 191, 192, 202, 203, 204, 212, 213, 214, 215, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 235, 237, 238, 243, 244, 245, 251, 252, 253, 260, 262, 263, 264, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 305, 306, 308
- Tarragona, 30, 38, 311, 313, 316, 318
- Termoli, 98
- Terra di San Benedetto*, 36, 114, 117, 118
- Terracina, 81, 89, 93, 96
- Terrasanta, 29, 30, 31, 38, 137, 148, 208, 250, 269, 357
- Tevere, fiume, 60, 67, 89, 93, 96, 105, 106, 107, 108, 114, 115, 121, 122
- Tiro, 269, 354
- Toledo, 24, 24, 29, 31, 34, 38, 43, 53, 55, 125, 126, 283, 283, 303, 305, 306, 307, 308, 311, 313, 316, 318, 355
- Toroño, 285
- Toscana, 73, 102, 103, 214, 268
- Touraine, 7, 47, 48, 221
- Tours, 7, 47, 48, 133, 221, 353
- Trani, 30
- Transilvania, 58
- Trastevere, 33, 57, 58, 87, 107, 108
- Treviri, 60
- Treviso, 33, 60, 113
- Troia di Puglia, 93, 96
- Trois-Fontaines, abbazia di, 141, 355
- Troyes, 267
- Turchia, 135
- Turricula (Torrice), 90, 91, 91, 94, 96, 97
- Tuscia, marca di, 98, 102, 102, 242, 244, 245, 268, 268, 269
- Tusculum* (Frascati), 112
- Tui, 289, 291, 294, 298, 301
- Uncey-le-Franc, 257
- Ungheria, 58
- Valencia, 30
- Val-ès-Dunes, 243, 244, 245
- Vaticano, 59, 67, 98
- Velletri, 81
- Venezia, 100, 123
- Verdun, 7, 48, 53, 143, 164
- Vernon, 243, 243, 244, 245
- Via Sacra*, 89, 93, 96, 103, 104
- Vicenza, provincia di, 113
- Vienne, 129, 139, 150, 151, 160, 161, 202, 203, 204, 211, 212, 213
- Villamayor, 33
- Viterbo, 67, 102, 189, 189, 190, 268, 354
- Waverley, abbazia di, 264
- Wendover, 253
- Wiltshire, 233
- Winchester, 264, 355
- Worcester, 239, 241, 353
- Worms, 60, 61, 159, 160, 161, 162, 168, 169
- Würzburg, 148, 150, 151, 158, 160, 161
- XII Apostoli, titolo di, 78, 88, 88
- York, 225, 226, 353
- Yorkshire, 250



MAURICIUS BRACARENSIS ARCHIEPISCOPUS, QUAE EST CIVITAS HISPANIAE

LE FONTI NARRATIVE EUROPEE
SULL'ARCIVESCOVO DI BRAGA E
ANTIPAPA GREGORIO VIII MAURIZIO
«BURDINO» (SECOLI XII-XIII)

FRANCESCO RENZI